

Influências na Educação Física

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Adalberto Ferreira Junior

(Organizador)

Influências na Educação Física

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

143 Influências na educação física [recurso eletrônico] / Organizador Adalberto Ferreira Junior. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85107-92-5

DOI 10.22533/at.ed.925180212

1. Educação física – Estudo e ensino. I. Ferreira Junior, Adalberto.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os profissionais de Educação Física devem compreender as diversas áreas de conhecimento, principalmente as ciências humanas e biológicas. Sendo assim, adquirir uma ampla fundamentação teórica é de extrema importância, tanto para a formação profissional quanto para sua aplicação no campo de atuação.

A obra “Influências na Educação Física” é um e-book composto por 35 artigos científicos, dividido em duas partes. A primeira intitulada “Aspectos das ciências humanas e suas contribuições com a Educação Física” apresenta reflexões sobre diversas temáticas como aspectos históricos, processo ensino-aprendizagem, epistemologia, psicologia, entre outros. A segunda parte intitula-se “Aspectos relacionados a saúde e empreendedorismo e suas contribuições com a Educação Física” e apresenta reflexões com ênfase na atividade física, saúde pública, qualidade de vida, epidemiologia empreendedorismo e promoção da saúde.

Este e-book reúne autores de todo o Brasil e de várias áreas do conhecimento. Os artigos abordam assuntos de extrema importância na Educação Física construindo assim um referencial sólido e diversificado, visando disseminar o conhecimento e promover reflexões sobre os temas investigados.

Por fim, desejo a todos uma excelente leitura

Adalberto Ferreira Junior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

A CRÍTICA DO COLONIALISMO NAS AMÉRICAS COMO PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA NOS ESTUDOS DOS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

Fábio Souza Vilas Boas

Thelmo de Carvalho Teixeira Branco Filho

Romeu Araujo Menezes

Francisco Eduardo Torres Cancela

DOI 10.22533/at.ed.9251802121

CAPÍTULO 2 8

A EDUCAÇÃO FAMILIAR DE ATLETAS DA REGIÃO DOS LAGOS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLHA ESPORTIVA E DE VIDA

Ricardo de Mattos Fernandes

Alexandre Motta de Freitas

Pedro Souza Alcebiádes

DOI 10.22533/at.ed.9251802122

CAPÍTULO 3 21

A ESCOLA PROMOVENDO UM PROCESSO CIVILIZADOR NA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eliane Maria Morriesen

Juliane Retko Urban

Débora Barni de Campos

Antonio Carlos Frasson

DOI 10.22533/at.ed.9251802123

CAPÍTULO 4 30

A IMPORTÂNCIA DO XADREZ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

André Barbosa de Lima

Roberto Nobrega

DOI 10.22533/at.ed.9251802124

CAPÍTULO 5 41

ANÁLISE DOCUMENTAL DOS TRABALHOS ACADÊMICOS PUBLICADOS E EM ANDAMENTO OBTIDOS POR MEIO DAS AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO RUAS DE LAZER NA COMUNIDADE DA VILA DA BARCA NA CIDADE DE BELÉM-PA

Alex Anderson Braga Gonçalves

Luiz Leopoldino Gonçalves Neto

Paulo Victor Nascimento Torres

Maria De Nazaré Dias Bello

Mariela De Santana Maneschy

DOI 10.22533/at.ed.9251802125

CAPÍTULO 6 47

AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA VIA DE MÃO DUPLA?

Lígia Maria Bacelar Schuck Vicenzi

André Ribeiro da Silva

Vânia Lurdes Cenci Tsukuda

Maikel Schuck Vicenzi

Eldernan dos Santos Dias

Guilherme Lins de Magalhães

Jitone Leônidas Soares

DOI 10.22533/at.ed.9251802126

CAPÍTULO 7	58
COMPARATIVO ENTRE O PERFIL DE DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES REPETENTES E NÃO REPETENTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Judite Filgueiras Rodrigues</i>	
<i>Carla Vasconcelos De Menezes</i>	
<i>Eder Menuzzi</i>	
<i>Lucas Kemmerich Dornelles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9251802127	
CAPÍTULO 8	66
DESENVOLVIMENTO DO BEISEBOL NO BRASIL	
<i>Montenegro Barreto Jesús José</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9251802128	
CAPÍTULO 9	79
IMPLEMENTATION OF THE TEACHING PERSONAL AND SOCIAL RESPONSIBILITY MODEL THROUGH PHYSICAL ACTIVITY: A PILOT STUDY	
<i>Fábio Duarte Almeida</i>	
<i>Rosiane Karine Pick</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9251802129	
CAPÍTULO 10	88
INICIAÇÃO ESPORTIVA E ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: ALGUMAS PREOCUPAÇÕES	
<i>Euarda Fernanda Schorne Marques</i>	
<i>Carlos Kemper</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021210	
CAPÍTULO 11	96
INVESTIGANDO O E-SPORT: UMA NOVA TENDÊNCIA PARA JOVENS E ADULTOS	
<i>Vilmar Rodrigues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021211	
CAPÍTULO 12	103
O CONTEÚDO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER	
<i>Vânia Lurdes Cenci Tsukuda</i>	
<i>André Ribeiro da Silva</i>	
<i>Lígia Maria Bacelar Schuck Vicenzi</i>	
<i>Maikel Schuck Vicenzi</i>	
<i>Guilherme Lins de Magalhães</i>	
<i>Eldernan dos Santos Dias</i>	
<i>Roberto Lister Gomes Maia</i>	
<i>Jitone Leônidas Soares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021212	
CAPÍTULO 13	110
O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A ERA DIGITAL: FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NA APRENDIZAGEM DISCENTE	
<i>Greici Fior</i>	
<i>Carmem Scorsatto Brezolin</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021213	

CAPÍTULO 14..... 122

O ENSINO DO CONTEÚDO DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DIREITO, CONHECIMENTOS E POSSIBILIDADES

Welyza Carla da Anunciação Silva

Ronaldo Silva Júnior

Nilza Cleide Gama dos Reis

Antonio José Araujo Lima

DOI 10.22533/at.ed.92518021214

CAPÍTULO 15..... 133

O HISTORIO DA DANÇA E SUA IMPORTÂNCIA COMO UM DIREITO SOCIOCULTURAL ENQUANTO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INTERVENÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Welyza Carla da Anunciação Silva

Ronaldo Silva Júnior

Nilza Cleide Gama dos Reis

Antonio José Araujo Lima

DOI 10.22533/at.ed.92518021215

CAPÍTULO 16..... 142

O LEGADO AXIOLÓGICO DOS MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DOS VALORES ESPORTIVOS

Vinícius Bozzano Nunes

DOI 10.22533/at.ed.92518021216

CAPÍTULO 17..... 151

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS MODALIDADES DE COMBATE

Cesar Augusto Barroso de Andrade

Danilo Bastos Moreno

João Airton de Matos Pontes

DOI 10.22533/at.ed.92518021217

CAPÍTULO 18..... 164

PERSPECTIVAS PARA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM DUAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO NORDESTE

Giselly dos Santos Holanda

Paula Roberta Paschoal Boulitreau

Rafaelle De Araújo Lima e Brito

Samara Rúbia Silva

Marcelo Soares Tavares de Melo

DOI 10.22533/at.ed.92518021218

CAPÍTULO 19..... 175

PRAÇAS: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE EM BARRA DO GARÇAS-MT

Brenda Rodrigues da Costa

Minéia Carvalho Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.92518021219

CAPÍTULO 20..... 190

TERRITÓRIO, IDENTIDADE, LAZER E JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

Fábio Souza Vilas Boas

May Waddington Telles Ribeiro

Paulo Rogério Lopes

DOI 10.22533/at.ed.92518021220

CAPÍTULO 21	206
A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES	
<i>Wéveny Bryan da Silva Correia</i>	
<i>Morgana Alves Correia da Silva</i>	
<i>Lara Colognese Helegda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021221	
CAPÍTULO 22	215
A SATISFAÇÃO DE CLIENTES E O PROCESSO DE FIDELIZAÇÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO DO FITNESS	
<i>Christian Pinheiro Da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021222	
CAPÍTULO 23	225
ANÁLISE DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO EMPREENDEDOR EM UMA ESCOLA DE ESPORTES NO DISTRITO FEDERAL	
<i>Kaê Fialho Coura</i>	
<i>Lucas Alves Oliveira</i>	
<i>Francielly Martins Prado</i>	
<i>Alexandre Lima de Araújo Ribeiro</i>	
<i>Américo Pierangeli Costa</i>	
<i>Leonardo Lamas Leandro Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021223	
CAPÍTULO 24	232
ATRIBUIÇÕES E IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE PÚBLICA	
<i>Gildiney Penaves de Alencar</i>	
<i>Maria da Graça de Lira Pereira</i>	
<i>Thiago Teixeira Pereira</i>	
<i>Cristiane Martins Viegas de Oliveira</i>	
<i>Camila Souza de Moraes</i>	
<i>Gabriel Elias Ota</i>	
<i>Fabiana Maluf Rabacow</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021224	
CAPÍTULO 25	239
AVALIAÇÃO DA AGILIDADE COM ADOLESCENTES DE 13 A 16 ANOS PRATICANTES DE MODALIDADES ESPORTIVAS	
<i>Álvaro Luis Pessoa de Farias</i>	
<i>Divanalmi Ferreira Maia</i>	
<i>Marcos Antonio Torquato de Oliveira</i>	
<i>Mailton Torquato de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021225	
CAPÍTULO 26	246
AVALIAÇÃO DA FORÇA DE PREENSÃO MANUAL EM PRATICANTES DE ARTES MARCIAIS	
<i>Ricardo Clemente Rosa</i>	
<i>Fabício Faitarone Brasilino</i>	
<i>Pedro Jorge Cortes Morales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021226	

CAPÍTULO 27	254
ELETROMIOGRAFIA E A FADIGA MUSCULAR: ANÁLISE DA COMPREENSÃO DE ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO	
<i>Raissa Cristina Pereira</i>	
<i>Neila Maria Mendes Borges</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021227	
CAPÍTULO 28	270
IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO APARELHO LOCOMOTOR QUE ACOMETEM OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL	
<i>Rayssa Lodi Mozer</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021228	
CAPÍTULO 29	281
LESÃO POR PRESSÃO EM PACIENTES INTERNADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA	
<i>Rafaela Trindade do Ó Caminha</i>	
<i>Maria do Livramento Silva Bitencourt</i>	
<i>Edienne Rosângela Sarmiento Diniz</i>	
<i>Davanice dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021229	
CAPÍTULO 30	289
LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO QUANTITATIVO DE ARTIGOS QUE APRESENTEM A PRÁTICA DA DANÇA DE SALÃO APLICADA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Manuela Trindade Almeida</i>	
<i>Natália Silva da Costa</i>	
<i>Alanna Carolinne da Silva</i>	
<i>Peterson Marcelo Santos Yoshioka</i>	
<i>Mariela de Santana Maneschy</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021230	
CAPÍTULO 31	295
OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<i>Alana Simões Bezerra</i>	
<i>Lindalva Priscila de Sousa Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021231	
CAPÍTULO 32	304
OS EFEITOS DA HIDROGINÁSTICA NA QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS	
<i>Matheus Jancy Bezerra Dantas</i>	
<i>José Roberval de Melo Júnior</i>	
<i>Tháisa Lucas Filgueira Souza Dantas</i>	
<i>Paulo Victor dos Santos</i>	
<i>Julliane Tamara Araújo de Melo Campos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021232	
CAPÍTULO 33	315
PREVALÊNCIA DE DTM E HÁBITOS PARAFUNCIONAIS EM ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
<i>Mathaus Andrey Cândido Custódio</i>	
<i>Anderson Santos Carvalho</i>	
<i>Washington Rodrigues</i>	
<i>Luis Carlos Nobre de Oliveira</i>	
<i>Ana Paula Nassif Tondato da Trindade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92518021233	

CAPÍTULO 34..... 324

PREVALÊNCIA DE INATIVIDADE FÍSICA E FATORES ASSOCIADOS EM UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

Elayne Silva de Oliveira
Francisca Bruna Arruda Aragão
Zilane Veloso de Barros
Camilla Silva Gonçalves
Cíntia Sousa Rodrigues
Emanuel Péricles Salvador

DOI 10.22533/at.ed.92518021234

CAPÍTULO 35..... 333

RELEVÂNCIA DO TREINAMENTO DE FORÇA E SUAS VARIÁVEIS NOS MAIS DIVERSOS OBJETIVOS

Gildiney Penaves de Alencar
Maria da Graça de Lira Pereira
Thiago Teixeira Pereira
Cristiane Martins Viegas de Oliveira
Camila Souza de Moraes
Gabriel Elias Ota

DOI 10.22533/at.ed.92518021235

SOBRE O ORGANIZADOR 342

A CRÍTICA DO COLONIALISMO NAS AMÉRICAS COMO PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA NOS ESTUDOS DOS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

Fábio Souza Vilas Boas

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

Porto Seguro – Bahia

Thelmo de Carvalho Teixeira Branco Filho

PUC/SP com Doutorado Sanduíche na

Universidade de Coimbra – Portugal – FDUC

Campinas – São Paulo

Romeu Araujo Menezes

IF BAIANO - Instituto Federal de Educação

Ciência e Tecnologia Baiano.

Uruçuca – Bahia

Francisco Eduardo Torres Cancela

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Eunápolis – Bahia

RESUMO: A crítica ao colonialismo nas Américas é uma nova perspectiva epistemológica que se configura como um programa de investigação e pretende questionar o colonialismo do conhecimento por parte dos europeus. É com essa matriz epistemológica que se pretende realizar os estudos dos Jogos Indígenas Pataxó, de maneira possibilitar dar voz ativa ao subalterno, sujeito de sua história. Essa é a proposta da perspectiva definida como Decolonial, objetivando apoderar os atores sociais, dando-lhes voz e serem ouvidos, ou seja, contar a sua história sobre a ótica diferente da contada pelos europeus. Assim,

os jogos não se configuram uma atividade tendo com fim ela mesma, e sim como uma estratégia de construção e afirmação de sua identidade cultural, dando-lhes visibilidade e reconhecimento como patrimônio cultural imaterial.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Indígenas, Decolonial, Epistemologia

ABSTRACT: The critique of colonialism in the Americas is a new epistemological perspective that is configured as a research program and aims to question the colonialism of knowledge on the part of Europeans. It is with this epistemological matrix that one intends to carry out the studies of the Pataxó Indigenous Games, in order to give active voice to the subaltern, subject of its history. This is the proposal of the perspective defined as Decolonial, aiming to empowering the social actors, giving them voice and being heard, that is, to tell their story about the different perspective of that told by the Europeans. Thus, games are not an activity having an end in itself, but rather as a strategy of building and affirming their cultural identity, giving them visibility and recognition as intangible cultural heritage.

KEYWORDS: Indigenous Games, Decolonial, Epistemology

Pluralismo epistemológico e suas implicações políticas são temas debatidos nesta nova perspectiva teórica denominada Decolonial, tendo como foco principal a crítica ao positivismo, estruturalismo e universalização os quais corroboram como a perspectiva do colonialismo do conhecimento, ou seja, os processos de dominação intelectual europeu. Essa dominação sinaliza para um conhecimento neutro, objetivo, universal que influencia as estruturas mentais.

Críticas sobre a colonização do conhecimento pelos europeus, “inventadas” socialmente, são determinantes das estruturas mentais, produzindo um discurso sobre nós (local) que não é nosso, são interpretados por agentes e teorias externas, configurando uma dominação sustentada por vínculos externo e interno, o poder e as estruturas mentais conseqüentemente.

Em contraponto ao colonialismo do conhecimento utilizado pelos europeus e partilhando a crítica desse modo de produção de conhecimento, busca-se realizar um projeto que tem como intuito pesquisar os Jogos Indígenas Pataxó nas perspectivas de Etno-desporto, tradição, cultura, Etno-turismos e patrimônio cultural, visando, portanto, perceber esses como essenciais para a construção e afirmação da identidade cultural desse grupo étnico, o qual visa marcar suas fronteiras numa sociedade onde o fluxo cultural é muito intenso, de tal forma que fica difícil identificar quem é ou não etnicamente índio.

Assim, a proposta deste artigo é, no primeiro momento, refletir sobre a contextualização histórica do processo de formação, transformação e reconstrução cultural dos índios do Nordeste do Brasil, que perderam a posse de suas terras, ou seja, um processo de desterritorialização, acarretando o surgimento de um novo arranjo sociocultural, levando em consideração não apenas o passado, mas o presente e perspectivas vindouras nas questões indígenas as quais são prementes para só assim ocorrer de forma efetiva a democratização da tutela indígena. Torna-se inexorável reconstruir sua identidade e promover a difusão da cultura indígena como um todo, além de valorizar as conquistas até então obtidas. Logo, o uso da perspectiva Decolonial se faz oportuno na reconstituição histórica sobre o ponto de vista de seus atores.

Ainda, nesse ínterim, objetiva-se demonstrar o reconhecimento dos jogos, como uma manifestação tradicional; como uma forma opção de etno-turismo; além de apontar características para seu tombamento como patrimônio cultural imaterial.

Espera-se, dessa forma, poder descrever o histórico dos jogos tradicionais desde os da Grécia antiga, demonstrando a capacidade dos jogos em dar visibilidade à identidade cultural de seu povo; soma-se a isso enumerar as características presentes nos jogos para seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial e levar ao conhecimento dos acadêmicos de pós e graduação, principalmente de Educação Física, de uma perspectiva epistemológica na produção de conhecimento, que possa dar voz aos sujeitos subalternos.

Entre os autores com os quais a teoria Decolonial entre em discordância,

sobretudo no que concerne à cultura, podem ser citados: Hall (2003) e Balandier (1976) e Giddens (2002); tradição e diferença, Gramsci (2009); sociedade e universal, Inkeles (1967) o qual acreditava que a cultura da humanidade seguiu uma linha definitiva de evolução; Elias (1994) abordando o processo civilizador no qual

“Duas ideias se fundem no conceito de civilização. Por um lado, ela constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie. Este sentimento ha muito permeava a sociedade de corte. Encontrara sua expressão aristocrática de Corte em termos como *politessee dvilite*. (...) A civilização não é apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir” (p. 62).

Dentre outros autores que foram responsáveis pela formação de muitos pesquisadores que estudavam essa temática, nota-se que todos eles possuem características que os unem: o fato de todos serem autores Europeus e que escrevem do ponto de vista destes. Dialogam sobre a temática, mas sobre uma ótica do universal que não contempla as periferias, os excluídos, os que não têm voz.

A Crítica do Colonialismo nas América possibilita, portanto, criticar e refletir sobre a produção de conhecimento eurocidental como única via de pensamento, principalmente para explicar os povos das periferias, que foram homogeneizados, como se todos fossem iguais, ou seja, nós (europeus) e eles (todos os outros). Ainda na referida perspectiva, epistemologicamente, aprender e ser estimulado a sair do quadrado cartesiano, compreendendo que se pode ir além dos tradicionais e velhos métodos de produção de conhecimento eurocêntricos.

Criticam essa linha teórica dois grupos: os Pós Colonialistas e os Decoloniais. Os primeiros se dedicaram aos estudos das feridas do colonialismo na Ásia e no Oriente; já os segundos aos estudos das Américas depois do século XVI, e o período pós-colonial, acreditando que o conhecimento só pode ser pensado em seu contexto. Possuem em comum, essas duas perspectivas, dar voz ao subalterno, fazê-los ser ouvidos e que contem os fatos sobre o seu ponto de vista e não aquele dos que “invadiram” o continente Americano.

De posse desse novo conhecimento, mudanças epistemológicas se fazem necessárias nos projetos de pesquisa para falar e principalmente dar voz aos povos localizados na América do Sul, que passaram por um processo de colonização europeia, assim como, objetivando olhar, contar, escrever a história pela ótica do “perdedor”, “vencido” ou subalterno, mais especificamente neste caso, os índios Pataxó de Porto Seguro, Bahia, Brasil, América.

A saber, o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), segundo Ballestrin (2013), foi constituído no final dos anos 1990, formado por intelectuais latino-americanos, situados em diversas universidades das Américas, realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das Ciências Sociais na América Latina no século XXI.

Pode-se convocar esse grupo de autores classificados com Decolonial para

explicar termos como identidade, colonialismos, ocidentalismo, cultura, fronteiras, modernidade, liberdade, diversidade, civilização, interculturalidade, ontologias de transição e emancipações dialógicas na formação cultural das Américas. Alguns dos seus representantes Decolonial são: Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil; mais tarde se integraram ao grupo Javier Sanjinés, Catherine Walsh, Nelson Maldonado--Torres, José David Saldívar, Lewis Gordon, Boaventura de Sousa Santos, Castro-Gómez e Grosfoguel, Dignolo, dentre outros. Esses autores possibilitarão tratar o objeto de pesquisa com maior proximidade, levando em consideração as suas especificidades e a localidade.

Essa mudança epistemológica tem, portanto, como objetivo usar o referencial do grupo colonialidade/modernidade e fazer uma releitura do processo violento de colonização que os povos das Américas sofreram, demonstrando as mais variadas estratégias de reconstruir suas culturas, ou seja, contar a versão da história do ponto de vista do subalterno, rompendo com as políticas do eurocentrismo moderno e contemporâneo.

Construir, pois, uma nova história fora dos padrões europeus mostrando que mesmo depois da independência administrativa, ainda enfrentam as consequências da colonização, entre elas os resquícios do colonialismo, o que pode dificultar a emergência do processo de afirmação e construção identitário, mais especificamente dos Pataxó, é o objetivo dessa perspectiva. É importante, assim, por em evidência suas formas de pensar, sentir e agir, dar voz e ser ouvido. Reforça ainda mais o uso dessa perspectiva Ballestrin (2013) relatando que a força orientadora do grupo é “uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos”.

Considera ainda o autor acima que esta é um “programa de investigação”, pois com essa nova perspectiva epistemológica o grupo desenvolveu “noções, raciocínios e conceitos que lhe conferem uma identidade e um vocabulário próprio, contribuindo para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI”.

Busca-se assim, nos estudos dos Jogos Indígenas Pataxó, não só abordar a perspectiva epistemológica na linha Decolonial, mas também usar autores que deem voz ao subalterno. A exemplo Rodrigues (2014) se dedicado às questões sociais, enfrentando a difícil tarefa de lançar um olhar panorâmico sobre a complexa questão da identidade brasileira, sem perder de vista a maneira como a temática se expressa nos dilemas enfrentados nos dias que correm. Acredita-se que a partir desse referencial poderá entender e contextualizar os Pataxó na formação identitária brasileira.

Diante desse novo olhar sobre os Pataxó e seu evento esportivo, Garcia (2007) pode contribuir, também, com um olhar antropológico acreditando na cultura para “um melhor entendimento de fatos correntes ao esporte” (p. 9). Esse autor poderá ser usado como referência, pois, epistemologicamente, acompanha uma linha de produção de conhecimento que vê no Brasil uma possibilidade de descobertas do que

é ser brasileiro, do ponto de vista do subalterno.

Ele busca fundamentar essa antropologia do esporte descrevendo, como objeto de estudos, os rituais, mitos e os corpos que se movimentam no esporte, bem como esse é relacionado às tradições e à pós-modernidade. Esse é um tratamento importante para projeto que também tenha um horizonte antropológico.

Por outro lado, um problema enfrentado pelos indígenas é a questão da “invisibilidade”, relacionado a essa temática contribuirá Debord (1998) ao proporcionar a “negação da vida que se tornou visível” (p.7). No prefácio da segunda edição de seu livro, Sociedade de Espetáculo, escrito por Feuerbach, este diz que em “Nosso tempo, sem dúvida [...] prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao se [...] O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano” (p.12). Vê-se que essas imagens constituem um mundo à parte, possuindo uma realidade própria, ou várias realidades. O espetáculo definido pelo autor pode unificar a sociedade, onde aquele não é um conjunto de imagens, pois como conjunto de imagens pode ser instável e dinâmico, porém essa unificação é possível quando o espetáculo é uma relação social entre pessoas.

Segundo essa base teórica, os jogos podem exibir característica de ser não apenas uma apresentação e representação, mas também uma relação social entre os Pataxó e destes com outras etnias. Esse espetáculo pode ser ponto relacional dos índios com a sociedade onde estão inseridos, e que só pode ser respondido pelos Pataxó. Vale ressaltar que esse espetáculo em geral é visto como:

“inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo. O espetáculo e ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação (...) O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens (...) É uma visão cristalizada do mundo” (Debord, 1998, p. 5).

Nessa perspectiva, procurara-se entender, analisar e descrever os jogos indígenas como espetáculo, um evento no qual os valores, tradições e identidade cultural são forjadas para atender uma exigência da sociedade e desta forma serem inseridos dentro dessa como “componente” constituinte na formação do povo brasileiro. Em contrapartida, outra dimensão do esporte que será objeto de pesquisa é a que busca entender os jogos como elemento tradicional, etnodesporto, cultura, marcador identitário.

A partir do exposto, chega-se a conclusão de que o grande diferencial da pesquisa na perspectiva Decolonial é ter como objeto o estudo temas, que não são encontrados em qualquer lugar, no universal, muito pelo contrário, no local e no específico. Logo, a partir da base epistemológica de dar voz ao subalterno, que inventa, organiza, desenvolve os Jogos Indígenas Pataxó, pode-se contribuir para o processo de afirmação de sua identidade cultural.

Essa mudança epistemológica tendo em vista o referencial bibliográfico da crítica

ao Colonialismo nas Américas possibilitará privilegiar o olhar dos sujeitos, objeto da pesquisa; eles vão poder contar sua história, se posicionar sobre conceitos que trata o projeto, e não mais tão somente, pela lente do pesquisador, que não é neutra, bem como seu entendimento também. Assim, os projetos, desenvolvidos nesse viés, vão ter a sua real importância e relevância social, pois darão voz ao sujeito mais importante da pesquisa: os subalternos, os Pataxó.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro Decolonial**. Brasília. Revista brasileira de ciência política, nº 11. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BOAS, Fábio Souza Vilas. **Jogos Indígenas Pataxó em Coroa Vermelha – Bahia Discutindo o Jogo no Processo de Afirmação da Identidade Cultural**. Rio de Janeiro: UGF, 2008.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARDOSO, Juliana de Souza. **O resgate da identidade como estratégia de sobrevivência entre os índios Pataxó**. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) – Programa EICO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CRESWELL, Jhon W. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Projeto periferia, 1998.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-desporto indígena contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os kaingang**. Campinas: UNICAMP, 2006.

FILHO, Eujacio Batista Lopes. **Jogos Indígenas Pataxó: a identidade cultural Pataxó por meio do esporte**. Belo Horizonte. UFMG. 2017.

FLEISCHER, Soraya. (Org.) **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres: Editora Universidade de Brasília, 2010.

GRUNEWALD, Rodrigo Azevedo. **Os índios do Descobrimento: tradição e turismo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasil, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MACHADO, Raoni Perrucci Toledo. **Entre o mito e a história: gênese e desenvolvimento das manifestações na Grécia antiga**. São Paulo: USP, 2010.

MELO, Victor Andrade de (org.). **História Comparada do Esporte**. 1a Edição. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. **Identidades brasileiras: composições e recomposições** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SANTIN, Silvino. **Esporte: identidade cultural**. Brasília, DF: INDESP, 1996.

SANTOS, Fabricio Lyrios. **Os índios na História da Bahia**. Cruz das Almas, Bahia. EDUFRB, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

A EDUCAÇÃO FAMILIAR DE ATLETAS DA REGIÃO DOS LAGOS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLHA ESPORTIVA E DE VIDA

Ricardo de Mattos Fernandes

Universidade Veiga de Almeida – Curso de
Educação Física

Cabo Frio - Rio de Janeiro

Alexandre Motta de Freitas

Universidade Veiga de Almeida – Curso de
Educação Física

Cabo Frio - Rio de Janeiro

Pedro Souza Alcebiades

Universidade Veiga de Almeida – Curso de
Educação Física

Cabo Frio - Rio de Janeiro

RESUMO: A família é a célula estrutural da sociedade e sua construção influencia na formação social do indivíduo. O indivíduo social é configurado através de suas relações sociais e a seu primeiro contato social é com a família, principalmente com seus pais ou responsáveis, por isso a transmissão de conhecimentos, hábitos, ideias, posturas, aptidões pessoais e morais são inicialmente construídas no seio familiar. Acredita-se que a prática esportiva possa ser transmitida durante a convivência social dentro da família e tal fato pode ser um grande gerador de atletas comprometidos com sua formação esportiva e social. A presente estudo buscou identificar como a influência da educação familiar na prática esportiva da

linha hereditária e sua influência na formação social destes atletas. Foi entrevistada uma família de atletas do esporte Jiu-jitsu, onde a matriarca é atleta com sucesso regional, estadual e nacional e seus filhos de 8 anos e 10 anos que praticam o mesmo esporte da mãe e igualmente possuem sucesso esportivo de mesmo âmbito. Objetivou-se ainda saber como foi a influência e a formação esportiva dos pais de cada um dos entrevistados e sua influência na formação social dos mesmos. Verificou-se que a mãe teve pais que muito pouco tiveram acesso ao esporte e por isso não influenciaram na vida esportiva da filha e seu oposto, quando esta mãe educou seus filhos e influenciou em suas práticas esportivas e isso foi importante na formação social destas crianças, segundo estes julgaram ser.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Familiar, Educação, Esporte, Família.

ABSTRACT: The family is the structural cell of society and its construction influences on the social formation of the individual. The social individual is configured through his social relations, his first social contact is with the family, especially with his parents or guardians, so the transmission of knowledge, habits, ideas, postures, personal and moral skills are initially built within the family. It is believed that sports practice can be transmitted during social

coexistence within the family and this fact can be a great generator of athletes committed to their sports and social formation. The present study sought to identify the influence of family education on the sports practice on the hereditary line and its influence on the social formation of these athletes. A family of athletes from the Jiu-jitsu sport was interviewed, where the matriarch is a regional, state and national success athlete and her 8-year-old and 10-year-old children who practice the same sport as the mother and have equally sport success. The objective was also to know the influence and the sports training of the parents of each one of the interviewees and their influence in the social formation of the same ones. It was verified that the mother had parents who had very little access to the sport and therefore did not influence the sporting life of the daughter and its opposite, when this mother educated her children and influenced her sports practices, this was important in the social formation of these children, according to what they thought it was.

KEYWORDS: Family Education, Education, Sport, Family.

1 | INTRODUÇÃO

Conforme Bourdieu (*apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 19), o indivíduo “é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído”. Para Nogueira e Nogueira (2002), Bourdieu acreditava que a partir da formação inicial de um indivíduo, em um ambiente social e familiar numa posição social específica, estes assimilariam algumas disposições para a ação peculiar dessa posição e que os levariam através dos tempos e dos ambientes de ação. Corroborando esta perspectiva existem relatos de psicólogos que afirmam não existir o desenvolvimento equilibrado e saudável da criança, sem a família e tal fato é confirmado pela ação prática de professores e psicopedagogos (CARNEIRO, 2010).

Desta forma, a formação familiar permite o desenvolvimento do caráter e autonomia do indivíduo, garantindo a preservação do bom convívio social, além de permitir a existência de um direcionamento social e profissional deste indivíduo. A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016) constituiu valores novos ao meio social estabelecendo a revalorização da pessoa humana, com isso passou a ver a família como base da sociedade e começou a admitir a pluralidade de formas familiares, assegurando a importância do trato das crianças e dos adolescentes em iguais condições e dignidade da pessoa humana.

A família sempre foi considerada como o esteio da sociedade e ponto de partida de qualquer cidadão, e este fato se fazia visível, pois uma pessoa era reconhecida através do conhecimento de qual família este indivíduo pertencia. Com os avanços sociais e a queda do muro das distâncias entre países e culturas diferentes, os valores

e a forma de ver sua função na vida, vem sendo alterada diariamente. Sendo assim, a formação das crianças acaba por sofrer distorções advindas de estruturas familiares confusas e despreparadas.

A estrutura familiar e a educação dentro da família podem ser fatores fundamentais para o desenvolvimento da criança na vida social e esportiva, pois a forma como os pais, ou responsáveis, educam pode influenciar diretamente no comportamento e reconhecimento sobre as realidades da vida e suas opções. O objetivo da pesquisa é identificar a influência da educação familiar sobre a escolha e o desenvolvimento esportivo de sua linha descendente, em famílias com resultados esportivos na Região dos Lagos.

2 | EDUCAÇÃO E SEUS CONCEITOS

A educação versa, em primeiro lugar, sobre um conjunto de ações que correspondem a uma tomada de decisão do educador através de atos conscientes. A pessoa que assume o ato de educar de forma simples ou complexa, tem algum conhecimento prévio, seja por ter sido educado por gerações anteriores, seja por pretender a conformação do aluno em relação aos moldes do grupo social a que pertence ou por admitir que através de sua ação educativa haja um reflexo positivo no futuro do aluno (SOBRAL, 1985).

Para Piaget (1988, p. 139) “educar é adaptar a criança ao meio social, isto é, transformar a constituição psicobiológica do indivíduo em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor”. É possível afirmar que a Educação é um conceito vasto que se refere ao procedimento de desenvolvimento unilateral da personalidade, que abrange a formação de qualidades humanas, físicas, intelectuais, morais e estéticas, visto que ela permite o direcionamento da atividade humana na sua relação com o meio social, num apurado contexto de relações sociais (LIBÂNEO, 1994). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996, p. 1), nº 9.394 de 1996, determinada no seu Art. 2º que, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Desta forma, a educação precisa ser vista nos âmbitos da família e do Estado com o objetivo principal de adequar o educando para o exercício da sua cidadania e qualificá-lo para o trabalho. Conforme Gonçalves (2008, p. 117) “educar é tornar o homem consciente de si mesmo, de seus deveres e direitos, de sua responsabilidade para com sua espécie” e ainda acrescenta que faz parte da educação a capacidade de tornar o homem hábil em pensar em si e em seus relacionamentos com outras pessoas para visar à percepção de que é impossível que o homem tenha suas necessidades

alcançadas sem a interação de outros (GONÇALVES, 2008). De acordo com esta premissa, Gallo (2006) afirma que o poeta inglês John Donne iniciou um poema com o verso que dizia que, homem algum é uma ilha. O homem é um ser social, e como definiu Aristóteles há 2.500 anos, os seres humanos são animais políticos, e dessa forma é levado necessariamente a fazer parte de grupos humanos e a viver a vida junto a vários outros humanos iguais entre si (GALLO, 2006). “[...] para Vygotsky o comportamento humano era inerentemente social e culturalmente organizado” (FREITAS, 2003, p. 11).

A Educação corresponde a toda forma de influências e inter-relações que tende para a formação de traços de personalidade social e do caráter, o que implica em uma compreensão de mundo, valores, ideias, formas de agir, que se revelam em convicções ideológicas, políticas, de princípios e morais, frente a circunstâncias reais e desafios da vida na prática (LIBÂNEO, 1994). O caráter da criança é construído com o seu desenvolvimento, em paralelo a formação de suas funções psíquicas, formadas com a cultura humana que se dá através das relações interpessoais da sociedade em que está inserida a criança. Vygotsky considerou que o aprendizado da cultura humana ocorre através da Educação e do ensino oferecido pela influência de adultos ou de amigos com maior experiência (FREITAS, 2003). O desenvolvimento do cognitivo é uma consequência do conteúdo a ser aprendido através das relações que acontecem no correr do processo de educação e ensino.

Pode-se dizer que a Educação é um conceito extenso que faz alusão ao procedimento de desenvolvimento unilateral da personalidade, que abarca a formação de qualidades humanas, físicas, intelectuais, morais e estéticas, tendo em vista o norteamento da atividade humana na sua afinidade com o meio social, num acurado contexto de relações sociais (LIBÂNEO, 1994). Com isso a educação deve ser tratada nos âmbitos da família e do Estado com o objetivo principal de preparar plenamente o educando para que este possa exercer sua cidadania e se qualificar para o trabalho.

3 | EDUCAÇÃO FAMILIAR

A ação de dois fatores conhecidos como orgânico e social é fundamental para o desenvolvimento da afetividade, que é um domínio funcional do ser humano, e entre eles há uma relação mútua que não permite a particularização do desenvolvimento humano, seja ela qual for, e desta forma a constituição biológica de uma criança recém-nascida não será a única regra do seu destino, pois os reflexos de seu desenvolvimento podem ser modificado grandemente com as situações sociais que se apresentam durante sua vida, sendo uma dela a própria escolha individual (WALLON, 1954, p. 288).

“A especificidade da Sociologia da Educação de Bourdieu e a peculiaridade

de sua discussão sobre a questão da herança cultural familiar tornam-se mais clara quando se consideram certas preocupações teóricas mais amplas que caracterizam o conjunto da obra do autor” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 19). Desta forma, se considera a educação escolar como uma forma de extensão da educação familiar, principalmente quando se pensa nas crianças vindas de ambientes culturalmente enriquecidos, e por outro lado, as crianças distantes deste meio podem ter a escola como algo não reconhecido, inalcançável ou ainda assustador e esta deve funcionar como órgão que ajuda na socialização constata da criança, porém, é o meio familiar que permite se desenvolver sentimentos importantes como autoestima, afabilidade, altruísmo, motivações intrínsecas, sentimentos saudáveis, consentimento, autonomia, intencionalidade, decisão, maturidade, respeito, elementos de reciprocidade, entre outros (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 21). A família é composta por diversas relações interligadas, dinâmicas e complicadas que envolvem os aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais, não podendo ser definida somente por consanguinidade e sim por um grupo de variáveis, entre elas a representação relações e interações interpessoais (Petzold, 1996).

Da relação entre mãe e filhos na era medieval que era pautada no desdém de sua responsabilidade maternal, levando a morte antes do primeiro ano algumas das crianças da época, muito provocado pela forma como a mulher era tida numa sociedade altamente machista, aportamos no século XVIII, gerador de uma transformação gigante no que se refere à diferenças entre os sexos e suas funções, onde o responsável pela família, que era o homem dentro de uma sociedade industrial, vai trabalhar fora de casa gerando afastamento físico e afetivo de seus filhos (CHAVES *et al*, 2002). No século seguinte veio a revolução feminina onde a mulher e também as mães começam a receber maior importância, pois passam de uma só vez a realizar novas funções, que antes eram apenas para homens, e desta forma assumem a responsabilidade de, além de suas funções laborais, criar seus filhos (CHAVES *et al*, 2002). Tal fato vem se desenvolvendo desde esta época e ainda foi ampliado pelo aumento de famílias desfeitas, que provocou uma maior responsabilidade para a mães e pais de criar sem a presença do outro, seus filhos e ainda assumir as responsabilidades de sustento familiar, entre outros reflexos sociais.

As células familiares administram situações que se apresentam no nosso meio e cultura contemporânea, como por exemplo, a influência do meio escolar, da comunicação de massa, e os atrativos advindos da sociedade consumista (DESSEN & ABREU e SILVA, 2000). Atualmente estas famílias e seus integrantes encontram novas formas de relação social devido as mudanças dentro da sociedade e este fato provoca a necessidade das pessoas de adaptarem aos novos conflitos estabelecidos entre os valores de outrora e as novas relações sociais (CHAVES *et al*, 2002). As diversas e diferentes disposições das células familiares que se configuram continuamente na atual evolução social geram modificações nas relações familiares, nas funções de seus integrantes, em seus valores adquiridos, no gerenciamento interpessoal, em

suas perspectivas e nos procedimentos de desenvolvimento de cada indivíduo da sociedade e com isso, atualmente a família deixa de ser percebida como um meio autônomo de inter-relações pessoais e começa a ser visualizada como um sistema integrado individualmente e coletivamente, que se influenciam mutuamente (DESSEN e POLONIA, 2007). Um fator importante na alteração de comportamento familiar é a ausência dos pais no acompanhamento de seus filhos, muitas vezes graças à carga horária do trabalho que pai e mãe absorvem para poder sustentar sua família e obter o padrão de vida que almeja. Desta forma, a família que é responsável pela difusão dos valores culturais através das gerações acaba por transmitir os conhecimentos e sentidos sociais que permitem o compartilhamento dos costumes, perspectivas e padrões das relações sociais e a valorização dos membros da família e de suas destrezas de desenvolver as novas experiências (DESSEN e POLONIA, 2007). Com isso, percebe-se hoje em dia que existe uma formação de valores, diferentes dos conhecidos até então e este fator vem gerando uma nova realidade que acaba sendo considerada comum e normal, porém esta nova educação familiar vem produzindo um aporte de novas situações, que está influenciando de maneira negativa a educação escolar.

Os sentimentos de afeto entre os componentes da família, principalmente entre os pais e filhos são passíveis de causar um desenvolvimento saudável e de inter-relações que permitem o acerto do indivíduo aos diversos meios de ação familiar como o apoio aos parentes nos campos cognitivo, emocional e social, dando suporte a criança para o desenvolvimento de conhecimentos saudáveis que auxiliam no desenrolar das situações diárias (EISENBERG & COLS., 1999). Estes sentimentos de afeto familiar também podem causar problemas que gerem percalços para o desenvolvimento gerando, desta forma, dificuldades no ajustamento social da criança (BOOTH, RUBIN & ROSE-KRASNOR, 1998) e ao mesmo tempo, o estresse e o descontentamento familiar somados a inconsistência de ações dos responsáveis pelas decisões familiares perante seus filhos, acabam por ocasionar situações com soluções problemáticas para o ajuste da inter-relação social (VOLLING e ELINS, 1998).

A educação familiar deve ser repensada, como igualmente se está repensando a educação formal. Um exemplo de sucesso de educação familiar esportiva pode auxiliar no repensar desta educação dentro dos parâmetros atuais de sociedade. Desta forma, a atual proposta deste trabalho considerará como educação familiar a transmissão dos conhecimentos e hábitos individuais e familiares dentro de uma linha hereditária que tem em comum o sucesso esportivo.

4 | METODOLOGIA

O presente estudo descritivo que foi realizado através de uma pesquisa de

campo, de cunho qualitativo, através do uso do questionário como instrumento de pesquisa. Sendo considerado um estudo de caso, que é uma forma de pesquisa descritiva que reúne grande quantidade de informações sobre poucos participantes, muito utilizada pela antropologia, psicologia clínica, sociologia, medicina, ciências políticas entre outras, não se limitando ao estudo de um indivíduo, porém usa-se para pesquisa de programas, instituições, organizações, estruturas políticas, comunidades e até situações (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012). A pesquisa envolveu uma coleta e análise de informações que de acordo com Thomas e Nelson, (2002, p. 295): “Os dados para estudo podem ser entrevistas, observações ou documentos. Não é incomum que se empreguem todos os tipos de dados”. O instrumento utilizado foi um questionário, elaborado com 10 (dez) perguntas para respostas fechadas e de múltipla escolha, que foi direcionado aos principais membros da família que atuam sobre a educação familiar do atleta e para o próprio atleta. O questionário foi preenchido anonimamente pelos participantes que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido aceitando participar do estudo. A escolha dos participantes foi feita seguindo os seguintes parâmetros: ser uma família moradora da Região dos Lagos, de caráter tradicional, com casal heterossexual e de família com mesmo costume, ter relação com esporte, haver em sua linha hereditária imediata resultados positivos em competições estaduais, regionais e locais, e que aceitem participar voluntariamente da pesquisa. Foi entrevistada uma família de atletas do esporte Jiu-jitsu, compreendida em três gerações, onde a matriarca de 26 anos é atleta com sucesso regional, estadual e nacional e seus filhos de 8 anos e 10 anos praticam o mesmo esporte da mãe e igualmente possuem sucesso esportivo de mesmo âmbito. Duas gerações participaram ativamente da pesquisa, pois responderam o instrumento de pesquisa que fez questionamento em relação a geração imediatamente anterior, desta forma foram questionados os filhos (terceira geração) sobre seus pais (segunda geração) e estes responderam igualmente sobre seus pais (primeira geração) e avós daqueles (terceira geração). Os resultados foram tabulados com a utilização dos softwares Microsoft Office Excel. Após a tabulação dos resultados, os mesmos foram avaliados qualitativamente e expostos em gráficos mostrando a porcentagem das respostas dos participantes, de forma clara e de fácil compreensão (MARCONI e LAKATOS, 2006).

5 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A linha hereditária escolhida é formada por lutadores do esporte Jiu-jitsu com títulos nacionais, estaduais e regionais. Representam a linha hereditária a Mãe de 26 anos, que atua ainda como atleta, sua filha de 10 anos e seu filho de 8 anos, ambos atletas deste esporte.

A questão 1 foi referente apoio oferecido pelos pais ou responsáveis para que eles fizessem algum esporte. A mãe revelou não ter tido muito apoio de seus pais,

porém os seus filhos receberam total apoio para a prática de esportes. A questão seguinte perguntou se houve auxílio na escolha do esporte praticado e novamente a mãe afirmou não ter tido muito auxílio na escolha do esporte, porém seus filhos revelaram que houve auxílio total ou parcialmente na escolha da prática esportiva.

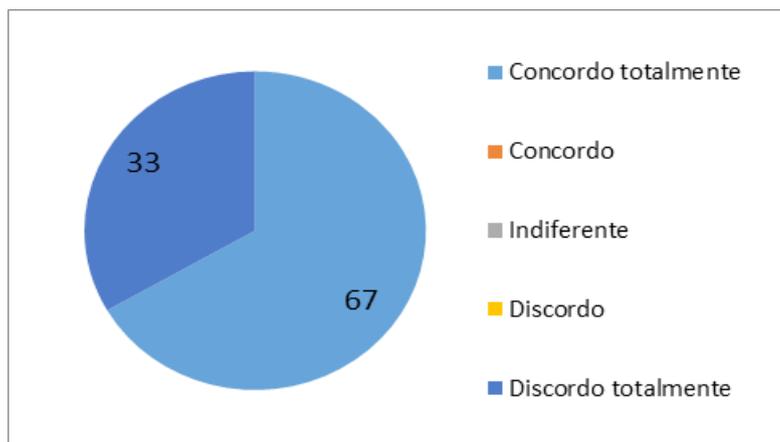


Gráfico 1: As duas primeiras questões receberam mesmo resultado: 67% concordaram totalmente e 33% discordaram totalmente.

Quando foram perguntados se seus pais os apoiavam e auxiliavam durante sua prática esportiva, a mãe se mostrou indiferente a esta afirmativa e seus filhos afirmaram ter tido total apoio e auxílio. De acordo com Kreppner (2000) “a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades”, e esta afirmativa se comprova na relação que a mãe teve com seus pais e o que ela proporcionou a seus filhos.

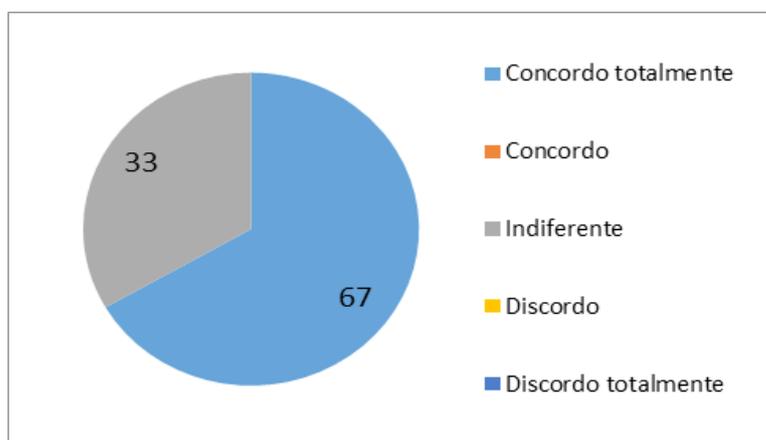


Gráfico 2: Aborda se os pais apoiavam e auxiliavam durante a prática esportiva, onde o resultado: 67% concordaram totalmente e 33% indiferente.

As quatro questões seguintes buscavam identificar se os pais ou responsáveis praticavam esporte quando criança e atualmente, como também questionava se os mesmos haviam tido sucesso esportivo nacional/estadual ou regional/local.

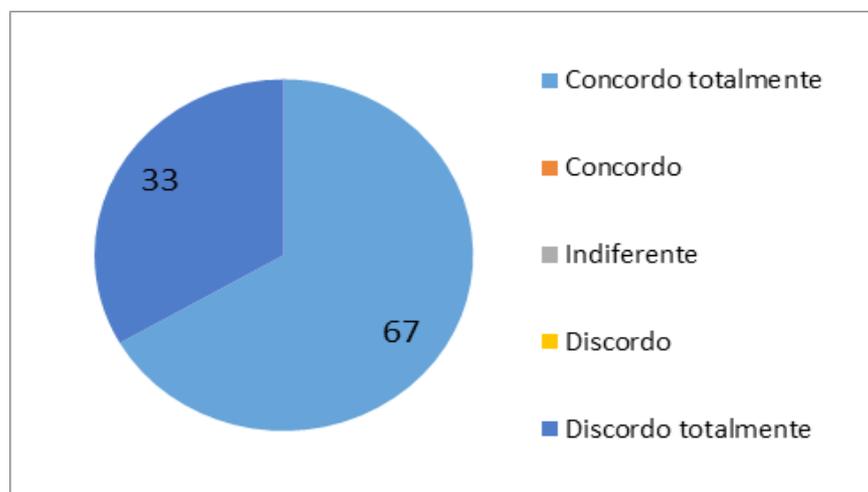


Gráfico 3: quatro questões resultaram no mesmo percentual onde: 67% concordaram totalmente e 33% discordou totalmente.

Objetivou-se desta forma verificar o padrão de prática esportiva e sua automática consciência esportiva, e pôde-se observar que a mãe afirmou não existir a prática atual de esportes e pouco houve no passado dos seus pais e os mesmos não tiveram nenhum sucesso esportivo. Porém seus filhos concordaram que houve a prática e o sucesso esportivo na vida de seus pais. Conforme Dessen e Polônia (2007) “os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família) ”.

Quando questionados se o apoio e incentivo dos pais foi um fator determinante para a formação da decisão de praticar esporte pôde-se verificar que a mãe afirmou tal afirmativa não ser verdadeira, enquanto seus filhos estavam totalmente de acordo com esta afirmativa. Tal fato confirma que “no ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT, 1999) ”. Desta forma o incentivo dos pais destes pequenos atletas foi determinante na decisão pela prática esportiva, enquanto no caso da mãe que não teve o mesmo incentivo não ocorreu a mesma influência.

O estudo buscou ainda identificar se os entrevistados acreditavam que seu envolvimento com o esporte auxilia ou auxiliou na formação de quem eles são hoje em dia. Os resultados desta questão demonstram que as crianças que ainda estão em desenvolvimento acreditam que o esporte influencia na sua formação pessoal, enquanto a mãe preferiu não dar este crédito ao esporte apenas. Tal resultado determina que o adulto que teve uma quantidade maior de experiências na sua vida acaba por se moldar em padrões de múltiplas influências, enquanto os mais jovens e inexperientes se baseiam em sentimentos e experiências mais recentes, permitindo

existir o sentimento de grande influência da prática esportiva em suas vidas.

A questão final buscou identificar se ensinamentos como: determinação, objetividade, competitividade, respeito e autoconhecimento, recebido através da experiência promovida pelo esporte ajudaram no desenvolvimento das atitudes dos entrevistados em suas vidas. Mais uma vez as crianças foram unânimes em sua resposta afirmando que receberam estes ensinamentos da prática esportiva e fazem uso em suas vidas, enquanto a mãe não determinou ser esta, apenas, a fonte de seus ensinamentos de vida.

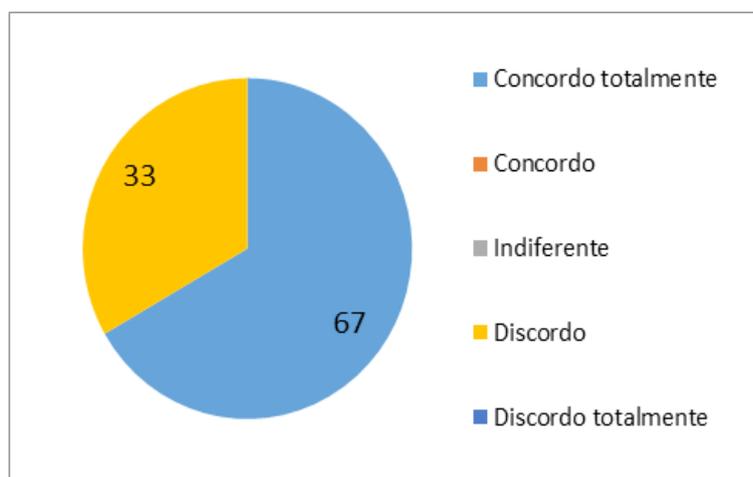


Gráfico 4: três últimas questões que tiveram o mesmo resultado percentual e abordavam se o apoio e incentivo foi determinante para a participação do esporte; se o esporte auxilia na formação social e se os ensinamentos ajudaram no desenvolvimento de atitudes, resultando em: 67% concordaram totalmente e 33% discordam.

Acredita-se que a estrutura familiar “é a principal responsável por incorporar as transformações sociais e Inter geracionais ocorridas ao longo do tempo, com os pais exercendo um papel preponderante na construção da pessoa, de sua personalidade e de sua inserção no mundo social e do trabalho” (TÁVORA, 2003; VOLLING & ELINS, 1998). Desta forma fica visível que houve uma grande influência da estrutura familiar esportiva praticada pela mãe, que é atleta ou esportista, sobre seus filhos, formando assim, com a ajuda do esporte, valores importantes para a construção do caráter das crianças.

Sendo assim acredita-se que a família é a responsável pela “transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências” (DESSEN & POLÔNIA, 2007).

6 | CONCLUSÃO

O presente estudo verificou que a matriarca desta família não teve em seus pais o modelo de pessoa que busca a atividade esportiva e desta forma não recebeu apoio ou incentivo para sua atuação esportiva e nem em sua escolha do esporte a ser praticado, não sendo levada a prática esportiva cedo em sua vida. Desta forma a mãe demonstrou não perceber uma influência significativa do esporte em sua vida e suas ações como pessoa.

Por outro lado, as duas crianças do estudo que receberam maior atenção por parte de seus pais em relação à prática esportiva durante suas vidas desde cedo e com atuação constante deles até em suas decisões esportivas, ficou claro que gerou grande influência no modo de pensar destes pequenos esportistas, a tal ponto que eles acreditam que esta ação tenha sido determinante na decisão de praticar esporte e que este esporte tenha sido importante fator na geração de suas consciências e forma de agir, sendo assim aspecto fundamental para sua formação.

Antunes (2005, p. 53) destaca que:

Ajudar a criança a construir um bom caráter é a mesma coisa que ajudá-la a desenvolver sua consciência do erro e do acerto. Caráter e consciência expressam a visão que ela possui de si mesma e aproxima-se muito do sentimento de autoestima. É por essa razão que a educação do caráter é importante.

Segundo ainda Chalita (2001, p. 20), a família tem a responsabilidade de “formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço”.

Desta forma conclui-se que a educação familiar e o conhecimento esportivo dentro de uma linha hereditária pode ser um fator influenciador na formação de atletas na Região dos Lagos e sua relação com a formação da identidade individual e esportiva.

Considera-se importante que novos estudos venham a ser feitos em outras famílias que tem dentro de sua linha hereditária o sucesso esportivo, como a família Grael do esporte a vela, com mais de 5 gerações de vitoriosos no mesmo esporte e outras que não obtiveram o mesmo caminho, proporcionando um maior debate sobre a função da família na construção da vida esportiva das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/152182.pdf>> acessado em: 15 mai. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> acessado em: 15 mai. 2018.

BOOTH, C. L., RUBIN, K. H., & ROSE-KRASNOR, L. **Perceptions of emotional support from mothers and friends in middle childhood**: Links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development*, 69(21), 1998.

CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: leitura crítico?** Compreensivo, artigo a artigo. 17 ed. Atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: vozes, 2010.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CHAVES, A. M., CABRAL, A., RAMOS, A. E., LORDELO, L., e MASCARENHAS, R. **Representação social de mães acerca da família**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 12(1), 1-8. 2002.

DESSEN, M. A. e POLÔNIA, A. da C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Revista Padeia, 17(32), p. 21-32, 2007. Disponível em <www.scielo.br/padeia> acessado em: 06 out. 2016.

DESSEN, M. A. e ABREU E SILVA, N. **Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa**. Psic: Teor. e Pesq., Brasília, Set-Dez, Vol. 16 n. 3, pp. 191-292 iii, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4805.pdf>> acessado em 20 out. 2016.

EISENBERG, N., FABES, F. A., SHEPARD, S. A., GUTHRIE, I. K., MURPHY, B. C., & REISER, M. **Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning**. *Child Development*, 70(21), 513-534, 1999.

FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GALLO, S. **Ética e Cidadania – Caminhos da Filosofia**. 16 ed, São Paulo: Papirus Editora, 2006.

GONÇALVES, E. R. **A Pedagogia do Encantamento: Novo Paradigma da Educação para o século XXI**. Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto Brasileiro de Educação e Cultura, 2008.

KREPPNER, K. **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22, 2000.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

NOGUEIRA, C. M. M., NOGUEIRA, M. A. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições**. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abr. 2002.

PETZOLD, M. **The psychological definition of “the family”**. In M. Cusinato (Org.), Research on family: Resources and needs across the world (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie, 1996.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1988.

SOBRAL, F. **Introdução à Educação Física**. 4 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

TÁVORA, M. T. **Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação**. *PSICO* 34(1), 23-38, 2003.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K., e SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed editora, 2012.

VOLLING, B. L., & ELINS, J. **Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings**. *Child Development*, 69(6), 1640-1656, 1998.

WAGNER, A., RIBEIRO, L. S., ARTECHE, A. X., e BORNHOLDT, E. A. **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156, 1999.

WALLON, H. **Les milieux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant**. *Enfance*, Paris, n.3, v.4, p.287-296, Mai-Oct, 1954.

A ESCOLA PROMOVENDO UM PROCESSO CIVILIZADOR NA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eliane Maria Morriesen

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Ponta Grossa - PR

Juliane Retko Urban

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Ponta Grossa – PR

Débora Barni de Campos

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Ponta Grossa - PR

Antonio Carlos Frasson

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Ponta Grossa – PR

RESUMO: O presente artigo buscou analisar a legislação atual que discorre sobre inclusão, em especial a inclusão de pessoas surdas. Para a comunidade surda em idade escolar o melhor arranjo metodológico é estar em escolas para surdos durante o turno principal e a inclusiva no contraturno. A grade curricular obrigatória de todas as escolas possui a disciplina de Educação Física que contribui como uma ferramenta para a socialização e o desenvolvimento biopsicomotor dos alunos. O objetivo desse artigo é debater a importância da prática da atividade física entre os surdos e suas peculiaridades na

escola, bem como a importância da inclusão para mediar estas discussões e o olhar da sociedade que, bem direcionado, auxilia a comunidade surda na inserção nos diversos grupos e instituições sociais. A metodologia utilizada foi a pesquisa de natureza básica e exploratória. Conclui-se que a sociedade amadurecida, em pleno terceiro milênio, discute o tema inclusão de surdos e a prática de esportes, mas poucas ações efetivamente tornam possíveis as práticas de educação física para essa comunidade. Para que esses pleitos aconteçam, é de suma relevância e interesse de toda sociedade o investimento na formação dos docentes de maneira continuada para que professores possibilitem observar suas práxis e se reelaborem de forma criativa e apropriada, pois são responsáveis por preparar os seus alunos para os desafios da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Inclusiva. Ensino para Surdos. Educação Física para Surdos.

ABSTRACT: The present article searched analyze the current legislation that broach about inclusion, specially the deaf people inclusion. To the deaf community talking about school age the best methodological arrangement is being in deaf schools during the main turn and the inclusive in the extracurricular activities. The obligatory curriculum of all schools have the Physical Education subject that contributes as

a socialization and student's biopsychomotor development instrument. This article purpose is debate the inclusion importance to mediate this discussions and the society's view that, well directed, helps the deaf community in the diverse groups and social institutions insertion. The methodology used was the basic nature and exploratory research. It is conclude the developed society, in the middle of the third Millennium, discuss the deaf inclusion and sports practice theme, but little effective actions made the physic education practice possible to this community. To let this lawsuit happen, it is total relevance and interest of all society the investment in the teacher formation in a continuous form to the teacher' possibility to observe their students and their praxis, and overwork in a creative and appropriated form, because they are responsible by preparing their students to the modernity challenges.

KEYWORDS: Inclusive School. Deaf Education. Deaf Physical Education.

1 | INTRODUÇÃO

A educação deve estar ao alcance de todos independente de etnia, gênero, idade, deficiência ou qualquer outra variante e a escola deve ser o ambiente completo para que o processo aconteça com perfeição. Todas as disciplinas escolares devem ter um norteador inclusivo com alcance de saberes igualitários, não sendo diferente para a disciplina de Educação Física. “Somos iguais perante a lei”, é o que determina a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948, p.1). Entretanto, existem alguns grupos na sociedade que necessitam de uma maior atenção, devido a sua vulnerabilidade. E dentre esses grupos, podemos incluir as pessoas com deficiência (PcD's). E essas pessoas necessitam, como os demais inseridos na sociedade, de uma boa formação.

Para Silva (2006), processo de exclusão social de pessoas com necessidades educacionais especiais é tão antigo quanto à socialização do homem. A estrutura das sociedades desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de necessidades educacionais especiais, marginalizando-os, escondendo-os e os privando de liberdade. Essas pessoas sem direitos, sem respeito, sem atendimento sempre foram alvo de atitudes preconceituosas. Observam-se ainda nos dias de hoje, nas literaturas clássicas e mesmo na história do homem esse pensar discriminatório, pois se torna mais fácil prestar atenção aos impedimentos do que aos potenciais e as capacidades de tais pessoas.

Dentro das minorias que lutam pela igualdade de direitos, seja em sua comunidade sejam em instituições como a escola, existem os surdos. De acordo com Sá (2011), para a comunidade surda em idade escolar, o melhor arranjo metodológico funcional é o composto entre a articulação entre a educação preponderante, fundamental em escolas para surdos durante o turno principal e a inclusiva no contraturno.

Ainda não é comum observar nas escolas esta disposição física e pedagógica,

sendo observado frequentemente os alunos surdos em salas de aulas regulares com os(as) intérpretes, sendo estes assegurados como direito adquirido aos surdos por lei.

Para corroborar com todo esse processo de inclusão, a grade curricular obrigatória possui a disciplina de educação física que além de servir como uma ferramenta importante de socialização, contribui para o desenvolvimento biopsicomotor dos alunos (ALVES, *et al.*, 2014).

O objetivo desse artigo é debater a importância da prática da atividade física entre os surdos e suas peculiaridades na escola, a importância da inclusão para mediar estas discussões e o olhar da sociedade que, bem direcionado, auxilia a comunidade surda na inserção nos diversos grupos e instituições sociais.

2 | EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Nos últimos anos percebem-se educadores, pais, movimentos nacionais e internacionais na busca pelo consenso para uma educação inclusiva, promovendo e implementando nas escolas a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, visando resgatar o respeito humano e a dignidade, no sentido de possibilitar o pleno desenvolvimento e o direito fundamental à educação, tendo a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Tendo assim, acesso a escola regular.

Na perspectiva de Montoan (1997), a educação inclusiva é uma proposta de política pública de educação para todos, segundo a qual os alunos devem estudar numa escola única, sem divisões, categorizações, modalidades de ensino. A educação inclusiva deve entrar pela escola regular, para que haja inclusão, o ensino especial deve ser absorvido pelo ensino regular, mas a escola tem de passar por um processo de transformação para atender a todos.

Escolas regulares que possuam orientação inclusiva e constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criam uma comunidade acolhedora com vínculos e afeto. Para isso é preciso organizar programas de treinamento para os docentes e estudantes durante sua graduação, pois serão estes docentes os responsáveis pela inclusão, facilitando assim o aprendizado dos alunos com necessidades educacionais especiais. Segundo Vigotsky (2004), o único educador capaz de formar novas reações no organismo é a sua própria experiência. Só aquela relação que ele adquiriu na experiência pessoal permanece efetiva para ele. É por este motivo que a experiência pessoal do educando se torna base principal do trabalho pedagógico.

Segundo Perrenoud (1997, p.32) o professor que reavalia seu trabalho, cria centros de interesse, atividades extras, jogos, pesquisas, trabalhos coletivos e oficinas variadas, não só tem outras atitudes, mas também um sistema de trabalho mais aberto. Ele ainda diz:

Seja qual for o grau de seleção prévia, ensinar é confrontar-se com um grupo heterogêneo. Ensinar é ignorar ou reconhecer estas diferenças, sancioná-las ou tentar neutralizá-las, fabricar o sucesso ou insucesso através da avaliação informal e formal, construir identidade e trajetórias.

Conforme Kassar (2006), a preocupação com a educação especial no Brasil, ganha visibilidade a partir de 1961 com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº4.024/61), a qual determinou nos artigos 88 e 89 sobre a educação dos excepcionais, garantindo, desta forma, o direito à educação.

Art. 88. A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.

Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9496/96) buscou melhorias específicas para esse público. A inclusão de PcD's está disposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, no capítulo V, fala sobre a educação especial. Em específico o **Art. 59**:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)

3 | EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA

Com a inclusão da comunidade surda nas esferas educacionais, o sistema educacional vem passando por mudanças e adaptações para acolher este público que, até então, muito raramente encontrava-se em sala de aula.

A atual fundamentação da educação dos surdos na legislação brasileira teve um

longo percurso que se aperfeiçoou ao longo dos anos, transcorrendo leis, resoluções e portarias para assegurar os direitos dos surdos. À medida que se descobria a cultura surda, e por esta a língua de sinais, a legislação foi-se ampliando (MAINIEIRI, 2011; PERLIN e STROBEL, 2008).

Na Constituição Brasileira de 1967 há alguns artigos assegurando aos surdos o direito de receber educação. Em 1973 com a criação do Centro Nacional de Educação Especial o governo brasileiro deu mais atenção ao ensino desta população específica, trabalho antes delegado às organizações não governamentais (ONGs).

Os documentos já citados no artigo são alguns frutos da organização da sociedade civil, em busca dos direitos dos seus componentes com necessidades especiais. Entre as legislações especificamente voltadas para a demanda da clientela surda, tem-se o direito ao uso de sinais, refletindo na Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Outra importante contribuição trouxe o decreto governamental 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que institui aos surdos o ensino da língua de sinais. O decreto trouxe importantes inovações para a fundamentação da educação de surdos, inclusive identificando-os como aqueles que interagem com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da língua de sinais (PERLIN e STROBEL, 2008).

De acordo com os ensinamentos de Perlin e Strobel (2008), paralelamente a esta legislação surge um contraste marcante onde alguns conflitos se situam em diferentes contextos teóricos como a educação especial que acompanha a teoria moderna; o bilingüismo fruto da teoria crítica e o uso de língua de sinais e cultura surda fruto desta teoria cultural. Não obstante as diferentes concepções que levam a avanços ou recuos, os surdos brasileiros estão bem protegidos por leis que servem de fundamentos à educação.

Estes fundamentos foram solidificados com o decreto governamental 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que intensifica estas afirmações e as regulamenta, inclusive tornando obrigatório o uso de língua de sinais não somente aos surdos, mas também aos professores que os atendem bem como motivando a presença de interpretes (PERLIN e STROBEL, 2008). Com a promulgação da lei nº 12.319, em 1º de setembro de 2010, regulamentou-se a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Entre seus artigos cita-se:

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

Atualmente a comunidade surda está amparada por três principais leis que não somente regem as normas de conduta para as instituições de ensino, mas também auxiliam na inclusão em meio à sociedade civil. Estas legislações ainda são muito recentes no Brasil e muitas outras determinações ainda deverão ser feitas para que cada vez mais a pessoa surda tenha condições e direito de ser respeitado e atendido em sua língua materna.

4 | INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O acolhimento a todas as pessoas é atualmente um discurso recorrente, quer seja por parte do Estado que promulga e executa as leis que abarcam os excluídos da sociedade ou por modismo do ‘politicamente correto’ que as instituições vêm-se na obrigação de apregoar.

Porém para que a inclusão seja efetiva, sobretudo na área de educação física, há que se eliminar algumas barreiras ainda existentes e continuamente sensibilizar e conscientizar todas as esferas que circundam os surdos e os ouvintes com intuito de mostrar que a educação inclusiva já não é mais “apenas” um direito, e sim uma ordem legal por conta de políticas públicas (ALVES, *et al.*, 2013).

Para alunos ouvintes, uma sugestão a se trabalhar a inclusão do colega surdo é a prática de esportes simulando situações em que eles são privados momentaneamente (parcialmente) e voluntariamente da audição. Pode ser utilizado protetores auriculares, por exemplo e assim praticarão a alteridade, com a empatia pelo outro, com a percepção das necessidades que o colega tem. Desta forma talvez possibilite-se construir uma dimensão mais próxima da real e então gradativamente conseguir-se-á a sensibilização necessária para a mudança de mentalidade e edificação da sociedade

escolar equânime.

A Educação Física Escolar, num passado recente, apresentou um compromisso maior com a eficiência que com a cooperação social e desenvolvimento integral dos alunos. Deste modo, torna-se ainda mais relevante e desafiador tratar de inclusão de surdos na prática de esportes, pois grande parte das escolas preparadas para receber alunos surdos nas aulas de educação física comportam a classe média ou média alta (ALVES, *et al.*, 2014).

O papel da Educação Física (EF) não se restringe ao ganho de rendimento em atividades cardiovasculares e as tendências da moda, como aumento de massa muscular. Bom exemplo da função psicossocial da EF pode ser demonstrada nas parolimpíadas, onde os atletas puderam superar seus limites e aumentar a autoestima.. De acordo com Strapasson e Carniel (2007), a EF desempenha uma função no desenvolvimento global dos alunos, sobretudo daqueles com deficiência, que alcança desenvolvimentos afetivo, social e intelectual. A EF então trata o aluno sem desigualdades, auxiliando na auto-estima, na confiança mais elevada por meio da possibilidade criada pelo professor de execução das atividades e assim então, conseqüentemente, a efetiva inclusão.

(...) a democratização e universalização das oportunidades devem ser pensadas de maneira real, de acordo com a realidade, sem atos paternalistas ou protecionismos, mas buscando de fato, o respeito pelas diferenças. Não significa facilitar as condições de acesso à educação, lazer, moradia e saúde para os deficientes, mas na realidade, trata-se de oferecer condições ideais de igualdade. Pensar nesse panorama é acreditar na capacidade potencial de aprender e produzir conhecimentos, de pessoas com formas diferentes de se relacionar com o mundo e com o saber; é conhecer, concretamente, que existe o princípio da universalização (ALVES, *et al.*, 2013, p. 194).

A EF então não deve ser tratada sempre como uma atividade competitiva que vincula o aluno ao rendimento esportivo e a técnica pela técnica, pois ela se torna excludente. Afasta os menos habilidosos, deixando de cumprir seu papel de formação integral dos seres humanos envolvidos (ALVES, *et al.*, 2013, p. 196).

5 | METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza básica, pois visa entrar em contato com o assunto sem aplicar questionários ou estudos de caso de cunho prático, mas sim teórico.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.34), a pesquisa básica “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”.

Quanto aos objetivos, a metodologia deste trabalho se enquadra como exploratória pois busca entrar em contato com mais familiaridade com a investigação acerca do assunto a torná-lo mais claro a comunidade científica. Conforme Gerhardt e Silveira

(2009, p.35), “a grande maioria dessas pesquisas envolve levantamento bibliográfico”. que é exatamente a pesquisa que tem como procedimento técnico a ser descrito no próximo parágrafo.

O levantamento bibliográfico faz uma busca apurada da literatura disponível e pertinente ao assunto para alicerçar as discussões acerca do tema.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educativo deve ser norteado por práticas inclusivas, ou seja, não é somente matricular e inserir o aluno na sala de aula, e sim fazer com que o conhecimento a ser transmitido interaja com a realidade do aluno, a partir da sua linguagem e assim desenvolver as capacidades necessárias para a sua formação.

Há muita discussão em torno do tema inclusão de surdos e a prática de atividades física e pouca ação finalizada para que torne possível a educação física para esta comunidade tão singular.

Alves *et al.* (2013), relatam que atividades como ginástica, dança e lutas transmitem comportamentos e sentimentos que além de propiciar a prática da educação física de indivíduos com deficiência, subsidiam o sujeito no processo civilizador.

Para a estruturação e organização de uma escola realmente inclusiva faz-se necessário a capacitação continuada para que o docente se perceba e reelabore sua práxis observando a demanda que chega aos seus cuidados e prepare cidadãos com igual qualidade para diferentes desafios que o mundo contemporâneo exige.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tássia Pereira et al. Representações de alunos surdos sobre a inclusão nas aulas de educação física. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 65-78, 2014.

ALVES, Tássia Pereira et al. Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 3, p. 192-204, 2013.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217^a (III), da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de Dezembro de 1948. Disponível em: www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direito-do-cidadão/declaração-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em Out/15

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em Out/15.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2014.

MAINIERI, Cláudia Mara Padilha. **Desenvolvimento E Aprendizagem de Alunos Surdos: Cognitivo, Afetivo E Social**. IESDE BRASIL SA, 2011.

MONTOAN, Maria T. E. (org.). **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para reflexão sobre o tema**. São Paulo: Mennon: Senac, 1997.

PERLIN, G. STROBEL, K. L. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC (2008). Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/fundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf Acesso em: 10 mai. 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas na profissão docente e na formação**. Perspectivas sociológicas. 2 ed. Lisboa/Portugal: Dom Quixote, 1997.

SÁ, Nídia de. **Surdos: qual escola?** 22 ed. Manaus: Valer e Educa, 2011.

SILVA, Alessandra Frizzo da. Uma sociedade inclusivista para as famílias portadoras de membros com necessidade especial. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2, 2006.

STRAPASSON, Aline Miranda; CARNIEL, Franciele. A educação física na educação especial. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano, v. 11, 2007.

STROBEL, K. L. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Disponível em http://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Tesis_Strobel_20082.pdf. Acesso em: 01 mai. 2016.

STROBEL, K. L. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 02 mai. 2016.

VITGOSKY, Lev-Semenovich. **Psicologia pedagógica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

A IMPORTÂNCIA DO XADREZ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

André Barbosa de Lima

Centro Universitário Planalto do Distrito Federal –
UNIPLAN, Faculdade de Educação Física
Brasília – Distrito Federal

Roberto Nobrega

Centro Universitário Planalto do Distrito Federal –
UNIPLAN, Faculdade de Educação Física
Brasília – Distrito Federal

RESUMO: O Xadrez é um dos jogos mais antigos conhecidos pela civilização, caracterizado desde sua origem como um jogo capaz de construir grandes intelectos. Nas últimas décadas, tem sido alvo de pesquisas para averiguar suas consequências cognitivas e sociais no desenvolvimento humano. O objetivo do presente trabalho é investigar a importância do Xadrez como ferramenta pedagógica escolar. Para isso, se aplicará o Teste de Quociente de Inteligência (QI), segundo a Escala de Inteligência de Stanford-Binet, aos alunos praticantes e não praticantes da modalidade. Os resultados demonstraram maiores índices de acertos ($P = 25,77 \pm 8,38$; $NP = 22,4 \pm 9,23$) e de score ($P = 103,42 \pm 18,98$; $NP = 97,74 \pm 17,18$) para os alunos praticantes de Xadrez. A alta oscilação observada no desvio padrão dos scores se dá pelo fato da pontuação variar segundo a idade do indivíduo. Se um indivíduo

tiver o mesmo número de acertos do que o outro, mas for mais jovem, seu score será maior. Estudos futuros deveriam ser feitos com vistas o relato desde sua chegada ao Brasil, bem como de sua expansão ao longo dos anos. Além disso, sugerimos estudos futuros com avaliações pré e pós intervenção, com uma faixa etária mais homogênea para melhor averiguação.

PALAVRAS-CHAVE: Xadrez; História do Xadrez; Ferramenta Pedagógica.

ABSTRACT: Chess is one of the oldest games known by civilization, since its genesis is recognized as a builder of strong intellects. On the last decades, it has been target on researches to certify its consequences on cognitive and social human development. The goal of this article is to investigate the importance of Chess as a pedagogical tool to school. For this reason, we applied the Quociente of Intelligence Test (QI), according to Stanford-Binet Scale of Intelligence, for those who are or not chess players. The results showed higher scores ($P = 25,77 \pm 8,38$; $NP = 22,4 \pm 9,23$) and pontuation ($P = 103,42 \pm 18,98$; $NP = 97,74 \pm 17,18$) for the students of Chess. The high oscillation observed in the standard deviation of the scores is due to the fact that the score varies according to the age of the individual. If an individual has the same number of hits as the other but is younger, his score will be higher. Future studies should be

done with regard to the report since its arrival in Brazil, as well as its expansion over the years. In addition, we suggest future studies with pre and post intervention evaluations, with a more homogeneous age group for better investigation.

KEYWORDS: Chess; History of Chess; Pedagogical Tool.

1 | INTRODUÇÃO

Nenhum jogo ocupa uma posição tão importante na história da humanidade quanto o Xadrez. Não apenas na atualidade, como também durante muitos séculos, sendo um passatempo multicultural, um dos mais antigos jogos conhecidos pela civilização, além de exigir bastante de nosso intelecto (DIAS, 2012).

O Xadrez tem como origem um jogo criado na Índia por volta do VI século chamado Chaturanga (DAVIDSON, 1949). Embora o tabuleiro fosse como o atual, composto por 64 casas (8 linhas x 8 colunas), suas peças, movimentação e regras eram distintas. Com o passar dos séculos, esse jogo foi sendo incorporado a diversas culturas e sofrendo alterações, até que, por volta do século XV, assumiu a forma como o conhecemos atualmente.

Sendo parte integrante de nossa cultura moderna, e visto como uma forma desejável de se melhorar capacidades cognitivas e afetivas, o Xadrez vem ganhando cada vez mais adeptos como uma ferramenta pedagógica.

Estudos têm revelado o importante papel do Xadrez no campo educacional, trazendo benefícios na resolução de problemas matemáticos, interpretação textual, no aumento da paciência, memória, pensamento lógico e crítico, observação e análise, concentração, criatividade, persistência, autocontrole, espírito esportivo, responsabilidade, respeito mútuo, auto estima, lidar com a frustração, bem como outras diversas influências positivas que são difíceis de calcular, mas que fazem grande diferença na atitude, motivação e realização estudantil (FERGUNSON, 1995; LIPTRAP, 1998; HONG, 2007; CAMPITELLI, 2008).

O xadrez é originado de um jogo criado na Índia por volta do VI século chamado Chaturanga, também conhecido como xadrez sânscrito, que se refere ao local e dialeto onde foi criado (Davidson, 1949). A palavra Chaturanga é uma junção das palavras *chatur*, “quatro”, e *anga*, “membro” ou “componente particular”. Um adjetivo do Português que seria equivalente é “quadripartido”, ou seja, que possui quatro divisões, no caso, quatro exércitos. Assim como o Xadrez atual, seu tabuleiro é composto por 64 casas (8 linhas x 8 colunas). Entretanto, ao invés de haver apenas dois exércitos, ele era composto por quatro exércitos distintos, com quatro tipos de peças/forças em seu exército. Baseado nas forças militares da época, havia elefantes, cavalos, navios/carruagens, infantaria e o Rajá (que seria o Rei). O objetivo do Chaturanga era fazer com que seus peões alcançassem o lado oposto do tabuleiro, onde seriam promovidos para um Elefante ou Navio, o que aumentaria a força de seu exército; outro objetivo

era fazer com que seu Rajá chegasse ao local de origem do Rajá inimigo, sendo assim, você conquistaria todo o seu poderio bélico e deveria ir em busca de dominar o Rajá inimigo (Forbes, 1860). Naquele período, entretanto, o jogo era composto por quatro jogadores, mas após algumas jogadas o jogo mantinha-se como uma disputa entre duas pessoas.

Após alguns anos, o Chaturanga ganhou espaço no Império Persa. Foram os persas que introduziram conceitos como *Shat* (Xeque) e *Shat-Mat* (Xeque-Mate), onde o Rajá é emboscado, capturado ou morto, o que indicava o final da partida (Davidson, 1949). Segundo a lenda de sua introdução no reino Persa (Forbes, 1860), no período de domínio de Alexandre, o Grande, havia um Rei chamado Kaid, que era apaixonado por guerras. Após conquistar todos ao seu redor, teve paz de seus inimigos. Então, decidiu dedicar-se aos princípios de justiça, honra e verdade, pelos quais se fez notório entre seus servos. Depois de certo período, a paz constante lhe parecia entediante demais, mas devido ao seu senso de justiça, não achava correto entrar em guerra com aqueles que já lhe estavam submissos. Logo, ele tornou-se depressivo. Esse Rei tinha um ministro chamado Sessa, o qual ouvia diariamente os murmúrios do Rei acerca de sua saudade de conquistas e campos de batalha. O ministro então disse que havia um jogo pelas redondezas que poderia trazer a alegria do Rei novamente, pois continha um contexto de batalhas, conquistas, honras, entre outros. Ao sair da presença do Rei, solicitou aos seus servos que fossem atrás do tabuleiro. Entretanto, devido à complexidade do jogo, decidiu adaptá-lo para maior compreensão e engajamento por parte do Rei, segundo a sua capacidade intelectual. Ele fez com que o tabuleiro tivesse trinta e duas peças, e os peões agora possuiriam os mesmos privilégios. Apresentou-o ao Rei, que se deleitava noite e dia no jogo. Alegre com tudo aquilo, o Rei decidiu recompensar o ministro com qualquer bem que ele desejasse em todo o reino. Sabiamente, pediu que para a primeira casa do tabuleiro, ele recebesse um grão de trigo, dois para a segunda casa, quatro para a terceira, e assim sucessivamente, até completar as sessenta e quatro casas. O Rei pensou ser muito insignificante seu pedido para tamanha sabedoria, mas quando seu tesoureiro fez os cálculos, descobriu que nem todos os grãos da Terra somados e multiplicados milhões de vezes poderiam satisfazer a recompensa solicitada. Percebendo a sabedoria de Sessa, decidiu chamá-lo para ser seu conselheiro pessoal e ministro da Fazenda do Rei. De acordo com a lenda, foi o que aconteceu.

Após a conquista dos árabes do território da Índia, em 651, o Chaturanga foi amplamente divulgado pela região, sendo a partir de então modificado para o Xatranje. Contudo, não foi tão fácil assim. No início, o Xatranje chegou a ser rechaçado porque, aparentemente Maomé, segundo intérpretes, no quinto capítulo do Alcorão verso 90, faz alusão negativa às imagens (e o Xatranje havia imagens de elefantes, cavalos e etc). Por conta disso, para se evitar escândalos, começou-se a utilizar figuras feitas de madeira ou marfim, mas sem muita forma (Forbes, 1860). Essa versão conhecida por Xatranje permaneceu em vigor do século VI até o XV da Era Cristã. Foi nesse

período que o jogo passou a ser estudado em suas fases (abertura, meio de jogo e final) e seus respectivos detalhes. O tabuleiro permaneceu como antes, mas suas casas divididas em brancas e negras. Há muitas semelhanças com o nosso Xadrez moderno tais como, os Reis permanecem opostos, criaram uma peça chamada Vizir (Conselheiro) ou o que chamamos de Dama, os peões, entretanto, só podiam mover-se uma cada por vez, ainda que no lance inicial. O Rei, o Cavalo e a Torre se moviam exatamente como o fazem agora. Permanecia ainda o Elefante (equivalente o Bispo) que se movia diagonalmente (FORBES, 1860).

O Xatranje chegou a Europa por volta do século X através da conquista da Espanha, onde passou por algumas adaptações (Yalom, 2004). O Rajá passou a se chamar Rei, não haveria mais um Conselheiro (Vizir), mas uma Dama (inclusive até a regra de promoção dos peões proibira que este tornasse Dama se já houvesse alguma no tabuleiro, porque o Rei não poderia ser poligâmico), o Elefante foi substituído pelo Bispo (pois a Igreja é quem daria conselhos ao Rei); a Torre e o Cavalo permaneceram como dantes (Yalom, 2004). Essas mudanças aconteceram por volta do século XV, aproximadamente no ano de 1475, e causou grande rebuliço em toda a Europa. Devido a mudança das peças e seus respectivos movimentos, o conhecimento que havia até então tornou-se ultrapassado, sendo necessário novas estratégias que contemplassem as mudanças (Forbes, 1860). Assim, o jogo adquiriu sua forma mais moderna.

O Xadrez moderno tornou-se esporte quando foi criada a FIDE (Federação Internacional de Xadrez) em 20 de Julho de 1924, e foi reconhecida pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) como uma Federação Esportiva de cunho internacional em 1999 (FIDE, 2009). A partir de então, o Xadrez passou a ter regras fixas e ser regulamentado. Para se ter uma ideia, a FIDE é a terceira maior federação esportiva do mundo, atrás apenas da FIFA e COI. Além disso, ele chegou a ser usado também durante o período da Guerra Fria, como uma demonstração de superioridade intelectual, seja do Regime Socialista ou Capitalista (Schmemann, 2016). No Brasil, o Xadrez chegou na era colonial trazido pelos portugueses. Como houve um aumento na prática do Xadrez, foi fundada no mesmo ano da FIDE, a CBX (Confederação Brasileira de Xadrez), órgão responsável pela promoção da modalidade e eventos no país (UFPE, 2014).

Certamente o Xadrez é um dos mais antigos e populares jogos mentais do mundo. Sem sombra de dúvidas, é um esporte para todos, onde todos (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, mulheres e homens, ricos e pobres) tem a igual chance de vencer. Sendo parte integrante de nossa cultura moderna, e visto como uma forma desejável de se melhorar capacidades cognitivas e afetivas, o Xadrez vem ganhando cada vez mais adeptos como uma ferramenta pedagógica.

O Xadrez sempre foi reconhecido mundialmente como um jogo que exige bastante de capacidades intelectuais, usado seja como passatempo ou até mesmo para ensino de estratégia militar (Dias, 2012). Algo bastante atraente no Xadrez, é que

o jogador não pode contar com a sorte, pois tudo o que acontece durante a partida depende inteiramente da habilidade e esforço do indivíduo, que deve compreender determinadas posições e avaliar movimentos a partir delas, bem como analisar certos movimentos e possíveis sequências (Bart, 2004). Todo esse processo de raciocínio produz apenas um resultado: a vitória ou a derrota.

O Xadrez é um sistema fechado, com possibilidades finitas de movimentos, mas que não deixam de ser vastas. Para se ter uma ideia, apenas para a primeira jogada, as brancas podem realizar 20 jogadas diferentes e as negras podem responder com outras 20 possíveis jogadas. Incrível não? Por isso, esse jogo costuma ser descrito como uma ciência, uma arte e um esporte.

O Xadrez tem importante contribuição no campo da educação, pois desenvolve o pensamento crítico e lógico, habilidade de análise e resolução de problemas, memória, capacidade de concentração e coordenação visuo-manual, confiança, paciência, determinação, equilíbrio emocional e espírito esportivo (FERGUNSON, 1995; LIPTRAP, 1998; HONG e BART, 2007; CAMPITELLI e GOBET, 2008).

Um pesquisador belga chamado Christiaen (1976) conduziu um estudo para averiguar se o jogo de Xadrez poderia acelerar o processo de maturação intelectual a partir da Teoria de Piaget. Segundo Piaget, há um importante período de crescimento que acontece aproximadamente entre os 11 e 15 anos de idade, onde há uma transição do Estágio Operatório-Concreto (estágio 3) para o Estágio Formal (estágio 4). Nessa fase de transição, a criança consegue entender além do que é visível/concreto e começa a criar hipóteses e deduções abstratas, desenvolvendo maior complexidade lógica e de julgamento. Ainda segundo Piaget, o estímulo ambiental é capaz de acelerar ou retardar essa maturação. A partir dessa lógica, Christiaen introduziu aulas de Xadrez após a escola durante 42 semanas para 20 crianças, sendo que outras 20 faziam parte do grupo controle. Os enxadristas obtiveram ganhos significativos em relação ao grupo controle nos testes de Piaget que avaliam o desenvolvimento cognitivo. Além disso, foram significativamente melhores nos testes do 5º e 6º anos produzidos por uma agência externa que não conhecia a identidade dos dois grupos, provando que o Xadrez contribui no desempenho escolar.

Na década de 60 (apud ICA, 2009), o psicólogo Adrian de Groot, decidiu estudar sobre o uso do Xadrez como ferramenta educacional. Ele queria analisar as consequências de atividades cognitivas no comportamento, encontrando diferenças notórias entre os jogadores com muita habilidade e experiência para os iniciantes. Em seguida, averiguou se esses enxadristas possuíam maior capacidade de organizar suas ideias e memorizar essas linhas de pensamento. Entretanto, ele percebeu que eles não eram superiores aos iniciantes, embora tivessem um brilhante raciocínio capaz de, a partir de determinada posição, em cerca de 5 segundos, reconhecer uma complexa configuração e decidir pelo melhor movimento corretamente. O pesquisador então concluiu que esses jogadores mais experientes eram capazes de reconhecer padrões dentro do jogo e associá-los com os devidos movimentos para alcançar sua

meta estratégia. Portanto, há uma especulação de que o Xadrez promova o crescimento dos dendritos dos neurônios.

Estudos posteriores realizados no Estados Unidos confirmaram esses resultados (Ferguson, 1986; Vail, 1995). Os pesquisadores concluíram que um conhecimento significativo é armazenado na memória conectado a como se fossem pacotes de informação, que são reconhecidos e acionados conforme a necessidade.

Mas se engana quem pensa que as melhoras em enxadristas se restringem apenas ao campo matemático. Numa pesquisa conduzida por Margulies (1992), durante o ano escolar americano de 1991, um estudo teve por objetivo saber se a prática do Xadrez na escola poderia melhorar a capacidade de leitura em uma comunidade escolar do Distrito 9 de Nova York. Localizado em um bairro pobre, essa comunidade sempre obteve as piores notas em leitura e matemática de todas as 32 comunidades de escolas de Nova York. Os resultados foram fantásticos. Ao final do ano letivo, os estudantes aumentaram em cerca de 5.37% a pontuação no ranking nacional em relação ao mesmo período do ano anterior. Eles também obtiveram significativo aumento nas habilidades de leitura em relação ao grupo controle, que inclusive poderia escolher livremente fazer qualquer outra coisa durante o horário da aula, seja ler, estudar matemática ou ciências sociais. Alguns do grupo controle até tiveram mais aulas de Literatura do que os que faziam Xadrez, mas mesmo assim, os enxadristas foram melhores no pós-teste.

Outro estudo realizado por Liptrap et. al (1998), teve por objetivo documentar o efeito da participação em clubes de Xadrez nos testes escolares do Ensino Fundamental. Havia quatro escolas de Ensino Fundamental em regiões suburbanas em Houston, Texas. Eles compararam os 3º e 5º anos das escolas participantes com os 4º e/ou 5º anos das não participantes. Foram verificados um aumento significativo nas notas em Matemática e Literatura.

O jogo de Xadrez influencia também o comportamento. Ele ensina as crianças o valor do trabalho duro e sua gratificação (ICA, 2009), bem como a canalizar seu stress em algo aceitável socialmente, seguro, em um ambiente controlável. Em Nova York, educadores da Roberto Clemente School, relataram a redução de cerca de 60% em incidentes dentro e fora da escola após a implantação do programa de Xadrez.

Ferguson (2000) nos diz porque o Xadrez possui tamanho impacto.

“Brevemente, parece haver pelo menos sete fatores significantes:

1. Xadrez engloba todos os tipos de forças;
2. Xadrez fornece uma vasta quantidade de problemas para praticar;
3. Xadrez oferece punições e recompensas imediatas nas resoluções de problemas;
4. Xadrez cria um padrão no sistema de pensamento que, quando usado fielmente, gera sucesso;

5. Fator competição. A competição gera interesse, promove um alerta mental, desafia os estudantes e traz uma sensação de realização;
6. Um ambiente de aprendizagem organizado causa efeitos positivos em direção ao conhecimento. O jogo os motiva tanto que desejam resolver problemas e passar horas imersos no pensamento lógico.
7. Xadrez oferece uma enorme quantidade e variedade de problemas. Os contextos são familiares, os temas se repetem, mas as posições do jogo nunca. Isso torna o jogo fascinante. ”

A partir desse leque de incríveis competências trabalhadas, é que o jogo tem ganhado tanta força e voz como uma ferramenta pedagógica, pois ele alcança locais em nossa mente inalcançáveis apenas pelo currículo tradicional. Por causa disso, cada vez mais pesquisas têm sido feitas para explorar o impacto de programas de Xadrez na área cognitiva, acadêmica e comportamental dos estudantes.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é investigar a importância do Xadrez como uma ferramenta pedagógica escolar.

2 | METODOLOGIA

Essa pesquisa terá um cunho transversal e um caráter descritivo. Foram avaliados 84 alunos, entre 11 e 15 anos, sendo 36 praticantes e 48 não praticantes de Xadrez, no colégio SESI do Distrito Federal.

O instrumento que será utilizado será o Teste de Quociente de Inteligência (QI), a segunda versão conhecida por Escala de Inteligência Stanford-Binet, que foi desenvolvida pelo psicólogo da Universidade de Stanford chamado Terman (1916). Apesar dos tantos anos desde a sua criação, ela continua sendo aplicada como um teste válido (Tudela, 1984; Cherry, 2016), elaborado para medir capacidades como raciocínio lógico, reconhecimento viso-espacial, memória e inteligência.

Os alunos tiveram 45 minutos para responder 60 questões. As questões foram explicadas aos alunos, sem, contudo, lhes dar uma clara ajuda, o que poderá interferir no exato quociente de inteligência.

Posteriormente, foi feita uma análise descritiva por meio de média, de desvio padrão, de gráficos e de tabelas.

3 | RESULTADOS

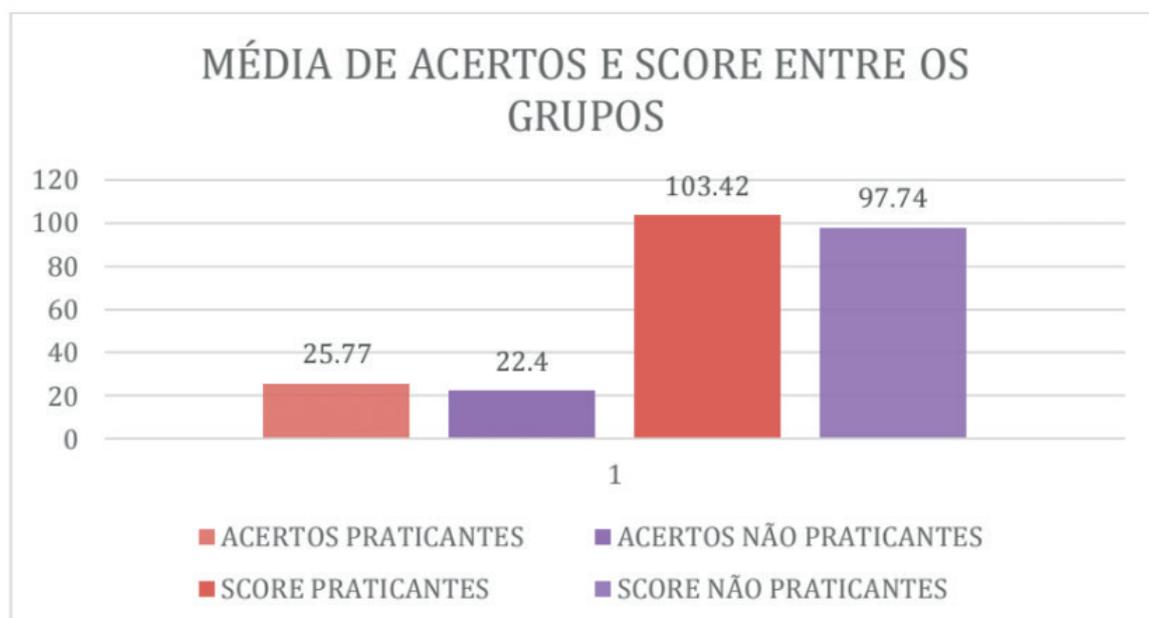


Gráfico 1: Média de acertos e score entre os dois grupos.

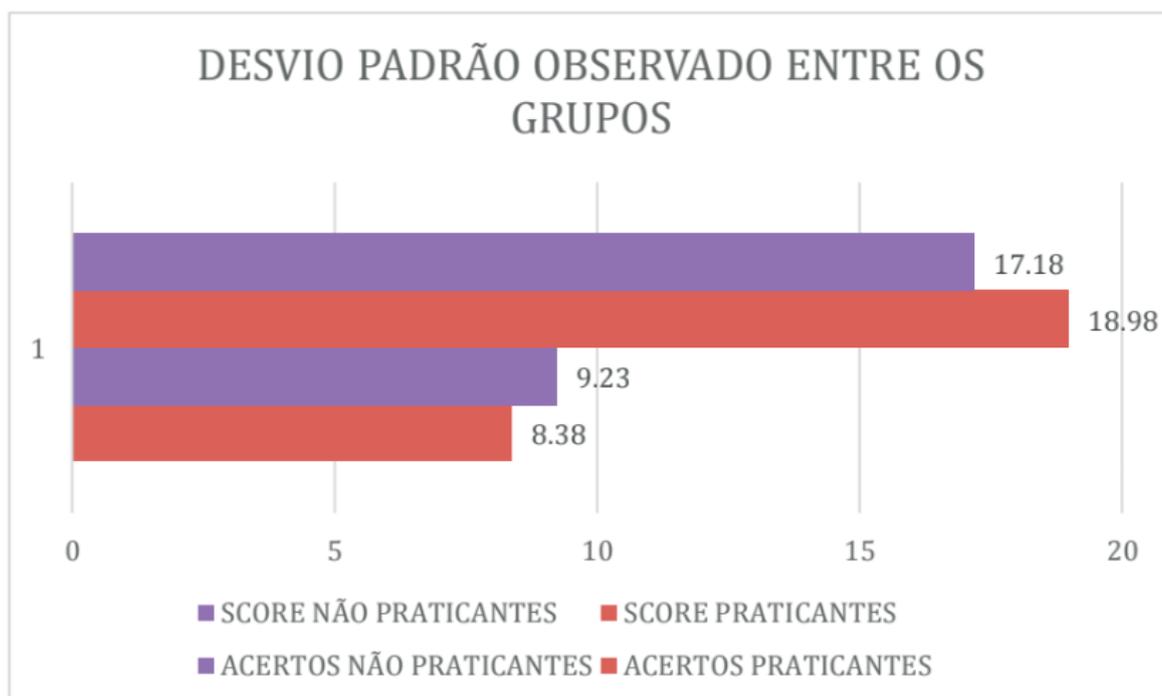


Gráfico 2: Desvio padrão observado entre os índices dos dois grupos.

4 | DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi investigar a importância do Xadrez como uma ferramenta pedagógica escolar, tendo por hipótese que os alunos praticantes da modalidade apresentariam maior Quociente de Inteligência do que os não praticantes. Os resultados demonstraram maiores índices de acertos e de score para os alunos

praticantes de Xadrez. A alta oscilação observada no desvio padrão dos scores se dá pelo fato da pontuação variar segundo a idade do indivíduo. Se um indivíduo tiver o mesmo número de acertos do que o outro, mas for mais jovem, seu score será maior.

Este estudo corrobora com a literatura. Durante os anos de 1979 a 1983, a Venezuela protagonizou um projeto que visava “Ensinar para Pensar”, que treinou cem mil professores para que ensinassem habilidades de raciocínio para cerca de quatro mil estudantes do 2º ano. A conclusão da intervenção revelou ser o Xadrez um incentivo suficiente para acelerar o aumento do Quociente de Inteligência (QI) para crianças de mesma idade e sexo, independente da condição econômica a que pertencem (TUDELA, 1984).

Outro estudo (1979-1983) realizado na Pensilvânia (apud Ferguson, 1983), revelou que o grupo que participou de aulas de Xadrez teve resultados consistentemente melhores que o grupo controle para atividades de raciocínio, usando a Avaliação de Pensamento Crítico de Watson-Glaser e o Teste Torrance de Pensamento Criativo como métodos de comparação. Apesar do método de avaliação ter sido diferente, os ganhos na capacidade cognitiva são semelhantes.

O Xadrez é uma atividade que não exclui ninguém, independente de cor, raça, cultura e classe social (LEVY, 2001). Todos podem se beneficiar desse incrível jogo. Um estudo realizado nos anos 2000 por Storey (apud Barrett e Fish, 2011), defendeu a importância do ensino de Xadrez também para alunos especiais como estratégia para melhorar sua concentração, auto estima, solução de problemas, pensamento estratégico e lúcido, e criatividade. Segundo ele, alunos especiais não costumam pensar estrategicamente, e descobriu que o Xadrez poderia ser usado como ferramenta para demonstrar aos estudantes a recompensa de tarefas e estudos, tendo em vista que seus efeitos são imediatos. Além disso, o Xadrez seria uma ferramenta para que os professores pudessem ensinar processos de resolução de problemas, pois há numerosos problemas matemáticos associados ao tabuleiro e ao jogo. Essa linha de pensamento também foi seguida por Barrett e Fish (2011) que buscou explorar o uso do jogo de Xadrez para melhorar o entendimento matemático de alunos especiais durante o ano inteiro. Ao término da intervenção, os resultados mostraram uma significativa diferença nas notas de matemática desses alunos.

Portanto, sabendo do impacto cognitivo, acadêmico e comportamental fruto da modalidade, a pergunta que se faz é a seguinte: “Qual seria a melhor intervenção para um Programa de Xadrez: inserido no currículo tradicional ou praticado como uma atividade extraclasse?” Foi essa pergunta que levou Nicotera e Stuit (2014) a realizarem uma revisão de literatura de 51 artigos para saber a respeito. Os resultados mostraram que os alunos que tiveram um programa de Xadrez como componente curricular da escola melhoraram significativamente não somente no âmbito matemático, mas também cognitivos. A revisão sugere que, por fazer parte do dia a dia escolar, a instrução conduz o aluno a maior frequência, fazer parte do programa por um maior período de tempo, e possibilita a conexão com conteúdos existentes no currículo

tradicional.

5 | CONCLUSÃO

Em vista dos fatos mencionados ao longo deste trabalho, é evidente a influência que o Xadrez pode trazer para auxiliar nesse processo, atuando na área cognitiva e social dos indivíduos, contribuindo também em seu desenvolvimento integral.

Entretanto, especialmente em Brasília, apesar do crescimento recente de projetos que buscam ressuscitar o Xadrez escolar (seja incluído no currículo ou como atividade extraclasse), ele ainda é mais praticado em clubes. Os pais que decidem matricular seus filhos nesses clubes, sabem da importância desse exercício intelectual em ajudar seus filhos na escola, especialmente em Matemática. Alguns pais também veem o Xadrez como uma atividade que traz benefícios sociais. Você deve ser um bom perdedor ou vencedor, ter um espírito esportivo. Ademais, é um jogo justo e democrático, e não é de difícil aplicabilidade pois seus custos são inferiores comparados a outras atividades. Para se tornar um piloto ou coisa do tipo, você precisa ter uma boa condição financeira; mas no caso do Xadrez, tudo o que você precisa é de um tabuleiro e 32 peças. Logo, porque não começar?

Em relação a história do Xadrez, estudos futuros deveriam ser feitos com vistas o relato desde sua chegada ao Brasil, bem como de sua expansão ao longo dos anos. Basicamente, não foram encontrados estudos a fundo sobre sua gênese em terras brasileiras.

Sobre os testes de QI aplicados, sugerimos que os próximos estudos sejam feitos com uma faixa etária mais homogênea para melhor averiguação, bem como estudos pré e pós intervenções.

REFERÊNCIAS

BARRET, David C.; FISH, Wade W. **Our move: using chess to improve math achievement for students who receive special education services**. International Journal of Special Education. Texas, Vol 26, No: 3, 2011.

BART, W. **Cognitive enhancement: An approach to the development of intelligence**. Artigo apresentado no Encontro Anual da American Psychological Society. Chicago, 2004.

CAMPITELLI, G.; GOBET, F. **The role of practice in chess: A longitudinal study**. Learning and Individual Differences, 18, 446-458, 2008.

CHRISTIAEN, J. (1976). **Chess and cognitive development**. Unpublished doctoral dissertation, Gent National University, Belgium.

DAVIDSON, Henry A. **A short story of chess**. Nova York: Greenberg, 1949.

DIAS, Sérgio N. **A prática pedagógica do jogo de xadrez no Centro Educacional 07 do Gama**. Monografia feita pela Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

FERGUSON, Robert. **Teaching the Fourth 'R' (Reasoning) through Chess**, School Mates, 1(1), p. 3, 1983.

FERGUSON, Robert. **The ESEA Title IV-C project: Developing critical and creative thinking through chess**. Artigo apresentado na Conferência Anual da Pennsylvania Association for Gifted Education. Pittsburgh, 1986.

FERGUSON, Robert. **Chess in education research summary: A review of key chess research studies**. Artigo apresentado na BMCC Chess in Education, "A Wise Move" Conference, Nova York, 1995.

FERGUSON, Robert. **The Use and Impact of Chess**. Seção B do USA Junior Chess Olympics Curriculum, 2000.

FIDE - Federação Internacional de Xadrez. Disponível em: <https://www.fide.com/fide/fide-world-chess-federation.html>. Acesso em: 28 de Fevereiro de 2017. Atenas: Fide, 2009.

FORBES, Duncan. **The history of Chess; From the time of the early invention of the game in India till the period of its establishment on Western and Central Europe**. 1ª ed. London: W. H. Allen & Company, 1860.

HONG, S.; Bart, W. M. **Cognitive Effects of Chess Instruction on Students at Risk for Academic Failure**. International Journal of Special Education, 22(3), 89-96, 2007.

ICA- INLAND CHESS ACADEMY. **Educational benefits of chess – Brief review of academy literature**. Disponível em: http://www.inlandchess.org/ICA_benefits_summary_201405.pdf. Acesso em: 01 de Março de 2017. Washington, 2009.

LEVY, Evan. **Check Mates**. Disponível em: http://www.geocities.ws/chess_camp/time_article.pdf. Acesso em: 01 de Março de 2017. Estados Unidos, 2001.

LIPTRAP, James M. **Chess and standard test scores**. Publicado no Chess Life, Março de 1998, p. 41-43.

NICOTERA, Anna; STUIT, David. **Literature review of chess studies**. Basis Policy Research, Novembro de 2014

MARGULIES, Stuart. **The Effect of Chess on Reading Scores: District Nine Chess Program Second Year Report**. Nova York, 1992.

SCHMEMANN, Serge. **When chess was a battle of superpowers**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/>. Acesso em: 2 de Março de 2017. Nova York: NEW YORK TIMES, 2016.

TUDELA, Rafael. **Learning to Think Project**. Commission for Chess in Schools, Anexo pp. 1-2, 1984.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.ufpe.br/magistralxadrez/>. Acesso em 28 de Fevereiro de 2017. Recife, 2014.

VAIL, K. **Check this, mate: Chess moves kids**. American School Board Journal, 182(9), p. 38–40, 1995.

YALOM, Marilyn. **The birth of the chess Queen**. 1ª ed. Inglaterra: HarperCollins, 2004.

ANÁLISE DOCUMENTAL DOS TRABALHOS ACADÊMICOS PUBLICADOS E EM ANDAMENTO OBTIDOS POR MEIO DAS AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO RUAS DE LAZER NA COMUNIDADE DA VILA DA BARCA NA CIDADE DE BELÉM-PA

Alex Anderson Braga Gonçalves

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Luiz Leopoldino Gonçalves Neto

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Paulo Victor Nascimento Torres

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Maria De Nazaré Dias Bello

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Mariela De Santana Maneschy

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

RESUMO: O número de projetos sociais vem crescendo no Brasil. Na cidade de Belém - PA, existe o Projeto Ruas de Lazer, que promove a prática de exercícios físicos à comunidade da Vila da Barca. Este artigo tem como objetivo realizar uma análise documental dos trabalhos acadêmicos, publicados e em andamento, obtidos por meio das ações deste projeto. Neste estudo documental, foram analisados os

registros físicos e imateriais do Projeto Ruas de Lazer, no período entre 2014 a 2017, no que tange às pesquisas científicas realizadas a partir das ações do projeto, sejam elas já publicadas ou em andamento. Foram obtidos os seguintes resultados: em 2014, nenhum trabalho foi produzido e/ou publicado; já em 2015, apenas um trabalho foi escrito. Em 2016, este trabalho foi publicado; já em 2017, houve um aumento significativo no interesse em publicações sobre este projeto social: 54% dos autores manifestaram interesse em publicar os artigos, enquanto que 46% não possuíam interesse em publicações. Conclui-se que tais projetos ainda necessitam de um número maior de pessoas interessadas em realizar pesquisas científicas, visto que a quantidade de material identificado não foi significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Comunidade, Publicação.

ABSTRACT: The number of social projects has been growing in Brazil. In the city of Belém-PA, there is the *Ruas de Lazer* Project, which promotes the practice of physical exercises to the community of Vila da Barca. This article aims to carry out a documentary analysis of the academic paper, published and in progress, obtained by the actions of this project. In this documentary study, the physical and immaterial records of the *Ruas de Lazer* Project were

analyzed in the period between 2014 to 2017, about the scientific research carried out from the project actions, whether they are already published or in progress. The following results were obtained: In 2014, no paper was produced and/or published; As of 2015, only one paper was written. In 2016, this paper was published; Thus in 2017, there was a significant increase in the interest in publications about this social project: 54% of the authors expressed interest in publishing the articles, while 46% had no interest in publications. It is concluded that such projects still require a larger number of people interested in conducting scientific research, since the amount of material identified was not significant.

KEYWORDS: Leisure, Community, Publication.

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, vem crescendo o número de projetos sociais vinculados às atividades físicas e esportivas, tanto no âmbito das instituições públicas quanto privadas. Esses projetos sociais são destinados, em sua maioria, às crianças e adolescentes das periferias dos grandes centros urbanos do país e têm como discurso central a ocupação do tempo livre desses indivíduos (GONÇALVES, 2003; GUEDES *et al.*, 2006; BRETÂS, 2007; THOMASSIM, 2007)

Segundo Janczura (2012), os projetos sociais focalizam, majoritariamente, a inclusão social, constituindo-se como alternativa de lazer para crianças e adolescentes em situação de risco. Silveira (2013) e Melo (2012) afirmam que parte significativa desses projetos está vinculada às políticas compensatórias e assistencialistas, cujo foco principal é amenizar as desigualdades decorrentes de um sistema político-econômico que perpetua as injustiças sociais.

Para Araújo *et al.* (2012), os projetos sociais podem contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, desde que orientados pedagogicamente por teorias e práticas que não estejam assentadas em representações cristalizadas acerca do esporte, que o concebem como algo naturalmente positivo. Entretanto, é necessário realizar pesquisas científicas e, conseqüentemente, publicações deste material para sistematizar o conhecimento acerca dos projetos sociais em andamento no Brasil.

Esta pesquisa justificou-se devido à importância de se obter informações acerca do quantitativo de trabalhos acadêmicos que já foram publicados, tendo como base os dados obtidos por meio das ações do projeto de extensão Ruas de Lazer, bem como dos estudos que ainda estão em andamento e almejam uma futura publicação. Desta forma, este estudo é relevante, pois faz uma análise das estratégias de ensino, pesquisa e extensão vinculadas ao referido projeto, visando a oferecer contribuições significativas para as próximas ações.

2 | OBJETIVO

Este estudo teve por objetivo realizar uma análise documental dos trabalhos acadêmicos publicados e em andamento obtidos por meio das ações do projeto de extensão Ruas de Lazer na Comunidade da Vila da Barca na cidade de Belém-PA.

3 | METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo documental, no qual foram analisados os registros físicos e imateriais do Projeto Ruas de Lazer, desde o seu nascimento até os dias atuais (2014 a 2017), no que tange às pesquisas científicas realizadas a partir das ações do projeto, sejam elas já publicadas ou em andamento.

Segundo Severino (2016, p. 131), “no caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”. Assim, esta pesquisa objetivou analisar dados extraídos desses documentos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, a partir dos quais pôde-se desenvolver uma investigação.

Dentre os documentos disponíveis para análise estavam fotos, banners, slides de apresentação do projeto, documentos institucionais, planos de trabalho, registros impressos e digitalizados, acesso a publicações e trabalhos em andamento realizados por acadêmicos de cursos de Bacharelado em Educação Física, de duas Instituições de Ensino Superior do setor privado de ensino.

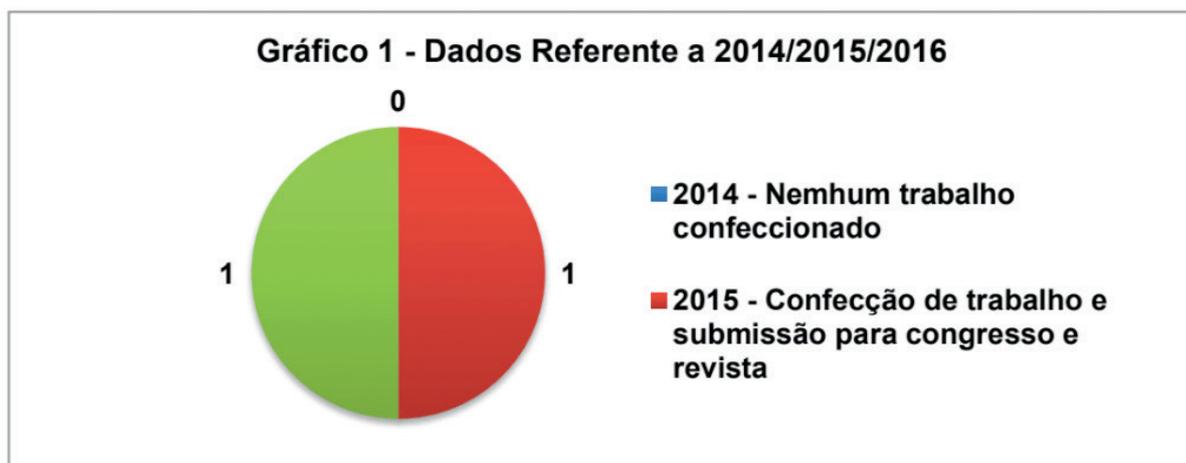
O Projeto Ruas de Lazer funciona nas dependências da Associação dos Moradores da Vila da Barca – AMVB, bem como nas praças públicas e quadras de esportes desta comunidade, situada na Rua Professor Nelson Ribeiro, N° 66, Bairro do Telégrafo, CEP: 66113-075, na cidade de Belém, Pará.

Como critérios de inclusão do estudo, foram utilizados apenas documentos produzidos no período compreendido entre os anos de 2014 e 2017 e que apontassem para o registro de alguma publicação científica já realizada com base em dados extraídos das ações do projeto, estudos que estivessem em andamento e que almejassem uma possível publicação, artigos, pôsteres, projetos de pesquisa, livros ou capítulos de livros.

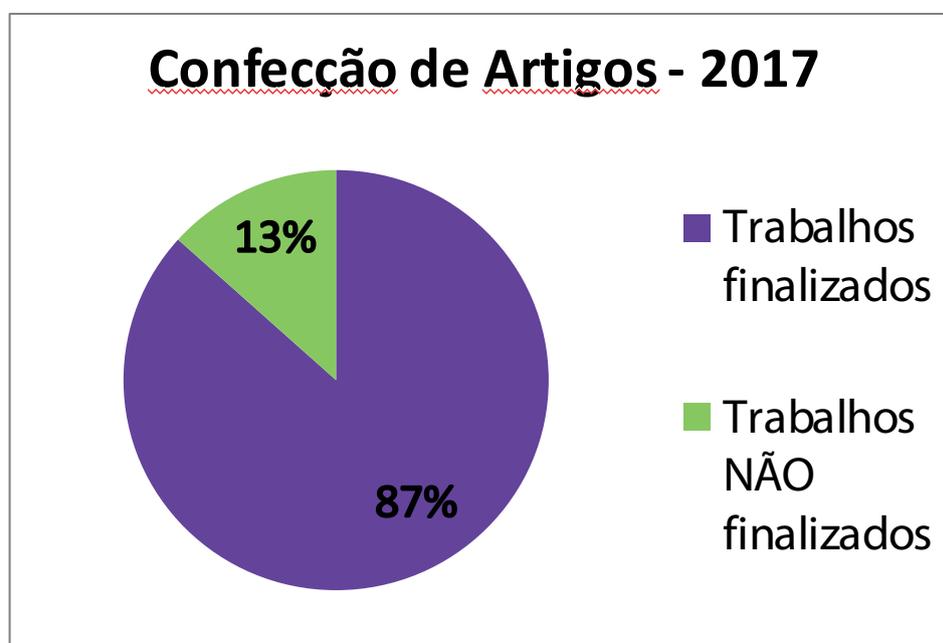
Já como critérios de exclusão, foram eliminados documentos produzidos por outros cursos que não os de Bacharelado em Educação Física, publicações impressas e digitais sem cunho científico, trabalhos que não apresentassem caráter acadêmico ou documentos sem relevância científica, registros de caráter político, eleitoral, mercadológico, que visassem apenas a propaganda, divulgação ou marketing de uma marca, produto, evento ou candidato

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

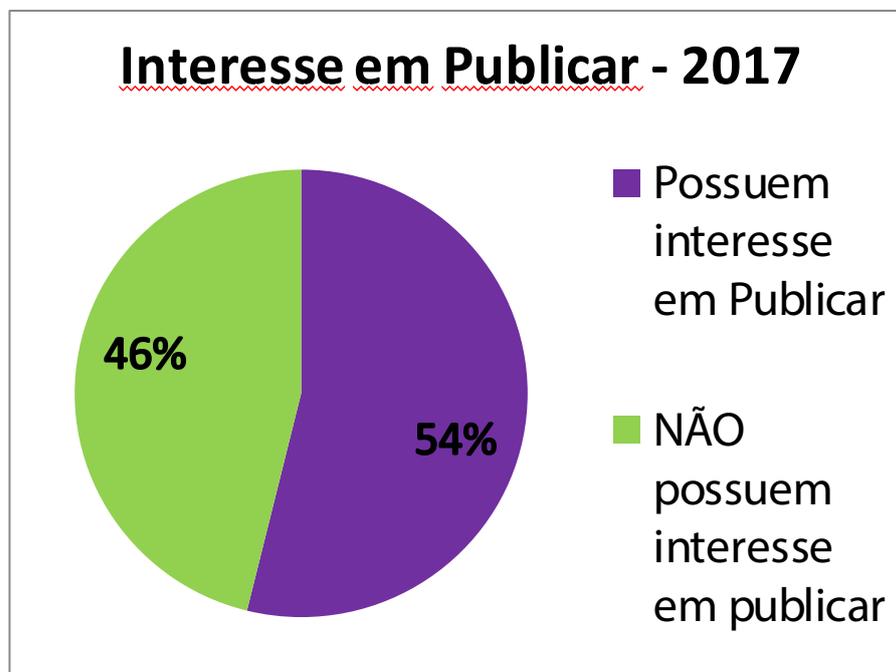
Por meio dos procedimentos metodológicos da pesquisa descritos, foram obtidos os seguintes resultados:



Conforme dados apresentados no gráfico acima, identifica-se que em 2014 nenhum trabalho foi confeccionado e não houve interesse em se iniciar a produção de alguma pesquisa científica sobre o Projeto Ruas de Lazer. Já em 2015, houve o interesse e posterior confecção de apenas um trabalho, que foi submetido para análise do corpo editorial de uma revista científica e seu resumo foi enviado para análise de um congresso da área. Em 2016, tanto o resumo quanto o artigo na íntegra foram aprovados pelas respectivas comissões científicas e foram devidamente publicados, isto é, em uma revista científica e nos anais do referido congresso.



Já no ano de 2017, houve um aumento significativo tanto no interesse em produzir trabalhos científicos sobre o Projeto Ruas de Lazer, quanto na devida publicação dos mesmos, acarretando o seguinte resultado: 87% dos trabalhos iniciados foram finalizados e apenas 13% desses trabalhos não foram concluídos pelos autores.



Ainda em 2017, foi realizado um levantamento acerca dos interessados em publicar os artigos científicos produzidos e finalizados e obteve-se o seguinte resultado: 54% dos autores manifestaram interesse em publicar os artigos, enquanto que 46% não possuíam interesse em publicar este material.

Com base no presente estudo, pode-se verificar que o número de pesquisas científicas publicadas não foi significativo, apesar do interesse de alguns grupos em publicar os dados coletados nas ações do projeto. Isto pode ser justificado visto que os projetos sociais elaborados foram realizados por meio de instituições particulares e sem apoio do governo, o que inviabiliza a aquisição de recursos e auxílios para a realização de estudos mais sistematizados.

O Projeto Ruas de Lazer teve como objetivo principal a melhoria das condições de vida de idosos e crianças da comunidade vila da barca e, sob este ponto de vista, vem tendo êxito na proposta que permeia suas atividades. Os profissionais e acadêmicos de educação física tiveram uma importância significativa neste projeto, pois elaboraram trabalhos para orientar e propiciar um exercício físico de qualidade aos moradores desta comunidade, mesmo sem gerar o número desejado de publicações desses dados coletados durante suas ações.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos resultados, pôde-se inferir que projetos sociais como o Ruas de Lazer trazem diversos benefícios para as comunidades onde são executados, pois viabilizam a prática orientada de exercícios físicos de forma segura e eficaz, além de proporcionarem a esta comunidade acesso a modalidades que muitos deles nunca tiveram sequer o primeiro contato.

Porém, tais projetos ainda necessitam de um número maior de pessoas

interessadas em realizar pesquisas científicas, visto que a quantidade de material identificado não foi significativa, o que dificulta a divulgação dos mesmos. Também se pode entender que não há muito interesse pela iniciativa pública em projetos desse cunho, pois nessa pesquisa podemos perceber que tanto o projeto Ruas de Lazer quanto outros do mesmo segmento são organizados a partir de associações, iniciativa privada ou dos próprios moradores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. C. de; CAVALCANTI, L. M. B.; TASSITANO, R. M.; LACERDA, E. P. de; TENÓRIO, M. C. M. **Formação e atuação pedagógica no programa segundo tempo: reflexões sobre o fazer cotidiano do professor.** Motrivivência, ano 24, n. 38, jun. 2012.

BRETAS, A. **Onde mora o perigo?** Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade. Educação, Esporte e Lazer. boletim 9, jun. 2007.

GONÇALVES, M. A. R. **A vila olímpica da Verde-e-Rosa.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GUEDES, S. L.; DAVIES, J. D'Ângelo; RODRIGUES, M. A.; SANTOS, R. M. **Projetos sociais esportivos:** notas de pesquisa. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Niterói. Anais. Niterói, 2006.

JANCZURA, R. **Risco ou vulnerabilidade social?** Textos e Contextos. Porto Alegre, v. 11, n. 2, ago./dez. 2012.

MELO, M. P. **Políticas sociais de esporte e lazer, sociedade civil e teoria de estado:** a defesa da radicalidade Gramsciana. **Motrivivência**, ano 24, n. 38, jun. 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, J. **Considerações sobre o esporte e o lazer:** entre direitos sociais e projetos sociais. Licere, v. 16, n. 1, 2013.

THOMASSIM, L. E. C. **Os sentidos da exclusão social na bibliografia da educação física brasileira.** Movimento, v. 13, n. 1, 2007.

AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA VIA DE MÃO DUPLA?

Ligia Maria Bacelar Schuck Vicenzi
André Ribeiro da Silva
Vânia Lurdes Cenci Tsukuda
Maikel Schuck Vicenzi
Eldernan dos Santos Dias
Guilherme Lins de Magalhães
Jitone Leônidas Soares

RESUMO: O presente capítulo tem por objetivo investigar as estratégias de avaliação utilizadas nas aulas de Educação Física. O pressuposto teórico adotado consiste na ideia de que, os métodos de avaliação deveriam ser utilizados pelo professor com a intenção de diagnosticar o que os alunos já sabem, o que eles precisam saber, analisando assim todo o processo de ensino/aprendizagem com um olhar voltado não apenas para o aluno, mas também para o professor. Realizando assim a reconstrução das estratégias metodológicas, toda vez que for constatada baixa aprendizagem através da avaliação formativa. Nessa vertente, o professor deverá utilizar a avaliação não para classificação e sim para construção do currículo, colocando-se como sujeito ativo na aquisição da aprendizagem, ao invés de deixá-la a cargo do interesse do aluno, pois quando às estratégias metodológicas são eficientes a aprendizagem ocorre, ela não precisa apenas

do interesse do aluno, antes depende muito mais da criatividade e interesse do professor em trabalhar baseado no nível em que o seu público alvo está inserido, partindo sempre do que é significativo para o aluno. A atual prática da avaliação escolar tem mostrado como sua função é muito mais classificação e não o diagnóstico. Essas classificações são determinadas em números que somadas ou divididas tornam-se médias. Entretanto, segue-se aqui com uma ideia de avaliação inovadora, com a finalidade de auxiliar na reflexão sobre a prática e retornar a ela, transformando-a como indutora dos próximos currículos.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação diagnóstica e formativa; ensino-aprendizagem; Educação Física.

ABSTRACT: This chapter aims to investigate the evaluation strategies used in Physical Education classes. The theoretical assumption adopted is that the evaluation methods should be used by the teacher with the intention to diagnose what the students already know, what they need to know, thus analyzing the entire teaching / learning process with a focused look Not only for the student, but also for the teacher. In this way, the reconstruction of the methodological strategies is done, whenever there is a lack of learning through formative evaluation. In this section, the teacher should use the evaluation not for classification but for the construction of

the curriculum, placing as an active subject in the acquisition of learning, rather than leaving it to the student's interest, because when the methodological strategies are efficient Learning takes place, it does not only need the interest of the student, but rather depends much more on the creativity and interest of the teacher in working based on the level at which his target audience is inserted, always starting from what is significant for the student. The current practice of school evaluation has shown how its function is much more classification and not the diagnosis. These classifications are determined in numbers that add up or divide into averages. However, it follows here with an idea of innovative evaluation, with the purpose of assisting in reflection on the practice and returning to it, transforming it as an inductor of the next curricula.

KEYWORDS: Diagnostic and formative evaluation; Teaching-learning; PE.

1 | INTRODUÇÃO

Estima-se que dentre os processos educativos a avaliação seja um dos mais difíceis e importantes, pois se entende que coloca em xeque a eficiência do trabalho docente. Assim, uma didática eficaz produzirá bons resultados, no entanto, se a didática não conseguir motivar o aluno a construir o conhecimento, os resultados não serão de excelência e sem dúvida bons ou ruins eles serão constatados através de uma avaliação coerente.

Dentre os grandes desafios educacionais atuais destaca-se a motivação do aluno, o ato de instigá-lo para aprender, pois o professor não é mais o dono do saber e o aluno não aprende apenas durante as aulas, se ele se interessar pelo assunto, o que não falta são veículos que viabilizem o aprendizado. Portanto, mais que dominar o conteúdo o professor deverá ser um motivador, um incentivador para que o aluno forme o seu conhecimento, justificando, assim, a avaliação como uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que o professor mensura a aprendizagem do aluno, ele também mensura a funcionalidade do seu trabalho.

A avaliação na perspectiva atual não deve em hipótese alguma ter como foco principal quantificar a aprendizagem, ela deve ter como propósito a indução do currículo. A partir dos resultados da avaliação, a metodologia, a didática deve ser reestruturada, visando o desenvolvimento da aprendizagem. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (1997), a avaliação deverá ocorrer em todo o processo educativo, inicial (diagnóstico), durante e depois (formativo), oportunizando a partir dos resultados adequações na metodologia.

Desde o início da escolarização brasileira a avaliação foi utilizada apenas para promoção ou retenção dos alunos, no entanto, há avanços surgindo na área educacional. Estudos como os de Charles Hadji (1994), Jussara Hoffman (2000), Cipriano Luckesi (2008), Neus Sanmartí (2009), Pedro Demo (2008), Philippe Perrenoud (1999), dentre outros, foram importantíssimos para a construção de renomadas literaturas, como

exemplo o Livro Metodologia do Ensino de Educação Física que apresenta uma nova concepção de avaliação, contudo essa mudança ocorre na literatura e na prática fica a desejar, pois muitas escolas ainda insistem em utilizá-la apenas como ferramenta de classificação.

Segundo as atuais Tendências Pedagógicas, a chamada Progressista, a Humanista e a Cultura Corporal, a avaliação deverá ser utilizada como indutora de currículo, não apenas para classificar os alunos em aprovados ou reprovados, mas buscar conhecer a realidade e atuar sobre ela, como afirma Castellani Filho et al, 2009, p.96, “A avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos”. Com base neste novo currículo encontramos a Avaliação como uma nova tecnologia da Educação, tecnologia essa voltada para a promoção do saber através da análise de todo o contexto educacional e de todos os envolvidos, visando melhoria na aprendizagem através da re-organização do ensino, essa tecnologia destaca-se muito das demais presentes na sala de aula por interdepende de recursos tecnológicos devendo estar presente em todo o ambiente educativo, desde a escola do meio rural até às escolas das grandes metrópoles, assim ressalta-se a importância da adequação desta nova tecnologia da Educação em todo o ambiente educativo.

O grande desafio do ensino da Educação Física na atualidade é não formar apenas atletas, indivíduos com a motricidade superdesenvolvida, mas, principalmente formar integralmente o indivíduo, pois se compreende que não dá para separar corpo de mente. Assim, ao avaliar, deverá buscar a comprovação do aprendizado visando a resignificação do processo de ensino/aprendizagem e não apenas punindo o aluno, pois ele não é o único responsável pelo sucesso ou insucesso da aprendizagem. Corroborando com Reis (2014, p. 21),

Ao constatar que o aluno não aprendeu, o docente deverá realizar uma reflexão para descobrir o porque que o conteúdo não foi aprendido e que os resultados obtidos através das avaliações se tornem indicadores de currículo para os próximos planejamentos. Um erro comum de grande parte dos professores é se sentirem donos do saber, autodidatas e infalíveis. No entanto, se o aluno não aprende é necessário realizar uma análise e descobrir o porque ele não está aprendendo, reconhecendo principalmente que o trabalho do professor é muito diferente do trabalho do juiz, pois o juiz elabora sentenças e o professor transforma realidades.

Partindo dessa vertente, de viabilizar a aprendizagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam a avaliação de forma processual e contínua, começando no início do processo e acompanhando todo o seu desenvolvimento, como é possível se constatar em Brasil 1997 *apud* Reis 2014:

A avaliação é parte fundamental para a construção do conhecimento, pois é neste momento que o docente percebe onde está o erro e ao invés de aplicar a punição (reprovar) deverá reconstruir o planejamento a partir dos resultados observados. Visando sanar a dificuldade ou problema, este tipo de avaliação, onde os resultados servem de indicadores de fragilidades, é denominada pelo PCN de Avaliação Formativa.

Contudo, o PCN, sugere três tipos de avaliação, a avaliação diagnóstica, onde, como o próprio nome já sugere, o professor inicialmente realiza uma avaliação diagnóstica para conhecer o nível da turma e a partir dos resultados ele traça seus objetivos e estratégias de ensino. Como já citada, a avaliação formativa, onde o professor avalia todo o processo de ensino e utiliza estes resultados como indutores de currículo, servindo para ajustar toda a didática de ensino e por fim a avaliação somativa, que como o próprio nome já sugere, segue avaliando e classificando os alunos no fim de um semestre, bimestre ou trimestre, do curso, do ano letivo, tendo como base os níveis de aproveitamento, esta, caracteriza-se também por ser quantitativa, tem a função de quantificar, medir o aprendizado adquirindo assim os requisitos básico para a classificação final.

A avaliação é uma excelente ferramenta de promoção de aprendizagem, pois se a partir do momento que o professor observa às dificuldades ele traça estratégias que venham suprir estas necessidades, o aprendizado se dará de forma muito mais eficiente. Portanto, cabe ressaltar que quando se trata das dificuldades de aprendizagem dos alunos, não podemos nos atentar apenas para o campo procedimental ou atitudinal, precisamos utilizar como parâmetro o campo atitudinal, pois muitas vezes a partir das atitudes, comportamentos podemos conhecer melhor os nossos alunos e intervir no campo da personalidade que para os alunos da Educação Infantil e do Fundamental I essa vertente deverá ser objeto de estudo e ensino, tendo em vista que a personalidade da criança está numa fase de formação, o que permite interferências com maior facilidade e chances de sucesso, assim ao avaliar o professor não poderá atentar-se apenas para a parte motriz, ele deve estar atento a todos os comportamentos e atitudes, em todas as áreas do conhecimento esta análise é necessária, porém na Educação Física ela se torna mais eficiente porque o principal instrumento de trabalho do professor são os alunos, o trabalho é mais direto o que permite maior conhecimento e viabilizando melhor interferência.

Muitos dos comportamentos apresentados durante às aulas, ao serem trabalhados favorecem mudanças significativas no comportamento posterior do aluno, como exemplo alunos individualistas, o professor desenvolve atividades de cooperação, alunos que burlam às regras, o professor estabelece combinados imprescindíveis entre a turma e o coloca como um dos avaliadores, depois como jogador, ou mesmo o professor expõe às regras e frisa bastante a importância de todos às respeitarem e segui-las.

A avaliação nas esferas procedimental, conceitual e atitudinal em Educação Física se torna mais evidente que nas demais disciplinas porque na Educação Física o conteúdo não é só “estudado”, mas sim vivenciado, e durante esta vivência o processo avaliativo deverá ser amplo, viabilizando ao professor conhecer o aprendizado da turma e através de variados instrumentos (seminários, diários de bordo, questionários, bate-papo, dentre outros) ele poderá constatar se os objetivos da aula foram alcançados e a depender dos resultados, qualificar os próximos planejamentos.

Este estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica, através do debate literário dos renomados autores: Jussara Hofmman (1993), Neus Sanmartí (2009), Cristina Suraya Darido (2001), Pedro Demo (2008), Libâneo (1994), Lukei (2008), dentre outros. Assim, buscar-se-á compreender a importância, as possibilidades e as finalidades de utilização da avaliação. Assim, serão discutidas consignas relacionadas a: O que é avaliação? Para que serve? Todos que avaliam sabem realmente o que e como avaliar? O qualitativo sobrepõe o quantitativo?

Portanto, o maior objetivo deste capítulo é conhecer a relevância da avaliação nas aulas de Educação Física, enfocando os resultados da mesma na indução do currículo e os objetivos gerais da avaliação, o que, para que e como avaliar, visando melhorias na prática educativa. Assim, pretende-se com este estudo, explorar a importância da avaliação para concretização da aprendizagem; evidenciar as vantagens de utilizar a avaliação como indutora de currículo e descrever possíveis contribuições da avaliação para a construção do saber, visando assim melhorias na prática educativa do pesquisador e de futuros leitores deste manuscrito.

PROBLEMATIZAÇÃO

O que motivou a construção deste capítulo e conseqüentemente tornou-se o problema de pesquisa foram às dúvidas e incertezas relacionadas a: Qual a função da Avaliação nas aulas de Educação Física? partindo desse pressuposto, busca-se compreender a importância da avaliação e os métodos coerentes de avaliação através dos estudos realizados com esta pesquisa bibliográfica.

A grande incógnita da avaliação na Educação Física, é justamente a função, o objetivo, a utilidade da avaliação, pois conforme afirma Brasil (1997, p. 41), “a avaliação deve ser de utilidade, tanto para o aluno como para o professor, para que ambos possam dimensionar os avanços e as dificuldades dentro do processo de ensino e aprendizagem e torná-lo cada vez mais produtivo”. No entanto, analisando o cenário educacional, é possível perceber que os professores têm variado o critério avaliativo, pois sempre que é citado o tema avaliação, é destacado a teoria e a prática, portanto, no entanto, se o grande desafio da Educação Física na atualidade é formar seres reflexivos, desenvolvidos integralmente, mente e corpo, não podemos nos atentar apenas para a teoria ou a prática, o caráter reflexivo deve acontecer e envolver ambas as partes envolvidas.

Sendo este um dos pontos fundamentais para a construção da aprendizagem, espera-se que ele seja eficiente, que vise à qualificação da prática docente e que viabilize maior aprendizado para o aluno, assim justifica-se a importância desse capítulo, conhecer estudos em variadas referências bibliográficas que viabilizem a construção de estratégias que favoreçam a utilização da avaliação em favor do crescimento da aprendizagem.

Além da variar os instrumentos da avaliação, a grande maioria dos professor também precisam mudar a finalidade, pois, não podemos nos restringirmos apenas aos aspectos quantitativos, é necessário uma estreita relação com os qualitativos, relacionando-se assim a prática docente à qualificação da mesma a partir dos resultados observados.

No entanto, entende-se que as práticas avaliativas devem ser fornecedoras de indícios para a compreensão de uma rede complexa da prática pedagógica do professor de Educação Física, sendo mais específica, compreendendo-se que é através da avaliação que é observado o que foi aprendido, também será por meio dela que se deve observar o que foi ensinado, para que a partir desta análise, sejam realizados qualificações em toda a didática do professor.

DISCUSSÃO

Com base nas literaturas pesquisadas, a Avaliação em Educação Física tem progredido rumo ao que é considerado o ideal, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, porém, muito ainda precisa ser mudado para que tais mudanças possam fazer a diferença no contexto educacional.

No que tange à Avaliação, pode se constatar que é outro fator muito relevante a ser analisado e modificado. As pesquisadoras Renata Gomes de Souza Fernandes e Renata Machado de Assis, durante o ano letivo de 2007, realizaram uma pesquisa intitulada: “A avaliação realizada pelos professores nas aulas de Educação Física”. Segundo elas, o principal objetivo foi revelar a realidade da Educação Física no âmbito escolar, enfatizando as formas de avaliação ou de verificação da aprendizagem dos alunos. As autoras afirmam que os professores cometem equívocos no que tange as metodologias de avaliação, pois quase totalidade dos docentes avaliados acreditam que realizam uma avaliação coerente e justa, eles justificam esta afirmação com o simples fato de diversificarem os instrumentos avaliativos. Porém, além da variação dos instrumentos, os professores precisam variar também os indicadores, para que a prática se torne mais eficaz. Segundo à compreensão das autoras, estes procedimentos comprometem o ato avaliativo, e os professores observados não abordam em seus planejamentos, no campo avaliação objetivos definidos para avaliar o aluno e nem tampouco sua própria didática, tendo em vista que segundo às orientações de renomados autores a avaliação deverá ser ampla avaliando todos os envolvido no processo.

Assim, o sucesso ou insucesso de uma determinada turma, grupo, escola, etc., muito dependerá da eficácia do processo avaliativo, pois, se este é um indutor de currículo, ele agirá como regulador do processo ensino/aprendizagem, pois para que haja aprendizado, muito depende do processo de ensino, a partir da realidade observada, o professor deverá re-significaras estratégias metodológicas, e estas deverão ser

construídas partindo sempre da realidade local, das fragilidades encontradas durante a avaliação diagnóstica e em todo o decorrer do processo ensino/aprendizagem, o que confirma a justificativa da utilização da avaliação formativa como indutora de currículo.

A Educação Física enquanto componente curricular deve ser responsável por introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal que contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento, “com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde”. (BRASIL, 1997, p. 27)

Partindo do pressuposto acima, da Educação Física como componente curricular que não se restringe apenas ao desenvolvimento motor do indivíduo, mas antes formadora de indivíduos capazes de viver, conviver e interagir na sociedade em que está inserida, que utiliza o movimento para promover saúde, lembrando que saúde não significa ausência de doenças, mas sim, bem estar físico e mental, por isso é tão importante que o professor avalie todos os campos, inclusive o atitudinal, que em muitos casos fica esquecido frente a ênfase que é dado no campo procedimental e conceitual.

Os estudos da avaliação em Educação Física ganham fôlego em meados da década de 1970,[...]. Com o passar das décadas, a construção do conhecimento na área indicou novas possibilidades e novos referenciais, sobretudo nacionais, pautados na ética, nas diferenças e na *avaliação formativa*. Apesar dos avanços teóricos, trabalhos como o de Hoffmann (2001), na Educação em geral, e de Alegre (1993), na Educação Física, têm demonstrado uma insatisfação por parte dos professores quanto à prática avaliativa no processo ensino-aprendizagem, o que traz à tona a necessidade de refletirmos acerca do que está sendo produzido no cotidiano escolar, principalmente nas aulas de Educação Física. (SANTOS, 2011, p. 14)

Diante do exposto, não podemos negar que embora a realidade da avaliação no campo da Educação Física esteja avançando no decorrer dos anos, muito ainda deverá ser feito. Nesse sentido, os professores precisam compreender que a avaliação não é punição, avaliação é uma excelente contribuinte do trabalho docente, desde que faça parte de todo o processo de ensino aprendizagem. Durante a fase diagnóstica, por exemplo, ela é importante para construção do currículo/planejamento, no processo ela contribui para analisar a relação da realidade com o planejamento construído, fornecendo subsídios para mudanças no planejamento. E ao fim do processo ela possibilita acessar o nível de aprendizagem do aluno. Assim, podemos afirmar que a avaliação sempre oferece consignas necessárias para a construção de um currículo eficaz, através de ajustes em todo o decorrer do processo.

Na concepção de Fernandes (2005), a avaliação formativa possui várias características, dentre elas podemos destacar:

“- Ativam os processos mais complexos do pensamento (Ex. analisar, sintetizar, avaliar, relacionar, integrar, selecionar); - As tarefas refletem uma estreita relação

e a avaliação é deliberadamente organizada para proporcionar um *feedback* inteligente e de elevada qualidade tendo em vista melhorar as aprendizagens dos alunos; - O *feedback* é determinante para ativar os processos cognitivos e metacognitivos dos alunos, que, por sua vez, regulam e controlam os processos de aprendizagem, assim como para melhorar a sua motivação e auto-estima; - A natureza da interação e da comunicação entre professores e alunos é absolutamente central porque os professores têm de estabelecer pontes entre o que se considera ser importante aprender e o complexo mundo do aluno; - Os alunos são deliberados, ativos e sistematicamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, responsabilizando-se pelas suas aprendizagens e tendo amplas oportunidades para elaborarem as suas respostas e para partilharem o que, e como, compreenderam; - As tarefas propostas aos alunos que, desejavelmente, são simultaneamente de ensino, de avaliação e de aprendizagem, são criteriosamente selecionadas e diversificadas, representam os domínios estruturantes entre as didáticas específicas das disciplinas, que se constituem como elementos de referência indispensáveis, e a avaliação, que tem um papel relevante na regulação dos processos de aprendizagem; - O ambiente de avaliação das salas de aula induz uma cultura positiva de sucesso baseada no princípio de que todos os alunos podem aprender.” (FERNANDES, 2005, p. 68-69)

Santos (2011) aborda a ideia debatida nos parágrafos anteriores, onde foi apresentada a avaliação como instrumento de promoção de aprendizagem, desde que seja utilizada em todo o processo de ensino/aprendizagem.

Entendendo que as práticas avaliativas são fornecedoras de *indícios* para a compreensão da rede complexa da prática pedagógica mais ampla da professora de Educação Física, dito de outro modo, se é por meio da avaliação que se observa o que foi aprendido, será também por meio dela que se observará o que foi ensinado, determinando quais objetivos são considerados relevantes e quais os seus limites; como afirmam Hadji (1994); Sacristán (1998); Perrenoud (1993; 1999); Hoffmann (1993; 1999; 2001); e Fensterseifer (1996), é possível identificar, ao mergulharmos no cotidiano escolar, uma estreita convergência entre a complexidade de *saberes e fazeres* avaliativos com a complexidade de *saberes e fazeres* da prática pedagógica mais ampla. (SANTOS, 2011, p.16).

Para Santos (2017, p. 20) “O termo “avaliação” transcende os testes cognitivos aplicados aos estudantes”, assim, podemos entender que avaliar em Educação Física vai além de notas, representando todo o conjunto da esfera educacional, e devendo incluir todos os envolvidos no processo educacional.

CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas neste capítulo objetivaram abordar a avaliação, enquanto uma nova tecnologia educativa, no que diz respeito a sua função dentro do processo educativo.

Assim, compreende-se que a avaliação por muito tempo foi utilizada como mecanismo de medida de aprendizagem, voltando-se os resultados apenas para o interesse e capacidade do aluno, porém, com a continuidade, percebeu-

se que a avaliação ao invés de simples balança de medir aprendizagem, ela é um fundamental instrumento para a construção do currículo, pois segundo as concepções contemporâneas, a avaliação deverá servir de base para estrutura e se necessário reestrutura do planejamento, visando sempre à formação de indivíduos críticos, capazes de atuar ativamente na sociedade em que estão inseridos.

A avaliação está muito mais relacionada ao currículo do que o que nós estamos acostumados a considerar. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o mais coerente a fazer, é realizar a avaliação diagnóstica, a partir do observado desenvolver planejamento, levando em consideração variados fatores, como: conhecimento prévio do aluno, contexto em que ele está inserido, pois o trabalho educativo deverá sempre partir da realidade do aluno, nível maturacional etc.. Partindo deste pressuposto, o professor deverá constantemente avaliar e ajustar o planejamento através dos resultados obtidos, visando sempre a promoção do saber e o desenvolvimento do aluno em todos os aspectos, sendo eles nos campos procedimental, conceitual e atitudinal.

Assim, a avaliação deverá ser utilizada como instrumento de ajuste, re-significando e qualificando a prática docente. Vale ressaltar também a importância da abordagem dos temas transversais na sala de aula, eles contribuem para a formação de valores, nestes termos o professor também deverá avaliar o comportamento dos alunos durante às aulas, e se esta encontrar-se fragilizada o professor deverá criar estratégias metodológicas que sanem o problema relatado, pois devemos zelar pela formação continuamente de seres capazes de interagir e relacionar-se com a sociedade em que está inserido.

A avaliação é um dos pontos chave da prática docente, pois através dela o professor constata o aprendizado, a mudança de comportamento, etc. O termo avaliação não deve apenas remeter a uma prova escrita ou algo semelhante, ela deve constantemente fazer parte do fazer docente, tanto para observar como para intervir em cima dos resultados observados. Uma ferramenta avaliativa muito eficiente na formação integral do indivíduo é a auto avaliação, durante a mesma o aluno tem a oportunidade de refletir sobre o seu desempenho, e buscar o desenvolvimento. Em suma, do planejamento eficaz e da avaliação coerente depende o sucesso das intervenções, pois, deve integrar o aluno e levá-lo para o contexto a ser trabalhado, tornando-o sujeito ativo na prática da atividade e preparando-o para atuar de forma competente na sociedade em que está inserido.

Nestes termos, conclui-se este capítulo, justificando a importância da avaliação na docência da Educação Física afirmando que ela, a avaliação, favorece o desenvolvimento da aprendizagem quando realizada em todo o processo educativo, fase diagnóstica até a conclusiva, sendo ela uma via de mão dupla por se tratar de observar criteriosamente os resultados obtidos e partindo deles qualificar o trabalho, então a mão de via dupla pode ser denominada avaliação e planejamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Metodologia do ensino da educação física/Lino Castellani Filho...[et al.]. – 2. Ed. Ver. - São Paulo ; Cortez: 2009..

DARIDO, S. C. **Os conteúdos de Educação Física na escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em educação física escolar**. Niterói, v. 2, n.1, p. 5-25, 2001.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa: polêmicas do nosso tempo**. Campinas, SP: AutoresAssociados, 2008.

ESTEBAN, Maria Teresa. 4. ed. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 29-50.

FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. **Avaliação da aprendizagem dos alunos do curso graduação em educação física UFSM**. 1996. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Curso de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

FERNANDES, Domingos. **Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas**. Cacém: Texto Editores, 2005.

FERNANDES, Renata Gomes de Souza; ASSIS, Renata Machado de. **A avaliação realizada pelos professores nas aulas de Educação Física**. in: XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano. Infância, Sociedade e Cultura – ISSN 1982-0186. UFG. 2015, 21p.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed Editora Ltda, 1. _____. Avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade**. 17.^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI. Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Dirlene Maria Bueno Marimon. **Avaliação em educação física escolar: uma reflexão acerca dos critérios que orientam a prática docente**. Porto Alegre, 2006. 71p. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2006. 1. Educação física 2. Avaliação 3. Critérios. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/academia/monodir.pdf> Acesso em: 17 abril 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Aavaliação no ensino**. In: SACRISTÁN, J. Gimeno;SANMARTÍ, Neus. **Avaliar para Aprender**. Porto Alegre: Artmed 2009.

SANTOS, Wagner dos. **Avaliação na Educação Física escolar: do mergulho à Intervenção**. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Alexandre André dos. **O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Sinaeb)** : proposta para atender ao disposto no Plano Nacional de Educação/ Alexandre André dos Santos, João Luiz Horta Neto, Rogério Diniz Junqueira. – Brasília, DF : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. 56 p. – (PNE em Movimento ; ISSN 2448-4288 ; 7) doi: 10.24109/2448-4296.seriepne.2017.7

TURRA, C. M. G.; ENCONTE, D.; SATÁNNA, F. M. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: PUC – EMMA, 1975.

ZABALA, Antoni. **Prática Educativa**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

COMPARATIVO ENTRE O PERFIL DE DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES REPETENTES E NÃO REPETENTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Judite Filgueiras Rodrigues

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - São Luiz Gonzaga – RS - Brasil.

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Tubarão/SC – Brasil.

Judite_rodrigues@outlook.com

Carla Vasconcelos De Menezes

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Tubarão/SC – Brasil.

Carla.demenezes@outlook.com

Eder Menuzzi

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - São Luiz Gonzaga – RS – Brasil.

edmenuzzi@yahoo.com.br

Lucas Kemmerich Dornelles

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - São Luiz Gonzaga – RS – Brasil.

lucaskdornelles86@gmail.com

RESUMO: Durante seu desenvolvimento, a criança pode apresentar atrasos motores que influenciam no seu processo de aprendizagem, aumentando os índices de reprovação escolar, daí a necessidade de uma avaliação motora específica para detectar tais atrasos numa tentativa de amenizar possíveis prejuízos associados. Este estudo teve como objetivo comparar o perfil motor de escolares dos anos

iniciais do Ensino Fundamental que sofreram repetência com os não repetentes. A população foi crianças matriculadas na rede pública municipal e estadual, com amostra organizada em dois grupos: experimental e controle. Do Grupo Experimental participaram de 40 crianças de 07 a 11 anos de idade cronológica, com repetência em alguma série. O grupo Controle foi composto pelo mesmo número de escolares, com mesmas idades cronológicas e gênero, sem repetência. Nestes grupos aplicou-se o protocolo Escala de Desenvolvimento Motor - Rosa Neto (2002). Assim, construíram-se os indicadores para analisar os parâmetros previamente definidos: etapas para estimar o perfil motor dos escolares. Os resultados apontaram que existe uma diferença entre as idades cronológica e motora, ($IMG < IC$). Estes resultados permitem afirmar que o desenvolvimento da idade motora geral, motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, rapidez, organização espacial, linguagem, organização temporal e lateralidade nos escolares investigados, apresentaram-se de maneira não linear, isto é, ocorreu uma variabilidade de acordo com a idade, gênero e grupo independente de reprovação em alguma série. Esta investigação indica que estas crianças podem estar passando por uma fase de instabilidade no desempenho motor para atingir tais níveis no seu desenvolvimento.

DESCRITORES: Aprendizagem. Motricidade. Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT: The purpose of this research to compare the motor profile of schoolchildren from the initial years of Elementary School who have undergone repetition with non-repeating children. It sought to understand the need to overcome some paradigms that are invigorating in the daily school life, which can influence the teaching and learning process. The population was composed of children enrolled in the public network, and the sample was organized into two groups: experimental and control. The Experimental Group - 40 children from 7 to 11 years of chronological, who had at least one repetition in some series. The Control group of the same number of schoolchildren, with the same chronological ages and gender, without repetition. These groups were applied the Motor Development Scale protocol - Rosa Neto (2002). Thus, the indicators were constructed to analyze the previously defined parameters: Steps to estimate the motor profile of schoolchildren. The results showed that there is a difference between the chronological and motor ages, ($IMG < IC$). The Control group was composed of the same number of schoolchildren, with the same chronological ages and gender, without repetition. Were applied the Motor Development Scale protocol – Rosa Neto (2002). Thus, the indicators were constructed to analyze the previously defined parameters: steps to estimate the motor profile of the students. The results showed that there is a difference between the chronological and motor ages, ($IMG < IC$). Portant, the development of the general motor, in the students investigated, presented in a non-linear way, that is, a variability occurred according to age, gender and independent group of reprobation in some series.

KEYWORDS: Learning. Motricity. Human development.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo determinar o perfil motor em escolares dos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de São Luiz Gonzaga – RS que sofreram repetência pelo menos em um ano letivo comparada com uma amostra de escolares com a mesma faixa etária e gênero que não sofreram repetência.

Historicamente, as escolas são compostas também por crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, as quais vão gradativamente recebendo o rótulo de repetentes, evadidas e fracassadas, sendo muitas vezes excluídas pela escola que as aceitou no ato da matrícula. O aprendizado é um processo ativo, no qual o aprendiz constrói novas ideias ou conceitos, baseado em seus conhecimentos prévios e os que estão sendo estudados, organizado em sua estrutura mental inata (BRUNER, 1966; PAIN, 2006).

Corroboramos com Macedo e Silva (2003) sobre compreender o fenômeno da aprendizagem, integrando diversas áreas do conhecimento, exige reflexão constante, tanto para quem aprende como para quem ensina. Similarmemente Vygotsky (1987)

destaca o papel do contexto histórico e cultural nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Para esse autor, a vivência em sociedade é essencial para a transformação do ser biológico em ser humano. Esse desenvolvimento acontece pela elaboração das informações recebidas do meio.

De uma perspectiva neurológica, recorreremos a Levin (2003) para dizer que o desenvolvimento sensório-motor é de vital importância para se avaliar como evolui o amadurecimento da função motriz. A função motriz é constituída por sistemas que interagem entre si: o piramidal que efetua os movimentos voluntários; o extrapiramidal incumbido da motricidade automática e de determinar a adaptação motriz de base a diversas situações e o sistema cerebelar, regulador do equilíbrio e da harmonia pertinente tanto aos movimentos voluntários quanto aos involuntários.

No que se refere ao desenvolvimento motor, Rosa Neto (2014) diz que a integração sucessiva da motricidade implica na constante e permanente maturação orgânica, e que o movimento e seu fim representam uma unidade que vai se aprimorando cada vez mais, como resultado de uma diferenciação progressiva das estruturas integrativas do ser humano.

A partir da nossa concepção sobre desenvolvimento motor e aprendizagem, parece-nos essencial dizermos que própria cultura requer das crianças, o domínio de várias habilidades básicas, vistas como alicerce para a aquisição de habilidades motoras especializadas nos domínios cognitivo, afetivo e motor (RODRIGUES, 2015). Nesse sentido, o desenvolvimento motor enfoca o estudo das mudanças qualitativas e quantitativas das ações motoras do ser humano ao longo de sua vida que contribuem na sua aprendizagem.

2 | METODOLOGIA

Este estudo, conforme Sampieri, Colado e Lúcio (2010), caracteriza-se como uma investigação descritiva, correlacional causal e quantitativa. A realização da pesquisa foi autorizada pelas secretarias das redes Municipal e Estadual; as escolas autorizaram a aplicação do protocolo EDM-Escala de Desenvolvimento Motor Rosa Neto; os responsáveis receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação da criança neste estudo e a autorização verbal de cada criança foi considerada.

Obtenção da Amostra

A amostra foi aleatória simples sem reposição, cujos critérios de inclusão foram: ter idade 7 e 11 anos, não apresentar nenhuma patologia, estar matriculado e frequentando regularmente uma das escolas da rede pública do Município de São Luiz Gonzaga RS.

Os escolares foram distribuídos em dois grupos, sendo um o grupo experimental

(E) e o outro controle (C). Do grupo Experimental participaram 40 crianças, na faixa etária de 07 a 11 anos de idade que tiveram pelo menos uma repetência em alguma série. O grupo Controle, foi composto também pelo mesmo número de escolares, com mesmas idade e gênero, que apresentavam nenhuma repetência.

Para avaliar o desenvolvimento motor dos escolares foi utilizado o Kit EDM e a Escala de Desenvolvimento Motor ROSA NETO (2002). Este Kit juntamente com a escala avalia a motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal, e lateralidade, sendo que para cada faixa etária existe um teste pré-determinado. Os testes aplicados iniciaram partir dos cinco anos (idade motora) embora a EDM inicie a partir dos dois anos, por considerar a faixa etária dos escolares dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As idades são expressas em meses.

Análise de dados

Os resultados foram analisados por Statistical Package para o software de Ciências Sociais (SPSS, Chicago, IL, EUA). Os dados são expressos como média \pm DP, e cada valor reflete 40 escolares. As diferenças entre os grupos experimentais foram determinadas pelo teste t de Student. Em todas as comparações, a significância estatística foi estabelecida em $p < 0,05$.

3 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Escala de Desenvolvimento Motor proposta por Rosa Neto (2002) compreende um conjunto de provas diversificadas e de dificuldade graduada, conduzindo a uma exploração minuciosa de diferentes setores do desenvolvimento, permitindo avaliar o nível de desenvolvimento motor da criança de acordo com a IC, considerando êxitos e fracassos. O quadro 01 mostra os testes motores nos componentes da EDM.

Testes	Grupo Experimental	Grupo Controle	Diferença IMG
Motricidade Fina	86	89	3 meses E<C
Motricidade Global	90	104	14 meses E<C
Equilíbrio	100	109	9 meses E<C
Esquema Corporal/Rapidez	86	88	2 meses E<C
Organização Espacial	85	90	5 meses E<C
Linguagem/Org. Temporal	89	90	1 mês E<C

Quadro 01 – Testes Motores

Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores

Nesta escala, teste motor é entendido como uma prova específica que permite

medir uma determinada característica motora de um indivíduo e comparar seus resultados com os de outros indivíduos. Prova motora é definida como um instrumento que designa um conjunto de atividades marcadas para uma determinada IC. Assim, os resultados de uma prova motora permitem determinar o avanço ou atraso motor de uma criança naquele aspecto avaliado. A aplicação destes testes nos escolares sujeitos desta investigação aponta os seguintes resultados:

1) Motricidade Fina - IM1

A motricidade fina refere-se à capacidade de controlar um conjunto de atividades de movimento de certos segmentos do corpo, com um mínimo de força, a fim de atingir resposta precisa à determinada tarefa. IMG grupo E < IMG grupo C em 03 meses.

2) Motricidade Global-IM2

Motricidade global envolve a habilidade de controlar as contrações dos grandes músculos corporais na geração de movimentos amplos. IMG grupo E < IMG grupo C em 14 meses.

3) Equilíbrio – IM3

O equilíbrio é a capacidade do organismo de assumir e sustentar qualquer posição contra a força da gravidade, de forma que todas as forças que agem sobre este corpo são anuladas. IMG grupo E < IMG grupo C em 09 meses.

4) Esquema Corporal/Rapidez – IM4

O esquema corporal refere-se à capacidade de discriminar com exatidão as partes corporais, sustentar ativamente todos os gestos que o corpo realiza sobre si mesmo e sobre os objetos exteriores e organizar as partes do corpo na execução de uma tarefa. IMG grupo E < IMG grupo C em 02 meses.

5) Organização Espacial - IM5

Organização espacial é o conhecimento das dimensões corporais, tanto o espaço do corpo como o espaço circundante, e a habilidade de avaliar com precisão a relação entre corpo e o ambiente. IMG grupo E < IMG grupo C em 05 meses.

6) Linguagem/Org. Temporal – IM6

Organização temporal refere-se à consciência do tempo que se estrutura sobre as mudanças percebidas e caracteriza-se pela ordem, distribuição cronológica, e pela duração dos eventos IMG grupo E < IMG grupo C em 01 mês.

Quando analisado o resultado desta bateria de testes no grupo Controle observamos uma diferença menor, porém estatisticamente significativa em relação à idade cronológica se usado como parâmetro a EDM. Tal diferença mostra que os escolares dos anos iniciais do município de São Luiz Gonzaga, Brasil apresentam uma defasagem no seu desenvolvimento motor em relação a sua idade cronológica. Tal defasagem pode ter atingido também o desenvolvimento cognitivo destes escolares.

	Média IC	Média IMG	Diferença entre IC e IMG
Grupo C	102meses	93meses	IMG<IC 9 meses
Grupo E	111meses	81meses	IMG<IC 30 meses(2a6m)
Diferença Entre C e E	E>C 9meses	E<C 12 meses	-----

Quadro 02 Idade Cronológica e Idade Motora Geral

Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores

Os dados apresentados no quadro 02, mostram o Desenvolvimento Motor de cada grupo e a comparação entre eles.

Além da diferença entre a idade cronológica e idade motora geral do grupo Experimental em relação ao grupo Controle, constatamos também diferença da IMG em relação à IC, em cada grupo. O desenvolvimento motor gera um processo de mudança no comportamento motor, e está relacionado com a idade cronológico sendo seu aprimoramento o ponto de partida do desenvolvimento da criança. Cada criança apresenta seu padrão característico de desenvolvimento, pois suas características inerentes sofrem a influência constante de uma cadeia de transações que se passam entre a criança e seu ambiente (ROSA NETO, 2002). Daí a importância do trabalho consciente do profissional habilitado no desenvolvimento integral da criança.

Escala	Frequência C	% Grupo C	Frequência E	% Grupo E
Muito inferior	2	5	6	15
Inferior	4	10	11	27.5
Normal baixo	6	15	7	17.5
Normal médio	22	55	15	37.5
Normal alto	3	7.5	0	0
Superior	3	7.5	1	2.50
Muito superior	0	0	0	0
Total	40	100	40	100

Quadro - 03 - Avaliação Motora - Grupos Controle e Experimental

4 | CONCLUSÃO

Para traçar o perfil motor em escolares dos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de São Luiz Gonzaga – RS que sofreram repetência pelo menos em um ano letivo e comparar com escolares da mesma faixa etária e gênero que não sofreram repetência foi preciso procurar caminhos certamente já desbravados, mas que hoje se encontram camuflados. Percorrendo uma vasta literatura sobre aprendizagem entendemos que ela acontece de forma diferente, em momentos diferentes em cada sujeito e depende de muitos fatores tanto intrínsecos quanto extrínsecos. Entre esses fatores destacamos a estimulação, o contexto e a gênese.

Em contraponto, existem os problemas de aprendizagem, que também podem se estabelecer da mesma forma dificultando a articulação entre as habilidades cognitiva e a motora, trazendo como consequência demora no desenvolvimento motor, instância indispensável para que a aprendizagem aconteça. Tal “demora” implica em um distanciamento entre o que as crianças aprendem e o que elas poderiam realmente aprender.

De posse dos resultados dos testes motores aplicados aos escolares, podemos afirmar que existe diferença estatisticamente significativa entre a IMG do grupo E se comparado com o grupo C: $IMG < IC$ em 9 meses. Tais diferenças se tornam maiores ainda se comparadas ao referencial usado. No grupo Experimental o $IMG < IC$ em 12 meses. Estes resultados permitem afirmar que o desenvolvimento da idade motora geral, motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, rapidez, organização espacial, linguagem, organização temporal e lateralidade nos escolares investigados, se apresentam de maneira não linear, isto é, ocorreu uma variabilidade de acordo com a idade, gênero e grupo independente de reprovação em alguma série. Isto indica que estas crianças podem estar passando por uma fase de instabilidade no desempenho motor para atingir níveis superiores de desenvolvimento.

Os resultados permitem apontar que as experiências motoras na exploração de seu próprio corpo que deveriam ser acumuladas, por volta dos 6 anos de idade aconteceram, na maioria das crianças, de forma precária, inibindo seu desenvolvimento motor e conseqüentemente sua capacidade de atingir patamares mais elevados na sua aprendizagem. Estes resultados possibilitam concluir que as crianças podem não estar usufruindo das atividades motoras propostas pela escola e em alguns casos, encorajadas pela família. Para que a criança tenha uma aprendizagem significativa é de fundamental importância que ela seja trabalhada em tempo hábil na sua corporeidade.

Portanto, a ação preventiva para o fracasso escolar deve estar presente desde as séries iniciais como uma realidade constante, constituindo uma profilaxia como forma saudável de promover o ensino e a aprendizagem na escola tendo como foco central o desenvolvimento motor da criança. Urge uma teoria de aprendizagem que considere o movimento como expressão do ser humano.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. **The Process of Education**. Cambridge. Harvard University Press: 1966.

LEVIN, E. **Clínica e Educação com as crianças do outro espelho**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda. 2003

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2006.

RODRIGUES, J. F. **Iniciação da Prática Esportiva**. Santo Ângelo: FURI. 2015.

RODRIGUES, J. F. **Educação Física Escolar: aprender com o movimento**. Ijuí: UNIJUI. 2008.

ROSA NETO, F. **Manual de Avaliação Motora**. Porto Alegre-RS: Artemed. 2002.

ROSA NETO, F. **Manual de Avaliação Motora**. Porto Alegre-RS: 2. ed. Artemed. 2014.

SAMPIERI, H; COLLADO, F & Lúcio, B. **Metodología de La Investigación**. México: Mcgran – Hill Interamericana. 2010.

MACEDO, A.M; SILVA, M.C. “**Problemas de aprendizagem: um olhar psicopedagógico.**” Santa Maria: *UFSM*. 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. SP, Martins Fontes. Tradução José Cipolla Neto; Luiz Silveira Barreto; Solange Afeche. 1987.

DESENVOLVIMENTO DO BEISEBOL NO BRASIL

Montenegro Barreto Jesús José

Estudante de Doutorado na Universidade Estadual de Campinas.

Faculdade de Educação Física. Campinas – São Paulo, BRASIL.

RESUMO: Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza documental que tem como Objetivo Geral: Conhecer a evolução do beisebol no Brasil. Como Metodologia realizou-se um levantamento bibliográfico e análise documental da história do beisebol ao nível mundial e no Brasil. Obtendo como Resultado que em Brasil o beisebol iniciou primeiramente com trabalhadores americanos que jogavam entre eles, mas foram os japoneses quem como parte da cultura ensinaram o esporte dentro das colônias nos estados de São Paulo e Paraná até se espalhar pelo território brasileiro. Desde 1936 realizaram-se organizada e oficialmente torneios considerados de nacional brasileiro, porém teve que parar obrigatoriamente devido aos acontecimentos da II Guerra Mundial, e retornando definitivamente já com fundação de federações a partir de 1946. Nos últimos anos o beisebol brasileiro está sendo bem visto internacionalmente graças aos bons resultados de seus jogadores profissionais, pelas conquistas em competições internacionais, e participação no clássico mundial de beisebol

do ano 2013. Com a finalidade de massificar o esporte nas crianças e jovens, existem diferentes projetos entre os que se destaca na cidade de Indaiatuba “Beisebol em apoio ao sistema de ensino”. Além disso, dia a dia são mais pessoas as interessadas em conhecer o beisebol. (crianças, jovens universitários e adultos). Em Conclusão temos que são poucos os estudos científicos relacionados com este esporte no Brasil. Considerando o tamanho do país o beisebol deve ser conhecido por mais pessoas e à aula de Educação Física pode ser um dos lugares onde as crianças e jovens podem aprendê-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte de Equipe, Beisebol, Cultural, Educação Física.

ABSTRACT: This study is a documentary research that has as its General Objective: To know the evolution of baseball in Brazil. As Methodology a bibliographic survey and documentary analysis of baseball history was carried out worldwide and in Brazil. Obtaining as result that in Brazil baseball first started with American workers playing among them, but it was the Japanese who as part of the culture taught the sport inside the colonies in the states of São Paulo and Paraná until it spread throughout Brazilian territory. Since 1936 tournaments considered to have been nationally and officially organized, but had to stop due to the events of

World War II, returning definitely already with the foundations of federations from 1946. In recent years, Brazilian baseball is being well seen internationally thanks to the good results of its professional players, the achievements in international competitions, and participation in the world baseball classic of the year 2013. In order to massify the sport in children and young people, there are different projects among which stands out in the city of Indaiatuba “Baseball in support of the education system”. In addition, day to day are more people interested in knowing baseball. (children, university students and adults). In Conclusion we have few scientific studies related to this sport in Brazil. Considering the size of the country, baseball should be known to more people and Physical Education class can be one of the places where children and young people can learn it.

KEYWORDS: Team Sport, Baseball, Cultural, Physical Education.

1 | INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Beisebol é um esporte praticado por homens e mulheres e que “As primeiras regras do jogo são de 1839, criadas por o norte americano Abner Doubleday Alexander Cartwright”. (DUARTE, 2004). Novaiorquino considerado “O Pai do Baseball”, ele escreveu um conjunto de regras padrão do jogo: 9 jogadores titulares por time e as quatro bases para percorrer. Adicionou os árbitros nas partidas e o vencedor seria a equipe que marcasse primeiro os 21 pontos. Dizem que o beisebol tem raízes do jogo inglês chamado “Cricket”, o qual chega aos Estados Unidos em meados de 1700, com os imigrantes ingleses pertencentes à elite das cidades de Boston e Nova Iorque (TRAVINHA, 2012).

A partir daí o esporte foi crescendo e ganhando popularidade, primeiro foram criados clubes de beisebol ao redor de Nova Iorque, expandindo posteriormente às outras cidades e estados do Norte e depois ao Sul e Oeste dos Estados Unidos. Para o ano 1858 foi criada a National Association of Baseball Players que depois mudaria de nome a Liga Nacional de Beisebol, sendo o esporte profissional ajudou para que começasse a se tornar popular no resto do mundo.

A expansão do beisebol ao nível mundial fez com que muitas nações criassem competições profissionais, em alguns países da Europa, América (Países do Caribe) e Austrália. Isso levou em 1938 a fundação da Federação Internacional de Beisebol (IBAF), para organizar Competições Internacionais. Este esporte já formou parte dos Jogos Olímpicos, como esporte oficial desde 1992 até 2008 (cinco edições consecutivas); sendo excluído do programa Olímpico em 2012 e 2016 (Londres e Rio de Janeiro) e atualmente tem a reinserção para os Jogos Olímpicos Tóquio 2020.

Falar de Beisebol no Brasil é falar de cultura ou tradição Japonesa, porque é essa a população que mais treina durante muitos anos esse esporte neste país, e neste ano 2018 as diferentes colônias japonesas dos diferentes estados brasileiros organizam

comemoração aos 110 anos da imigração japonesa e a Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS) organizaram jogos na categoria adultos nas cidades de Bastos, Presidente Prudente, Maringá e São Paulo.

Tendo uma história de mais de 100 anos é para que o Beisebol fosse um esporte popular entre os brasileiros, mas na realidade não é assim, a maioria dos brasileiros que não tem descendência japonesa ou relação com essa cultura nem conhecem as regras básicas do esporte.

Diante dessa realidade, o presente estudo guiou-se pela seguinte questão-problema: porque o Beisebol não é um esporte popular ou amplamente conhecido no Brasil? Em decorrência dessa questão, buscou-se analisar como é o desenvolvimento do Beisebol no Brasil.

O estudo orientou-se a atender aos seguintes objetivos específicos: (a) pesquisar o tema do Beisebol no Brasil, de modo a evidenciar a sua origem e evolução histórica; (b) identificar os logros ou conquistas como seleção Brasileira de Beisebol e individualmente dos jogadores; (c) conhecer os programas de massificação que existem para motivar as crianças treinar este esporte.

Para isso, a opção metodológica foi pela revisão bibliográfica, e análise documental da história do Beisebol ao nível mundial e no Brasil, de modo a viabilizar uma análise mais apurada do tema, por meio dos referenciais teóricos.

2 | METODOLOGIA

O presente estudo é documental de caráter descritivo onde a opção metodológica foi pela revisão bibliográfica, o qual ajudou analisar o desenvolvimento do Beisebol ao nível mundial e no Brasil; Os estudos de caráter descritivo buscam descrever as características de certas populações ou grupos e estabelecer relações entre as variáveis desejadas. (GIL, 2002).

Uma das classificações de um trabalho científico, para Fonseca (2009), representa a revisão bibliográfica, na qual deve possuir foco em um tema, no intuito de conseguir fazer o levantamento de pesquisas em diferentes fontes teóricas (FONSECA, 2009). Neste estudo foram utilizados como fontes teóricas: os sites web, livros, revistas, jornais e fotografias.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a metodologia utilizada neste estudo que serviu de base para este artigo, os resultados obtidos e análises realizadas, considerou-se coerrente, estruturar este tópico em três partes, sendo elas: (a) Evolução Histórica do Beisebol no Brasil; (b) Logros do Beisebol Brasileiro; e (c) Programas de Massificação do Beisebol.

3.1 Evolução Histórica do Beisebol No Brasil

No Brasil o Beisebol é conhecido como esporte dos japoneses, mas ele chegou primeiro através dos norte-americanos, funcionários da companhia de eletricidade “Light and Power”, Companhia Telefônica, Frigorífica Armour e no Consulado Americano. Porém, os norte-americanos tratavam, somente entre eles, o esporte como lazer e diversão. Isso se desenvolveu bem no início da década de 1900, antes da chegada da imigração japonesa. (TRAVINHA, 2012).

De acordo com as pesquisas citadas por Macedo (2006), a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil, o Beisebol começou ganhar força em terras brasileiras, de fato criaram-se vários clubes, estádios e equipes nas diferentes colônias do estado de São Paulo (Presidente Prudente, Marília, Bastos, entre outras) e ao norte do estado de Paraná (Bandeirantes, Londrinas, Maringá, Arapongas, Assai, etc.) (MACEDO, 2006).

Na História do Beisebol na Cidade de Registro-SP encontrasse que a Federação Paulista de Beisebol editou um livro no ano 1985 onde mostrasse que os norte-americanos tinham times organizados em São Paulo e no Rio de Janeiro no final de segunda década do século passado.

O número de times foi crescendo na região paulista (Colônias Japonesa) se organizando eventos pela disputa de troféus. De acordo a National Diet Library (2009) “Em 1936, época em que se registrou uma grande expansão dos japoneses no interior, foi realizado na cidade de São Paulo O Grande Torneio Nacional de Beisebol”, evento de muita importância e feito anualmente é que a partir da terceira edição foi financiado pelo Jornal Nippak e que chegou até a sexta edição em 1941 “ano em que as associações japonesas foram fechadas por conta da entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial”. O qual fez com que a prática do esporte no país ficasse parada.

Segundo Macedo (2006), para o ano de 1946 fundou-se a Federação Paulista de Beisebol e Softbol com a necessidade de reorganizar a vida social nas colônias japonesas após da guerra, considerando que o Beisebol era uma das atividades de lazer e esportiva preferidas nesta comunidade. Graças à fundação da Federação começou-se a organizar competições oficiais no Brasil, inclusive com a incorporação de equipes do estado de Paraná. (MACEDO, 2006).

Desta forma, o esporte foi desenvolvendo-se nas diferentes cidades: São Paulo, Santos, Bastos, Mogi das Cruzes, Embu-Guaçu, Sorocaba, Registro, Indaiatuba, Presidente Prudente, Marília, entre outras; Além disso, nos estados Paraná e Mato Grosso do Sul também se foram formando times e acontecendo competições estaduais e regionais nas diferentes faixas etárias.

“Na década de 1950, surgiu o campo de Beisebol da Mooca, que depois se transferiu para o Bom Retiro”. (DUARTE, 2004). O Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, localizado no bairro do Bom Retiro, na região central da capital SP, foi inaugurado o dia 21 de junho de 1958 (comemorando os 50 anos da imigração japonesa), e

atualmente é um dos melhores estádios de Beisebol que existem no Brasil.

Nos anos 60 e 70 infere-se que o esporte foi se desenvolvendo cada vez mais dentro dos clubes japoneses, mas, na revisão bibliográfica encontra-se pouca informação do crescimento do Beisebol no Brasil neste período.

Nessa perspectiva, encontra-se que muitas das associações culturais e esportivas japonesas no Brasil foram fundadas nas décadas de 50, 60 e 70; nesse tempo ganhou espaços importantes os quais permitiram a prática do Beisebol como parte da cultura e lazer da comunidade.

Por exemplo, na cidade de Indaiatuba – SP, de acordo com o publicado pela Associação Cultural Esportiva Nipo-Brasileira de Indaiatuba (ACENBI), o Beisebol nasceu “num modesto campinho aberto, no terreno onde hoje está construída a sede social da (ACENBI) – ao lado havia somente mato e eucaliptos” fala-se que a partir de 1953 “tudo começou a tomar forma” primeiramente equipes na categoria adulta e posteriormente nas categorias de base. Neste mesmo lugar as obras do campo de Beisebol com arquibancada e o espaço para alimentação iniciaram-se em 1977 e finalizaram em 1981.

Na cidade de Campinas também no estado de São Paulo, segundo a informação publicada pela ACA TOZAN, a Colônia Japonesa conseguiu formar seu primeiro time de Beisebol e fazer jogos amistosos com times dos bairros Amarais Pedra Branca e Campinas no ano de 1959, “No ano seguinte, na própria Colônia ocorreu o primeiro Campeonato de Beisebol e Atletismo. Nas duas modalidades”, com participação de equipes feminina e masculina. 20 anos depois iniciou a construção de um novo campo.

Por outro lado, no estado de Paraná, especificamente na cidade de Maringá a história da associação cultural e esportiva iniciou em 1947, com a comunidade nipo-brasileira dessa cidade, segundo a publicação de ACEMA, fundou-se a Associação de Japoneses de Maringá, posteriormente denominada Sociedade Cultural e Esportiva de Maringá (SOCEMA) e atualmente conhecida como Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA).

Atualmente a infraestrutura do clube de Maringá é reconhecida no Brasil inteiro, já que conta com salão social, estacionamento, campos de futebol, quadras de tênis de campo, campos de beisebol, quadras de voleibol, futsal e piscina, entre outras coisas. Obras que foram iniciadas em 1978 e finalizadas em 1980. Além disso as equipes de Beisebol e Softbol que representa a ACEMA têm ganhado muitos campeonatos nacionais e internacionais.

Para Votto (2017), “O baixo apelo popular do Beisebol no Brasil é, acima de tudo, um dilema histórico. O esporte emplacou no país, pelas mãos da comunidade japonesa imigrante”, após da segunda guerra mundial e todos os problemas que os japoneses e descendentes tiveram, depois de muito tempo foi que surgiram as primeiras entidades e competições oficiais. O treino do Beisebol “permaneceu por muito tempo limitado ao círculo das famílias orientais”, além disso esta atividade esportiva “ficou centralizada nos estados de São Paulo e Paraná, principais destinos dos imigrantes nipônicos”.

(VOTTO, 2017).

Entende-se que a organização deste esporte no Brasil primeiramente foi levada pela Federação Paulista de Beisebol, e que posteriormente foram criando-se federações nos outros estados. Finalmente em 1990 foi fundada a Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS) que é hoje o órgão responsável pela organização dos eventos e representação dos atletas do beisebol e do softbol no Brasil.

Localizado desde o ano 2000 na cidade de Ibiúna - SP o Centro de Treinamento conhecido como CT/Yakult/CBBS, possui uma estrutura ideal para os treinos de Beisebol e Softbol. Onde as diferentes seleções brasileiras realizam a preparação aos campeonatos internacionais, têm estádios oficiais, academia de musculação, dependências para treinamentos específicos, dormitórios e refeitório. O local também é ideal para capacitação de treinadores e programas de formação de jovens jogadores. (VOTTO, 2017).

Em breve síntese, a evolução histórica do beisebol no Brasil está firmemente ligada à cultura japonesa, na qual pouco a pouco ganhou espaços físicos, associações, federações estaduais, confederação e até novos amadores, já que atualmente a população brasileira que não necessariamente é descendente. Por alguma ou outra razão procurou entender o esporte e se misturar nos clubes nipo-brasileiros com a finalidade de ver o Beisebol como parte da vida. “Segundo a CBBS, já são mais de 30.000 praticantes, 120 times espalhados pelo Brasil e algo em torno de 55 campeonatos nacionais e internacionais por ano”. (VOTTO, 2017).

3.2 Logros do Beisebol Brasileiro

Ao falar sobre Beisebol Brasileiro, destaca-se a funcionalidade da Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS) e todo o importante trabalho que esta instituição faz para que o desenvolvimento do esporte num país das dimensões do Brasil.

A CBBS organiza eventos nas diferentes categorias de Beisebol: T-Ball (até 7 anos), Pré-infantil (8 e 9 anos), Infantil (10 e 11 anos), Pré-júnior (12 e 13 anos), Júnior (14 e 15 anos), Juvenil (16 e 17 anos) e Adulto (desde os 18 anos), embora organize também campeonatos brasileiros nas categorias (sub 21 e sub 23). Considera-se importante destacar a participação feminina nas primeiras idades até a categoria pré-júnior. Entendendo que o Beisebol tradicionalmente é treinado mais por homens que pelas mulheres; Porém desde o ano 2004 é disputada a Copa do Mundo de Beisebol Feminino, evento organizado pela Confederação Mundial de Beisebol e Softbol (WBSC) que neste ano completa a oitava edição, e lamentavelmente até o momento Brasil não teve representação.

Considera-se um dos logros do Beisebol Brasileiro o fato que a CBBS organize anualmente competições oficiais conhecidos como: campeonatos, tacas, torneios ou festivais, em algumas oportunidades sob a figura de competição interclube e outra como disputa de interseleções regionais. Além dos diferentes treinamentos preparativos das

seleções nacionais. Tendo em conta que na maioria dos casos todos isso eventos são financiados (transporte, alimentação, materiais esportivo, uniforme, entre outras coisas) pelas mesmas famílias e clubes.

Na categoria adulta o beisebol brasileiro considera-se ainda um esporte amador, diferente do que acontece nos países como: México, Porto Rico, Republica Dominicana, Nicarágua, Venezuela, entre outros que têm ligas profissionais já a mais de 40 anos, no artigo publicado por Votto (2017) no jornal arquibancada Jorge Otsuka, presidente da CBBS, comenta que: “A idéia é fazer uma liga semi-profissional disputada em, no mínimo, três meses. Se não conseguirmos um estádio iluminado, fica impossível a disputa de um torneio dessa natureza. É difícil realizar a liga se a gente não tiver apoio financeiro do Comitê Olímpico e do próprio Ministério do Esporte”. (VOTTO, 2017).

Porém nos últimos anos os melhores jogadores brasileiros estão tendo participações como profissionais nas melhores ligas do mundo (Estados Unidos, Japão, Itália, México, Venezuela entre outras). Desde 1995, o brasileiro Henrique Tamaki assinou contrato para jogar como profissional no Japão pelo time Hiroshima Carp, com isto, as portas se abriram para outros jogadores, como é o caso de Tsugio Sato, Rodrigo Miyamoto, Yuichi Matsumoto, Victor Katayama, Norberto Rocha, Rafael Fernandes, Hugo Kanabuschi, Oscar Nakaoshi, entre outros.

Para jogar nos Estados Unidos como profissional, o processo é muito mais difícil, mas não impossível, e Brasil já conta a representação de cinco nativos no que é considerado o melhor Beisebol do mundo as “Grandes Ligas” (MLB), Yan Gomes (2012), André Rienzo (2013), Paulo Orlando (2015), Thyago Vieira (2017) e Luiz Gohara (2017). Cada um deles tem sua historia de crescimento e desenvolvimento para chegar até o melhor nível deste esporte. Curiosamente nenhum deles têm descendência japonesa.

Dos cinco grandes jogadores brasileiros três atuam como lançadores (pitcher) e os dois que atuam como jogadores de posição, o defensor externo Paulo Orlando fosse peça chave para os Royals de Kansas City ganhar o campeonato em 2015, enquanto que o receptor (Catcher) Yan Gomes em 2012, conhecido como primeiro brasileiro em jogar nas grandes ligas e atualmente na temporada 2018 foi selecionado para participar no jogo das estrelas, sendo também o primeiro brasileiro em participar neste importante evento.

Por outro lado, Brasil durante o ano 2017 graças aos trabalhos feitos no CT/ Yakult/CBBS e Academia MLB Brasil outros cinco prospectos brasileiros assinaram contratos profissionais com times da MLB, de acordo com Parente (2017), “Heitor Tokar, Victor Coutinho, Vitor Watanabe e Christian Pedrol, juntaram-se a Eric Pardinho, maior prospecto brasileiro contratado pela organização de Toronto Blue Jays”.

Ao falando da seleção Brasileira de Beisebol, encontra-se que na categoria adulta, as representações deste país conquistaram sete vezes o campeonato sul-americano e oito vezes foi vice-campeã. Também no ano 2013 conquistou sua classificação ao clássico mundial de Beisebol (o máximo evento organizado pela WBSC) depois de

vencer nas eliminatórias as seleções de Nicarágua, Colômbia e Panamá.

No ranking da WBSC na categoria masculino Brasil ocupa a posição número 19, numa lista onde pontuam 73 nações, sabendo que os critérios para pontuar neste ranking “pesa o programa de uma equipe nacional de um país inteiro (desde a categoria sub-12 até profissional) em competições internacionais”.

3.3 Programas de Massificação de Beisebol no Brasil

Encontrar programas de massificação de Beisebol num país onde o futebol é o esporte principal e amplamente reconhecido no mundo como o único em conquistar cinco campeonatos do mundo nessa disciplina é uma tarefa difícil. Mas a presente pesquisa encontrou algumas atividades interessantes e que são consideradas como atraentes de novos praticantes ao mundo do beisebol.

O ensino do beisebol pode ser algo muito complicado para os professores de Educação Física que nunca tiveram contato direto com este esporte, e nem assistiu aulas relacionadas na faculdade. Mesmo assim recomenda-se que uma das primeiras coisas que se devem fazer é conhecer as regras básicas do esporte e os fundamentos técnicos que este tem.

Na maioria dos países onde o beisebol é popular, considera-se fácil que uma criança aprenda a dinâmica do jogo já que nos finais de semana olha ao pai, irmãos ou familiares jogando, além que freqüentemente fica assistindo jogos profissionais no televisor.

O primeiro, para popularizar o beisebol no Brasil é buscar ensinar as regras, mesmo que só o básico, para as pessoas, já que o jogo tem uma dinâmica diferente do futebol e de outros esportes mais populares. Além disso, tem que ser treinado por crianças. (ANDREGARDA, 2015).

No ensino do Beisebol os treinadores procuram primeiramente ensinar a defesa (pegar e jogar bolas para lugares específicos), posteriormente ensinam aos arremessadores e finalmente ensinam o ataque (ofensiva), geralmente sempre ao final do treino se faz um jogo de brincadeira entre os participantes para finalizar os treinos com motivação.

Em 2003, Ronaldo Faria, jornalista do Correio Popular, publicou um artigo onde a Colônia Tozan, lugar em Campinas - SP onde se treina beisebol desde a década de 60, pediam apoio da prefeitura para ensinar nas escolas municipais e melhorar a popularização do esporte na região.

Muitas vezes, as aulas de Educação Física ficam restritas ao vôlei, futebol, basquete e handebol. Amplie o repertório da garotada com um esporte que, mesmo não sendo comum por aqui, é praticado em diversos países. (NOZAKI, 2012); com base nessas palavras, o autor apresentou uma proposta de seis etapas para o ensino do beisebol nas aulas de educação física.

Desde o ano 2014 começou na cidade de Indaiatuba O Projeto Base, o qual

é desenvolvido dentro das escolas municipais e já é considerado o maior do Brasil nesse segmento. As atividades são dirigidas por treinadores capacitados da CBBS e por estudantes de Educação Física dos últimos semestres na Faculdade Max Planck.

A idéia deste projeto de massificação nasceu a partir da realização da 1ª Clínica de Beisebol de Indaiatuba, e busca promover nas crianças o desenvolvimento humanístico e de aprendizagem, através de valores como: trabalho em equipe, organização, disciplina, ajuda mútua, além de buscar fortalecer as relações socioafetivas, e contam com a parceria, de ACENBI, CBBS, MLB e a Prefeitura Municipal de Indaiatuba.

Este projeto é um claro exemplo de que o beisebol pode ser inserido nas escolas sempre e quando uma equipe multidisciplinar junto a parceiros e prefeituras trabalhem unidos e organizadamente, procurando um objetivo coletivo.

Por outro lado no estado de Rio de Janeiro de o ano 2003 de açado com Barsetti (2018), um professor de Educação Física apaixonado pelo Beisebol, idealizou um projeto social no qual se tenta levar jovens carentes ao treino do Beisebol todos os fins de semanas, alem disso o projeto também é apresentado a estudantes, através do projeto “Baseball Escolar” e o numero de crianças interessadas em conhecer e treinar o esporte cada vez é maior. (BARSETTI, 2018).

Depois de altos e baixos na luta por tentar massificar um esporte desconhecido para muitos, durante o ano 2013, os esforços foram recompensados pela MLB de quem receberam equipamentos e capacitação para formar professores. (BARSETTI, 2018).

Alem disso em janeiro de 2017 no CT/Yakult/CBBS foi inaugurada a Academia MLB BRASIL. projeto que visa o desenvolvimento do esporte no país, o qual indica que é uma ótima oportunidade para jovens atletas, entre 14 e 18 anos, melhorem as habilidades de jogadores e aprenderem lições que irão ajudá-los dentro e fora de campo.

Existe também no Brasil um grande movimento de Beisebol dentro das Universidades há mais de 40 anos. Estudantes de diferentes universidades, como UNICAMP, USP, UNIP, MACKENZIE, UNISANTANA, entre outras, organizam entre eles jogos amistosos, eventos competitivos inter-faculdades é inter-universitario. antigamente, as competições oficiais eram organizadas nos Jogos Universitários do Estado de São Paulo (JUESP) e pela Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE). Contudo, esta federação teve problemas administrativos no começo da primeira década de 2000 e a CBBS assumiu a responsabilidade de fazer eventos universitários, o que indica que o movimento do Beisebol também existe no ambiente Universitario.

Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desde março de 2017, o grupo de estudos “Esportes Coletivos” oferece à comunidade em geral (maiores de 15 anos) através da coordenação de extensão aulas gratuitas de Beisebol uma vez por semana, projeto que procura ensinar os fundamentos básicos, dinâmica do esporte e valores de trabalho em equipe, respeito, organização e disciplina.

Desde o ano 2007 o Beisebol conquistou o interesse da região Nordeste do Brasil e se formaram equipes em Recife, Natal, Ceará, Fortaleza, Petrolina e Salvador; essas equipes foram formadas e desenvolvidas graças à motivação e esforço dos mesmos nordestinos, com o objetivo de que este esporte fosse polar também nesta região. Os apoios para que essas equipem tiveram sucesso vieram também do Consulado Americano, projetos da MLB para massificação, da CBBS e das Prefeituras.

No ano 2017 disputou-se a V Taça Nordeste de Beisebol com a presença de 7 equipes (3 de Salvador, Petrolina, Recife, Natal e Fortaleza); evento reconhecido e apoiado pela CBBS na cidade de Salvador – Bahia, onde o vencedor foi pela primeira vez a equipe de Salvador. (CBBS, 2017).

Uma das primeiras equipes conhecidas na região nordestina é o time “Náuticos Beisebol”. O qual surgiu em 2007, na cidade de Pernambuco (Recife). Quando um grupo pessoas se reuniu para montar um time de beisebol, já que um dos integrantes possuía alguns equipamentos necessários para começar os treinos. Uma história similar aconteceu com o time “Natal Solaris”, do estado Rio Grande do Norte no ano 2008, (BARBALHO, 2013). Essas duas equipes foram ganhadoras das primeiras quatro edições Taça Nordeste de Beisebol. Natal ganhou a taça nos anos 2013 e 2014, enquanto que Recife ganhou nos anos 2015 e 2016. Atualmente, existe uma parceria com o time profissional de futebol “Náutico FC”, na qual o time cedeu uma área para os treinos da equipe de beisebol (GARDA, 2015).

A história do Beisebol em Ceará início em 2009, graças à iniciativa de uma Igreja Evangélica que começou a motivar os jovens, mas com o apoio e parceria da MLB e do Consulado Americano e dos mesmos praticantes, nasceu o time “Ceará Beisebol Clube” e também o time “Fortaleza”, posteriormente eles formaram a Associação Cearense de Beisebol (FILHO, 2015). Também estão desenvolvendo projetos sociais através de clínicas de beisebol para crianças e jovens de diferentes bairros de Ceará.

De acordo Franco (2012), na cidade de Salvador - Bahia, o time chamado “Salvador Troopers” criado em maio de 2012 nasceu do interesse dos jovens nordestinos e por pessoas que já conheciam as regras. Posteriormente em 2015 na cidade de Petrolina também se formou um time de beisebol e está realizando treinos e jogos amistosos.

Algumas dessas equipes se organizam e viajam para São Paulo com a intenção de participar do Campeonato Brasileiro na categoria iniciantes (evento organizado pela CBBS), no qual já demonstraram ter bom nível ao vencer equipes com maior trajetória de beisebol.

As equipes nordestinas que já têm mais tempo organizadas recebem apoio da MLB e realizam projetos sociais de massificação com crianças e jovens, também os treinadores desta região fazem capacitações com o pessoal que vem dos Estados Unidos e alguns fizeram capacitação no CT/Yakult/CBBS.

4 | CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou conhecer a evolução do Beisebol no Brasil, já que este esporte não é considerado popular neste país mesmo tendo uma história de mais de 100 anos, primeiramente com os trabalhadores americanos e posteriormente com a imigração japonesa.

Portanto, buscou-se analisar como é o desenvolvimento do Beisebol no Brasil através da evolução histórica, dos logros que o país já teve neste esporte e de projetos de massificação que existem para que os brasileiros conheçam melhor as regras e dinâmica deste esporte.

Chama-se a atenção o fato de que o Beisebol tendo tantos anos de história ficasse sendo praticado só nas colônias japonesas e que os brasileiros treinadores esportivos, professores e estudantes de Educação Física não buscarem amplamente adquirir conhecimentos deste esporte e integrasse na massificação desta atividade esportiva.

Considera-se que um meio muito importante para chamar a atenção e o interesse da população brasileira é o televisor, além das redes sociais, por isso é sugerido aumentar o número de informação e eventos relacionados ao Beisebol de Brasil e internacional, o que poderia ser de interesse tanto ao público geral como aos diferentes patrocinadores que possam existir.

Percebe-se que nos últimos anos os jogadores de Beisebol profissionais brasileiros cada vez são mais e como melhores resultados, o que indica que verdadeiramente este esporte está se desenvolvendo e que o Brasil no futuro pode ser reconhecido mundialmente também por seu Beisebol.

Considera-se que são poucos os estudos científicos relacionados com este esporte em Brasil, além disso considerando o tamanho do país o Beisebol deveria ser conhecido e praticado por mais pessoas é ali onde à aula de Educação Física pode ser um dos espaços ideais para que crianças e jovens possam fazê-lo.

REFERENCIAS

ACA TOZAN. Disponível em: <<http://acatozan.com.br/>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ESPORTIVA NIPO BRASILEIRA DE INDAIATUBA. (ACENBI). Disponível em: <<http://acenbi.org.br/ww2/index.php/acenbi/departamentos/beisebol-e-softbol/>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ESPORTIVA DE MARINGÁ. (ACEMA). Disponível em: <<http://www.acema.com.br/sobre>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

BARBALHO, A. Criado por amigos, Natal Solaris é o primeiro time de beisebol do RN. **G/ Rio Grande do Norte**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2013/02/criado-por-amigos-natal-solaris-e-o-primeiro-time-de-beisebol-do-rn.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

BARSETTI, S. Beisebol Conquista Jovens de Comunidades Carentes do Rio. **Olimpíada 2016**.

Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/beisebol-conquista-jovens-de-comunidades-carentes-do-rio,fc303a90cc1a4.html>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

BEISEBOL EM APOIO AO SISTEMA DE ENSINO. **BASE**. Disponível em: <<http://baseindaiatuba.com.br/>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

COMITÊ DE REGRAS DO JOGO. Reglas Oficiales Del Beisbol. MLB Edição 2016. ISBN 978-0-99611140-3-5 Disponível em:

<http://mlb.mlb.com/mlb/downloads/y2016/official_baseball_rules_spanish.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BEISEBOL E SOFTBOL (CBBS) Disponível em: <<http://www.cbbs.com.br/>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

CONFEDERAÇÃO MUNDIAL DE BEISEBOL SOFTBOL (WBSC) Disponível em: <<http://www.wbsc.org/es>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

DE MELO, R. É Possível o Beisebol Ser Trabalhado nas aulas de Educação Física Escolar?. **Revista Efdportes**, nº 119 anos 13, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/beisebol-nas-aulas-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 25 Nov. 2017.

DUARTE, O. **Historia dos Esportes**. 3 ed. Rev. e ampl.- São Paulo: Editora Senac, 2004.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA (FEF). UNIVERSIDAD ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). Disponível em: <<https://www.fef.unicamp.br/fef/extensao/atividadesfisicas>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

FARIA R. **Beisebol busca popularização na periferia**: praticantes querem apoio da Prefeitura para trazer a Campinas projeto desenvolvido em favelas de Pirituba. *Correio Popular*, Campinas, 02 mar., 2003. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down>. Acesso em: 05 Jan. 2017.

FARIA R. Modalidade foi introduzida no Brasil em 1901. *Correio Popular*, Campinas, 02 mar., 2003. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down>. Acesso em: 05 Jan. 2017.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES (FUPE) Disponível em: <<http://www.fupe.com.br/>>. Acesso em: 10 Abr. 2018.

FILHO, J. Através de parceria com a MLB, Ceará chega à “primeira base” no beisebol. **G/ Ceará**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ce/noticia/2015/08/atraves-de-parceria-com-mlb-ceara-chega-primeira-base-no-beisebol.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

FONSECA, R. C. V. da. Metodologia do trabalho científico. Curitiba: IESDE Brasil, 2009

FRANCO, L. Baseball: Time recém-formado em Salvador vai enfrentar equipe pernambucana. **BN ESPORTES**. Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/21760-baseball-time-recem-formado-em-salvador-vai-enfrentar-equipe-pernambucana.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

FRANCO, L. Baseball: Time recém-formado em Salvador vai enfrentar equipe pernambucana. **BN ESPORTES**. Disponível em:

<<http://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/21760-baseball-time-recem-formado-em-salvador-vai-enfrentar-equipe-pernambucana.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

GARDA, A. **Beisebol no Brasil**: crescimento, problemas e comparações. Disponível em: <<https://beisebolnobrasil.wordpress.com/2015/11/14/brasil-e-o-beisebol/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** . 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUILHERME, J. Entenda os fundamentos, regras e a MLB!: This is Baseball [dubrado]. Video de Youtube Publicado 23 Out de 2015 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bo7xvyJArS8&t=525s>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

Jornal Nikkap.2012. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br/beisebol-atleta-brasileiro-luiz-gohara-assina-com-o-seattle-mariners/>>. Acesso em: 14 Jul. 2018.

Jornal Nikkap.2018. Disponível em:<<http://www.portalnikkei.com.br/beisebol-luiz-gohara-chega-ao-topo-e-sera-o-quinto-brasileiro-a-atuar-na-mlb/>>. Acesso em: 14 Jul. 2018.

MACEDO, W. Beisebol - História, Regras e Jogadas. **Educação Física**. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/educacao-fisica/beisebol>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

National Diet Library. Japan. **Imigração Japonesa no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/baseball.html>>. Acesso em: 08 Jul. 2018.

NOZAKI, J. Introduza o beisebol nas aulas de Educação Física. Portal da Educação Física: Planejamento de Aulas, 2012. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.com.br/escolas/planejamento-de-aulas/introduza-o-beisebol-nas-aulas-de-educacao-fisica>>. Acesso em: 08 Jan. 2017.

REGISTRO SP. A História do Beisebol na Cidade de Registro São Paulo. Disponível em: <<https://googleweblight.com/i?u=https://www.registro-sp.com/2016/10/a-historia-do-beisebol-na-cidade-de-registro-sp.html?m%3D1&hl=pt-BR>>. Acesso em: 13 Jul. 2018.

RONDINELLI, P. Jogos Pan-americanos. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/jogos-panamericanos.htm>>. Acesso em: 08 Jan. 2017.

RODRIGUEZ, O. C. Breve Historia del Beisbol Japones. **Beisbol Japones**. Disponível em: <http://beisboljapones.com/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=62>Acesso em: 10 Jan. 2017.

TRAVINHA. História do Beisebol (Baseball). Disponível em: <<http://www.travinha.com.br/esportes-coletivos/56-beisebol/214-beisebol-a-historia>>. Acesso em: 10 Jan. 2017.

VOTTO, H. Hello Bola. Um Giro Sobre o Beisebol Brasileiro. **Jornal Arquibancada**. Disponível em: <<http://arquibancada.jornalismojunior.com.br/2017/11/27/hello-bola-um-giro-sobre-o-beisebol-brasileiro/>>. Acesso em: 18 Jul. 2018.

IMPLEMENTATION OF THE TEACHING PERSONAL AND SOCIAL RESPONSIBILITY MODEL THROUGH PHYSICAL ACTIVITY: A PILOT STUDY

Fábio Duarte Almeida

Municipal Elementary School Prof.^a Ester Justina
Troian Benvenuti

Caxias do Sul – Rio Grande do Sul

Rosiane Karine Pick

Child and Youth Study and Development Clinic

Porto Alegre – Rio Grande do Sul

ABSTRACT: A model that promotes the positive youth development through physical activity is the Teaching Personal and Social Responsibility (TPSR) model development by Hellison (1985 cited by HELLISON, 2011) that assist in the development of personal and social responsibility. The TPSR consists of five responsibility levels, (1) respecting the rights and feelings of others, (2) effort and cooperation, (3) self-directed, (4) leadership and (5) transfer outside the gym and depend on strategies and a daily program format. Therefore, the purpose of this study was to develop respect for the others, leadership and self-control by applying the TPSR in a sport program called Sport and Leisure Project in the Fatima Community (SLPFC) accomplished in the city of Caxias do Sul, state of Rio Grande do Sul, Brazil. The present study was characterized by a qualitative research of the pilot study type and was implemented in 3 classes of SLPFC being

group 1 being participants from 8 to 9 years, group 2 from 10 to 13 years and group 3 from 14 to 17 years. Positive changes were observed in the implementation of the TPSR in the SLPFC in the field of respect of the others, leadership and self-control, using the strategies and classroom formats provided by the model. The present study becomes the first implementation of TPSR in an after-school program background based in the physical activity in Brazil. However, there is a need to conduct more studies implementing the TPSR in Brazil, using some specific data collection tools and evaluation tools.

KEYWORDS: Personal and Social Responsibility; Respect; Leadership.

RESUMO: Um modelo que promove o desenvolvimento positivo de jovens através da atividade física é o Modelo de Ensino de Responsabilidade Social e Pessoal (MERSP) criado por Hellison (1985 apud HELLISON, 2011) que auxilia no desenvolvimento da responsabilidade social e pessoal. O MERSP é dividido em cinco níveis de responsabilidade, (1) respeitar o direito e sentimento dos outros, (2) esforço e cooperação, (3) auto direção, (4) liderança e (5) transferência do aprendizado para fora do programa e conta com estratégias e um formato diário de aula. Com isso, o objetivo do estudo foi desenvolver o respeito pelos outros, a liderança e o autocontrole implementando

o MERSP num programa chamado Projeto Esporte e Lazer na Comunidade Fátima (PELCF) realizado na cidade Caxias do Sul - RS/Brasil. O presente estudo se se caracterizou como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo piloto e foi aplicado em 3 turmas do PELCF sendo o grupo 1 os participantes de 8 a 9 anos, o grupo 2 os de 10 a 13 anos e grupo 3 os 14 a 17 anos. Observou-se mudanças positivas na implementação do MERSP no PELCF nas áreas de respeito pelos outros, liderança e autocontrole, utilizando-se das estratégias e formatos de aula previsto pelo modelo. O presente estudo torna-se a primeira implementação do MERSP no Brasil no cenário de um programa de atividade física após a escola. Destaca-se, no entanto, a necessidade de realização de mais estudos implementando o MERSP, utilizando alguns instrumentos de coleta de dados específicos e ferramentas de avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade Social e Pessoal; Respeito; Liderança.

1 | INTRODUCTION

The movement has much potential for development of young people by its highly emotional and interactive nature (MARTINEK; HELLISON, 2009; HELLISON, 2011). Team sports are inevitably interactive and can provide unique moments of joy and pleasure that would be difficult to exist without movement (BUCHANAN, 2001).

The premise that sport develops character, values, life and social skills is as old than the invention of many sports. However, even though there are numerous sports programs, this becomes real when these programs work not only the sport, but also life skills within organized and structured activities, that is, with a methodology and purpose that aim for positive youth development (HELLISON, 2000; LEE; MARTINEK, 2009; MARTINEK; HELLISON, 2009; HAYDEN et. al., 2012; JACOBS; WRIGHT, 2014).

Some studies report that sport and physical activity can be effective in producing positive motivational attitudes and pro-social behaviors in different environments, acting as a vehicle for achieving positive youth development (MARTINEK; HELLISON, 1997; HELLISON, 2000; HELLISON; WRIGHT, 2003; COULSON; IRWIN; WRIGHT, 2012; BUCKLE; WALSH, 2013).

A model that promotes the positive youth development through physical activity is the Teaching Personal and Social Responsibility (TPSR) model development by Hellison (1985 cited by HELLISON, 2011)¹ to help youths with problems to demonstrate more responsible socially and personally attitudes. Numerous studies show the effectiveness of programs based on the Hellison model, which focuses on working life skills and values through physical activity to help youths develop social and personal responsibility (HELLISON; WALSH, 2002; WALSH, 2008; WRIGHT; BURTON, 2008; WRIGHT; LI, 2009; ROMAR; HAAG; DYSON, 2015).

According to Woodcock (1948 cited by MARTINS, 2014) personal responsibility means accepting certain challenges as an individual inserted in society, hoping to

¹ Modified by the author in 2011.

achieve them in the best possible way taking the consequences of their personal decisions. Social responsibility according to Berman (1997 cited by MARTINS, 2014) focuses on the relationship of people with others, with society and with the world, and also integrates the development of social life skills, ethics and character.

The TPSR implementation through physical activity assist in the development of personal and social responsibility of students. Hellison (1978; 2011) emphasizes that personal responsibility would be related to the development of these students, their own well-being, with self-control attitudes, effort and self-direction. Social well-being was related to attitudes of respect for the right and feelings of others and caring of the others. These two aspects would be contributions that sports programs could offer students, in addition to the performance and motor performance goals.

The TPSR consists of five responsibility levels in a flexible progression between levels: (1) respecting the rights and feelings of others, (2) effort and cooperation, (3) self-directed, (4) leadership and (5) transfer outside the gym. Within each level, Hellison (2011) presents specific contents of the levels along with implementation strategies, evaluation and structuring of the daily plan.

Examples of strategies include: changing the rules of sports (level 1); modify tasks (level 2); implement a personal planning setting objectives and goals in relation to the physical and behavioral part (level 3); teaching some task and peer teaching, having a caring and compassion and assuming a leadership behavior (level 4); and older students teaching about values for the youngsters (level 5) (PARKER; KALLUSKY; HELLISON, 1999; HELLISON, 2011).

In addition to these strategies, there are others related to problems that occur during classes and training. Level 1, when students cannot respect the rights and the feelings of the others, can be used the accordion principle, which means to have a logical consequence for something that the teacher has combined, and the student failed. Still at level 1, the teacher will be able to talk and solve the problems of the class with group, empowering them about the important aspects of learning for the development of values. At level 2, the challenges in which the teacher or colleague will do for their peers, as to perform certain task for concentration and motivation. At level 3, conversation is fundamental to empowering students to make decisions and to have self-control to resist peer pressure. At level 4, students are encouraged to take leadership roles in the group, demonstrating characteristics such as caring for others and compassion. At level 5, the teacher should be mindful of what happens outside the gym to be able to intervene and help the young people (PARKER; KALLUSKY; HELLISON, 1999; PARKER; HELLISON, 2001; HELLISON, 2011).

The TPSR has a daily program format to help the teacher or coach apply the concepts described above, such as: “Relational Time”, used before the class begins or at the end, where the teacher will have an open relationship with the student; “Awareness Talk” a brief conversation with the group listing some aspect about life skills or another important point; “Physical Activity Plan”, where the teacher or students

may be empowered to carry out their activity planning based on TPSR values; “Group Meeting” used at the end of the class or in the middle of the class with the purpose of the participants expressing their views and opinions; and last but not least, the “Reflection Time” that is characterized by the student’s own reflection on his or her behavior and if has reached any of the levels and may use a diary to report (PARKER; KALLUSKY; HELLISON, 1999; HELLISON, 2000, 2011; PARKER; HELLISON, 2001).

Therefore, the purpose of this study was to develop respect for the others, leadership and self-control by applying the TPSR in a sport program called Sport and Leisure Project in the Fatima Community (SLPFC) accomplished at a municipal elementary school in the city of Caxias do Sul, state of Rio Grande do Sul, Brazil.

2 | METHOD

The present study was characterized by a qualitative research of the pilot study type (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Participated 300 students, 8 to 17 years old, both genders, which were divided into 15 classes composed of an average of 20 students per class. The participants were divided into age groups, with group 1 being participants from 8 to 9 years, group 2 from 10 to 13 years and group 3 from 14 to 17 years.

The Project lasted 8 months and was implemented in the gym and in the dance classroom of the Municipal Elementary School Prof.^a Ester Justina Troian Benvenuti, which started in October 2016 and ended in June 2017 after school. The execution of this project was the responsibility of the University of Caxias do Sul (UCS) through the Federal Government Sports Incentive Law and was also sponsored by two companies from Caxias do Sul, Marcopolo and Randon, which are always promoting the positive youth development through actions and sports programs in the city. The sports modalities offered were: chess, dance, futsal, handball, basketball and volleyball. Each sports modality had one lesson per week with a duration of 50 minutes according to table 1.

Time	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday
5:40 to 6:30 p.m.	Basketball 10 to 13 years	Volleyball 10 to 13 years	Handball 08 to 09 years	Handball 10 to 13 years	Futsal 08 to 09 years
6:30 to 7:20 p.m.	Basketball 14 to 17 years	Volleyball 14 to 17 years	Futsal 10 to 13 years	Handball 14 to 17 years	Futsal 14 to 17 years
7:30 to 8:20 p.m.	Dance Mixed age	Dance 10 to 13 years	Chess Mixed Age	Dance 14 to 17 years	Futsal Mixed age

Table 1. Schedule of the Program

The TPSR was implemented in 3 classes of the 15 classes of the SLPFC and specific goals were established for each class. In the Handball class (8 to 9 years old) the observation was applied, aiming to analyze the students' behavioral changes regarding respect for the others. In the Dance class (10 to 13 years old) the observation was aimed at evaluating changes in student behavior through empowerment strategies to develop leadership. Lastly, in the Futsal class (14 to 17 years old) the observation was aimed at verifying students' attitudes toward self-control in class.

The observations were applied after the eighth week of the project, because the students were already accustomed to the structure of the lesson and had already established a trust relationship with teachers and colleagues and over the other months. After the data collection, the analysis and discussion of the data were carried out from the inductive and deductive research methods.

3 | RESULTS AND DISCUSSION

In the Handball class (8 to 9 years old), the respect for the others occurred through strategies of the “Physical Activity Plan” developed by the teacher, for example, pick-up in various ways to stimulate contact with the peers and activity in pairs between boys and girls. The “Awareness Talk” and “Reflection Time” were also used when some students understood that the other had done some bad thing to him. Over the months, the game between all was inserted and the respect for the peers was observed. An important point to emphasize is the relation between genders, because as boys have more strength than girls, they had to know to perform the same task while taking care of their colleagues.

In the dance class (10 to 13 years old) the classroom was small for so many children who wanted to do it, most of them girls. At the end of the eighth week of the project, certain comments were observed by students such as: “Wow, I love this song” and “Teacher, I love the class today”. After the second month of the project, the empowerment strategy was used during the “Physical Activity Plan” and the “Group Meeting”, leading some students take leadership roles. For example: small groups of 4 people were created to perform the choreography of some music and present it to the group, becoming as internal challenge and a motivation among the peers. Also, a challenge was made so that at the closing party of the project, the groups presented a choreography for the whole community. In the last month of the project and after the student presentations, some phrases like “The project will not continue?”, “I’m loving the lessons” and “It was very difficult to present for all, but I succeeded” were reported.

In the Futsal class (14 to 17 years old) all students were boys and the conflicts were constant. Some strategies such as the “Accordion Principle” and “Talking Bench” with the students were fundamental to establishing a positive climate of living together. During the class some students had to leave the game on the teacher's orders to avoid

causing serious problems of physical assault, and “Reflection Time” was essential in this time providing a self-reflection. Over the months and after many conversations about the discipline problems that occurred during the lessons, many students, when some problems occurred, were beginning to withdraw from activities and games to calm down. An important point to highlight in these lessons was the trust and identification that the students had with the teacher, as well as the evolution of the relationship between the students.

It has been observed that teacher-student relationship in an environment with pre-established rules become essential for other values such as respect and self-control to be worked out. In addition, some studies that have implemented the TPSR indicate that relationships of trust, care, respect and a relational interaction between teacher and students are the key for youth engagement and positive youth development (ENNIS, 1999; HELLISON, 2011; BUCKLE; WALSH, 2013; GANO-OVERWAY; GIVERNAU, 2014).

In all classes it was noticed that the initial motivation, such as practicing some sport with a friend or for the liking, is fundamental for the continuation in the sport and development of values. It can be observed in the study by Li et. al. (2008) where used a behavioral scale to evaluate the intrinsic motivation of 253 students (9 to 15 years old) that the results indicated a direct relationship between personal and social responsibility and intrinsic motivation, that is, the more personal and social responsibility, the grater their motivation.

It was also observed that older students during classes were able to learn from the younger, from empowerment to leadership roles in the classroom, where the teacher became a facilitator, leaving the scene and assisting in the tasks of responsibility. In the study by Coulson, Irwin and Wright (2012) a similar leadership strategy was used, where students demonstrated some movement or skill to colleagues and used empowerment in “Group Meeting”, “Awareness Talk” and “Reflection Time” to give voice and choice to students. In the research of Jacobs and Wright (2014) also used activities in pairs, being that while one realizes the activity, the other evaluates. Walsh (2008) points out that 14-years-olds reported that by working with younger people practicing leadership, they learned to have more self-control, patience, and help others work together.

Other similar results were found in the study by Hayden et. al. (2012) who used the TPSR responsibility levels within the “Physical Activity Plan” for a frisbee game where the team validates the points, was the opposing team, showing respect among the peers. In the same study, to experience empowerment, participants were directed to leadership roles by instructing peers, choosing activities, and modifying the rules of the game.

As well as positive changes in SLPFC were observed implementing the concepts of respect of the others, leadership and self-control, the results are in line with the study by Wright and Burton (2008) where high school students participated in a tai chi program in the school with the use of TPSR. One of the results, in analyzing and

evaluating life skills was that throughout the classes executed on the program, positive changes were observed in the way students conducted and treated their peers by leading activity for the others.

4 | FINAL CONSIDERATIONS

Despite being a pilot study, positive changes in students' attitudes toward respect for the others, leadership, and self-control were observed.

Based on literature, the TPSR has been widely used in several countries, but in Brazil it is known just one study that is of Pick (2004) where the TPSR levels were used to analyze the influence of an inclusive motor intervention program in the motor and social development of children with special needs and non-carriers with motor delays, demonstrating positive and significant results in the development of personal and social responsibility in the children who participated in the intervention when compared to the children in the control group.

The present study becomes the first implementation of TPSR in an after-school program background based in the physical activity in Brazil. However, there is a need to conduct more studies implementing the TPSR in Brazil, using some specific data collection tools and evaluation tools that can be found on the official website of TPSR based in Chicago/USA (<http://www.tpsr-alliance.org/>).

REFERENCES

BUCHANAN, Alice M. Contextual challenges to teaching responsibility in a sports camp. **Journal of teaching in physical education**, v. 20, n. 2, p. 155-171, 2001.

BUCKLE, Michael E.; WALSH, David S. Teaching Responsibility to Gang-Affiliated Youths. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 84, n. 2, p. 53-58, 2013.

COULSON, Cheryl L.; IRWIN, Carol C.; WRIGHT, Paul M. Applying Hellison's responsibility model in a youth residential treatment facility: A practical inquiry project. **Ágora para la educación física y el deporte**, v. 14, n. 1, p. 38-54, jan./abr., 2012.

ENNIS, Catherine D. Communicating the value of active, healthy lifestyles to urban students. **Quest**, v. 51, n. 2, p. 164-169, 1999.

GANO-OVERWAY, Lori; GUIVERNAU, Marta. Caring in the gym: Reflections from middle school physical education teachers. **European Physical Education Review**, v. 20, n. 2, p. 264-281, 2014.

HAYDEN, Laura A. et. al. Developing responsibility using physical activity: a case study of team support. **Ágora para la educación física y el deporte**, v. 14, n. 2, p. 264-281, mai./ago., 2012.

HELLISON, Don. **Beyond balls and bats: Alienated (and other) youth in the gym**. Washington: AAHPER Publications, 1978.

HELLISON, Don. Physical activity programs for underserved youth. **Journal of science and medicine**

in sport, v. 3, n. 3, p. 238-242, 2000.

HELLISON, Don; WALSH, David. Responsibility-based youth programs evaluation: Investigating the investigations. **Quest**, v. 54, n. 4, p. 292-307, 2002.

HELLISON, Don; WRIGHT, Paul. Retention in an urban extended day program: A process-based assessment. **Journal of teaching in physical education**, v. 22, n. 4, p. 369-381, 2003.

HELLISON, Don. **Teaching personal and social responsibility through physical activity**. 3ed. Champaign: Human Kinetics, 2011.

JACOBS, Jenn; WRIGHT, Paul. Social and Emotional Learning Policies and Physical Education: Column Editor: K. Andrew R. Richards. **Strategies**, v. 27, n. 6, p. 42-44, 2014.

LEE, Okseon; MARTINEK, Tom. Navigating two cultures: An investigation of cultures of a responsibility-based physical activity program and school. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 80, n. 2, p. 230-240, 2009.

LI, Weidong et al. Measuring students' perceptions of personal and social responsibility and the relationship to intrinsic motivation in urban physical education. **Journal of teaching in Physical Education**, v. 27, n. 2, p. 167-178, 2008.

MARTINEK, Tom; HELLISON, Don. **Youth Leadership in Sport and Physical Education**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MARTINEK, Thomas J.; HELLISON, Don. Fostering resiliency in underserved youth through physical activity. **Quest**, v. 49, n. 1, p. 34-49, 1997.

MARTINS, Paulo J. **Desenvolvimento Pessoal e Social em Desporto: relações entre responsabilidade pessoal e social, orientação motivacional e atitudes face ao desporto**. 2014. 202 f. (Doutorado em Motricidade Humana) Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

MATTOS, Mauro G.; ROSSETO JR., Adriano J.; BLECHER, Shelly. **Metodologia da Pesquisa em Educação física: Construindo sua monografia, artigos e projetos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

PARKER, Melissa; KALLUSKY, James; HELLISON, Don. High impact, low risk: ten strategies to teach responsibility. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 70, n. 2, p. 26-28, 1999.

PARKER, Melissa; HELLISON, Don. Teaching responsibility in physical education: Standards, outcomes, and beyond. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 72, n. 9, p. 25-27, 2001.

PICK, Rosiane K. **Influência de um programa de intervenção motora inclusiva no desenvolvimento motor e social de crianças com atrasos motores**. 2004. 166 f. (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ROMAR, Jan-Erik; HAAG, Emilie; DYSON, Ben. Teachers' experiences of the TPSR (Teaching Personal and Social Responsibility) model in physical education. **Ágora para la educación física y el deporte**, v. 17, n. 3, p. 202-219, set./dez., 2015.

THOMAS, Jerry R., NELSON, Jack K., SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6ed. ArtMed, 2012.

WALSH, David. Helping youth in underserved communities envision possible futures: An extension of

the teaching personal and social responsibility model. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 79, n. 2, p. 209-221, 2008.

WRIGHT, Paul; BURTON, Suzanne. Implementation and outcomes of a responsibility-based physical activity program integrated into an intact high school physical education class. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 27, n. 2, p. 138, 2008.

WRIGHT, Paul M.; LI, Weidong. Exploring the relevance of positive youth development in urban physical education. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 14, n. 3, p. 241-251, 2009.

WRIGHT, Paul; CRAIG, Mark W. Tool for assessing responsibility-based education (TARE): Instrument development, content validity, and inter-rater reliability. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, v. 15, n. 3, p. 204-219, 2011.

INICIAÇÃO ESPORTIVA E ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: ALGUMAS PREOCUPAÇÕES

Eduarda Fernanda Schorne Marques

Carlos Kemper

eduardafsmarques@gmail.com

RESUMO: O presente estudo aborda a importância do conhecimento dos profissionais de Educação Física e pais sobre iniciação esportiva e a especialização precoce. O objetivo do estudo é abordar a iniciação esportiva e seus perigos com a especialização precoce como forma de alerta. Este estudo caracteriza-se como sendo bibliográfico. Os principais pontos de alerta sobre a iniciação e a especialização precoce são os profissionais não habilitados a exercer a função de iniciação esportiva, pais que não fazem averiguação das habilitações do profissional que vai orientar seu filho, traumatização da criança que foi mal orientada na sua iniciação esportiva, profissionais tendem a confundir a iniciação esportiva com a iniciação precoce, na maioria das vezes os pais escolhem o esporte para seu filho, indo contra a vontade dos mesmos. Sendo assim a iniciação esportiva aplicada corretamente, cuidando o desenvolvimento motor evitando a especialização precoce da criança, proporciona atividades lúdicas e criativas que permitem a exploração e descoberta de movimentos, auxiliando na aprendizagem das habilidades motoras fundamentais, que serão essenciais

para a prática esportiva e para o dia a dia. Quase nada tem sido feito para evitar que o futuro dessas crianças seja insatisfatório, muitas vezes pela falta de conhecimento dos pais em inserirem as crianças muito cedo em clubes esportivos e também os profissionais da área devem estar atentos a forma de proporcionar o melhor que o esporte pode oferecer, pois somente com esse cuidado é que poderemos ver futuros campeões do esporte. Não devemos fazer especialização precoce porque além de causar um desgaste físico, emocional e psicológico, a criança pode abandonar a modalidade esportiva por sentir se pressionada, insegura e não esquecer a terrível experiência.

ABSTRACT: The present study addresses the importance of the knowledge of Physical Education professionals and parents about sports initiation and early specialization. The aim of the study is to approach sports initiation and its hazards with early specialization as a form of alertness. This study is characterized as being bibliographic. The main points of warning about initiation and early specialization are professionals not qualified to perform the function of sports initiation, parents who do not check the qualifications of the professional who goes to the east of the child, traumatization of the child who was misdirected in its initiation sports, professionals tend to confuse sports

initiation with early initiation, most often parents choose the sport for their child, going against their will. In this way, the sportive initiation applied correctly, taking care of the motor development avoiding the early specialization of the child, provides recreational and creative activities that allow the exploration and discovery of movements, aiding in the learning of the fundamental motor skills that will be essential for sports practice and for the day by day. Almost nothing has been done to prevent the future of these children from being unsatisfactory, often due to the parents' lack of knowledge about inserting children into sports clubs very early, and also professionals in the area should be aware of how to provide the best sport can offer, because only with this care can we see future champions of the sport. We should not make specialization early because in addition to causing physical, emotional and psychological, the child can abandon the sport because they feel depressed, insecure and not forget the terrible experience.

INTRODUÇÃO

A infância é entendida como um período de extrema importância para o desenvolvimento motor, pois é nesta fase que ocorrem o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais que servem de base para o desenvolvimento das habilidades motoras especializadas que o indivíduo utilizará nas suas atividades cotidianas, de lazer ou esportivas (GALLAHUE, 2005).

Neste contexto, quando buscamos a aquisição de movimentos especializados, nos reportamos a associação dos movimentos maduros e refinados e de movimentos complexos e específicos adaptados para as exigências específicas de uma atividade recreativa, do dia-a-dia e principalmente de uma prática desportiva, vindo além, pois se refere a uma série de habilidades motoras e psicossociais que ajudam os seus praticantes não só no contexto do jogo, mas fora dele, com atitudes de determinação, vontade, paciência, disciplina, coragem, flexibilidade e respeito entre outras, levando os praticantes a desenvolver uma resposta motora eficaz e soluções rápidas a situações cotidianas (SILVA, 2003; GALLAHUE, 2005).

Entretanto, devido às variações desenvolvimentistas no amadurecimento de criança para criança é impossível especificar uma idade para cada esporte, isto vêm com o uso da observação e do bom senso (PÍFFERO, 2007; ZANINI, 2000). Nesta linha, é importante escolher a atividade apropriada levando em conta a idade, condição física, estágio de desenvolvimento neuropsicomotor e nível de interesse da criança. Porém, antes de introduzir ao ensino técnico dos fundamentos, é necessário trabalhar a técnica geral de condução do esporte, com a finalidade de preparar seus praticantes para um desenvolvimento produtivo de suas habilidades (FIEDLER, 1976).

Sendo assim, a iniciação esportiva pode ser o primeiro passo na vida esportiva de um futuro atleta. Porém, alguns estudos como o de Francke (2009) e Marques (2000) diz que a especialização precoce é o fator mais citado por autores quando o

assunto está relacionado com os efeitos negativos no processo de iniciação esportiva. As lesões são muito comuns quando uma criança se especializa precocemente em algum desporto. A exigente carga de treinamento, os estímulos que deveriam ser aplicados somente para adultos e são aplicados para crianças são fatores promotores de lesões em jovens atletas. Mostrando que se esse percurso for mal orientado, este primeiro passo poderá ser traumatizante na vida de uma criança iniciante no esporte.

Nesse sentido, este estudo pretende abordar a iniciação esportiva e seus perigos com a especialização precoce como forma de alerta.

DESENVOLVIMENTO MOTOR

Piaget(1952) com sua teoria pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis as quais denomina estágios e períodos do desenvolvimento, esses estágios caracterizam pelas diferentes maneiras de o indivíduo interagir com a realidade, ou seja de organizar seus conhecimentos visando sua adaptação, ocorrendo assim modificações progressivas nos esquemas de assimilação e acomodação, sendo assim Piaget mostrou que os seres humanos se desenvolvem a partir de interações com o mundo e o aprendizado é um processo gradual e para escreve-lo, o autor elaborou a teoria do desenvolvimento intelectual por estágios cujo ponto de partida é a posição egocêntrica, ou seja aquela em que a criança não distingue a existência de um mundo externo separada de si próprio. Nesta linguagem, o egocentrismo corresponde o período em que a criança não vê necessidade de explicar aquilo que diz por ter certeza de estar sendo entendida ou quando atribui seus próprios desejos e características a coisas externas, assim percebendo que a inteligência forma-se por meio de adaptações e quando o esquema se torna insuficiente para responder a novidade é modificado, dessa forma a interação com o mundo externo vai reduzindo aos poucos o egocentrismo.

Na sua teoria biológica sobre a construção do conhecimento humano, Piaget (1975) divide em períodos o processo de desenvolvimento cognitivo da criança, sendo a primeira chamada se de sensório motor, de 0 a 2 anos; a segunda de pré-operacional de 2 a 7 anos; a terceira de operatório concreto de 7 a 11 e 12 anos; e a última fase chama-se de operatório formal de 11 e 12 anos em diante.

Neste contexto Gallahue (2005), vem ao encontro de Piaget (1975), aborda que a infância é entendida como um período de grande importância para o desenvolvimento motor, sobretudo porque é nesta fase que ocorrem as mudanças fundamentais que servem de base para o desenvolvimento das habilidades motoras especializadas que o indivíduo utilizará nas suas atividades cotidianas, de lazer ou esportivas. Para representar o comportamento motor o autor utiliza a ampulheta heurística que representa o aspecto descritivo do desenvolvimento motor durante a vida do indivíduo em desenvolvimento típico.

O desenvolvimento motor de acordo com Gallahue; Ozmun (2003) é a continua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente, assim fornecendo orientações gerais para a descrição e a explicação do comportamento motor e destacando que o nível de aquisição das habilidades motoras é alterável desde o nascimento até a morte. O modelo da ampulheta é caracterizado como um modelo bidimensional descritivo, Gallahue (2002) citou como forma de que “prioriza a função intencional da tarefa de movimento como expressa nas três categorias de movimento de estabilidade, locomoção e manipulação e as fases de desenvolvimento motor expressas por sua complexidade”, já Krebs et al (2005) o cuidado das propriedades biológicas do indivíduo, as condições e estímulos do ambiente e as peculiaridades da tarefa executada.

Divide-se em 04 fases o desenvolvimento motor de acordo com a ampulheta heurística apresentada a seguir:



Fonte: GALLAHUE e OZMUN, 2001.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

O termo iniciação esportiva muitas vezes é confundido com iniciação precoce e é a partir disso que surgem as diferentes opiniões sobre a criança e o esporte, onde a iniciação é de extrema importância pois quanto mais cedo a criança tiver contato com diversas modalidades e estímulos motores melhor ela vai ser quando escolher uma modalidade no futuro, sendo assim, a prática de esportes pode trazer muitos benefícios ao desenvolvimento motor da criança como uma forma de experiência motora, onde a iniciação deve ser realizada de forma correta, respeitando o grau de desenvolvimento de cada aluno, satisfazendo seus interesses e necessidades. E acima de tudo, é de extrema importância proporcionar à criança um repertório de habilidades motoras bastante diversificado, expondo a criança a atividades que explorem os aspectos físicos, psíquicos e motores, no entanto, sem cobranças competitivas, fazendo ser uma ferramenta para alcançar melhoras físicas, psíquicas e motoras (GOMES e

MACHADO, 2001).

Entretanto, quando a criança aprende a prática esportiva, de uma forma planejada e bem específica, pode-se considerar uma iniciação esportiva (ALMEIDA, 1996). Já Paes (2002) afirma que a iniciação esportiva se dá quando há início todo o processo de aprendizagem física, bem como psíquica e social. O autor destaca que a iniciação esportiva pode ser caracterizada quando a criança inicia o processo de aquisição de diversas habilidades básicas e também o repertório motor, considerado necessário para se realizar qualquer atividade chamada específica. No entanto, Almeida (2005) defende que a iniciação esportiva deve ser dividida em três estágios, o primeiro deles, chamado de iniciação desportiva propriamente dita, ocorre entre 8 e 9 anos, onde nesta fase, o objetivo do treinamento é a aquisição de habilidades motoras e destrezas específicas e globais, realizadas através de formas básicas de movimentos e de jogos pré-desportivos. Entre 10 e 11 anos de idade, fase do aperfeiçoamento desportivo, a criança já experimenta e participa plenamente de ações baseadas na cooperação e colaboração. Na terceira e última etapa proposta por Almeida (2005), chamada de introdução ao treinamento, a criança entre 12 e 13 anos alcança um significativo desenvolvimento da sua capacidade intelectual e física.

Nessa perspectiva Pinni e Carazzatto (2005) (apud SANTANA, 2005) defendem que a iniciação esportiva da criança deve obedecer a duas fases: geral e especializada. Na iniciação geral, dos dois aos 12 anos de idade, o objetivo maior é a formação, a preparação do organismo e esforços posteriores, o desenvolvimento das qualidades físicas básicas e o contato com os fundamentos das diversas modalidades, não devendo haver uma preocupação centralizada na competição esportiva. Na fase seguinte, entre 12 e 14 anos, o adolescente é orientado para a especialização esportiva.

ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE

Para Gallahue (2005), a fase de desenvolvimento das habilidades motoras especializadas apresenta três estágios: O primeiro denominado de estágio de transição (estágio de aprender a treinar), este estágio é caracterizado pelas primeiras tentativas do indivíduo de refinar e associar habilidades de movimento maduro, neste estágio de transição ou de aprender a treinar, futuros atletas aprendem como treinar para obter melhor habilidade e performance, para a maioria das crianças de 8 a 12 anos, este é um período crítico, durante o qual as habilidades de movimento fundamental maduro são refinadas e aplicadas aos esportes e jogos da cultura.

O segundo estágio de aplicação (estágio de treinar a treinar), durante o estágio de aplicação, o indivíduo torna-se mais consciente de seus dotes e limitações físicas pessoais e, assim, dirige seu foco para determinados tipos de esportes, tanto em ambientes competitivos quanto recreacionais, a ênfase está em aprimorar a proficiência e o terceiro é o estágio de aplicação ao longo da vida -estágio de treinar para competir/

participar-, os indivíduos geralmente reduzem o alcance de suas buscas atléticas pela escolha de algumas atividades para se engajar regularmente em situações competitivas, recreativas ou do dia-a-dia. Baseando-se nesta classificação podemos afirmar que, aprendizagem desportiva, seja em qualquer modalidade esportiva, deve ser trabalhada em etapas onde cada etapa, deve estimular no aluno, o prazer, o interesse e tornar-se significativa na trajetória esportiva do mesmo (BUDINGER, 1982).

Neste contexto, para haver um bom desenvolvimento da aceitação e melhor aprendizagem das atividades físicas, deve existir um programa relacionado com os interesses dos indivíduos que participam dessas atividades (MACHADO, 1997), ambientes de ensino que enfatizam os interesses dos alunos e promovem uma aprendizagem significativa e contextualizada, fortalecem a motivação dos mesmos para aprender, criando oportunidades para os mesmos tornarem-se aptos à prática; terem o controle sobre seu corpo e movimentos; desenvolverem a autoconfiança e a segurança para transitar nas mais diversas atividades físicas e esportivas (VALENTINI; TOIGO, 2006; PÍFFERO, 2007).

Diante disso, a especialização Precoce de acordo com Kunz (1994) poder ser entendida a partir da inclusão de crianças antes da fase pubertária a um treinamento sistematizado em longo prazo, com no mínimo três sessões por semana com o aumento gradativo do rendimento, além de algumas participações em competições. O maior número de casos de especialização precoce está dentro dos clubes esportivos, isso ocorre porque a opinião da mídia, muito influenciada pela sociedade, entende esse processo como um processo pedagógico normal para identificar novos talentos (PAES, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse estudo, podemos perceber que é visível que cada vez mais cedo as crianças são incluídas no esporte de alto rendimento e quase nada tem sido feito para evitar que o futuro dessas crianças seja insatisfatório, muitas vezes pela falta de conhecimento dos pais em inserirem as crianças muito cedo em clubes esportivos, entre outros. Os profissionais da área devem estar atentos a forma de proporcionar o melhor que o esporte pode oferecer, pois somente com esse cuidado é que poderemos ver futuros campeões do esporte.

Neste contexto, não devemos fazer especialização precoce na criança, pois além de causar um desgaste físico, emocional e psicológico, a criança pode abandonar a modalidade esportiva por sentir se pressionada, insegura e não esquecer a terrível experiência. Pode se notar que grande parcela de culpa dessa especialização precoce vem dos pais que muitas vezes não fazem ideia dos malefícios, juntamente com os treinadores, que visam apenas resultados imediatos sem pensar no futuro da criança, deixando de lado a infância, levando-a ao esporte de alto rendimento e podendo gerar

malefícios físicos e mentais, prejudicando o futuro da mesma.

Por outro lado, nota-se que alguns autores defendem que o ideal é esperar a criança “amadurecer”, entender o esporte, esperar o momento certo e aproveitar a infância da maneira que lhe convém, brincando e se divertindo como deve ser, após esse momento (fase), possa se decidir o caminho a seguir e a criança tomar a decisão do que quer prosseguir no esporte. Desta forma, poderá surgir um grande talento esportivo, com grandes resultados, grandes vitórias, pois a etapa inicial de formação da criança terá sido respeitada e não ficará nenhuma lacuna em seu desenvolvimento.

Sendo assim, o que deve ser levado em conta é que a criança necessita sim da iniciação esportiva, porém dentro de suas limitações, dependendo do que vai fazer, de ter habilidades para fazer, também a formação da mesma, não podemos se basear exclusivamente na idade e sim nas características dessa criança, ela pode ser mais desenvolvida ou menos desenvolvida, seja qual for a modalidade não se pode esquecer aquilo que é prioridade para toda criança: brincar, a brincadeira não tem obrigação nenhuma, brincar é uma atividade de prazer e isso a família e os treinadores não podem esquecer. Aproveitando o que o esporte pode proporcionar em termos de desenvolvimento motor, afetivo e social, a criança deve entender a modalidade como uma brincadeira e nada mais, deve ser exposta a atividades que explorem os aspectos físicos e motores, no entanto, sem cobranças competitivas, o jogo deve ser uma ferramenta para alcançar melhoras físicas, psíquicas e motoras e não o fim.

Palavras-chave: Iniciação Esportiva. Especialização Precoce. Apontamentos. Alerta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.T.P. **Iniciação desportiva na escola**: a aprendizagem dos esportes coletivos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói: Número Especial, p. 41-51, 1996. Disponível em: <http://www.uff.br/gef/tadeu_esp.htm>. Acesso em: 27 de julho de 2017

BUDINGER H.; KLIPPEL P.; WEBER, K. **Tênis para crianças**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.

FIEDLER, M. **Voleibol Moderno**. Ed: Stadium. Buenos Aires, 1976.

FRANCKE, P.E. A iniciação esportiva e a especialização precoce no futebol: fatores de crescimento ou de exclusão? **Revista Digital EFDesportes.com**. Buenos Aires, Nº 131, 2009. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd131/a-iniciacao-esportiva-e-a-especializacao-precoce-no-futebol.htm>> Acesso em: 15 de outubro de 2017.

GALLAHUE, D. L. A classificação das habilidades de movimento: um caso para modelos multidimensionais. **Revista da Educação Física da UEM. Maringá**, v.13, n.2, p.105-111, 2002. Disponível em:<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3707/2548>> Acesso em:01 de agosto de 2017

GALLAHUE, D. L. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **Revista de Educação Física da UEM. Maringá**, v. 16, n.2, p.197-202, 2005. Disponível: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3394/2418>> Acesso: 02 de setembro de 2017

GALLAHUE, D.L., OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo, Phorte Editora, 2003.

GOMES, A. C. e MACHADO, J. A. **Futsal**: metodologia e planejamento na infância e adolescência. Londrina: Midiograf, 2001.

KUNZ, Elenor. **As dimensões inumanas do esporte**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (1994) Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2004>>. Acesso em: 19 de outubro de 2017

KREBS et al. A medida do reflexo de preensão palmar como variável do desenvolvimento motor. **Revista de fisioterapia da FURB**. Blumenau, v.1, n.1, 2005.

MACHADO, AA. **Psicologia do Esporte**: Temas Emergentes. Jundiaí: Ápice, 1997.

MARQUES, A.T. **As profissões do corpo**: treinador. Treinamento Desportivo, Curitiba, v.5, n.1, p. 4-8, junho. 2000.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: ROSE JR, D. et al. (Org). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PIAGET, Jean. **As origens da inteligência em crianças**. Imprensa das Universidades Internacionais, Nova York, 1952.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. São Paulo : DIFEL, 1982.

PIAGET, Jean. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

PIFFERO, CM. **Habilidades Motoras Fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco**: A influência de um Programa de Iniciação ao Tênis. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2007. Disponível em:<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp045512.pdf>> Acesso em: 18 de outubro de 2017.

PINI, M.C.; CARAZZATTO J.G. **Idade de início da atividade esportiva**. In: Fisiologia esportiva. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SANTANA, Wilton Carlos de. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. **Revista virtual EFArtigos**, volume 03, número 13, Natal/RN, 2005. Disponível em:< <http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo57.html>> Acesso em: 20 de Abril de 2017

SILVA S. **Tênis para crianças**: Manual para pais, filhos e mestres. São Paulo: Via Lettera, 2003.

VALENTINI, NC; TOIGO, AM. **Ensinando Educação Física nas séries iniciais**: Desafios e Estratégias. Canoas: Salles, 2ª edição, 2006.

ZANINI, JJF. **Viva Mais, Viva Melhor**. Porto Alegre: La Salle, 2000.

INVESTIGANDO O E-SPORT: UMA NOVA TENDÊNCIA PARA JOVENS E ADULTOS

Vilmar Rodrigues dos Santos

FECAF – Faculdade Capital Federal, Faculdade
de Educação Física
Taboão da Serra, SP, Brasil.

RESUMO: O presente artigo apresenta informações a respeito da tendência atual dos jogos eletrônicos também conhecidos como e-sports. Os e-sports são jogos eletrônicos disputados ou não por grupos de pessoas em competições que podem oferecer premiação aos vencedores. Conforme o tempo passa mais jovens e adultos praticam essa nova modalidade de competição que era a princípio praticada em casa com as famílias. Com o advento da Internet e o acesso facilitado aos jogos muita coisa mudou, mas apesar disso, a bibliografia relacionada ao assunto ainda é escassa e se faz necessária uma maior investigação sobre os efeitos que o e-sport tem sobre os participantes, os objetivos que podem ser alcançados e a participação feminina que ainda é pequena. Enfim, muita coisa acontece e ainda vai acontecer nesse universo chamado E-sport.

PALAVRAS-CHAVE: E-Sport; Tendências; Jovens e Adultos.

SUMMARY: This article presents information

about the current trend of electronic games also known as e-sports. E-sports are electronic games that can be played by groups of people in competitions that can offer prizes to the winners. As the days go by more young people and adults practice this new mode of competition that was originally practiced at home with families. With the advent of the Internet and easy access to the games, much has changed, but despite this, the bibliography related to the subject is still scarce and more research is needed on the effects that e-sport has on the participants, the objectives that can be reached with them and the female participation that is still small. Anyway, a lot is still going to happen in this universe called E-sport.

KEYWORDS: E-Sport; Tendencies; Youth and Adults

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos visto uma mudança radical na forma de se participar de atividades desportivas e campeonatos. O E-Sports é uma nova tendência mundial que arrasta milhões de fãs pelo mundo e aqui no Brasil não é diferente. O E-Sports tem sido divulgado como uma nova modalidade esportiva com jogadores, público fiel, torcedores, estratégias e modos de jogos

nunca vistos antes, o que mostra um modelo novo de ascensão no que diz respeito ao gosto pela modalidade.

O presente trabalho traz um breve relato sobre a história dessa modalidade, seus participantes e como tem influenciado a mídia, o mercado de games e os próprios participantes. A partir de uma pesquisa bibliográfica teremos condições de adequar os conhecimentos relacionados ao E-sports e suas nuances. Uma tendência cada vez mais real num mundo onde o virtual chega mais e mais em nossos lares, interagindo com as pessoas de maneira sul real. Apesar disso, o assunto é um tanto quanto recente e carece ainda de mais estudos a respeito, sendo assim, o conteúdo encontrado em sua maioria está na internet. Poucos livros a respeito foram escritos até o momento.

Não é novidade que os games atraem diversos públicos e em diferentes faixas etárias. Desde a criação dos primeiros consoles as pessoas têm buscado, por diversos motivos, interagir cada vez mais nesse universo dos jogos.

O que era apenas uma simples diversão caseira onde a família e seus amigos participavam com ênfase, passou a ganhar dimensões cada vez maiores, na medida em que nesses jogos as interações passaram a ser com outras pessoas há quilômetros de distância e com o advento da Internet, tudo ficou mais fácil culminando em jogos e aplicativos que inundam diversos aparelhos que vão desde os consoles, passando pelos smartphones até os celulares mais simples.

Se pensarmos um pouco podemos trabalhar vários objetivos com os jogos voltados para o E-Sport já que eles remetem ao trabalho em equipe, liderança, superação de obstáculos e estratégias.; objetivos que podem auxiliar o praticante em sua vida diária. Não há como deter essa tendência mundial, o E-sport chegou para ficar e cada vez mais adeptos surgem, gerando emprego, cifras milionárias e um gosto cada vez maior pela atividade realizada indoor. Muito de positivo pode ser aproveitado.

De maneira geral o e-sports:

“São games que podem ser jogados competitivamente. Não se restringem a jogos de esporte como a série FIFA de futebol ou Madden de futebol Americano, abarcam gêneros de tiro (FPS), estratégia (RTS) e arenas de batalha (MOBA), por exemplo.” (PEREIRA, 2014, pág.21).

Mesmo assim, há outras discussões sobre isso: se estamos falando de um esporte com características convencionais. Embora ainda não haja consenso, podemos ver algo diferente. Nós gostamos de jogar videogames e a possibilidade de ganhar dinheiro com isso é algo que estimula qualquer pessoa que tenha certa habilidade com os controles, um novo mercado que se abre para aqueles que gostam e querem continuar fazendo jogos eletrônicos para ganhar a vida.

O SURGIMENTO DO E-SPORTS

A expressão deriva do inglês “*eletronic sports*” e é o nome destinado às modalidades de competição profissional de jogos eletrônicos (videogames), expõe os limites de agilidade e capacidade de raciocínio dos jogadores. As partidas são disputadas por equipes e em tempo real. Outra definição para e-sports:

“A atividade de jogar jogos de computador contra outras pessoas na internet, muitas vezes por dinheiro, e muitas vezes visto por outras pessoas usando a internet, às vezes em eventos especiais” (CAMBRIDGE Dictionary, 2017).

Segundo Magalhães (2016) apesar de não ter esse nome, a primeira competição aconteceu em 1972 na Universidade de Stanford por seus estudantes. Para esse campeonato foi escolhido o jogo de batalha espacial “*Spacewar*”. O mesmo autor ainda comenta que outro marco para o e-sports foi a possibilidade de se jogar online, ao vivo popularizando ainda mais esse tipo de jogo. Durante as décadas que se passaram muita coisa mudou. Pereira (2014) cita que os primeiros jogos a serem disputados de maneira competitiva, por meio de torneios e campeonatos foram os arcades, conhecidos no Brasil nos tradicionais fliperamas, hoje instalados em estabelecimentos de entretenimento como os shoppings.

Antes disso tínhamos apenas os consoles/videogames que traziam divertimento para toda a família. Eram jogados em casa e o acesso era muito limitado, poucas pessoas tinham condições de adquirir. Com o aumento da demanda e a posterior queda de valores, aliada a melhora nas condições de vida das pessoas, o acesso ficou facilitado e com o tempo eles foram se popularizando e invadindo os lares de todo o mundo.

Com o tempo o que era feito em casa passa a ter uma dimensão maior já que a Internet surge como um meio de comunicação novo, que permitia um acesso facilitado às informações geradas. Fatores como a diminuição dos espaços públicos e o deslocamento diário para o trabalho fez com que as pessoas cada vez mais praticassem o que chamamos de lazer doméstico permitindo um entretenimento feito em casa. Outra vantagem de se jogar dessa forma está no fato de não se ter uma faixa etária específica para se jogar (na maioria dos jogos).

Especificamente quanto ao vídeo game e os jogos eletrônicos podemos dizer que talvez o fato de não haver deslocamento para se jogar faz com que cada vez mais e mais jogadores surjam e a possibilidade de desafiá-los sem sair do conforto de seu lar seja motivador. Sendo assim, jogos como LOL (league of Legends), FIFA (EA SPORTS) e Starcraft atraem milhões de adeptos que passam horas em frente ao monitor para partidas e ou competições. Então, o que era algo “caseiro” passa por uma evolução culminando no que temos hoje.

Se pensarmos que os jogos eletrônicos estão cada vez mais presentes em nossas vidas não é difícil entender o fascínio que eles despertam em seus jogadores.

Novos gráficos, jogabilidade cada vez melhor, jogos em diversas plataformas entre outras coisas vislumbram algo que vai além do simples prazer em jogar. Têm-se um número cada vez maior de praticantes e a indústria dos games também percebeu isso vendo assim um filão enorme no mercado oferecendo uma gama imensa de jogos e produtos de consumo. Featherstone (1995) diz que Uma das premissas da cultura de consumo é a expansão da produção capitalista de produtos.

APENAS DIVERSÃO?

A princípio, no mundo e-sport já se consolidou. No Brasil podemos dizer que estamos crescendo bastante. Segundo Magalhães (2016) a partir de 2012, duas empresas referências no mercado decidiram abrir sedes por aqui. A Blizzard Entertainment e Riot Games, desenvolvedoras dos jogos StarCraft2 e League of Legends respectivamente. Em menos de um ano já realizaram campeonatos apostando que aqui teríamos um futuro nos e-sports. Se levamos em conta que esse período de e-sports está em ascensão com um grande número de fãs, o que atrai cada vez mais patrocinadores e figuras famosas há algo que vai além da diversão. Crianças e adolescentes participam de grupos e clãs se envolvendo cada vez mais nesse universo que tende a semiprofissionalização e por que não a profissionalização.

Sabemos que existem grupos que participam de jogos por diversão, para passar o tempo, competindo até, mas nada que remeta a valores que possam ser pagos. A partir do momento que esses valores entram em jogo, muita coisa muda e aquilo que era diversão momentânea, se mostra agora como algo sério, que envolve treinamento mais apurado, maior tempo na elaboração de estratégias e uma dedicação quase que exclusiva aos jogos. Hoje o e-sport é um fenômeno de aceitação e amplitude entre os jovens principalmente.

O E-SPORT HOJE

Muita coisa há para se dizer dos jogos eletrônicos nos dias de hoje. Muitas temáticas devem ser discutidas para um avanço nas relações entre todos os envolvidos. Muitos são os jogos e a evolução acontece de maneira exponencial e os praticantes de e-sport são ávidos por novidades. As feiras temáticas são um verdadeiro sucesso. Podemos citar como exemplo a BGS (Brasil Game Show) que reúne os aficionados pelos games, jogos eletrônicos e afins.

No que se refere às mulheres, por exemplo, Gera (2014) menciona que o mundo pro-game viu um salto de popularidade entre as mulheres aumentar entre 15 e 30 por cento em 2013. A mesma autora ainda cita que mesmo com o aumento da audiência feminina a participação de mulheres é quase ausente nas arenas de jogo. É sabido

que o número de homens que participam dos jogos eletrônicos é muito maior e se observarmos especificamente entre os profissionais isso fica ainda mais evidente. Devemos verificar o que acontece e proporcionar uma maior participação feminina em tais eventos.

Os benefícios que a prática dos jogos eletrônicos pode trazer ao praticante devem ser estudados com maior ênfase já que essas atividades podem trabalhar o companheirismo, o trabalho em equipe, a resolução de problemas e a superação de limites, inclusive na escola, pois “ao propor jogos onde os jogos podem ser trabalhados concomitantemente com várias áreas do conhecimento é possível fazer com que a criança e o adolescente possam adquirir novos conhecimentos” (SANTOS, 2014 pág.32).

A preparação que esses jogadores têm é alvo de discussões. Será mais um mercado que se abre ao profissional de Educação Física? A preparação para um torneio ou campeonato exige muito dos participantes e uma preparação adequada deve ser feita. Podemos nos beneficiar desse nicho de mercado. Além da preparação física temos também a questão psicológica dos jogadores que passam por uma pressão enorme.

Os valores pagos hoje em dia no e-sport vão muito além do que poderíamos imaginar. Os campeonatos pagam verdadeiras fortunas aos participantes e alguns profissionais são verdadeiras celebridades no meio. Muitos outros também têm como seu sustento o jogo eletrônico dedicando-se totalmente a essa modalidade. As premiações aos ciber-atletas giram em torno dos milhões de dólares. Estamos falando aqui em premiação individual e premiação por equipe. E cada vez mais e mais jogadores amadores se preparam para, quem sabe um dia, se tornar um verdadeiro profissional de E-sport.

Outra discussão que gera muita polêmica é responder a seguinte pergunta: e-sport é um esporte? Muitos jogadores vêm seu trabalho como esporte por entenderem que os treinamentos, as pressões por que passam e as exigências diárias justificariam o entendimento de que o e-sport deve ser considerado como qualquer esporte tradicional. O dicionário Michaelis traz como conceito de esporte:

“Prática metódica de exercícios físicos visando o lazer e o condicionamento do corpo e da saúde. O conjunto das atividades físicas ou de jogos que exigem habilidade, que obedecem regras específicas e que são praticados individualmente ou em equipe; desporte, desporto”.

Já o dicionário Priberan traz outro significado:

“Prática regular de uma atividade que requer um exercício corporal e que obedece a determinadas regras, para lazer, para desenvolvimento físico ou para demonstrar agilidade, destreza ou força...”.

Tubino (1999) menciona que apenas as modalidades que tinham jogo, competição, movimento eram consideradas esporte. Essa concepção impediu que por muito tempo vários jogos de salão fossem considerados modalidades esportivas, pois não apresentavam movimentos compatíveis com a exigência anterior do conceito esporte. O mesmo autor ainda afirma que isso mudou a partir da Carta internacional de Educação Física e Desportos de 1979 fazendo com que esse conceito tivesse alcance social relevante. É complexo afirmar e ainda não se tem uma tese fechada sobre o assunto, inclusive no que diz respeito a Legislação Desportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os e-sports têm conquistado uma legião de fãs por todo o mundo e no Brasil não é diferente. Eles também se mostram como democráticos, pois podem ser praticados em qualquer lugar. As pessoas podem montar grupos e participar de torneios em forma de lazer.

Houve uma verdadeira revolução nas últimas décadas desde o surgimento dos primeiros jogos, consoles, arcades, computadores culminando no universo que temos hoje. A literatura ainda é pequena perto da gama de possibilidades que podem ser abordadas no assunto. Vemos com assombro a rapidez com que esses jogos evoluem e podemos dizer que essa tendência veio para ficar. Cada vez mais jovens e adultos partem para essa forma de jogar. Um novo mundo que se descortina através das novas mídias; o que era simples se tornou algo grandioso proporcionando uma nova forma de entretenimento, fascinando e abarcando cada vez mais e mais pessoas.

Jogadores frenéticos e olhos colados na tela do computador. Jogar videogame virou profissão e eles são ídolos do e-sport. Eles têm contrato, são patrocinados e tem fãs. Faz-se necessário estudar com mais profundidade o tema já que há muito a desenvolver sobre o assunto e atualmente se sabe que existe uma corrente para que os jogos eletrônicos/e-sport se tornem uma modalidade olímpica, pois as competições de games têm ganhado muita força no cenário mundial e conversas já estão programadas para esse tipo de jogo se tornar uma modalidade olímpica já nas Olimpíadas de Paris 2024, apesar de não se ter ainda uma clareza sobre se “os *e-sports* são realmente um esporte no que diz respeito à atividade física e quanto ao que é necessário para que sejam considerados como tal”, disse o presidente do COI, Thomas Bach” (PALAZUELOS, 2017).

Como indicação, a proposta de se aprofundar nos estudos relacionados aos jogos eletrônicos também conhecidos como e-sport. Como se percebe a literatura pertinente ainda carece de elementos mais fidedignos, de uma literatura que realmente mostre a importância do assunto e possa dar subsídios para novos estudos a respeito.

REFERÊNCIAS

CAMBRIDGE DICTIONARY - disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/e-sports?fallbackFrom=english-portuguese> - acesso em 25 de outubro de 2017.

ESPORTE, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa em linha, 2008-2013**, <https://www.priberam.pt/dlpo/esporte> consultado em 25 de Outubro de 2017.

FEATHERSTONE, M. – **Cultura de Consumismo e Pós Modernismo** - Editora Studio Nobel (tradução de Júlio Assis Simões, pág. 31), São Paulo, 1995.

GERA, E.- **Where are the women in eSport?** – disponível em: <https://www.polygon.com/2014/5/27/5723446/women-in-esports-professional-gaming-riot-games-blizzard-starcraft-lol>. Acesso em 25/10/2017.

MAGALHÃES, P. S. – **A ascensão dos Esportes Eletrônicos no Brasil** – Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo – Centro universitário das Faculdades Associadas de Ensino São João da Boa Vista. 79 págs. 2016.

MICHAELIS, Dicionário Escolar língua Portuguesa – Editora Melhoramentos, São Paulo, SP 2010.

PALAZUELOS, F. - Os 'e-Sports' poderão virar modalidade Olímpica nos Jogos de Paris – artigo, caderno Tecnologia, Jornal El País, edição: 21 de Agosto de 2017: disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/19/tecnologia/1503139023_302525.html, acesso em 25/10/ 2017.

PEREIRA, S. K. – **O Videogame Como Esporte** – uma comparação entre esportes eletrônicos e esportes Tradicionais – Monografia apresentada junto à Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Departamento de Audiovisuais e Publicidade – Brasília Distrito Federal. 122 págs. 2014.

SANTOS, V. R. – **Jogos na Escola** – Os Jogos nas aulas como Ferramenta Pedagógica – Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

TUBINO, M. G. – O que é Esporte? – Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1999. (Coleção Primeiros Passos)

O CONTEÚDO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER

Vânia Lurdes Cenci Tsukuda
André Ribeiro da Silva
Ligia Maria Bacelar Schuck Vicenzi
Maikel Schuck Vicenzi
Guilherme Lins de Magalhães
Eldernan dos Santos Dias
Roberto Lister Gomes Maia
Jitone Leônidas Soares

RESUMO: Com o passar dos anos o complexo da Educação Física nas suas dimensões da saúde, educação e do desporto veem ganhando cada vez mais espaço nas aulas de educação física. Ela, disciplina, que por muito tempo foi utilizada apenas na formação de corpos fortes e saudáveis ou mesmo atletas, hoje, já não tem ou pelo menos não deveria ter, esse mesmo intuito. Pode ser compreendido, nos dias de hoje, importante ferramenta formativa para o desenvolvimento de valores e conceitos de cidadania. O que antes era restrito a apenas um mecanismo de formação motora, atualmente, ganha espaço na perspectiva da formação integral do indivíduo. Nessa vertente, este capítulo tem como principal objetivo analisar a importância do conteúdo esporte como instrumento para promoção do desenvolvimento integral humano. Como problema de pesquisa a seguinte interrogação: Qual a contribuição do conteúdo esporte na formação de valores

do indivíduo quando trabalhado na perspectiva dos valores atitudinais? Entretanto, a partir da construção deste capítulo foi possível perceber que a educação física ministrada no que tange ao conteúdo esporte nas prática pedagógica do ensino regular devem sempre levar em conta no seu planejamento dos valores atitudinais visando não apenas a formação de atletas, mas a formação do ser social integral dos alunos. Papel fundamental da escola na formação dos cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Ser social, Desenvolvimento integral, Valores, Educação Física.

INTRODUÇÃO

A sociedade científica se encontra em constante busca por maior desenvolvimento, conhecimento, evolução. Pelo menos esse é o papel precípua da ciência: a busca de resolução de problemas em direção sempre dos mais elevados níveis de sociabilidade. Tal fato pode ser justificado por uma característica humana de incessante busca pela superação da sua condição atual, sempre pelo querer mais, pela quebra dos limites etc. Como já colocava o clássico pensador grego Heráclito de Éfeso: Ser é um eterno vir a ser. Ser é processo. (DIAS,

2016) Com o passar do tempo os questionamentos vão se modificando, as realidades também, porém, a ciência deve continuar na busca incessante pelo conhecimento, de maneira a propiciar instrumentação atualizada e necessárias aos novos contextos que surgem.

Nesse cenário, o complexo científico da Educação Física cresce usando um campo multidisciplinar no qual se insere nas dimensões humanas da saúde, da educação e do desporto. Nesse espaço ganha energia o componente da Cultura Corporal, (COLETIVO DE AUTORES, 1992) o educando deixa de ser visto como um atleta e passa a ser compreendido como um ser em formação que através dos cinco pilares da Educação Física: Educação, saúde, fitness, lazer e o desporto, desenvolve valores e atitudes fundamentais ao bem viver em sociedade.

Este capítulo tem como foco principal objetivo analisar a importância do esporte como um dos conteúdos e ferramenta na promoção do desenvolvimento de integral do indivíduo. Nesse sentido, se configura como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual a contribuição do conteúdo esporte na formação de valores do indivíduo quando trabalhados, especificamente, na perspectiva da formação de valores atitudinais e éticos da pessoa humana?

Os métodos pedagógicos de ensino de modalidades coletivas foram se desenvolvendo ao longo dos anos cada um com suas características peculiares, e buscavam, sobretudo, o aperfeiçoamento das técnicas relativas a primazia da execução do gestual corporal. Inicialmente desenvolvidos com movimentos ginásticos, na sequência com os jogos e os esportes, até conquistar o espaço para se considerada modalidades da Educação Física enquanto ciência. (COUTINHO & SILVA, 2009)

Em suma, essa investigação tem como principal objetivo abordar os métodos que mais influenciaram a Educação Física no decorrer dos anos, bem como analisar sua colaboração para a formação da sociedade e dos métodos atualmente desenvolvidos.

Esse capítulo é referente a uma pesquisa bibliográfica, pautado na obra de renomados autores do campo da Educação Física. Porém a obra “A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal” da autoria de André Luís Ruggiero Barroso e Suraya Cristina Darido ganham mais espaço neste capítulo por tratarem de maneira mais focada e específica os modelos didáticos e pedagógicos com ênfase no procedimental e atitudinal humano na disciplina escolar de Educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Física voltada para o esporte, chegou ao Brasil a partir da década de 50, baseada no Método Desportivo francês. No entanto, na década de 60 as práticas esportivas foram bem mais evidenciadas nas aulas, tal fato se dá ao apogeu do Método Tecnista de ensino.

Para Coutinho & Silva (2009, p. 18):

O ensino dos esportes coletivos na escola vem sendo, principalmente a partir dos anos 80, alvo de inúmeras discussões e debates entre estudiosos de EF. De forma geral, estas discussões versam sobre a forma como estes esportes são desenvolvidos e sua finalidade no contexto escolar. Costa (1987) e Paes (2001) afirmam que, na maioria dos locais onde a prática esportiva se faz constante, principalmente nas escolas, o ensino está baseado em uma prática desprovida de objetivos, ou seja, uma atividade com um fim em si mesma, seletiva e excludente.

A Educação Física enquanto área do conhecimento voltada para a formação escolar teve sua gênese muito ligada a saúde numa visão higienista e aos métodos ginásticos flertando com os princípios ideológicos nacionalistas das décadas de 50 e 60. Foi um momento importante e significativo para a área. Entretanto com o desenvolvimento da sociedade e as novas necessidades advindas dos novos tempos, hoje, não cabe mais a Educação Física ficar restrita ao desenvolvimento dos escolares apenas a partir do prisma do corpo forte, saudável e útil ao país. (SOARES,2001)

No chamado movimento renovador da Educação Física pautado por estudiosos da área em meados da década de 80, importante aspecto questionado no momento das aulas é o da hipervalorização das técnicas que privilegiam os mais habilidosos e excluem os menos habilidosos. Movimento que reproduz o modo de produção socioeconômico vigente (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Os professores que trabalham com a disciplina da Educação Física, visando a formação do ser integral, deve compreender a função principal do ambiente em que ela está sendo desenvolvida e fazer valer a oportunidade de participação de todos os sujeitos, entendendo ser a escola, esse espaço formativo e questionador de modelos que mais aprisionam do que fazem avançar as perspectivas de evolução dos cidadãos. Numa compreensão dialética da história da educação física e a atuação no espaço escolar cabe reconhecer as habilidades de seus alunos e incentivar a prática desportiva em níveis cada vez mais elevados. Entretanto, entendendo também que o local ideal para o desenvolvimento de habilidades para o desporto profissional em alto nível, para aqueles que assim o desejarem, deverá ser em programas específicos fora da grade educacional, por ser caracterizado com objetivos não antagônicos mas distintos dos que devem ser trabalhados na escola para formação humana. Nas aulas de Educação Física deverão ser trabalhados não apenas o esporte pelo desenvolvimento esportivo da criança, mas sim conceitos voltados para a formação integral deste ser. Conforme afirma a seguir Borges (2015, p.7):

Nos dias atuais, a mídia abre um grande espaço para as modalidades esportivas coletivas, logo, o índice da popularidade desses esportes vem crescendo de forma significativa em relação às décadas passadas. Esse aumento de assistência coloca os esportes coletivos em uma posição indiscutível de destaque, despertando nas crianças o desejo de praticar esporte. Sendo assim, várias escolas oferecem a seus alunos várias atividades esportivas no contra turno escolar, ou seja, as Práticas Esportivas Extracurriculares.

Para Barroso e Darido (2009), os esportes como conteúdo nas aulas de Educação Física não devem ser voltados apenas para o “esporte pelo esporte”, antes, outros temas devem ser trabalhados com o intuito de uma formação completa do indivíduo. Assim, os referidos autores afirmam:

Há um discurso praticamente homogêneo direcionando para uma formação que busque a autonomia, para a qual são salientados valores e condutas de comportamentos como participação, socialização, coeducação, respeito, cooperação, emancipação, igualdade e convivência. Não obstante, sentimos falta de uma melhor estruturação referente aos procedimentos pedagógicos para trabalhar estes temas. Uma dificuldade ainda maior aparece ao tratarmos da dimensão conceitual, pois acaba se manifestando de modo mais restrito, havendo novamente uma carência de métodos, procedimentos didáticos e estratégias para desenvolvimento de temas relacionados a esta dimensão.

Torna-se importante destacar que qualquer proposta metodológica para o ensino do esporte no ambiente escolar deve ser desenvolvida ao longo das séries, pois há necessidade de tempo para ser realizada de modo que possibilite um adequado processo de ensino e aprendizagem. Reforçando este propósito, sabemos que o esporte é apenas um dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física escolar, pois outros conteúdos existem, pertinentes a este componente curricular.

Embora várias abordagens tenham sido construídas pelos estudiosos da área no decorrer dos anos, a abordagem tecnicista ainda é muito utilizada pelos professores de Educação Física nas suas aulas. Foi percebido, pelos registros de Barroso e Darido (2009), e nas vivências do cotidiano escolar, que ainda nos dias de hoje, uma boa parcela dos professores da área trabalham o esporte pelo esporte, pelo auto rendimento. Buscando, ao invés de formar um cidadão capaz de atuar criticamente na sociedade, um que reconhece, limitadamente, a Educação física como apenas promotora de entretenimento, corpos da moda, status e fama.

Para Costa e Nascimento (2004),

As modalidades coletivas sempre tiveram amplo espaço na realidade escolar, justificadas principalmente pela aceitação dos alunos, a sua facilidade de aplicação e a estrutura física das escolas. As abordagens pedagógicas da Educação Física buscam a implantação da hegemonia do pensamento pedagógico e científico da área, através de discussões a respeito do melhor método.

Cabe assim a cada professor compreender a importância de desenvolver o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física voltado não apenas para a formação de atletas, mas principalmente para a formação de competências éticas, dando assim aos valores atitudinais a sua respectiva importância.

No ambiente escolar, o esporte pode se organizar de diversas maneiras e apresentar diferentes objetivos para a sua prática. É na escola que se estabelece uma relação diferente com o esporte, pois ele é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno possa aprendê-lo e vivenciá-lo. Portanto, aceito como fenômeno social, o esporte precisa ser questionado em suas normas, suas condições de

adaptação à realidade social e cultural que o pratica, cria e recreia. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.71).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 70) pode se afirmar que o conteúdo do esporte é um conjunto de práticas em que são adotadas regras de caráter oficial, universalmente aceitas de caráter competitivo. Os esportes são organizados em federações regionais, nacionais e internacionais e regulamentam a atuação amadora e a profissional. Nessa perspectiva, estão nas regras do esporte uma forte aliada para a formação do ser no que diz respeito ao entendimento e elaboração das regras para um consenso e bem viver em coletividade. Aprendizado utilizado para além do chão das quadras, mas também na sociedade em que este indivíduo está inserido e tem atuação direta.

Apreendendo melhor o impacto dos esportes na formação do psiquismo humano, assim agente formador integral do ser é possível perceber um forte impacto que este tem na formação da personalidade dos indivíduos e principalmente quando se coloca o termo personalidade no complexo etimológico. Valladon (1988) e Martins (2011) utilizam palavras muito objetivas para defini-la. A personalidade é uma estrutura dinâmica integrativa e integrante, que

assegura uma unidade relativa e a continuidade no tempo do conjunto dos sistemas que explicam as particularidades próprias de um indivíduo, de sua maneira de sentir, de pensar, de agir e reagir em situações concretas. (VALLADON, 1988, p. 01)

[...] a personalidade é processo, é desenvolvimento resultante da relação entre dois aspectos da sociedade, sendo um deles de natureza objetiva e o outro, de natureza subjetiva, portanto, aspectos em princípio opostos. O curso do seu desenvolvimento assenta-se exatamente no processo dinâmico pelo qual o primeiro se converte no segundo, e vice-versa. (MARTINS, 2011, p. 87)

Diante do exposto podemos compreender que a formação da personalidade e amadurecimento das funções psíquicas são produzidos por meio de vivências estéticas, sensoriais, por meio de sensações, pensamentos e ações concretas, corroborando mais uma vez com a justificativa também do esporte como conteúdo é muito importante na formação integral do indivíduo.

Tendo em vista, porém, que o tipo de sistema nervoso não é algo invariável, o temperamento do indivíduo pode mudar por influência das condições de vida e de atividade. Isso significa dizer que as particularidades do temperamento não estão condicionadas somente pelas qualidades naturais do sistema nervoso. Dependem das influências às quais o indivíduo está constantemente submetido ao longo de sua vida, da educação e da aprendizagem. (MARTINS, 2011, p. 97)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ficou evidente, durante as pesquisas realizadas para elaboração deste capítulo

que a Educação Física enquanto disciplina do componente curricular, que compõe a educação básica, representa uma área com enorme oportunidade de intervenção docente no que tange ao aspecto relacionado aos comportamentos atitudinais, tal fato pode se justificar por ela, Educação Física, ser ministrada em diferentes ambientes e principalmente nas quadras ou locais abertos e nestes espaços, os alunos tendem a se apresentar de forma mais natural e espontânea. Deixando muitas vezes transparecer atitudes que não condizem com uma conduta coerente, moral e ética no sentido do viver em sociedade. Estes momentos são de suma importância para intervenções pedagógicas que visem a educação e o desenvolvimento do estudante. Estas intervenções pedagógicas não só podem como devem ser exploradas na prática do professor de Educação Física.

De acordo com os autores e material pesquisado (BARROSO, DARIDO, COUTINHO 2009) as principais e mais recorrentes maneiras equivocadas de conduta, evidenciadas nas aulas são: Trapaças, desrespeito às regras, aos colegas, palavrões, preconceitos de gênero, de classe, de cor, orientação sexual, religiosa etc. Porém, por mais que tais condutas negativas que afastam os seres humanos de tudo que poderiam ser, façam parte do cotidiano, tanto dentro quanto fora da escola, por parte alunos. Faz parte do ofício do professor levar os estudantes a reflexão e ao aprendizado acerca das suas atitudes, seu crescimento emocional, seu comportamento e o seu desenvolvimento humano e social integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível perceber que o trabalho com o esporte nas aulas de educação física é fundamental para o desenvolvimento do educando, porém não deverá ser trabalhado o esporte pelo esporte, antes o professor deverá construir objetivos conceituais, procedimentais e também os atitudinais, voltando-se assim para a formação da personalidade, do caráter do educando.

Nessa panorama, o intuito não é o de condenar aqui o trabalho com os esportes nas aulas, pelo contrário, o reconhece como parte importante da Educação Física escolar, no entanto, este não deve ser voltado apenas para o alto rendimento. O interessante é que, complementar ao espaço escolar, em dias e horários distintos aos da escola, sejam oferecidas como políticas públicas oportunidades ao estudante de vivenciar as mais diversas modalidades dentro da cultura esportiva. Permitindo aos que querem e/ou possuem habilidades mais bem desenvolvidas realizar uma prática esportiva visando a profissionalização e o alto nível. Liberando tempo e condições para que durante as aulas do ensino regular, a prática escolar possibilite condições mais efetivas para o trabalho com os conteúdos e valores atitudinais. Para que os mesmos tenham tanto peso e consideração na grade horária e curricular escolar quanto os conteúdos procedimentais e conceituais.

Cabe também aqui afirmar que existe uma vasta gama de métodos de ensino de modalidades coletivas as quais o educador pode utilizar em suas aulas, entretanto, verifica-se que alguns desses métodos largamente utilizados em outras épocas não mais se adéquam à atualidade.

Conclui-se afirmando que independente da qual ou quais modalidades esportivas o professor escolher é importante que sejam trabalhadas de uma maneira mais pedagógica dentro dos objetivos escolares, utilizando métodos flexíveis, dialógicos, oferecendo espaço para participação dos alunos, desenvolvendo senso crítico, trabalho em equipe, hábitos do bem viver e proporcionando ao aluno aulas prazerosas. Estes elementos devem estar presentes não somente no esporte, mas em qualquer conteúdo trabalhado nas aulas da Educação Física escolar, oportunizando assim que o educando se expresse, deixe evidente as suas emoções, sensações, anseios, medos etc. para que de forma respeitosa, profissional, crítica e consciente o professor possa intervir pedagogicamente para a formação integral do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, André Luís Ruggiero. DARIDO, Suraya Cristina. **A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal**. R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física**. Brasília: MEC, 1998.
- BORGES, Suzelly Lira. **Metodologias de ensino dos esportes coletivos na iniciação esportiva escolar em atividades extracurriculares**. EVINCI, evento de iniciação científica. 19 a 23 de outubro de 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo:Cortez,1992.
- COUTINHO, Nilton Ferreira. SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física**. Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 117-144, janeiro/março de 2009.
- DIAS, Eldernan dos Santos. **Da formação humana à espetacularização do esporte**. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- MARTINS, L. **A Formação Social da Personalidade do Professor - um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2001.
- VALLADON, S. **As Teorias da Personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1

O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A ERA DIGITAL: FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NA APRENDIZAGEM DISCENTE

Greici Fior

IFSUL, Passo Fundo, RS, Brasil

Carmem Scorsatto Brezolin

IFSUL, Passo Fundo, RS, Brasil

RESUMO : O presente artigo tem como finalidade discutir e refletir acerca do uso de recursos tecnológicos digitais nas aulas de Educação Física. Este estudo originou-se no fato da atual presença dessas ferramentas no cotidiano dos estudantes, sendo fundamental explorar suas capacidades, de forma a auxiliar os professores. A fim de pontuar os meios e estímulos tecnológicos da aprendizagem, e consequentemente a formação de cidadãos criativos, pensantes e acima de tudo capazes de interagir com o mundo a sua volta, a pesquisa teve como objetivo verificar os efeitos do uso de tecnologias digitais aliadas às práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. Assim, foi então realizado um estudo quanti qualitativo através de um questionário com os profissionais que atuam na disciplina de Educação Física no Estado do Rio Grande do Sul. Constatou-se que, os professores de Educação Física estão integrando aos seus planejamentos, as novas tendências tecnológicas e obtendo aproveitamento satisfatório na aprendizagem dos discentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Física; TICS; Tecnologias Digitais; Aprendizagem Discente; Educação Básica;

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss and reflect on the use of digital technologies in physical education classes in school institutions in the state of Rio Grande do Sul. This study originated in the fact that these tools are present in students' daily life, being fundamental to explore their capacities in order to assist teachers. In order to punctuate the means and technological stimuli of learning, and consequently the formation of creative, thinking citizens and above all capable of interacting with the world around them, the research aimed to verify the effects of the use of digital technologies allied to pedagogical practices in Physical Education classes. Thus, a qualitative quantitative study was carried out through a questionnaire with the professionals that work in the discipline of Physical Education in the State of Rio Grande do Sul. It was verified that, Physical Education teachers are integrating in their planning, the new technological trends and achieving satisfactory achievement in students' learning.

KEYWORDS: Physical Education; TICS; Digital Technologies; Student Learning; Basic education;

1 | INTRODUÇÃO

As tecnologias, tais como computadores, tablets, celulares e outros, se desenvolvem fortemente e de maneira muito rápida e eficaz para nos auxiliar a realizar grande parte das tarefas e resolver problemas que nos deparamos no dia-a-dia. Tornam-se indispensáveis não apenas no espaço administrativo, mas também nas salas de aula para facilitar o processo de ensino-aprendizagem (SOUZA, 2017).

Há assim uma necessidade de evolução e adequação nas práticas educativas, em frente a toda essa turbulência de informações que temos disponíveis na palma de nossas mãos. A velocidade de informações se deve principalmente ao uso da internet que consegue atingir várias pessoas em todos os lugares do mundo e em tempo real (SIEMENS, 2004).

Existem meios e métodos disponíveis para que as aulas sejam adequadas pelo uso da tecnologia, podendo ser adaptadas para vários tipos de alunos, diferentes faixas etárias e diversos níveis de aprendizado. O desafio com o qual o professor se depara é tornar essa utilização envolvente, interativa, criativa e inteligente. É fundamental que a metodologia utilizada seja pensada em conjunto com os recursos tecnológicos que temos disponíveis, caso contrário, perderá a validade na aprendizagem em todas as disciplinas curriculares (SOUZA, 2017).

Educação Física não tem sido vista com grande importância pelos alunos, talvez pela forma como vem sendo trabalhada pelos próprios profissionais da área. Não é considerada uma área do conhecimento na qual existem objetivos e saberes para serem desenvolvidos, vivenciados e construídos, mas sim como uma disciplina que possibilita apenas a prática jogos desportivos e de atividades físicas. Para os alunos, ela é uma disciplina desmotivante (PICOLLO, 2007). Além disso, a adoção do esporte como único conteúdo das aulas, favorece apenas àqueles que se identificam com determinada modalidade esportiva, pois é trabalhado de forma mecânica, tecnicista e com práticas excludentes.

Diante deste contexto, como o professor de Educação Física poderia usar os recursos tecnológicos para desenvolver uma prática pedagógica que obtenha êxito na aprendizagem dos alunos?

Assim, este estudo nasce da necessidade de repensar as formas das ações pedagógicas nesta era de grande avanço tecnológico, com o objetivo de verificar os efeitos do uso de tecnologias digitais aliadas às práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. Investigando os meios tecnológicos mais utilizados nas aulas pelos profissionais.

2 | FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NA APRENDIZAGEM

Segundo Galvão (2002), o professor cumpre uma função singular no âmbito

escolar, conectando o contexto interno (escola), o externo (sociedade) e o dinâmico (o aluno). Torna-se de suma importância uma reflexão sobre práticas educativas e as relações entre os sujeitos dessa práxis e no seu processo de construção de conhecimento, para que a atuação enquanto professor venha influenciar de forma positiva na vida e na formação dos alunos.

Para Papert, os cidadãos do futuro precisam lidar com desafios, enfrentar um problema inesperado para o qual não há uma explicação preestabelecida. Precisamos adquirir habilidades necessárias para participar da construção do novo ou então nos resignarmos a uma vida de dependência. A verdadeira habilidade competitiva é a habilidade de aprender. Não devemos aprender a dar respostas certas ou erradas, temos de aprender a solucionar problemas (2007, p. 122). Não é difícil encontrar meios e métodos para que as aulas sejam modernizadas pelo uso de recursos tecnológicos, pois podem ser adaptadas para vários tipos de alunos, para diferentes faixas etárias e diversos níveis de aprendizado. O menor dos desafios do professor é de se utilizar do computador em sala de aula, mas fazer esta utilização de forma a tornar a aula mais envolvente, interativa, criativa e inteligente é que parece realmente preocupante. O simples fato de transferir a tarefa do quadro-negro para o computador não muda uma aula. É fundamental que a metodologia utilizada seja pensada em conjunto com os recursos tecnológicos que a modernidade oferece. Tudo isto perde a validade se não se mantiver o objetivo principal: a aprendizagem.

Segundo Masetto : "É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto". (2000. p.144)

O Governo Federal, através do Ministério da Educação, vem desenvolvendo políticas públicas para o uso das tecnologias nas Escolas. Através da criação do Decreto nº 6.300 de 12/12/2007, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público da educação básica, criou o ProInfo -Programa Nacional de Tecnologia Educacional (FNDE, 2012).

Integrado ao ProInfo, o uso de tablets no ensino público é outra ação do Governo Federal para modernizar e auxiliar os professores na sua prática pedagógica. Esse programa tem a sua formação voltada para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais. Os tablets foram distribuídos para professores de escolas de ensino médio (FNDE, 2012).

No Brasil, a UNESCO em parceria com o Governo Brasileiro atua na propagação das TICs, objetivando o auxílio no processo de atualização da educação brasileira, a fim de melhorar e inovar o ensino e a aprendizagem. "As tecnologias da comunicação e da informação e seu estudo devem permear o currículo e suas disciplinas" (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000, p. 12).

Existem ferramentas que podem ser utilizadas com diversas atividades off-line

para estimular o desenvolvimento do raciocínio lógico e do pensamento computacional sem que seja necessário utilizar computadores ou depender de acesso à Internet. É o caso dos movimentos [Programaê](#) e [Code.org](#), que têm por objetivo desmistificar e democratizar o aprendizado de programação. ([PROGRAMAÊ E CODE.ORG](#))

Em consulta pública a Base Nacional Comum Curricular definiu a tecnologia digital como proposta e tema integrador, porém o enfoque ainda não está em ensinar a linguagem de programação, ou seja, o foco não está produção de tecnologia, e sim na reprodução (uso) de tecnologias, sendo que tais ferramentas tem potencial aquém a ser atingido em nível escolar. O que segundo Bliksten (2008), significa saber usar o computador como um instrumento de aumento do poder cognitivo e operacional humano.

A carência de recursos nas escolas não pode ser negada, apesar de incentivos governamentais, porém isso não pode e nem deve ser visto como uma barreira para que haja um crescimento e desenvolvimento na educação brasileira no que diz respeito ao uso das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. A escola que fomentará a construção do Brasil do futuro não é apenas aquela que consome tecnologia, e sim aquela que será capaz de formar jovens criadores de tecnologia. (BLIKSTEN,2008).

Outro elemento que pode ser utilizado com êxito, relatado por Antunes (1998), são os jogos eletrônicos, que são ferramentas ideais de aprendizagem, oferecendo estímulos aos interesses do aluno e desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social ajudando-o a construir suas descobertas, e tornar o professor um estimulador e avaliador da aprendizagem.

Os Smartphones são ferramentas versáteis para o uso em sala de aula. Eles possuem consigo ferramentas multimídia que permitem a interação com diversos conteúdos por parte de seus usuários. Os Tablets possibilitam uma maior interação por possuírem uma capacidade de processamento superior e uma tela maior, porém eles não têm a mesma mobilidade do smartphone devido ao seu tamanho. Esses aparelhos podem ser ferramentas versáteis no ensino, tanto em sala de aula quanto no estudo diário e na preparação e organização das aulas pelo professor. Podem ser ferramentas úteis para o professor caso ele pretenda expandir suas práticas educacionais (SHULER, 2009).

Costa e Viseu (2008), afirmam que o uso da TICs facilitam os métodos de ensino aprendizagem dos professores, porém para proporcionar esta inovação e sala de aula, os professores devem investir em sua formação tecnológica e pedagógica. Para a promoção de uma prática pedagógica com mudanças e evoluções faz-se necessário a formação continuada do docente. Porém, uma grande parcela dos educadores ainda não consegue incorporar estas ferramentas em sua prática pedagógica, pela dificuldade de manuseio destas.

É salutar lembrar que para ser um bom professor não basta apenas dominar a teoria, embora ela tenha sua importância. A formação de um docente vai se dando

na relação teoria e prática, pois é a partir da ação e da reflexão que o profissional se constrói enquanto indivíduo em pleno estado de mudança, pois as tecnologias por si só mudam o ambiente escolar, mas trazem possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos (MORAN apud MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2003).

3 | METODOLOGIA

Participaram do estudo professores de Educação Física nomeados e contratados pelo Estado do Rio Grande do Sul, de forma voluntária. Estes responderam a um questionário composto de 19 questões, para tal pesquisa expomos 6 questões, com prévia autorização para realização do Coordenador da 7^oCRE, a qual enviou através do setor Pedagógico os questionários. O N.T.E (Núcleo de Tecnologia Educacional), também enviou os questionários, porém diretamente aos professores de Educação Física e também foi disponibilizado em redes sociais onde professores Estaduais participam. Após a coleta de dados, estes foram tabulados em uma planilha de Excel da Microsoft Corporation, através da qual foi utilizada a estatística descritiva em termos de médias, desvio padrão e frequência.

O Gráfico 1 caracteriza a amostra referente Coordenaria Estadual que os professores pertencem, dentro do Estado do Rio Grande do Sul.

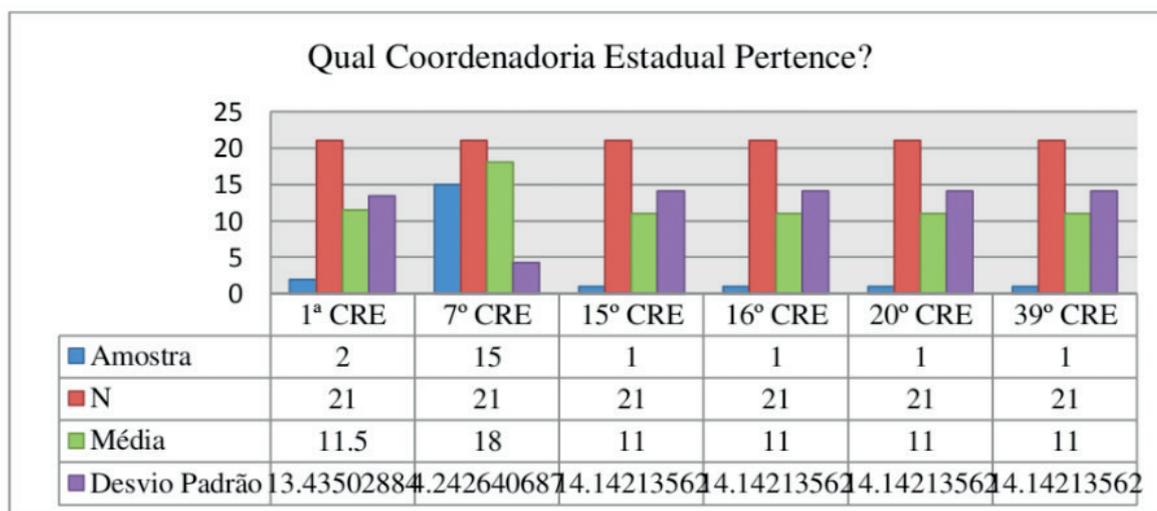


Gráfico 1: Caracterização da amostra

Fonte: Autoras da Pesquisa

Obteve-se o retorno de 21 respostas do questionário. Sendo que, das 21 respostas 15 foram da 7^oCRE obtendo média de 18 e um desvio padrão de 4,24. A 1^oCRE obteve 2 respostas, obtendo média de 11,5 e um desvio padrão de 13,435 e as 15^o, 16^o, 20^o e 39^o CRE obtiveram média de 11, e um desvio padrão de 14,142. Acredita-se que, a greve do magistério estadual do RS tenha influenciado negativamente no retorno das

respostas.

Dentre os respondentes, todos os 21 professores possuem formação e habilitação necessária para atuar na disciplina de Educação Física, conforme legislação vigente, LDB n. 9394/96 em seu artigo 62: “A formação docente para atuar na educação básica far-se á em nível superior em curso de licenciatura, graduação plena, em universidade e institutos superiores de educação.”[...] (BRASIL, 1996). Alguns ainda possuem pós-graduação. Referente á formação dos participantes deste estudo foi realizado um artigo específico para este tema intitulado: “Um olhar para a Formação Continuada e a Prática Docente na disciplina de Educação Física Escolar” (FIOR, 2018).

O Gráfico 2 caracteriza a amostra nos níveis de Ensino em que os professores lecionam.

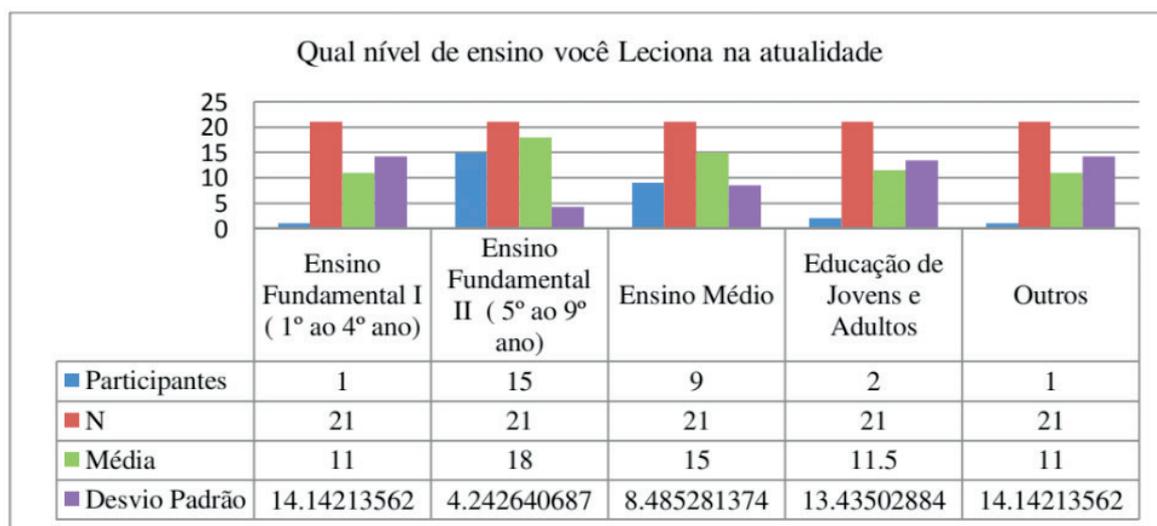


Gráfico2: Nível de Ensino no qual lecionam os profissionais de Ed. Física do Estado do RS

Fonte: Autoras da Pesquisa

A maioria dos participantes leciona no Ensino Fundamental II (15), seguido do Ensino médio (9), Educação para Jovens e Adultos - EJA (2) e outros níveis (1). Do total, 6 participantes lecionam em 2 níveis de ensino diferentes. Como não existe uma homogeneidade na seleção dos conteúdos de forma sequencial e adequada à aprendizagem, de acordo com a área do conhecimento (COLL 1987), as aulas acabam sendo muitas vezes somente com o(s) esporte(s) que o professor tem preferência e domínio, e ainda são estudados os mesmos conteúdos em todas as séries, de forma repetitiva.

4 | ANÁLISE E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS

A Educação Física ainda é vista como uma disciplina esportivista de prática e execução de movimentos.

O Gráfico 3 comprova que os professores de Educação Física ministram aulas

teóricas para embasar as práticas corporais dos alunos. Foi unanimidade entre os participantes, o trabalho com aulas práticas e teóricas para suas turmas. Isto prova que, eles estão cientes da importância dos conteúdos teóricos nas diversas manifestações corporais e do movimento.

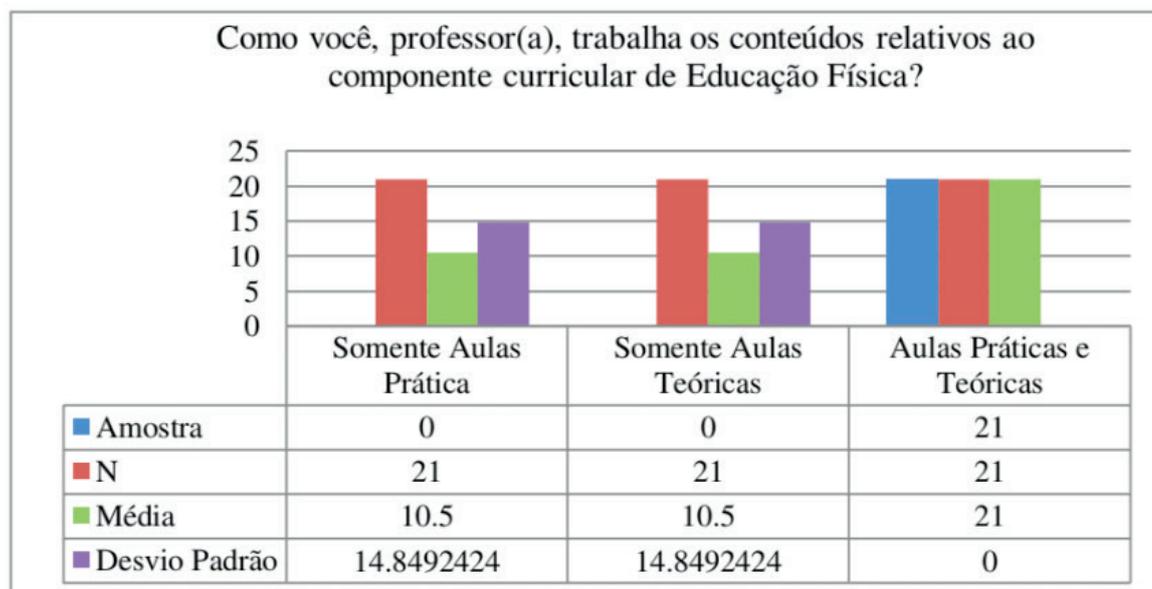


Gráfico 3: Caracterização das aulas na Ed.Física do estado do Rio Grande do Sul

Fonte: Autoras da Pesquisa

Aliar os recursos tecnológicos à atividade pedagógica pode significar dinamismo, criatividade e interação não só de conhecimentos teóricos, mas daqueles relacionados à vida dos estudantes. O construtivismo, idealizado por Jean Piaget, é uma abordagem que permite o aprendiz a construir seu próprio conhecimento por intermédio de alguma ferramenta, como o computador, tornando-se assim uma poderosa ferramenta educacional (PAPERT, 2007).

O Gráfico 4 ilustra os REDs (Recursos Digitais Tecnológicos) metodologia de trabalho.

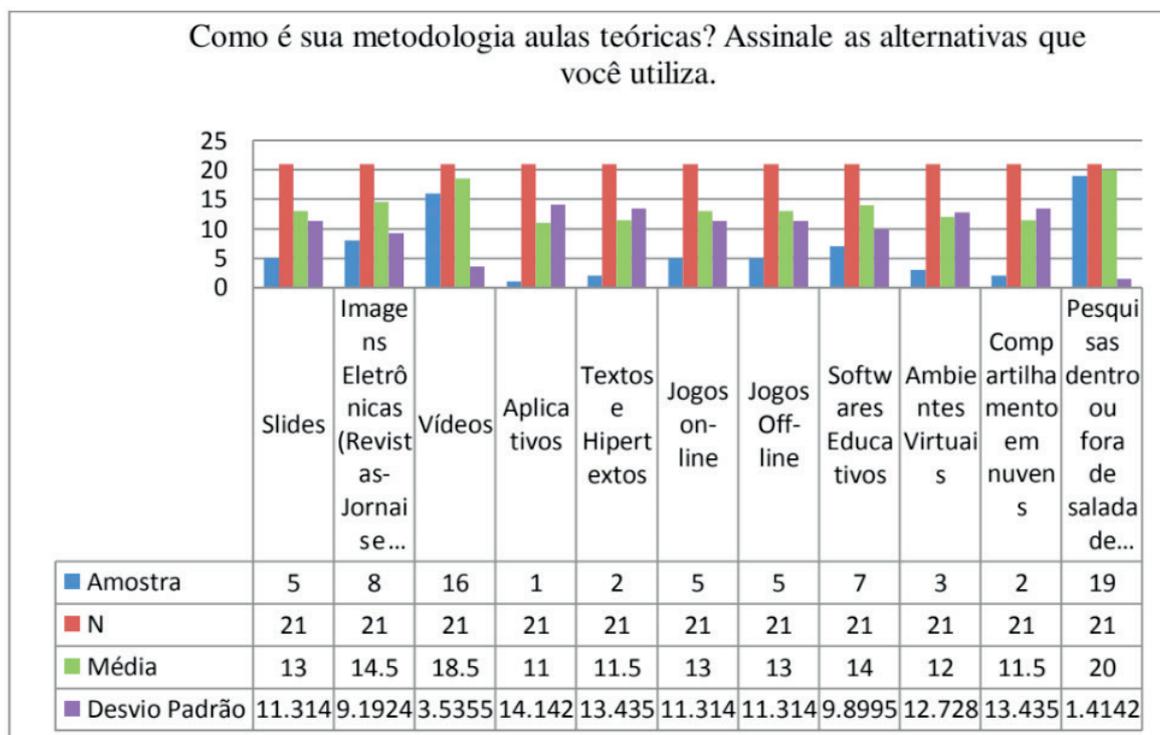


Gráfico 4: Instrumentos Tecnológicos utilizados nas aulas teóricas de Educação Física do RS.

Fonte: Autoras da Pesquisa

Segundo o Gráfico 4, a pesquisa dentro ou fora de sala de aula é a mais utilizada pelos docentes 19. Fato que aconteceu visto que a aprendizagem não acontece somente dentro de sala de aula. Ela pode acontecer em qualquer lugar: em um ônibus, em um museu, no zoológico, na sala de estar. A portabilidade é importante por sua capacidade de se conectar aos recursos acadêmicos com apenas um toque (ECYCLE, 2014). Nessa perspectiva o incentivo ao aprendizado em outras situações e ambiente e com diferentes ferramentas por parte do professor é de grande validade. O recurso de vídeo também é bastante utilizado, 16 respostas, seguido dos demais, 8 imagens eletrônicas, 7 softwares educativos, os slides, jogos on e off-line com 5, ambientes virtuais 3, ferramentas de compartilhamentos nas nuvens e textos e hipertextos 2 e somente 1 professor faz uso de aplicativos em suas aulas.

Abaixo o Gráfico 5 traz os Meios tecnológicos de maior eficácia na aprendizagem de Educação Física.

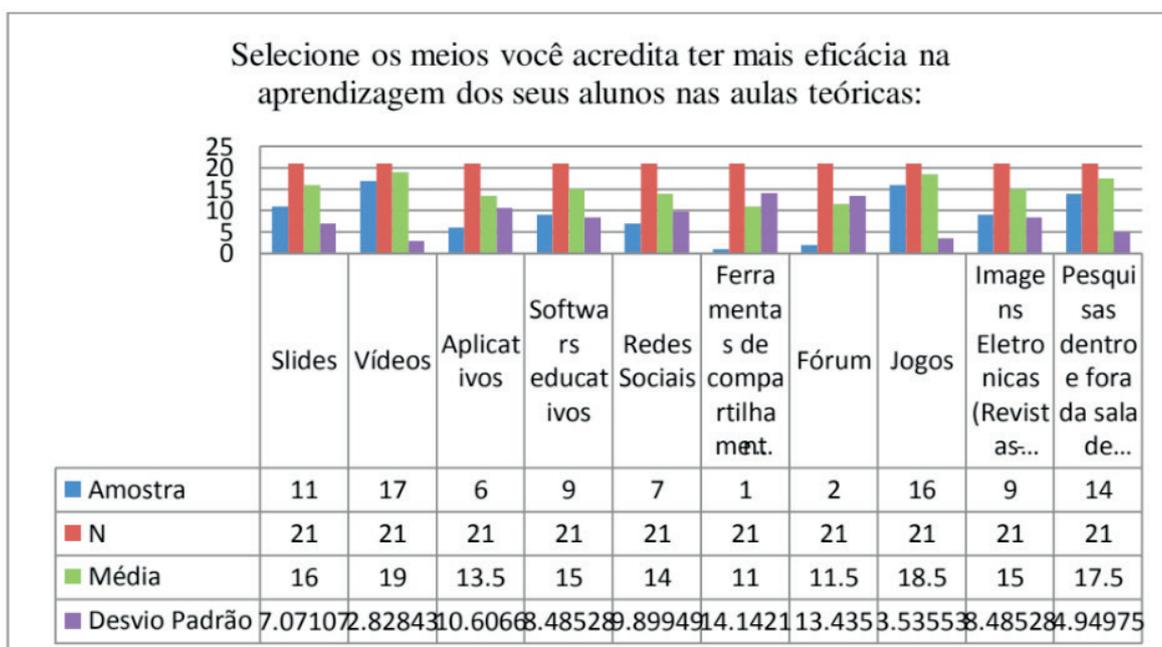


Gráfico 5: Meios tecnológicos de maior eficácia na aprendizagem de Educação Física no RS

Fonte: Autoras da Pesquisa

Ao avaliar as ferramentas, conforme o gráfico 5, os docentes elegem os vídeos como a ferramenta que mais contribui para aprendizagem, 16 respostas, apesar de utilizarem como metodologia a pesquisa dentro e fora de sala de aula (como mostrou o gráfico 4). Aparece em seguida a Pesquisa 14, 11 slides, 9 imagens e softwares, 7 redes sociais e 6 aplicativos.

Ainda com relação às ferramentas, observa-se uma diferença entre as que os professores afirmam utilizar em suas aulas, com as que acreditam ter eficácia na aprendizagem (gráfico 4 e gráfico 5).

Pereira (2011), ressalta que os recursos educativos digitais (RED) podem ser utilizados em diferentes disciplinas curriculares seguindo as orientações das metas de aprendizagem. Podem ajudar no desenvolvimento da criatividade, concentração, motivação para novas aprendizagens, através de animações, imagens, sons, simulações.

Assim como para Masetto (2000), é importante que o professor se utilize de técnicas e recursos para a boa concretização das TICs, ou seja, que integre as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, que unam a escrita com o audiovisual, o texto com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual.

E o Gráfico 6 mostra a avaliação dos professores e relação ao aproveitamento dos alunos ao final de suas aulas teóricas.

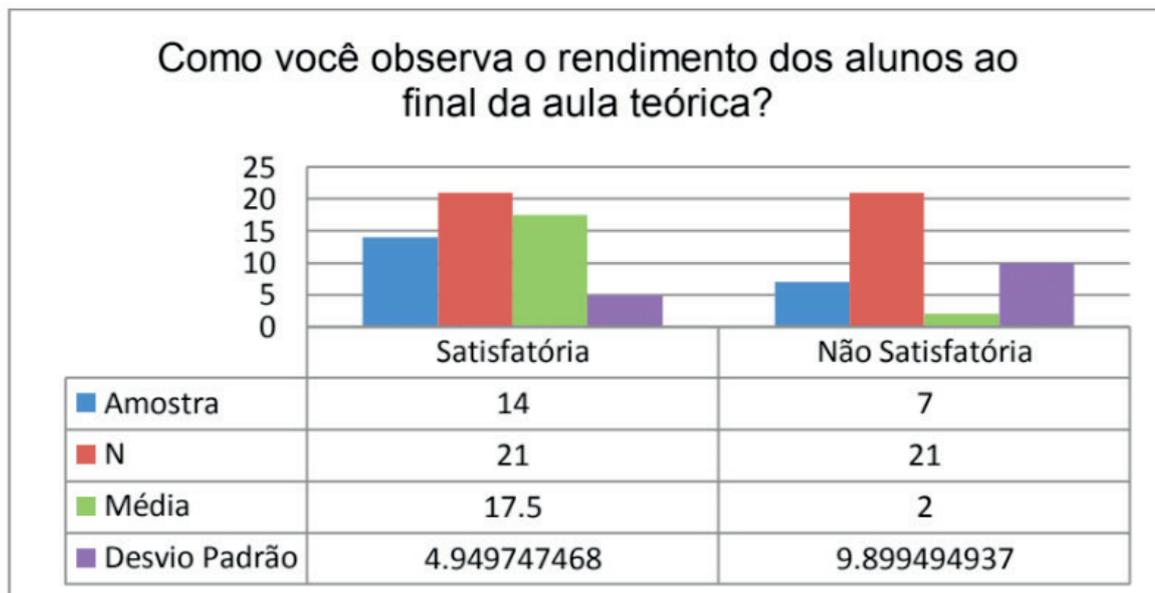


Gráfico 6: Aproveitamento dos alunos ao final das aulas teóricas de Educação Física no RS

Fonte: Autoras da Pesquisa

A maioria acredita ser satisfatória 14, a insatisfação é pouca 7. O desafio que se é imposto ao professorado é de perceber que os dispositivos tecnológicos não imprimem modernização ao ensino em sala de aula, mas também reconhecer a contribuição ao processo de ensino-aprendizagem. Há, sem dúvida alguma, uma mudança de paradigma que está exigindo um novo modelo de escola, e um novo perfil de professor que possam estar a serviço de uma educação que atenda efetivamente as demandas da população. Trata-se de um grande desafio mudar a forma de ensinar e de aprender, principalmente numa estrutura educacional que, tradicionalmente, está preparada apenas para reproduzir conhecimentos. E a única maneira de assumir essas mudanças com responsabilidade é compreendê-las (PEÑA,2004).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto ferramentas pedagógicas, é inegável que as ferramentas Tecnológicas, de fato, quando bem utilizadas, oferecem uma gama maior de possibilidades para uma mudança na ação docente. Sabendo que os professores são os sujeitos dos saberes e mediadores de toda ação pedagógica que ocorre no interior da escola, deste modo, é imprescindível entrar neste mundo cibernético para compreender o processo ativo e dinâmico para motivar os alunos nessa interação entre o homem e a máquina.

Sabe-se que, o professor é o mediador essencial no processo do ensino e da aprendizagem discente, as tecnologias não vão substituí-lo, apenas surgem para fortalecer e agregar as suas práticas pedagógicas e contribuir neste processo, pois elas já são o presente e posteriormente nosso futuro. Neste sentido, a educação não pode andar na contramão da sociedade e sim avançar juntamente com ela nesta era

digital.

É neste contexto de contínuas mudanças que o professor necessita mais do que nunca, orientar os alunos sobre onde e como buscar a informação. Saber propor questões de pesquisas, discutir e analisar criticamente as informações e as imagens que são veiculadas nas mídias e transformá-las em conhecimento para atingir os objetivos educacionais: aluno crítico, autônomo, curioso, pesquisador e motivado.

Assim, a escola cumpre duplamente seu papel: ensina e educa, educando para um mundo no qual a tecnologia é não só necessária, mas também essencial. Mesmo com tantas adversidades, pois a tecnologia é algo ainda a ser desmistificado para a maioria dos professores.

REFERENCIAIS

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BLIKSTEIN, P. (2008) “**O Pensamento Computacional e a Reinvenção do Computador na Educação**”. Disponível em: < <http://bit.ly/1XlbnNn> >. Acesso em: 27 de jan. 2012.

CODE.ORG <http://ctm.org.br/codewars/padawan.php> Acesso em: Junho de 2017

COSTA, F., & Viseu, S. (2008). Formação-Ação-Reflexão: um modelo de preparação de professores para a integração curricular das TIC. **As TIC na Educação em Portugal**. Concepções e práticas. Lisboa, 238–258.

ECYCLE. **Smartphones as Tools for Education: Getting Smart With Smartphones..** Ecycle Best. The Green Electronics Trade-In Company, [S.L], 200./mai. 2017. Disponível em: <<http://www.ecyclebest.com/smartphone/articles/smartphones-as-tools-for-education> .>. Acesso em: 31 mar. 2017.

FNDE- FUNDO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Proinfo**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo>>. Acesso em: 08 mai. 2017.

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2000.

MASETTO, M. **Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia**. In: Moran, J.; Masseto, M.; Behrens, M. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2002.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7.. ed. São Paulo, SP.: Papyrus, 2003.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – EC <http://portal.mec.gov.br/> Acesso e: 17 de janeiro de 2017

PEÑA, Maria De Los Dolores Jimenes. **Ambientes de aprendizagem virtual: O desafio á prática docentes**. S/D. 2004

PEREIRA, C. I. C. da C. . “**Aprendo a divertir-me**”: **tecnologias digitais em ambiente não formal de aprendizagem : um estudo exploratório com crianças de 1º ano de escolaridade**. Dissertação

de mestrado. Universidade do Minho.2011.
PICCOLO, Vilma L. Nista (org.). **Educação Física escolar, ser... ou não ter?** 3. ed. Campinas, SP:
Editora da UNICAMP, 1995.
PROGRAMAÊ <http://conteudo.programae.org.br> Acesso em: Junho de 2017

.SHULER, Carly. **Pockets of potential Using Mobile Technologies to Promote Children's Learning**, Ed.M. January 2009

SIEMENS, George. **Conectivismo. uma teoria de aprendizagem para a idade digital**. Dez 2004

O ENSINO DO CONTEÚDO DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DIREITO, CONHECIMENTOS E POSSIBILIDADES

Welyza Carla da Anunciação Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Ronaldo Silva Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Nilza Cleide Gama dos Reis

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Antonio José Araujo Lima

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
São Luís – Maranhão

RESUMO: O estudo aqui apresentado foi construindo com base em pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar as formas como a dança está presente na escola e enquanto conteúdo da Educação Física Escolar exprimindo a importância que a mesma tem no currículo escolar. Com a investigação apontou-se os diversos olhares e funções que a dança tem na escola, e em particular nas aulas de Educação Física, destacando as formas como os docentes tem norteado o ensino da dança a partir das várias formas que pode e finalidades que ela pode assumir enquanto conteúdo. Com

o estudo foi possível evidenciar a importância da dança no processo ensino aprendizagem como conteúdo essencial na sua formação integral, pois compreende sua formação em sua totalidade ao permitir as vivências que culminam no aluno como sujeito crítico da sua aprendizagem, ressaltando a dança enquanto componente da cultura corporal. Para tanto, fez-se o apontamento de algumas propostas de alguns autores para o ensino da dança na Educação Física Escolar, com a intenção de expor algumas possibilidades de se trabalhar a dança nas aulas de Educação Física sem minimizá-la apenas datas comemorativas, ou seja, como um momento de atração, mas como um conteúdo fomentado no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, contribuindo de maneira significativa na sua formação cidadã, sendo preciso um olhar mais atento dos professores ao trato com a dança nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Dança, Escola, Ensino, Aprendizagem.

ABSTRACT: The present study was based on bibliographical research, with the objective of analyzing the ways in which dance is present in the school and as content of Physical School Education expressing the importance it has in the school curriculum. The research pointed out the different looks and functions that dance has

in school, and in particular in Physical Education classes, highlighting the ways teachers have guided the teaching of dance from the various forms that can and purposes that it can take over as content. With the study it was possible to highlight the importance of dance in the process of teaching learning as an essential content in its integral formation, since it comprehends its formation in its totality by allowing the experiences that culminate in the student as a critical subject of his learning, emphasizing dance as a component of body culture. In order to do so, it was pointed out some proposals of some authors for the teaching of dance in Physical School Education, with the intention of exposing some possibilities of working the dance in the classes of Physical Education without minimizing it only commemorative dates, or as a moment of attraction, but as a content fostered in the process of teaching and learning of the students, contributing in a significant way in their citizen education, being necessary a closer look of the teachers to the treatment with the dance in this process.

KEYWORDS: Physical Education, Dance, School, Teaching, Learning.

1 | INTRODUÇÃO

A dança no âmbito escolar muitas vezes não é percebida com a importância que a mesma possui, sendo utilizada apenas em datas comemorativas como as festas juninas, por exemplo, e como, ainda que não de maneira consciente, em festas do dia dos pais, das mães, como forma de expressar os sentimentos dos alunos em relação aos mesmos e ainda ao relacioná-la as festas juninas, por exemplo, a cultura e tradições de um determinado local.

Percebe-se, que a dança faz parte da construção cultural da humanidade e da formação do indivíduo em sua totalidade, afirmando sua relevância no contexto escolar possibilitando ao professor desenvolver as capacidades físicas como, coordenação, equilíbrio, lateralidade, cooperação, criatividade, socialização e expressividade, como elementos da Cultura corporal, como afirma GIFFONI (1973, p.13):

Mestres experientes sabem que a prática da Educação Física nas escolas completa e equilibra o processo educativo, o que nem sempre sabem é que, entre todas as formas de exercício, para esse resultado as mais completas se apresentam pela dança.

É permitido dizer que mesmo que a dança seja um conteúdo inserido na Legislação Brasileira para as aulas de Educação Física escolar, é pouco aplicado pelos docentes visando o processo de ensino aprendizagem, contribuindo dessa maneira para o desenvolvimento integral dos educandos, como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais, que afirmam que o ensino de dança na escola deve ser de responsabilidade do professor de educação física.

Fica claro o comprometimento do professor de Educação como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual existem três blocos de conteúdos a seguir

durante o ensino fundamental, sendo eles: Bloco 1: esportes, jogos, lutas e ginástica; Bloco 2: atividades rítmicas e expressivas; Bloco 3: conhecimento sobre o corpo, porém no documento devemos atentar só os dois primeiros blocos que são específicos.

Sendo assim, a Educação Física é a disciplina no ambiente escolar que trabalha a Cultura corporal do movimento de diversas maneiras oportunizando o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno tendo como ferramentas a expressão corporal por meio dos movimentos, que segundo SANCHES (2008, p.32):

O movimento é a forma como nos revelamos, nos expressamos e como nos relacionamos com o outro e com o mundo. Assume diversas funções ao longo de nossa vida: caráter funcional-utilitário: como quando nos movemos para subir uma escada, ou pegar um objeto, por exemplo; caráter lúdico: como quando brincamos de roda; caráter essencialmente expressivo: como quando dançamos.

Pode-se entender a partir desse propósito que a dança quando trabalhada em nas aulas de Educação Física, fomenta de forma significativa na aprendizagem dos alunos desde o ensino infantil a última fase do ensino médio, pois é de grande valia ao aluno propiciando elementos para a construção de relações pessoais ao favorecer o autoconhecimento que envolve seu próprio corpo e as inúmeras possibilidades de movimento, sendo sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, a partir da vivência da dança, como afirma SARAIVA (2009), ao dizer que, “os processos que envolvem a aprendizagem da dança visam o “sujeito criador”, a partir de sujeitos cuja expressão interior e emoções humanas já estão mediatizados pela vivência cultural e pelo meio que os cerca [...]”.

Dessa forma esse estudo busca expressar a importância da dança na escola, em particular nas aulas de Educação Física, como conteúdo significativo para o processo de aprendizagem do aluno, auxiliando de maneira relevante na sua formação cidadã.

2 | PROCESSO DE INSERÇÃO DA DANÇA NA ESCOLA

A discussão da dança como conteúdo nas aulas de Educação Física nos faz refletir sobre como ela se insere no espaço escolar, já que a escola tem função primordial transmitir os conhecimentos/habilidades essenciais à formação da cidadania dos indivíduos, para integrar e/ou intervir na sociedade, e como os profissionais da área vêm assumindo esse conteúdo.

A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações [...]. (LIBÂNEO, 2002, p.7)

Por razões historicamente determinadas à educação escolar privilegiou durante muito tempo valores intelectuais, voltada para uma concepção dualista do ser humano

que separa corpo e mente emoção e razão, entendendo de forma tardia que sua função era a realização de todas as capacidades humanas e não apenas das cognitivas.

Com a preocupação diante deste problema, do distanciamento entre a aplicação do currículo escolar e a realidade dos alunos apoiada em uma concepção estática de cultura, que é vista como um mero depósito de conhecimentos cristalizados, e constatar que o sistema educacional ainda ignora a relação entre conhecimento e a experiência do aluno.

Já é chegada a hora da desmistificação de tal concepção e apresentar o elo Dança-Educação, diante das contribuições que traz para a formação crítica e para o desenvolvimento integral do ser humano, como afirma Barreto (2004, P.36) “[...] o objetivo da escola é a construção e a socialização dos conhecimentos[...]”.

Baseado no objetivo principal da escola de construção e socialização dos conhecimentos tem-se na dança a oportunidade de umas práxis que, possibilita a formação totalizadora do indivíduo, através de uma prática pedagógica crítica, criativa e transformadora.

“A Dança-Educação é um referencial para as questões que permeiam a educação de nossos tempos, apresenta novos olhares para o ser humano, mostra o quanto ele pode criar, expressar, aprender, socializar e cooperar, se educando também pela dança...”. (SCARPATO, Caderno Cedes, 2001, p. 5).

Porém, somente em recentes processos de discussão que a dança veio inserir-se como conteúdo nos currículos escolares, como prática pedagógica. Este processo se iniciou sutilmente no final do século XX quando ela adquire um caráter educacional de forma mecanicista se inserindo no contexto escolar segundo Betti (1991) em 1854, quando a ginástica passa a ser oferecida aos homens e a dança se torna uma atividade exclusiva das mulheres, “[...] a características destas aulas de dança dá-se por exercícios calistênicos, com reprodução de gestos de forma harmônica e padronizada [...]” (GALLARDO, motriz p. 122, 2005).

Com o passar do tempo, a dança acompanha a educação do homem até a ser entendida como linguagem corporal (re) construída, tendo como matéria-prima o movimento, agregado um valor cultural, se constituindo dessa forma como elemento da cultura corporal.

Dentro deste contexto é evidente a importância do ensino da dança nos aspectos educacionais em que se perca a especificidade do que se propõe ensinar e nem o ambiente em que se destina a escola. Para tanto, esta atuação deve ser feita por profissionais capacitados, pois se sabe que a dança pode oferecer benefícios em diversas vertentes.

Atualmente muitas discussões estão sendo geradas a respeito de qual área deveria abordar a dança na escola, já que tanto para as licenciaturas em Educação Física e Educação Artística, assim como as licenciaturas em Dança têm-se questionado sobre a capacitação e atuação profissional de cada área.

[...] a Dança, não sendo disciplina do currículo escolar, não pode ser ministrada nas escolas por licenciados em Dança, como um campo de conhecimento autônomo, que tem características, estrutura, conteúdos e metodologia próprios. Ela somente pode ser trabalhada em função de outro campo do conhecimento, assumindo o papel de conteúdo de disciplinas como Educação Artística e Educação Física, (BARRETO, 2004, p. 56).

No entanto, a formação destes três profissionais se relaciona ao ensino da dança na escola, porém de forma diferenciada, podendo assim, ser trabalhada da escola por tais profissionais, fazendo necessário delimitar o âmbito de atuação e deixar claro o aprofundamento dado ao objeto de estudo por cada um destes profissionais.

Porém, não nos prenderemos nessa discussão, mas trataremos, no entanto da dança enquanto conteúdo para o ensino da Educação Física.

3 | A DANÇA ENQUANTO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais: jogo, esporte, ginástica, dança ou outros que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (Coletivo de Autores, 1992 p. 61-62).

Até alcançar a concepção de cultura corporal a educação Física teve todo um histórico fortemente influenciado pelas concepções médicas, militares e da aptidão física que provocaram problemas pedagógicos no desenvolvimento dos conteúdos a serem trabalhados pela mesma disciplina.

A Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares. Em diferentes momentos, estas instituições definem o caminho da Educação Física, delineiam o seu espaço e delimitam o seu campo de conhecimento tornando-a um valioso instrumento de ação e intervenção na realidade social [...]. (SOARES, 1994, p. 85).

Para tentar superar essas concepções, nos anos 90 várias abordagens pedagógicas da Educação Física foram elaboradas, entre estas a cultura corporal baseada nos conhecimentos adquiridos ao longo da história, cheio de sentidos e significados, que configuram como suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento, mantendo a relação do homem com sua produção no meio em que vive.

Assim, reconhecer a Educação Física como área de conhecimento escolar que realiza sua prática pedagógica tendo como objetivo a cultura corporal significa ter o compromisso de garantir o direito de acesso à riqueza de todos os temas e conteúdos.

Nesse sentido, a Educação Física é constituída por conteúdos que refletem a cultura corporal dos indivíduos e dentro destes conteúdos destacamos a dança, sendo

o objeto do trabalho.

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corpo corporeidade por meio dessa atividade. (PEREIRA apud GARIBA, 2005, p. 17).

A dança desenvolve aspectos significativos na vida do indivíduo como: a criatividade, musicalidade, socialização, conhecimento do corpo, noções de espaço e lateralidade. O ensino da expressividade na dança ainda propõe resgatar e desenvolver todas as potencialidades humanas inerentes ao movimento corporal, esta faz com que o aluno manifeste através de seu corpo, suas emoções, ideias e vontades. Passando assim, a ter maior conhecimento de si próprio e melhor integração com as pessoas, trabalhando o corpo como uma totalidade integrada.

Ela, como outras manifestações da cultura corporal é capaz de inserir o seu aluno no mundo de forma crítica e reconhecendo-se como agente passível de transformação, revelando e valorizando os seus próprios domínios culturais, auxiliando-o na constituição de uma identidade e ampliando a compreensão do seu papel social.

Ao se ensinar o conteúdo dança vários objetivos podem ser abordados, embora estes também possam ser desenvolvidos por outras áreas do conhecimento, como a coordenação motora, por exemplo. Porém os conteúdos específicos da dança segundo Marques (1997, p. 25) são:

[...] aspectos e estruturas do aprendizado do movimento (coreologia, consciência corporal e condicionamento físico), disciplinas que contextualizem a dança (história, estética; apreciação e crítica; sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica).

Percebe-se que o campo de abrangência destes conteúdos, é bem diversificado, porém não deve se prender a uma visão tradicional e sim acrescentar ao processo de ensino-aprendizagem, aspectos relacionados à pluralidade cultural levando a uma (re) leitura de mundo totalmente voltada para nossa realidade histórica e social.

Portanto, o corpo em movimento assume papel fundamental hoje em dia, e a dança enquanto forma de conhecimento torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, a críticos e participantes em sociedade. No entanto, a partir desse diagnóstico objetivou-se investigar quais conhecimentos existem nas aulas de Educação Física na escola sobre a dança e que limitações poderiam interferir na execução deste conteúdo.

A dança dentro da Educação Física, não deve ser trabalhada como espetáculo artístico, de forma técnica e/ou estereotipada, pois tem como objetivo maior o conhecimento de si mesmo e do outro, das suas raízes culturais, privilegiando a

história do seu povo.

4 | PROPOSTA DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DO CONTEÚDO DANÇA DE ALGUNS AUTORES

Dentro do imenso leque de sentidos e possibilidades de se trabalhar com a dança na escola, destacamos algumas propostas metodológicas de ensino deste conteúdo, de alguns autores.

Segundo Cunha (1992), temos a “Dança Criativa”, cujo conteúdo destina-se às escolas de 1º e 2º graus, tendo como objetivo desenvolver uma ação pedagógica coerente, estimulando a criatividade, baseando-se em análises de técnicas da dança adequada às séries iniciais do 1º grau, com enfoque na educação psicomotora.

A dança criativa funciona como agente de aprimoramento da coordenação motora, do equilíbrio dinâmico da flexibilidade e amplitude articulares, da resistência localizada, da agilidade e da elasticidade musculares. (CUNHA, 1992, p. 16).

A dança criativa possui característica, valores e finalidades eminentemente educativas, defendendo assim, a ideia de que ela deveria integrar os currículos escolares desde a pré-escola até a Universidade, em virtude de seus conteúdos serem adaptáveis a qualquer nível de ensino, completando dessa forma as demais atividades: ginástica, lúdicas, esportivas e recreativas.

A proposta de dança criativa apresentada pela autora aborda como aspectos gerais:

[...] identificação da estrutura corporal, através dos mecanismos senso-psicomotriz [..]; utilização de formas e conteúdos que se relacionem com as qualidades de movimento (grande-pequeno, longe-perto, forte-fraco, entre outros) [...]; ampliação do vocabulário expressivo através de várias explorações sensomotriz [..]; transferência dos conceitos básicos da psicomotricidade para o movimento expressivo [...]. (RANGEL, 2002, p.64-65,).

De acordo com cunha (1992), este trabalho é desenvolvido através de estímulos comparativos e incentivos sonoros, tendo como principais fontes as propostas realizadas pelo comando do professor, uso de formas e conteúdos que se relacionem com as qualidades de movimentos, exercícios e consequências realizados em geral de forma lenta visando num primeiro momento a educação do corpo, trabalhando de forma isolada os segmentos corporais para uma melhor incorporação perceptiva de cada procedimento motor-expressivo, para posteriormente utilizar formas mais globalizadas, com o objetivo de aplicar a dança de acordo com o estágio de desenvolvimento psicomotor do indivíduo.

Qualquer parte do corpo possui a capacidade de elevar e baixar, circuncidar, torcer, alongar, contrair e relaxar. A tarefa do professor será a de ordenar de forma crescente, qualitativa e quantitativa procurando operacionalizar de forma prazerosa essa parte do seu trabalho. (CUNHA, 1992, p.13,).

Neste sentido, Cunha (1992) afirma que se adaptarmos essas movimentações, através de um planejamento coerente com os interesses e necessidades das diferentes faixas etárias, estará contribuindo efetivamente para o desenvolvimento de suas capacidades, levando o aluno à uma relação espontânea e criativa de ensino-aprendizagem.

De acordo com CUNHA(1992), é um método de trabalho que foge de determinadas regras estereotipadas e que valoriza o processo criativo, estimulando o aluno à novas explorações e o professor a renovar sempre, num trabalho circunstancial, onde as normas são suscetíveis de alterações e construídas de acordo com o que a situação exige.

Outra proposta a destacar é a “Dança/Educação” apresentada por Nanni (1995), aplicada a partir da pré-escola até a Universidade, delineada pela autora da seguinte forma:

- Na pré-escola, 1º e 2º graus, tem-se como vertente a preocupação com ma ação pedagógica, cuja atuação docente deverá centrar-se em construções didático-pedagógicas que considerem as fases do desenvolvimento neurofisiológico e psicossociais do educando;
- Para o 3º grau, a proposta consta de um programa de dança como parte da grade curricular do curso de Educação Física.

A autora faz uma abordagem dialética da dança no universo educacional, propondo uma sistemática pedagógica para o seu estudo, construindo um contorno didático para o conteúdo educativo do ensino da dança.

Para Nanni (1995), a dança sempre esteve envolvida com o processo ensino/aprendizagem, abarcando constantemente as questões da percepção, sensação, conhecimento, estruturação, criação, avaliação, além das atitudes de decisão. Improvisação e criatividade são fatores básicos nas quais a Dança/Educação busca centrar-se, como estratégia de desenvolvimento desta proposta e como fatores que contribuem para o processo de transformação integral do ser e de suas potencialidades.

O professor ao introduzir o conteúdo ou determinada técnica, deve levar em consideração a execução dos elementos criados pelos alunos, que poderão envolver-se com suas descobertas. Ter oportunidades de vivências mais espontâneas e criativas, através de um trabalho com enfoque psicomotor e pedagógico proposto é o que propõe a Dança/Educação de Nanni (1995).

As propostas e estratégias em Dança/Educação longe estão, portanto, das perspectivas da escola tradicional, com movimentos disciplinados, corpos passivos, encolhidos pelo meio. Sua dinâmica se volta para a qualidade e variedade dos elementos corporais como estratégias para a liberação dos desejos, das dificuldades de sair do seu contexto para outro maior ou abrangente, de vencer as barreiras e dificuldades da apreensão dos conhecimentos. É o corpo que sente, percebe, age; por que não ter então seu significado na educação! [...]. (NANNI, 1995, p. 148,).

Nanni (1995) busca fundamentar a sua proposta através da compreensão que tem de homem, de movimento e de dança enquanto educação, trabalhando ora com objetividade, ora com subjetividade o movimento humano e as dimensões corporais, a consciência corporal (em sua estrutura percepto-motora, que tem por base componentes internos como atenção visual, dimensão espacial, e como componentes externos a direcionalidade, a orientação espacial, dentre outros), o esquema corporal (com estrutura corporal sensório motora e a organização em nível do sistema nervoso), a imagem corporal (com estruturas cognitivas) e o ego corporal (percepção do corpo), numa visão totalizadora do ser humano.

A proposta apresentada por Nanni (1995), dinamiza e distribui harmonicamente cada tema em seu contexto, seja ele fisiológico, biológico, psicológico ou psicológico que permeiam atualmente a Educação Física.

Destacamos também a proposta de BREGOLATO (2002), a autora propõe a “Dança Moderna” que é a chamada “Dança Livre”. Os alunos vivenciam uma variedade de passos e gestos, que espontaneamente resulta na combinação de movimentos. Segundo BERGE (1988), trata-se de uma verdadeira reviravolta pedagógica: o professor não mais dá ordens a seus alunos para obter sequências que lhe são impostas do exterior, mas torna-se guia que os orienta para descoberta de suas faculdades.

Com liberdade de expressão, cada aluno é motivado a buscar dentro de si próprio a fonte inspiradora de sua movimentação. Com isso há liberação do espírito, sentimentos, pensamentos no movimento dançado.

De acordo com a autora, a dança neste sentido é trabalhada de forma crítica, em uma relação de sujeito-mundo, quebrando em definitivo o modelo tecnicista apenas na repetição de movimentos de forma mecânica, no qual o aluno é um ser fragmentado, separando corpo, mente e mente. O aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade, sensibilidade, incentivando-o a conhecer e superar suas limitações, assim como conhecer o mundo em que está inserido através de suas próprias descobertas.

Segundo BREGOLATO (2000), esta proposta dá oportunidade ao aluno de elaborar seus próprios movimentos e ser agente do conhecimento, a dança livre, desenvolve a iniciativa e a autonomia, qualidades de ser estar no mundo. Com isso a autora, busca uma formação educacional crítica, na qual o indivíduo interfere diretamente no meio em que vive.

Com sua proposta BREGOLATO (2000), visa romper com os padrões estabelecidos, por influência dos meios de comunicação, impregnados pela globalização, o que rotula

as formas das pessoas agirem, tornando-as iguais no dançar, vestir, sentar, etc. A dança livre apresenta uma visão revolucionária na educação pela Educação Física, proporcionando liberdade pela expressão corporal, trabalhando contra a alienação no âmbito educacional.

5 | CONCLUSÃO

Após as confirmar a dança enquanto conteúdo significativo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física Escolar, reforçamos a ideia de que é preciso aos docentes um olhar mais específico sobre o uso da dança no ambiente escolar.

Faz-se necessário um novo caminho no qual a dança de fato seja vista como elemento da cultura corporal, repleta de representações e fundamental no processo ensino aprendizagem que culmina na função da escola de formar e educar, incluindo a dança nos seus planejamentos tendo como principal objetivo possibilitar aos alunos essa vivência que o contemplará com o seu autoconhecimento, seja ele físico, cognitivo, social, cultural ou afetivo.

Podemos perceber ao longo da pesquisa que fundamental esse estudo que é preciso instigar a práxis do conteúdo dança nas aulas de Educação Física, tornando assim, as aulas ainda mais enriquecidas e cheias e possibilidades, em prol de uma formação mais integral do indivíduo.

Esperamos corroborar para as pesquisas nessa temática ao acreditarmos na relevância desses estudos para a concretização e prática da dança enquanto conteúdo da Educação Física aspirando a inserção da dança na escola.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BERGE, Yvonne. **Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura Corporal da Dança, Ginástica, jogos e Esporte**. São Paulo. Ícone. 2000.

CUNHA, Morgado. **Dance aprendendo-aprenda dançando**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra- DC Luzzatto, 1992. 96p.

EHRENBERG, Mônica C, GALLARDO, JSP. **Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar**. Motriz: Revista de Educação Física. 2005; 11(2): 121-126.

GARIBA, C. M. S. **Dança escolar**: uma linguagem possível na Educação Física. Revista Digital, nº 85, 2005.

GIFFONI, Maria Amália Correa. **Danças Folclóricas Brasileiras e suas aplicações educativas**. São Paulo – Melhoramentos, 1973.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002 – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

MARQUES, Isabel. **Dançando na Escola**. Revista Motriz, Campinas, v. 3 n. 1, p. 20-28. jun. 1997.

NANNI, Dionísia. **Dança Educação**: Princípios, Métodos e Técnicas. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PCNS – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. **Dança, Educação, Educação Física**: propostas de ensino da dança e o universo da Educação Física. Jundiaí-SP: Fontoura, 2002.

SANCHES. Alcir Braga, (org). **Educação Física a distância**: módulo 3. _ Brasília. Universidade de Brasília, 2008

SARAIVA. Maria do Carmo. **Elementos para uma concepção do ensino de dança na Escola: A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA**. (Ver. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 3, p. 157 – 171, maio 2009).

SCARPATO. Marta Thiago. **Dança Educativa**: um fato em escolas de São Paulo. In. Cadernos Cedes, ano XXI, n 67 o 53, abril/2001

SOARES, Carmem L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

O HISTÓRIO DA DANÇA E SUA IMPORTÂNCIA COMO UM DIREITO SOCIOCULTURAL ENQUANTO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INTERVENÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Welyza Carla da Anunciação Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Ronaldo Silva Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Nilza Cleide Gama dos Reis

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
São Luís – Maranhão

Antonio José Araujo Lima

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
São Luís – Maranhão

RESUMO: Sabe-se que a Educação Física se constitui de conhecimentos específicos que precisam ser desenvolvidos no contexto escolar. Esses conhecimentos se configuram como elemento da cultura corporal que trata das formas de atividades corporais/expressão corporal enquanto linguagem. Dentre estes conhecimentos que também podem ser chamados de conteúdos existe a dança, conteúdo pouco desenvolvido no âmbito escolar. Partindo dessa premissa, este estudo veio por meio de uma pesquisa bibliográfica em revistas, livros, sítios eletrônicos, almejou compreender os princípios básicos do conteúdo

dança a partir da sua história e significados ao longo do tempo, transcendendo ao ambiente educacional, de forma a contribuir para estratégias de ensino que se firmem em bases concretas por meio do (re) conhecimento da dança como elemento constituinte da história e cultura do indivíduo. Para atingir nosso objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando por meio do histórico da dança compreender como ela vem se constituindo enquanto componente formador sociocultural do indivíduo, destacando sua relevância enquanto conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física no âmbito escolar, enquanto elemento da cultura corporal. Com a realização da pesquisa se verificou que a dança sempre esteve presente na vida do indivíduo, seja como linguagem corporal ou nas suas práticas religiosas, para expressar datas festivas, luto, emoções, fazendo parte da sua formação enquanto cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Histórico da Dança. Educação Física. Escola.

ABSTRACT: It is known that Physical Education is constituted of specific knowledge that needs to be developed in the school context. This knowledge is configured as an element of body culture that deals with the forms of bodily activities / body expression as language. Among these knowledge, which can also be called

content, there is dance, which is not well developed in the school context. Based on this premise, this study came through a bibliographical research in magazines, books, electronic sites, aimed to understand the basic principles of dance content from its history and meanings over time, transcending the educational environment, in order to contribute for teaching strategies that are firmly established on the basis of (re) knowledge of dance as a constituent element of the individual's history and culture. In order to reach our goal, a bibliographical research was carried out, searching through the history of the dance to understand how it has been constituted as a sociocultural component of the individual, highlighting its relevance as a content to be developed in the Physical Education classes in the school context, as an element of the body culture. With the accomplishment of the research it was verified that the dance was always present in the life of the individual, either as body language or in its religious practices, to express festive dates, mourning, emotions, being part of its formation as a citizen.

KEYWORDS: History of Dance. Physical education. School.

1 | INTRODUÇÃO

O Pensamento que motivou a elaboração deste estudo foi gerado pelo número reduzido de discussões e estudos específicos direcionados ao trato do conteúdo Dança nas aulas de Educação Física escolar, sendo esta uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, dentre outros conteúdos, os elementos da cultura corporal, que de acordo com Coletivo de Autores (1992, p.62) “[...] os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”.

A cultura corporal, por sua vez, emerge deste complexo de atividades humanas, como uma das manifestações do ser racional, traduzida em linguagem gestual através da história da humanidade competindo à Educação Física de acordo com, Lino Castellani Filho (1998), “dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significado e sentido, porquanto construídos historicamente”.

Assim, a dança neste contexto, percorre as mais variadas civilizações, despontando como uma das expressões mais significativas do ser humano ao longo da história, pois através dela é possível (re) conhecer hábitos e costumes de uma sociedade, sendo essencial a sua vivência pelo indivíduo na sua formação enquanto agente de transformação sócio cultural.

Tadra (2009, p. 19) ao retratar o movimento na história da humanidade, referência a dança como uma atividade que fazia parte da vida do homem primitivo, afirmando que:

Desde o início da civilização, a dança, antes do desenvolvimento da fala, pode ser uma forma de expressão e comunicação compreendida por todos os povos, por mais distantes que fossem. Era a possibilidade mais simples da representação de suas paixões, angústias, emoções, sentimentos, enfim, de seus pensamentos (TADRA, 2009, p. 19).

Dessa forma, a dança se constitui como um meio de comunicação do indivíduo com meio em que está inserido, justificando a dança como conteúdo a ser trabalhado na escola, pois está relacionado diretamente com a educação do ser humano em todos os aspectos: cultural, físico e mental. Nanni confirma isso quando cita que:

As danças, em todas as épocas da história e/ou espaço geográfico, para todos os povos é representação de suas manifestações, de seus “estados de espírito”, permeios de emoções, de expressão e comunicação do ser e de suas características culturais. (NANNI, 2003, p.7).

Tendo a escola nesse contexto função primordial de proporcionar ao indivíduo o acesso as mais diversas experiências que favoreçam a construção e socialização dos conhecimentos a partir das suas representações, sejam elas emocionais, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas, sendo relevante conhecer os primórdios da dança, para assim (re) significar sua prática enquanto conteúdo a ser trabalho na escola, em particular na disciplina de Educação Física.

Com isso, almejou-se investigar por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre a história da dança atentando para sua relação com as vivências do homem, observando sua importância enquanto conteúdo a ser desenvolvido no âmbito escolar, bem como uma referência para qual trato a dança enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física escolar pode ser abordado pelos professores da disciplina (Daolio, 1995).

Partindo deste pressuposto, muitas vezes a dança vem sendo trabalhada de maneira errônea e até mesmo retirado das aulas de Educação, pelo furto ou ausência do conhecimento dos professores em relação a dança enquanto elemento sócio cultural.

De acordo com Ferreira (2009), “a dança na escola aparece como facilitadora de momentos de prazer, espontaneidade e criatividade, respeitando a individualidade e limitações de cada um, e estimulando o desenvolvimento dos alunos forma consciente e integral”.

Diante disso, se percebe a grande seriedade que a dança enquanto conteúdo assume nas aulas de Educação Física, pois esta disciplina tem fundamental importância educacional na formação do indivíduo em sua totalidade, ao contribuir para o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, expressividade, permitindo o mesmo se comunicar de diferentes formas, a partir do conhecimento do seu próprio corpo em meio a estrutura social e a cultural que o cerca.

Para tanto, se vislumbra o conhecimento prévio da história da dança, para assim se dar continuidade as vertentes que a mesma pode se inserir enquanto conteúdo a

partir do (re) conhecimento da sua genealogia, fomentando a sua prática nas aulas de Educação Física Escolar.

2 | O HISTÓRICO DA DANÇA

Ao se refletir sobre a dança como um dos conhecimentos a serem tratados nas aulas de Educação Física escolar, se faz imprescindível uma explanação sobre a história da dança que está entrelaçada a história de antigas civilizações, pois a mesma se consolidou como expressão de vida humana durante séculos.

Tendo em vista uma visão ampla de como a dança se insere no contexto educacional e em específico como conteúdo da Educação Física, buscou-se identificar suas manifestações, características e finalidades, assim como o desenvolvimento de sua prática durante o transcurso das civilizações até os dias atuais. Portanto, alguns pontos da sua história são abordados, já que ela está atrelada à evolução da humanidade em todos os aspectos: social, econômico e cultural.

A dança e a sociedade estão sempre imbricadas. Não há como falar de dança sem percorrer a grandeza de sua história ao longo dos anos, (...) O conhecimento de si mesmo e da dança passa pela necessidade de conhecer sua própria história e manifestações culturais de seu povo. (GARIBA, 2005, p. 56).

A dança teve seus primeiros registros na pré-história, sendo considerada uma manifestação instintiva do ser humano.

3 | PRÉ-HISTÓRIA

Conforme Verderi (1998), antes de polir a pedra e construir abrigos, os homens já se movimentavam ritmicamente para se aquecer e comunicar.

Considerada a mais antiga das artes, segundo registros gráficos nas paredes e tetos das cavernas, encontrados na África e no Sul da Europa com aproximadamente 20 mil anos, comprovam que o homem pré-histórico já dançava, porém, esta dança tinha um caráter místico e difundido em ritos religiosos, como para reverenciar deuses e cultuar o nascimento e a morte, por exemplo.

Dentre os períodos da pré-história temos o primeiro referente ao “Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada” por volta de 1.000.000 a.C. que registra a dança como expressão individual das emoções do homem, marcada pela dança circular sem contato, com gestos desordenados e com repetições sincronizadas.

Já no “Mesolítico ou Idade da Pedra Polida” (15.000 a 10.000 a.C), desponta à primeira idéia de espaço a partir da construção das casas em formas circulares. A dança passa a ser praticada em grupos circulares, surgem às danças de par sem

contato e as danças fúnebres precursoras no uso de máscaras.

Na “Idade dos Metais” (1.000 a.C), há as últimas culturas de tribos passando a duas culturas distintas: a “cultura camponesa”, na qual as práticas existentes eram a dança coral e as danças femininas de caráter solista deixando como herança à dança popular aos povos ocidentais, e a “cultura senhorial” de classe aristocrática urbana, que desejava e incentivava a profissionalização da dança, na qual era realizada a dança do ventre que foi condutora da dança espetáculo dos povos orientais.

Caminada (1999), admitir que, assim como a cultura senhorial acabou por conduzir à dança espetáculo dos orientais, a campesiana pura levou à dança popular ocidental.

Observou-se, que o homem primitivo realizava a dança para se expressar e de forma ritualística, porém ao longo do tempo a mesma toma novas dimensões e com a evolução sociocultural do homem ela começa a retratar a cultura específica de cada civilização, sendo percebido sutilmente suas primeiras manifestações de caráter educacional como será visto a seguir na Idade Antiga.

4 | IDADE ANTIGA

Por volta do século V a.C, tanto as danças sagradas quanto as profanas existiam, povos de diversos países com culturas distintas contribuíram para sua evolução em vários aspectos, tendo destaque os povos do Oriente Médio para os quais a dança teve grande significado. Dentre estes, a China, Índia, Japão, Egito, Grécia e Roma.

Fazendo um apanhado da dança nesses povos, temos a China onde era realizada no Império em homenagem aos desuses; era austera, fechada e minuciosamente treinada. De forma educacional era praticada a dança das espadas pelo exército e nas escolas, como forma de dar força e vigor físico e desenvolver a coragem e o destemor.

Na Índia, surgiu com a arte dos gestos assumindo um caráter de intervenção, voltando-se para o lado educacional observado através de um dos seus estilos coreográficos, chamado: *Kathak*, que se apresenta com relevantes aspectos educacionais, derivando da arte de contar histórias educativas.

Já a dança Japonesa é marcada por dois tipos de representações teatrais: o *Mai*, clássico e requintado, e o *Odori*, popular espontâneo e variado, e integravam festas e rituais, no entanto o “Nô” uma de suas danças mais antigas tinha cunho expressivo e era capaz de passar mensagens através de uma comunicação corporal que educa o povo.

O Nô, considerado como um espetáculo refinado e que no século XVI já havia conquistado um status literário, originou-se da *Kagura* ... (dança pantomímica considerada sagrada, na qual se permite um pouco mais de vivacidade)...e é definido como a arte do caminhar”. (CAMINADA, 1999,p.).

Enquanto que a cultura egípcia retrata a dança como uma arte codificada e com uma técnica sistematizada com caráter sagrado e ritualístico, diluindo por completo o caráter educacional (RANGEL, 2002).

Na civilização grega, a dança teve grande importância religiosa e cívica, e era matéria obrigatória na formação do cidadão. Consistindo o ideal da perfeição grega na harmonia entre o corpo e o espírito, assumia a dança papel fundamental na educação, sendo empregada desde os cinco anos de idade até a velhice, e com finalidade profissionalizante.

(...) a Grécia foi o berço da arte ocidental, embora grande parte de sua literatura sobre dança tenha se perdido, os poucos fragmentos e (...) obras que ficaram nos mostram como ela foi importante e que destaque ocupou na vida cívica e religiosa daquele povo. (CAMINADA, 1999, p 48).

Para Atenas o homem educado além de política e filosofia, teria que saber tocar um instrumento, cantar e dançar. Já em Esparta se praticava a embateria (ginástica rítmica), que lhes dava a resistência e agilidade para vida militar.

“Os espartanos usavam a dança como uma sendo uma atividade de maior importância para educação dos guerreiros (...) chegavam a dizer que os melhores dançarinos se convertiam nos melhores guerreiros”. (NANNI, 2003, p. 53).

Segundo Nanni, com exceção do ballet, os gregos conheciam todos os tipos de danças, algumas eram sistematizadas por uma série de exercícios para correção posturais e do movimento, hoje educação do movimento, “podemos perceber que as danças gregas abrangiam uma vasta forma de danças educacionais”. (NANNI, 2003).

Em Roma, de concepção racionalista e intelectualiza, com grande dificuldade em trabalhar a imaginação e o êxtase, a dança não teve grande importância.

“A dança caracterizada como êxtase, tendo sua capacidade de realçar o poder artisticamente a abstração e também à imaginação, permanece distante da nossa sociedade, que tem uma tendência intelectual e realista”. (CAMINADA, 1999, p. 27).

Apesar de apresentar uma tênue evolução na Idade Antiga com discretas práticas educativas ainda que em sua maioria com finalidades militaristas e biologistas, a dança durante seu percurso para Idade Média perde espaço remetendo-se a religiosidade inclusive no que diz respeito à educação, pois passa a ser utilizada como forma de ensinar a religião, sendo proibida outro tipo de manifestação.

5 | IDADE MÉDIA

A idade Média tem início no século e é marcada pela desorganização política da

Europa e a emancipação da Igreja Cristã, trazendo consequências negativas para a dança, que é reprimida pela Igreja e praticamente abolida pela sociedade, sendo “a dança nos países cristãos associada às festas religiosas e procissões como meio de afirmação”. (NANNI, 2003, p. 35).

O caráter educacional que a dança assumi, neste momento, é voltado para a educação cristã, devido à necessidade de educar os fiéis na nova doutrina, através da dança teatral.

(...) o uso de danças de caráter místico foi comum dentro das igrejas, como forma da mesma de canalizar para o culto os fiéis necessitados de se educar na palavra de Jesus: se dançava as carolas, espécie de roda em torno do altar. (NANNI, 2003, p. 37).

Na transição para a Idade moderna, surge o Renascimento, que dá início a um movimento artístico ligado não mais à Igreja, mas sim relacionando arte ao poder. A Renascença separou enfaticamente a estrutura da dança proveniente da Idade Média com forte valor cultural religioso para uma estrutura sistematizada em uma relação de arte/educação, como mostra a seguir.

6 | IDADE MODERNA

No século XIX começa um movimento contra a formalização do aprendizado da dança e tornam-se evidentes duas vertentes: a moderna que surgia (o prenúncio da Dança Criativa ou Dança/Educação) e a acadêmica tradicional (a Dança/Arte ou espetáculo). A nova tendência da dança converge para o movimento humano expressivo, o ensino da dança moderna se permite integrar no currículo escolar. Esse movimento teve vários precursores, entre eles Jacques Dalcrose, Isadora Duncan e Rudolf Laban, que contribuíram imensamente para o crescimento educacional da dança.

“(...) a dança (...) se torna uma forma de desenvolvimento e aprimoramento do homem, possibilitando enveredar para os caminhos de sua auto-realização. Assim, o ensino da Dança Moderna se permitirá integrar o Currículo Escolar”. (NANNI, 2003, p. 42).

Com esse movimento, a dança passou a ser direito de todos, não mais privilégio de uma única classe, fazendo parte da formação educacional, social, física e psíquica do homem.

Desta maneira, assim como as civilizações construíram as suas culturas, o homem se desenvolveu constituindo o que hoje chamamos de cultura corporal, desempenhando a dança papel fundamental neste processo.

Neste contexto, entendendo-se a Educação Física como disciplina que na escola,

trata pedagogicamente, do conhecimento da Cultura Corporal, a qual se configura através de atividades corporais/expressão corporal enquanto linguagem, tendo na dança todos os elementos que estabelecem uma relação de ensino-aprendizagem a partir deste pressuposto.

7 | CONCLUSÃO

Considerando-se a importância da dança ao longo da história e das suas relações com o homem e com a educação, faz-se necessário um novo olhar sobre a dança enquanto conteúdo a ser trabalhado na escola, em especial na disciplina de Educação Física que esta intrinsecamente ligada à sua prática.

Ao longo da história da dança, se pode perceber que ela esteve entrelaçada a formação do homem em sua totalidade, sendo por ele realizada em todos os tempos e com diversos significados (re) construindo suas representações de mundo. Ainda ao perpassar pela história da dança, confirma-se suas relações na formação do indivíduo por meio de seu potencial educativo. Constatou-se os benefícios da dança como forma de socialização, criatividade, expressividade e construção de valores do indivíduo que assim, vai transformando e preservando sua cultura por meio das representações que a dança permite, sendo importante oportunizar-la no ambiente escolar e de maneira singular na disciplina de Educação física como elemento da cultura corporal.

Essa pesquisa teve o intuito de valorizar o conteúdo dança nas aulas de Educação Física Escolar, instigando a necessidade de se repensar a práxis da dança na escola, haja vista sua imensurável contribuição em toda sua formação cultural e na transmissão da história de um povo por meio das suas manifestações.

Entretanto, ainda se ver de forma tímida o trabalho do conteúdo dança nas aulas de Educação física, propondo a partir do entendimento da sua importância sociocultural na formação do indivíduo, uma busca por novos olhares deste conteúdo nas aulas de Educação Física por parte dos professores que devem ser mediadores, contribuindo no processo de ensino aprendizagem por meio da história de cada indivíduo e na sua coletividade.

REFERÊNCIAS

CAMINADA, E. **História da Dança**: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino. Política educacional e educação física. Campinas: Autores Associados, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campina: Papyrus, 1995.

Educação Física/Vários Autores. Curitiba: SEED-PR, 2006-232p.

FERREIRA, S. S. **Dança na escola:** um processo de criação. Campinas: UNICAMP, 2009. 80 p. Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

GARIBA, Chames Maria. **Dança escolar:** uma linguagem possível na Educação Física. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Nº 85, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd85/danca.htm>. Acesso em 16 de jul de 2018.

NANNI, Dionísia. **Dança educação:** pré-escola a universidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. **Dança, Educação, Educação Física:** propostas de ensino da dança e o universo da Educação Física. Jundiaí-SP: Fontoura, 2002.

TADRA, Débora Siqueira Arzua et al. **Metodologia do ensino de artes:** linguagem da dança. Curitiba: Ibepe, 2009.

VERDERI, E.B.L.P. **Dança na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

O LEGADO AXIOLÓGICO DOS MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DOS VALORES ESPORTIVOS

Vinicius Bozzano Nunes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília, São Paulo

RESUMO: A realização dos megaeventos esportivos no Brasil deixou algumas inquietações. Uma delas diz respeito ao legado de valores. Diante do forte interesse econômico dirigido a tais espetáculos, o legado axiológico tornou-se pouco expressivo. O objetivo deste texto é apresentar uma justificativa para tal, defendendo a tese de que há um déficit psicológico nas abordagens sobre valores esportivos. É preciso considerar os mecanismos psicológicos da construção de valores pelo sujeito. Os subsídios teóricos dessa tese vêm da psicologia da moralidade, em seu caminho construtivista. A partir da discussão realizada, entende-se que é necessária uma educação em valores universais que considere os valores Olímpicos. As proposições para essa educação devem ter como princípio o fato de que o sujeito se desenvolve moralmente e possui papel ativo nesse desenvolvimento. Apenas desse modo os valores olímpicos podem assumir lugar central na personalidade moral dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Moral;

Educação em Valores; Megaeventos Esportivos.

ABSTRACT:The recent completion of sports mega-events in Brazil left some concerns. One of them relates to the legacy of values. In the face of strong economic interest directed to such spectacles, the axiological legacy became little expressive. The objective of this text is to provide a justification for this, defending the thesis that there is a psychological deficit in approaches on sports values. It is necessary to consider the psychological mechanisms of the values construction by the subject. The theoretical subsidies of this thesis come from the moral psychology, in its constructivist way. From the discussion held, it is understood that there is a need for education in the universal values that consider the Olympic values. The propositions for such education should have as a principle the fact that the subject develops morally and has an active role in this development. Only in that way the Olympic values can assume a central place in the moral personality of the subject.

KEYWORDS: Moral Education; Values Education; Sports Mega-Events.

1 | INTRODUÇÃO

O legado dos megaeventos esportivos

no Brasil é debate que cativa participação cada vez mais efusiva, especialmente em função da realização da Copa do Mundo FIFA 2014 e dos Jogos olímpicos Rio 2016 no país. Trabalhos importantes como o de Dacosta *et al.* (2008) anteciparam a necessidade de voltar-se o olhar para tal fenômeno, abrindo caminhos para o interesse acadêmico na área, até então, pouco expressivo no contexto nacional. Passados os dois megaeventos, ainda pairam importantes questionamentos no que tange ao que fomos capazes de converter em elementos positivos a partir de sua realização.

A discussão sobre os legados, entretanto, não é simples, tampouco curta. Ao contrário, pensá-los de uma forma integral, ou que tenda a essa condição, implica a elaboração de trabalhos necessariamente volumosos, densos e multidisciplinares. Isso porque tais legados devem ser apreendidos por diversos prismas. Algumas das dimensões possíveis para sua abordagem são as da economia, da gestão, da cultura, do lazer, da regeneração urbana, do meio ambiente, do turismo, da inclusão social, da educação olímpica (*ibid.*), entre tantas outras. Todas essas dimensões – e outras mais – são recortes possíveis para que se pensem as pautas que nos deixam os legados desses eventos.

Para compreender a natureza do interesse nos espetáculos esportivos, uma questão preliminar é bastante pertinente: o que motiva essa reflexão? Certamente o que há de central é um interesse de natureza instrumental, que se expressa na exploração máxima da utilidade econômica desses espetáculos (CURI, 2013). E sendo essa motivação de origem essencialmente financeira, o trabalho sobre os legados cumpre dupla função. Primeiramente, organiza as oportunidades de que investidores e agentes vinculados ao Estado angariem certo tipo de vantagem. Das funções, essa seria a que se apresenta de modo mais direto.

Já em outro sentido, indiretamente, o estudo dos legados dos Jogos no Brasil, conscientemente ou não, assumiu o papel de fazer a mea-culpa, buscando justificar as finalidades “lucrativistas” que se arraigam à promoção dos megaeventos. Isso promoveu uma eufemização dos verdadeiros fins dos Jogos na contemporaneidade, conquistando apoio popular para sua realização sob o engodo de que, além do lucro para poucos, haveria também benefícios para a grande maioria da população. Essa análise não será aqui trabalhada de maneira aprofundada. Contudo, permanece em aberto a reflexão sobre o que restou como herança dos eventos realizados no país nas últimas décadas e sobre como isso atingiu (se atingiu) o propósito de beneficiar amplamente a população brasileira.

Que a sustentabilidade econômica do evento seja fator importante, não resta dúvidas. Obviamente, são necessários mecanismos que garantam sua realização e isso implica a mobilização de condições materiais que, por conseguinte, demandam o aporte de recursos financeiros. Entretanto, aqui se defende – como talvez o fizesse Pierre de Coubertin caso fosse nosso contemporâneo –, que a exploração econômica dos megaeventos, para além do que é necessário para a garantia de sua sustentabilidade, não deve se converter em seu valor máximo.

O que acontece com isso é uma conversão dos meios em fins, ou seja, a obtenção de recursos financeiros, que serviriam de suporte para que fossem atingidos os objetivos de fato valorosos dos eventos, passa a ocupar o lugar de objetivo mais importante. Os jogos se tornam um instrumento de acúmulo de riquezas, quer de forma lícita, quer ilícita. O estabelecimento do sucesso no lugar da emancipação – enquanto finalidade maior desses eventos – finda por denotar a predominância de uma racionalidade de tipo instrumental (HABERMAS, 2012) em detrimento de manifestações da racionalidade de cunho mais solidário. Pensar desse modo resulta admitir a necessidade de que o legado dos valores, ou mesmo o legado moral de Jogos como as Olimpíadas, deveria figurar como o mais importante deles. Uma boa utopia seria imaginar que em função desse legado deveríamos pensar todos os demais.

Nessa mesma direção parecem rumar as atenções do CONFEF – Conselho Federal de Educação Física – e de alguns de seus parceiros. Tendo promovido em 2018 o VIII Seminário Valores do Esporte e Educação Olímpica, dentro do Congresso Internacional de Educação Física FIEP, anualmente realizado em Foz do Iguaçu – PR, o Conselho demonstrou ter exatamente essa preocupação. Nessa edição do evento, foram debatidos temas que ampliaram os limites do debate sobre os legados. Essa ampliação alcançou desde as convencionais questões mais concretas até a dimensão das questões que as superam, as imateriais. A página na internet que anunciou a realização do Seminário definiu mais claramente sua intenção, que veio ao encontro da premissa inicial postulada neste texto:

Ao longo da década de realização dos megaeventos esportivos no Brasil principalmente o período que antecedeu os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em conjunto com a FIEP procuramos incrementar o Movimento Olímpico e alertar para a questão dos legados e impactos socioeducacionais dos eventos. Fomos derrotados pelo tsunami da competição, das medalhas e do interesse maior pelo pódio. Ao longo desses anos, junto com outros sonhadores, em particular os Centros de Estudos Olímpicos e a Universidade URI Erechim, procuramos aumentar a chama desse importante movimento sem muito eco. Não deixaremos a chama apagar. Contudo a educação olímpica, como o fair play e o movimento olímpico devem ter sua difusão e inclusão em todos os segmentos educacionais e esportivos. Nesse sentido, a partir desse seminário discutiremos e debateremos a forma e possibilidades de inserção em todas as áreas e segmentos. Como sempre, um desafio (CONGRESSO FIEP, 2017).

Pela leitura do texto de apresentação do Seminário, fica evidente a percepção de seus organizadores. Para eles, o projeto de promoção dos valores do esporte e da educação olímpica não se efetivou por meio da realização dos megaeventos mais recentes no Brasil. Não é difícil concordar com isso, visto que os indícios desse fracasso são nítidos.

Apesar da concordância, apenas acrescentamos que os valores olímpicos têm traços universais, logo, os aspectos que caracterizaram o dito “tsunami” – que no contexto deste texto compreenderemos como contravalores – não se restringem apenas à competição, às medalhas e ao interesse maior pelo pódio, mas também

à promoção da injustiça, às desigualdades, à busca do lucro sem escrúpulos. Ou mesmo à exploração do outro, à corrupção. Tais contravalores remetem a um eixo que articula questões de justiça e liberdade e que, em última instância, direcionam a discussão para os estudos sobre o reconhecimento. Pensá-los assim nos permite ver o problema para além da circunscrição do olimpismo e abre caminhos claros para que se possam entender os espetáculos esportivos como oportunidade para uma educação em valores. Certamente, uma educação em valores de caráter amplo e não restrito apenas ao domínio esportivo.

Assim, é notável o insucesso desses eventos no que tange a propagação dos valores olímpicos. Isso acontece tanto se olhamos a questão de modo vinculado ao momento de realização dos Jogos, quanto se a miramos pela perspectiva de seu legado. Diante desse quadro, crepita a questão que mobiliza este texto: por qual razão não se efetiva a educação em valores olímpicos como legado dos megaeventos esportivos?

A tese que aqui defendemos é a de que as discussões a respeito trazem notório déficit psicológico. Quer dizer que, dentre as dimensões de análise do problema, falta a perspectiva psicológica para que a situação em debate seja abordada de maneira mais completa. A tematização dos mecanismos psicológicos que permitiriam que o sujeito se apropriasse desses valores não é frequentemente trazida à pauta, diferentemente do que acontece com as perspectivas filosófica e sociológica. Defendemos uma abordagem construtivista do desenvolvimento moral para este trabalho, reconhecendo-o como um viés teórico predominante nos estudos que se enquadram no campo da psicologia da moralidade, viés extremamente necessário para a compreensão desse fenômeno.

2 | NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICOLOGIA DA MORALIDADE

A psicologia da moralidade é um campo do saber inserido na seara das ciências psicológicas. Nele se aglutinam estudos sobre os mecanismos psicológicos que os sujeitos invocam para que possam responder à questão “como devo agir?”. Freitag (1992) aborda essa perspectiva psicológica como parte de uma tríade de que também participam a sociologia e a filosofia. Esse tripé, em que o peso e a importância de cada um de seus elementos estão equitativamente distribuídos, é a base indispensável para a abordagem do fenômeno moral. Portanto, tanto o discurso filosófico a respeito da ética e da moral, quanto a perspectiva sociológica sobre como operam esses elementos em uma lógica coletiva, assim como as contribuições sobre a apropriação psíquica de tais elementos, são dimensões simbióticas e, a não ser a título de estudo, não podem ser desacopladas.

Não exigindo primazia para si, a psicologia da moralidade veio constituir-se em importante contributo para o tema. De alguma maneira ela acabou reparando as

conseqüências da ampla exploração do viés sociológico que resultou, em alguns casos, na produção de reducionismos que desencadearam a aniquilação do ator individual na reflexão moral. Esse acontecimento diluiu as responsabilidades individuais no senso de coletividade. Pensar o problema pela ótica da psicologia provocou nos estudos sobre a moralidade uma recondução em direção ao sujeito, evidenciando seu papel de protagonista da ação moral.

Essa recondução foi uma tarefa cumprida principalmente por Jean Piaget. O epistemólogo suíço dedicou curta parte de sua carreira acadêmica ao estudo do desenvolvimento da moralidade. Mesmo assim, sua obra “O Juízo Moral na Criança” (1932-1994) tornou-se referência para estudos posteriores nesse campo. Uma das mais fortes teses que permeia esses escritos é a de que nós nos desenvolvemos moralmente. Partimos de estados rudimentares rumo a estados mais elaborados da manifestação da moralidade de forma contínua.

Os experimentos realizados por Piaget (1932-1994) demonstram que partimos de um momento de anomia (em que não identificamos as matrizes das regras) para um estágio em que predomina a heteronomia (quando as regras têm origem exógena), até que atingimos um momento do desenvolvimento moral em que são dominantes as manifestações da autonomia (quando somos capazes de emitir juízos morais autênticos independentes das pressões exteriores). O sujeito, neste caso, assume papel central, ele é protagonista da ação moral, porque constrói as estruturas cognitivas e afetivas que dão suporte a capacidades de ação moral gradualmente mais abrangentes e complexas. Sua tese se contrapunha à de vários pensadores da época, em especial à de Durkheim (2008), para quem – em resumo – a moral era assimilada pelo sujeito a partir dos indícios fornecidos pelo meio. Segundo sua tese, um mecanismo eficiente para que isso acontecesse era a repetição. Uma lição de moral teria uma possibilidade maior de ser inculcada no sujeito quanto mais ela fosse proferida.

Há motivos consistentes para se notar sérios equívocos nessa perspectiva. Seja ela comparada com o construtivismo, seja com outras abordagens mais abrangentes, fica extremamente evidente uma crença epistemológica que sugere certa passividade do sujeito diante de seu entorno. Não está contemplada nessa proposta a dimensão da interação. Para além do inatismo, para quem tudo nasce com o sujeito, bastando ser desvelado, e também do empirismo, afinado com as ideias durkheimianas por deslocar o centro para o mundo objetivo, há uma perspectiva interacionista. Esta, muito influencia o pensamento moral piagetiano e pós-piagetiano, situando o sujeito como responsável pelo seu desenvolvimento moral, capaz de transformar as condições primárias de desenvolvimento de seu juízo moral e ativo diante dos elementos do mundo objetivo, que passam de determinantes a apenas condicionantes desse desenvolvimento.

Mesmo assim, o transmissionismo moral é o que há de mais praticado no contexto educativo nos dias de hoje. Basta observar a questão dos valores nas escolas. As lições de moral não são algo que ficou no passado, os preceitos de determinadas religiões se sobrepõem em detrimento da tolerância, o teor moralista permeia as páginas das

apostilas e se infiltra nas mais variadas discussões científicas, sejam elas da biologia, da física, da química, etc. Nas ciências humanas isso fica ainda mais evidente. A título de exemplo, a discussão sobre a doutrinação em disciplinas como história, sociologia e filosofia desconsidera os estudantes como seres ativos e permanentemente críticos diante do que lhes é exposto. Em suma, o transmissionismo moral é uma idéia tão infundada quanto praticada na educação contemporânea.

No campo esportivo, ainda mais distante da influência do debate acadêmico que o ambiente escolar, acontece o mesmo. A ideia de que a simples exposição a bons exemplos praticados nos esportes pode agir positivamente no desenvolvimento moral das pessoas não encontra sólidos fundamentos teóricos. Há elementos psicológicos determinantes para esse processo que estão sendo desconsiderados nas discussões a respeito. É a respeito desses elementos que falaremos a seguir.

3 | A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DOS VALORES DO ESPORTE E DOS VALORES OLÍMPICOS

Neste tópico acompanharemos o itinerário por sobre o qual se moveu a obra “Educação e Valores: pontos e contrapontos” (ARANTES; ARAÚJO; PUIG, 2007). Nela, Araújo (2007, p. 19) toma por guia as conferências de Piaget publicizadas em um curso que este ministrou na Sorbonne, entre os anos de 1953/1954, intitulado “*Les relations entre l’affectivité et l’intelligence dans le développement mental de l’enfant*”. A partir disso, a primeira consideração diz respeito à pergunta: o que são valores?

Se moral e ética não são somente questões da ordem da cognição, mas também do afeto (LA TAILLE, 2006), é nesta última que melhor se acomoda a ideia de valor (embora ainda não estejamos tratando de valor do tipo moral). “Ao falar de valores, Piaget se refere a uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, objetos ou pessoas. [...] os valores e as avaliações que fazemos no cotidiano pertencem à dimensão geral da afetividade” (ARAÚJO, 2007). Portanto, as projeções afetivas do sujeito sobre objetos ou pessoas são elementos fundamentais para a construção dos valores, o que é feito pela interação humana. Isso afasta “tanto as teses aprioristas de que os valores são inatos quanto as teses empiristas de que eles são resultantes das pressões do meio social” (ibid.). E, estendida a questão para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, seria essa a diferença entre a teoria piagetiana e os postulados de Vygotsky e Chomsky, por exemplo.

No que diz respeito à forma como dispendemos afeto em relação a objetos e pessoas, há duas maneiras para que isso ocorra. Algo que é valoroso para alguém recebe uma carga de valência positiva. De forma análoga, uma forte carga afetiva de valência negativa em relação a algo representa o que se pode distinguir como contravalores.

Por essa perspectiva, os valores não são necessariamente morais. Afirmar isso significa dizer que seria possível dirigir carga afetiva positiva em relação a valores que representassem comportamentos não morais. Por exemplo, a forma como a representação do sucesso chega até nós por diversos canais (TV, redes sociais, moda, educação, etc.) pode fazer com que se torne positivamente valoroso usar anabolizantes, por exemplo. Ou ainda utilizar meios escusos para atingir a vitória ou alcançar um objetivo, fraudar uma licitação, usar material de qualidade inferior na execução de uma obra, garantir o privilégio de assistir a uma partida confortavelmente em detrimento do bem estar das famílias desalojadas do local onde se construiu o palco do espetáculo esportivo, etc. Ou seja, para além da indiferença em relação a isso, é possível que agir de tal modo encontre respaldo social e converta-se em algo que para o sujeito é positivamente valoroso, mesmo representando valores reconhecidos como não morais.

Ao longo da vida os valores se organizam em um complexo sistema. Eles vão “se incorporando à identidade das pessoas, às representações que elas fazem de si” (ARAÚJO, 2007, p. 23). A defesa de Piaget é de que a partir do momento em que se nasce, diante das suas relações consigo mesmo, com os objetos e outras pessoas, esse sistema de valores se aprimora e transfigura-se em outro, mais estável que o anterior. A partir desse novo momento, a ação dos sujeitos passa a pautar-se de forma gradualmente mais estável em razão da definição de normas de ação que se agrupam em escalas normativas de valores (PIAGET, 1954, apud ARAÚJO, 2007). A ação moral deriva da intrincada teia de relações formada por essa matriz valorativa.

Os valores que mobilizamos de forma mais recorrente e estável para nortear nossas ações são aqueles que, pela via do afeto, se tornaram centrais em nossa identidade. Outros que estão também presentes, embora nem tão frequentes ou estáveis, são periféricos. Isso define um modelo que justifica possíveis incoerências, contradições e instabilidades próprias da natureza humana da ação moral. Ou seja, o conjunto de nossas vivências, os afetos que atribuímos às coisas, que nos despertam determinadas situações, nossa capacidade de entendimento dos fatos, de estabelecimento de conexões causais e a imensa sorte de relações possíveis entre todas as nuances assumidas por esses fatores formam um complexo valorativo. Esse complexo determina nossas ações morais que se pautam em valores. Ele não é estático, é um sistema orgânico que assimila novas experiências e se organiza em função delas. Por conta disso é absolutamente individual, é como um “DNA moral” dos sujeitos.

4 | INDÍCIOS PARA A REFLEXÃO SOBRE O LEGADO AXIOLÓGICO DOS MEGAEVENTOS OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos até o momento apresentados, retomamos a questão

principal deste estudo, a recordar, por que razão não se efetiva a educação em valores olímpicos como legado dos megaeventos esportivos? A base teórica que elegemos como suporte explicativo nos confere algumas pistas a respeito desse assunto, o que discutiremos em seguida.

Para tanto, retomaremos os Valores Olímpicos, que em sua versão clássica são: “Excelência, Fair Play, Persistência, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Participação” (GOMES; TURINI; MIRAGAYA; DACOSTA, 2008). Embora não adentremos a questão, todos esses valores trazem em si um caráter moral. Resolver a questão do fracasso do legado dos valores se relaciona, pois, com o pensar nas maneiras de conduzir tais valores para o centro da personalidade moral dos sujeitos.

Os subsídios teóricos aqui apresentados dão conta de justificar que isso não ocorrerá de modo “natural”. O desenvolvimento moral a níveis cada vez mais altos não é o caminho natural que a humanidade é inevitavelmente compelida a percorrer. Desse modo, pouco contribui a postura passiva diante da constatação de que a competitividade, a lucratividade, entre outros contravalores, se sobrepõem aos valores olímpicos. É preciso, indo além, reconhecer que a indignação é um excelente primeiro passo, no entanto, precisa ser complementado com ações para um desenvolvimento moral que assuma o sentido dos valores olímpicos.

O tipo de ação a ser desenvolvida deve ter por base a educação. Uma educação em valores. Contudo, essa educação não acontece na forma de um transmissionismo. Não é a repetição à exaustão dos Valores Olímpicos, ou a exposição a bons exemplos esportivos pela televisão, por exemplo, que farão as pessoas tenderem a agir levando em consideração essas questões morais.

O sujeito tem papel ativo em seu desenvolvimento moral e, portanto, o contexto social é condicionante, mas não determinante para tal. Esse desenvolvimento encontra fertilidade nas relações que têm caráter mais cooperativo, que acontecem entre pares. Relações de poder assimétricas em que predomina a heteronomia não são favoráveis para o desenvolvimento nos termos em que aqui está tratado.

Por fim, entende-se que para ser atribuída carga afetiva positiva em relação aos valores olímpicos é necessário que se pense nesses valores extrapolando os limites da realização das atividades esportivas. Deve-se olhar para eles como valores universais, cabíveis em qualquer contexto, seja ele esportivo ou não. Se isso não é considerado, não há como pensar em um legado de valores efetivo. Diante dos indícios aqui elencados abre-se um promissor caminho para que se proponha uma educação em valores que dê espaço também para os valores olímpicos e que dê lugar a um legado axiológico significativo para os próximos megaeventos esportivos.

REFERÊNCIAS

- CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 65-88, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 1 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000200003>.
- DACOSTA, Lamartine; CORRÊA, Dirce; RIZUTTI, Elaine; VILLANO, Bernardo; MIRAGAYA, Ana. (eds) **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- CONGRESSO FIEP. **VIII Seminário Valores do Esporte e Educação Olímpica**. 33º Congresso Internacional de Educação Física – FIEP, 2017. Disponível em: <http://www.congressofiep.com/eventos-parallellos/viii-seminario-valores-do-esporte-e-educacao-olimpica/>. Acesso em: 12 de nov. 2017.
- DURKHEIM, Émile. **Educação Moral**. Trad. Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Campinas: Papirus, 1992.
- GOMES, Marta; TURINI, Márcio; MIRAGAYA, Ana.; DACOSTA, Lamartine.; **Legado de Valores dos Jogos Olímpicos: dos “Mega” aos “Micro” Eventos**. In: DACOSTA, Lamartine; CORRÊA, Dirce; RIZUTTI, Elaine; VILLANO, Bernardo; MIRAGAYA, Ana. (eds) **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LA TAILLE, Yves de. Moralidade e sentimento de vergonha. In: **Anais do IV Simpósio Internacional de Epistemologia Genética**, Águas de Lindoia, 1996. pp. 103 – 107.
- PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1994. (originalmente publicado em 1932).

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS MODALIDADES DE COMBATE

Cesar Augusto Barroso de Andrade

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará(IFCE)
Umirim – Ceará

Danilo Bastos Moreno

Faculdade Integrada da Grande Fortaleza(FGF)
Fortaleza – Ceará

João Airton de Matos Pontes

Universidade Federal do Ceará(UFC)
Fortaleza – Ceará

RESUMO: A Pedagogia do Esporte visa estudar os meios através dos quais ocorrem os processos de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes nos diferentes ambientes da Educação Física. As modalidades de esporte de combate também são práticas que devem estar envoltas em contextualizações pedagógicas e a processos metodológicos de ensino-aprendizagem. Alguns autores reiteram que os princípios da Pedagogia do Esporte estão pautados em 3 referenciais principais, a saber: o técnico-tático (evolução do conhecimento técnico e da tática da modalidade), o socioeducativo (desenvolvimento de valores, atitudes, como respeito, coeducação, cooperação, dentre outros) e o histórico-cultural (história da modalidade, regras, evolução, contexto cultural, influência midiática). Verifica-se que esse conteúdo é o que menos recebe

a atenção dos pesquisadores nas revistas científicas no Brasil (CORREA, FRANCHINI E DEL VECCHIO, 2010; FRANCHINI E DEL VECCHIO, 2011; BETTI, FERRAZ E DANTAS, 2011). O presente trabalho possui como objetivos, discutir o processo de ensino aprendizagem partindo do referencial teórico proposto pela Pedagogia do Esporte; identificar quais métodos da Pedagogia do Esporte que podem ser aplicados no ensino/treinamento das Lutas. A abordagem do estudo assume um caráter qualitativo, bibliográfico e descritivo. Foram buscados trabalhos acadêmicos nas bases de dados, Google acadêmico e Scielo com as palavras chaves “pedagogia das lutas” e “pedagogia do esporte”. Reitera-se que esses novos diálogos podem promover outras formas de ressignificação do esporte, podendo contribuir para o desenvolvimento da sociedade em geral. Contudo, a melhor forma de ensinar/treinar será o de escolha do professor/treinador e do momento em que ele se encontrar com seus praticantes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem; Pedagogia das lutas; Pedagogia do esporte; Modalidades de combate.

ABSTRACT: The Pedagogy of Sports aims to study the means through which the processes of teaching-learning-training of sports occur in the different environments of Physical

Education. Combat sports are also practices that should be involved in pedagogical contextualizations and methodological teaching-learning processes. Some authors reiterate that the principles of Sports Pedagogy are based on 3 main references, namely: the tactical technician (evolution of technical knowledge and tactics of the modality), the socioeducative (development of values, attitudes such as respect, coeducation, (history of the modality, rules, evolution, cultural context, media influence). It is verified that this content is the least received the attention of the researchers in the scientific journals in Brazil (CORREA, FRANCHINI AND DEL VECCHIO, 2010; FRANCHINI E DEL VECCHIO, 2011; BETTI, FERRAZ AND DANTAS, 2011). The present work aims to discuss the process of teaching learning based on the theoretical framework proposed by the Pedagogy of Sport; identify which methods of Sports Pedagogy that can be applied in the teaching / training of the Fights. The approach of the study assumes a qualitative, bibliographic and descriptive character. Academic works were searched in databases, academic Google and Scielo with the key words “pedagogy of the struggles” and “pedagogy of the sport”. It is reiterated that these new dialogues can promote other forms of resignification of the sport, and can contribute to the development of society in general. However, the best way to teach / train will be the choice of the teacher / coach and the moment he meets his practitioners.

KEYWORDS: Teaching-learning; Pedagogy of struggles; Sports pedagogy; Combat modes.

1 | INTRODUÇÃO

Estudar os esportes e sua forma de ensino/treinamento requer muita atenção e cuidado, pois vários são os métodos e maneiras de se realizar tal feito, assim como várias as modalidades de esporte.

As modalidades de Lutas passaram por uma reformulação e surgiram as Modalidades de Esporte de Combate (MEC), através de uma resignificação das Artes Marciais.

Essas MEC chamam cada vez mais a atenção do público (praticantes e espectadores) e da comunidade acadêmica, apesar de as Lutas ainda carecerem de um maior aporte de pesquisa científica a seu respeito.

O presente trabalho tem-se como objetivos: discutir o processo de ensino aprendizagem a partir do referencial teórico proposto pela Pedagogia do Esporte; identificar quais métodos da Pedagogia do Esporte que podem ser aplicados no ensino/treinamento das Lutas;

2 | BREVE HISTÓRICO DAS LUTAS

As Lutas estão presentes na história da humanidade desde a pré-história até

momentos contemporâneos, tendo passado da forma de lutar pela sobrevivência nos tempos mais primitivos, o processo de criação e evolução das Artes Marciais, até o momento de treino árduo para uma disputa de cinturão nas Modalidades de Esporte de Combate na atualidade.

O processo de determinação de quando a prática das lutas se iniciou é extremamente difícil já que não ocorreu a partir da prática de um único indivíduo ou grupo de pessoas, mas foi resultado de processos construtivos socioculturais que foram sendo modificados e passando por ressignificações durante o tempo, embora Figueiredo (2009) relata que uma das primeiras obras literárias da humanidade é o poema da Epopéia de Gilgamesh, poema que determina a contar a história da luta do rei de Uruk, Gilgamesh (GREEN, 2001; BREDA ET AL, 2010; MAZZONI E OLIVEIRA JUNIOR, 2011; FERREIRA, 2012; SANTOS, 2012; RUFINO, 2012; CAMPOS, 2014; PAIVA, 2015;).

Contudo, quais as diferenças entre Luta, Arte Marcial e Modalidade de Esporte de Combate?

3 | LUTAS; ARTES MARCIAIS; MODALIDADES DE ESPORTE DE COMBATE

As Lutas, segundo Rufino (2012), são práticas inerentes ao ser humano que buscavam sobreviver, mas passaram por processos de sistematização, validação e regulamentação na visão da sociedade nas quais estavam inseridas. Ferreira (2012) coloca que “Luta” é toda e qualquer manifestação corporal de oposição e enfrentamento, entre duas ou mais pessoas, com técnicas de ataque, defesa e contra-ataque, envolvendo táticas e estratégias, com o objetivo de golpear, tocar, marcar pontos, desequilibrar, projetar, imobilizar, realizar torções e excluir de um território ou de um determinado espaço.

Sendo assim, Paiva (2015) coloca que os antigos indígenas notaram que para vencer as lutas entre tribos, uma preparação anterior, para alcançar uma melhor condição física e aprimoramento das habilidades de combater, era importante, e não somente possuir uma melhor arma. Desta forma, coloca-se que surgiram as formas primitivas das Artes Marciais.

As Artes Marciais não são somente práticas de Lutas com o intuito de guerrear, pois possuem origem do seu nome em alusão ao deus ocidental greco-romano da guerra (deus Marte), mas também possuem um lado filosófico, de auto-conhecimento, de auto-controle (FERREIRA, 2012; SANTOS, 2012; RUFINO, 2012; PAIVA, 2015). Yonezawa (2010) coloca que as Artes Marciais eram importantes para o desenvolvimento de comunidades de povos nômades à medida que estes povos transmitiam sua cultura para os povoados por onde passavam, favorecendo a incorporação de tal cultura de Luta por onde passavam.

Dentro do mundo das Artes Marciais e de entendimento do público em geral, as

Artes Marciais teriam sido inventadas no oriente, e surgem termos como *Bujutsu*, *Budô* e *Burguei*. O primeiro (*Bujutsu*) está relacionado às técnicas utilizadas pelos guerreiros durante os combates, havendo nascido a partir de técnicas utilizadas pelos guerreiros samurais. O segundo (*Budô*) está relacionado à conduta que o guerreiro deve levar para a vida e suas práticas diárias, no intuito de autodesenvolvimento, autoconhecimento, coragem, lealdade, razão, dentre outros valores oriundos do modo de vida do guerreiro. E o terceiro (*Burgei*) está relacionado aos métodos utilizados durante os treinamentos e os combates (GREEN, 2001; CAMPOS, 2014).

Com o desenvolvimento das sociedades e o fim das guerras, as Artes Marciais passaram por alterações e a vertente de sua prática voltada para a guerra foi sendo transformada para o lado esportivo, embora alguns aspectos tradicionais tenham sido mantidos, as perspectivas esportiva e competitiva tornaram-se muito mais afluídas.

Dessa forma se constituem as Modalidades de Esportes de Combate, embate competitivo com contato entre dois indivíduos baseado em regras pré-estabelecidas em uma disputa segura (FETT E FETT, 2009; GAUTHIER, 2009; FRANCHINI E DEL VECCHIO, 2011; FERREIRA, 2012; GONÇALVES E SILVA, 2013).

4 | PEDAGOGIA DO ESPORTE APLICADA ÀS LUTAS

A Pedagogia do Esporte visa estudar os meios através dos quais ocorrem os processos de ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes nos diferentes ambientes da Educação Física. Sendo assim, é preciso observar que os esportes perpassam várias faces de sua prática e evolução na sociedade, desde sua história, evolução, aos fatores biológicos e pedagógicos (RUFINO E DARIDO, 2012).

Segundo Vancini et al (2015), a Pedagogia do Esporte pode ser colocada como o campo do conhecimento que investiga a prática educativa, especificamente através do esporte, tendo associação com a pedagogia em geral (educação pelo esporte) e a ciência do esporte (aspecto motriz). A Pedagogia do Esporte é oriunda da pedagogia geral e da ciência do desporto (BENTO, 2006).

Leonardi et al (2014) colocam a Pedagogia do Esporte como o campo de conhecimento que vai investigar a prática educativa com o propósito de reflexão, sistematização, avaliação, organização e crítica do processo educativo por meio do esporte.

Greco e Benda(1998) relacionam que a sequência realizada em uma sessão de treinamento ou aula independe de onde este evento ocorre, ou seja, eventos que envolvem aulas ou treinamento de modalidades esportivas estão conectados com formas tradicionais de se ensinar os esportes. O autor relata que o processo de ensino de uma modalidade esportiva deve estar além de somente ensinar o gesto técnico ali imputado.

Bento (2006) coloca que o ensino e o treinamento do esporte com a vinculação

à necessidade de atingir eficácia e alto rendimento esportivo promoveram um foco exagerado no planejamento estratégico ligado às competições e causou esquecimento no processo de valores do esporte.

Com isso, pode-se observar que os valores das Lutas estão diferenciados quando comparados às outras modalidades esportivas, já que alguns aspectos tradicionais das Lutas foram mantidos.

Para Reverdito, Scaglia e Paes (2009), a Pedagogia do Esporte nasceu a partir do crescente interesse da sociedade pelas práticas esportivas, transformando o esporte em um dos fenômenos mais importantes da sociedade atual.

Leonardi et al (2014) e Vancini et al (2015) colocam que os princípios da Pedagogia do Esporte estão pautados em 3 referenciais principais, a saber: o técnico-tático (evolução do conhecimento técnico e da tática da modalidade), o socioeducativo (desenvolvimento de valores, atitudes, como respeito, coeducação, cooperação, dentre outros) e o histórico-cultural (história da modalidade, regras, evolução, contexto cultural, influência midiática). Dessa forma, observa-se que o ensino das modalidades esportivas e da Lutas, em principal, não pode ficar restrito aos ensinamentos das técnicas da modalidade, é preciso explorar todos os aspectos do esporte para promover o engrandecimento e a evolução do praticante e candidato a esportista.

Ao observar as assertivas dos autores, Freire e Scaglia (2003) colocam que ao ensinar o esporte é preciso levar em consideração que: o ensino do esporte deve ser o de esporte para todos; ensinar bem o esporte, fazendo com que todos tenham acesso às melhores metodologias de ensino; ensinar mais do que o próprio esporte em busca do desenvolvimento integral do praticante; e ensinar aos praticantes que gostem de praticar o esporte.

A evolução das Lutas para as Modalidades de Esporte de Combate favorecera para que o esporte, cada vez mais em evidência na sociedade, seja tratado como o que mais cresce nos âmbitos de espectadores e praticantes em todo o mundo (KIM et al, 2008). Observa-se neste ponto a ressignificação por que passaram as Lutas e os valores agora mostrados e desenvolvidos a partir delas (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009). Desta forma, a maneira de realizar o treinamento tem sido observada por todos.

Bento (2006) relata que o esporte passa por momentos de crescimento e alargamento de cenários, modelos e formas, sentidos e fins, causas e motivos. Conseguindo atrair a atenção de cada vez mais pessoas tanto para o treinamento quanto para o entretenimento.

Como se deve treinar? Qual a melhor maneira de se comportar em luta?

São algumas perguntas que vão nortear nosso caminho daqui pra frente tendo por base os ensinamentos da Pedagogia do Esporte voltada para as Lutas.

Rufino e Darido (2012) relatam que é importante que bases da Pedagogia do Esporte também possam contribuir significativamente para a prática pedagógica nas Lutas. Sendo assim, favorece compreensões mais profundas e específicas do tema

estudado, facilitando estudo e diálogos entre a Pedagogia do Esporte e as Lutas. Pois Gonzalez e Borges (2015) relatam que a forma tradicional de ensinar o esporte não permite que os praticantes se apropriem do conhecimento procedimental do esporte.

Vancini et al (2015) colocam que esses novos diálogos podem promover novos significados para o esporte e importantes para o desenvolvimento da sociedade em geral. Sendo assim, a observação dessa prática esportiva e seu ensino devem levar em consideração o cenário em que há a prática – entender o contexto, as personagens envolvidas na prática – respeitar as individualidades, os significados da prática – entender a motivação que levou à prática da modalidade, e a própria modalidade – conhecer as especificidades da modalidade.

Talvez por conta dessa ressignificação, o conteúdo das Lutas é pouco visto nas escolas e a sua prática tem crescido bastante fora dela, pois os professores de Educação Física escolar aparentemente não possuem o conhecimento específico para colocar esse importante conteúdo em prática nas aulas escolares, e fora dela o praticante busca a modalidade que ele mais se interessa e o ensino/treino fica mais próximo do que se busca (MATOS ET AL, 2015; FONSECA, FONSECA; FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2013; FERREIRA, 2006).

As Lutas diferem-se das outras práticas já que o objetivo principal de sua disputa é o embate físico direto entre seus participantes, o que associa as Lutas ao fator de imprevisibilidade de sua prática, já que não se sabe o que o adversário irá fazer para atacar ou defender ou contra-atacar (RUFINO, 2012).

É necessário fazer uma conexão entre os preceitos da Pedagogia do Esporte e o ensino das lutas para que o conteúdo alcance seus objetivos em todos os níveis de educação/treino/aprendizagem.

Breda et al (2010) referenciam que uma atenção importante deve ser dada nas aulas de Lutas quanto aos referenciais metodológico e socioeducativo. O primeiro está vinculado a métodos de ensino e aprendizagem, planejamento ao longo período, organização de cada aula/treinamento, adequação da proposta ao grupo de trabalho, aspectos táticos, aspectos técnicos e aspectos físicos. O segundo está vinculado a promover a discussão de princípios, valores e modos de comportamento, propor a troca de papéis, facilitar a participação, inclusão, diversificação, coeducação e autonomia, construir um ambiente favorável ao desenvolvimento de relações interpessoais e intrapessoais, e estabelecer relações entre o que acontece na aula/treino com a vida.

Ambos os aspectos apontados pelos autores podem ser evidenciados nos ensinamentos provenientes das Lutas de origem oriental. Contudo, quando essas Lutas foram transformadas em Modalidades de Esporte de Combate, o cuidado com o treino e ensino precisou ser levado em consideração (BREDA ET AL, 2010).

Tudo colocado acerca da Pedagogia do Esporte e as Lutas nos fazem alcançar um momento em que é preciso discutir sobre os métodos a serem utilizados em processos de ensino-aprendizagem-treinamento.

Para o ensino das Lutas, Gomes (2008 apud RUFINO e DARIDO, 2012) apontou

os princípios condicionais das Lutas, sendo eles: contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente/alvo e regras. Lembrando que uma classificação das Lutas para facilitar o processo de entendimento é o utilizado por Rufino e Darido (2015) que determina as Lutas em curta distância, média distância, longa distância e de distâncias mistas.

Galatti et al (2015) referenciam três pilares para o ensino de esporte a jovens e colocamos que esses pilares se encaixam para o ensino e treino de Lutas em qualquer âmbito. São eles a imprevisibilidade, a criatividade e a complexidade.

Ao observarmos as Lutas e seus desdobramentos logo se destacam as movimentações dos lutadores para conseguirem um melhor ângulo e momento para desferir o golpe certo e vir a ganhar o combate. Olhando esse momento da luta, verifica-se que ambos os lutadores possuem o mesmo objetivo, logo precisam agir de maneira imprevisível para o seu oponente, precisa ter criatividade para que seja um ataque possível e que alcance o seu objetivo, sem que seja um ataque muito simples de fácil observação e desvio/defesa.

5 | MÉTODOS DA PEDAGOGIA DO ESPORTE E DAS LUTAS.

Nesse momento, iremos discutir os métodos apresentados pela Pedagogia do Esporte para o ensino das modalidades esportivas, para logo depois apresentarmos a relação entre esses métodos e o ensino das Lutas.

5.1 Método da Educação Esportiva:

Método que preconiza o potencial educativo, buscando uma formação capaz de fazer compreender o sentido do jogo, oportunizando as práticas de várias modalidades esportivas e os aspectos evidenciados em cada prática, aqui há uma preocupação no potencial esportivo educacional, na formação de praticantes desportivamente competentes (possuir habilidades básicas do jogo, reconhecer e dominar princípios táticos relativos à modalidades esportivas), cultos (capaz de identificar práticas relativas e vinculadas à cultura esportiva, refletindo sobre más e boas práticas esportivas) e entusiastas (relacionada à motivação de permanecer em prática desportiva) (FARIAS ET AL, 2015; CASAGRANDE, 2012; COSTA ET AL, 2016).

Nas Lutas a relação que se pode fazer é colocar que quando se ensina/treina alguém para as Lutas, não se ensina somente o gesto técnico de um soco, um chute ou uma defesa, ensina-se o porquê se está praticando esse movimento, ensina-se o equilíbrio para que o movimento seja continuado, ensina-se a cultura das lutas no sentido de hierarquia, disciplina, força de vontade, respeito ao próximo, formação e caráter, associação ao caminho da razão.

5.2 Método Parcial ou Analítico:

Esse método defende a segmentação do ensino da técnica de movimentos da modalidade esportiva (VANCINI ET AL, 2015; GALLATI ET AL, 2014; CASAGRANDE, 2012). No caso das Lutas seria como ensinar primeiramente como executar o soco de maneira isolada para depois fazê-lo em associação com outro movimento. Com isso, o praticante pode alcançar a destreza necessária na execução do soco.

5.3 Método Global:

Esse método parte do pressuposto que deve ser ensinado primeiramente o todo da modalidade esportiva para depois ensinar as partes, deixando com que o jogo aconteça livremente, ou seja, o aprendiz vai aprender praticando o jogo e a modalidades em questão (GALLATI ET AL, 2014; CASAGRANDE, 2012). Nesse método são apresentadas situações em que ao praticante são apresentadas situações em que a técnica e a tática são necessárias simultaneamente.

No caso das Lutas seria como se primeiramente ensinasse a lutar numa luta propriamente dita para depois ensinar a técnica isolada.

5.4 Método Misto:

Na aplicação deste método, os métodos analítico e global são colocados em prática simultaneamente. Primeiramente o todo é apresentado e realizado, para depois as técnicas serem trabalhadas de maneira isolada (as executadas em menor qualidade com o objetivo de correção da execução) para depois retornar para o todo novamente (CASAGRANDE, 2012).

No caso das Lutas seria como colocar os praticantes para lutar e durante a luta ocorrerem paradas para execução e correção de movimentos específicos para uma melhoria no geral da luta, para depois retornar para a luta propriamente dita para verificar se houve a devida correção das técnicas.

5.5 Método de Confrontação:

Esse método é realizado com a prática do jogo desde o seu início, mesmo que sejam necessárias mudanças nas regras tornando-as mais simplificadas, tudo que favoreça a prática do jogo formal (CASAGRANDE, 2012).

No caso das Lutas seria como o professor/treinador deixasse os lutadores bem à vontade para a prática das lutas sem muita preocupação com o gesto técnico e sem muitas paralisações durante a luta (jogo). Sendo assim, seria um momento em que ocorreria o “deixa lutar” sem grande momento para aprendizagem que as Lutas proporcionam.

5.6 Método do Jogo Desportivo:

Coloca que o caráter lúdico da prática esportiva deve sempre estar presente, e a prática deve ser colocada por jogos simples. Dessa forma, o ensino da técnica deve ser realizado a partir de uma sequência de jogos que levassem o praticante a entender e aprender tais gestos técnicos (CASAGRANDE, 2012).

No caso das Lutas, seria como se o professor/treinador colocasse os lutadores em lutas simples com regras e objetivos simples e modificados para que o elemento lúdico estivesse presente. Os gestos técnicos seriam ensinados e aprendidos a partir de tais jogos, sem haver paralisações para que esse gesto fosse corrigido.

5.7 Método dos Jogos Táticos

Esse método sofre influência do método de *Teaching Games for Understanding* de Bunker e Thorpe (1982). Nesse método coloca em prática atividades táticas com habilidades motoras dentro de um contexto de jogo no qual será apresentado um problema tático para ser solucionado. É apresentado ao praticante o problema o qual ele deverá solucionar na prática do jogo, logo depois possui a vivência do jogo para que o problema seja solucionado. Após a prática vem a reflexão e a discussão sobre a prática e as soluções achadas pelo praticante (CASAGRANDE, 2012).

Esse método possui características centrais que são: identificação de problemas táticos e princípios de jogo associados, reconhecimento do nível de complexidade do jogo e do problema, as conexões entre os problemas e as soluções são apresentadas através de perguntas e colocações durante a prática, depois de praticadas as habilidades deve ser dado um tempo para que sejam colocadas em prática as habilidades e as situações problemas para que sejam experimentadas (GRIFFIN, 2006 *apud* CASAGRANDE, 2012).

Nas Lutas seria como se fosse apresentada uma luta com um determinado problema tático a ser solucionado. Por exemplo, o nosso lutador é um karateka destro e vai lutar contra um lutador canhoto na próxima luta que gosta bastante de executar chutes altos laterais (*mawashi geri jodan*). Sendo assim, seria colocado um oponente nos treinos para que essa situação fosse apresentada a ele e pedisse que ele resolvesse a situação através da formatação da correta estratégia de luta.

Logo depois seria feito uma reflexão acerca da estratégia tomada, uma discussão sobre as possibilidades e uma nova luta seria realizada para que fossem colocadas em práticas as discussões realizadas.

5.8 Método Pendular ou Transfert:

Nesse método é apresentada uma sequência de aprendizagem que deve ser levada em consideração para o processo ensino-aprendizagem-treinamento. O

método é descrito por Bayer (1994) e apresenta 3 elementos fundamentais: princípios operacionais (divididos em princípios de defesa e ataque), regras de ação (meios de gestão para se alcançar o êxito na investida) e gestos técnicos (modo de fazer e as razões de fazer) (CASAGRANDE, 2012).

Fazendo conexão com as Lutas, é preciso relacionar os princípios dos jogos coletivos para o individual das Lutas. Ou seja, os princípios de defesa de Bayer devem ser adaptados para o individual como a movimentação correta para a defesa, o “esconder” de uma determinada região do corpo para evitar o ataque do oponente, realizar uma boa esquiva do ataque e se portar sempre de lado para dificultar o ataque adversário. Os princípios de ataque poderiam estar relacionados com a velocidade em que o ataque é realizado, atenção para o momento de relaxamento do adversário em “esconder” uma determinada parte do corpo, realizar uma boa leitura do possível ataque para conseguir atacar primeiramente (pegar em *deai* no karatedo).

As regras de ação seriam as próprias ações táticas durante a luta propriamente dita e os gestos técnicos seriam as técnicas e as táticas a serem utilizadas na luta e o porquê elas estarem sendo usadas naquele determinado momento da luta.

5.9 Método do Ensino dos Jogos para Compreensão – Teaching Games for Understanding

Nesse método, a atenção que seria aplicada nos gestos técnicos deve ser dedicada para a capacidade de jogo por meio da compreensão tática do jogo. Existem quatro princípios desenvolvidos para esse método por Bunker e Thorpe (1982), são eles: seleção do tipo de jogo (*game sampling*); modificação do jogo por representação (formas de jogos reduzidas); modificação por exagero (manipulação das regras do jogo, do espaço, do tempo, com o intuito de canalizar a atenção para problemas táticos que podem surgir durante o jogo); o ajuste da complexidade tática (o repertório motor prévio deve ser levado em consideração para todos os princípios) (VANCINI ET AL, 2015; FARIAS ET AL, 2015; CASAGRANDE, 2012).

5.10 Método dos Jogos Condicionados

Esse método, também conhecido como jogos reduzidos busca dar ênfase o aprendizado da tática e da técnica simultaneamente ao princípio de jogar para aprender, com foco no processo de tomada de decisão. O método foi proposto primeiramente por Garganta (1995) e objetiva a redução no número de jogadores, do espaço do jogo e das regras para que a complexidade seja diminuída e facilita a tomada de decisão por parte de seu praticante. Os jogos reduzidos devem ser sempre diversificados para desenvolver o maior lastro de oportunidades de tomada de decisão (CASAGRANDE, 2012).

Nas Lutas, esse método pode ser observado quando o professor/treinador coloca limitadores de tempo e de espaço para que os movimentos da luta sejam realizados.

Pode-se exemplificar quando durante o treinamento os lutadores ficam restritos ao corner da área de luta e ficarão lá por 1 minuto para que o lutador em desvantagem consiga realizar uma saída satisfatória dessa situação.

A diminuição no número de participantes fica praticamente impossibilitada já que a Luta é uma prática individual.

5.11 Método para modalidades individuais

Vancini et al (2015) relatam que existe uma variação muito grande de prática e possibilidades de se realizarem as aulas/treinamentos, cada uma com sua peculiaridade e especificidade, sendo assim com o processo pedagógico único.

Segundo os autores, as modalidades individuais são centradas em técnicas individuais, possuem especificidades estruturais e funcionais, com habilidades motoras específicas (suas técnicas) e movimentos com alto grau de exigência, podendo ou não haver a utilização de implementos durante sua prática.

Para as finalidades pedagógicas, a posição do professor deve preocupar-se mais com o processo de aprendizagem em relação ao produto final e a perfeição do movimento. Já na prática esportiva, a posição do professor deve ser de orientar o movimento com objetivo de perfeição, sendo exigente, envolvendo disciplina e comportamento.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia do Esporte surgiu como uma forma mais elaborada e mais preocupada com o processo de ensino-aprendizagem-treinamento dentro da prática dos jogos e esportes coletivos. Com isso, viemos apresentar algumas relações dessa Pedagogia do Esporte com a prática e o ensino das Lutas.

Foi possível determinarmos a relação entre alguns métodos de ensino da Pedagogia do Esporte e as Lutas apresentados por autores conceituados e que pesquisam e desenvolvem o conteúdo, contudo a melhor forma de ensinar/treinar será o de escolha do professor/treinador e do momento em que ele se encontrar com seus praticantes.

Verifica-se que o mundo das Lutas ainda necessita de pesquisa científica para se desenvolver cada vez mais, apesar da crescente atenção que o tema vem demandando. Por essa razão que as Lutas devem ser mais valorizadas e pesquisadas.

REFERÊNCIAS

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina livros, 1994.

BENTO, J. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2006.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às Lutas**. São Paulo. Phorte Editora. 2010.

CAMPOS, L. A. S.. **Metodologia do ensino das lutas na educação física escolar**. Várzea Paulista. Fontoura. 2014.

CASAGRANDE, C. G. **Ensino e aprendizagem dos esportes coletivos: análise de métodos de ensino na cidade de Uberlândia-MG**. Dissertação de mestrado. Uberaba – MG. 2012.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em Lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, n. 1, p.01 – 09, 2010.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V.; VIEIRA, L. Ensino dos esportes coletivos de invasão no ambiente escolar: da teoria à prática na perspectiva de um modelo híbrido. **Journal of Physical Education**. V. 27. 2016.

FARIAS, C.F.; MESQUITA, I. R.; HASTIE, P. A. Game performance and understanding a hybrid Sport education season. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 34, n. 3. 2015.

FERREIRA, H. S. As Lutas na educação física. **Revista de Educação Física**. N. 135., pp. 36-44. 2006.

FERREIRA, H. S. **Ensino das Lutas na escola**. Fortaleza. Peter Rohl Edição e Comunicação. 2012.

FETT, C.A.; FETT, W. C. R. Filosofia, Ciência e a formação do profissional de artes marciais. **Motriz**. Volume 15, n. 1, pp 173-184. 2009.

FIGUEIREDO, A. A. The object of study in Mixed Martial Arts and combat sports research – contributions to a complex whole. **Repositório Instituto Politécnico de Viseu**. pp 20-34. 2009.

FONSECA, J.M.C.; FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F.B. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de educação física escolar em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 16, n.2, p. 320-618, abr/ jun. 2013.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Volume 25, pp 67-81. 2011.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GALLATI, L.R.; LEONARDI, T.J.; REVERDITO, R. S.; ANTONELLI, M.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas para o esporte paralímpico na formação de jovens. **Corpoconsciência**. Cuiabá, v. 19, n. 3, p. 38-44. 2015.

GALLATI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista de Educação Física**. UEM, v. 25, n. 1, p. 153-162. 2014.

GAUTHIER, J. Ethical and social issues in combat sports: should combat sports be banned?. **Combat Sports Medicine**. pp 73-88. 2009.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol. 35, N. 3, pp 657-671. 2013.

GONZALEZ, F. J.; BORGES, R. M.. Diálogos sobre o ensino dos esportes na educação física escolar: uma pesquisa-ação na formação continuada. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 172-188. 2015.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (1998). **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico, Volume I**. Belo Horizonte: Editora UFMG

KIM, S. T.; GREENWELL, C.; ANDREW, D. P. S.; LEE, J.; MAHONY, D. F. An analysis of spectator motives in a individual combat sport: a study of mixed martial arts fans. **Sports Marketing Quarterly**. Vol. 17, pp 109-119. 2008.

LEONARDI, T. J.; GALLATI, L. R.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M.. Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58. 2014.

MATOS, J. A. B.; HIRAMA, L. K.; GALATTI, L. R.; MONTAGNER, P. C. A presença/ausência do conteúdo Lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v.13, n.2, p. 117-135. 2015.

MAZZONI, A. V.; OLIVEIRA JUNIOR, J. L. **Lutas: da pré-história à pós-modernidade**. Texto de apoio do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP. 2011.

PAIVA, L. **Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate**. Manaus. OMP Editora. 2015.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**. Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610. 2009.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300. 2012.

RUFINO, L. G. B.. **A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades**. Jundiaí. Paco Editorial. 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C.. **O ensino das Lutas na escola: possibilidades para a educação física**. Porto Alegre. Penso. 2015.

SANTOS, S. L.C. **Jogos de oposição: ensino das Lutas na escola**. São Paulo. Phorte Editora. 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008

VANCINI, R. L.; CASTARDELI, E. C.; SARRO, K. J.; FACHINA, R. J. F. G.; ANDRADE, M. S.; LIRA, C. A. B.. A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154. 2015

YONEZAWA, F. H. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. **Motriz**. Vo. 16, n. 2, pp 348-358. 2010.

PERSPECTIVAS PARA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM DUAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO NORDESTE

Giselly dos Santos Holanda

Universidade de Pernambuco - UPE
Recife - PE

Paula Roberta Paschoal Boulitreau

Universidade de Pernambuco - UPE
Recife – PE

Rafaelle De Araújo Lima e Brito

Universidade de Pernambuco - UPE
Recife – PE

Samara Rúbia Silva

Universidade de Pernambuco - UPE
Recife – PE

Marcelo Soares Tavares de Melo

Universidade de Pernambuco - UPE
Recife – PE

RESUMO: Ao pensar a didática na educação superior faz-se necessário que as possibilidades de ensino favoreçam a reflexão, o diálogo, o questionamento, assim como a coparticipação no processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar a organização do trabalho pedagógico de docentes efetivos em duas universidades públicas do Nordeste. Trata-se de um estudo de campo com abordagem qualitativa onde foi utilizado um roteiro de observação para coleta de dados e para fase analítica nos utilizamos da análise

de conteúdo categorial por temática. Fizeram parte do estudo professores do ensino superior dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Para cada aula observada um roteiro foi preenchido, compreendendo um total de 11 aulas e carga-horária de 32 horas. Os resultados foram descritos a partir dos tópicos norteadores do roteiro de observação. Identificou-se que houve nítida relação do conteúdo tratado com a cultura vivida dos alunos; boa relação professor-aluno; os estudantes conseguiram fazer a extrapolação do saber, trazendo situações problemas, em que o professor mediando, conseguia resgatar conteúdos; os professores buscavam problematizar o conhecimento quando recebiam dúvidas, assim como os mesmos se utilizaram de diversas técnicas e métodos como aulas expositivas dialogadas, utilizando data show, quadro, texto impressos, som. Conclui-se que há uma preocupação com a qualificação da prática pedagógica dos referidos professores nestas Universidades públicas. Investigações como esta são experiências significativas para os professores em formação nos cursos de pós-graduação, uma vez que propicia momentos de aprendizagem e reflexão sobre a prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Didática; Organização do trabalho pedagógico; Docência.

ABSTRACT: When thinking about didactics in higher education, it is necessary that the teaching possibilities favor reflection, dialogue, questioning and coparticipation in the teaching-learning process between teacher and student. Therefore, the objective of this research is to analyze the organization of the pedagogical work of effective teachers in two public universities in the Northeast. This is a field study with a qualitative approach where an observation roadmap was used for data collection and for the analytical phase we used categorical content analysis by theme. Teachers of the higher education of the courses of Degree and Bachelor in Physical Education were part of the study. For each class observed a script was completed, comprising a total of 11 classes and a 32-hour workload. The results were described from the guiding topics of the observation script. It was identified that there was a clear relation of the content treated with the lived culture of the students; good teacher-student relationship; the students were able to extrapolate the knowledge, bringing problems situations, in which the teacher mediating, could rescue contents; the teachers tried to problematize the knowledge when they received doubts, just as they used various techniques and methods such as expository dialogues using data show, picture, printed text, sound. It is concluded that there is a concern with the qualification of the pedagogical practice of said professors in these public universities. Investigations like this are significant experiences for teachers in postgraduate training, since it provides moments of learning and reflection on the teaching practice.

KEYWORDS: Didactics; Organization of pedagogical work; Teaching.

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente, inúmeros são os problemas relacionados aos sistemas de ensino, na procura por uma educação de qualidade que contemple cidadãos formados de maneira mais efetiva e que esteja apto a inserir em sua prática pedagógica ações que contemplem também as demandas sociais. Nessa perspectiva, Nascimento, Oliveira e Brandt (2014), apontam que aspectos como a formação docente, práticas pedagógicas, desenvolvimento profissional e a educação, são inquietações dos pesquisadores e docentes, diante dos desafios e demandas da contemporaneidade que exigem ações efetivas na prática docente, que favoreçam a relação professor-aluno; professor-conteúdo e aluno-conteúdo.

Ao falar em saber docente, Tardif, Lessard e Lahaye (1991) enfatizam que este é articulado, contemplando não apenas saberes da formação profissional mas também disciplinares, curriculares e experienciais. Tais saberes são mobilizados pelo professor durante o ato de ensinar, sendo indispensável que este se atente com os fundamentos que constituem sua prática pedagógica, ou seja, a didática.

Neste sentido, compreende-se a didática como competência imprescindível para a ação docente. Cruz e Magalhães (2017) ressaltam que a didática não deve ser definida apenas relacionada à métodos e técnicas de ensino, pois esta extrapola tal

definição, considerada como um importante domínio de conhecimento para formação e a prática do professor sobre as relações estabelecidas para ensinar e aprender.

Para Souza Junior (2001) há necessidade de uma visão mais crítica da didática, sendo entendida como algo essencial para a sistematização do conhecimento no decorrer da prática pedagógica. A didática, portanto, organiza a prática e direciona o olhar e o pensamento do professor para quem receberá o ensino. Eis que essas ideias emergiram a partir da década de 80 e se configuraram no que ficou conhecido como Didática Fundamental, marcada pela forte contextualização com a sociedade, visando à transformação social, porém mantendo o foco na prática pedagógica.

Nesse sentido, compreende-se que a prática pedagógica não se limita apenas ao saber da sala de aula, vai muito além disso, nela é preciso garantir uma organização educacional de qualidade, favorecida por uma Didática que seja mediadora nas relações multidimensionais (NASCIMENTO; OLIVEIRA; BRANDT, 2014). Portanto, a Didática carrega um compromisso de desenvolvimento de práticas de ensino que propiciem um ensino eficiente e significativo para os alunos e coopere para a transformação social.

Nascimento, Oliveira e Brandt ainda enfatizam que a Didática é a arte de lidar com os processos de ensino e aprendizagem que contempla atores como professor, aluno e o conhecimento, compondo uma tríade que possui uma relação dialética. Nesse sentido, a Didática tem total relação com o ato pedagógico, favorecendo possibilidades de pensar e agir na prática pedagógica.

Ao pensar a didática na educação superior faz-se necessário que as possibilidades de ensino favoreçam a reflexão, o diálogo, o questionamento, assim como a coparticipação no processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno. Faz-se necessário abranger diferentes realidades e problemas, não pensando de forma compartimentada em disciplina, mas sim na didática do docente e suas estratégias metodológicas a partir de sua sala de aula, para que o mesmo venha a alcançar avanços no processo de ensino-aprendizagem (FRANCO, 2013).

Diante do exposto, o presente estudo objetiva de modo geral: analisar a organização do trabalho pedagógico de docentes efetivos em duas universidades públicas do Nordeste. Todavia, no que concerne aos objetivos específicos buscamos: a) inferir se os docentes conseguiam atrelar o contexto social em que os estudantes se encontram com o conteúdo da aula; b) descrever como se estabelecera a relação professor-aluno no momento da vivência dos conteúdos propostos; c) identificar que níveis de extrapolação apresentam os alunos face ao conteúdo sistematizado pelo grupo-classe; d) narrar os procedimentos metodológicos apresentados pelos docentes diante das problemáticas surgidas em sala de aula; e por fim, e) perceber os métodos e técnicas didáticas utilizadas pelos professores a fim de conduzir o conteúdo das disciplinas ministradas.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo com abordagem qualitativa. O enfoque qualitativo se caracteriza pelo fato de analisar um universo de significados, valores, crenças e atitudes de determinado grupo, além de possibilitar maior conhecimento da realidade a partir da observação do ambiente estudado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012).

Considerando os objetivos estabelecidos, a pesquisa desenvolveu-se no âmbito de duas universidades públicas do nordeste, sendo uma estadual e outra federal, situadas nos estados de Pernambuco e da Paraíba respectivamente. Fizeram parte do estudo professores do ensino superior dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, estes foram escolhidos de forma aleatória, por conveniência dos pesquisadores. De modo que antes das intervenções no Campo, realizou-se contato prévio com os professores para que autorizassem as observações não-participantes em suas aulas.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se um roteiro de observação previamente discutido e estudado pelos autores, no intuito de buscar informações a respeito da didática do professor no ensino superior. O referido roteiro contempla itens que subsidiaram as observações, conforme quadro abaixo:

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO
a) Como o(a) professor(a), durante a aula, articula o conteúdo da disciplina com o contexto em que vive os alunos (cultura vivida)?
b) Como foram evidenciadas, durante a aula, a relação professor-alunos, no momento da vivência dos conteúdos em aula?
c) Durante a vivência nas aulas, que níveis de extrapolação apresentam os alunos face ao conteúdo sistematizado pelo grupo-classe (Professor-alunos / alunos-alunos)?
d) Que procedimentos metodológicos apresentam o professor, diante do surgimento de problemas na aula revelados pelos alunos durante a aula, presentes na cultura vivida dos alunos?
e) Métodos e técnicas utilizados pelo professor durante a condução do conteúdo disciplinar. Revele na descrição o(s) contexto(s) em que o professor utilizou o(s) referido(s) método(s) e técnica(s).
f) Outras observações que vão além dos itens anteriores.

Quadro 1- Roteiro de observação das aulas
Fonte: Elaboração própria baseada em Melo (2017).

Para cada aula observada um roteiro foi preenchido, compreendendo um total de 11 aulas e carga-horária de 32 horas. Das 11 aulas observadas 3 foram na Instituição da Paraíba e 8 em Pernambuco contemplando 6 disciplinas, sendo 3 do curso de licenciatura e 3 do curso de bacharelado. A maioria das aulas observadas foram de disciplinas predominantemente teóricas e apenas 4 aulas contemplaram momentos teórico-práticos.

Após a pesquisa de campo, seguiu-se a fase analítica de tratamento dos dados, onde foi utilizada a análise de conteúdo categorial por temática, que, torna-

se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2016). Conforme a autora Bardin (2016), a análise de conteúdo tende a motivar o pesquisador a partir da atração pelo escondido, do não aparente, do que é retido por qualquer mensagem. A análise categorial caracteriza-se como rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos e simples.

Para o presente estudo as categorias analíticas estabelecidas foram: didática e docência no ensino superior e enquanto categorias empíricas temos: cultura vivida, relação professor-aluno, níveis de extrapolação do conteúdo, procedimentos metodológicos e técnicas de ensino.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações e anotações realizadas pelos pesquisadores, os resultados serão descritos a partir dos tópicos norteadores do roteiro de observação. Tivemos como objetivo buscar informações do que diz respeito à didática dos professores que estão inseridos no ensino superior, nos cursos de graduação em duas universidades públicas do nordeste.

3.1 Como o professor, durante a aula, articula o conteúdo da disciplina com o contexto em que vive o aluno (cultura vivida)

Em todas as 11 aulas os professores demonstraram preocupação em articular o conteúdo ministrado na disciplina com o contexto de vida dos alunos, isto é demasiadamente importante, principalmente se considerarmos que McLaren (1997) reforça a ideia de que o estudante se apropria dos saberes quando consegue estabelecer conexões deste conteúdo com sua vida. Deste modo, o conhecimento é tratado de maneira crítica, e construído a partir de um contexto de compreensão vinculada à cultura vivida pelo aluno, assim, os saberes vão ganhando significado à medida que os estudantes vão se apropriando deles.

Tal preocupação pode ser percebida, quando se materializa nas ações pedagógicas dos professores, que, preocupados em articular o conhecimento com o contexto social dos alunos, oportunizam espaços para que eles participem oralmente, contribuindo com suas experiências durante as discussões acerca das temáticas, de modo a colaborar substancialmente na construção do conhecimento. Nascimento, Oliveira e Brandt (2014) enfatizam que para atender aos diferentes contextos, se exige do professor o redimensionamento da sua prática e novas estratégias metodológicas, que devem ser estruturadas abrangendo a didática, bem como a capacidade do professor de construir sua identidade pessoal e profissional

3.2 A relação professor-alunos no momento da vivência dos conteúdos em aula.

Compreende-se que a relação professor-aluno é uma forma de interação que traz sentido ao processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, Libâneo (1994) ressalta que o processo de ensino abarca atividades do professor e do aluno, sendo um trabalho conjunto, articulado, no qual ambos são atores e sujeitos imprescindíveis. Freire (2002) enfatiza que o pensar certo extrapola o ingênuo e tem que ser efetivado pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

Com relação a esta temática observou-se pontos positivos, pois há uma preocupação pedagógica no que se refere à manutenção da relação de respeito mútuo entre os sujeitos da prática pedagógica. Assim, foi identificado, por meio do diálogo, que os professores são capazes de mediar as relações e os conflitos, conseguindo assim, manter a concentração e a atenção dos alunos na produção do conhecimento. Portanto, nas aulas observadas, percebeu-se, os professores, como os articuladores das atividades, rotinas, e discussões levantadas pelos alunos.

Destarte, ressalta-se que no processo de ensino-aprendizagem é indispensável uma ótima relação entre professor e aluno, pois tal relação tende a impactar positivamente na formação do aluno, enquanto sujeito ativo no processo educacional. Tardif (2002) afirma que a dimensão afetiva está presente no ensino e pode ser um aspecto facilitador ou bloqueador no processo de aprendizagem, assim, um parte do trabalho do professor fundamenta-se em emoções, afetos, tensões, e necessita da sensibilidade em perceber tais sentimentos nos alunos.

3.3 Níveis de extrapolação apresentados pelos alunos face ao conteúdo sistematizado para as aulas.

Um dos objetivos do professor durante o processo de ensino, é fazer com que o aluno se aproprie do conhecimento de modo crítico e particular, para isso, é preciso que ele busque compreensões únicas, não-literais, partindo dos conhecimentos que já possui. Quando isto ocorre, podemos afirmar que o aluno é capaz de estabelecer relações de nexos entre aquilo o que já sabe (realidade) e o conhecimento científico em discussão. Para Ausubel, Novak e Hanesian (1980) assim se dá a aprendizagem significativa.

Para tanto, é necessário então que o professor compreenda o que Freire (2002) nos esclarece acerca do ato de ensinar que é político e intencional, e, portanto, os conhecimentos devem ser sistematizados de modo sequencial, compreendendo as possibilidades sócio cognoscitivas dos alunos e características da turma. Apenas desta maneira, é possível que o aluno vá além, ultrapassando barreiras as quais talvez nem mesmo o professor ousaria imaginar.

Especificamente no ensino superior, muitas vezes, esta extrapolação será feita

com o intuito de que o aluno em formação, estabeleça tais relações com sua futura intervenção profissional. Todavia, sabemos que esta missão compreende um imenso desafio, que pôde ser identificado nas aulas observadas.

Houve diferenças entre as aulas no que se refere a este tópico, pois em duas aulas os alunos não conseguiam alcançar a extrapolação do conhecimento. Para justificar essa não extrapolação, consideramos que uma das turmas se encontrava em períodos iniciais do curso, o que faz com que os estudantes sejam mais inseguros para conversar e fazer diálogos com conhecimentos além daqueles expostos. Porém, mesmo com essa dificuldade o professor mediava efetivamente a situação, resgatando exemplos e conteúdos já abordados em sala, bem como relacionava o conteúdo com possíveis situações práticas nas áreas de atuações dos alunos. A outra turma justificamos essa falta da extrapolação pelo fato de o conteúdo da aula observada ter sido um conteúdo novo, no qual os estudantes não tinham estudado ainda, porém do mesmo jeito que o professor anterior, o mesmo se preocupou em tentar trazer diversas possibilidades para melhor compreender o conhecimento.

Entretanto, em outras duas aulas conseguimos perceber que apenas parcela da turma se encontrava interessada e participativa nas aulas, havendo então extrapolação apenas por uma metade da turma. No entanto, em 7 aulas foi observado que os estudantes conseguiam fazer essa extrapolação do saber, trazendo situações problemas, em que o professor mediando, conseguia resgatar conteúdos já vistos antes. Como também os discentes conseguiam levar o que estava sendo discutido para dentro de suas vivências já em estágios, ou experiências anteriores. Destacamos, portanto, que a intervenção do professor nesse momento foi de fundamental importância, já que os mesmos, questionavam os discentes, fazendo com que eles refletissem e chegassem a essa extrapolação do conhecimento.

Nesse sentido, compreende-se que a partir da extrapolação dos temas abordados em aula, ocorre a aprendizagem significativa. Para os autores Ausubel, Novak e Hanesian (1980) esta aprendizagem surge a partir do conhecimento prévio do aluno sobre os conteúdos, o que podemos identificar como um esforço a mais, uma preparação. Para o autor, aprender significativamente é ampliar, reconfigurar conceitos e ideias e a partir disso ser capaz de fazer relações de conteúdos. Portanto, a aprendizagem significativa contempla conhecimento prévio, interesses e experiências dos alunos, bem como a mediação efetiva do professor.

3.4 Procedimentos metodológicos apresentados pelos professores, diante do surgimento de problemas na aula (revelados pelos alunos em detrimento da cultura vivida)

Enquanto indivíduo que colabora para a construção de conhecimento dos alunos, o professor é antes de mais nada, um mediador deste processo. Isto significa, que ele por diversas vezes poderá provocar inquietações e reflexões que motivem

o aluno no processo de busca de informações, construção de conhecimentos e argumentações.

Nesse contexto, foi percebido que durante as aulas, quando os alunos apresentavam dúvidas, questionamentos ou problemas, os docentes não ofereciam as respostas prontas para eles. Os mesmos buscavam problematizar tais questões quando abarcavam aquela dúvida num processo de reflexão coletiva, na tentativa de encontrar as respostas junto aos próprios estudantes, fazendo uma construção dialógica do conhecimento.

Dessa maneira, e de uma forma geral, os professores demonstraram conhecer interessantes estratégias metodológicas para mediar as problemáticas surgidas nas aulas, chegando em alguns momentos até a perguntar aos próprios estudantes o que eles fariam se estivessem em tal situação ou de que maneira eles resolveriam a questão.

A partir desses resultados identifica-se o protagonismo tanto do professor quanto do aluno em sala. De acordo com Freire (2002, p. 25) “[...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. A partir dessa afirmação de Freire, conclui-se que no processo de ensino-aprendizagem os dois envolvidos são de extrema importância um para o outro e para efetivação da aprendizagem.

3.5 Métodos e técnicas utilizados pelo professor durante a condução do conteúdo disciplinar

No ponto de vista de Veiga (2006), o docente precisa efetivar seu papel de mentor e facilitador, priorizando intermediar o acesso do aluno à informação da melhor forma possível. Para isso, suas técnicas devem ser revistas e aperfeiçoadas constantemente e seus métodos de ensino devem suprir as necessidades que surgem e se modificam rapidamente. Assim, a prática docente é dinâmica e necessita de reflexões e modificações constantemente.

Os professores observados utilizaram diversas técnicas e métodos tais como aulas expositivas dialogadas, utilizando materiais como data show, quadro, texto impressos, som. Utilizando de ferramentas como vídeos, professores convidados, seminários e atividades em grupo. Utilizando o método de ação-reflexão-nova ação, o que possibilita o estudante refletir sobre o que ele fez e ter a possibilidade de realizar uma nova ação a partir do que ele avaliou ser mais coerente e positivo para melhor compreensão do conhecimento.

Portanto, foi possível perceber através dessas observações o comprometimento que os professores possuem perante suas responsabilidades como professores do ensino superior, cuidadosos em articular sempre com o cotidiano dos seus discentes, ouvindo-os, ajudando os mesmos a tentarem materializar os conteúdos em suas futuras profissões. Utilizando de recursos que auxiliam na construção do saber, de forma a construir o conhecimento sistematizado com os estudantes. Valendo-se desse

modo da Didática como um elemento que contribui substancialmente para a prática pedagógica dos mesmos.

Uma vez que o ensino, como prática social dinâmica, interativa, inédita e por muitas vezes imprevisível, reconhece-se, portanto, o trabalho docente, como um trabalho intelectual que requer consciência crítica, tendo pelas práxis a possibilidade de transformar a realidade concreta.

4 | CONCLUSÕES

O presente estudo fruto de observações e anotações buscou analisar a organização do trabalho pedagógico de docentes efetivos em duas universidades públicas do Nordeste, a partir da descrição da didática desses profissionais.

De uma forma geral, identificou-se como principais atitudes docentes: um comprometimento com o ensino; cuidados em articular o conteúdo com o cotidiano dos seus alunos; efetivação da mediação no processo de ensino-aprendizagem; utilização de recursos que auxiliam na constituição do saber, de forma a construir o conhecimento sistematizado com os estudantes; e o aprofundamento teórico que é essencial para uma ação reflexiva, de qualidade superior.

Houve nítida relação do conteúdo tratado com a cultura vivida dos alunos; identificou-se boa relação professor-aluno; os estudantes conseguiram fazer a extrapolação do saber, trazendo situações problemas, em que o professor mediando, conseguia resgatar conteúdos; os professores buscavam problematizar o conhecimento quando recebiam dúvidas, assim como os mesmos se utilizaram de diversas técnicas e métodos como, por exemplo, aulas expositivas dialogadas, utilizando materiais como data show, quadro, texto impressos, som.

Ao analisar a prática docente dos professores no ensino superior das duas universidades, observou-se uma nítida preocupação com a qualificação da prática pedagógica, isto porque há uma ação com viés político, intencional, planejada e orientada, realizada em sala de aula a partir de uma proposta metodológica.

Assim, verificou-se que os professores buscam se apropriar de perspectivas críticas, utilizando-se da didática fundamentalmente para substanciar a prática docente por vezes tão fragilizada em função dos mais diversos aspectos, portanto, verificamos que as discussões sobre didática são debates que vem sendo construídos há muitos anos.

Porém, é preciso perceber que a Didática por si só não é capaz de dar conta das problemáticas que giram em torno do processo de ensino e sistematização dos saberes. É necessário levar o ensino para fora das salas de aula como possibilidade de trabalhar uma didática transformadora, tendo como princípios tanto o comprometimento na ação do professor, quanto do aluno. Por isso, é preciso que se pense uma perspectiva de

didática que incentive a potencialidade cognitiva e afetiva dos estudantes; trabalhando de maneira crítica e criativa.

Dessa forma, os professores observados, tentaram cada vez mais qualificar as aulas, considerando as experiências e o conhecimento acumulado até então, sem desconsiderar os saberes apresentados pelos alunos, conectando-os com a realidade prática. Evidenciando, portanto, o protagonismo de ambos e a importância de uma ótima relação entre professor e aluno. Esta opção didática pode auxiliar os alunos no sentido de compreender os conhecimentos das disciplinas de modo entrelaçado entre si, mas, sobretudo, vinculados à sua intervenção profissional, afinal buscam neste espaço uma formação inicial (estruturante) para suas futuras intervenções na sociedade.

Desse modo, a valorização da participação ativa dos alunos pode colaborar significativamente para essa compreensão, bem como para valorização de operações mentais superiores necessárias à aprendizagem significativa (ROMANOWSKI; WACHOWICZ, 2003).

Assim, será oportunizada uma aprendizagem mais crítica e inovadora, que supera modos tradicionais de ensino e valorização da reflexão e da problematização, ao passo em que permite o estabelecimento donexo entre as teorias de conhecimento e a prática profissional.

Em suma, é imprescindível que o professor tenha clareza dos aspectos e perspectivas pedagógicas que está adotando, pois elas refletem seus valores, suas crenças, e dão sentido às suas ações. Isto é necessário, uma vez que são múltiplas as categorias de conhecimento que podem colaborar para legitimação do professor, e embora a o domínio do conteúdo seja algo visceral para o ato da docência (base intelectual), as dimensões social e histórica não podem estar dissociadas da sua prática.

Consequentemente, ao considerar tal pressuposto o professor será capaz de tornar a aprendizagem mais valiosa para os alunos por dar importância aos princípios subjacentes que estruturam os conteúdos em questão. Portanto, quando o ensino é pedagogicamente elaborado, é possível vislumbrar uma prática atrelada a cultura dos alunos, mais real e comprometida com o contexto social.

Investigações como esta são experiências significativas para os professores em formação nos cursos de pós-graduação, uma vez que propicia momentos de aprendizagem e reflexão sobre a prática docente. A Didática, portanto, fornece importantes subsídios que possibilitam a melhoria da prática educativa. E mesmo considerando que o ensino superior carrega inúmeros desafios, acredita-se que por meio da reflexão e ação docente disposta a transformações surgem possibilidades de melhorias no ensino.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

CRUZ, G. B.; MAGALHÃES, P. A. **O ensino de didática e a atuação do professor formador na visão de licenciados de educação artística**. Educação e Pesquisa, v. 43, n. 32, p. 483-498, 2017.

FRANCO, M. A. S. **DIDÁTICA: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do ensino superior?** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 9, n. 15, p. 147-166, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MCLAREN, P. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NASCIMENTO, F. L. S. C.; OLIVEIRA, R. A. T.; BRANT, A. G. Didática e prática de ensino na relação com a escola. 2014. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GeLJgECiEmlJ:www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/209-%2520DID%25C3%2581TICA%2520E%2520PR%25C3%2581TICA%2520DE%2520ENSINO%2520RELA%25C3%2587%25C3%2583O%2520MULTIDIMENSIONAL%2520NA%2520CONS-83O%2520DOS%2520SABERES%2520DOCENTES%2520NO%2520COTIDIANO%2520ESCOLAR.pdf+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

ROMANOWSKI, J. P.; WACHOWICZ, L. A. **Inovações metodológicas na educação superior e a transformação da prática pedagógica**. Revista Diálogo Educacional, v. 4, n.10, p.143-154, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOUZA JUNIOR, M. **DIDÁCTICOS X MÉTODOS: “cum-fusiones” conceituais ou “co-fusões históricas**. São Luiz: EPENN, 2001.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Docente**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, v. 1, n, 4, p. 215-233, 1991.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Papirus Editora, 2006.

PRAÇAS: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE EM BARRA DO GARÇAS-MT

Brenda Rodrigues da Costa

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Pontal do Araguaia-MT

Minéia Carvalho Rodrigues

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Pontal do Araguaia-MT

RESUMO: Este estudo buscou analisar as formas de sociabilidade e sua relação com os interesses culturais de lazer das Praças da Matriz, Sebastião Alves Júnior e Mães da cidade de Barra do Garças-MT. Para a realização desta pesquisa foi feita observação sistemática, nos meses de Outubro e Novembro de 2016. Foram detectados interesses culturais do lazer e dentro destes as formas de sociabilidade, como pessoas reunidas em rodas de conversas, passeando e admirando a paisagem, fazendo atividade física, etc., as quais envolveram várias faixas etárias e ambos os gêneros. Todos os interesses culturais do lazer que foram identificados enfatizaram a sociabilidade, sendo notório que independente das atividades que as pessoas foram realizar na praça, iam ao encontro do outro, em busca da interação, o que torna, enfim, as referidas praças um ponto de encontro para a sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Praças; Sociabilidade; Lazer

ABSTRACT: This study aims to analyze the forms of sociability and its relation with the cultural interests of leisure of the Squares of the Matriz, Sebastião Alves Júnior and Mães of the city of Barra do Garças-MT. In order to carry out this research, a systematic observation was made in October and November 2016. Cultural interests of leisure were detected and within these forms of sociability, such as people gathered in conversation, walking and admiring the landscape, doing physical activity, etc., which involved several age groups and both genders. All the cultural interests of the leisure that were identified emphasized sociability, and it was evident that, regardless of the activities that the people were doing in the square, they went to the other in search of interaction, which, in the end, meeting for sociability.

KEYWORDS: Squares; Sociability; Leisure

1 | INTRODUÇÃO

Na última década o município de Barra do Garças-MT teve uma expansão considerável em relação aos espaços de lazer, uma das praças centrais da cidade foi totalmente reformada, foi construído um complexo com diversas quadras e espaços para prática de lazer em um ponto periférico da cidade, implantação de um *shopping center* e um dos principais pontos

turísticos da cidade, a escadaria que dá acesso ao cristo redentor, foi revitalizada.

Sabendo destas questões que englobam a esfera do lazer em Barra do Garças-MT, surge a problemática em relação a sociabilidade e as atividades de lazer das praças, deste modo o estudo analisou a sociabilidade e a sua relação com os Conteúdos Culturais do Lazer propostos por Dumazedier (1974) encontrados nas praças de Barra do Garças-MT.

Quando se fala sobre sociabilidade é necessário esclarecer que sociabilidade difere de socialização. Buscando o significado de socialização nos dicionários, este descreve que é a integração do indivíduo no meio social (THINES; LEMÉREUR, 1984), capacita o mesmo a viver em sociedade, onde se desenvolve o sentimento coletivo (FERREIRA, 1986), tem seu início na infância e apenas se finda com a morte (MICHAELIS, 1998) e o significado de sociabilidade de acordo com Lousada (1995) são as formas de convivência e de inter-relação exteriores aos quadros fundamentais e de algum modo compulsórios da vida social e coletiva.

De acordo com Bener, Benedet e Silva (2015, p.1) “as praças públicas são espaços urbanos de permanência das pessoas [...]”, ou seja, elas vão se deslocar para se socializarem, com outras pessoas ou com o ambiente, pois de acordo com Jacobs (2000) estudos explanam que os indivíduos usam os espaços públicos por vários motivos, como descansar, praticar esportes, ler livros, trabalhar, observar a movimentação da cidade, ir ao encontro do outro, apreender o que o espaço pode proporcionar e principalmente estar junto de outras pessoas.

Baechler (1995, p.82) explana que “um círculo de sociabilidade reúne indivíduos, mas não individualidades, e não os reúne com um propósito específico que não seja reuni-los”. Sabemos que o ser humano vive em grupo, vive em sociabilidade, então nada mais propício do que existir um lugar especificamente para praticar a convivência, senão a praça.

Quando nos referimos à praça enquanto espaço de sociabilidade, é importante ressaltar que a sociabilidade neste espaço é inerente ao lazer, pois esta compõe também parte dos interesses culturais do lazer, de acordo com Dumazedier (1974), deste modo, a praça não se configura apenas como um espaço de sociabilidade, mas também como espaço de entretenimento na cidade, pois além deste uso, as pessoas fazem outras atividades voltadas para a diversão.

Sabendo desta importância acerca dos espaços de lazer, em que o foco do estudo é a sociabilidade, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo por meio de observação sistemática, com a construção de um diário de campo, com o intuito de compreender como ocorre a sociabilidade nas praças mais utilizadas pelos cidadãos de Barra do Garças-MT, sendo identificadas as Praças da Matriz, Praça Sebastião Alves Júnior e Praça das Mães.

Antecedendo a análise dos dados, foi descrito os dados encontrados nas referidas praças, tendo abordado de modo geral as atividades observadas. Os dados encontrados nas praças foram analisados com base nos Interesses Culturais do Lazer

propostos por Dumazedier (1974), que são: interesses físicos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo buscou analisar a sociabilidade e a relação dos interesses culturais do lazer das praças do município de Barra do Garças-MT. Deste modo, inicialmente foi feito um mapeamento de Barra do Garças-MT, com o objetivo de reconhecer e contabilizar quantas praças possuem o município, sendo este realizado juntamente com o mapa cadastral cedido pela prefeitura. Após a realização de campo que englobou todos os bairros, foram detectados 64 bairros, e 19 praças, distribuídas em 15 bairros. Em seguida foi realizada uma breve observação de todas as praças, para ter conhecimento de quais praças apresentavam algum tipo de vivência em seu espaço, ou seja, se as pessoas permaneciam nelas de alguma forma.

Assim, dentre as 19 praças, foram selecionadas 3 que tinham um nível satisfatório de vivência, ou seja, que tinham um fluxo mais intenso de pessoas, sendo a Praça da Matriz, localizada no Bairro Cidade Velha, Praça Sebastião Alves Júnior, localizada no Bairro Centro Comercial e Praça das Mães, localizada no Bairro Campinas.

A coleta de dados se caracterizou pelo modelo de observação sistemática, em que “o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p.78), assim sendo feito um roteiro para construção do diário de campo. As praças foram observadas duas vezes ao dia, de manhã das 07h00min às 08h00min e ao final do dia das 18h00min às 19h00min nas praças da Matriz e das Mães, na praça Sebastião Alves Júnior, 07h00min à 08h00min, 1ª semana das 17h00min às 18h00min e na 2ª semana das 13h30min às 14h30min, todos os dias da semana.

As praças foram observadas no segundo semestre de 2016, nos meses de outubro e novembro, tendo início pela Praça da Matriz, seguida da Praça Sebastião Alves Júnior e Praça das Mães, totalizando 14 dias em cada. A seguir serão descritos os dados coletados.

Praça Da Matriz

A primeira praça observada foi a Praça da Matriz, situada no bairro Cidade Velha, está próxima ao centro da cidade, localizada em frente à Igreja da Matriz, próximo dos bares que são pontos de encontro no período noturno. Em meados de 2013 e 2014 foi feita uma reforma geral da praça, que estava abandonada e era tomada por andarilhos e usuários de drogas.

Varjão (1991) descreve que a Praça da Matriz é uma das praças mais antigas da cidade, construída em frente a uma Igreja Católica, assim sendo nomeada como Praça

da Matriz e foi edificada na administração de Valdon Varjão, mas não foi encontrado nenhum dado especificando datas.

Nesta praça, foi identificado um público heterogêneo. É notório que as mais diversas classes sociais, idades e gêneros frequentam o espaço, ou seja, um espaço abrangente para o lazer dos barra-garcenses.

O período em que as pessoas mais frequentam a praça é à noite, nunca está com fluxo baixo neste horário e nos finais de semana se intensifica. Pela manhã, as pessoas não permanecem por um período prolongado, elas utilizam mais para passagem, outro fato é que o ambiente fica todo ensolarado, reservando poucos espaços com sombra, o que dificulta a permanência no espaço.

Ao entardecer é o momento de maior fluxo de pessoas na praça, pois é o momento em que as pessoas saem do trabalho, da escola e geralmente se dirigem diretamente para lá, para fazer um lanche, descansar com as crianças, levá-las para brincar e até mesmo para o *happy hour*.

Na praça existem dois quiosques, sendo um bar com músicas ao vivo e o outro uma sorveteria e lanchonete. Durante toda a semana o bar é que possui um fluxo de pessoas maior, já a sorveteria não abre todos os dias e a movimentação é baixa, muitas pessoas vão à sorveteria e em seguida vão dar uma volta na praça ou sentar-se em algum banco.

Um dos públicos mais presentes são as famílias, mãe com filho, avó com neto e até mesmo, famílias grandes com mãe, pai, filhos, avós e tios. Esta praça se configura como um ambiente inteiramente familiar e, por consequência, existem muitas crianças dominando o ambiente, principalmente à noite. Muitas mães vão com seus bebês no carrinho passear e até mesmo caminhar na pista juntamente com o carrinho.

A Praça da Matriz é um “polo” para a prática de atividades físicas, possui ATI (Academia da Terceira Idade) e pista de caminhada. As pessoas utilizam muito este espaço para a prática de caminhada, corrida e até mesmo andar de bicicleta. A ATI é um espaço multifuncional na praça, pois ela é especificamente para as pessoas utilizarem para a atividade física, o que de fato foi confirmado na ida a campo, mas também é um ponto bem utilizado pelas crianças, como não possui um *playground* onde elas possam brincar, as crianças utilizam os equipamentos da ATI para brincar. Durante a observação foi explícito que os equipamentos eram mais utilizados pelas crianças do que pelos adultos, especialmente no horário de pico entre 18h e 18h30min.

Outro grupo muito presente, é o grupo dos adolescentes que, independentemente do horário estão na praça e são os que permanecem por mais tempo. Pela manhã deixam de ir à aula para ficarem reunidos conversando, utilizando o celular, namorando, entre outros. Na parte da noite, geralmente se reúnem após a escola e ficam conversando, sempre em grupos de 10 ou mais, alguns trazem tererê e ocupam uma boa parte da praça, normalmente estão uniformizados.

Os adolescentes geralmente faziam alguma atividade além de conversar como utilizar o celular, algumas vezes eles levavam uma bola de vôlei e ficavam jogando,

em um dia no meio da semana levaram até um *drone* para brincar no espaço da praça.

As pessoas fazem da Praça da Matriz um cenário para os mais diversos registros. Em uma das idas a campo, foi observado formandos utilizando o local para registros fotográficos e todos os dias as pessoas transformam a praça em cenário para este fim, estando sozinhos ou não, tirando “*selfies*” e até mesmo fotografando o ambiente e o chafariz. As famílias levam fotógrafos também para registrar fotos dos bebês na grama – apesar das placas sinalizarem que não se pode pisar.

Os casais frequentam o espaço para fazer atividades físicas, sentar nos quiosques ou simplesmente ficarem namorando e utilizam a praça como paisagem para registros fotográficos.

As pessoas aparentemente com faixa etária entre 40 e 60 anos utilizam o espaço especialmente na prática de atividades físicas como caminhada e utilização da ATI. Um ponto muito marcante foi a alta frequência de avós/avôs indo passear com os netos e levá-los para andar de bicicleta.

O chafariz é um ponto muito importante na praça, durante quase todo período da observação ela ficou desativada, todos os dias havia trabalhadores fazendo a manutenção da praça e, devido ao aspecto citado, um dia três meninos a utilizaram para fazer manobras com *skate*. Nesse período em que o chafariz estava em manutenção e conseqüentemente desativado, as pessoas ficavam distantes daquele local, ficavam mais espalhadas pela praça. No final da segunda semana de observação o chafariz voltou a funcionar e, com isso, a concentração de pessoas em torno dele foi bem significativa.

Devido a localização da praça, duas vezes no período de ida a campo, havia jovens reunidos que aparentemente eram da igreja, da primeira vez eles estavam em círculo fazendo discussões, cantando e interagindo, na segunda vez havia crianças brincando e adolescentes tocando violão, fazendo piquenique e estavam acompanhados de uma mulher adulta.

Um fator importante é que na parte da praça que fica voltada para frente da igreja, é um espaço mais amplo, onde tem bancos, mas muito espaço livre. Este local é o preferido das crianças para andar de bicicleta e jogar bola, as pessoas também trazem cadeira de casa para ficarem sentados reunidos conversando e tomando tererê enquanto as crianças brincam, o que o transforma em um ambiente totalmente caseiro, mesmo que as pessoas não morem no entorno.

Praça Sebastião Alves Júnior

A Praça Sebastião Alves Júnior está localizada no bairro centro comercial e faz parte da dinâmica do comércio da cidade. Dentro da praça existe um sobrado residencial, dois quiosques de alimentação, três lojas de roupas, sendo uma delas um brechó bem antigo, um restaurante, uma farmácia, um ponto de táxi e um ponto de moto-táxi (cada um em uma extremidade da praça), também possui três mesas

com bancos de cimento para jogar damas. Outros comércios informais também fazem parte da praça como alguns vendedores ambulantes de comida, carrinho de água de coco, carrocinha de pastel e caldo de cana e de cachorro-quente na parte da noite, que estão diariamente no local.

Em busca de dados que conferissem algum registro histórico da referida praça, não foi encontrado nenhum arquivo físico ou digital que descrevesse a origem da mesma na cidade ou datasse a sua edificação.

O aspecto que chamou mais atenção inicialmente na praça foi o contraste estrutural, pois a Praça da Matriz foi reformada recentemente. A Praça Sebastião Alves Júnior está com a estrutura bem desgastada e com bancos quebrados. Um aspecto triste de ser citado é que a praça era bem arborizada, mas as árvores foram podadas, o que suprimiu toda a sombra que amenizava o calor do espaço nos períodos ensolarados, o que dificulta a permanência.

A praça, apesar de estar no centro comercial da cidade, não é uma praça com um fluxo grande de pessoas como a Praça da Matriz. As pessoas utilizam mais como passagem e estadias curtas, como esperar os estabelecimentos comerciais abrirem, de modo geral elas usam para passagem rápida ou para esperar alguém.

Na parte da manhã – entre 7h e 7h30min – é o horário em que fazem a limpeza da praça, sempre o mesmo servidor que é da prefeitura, varre a praça pela manhã e molha as plantas na parte da tarde.

Apesar de sempre realizarem a limpeza do espaço, na ida a campo pode-se observar que as pessoas aparentam não se importam em manter a praça limpa. Uma das vezes um senhor com duas crianças estava fazendo um lanche na carrocinha de caldo de cana e, ao sair e passar por duas lixeiras, optou por colocar o copo descartável em uma das árvores e ainda se deu ao trabalho de fazer as crianças visualizarem o ato. Em outro momento uma senhora que comprou água de coco, no carrinho que fica na praça durante o dia, sentou em um dos bancos próximos ao carrinho, consumiu e ao sair deixou a garrafinha em cima do banco, mesmo com diversas lixeiras próximas. Mas em compensação, o vendedor de água de coco retirou a garrafinha e a depositou no lixo, não sabemos se é por coincidência de eu estar próxima do local, mas pelo menos houve êxito no quesito manutenção de limpeza do ambiente.

No meio da manhã, entre 08h e 08h30min, todos os dias, uma mulher jovem passa com uma caixa de isopor vendendo produtos alimentícios. Neste momento os moto-táxis se reúnem nas mesas de alvenaria da praça e ficam ali, comendo e conversando, por pelo menos 40 minutos.

Pela manhã, o público de homens idosos é intenso, eles vêm e caminham pela praça, sentam um pouco nos bancos, as vezes se reúnem, as vezes observam um pouco e vão embora, mas de modo geral ficam “vagando” pela praça boa parte da manhã.

Estes estão sempre em um número maior em relação ao de mulheres, eles dominam o ambiente, nas mesas de damas, nos bancos, vão à praça para fumar,

observar a movimentação da rua, encontrar amigos e conversar.

Depois do horário de almoço é quando a praça fica mais movimentada. As pessoas que trabalham nos estabelecimentos próximos passam com mais calma. Em frente à praça possui uma franquía de formação profissional, então os estudantes geralmente passam por ali neste horário.

Também é um horário em que os homens ficam reunidos sentados nas mesas de dama, conversando em grupos de 3 ou mais, observam a movimentação da avenida principal da cidade, que está paralela a praça, utilizam o celular e assim ficam por horas.

Ainda na parte da tarde, muitos vendedores ambulantes de comida, como salgado, picolé, passam pela praça, interagem com os vendedores que estão fixos na praça, esperam um pouco, na esperança de vender algo e assim fazem várias vezes durante o dia.

Ao final do dia – entre 18h e 19h – apesar de ser um momento onde todos saem do trabalho, escola e passam por ali, as pessoas não permanecem na praça. Elas simplesmente tentam passar o mais rápido possível e ignoram o espaço, não o atribuem valor para uma estadia para o lazer, diferente do que acontece com a Praça da Matriz, onde as pessoas se dirigem automaticamente após o trabalho e escola.

As mulheres geralmente utilizam a praça para esperar o estabelecimento em que trabalham abrir, sempre reunidas em silêncio ou utilizando o celular, o que confere um ar melancólico à praça.

Nos finais de semana a praça perde um pouco da sua vivacidade, na parte da noite os quiosques de alimentação funcionam e as cadeiras dos estabelecimentos tomam conta de uma parte da praça, quase ninguém utiliza como passagem e apenas uma vez um jovem de *skate* acabou ficando alguns minutos ouvindo música no celular sentando na praça.

Inclusive, após os finais de semana, a praça conta a presença dos andarilhos da cidade, geralmente ficam por ali perambulando, conversando em um tom de voz alto com os taxistas e os varredores de rua e assim permanecem o dia todo, mas vai perdendo a intensidade ao longo da semana.

A Praça Sebastião Alves Júnior também tem em seu público os indígenas, eles já fazem parte do contexto da praça há alguns anos, sempre estão por ali sentados, as vezes conversando em seu idioma nativo. Aparentemente sentem tanto pertencimento à praça, que a transformaram em um ponto de encontro, pois sempre tem um indígena esperando outro, famílias – onde as mulheres ficam com as crianças à espera do companheiro.

Apesar de não ser um ponto de encontro juvenil barra-garcense, na parte da noite as pessoas que moram no sobrado ao lado do restaurante, sentam com as suas cadeiras lá fora e ficam conversando e observando a movimentação da avenida.

As crianças não são o forte da praça, exceto as que moram nas proximidades, pois nos finais de semana, se reúnem para brincar perto de uma das lanchonetes, os

meninos ficam jogando futebol e as meninas brincam nas barras de ginástica que tem na praça.

Praça Da Mães

Em busca de dados que conferissem algum registro histórico da referida praça, não foi encontrado nenhum arquivo físico ou digital que descrevesse a origem da mesma na cidade ou datasse a sua edificação.

A Praça das Mães está localizada no bairro Campinas, próximo ao centro comercial de Barra do Garças-MT. É uma praça pequena de bairro, tem uma ATI, poucos bancos e uma fonte que está desativada.

Em seu entorno há uma oficina mecânica, um restaurante, um escritório de advocacia e juntamente com suas respectivas residências, é uma praça pacata em comparação com a Praça da Matriz e a Praça Sebastião Alves Júnior que são grandes e centralizadas.

Por ser uma praça de bairro, o ambiente familiar predomina, as crianças e os adolescentes passam boa parte do tempo na praça nos aparelhos da ATI conversando e utilizando o celular.

Os moradores sentam com as suas cadeiras em frente de suas casas, também as levam para a praça para se sentarem, mas não permanecem por um período prolongado.

A ATI é utilizada às vezes, mas infelizmente está com os aparelhos deteriorados, por falta de manutenção, mau uso e depredação. Esse aspecto foi bem notório na ida a campo, pois em um dos dias as crianças da vizinhança simplesmente estavam jogando pedras na ATI, na presença de adultos, que pouco se importavam se estavam ou não estragando os aparelhos.

Não há um fluxo intenso de pessoas no local, a dinâmica da praça gira em torno de pessoas que passam diariamente para ir e voltar do trabalho e sempre são as mesmas pessoas e os jovens que vão ali matar o tempo conversando ou utilizando o celular.

Assim como na Praça Sebastião Alves Junior, os indígenas são um público marcante na Praça das Mães. Sempre algum indígena senta com a sua família, as crianças brincam um pouco e eles ficam observando os filhos, interagem minimamente, no idioma nativo.

Um aspecto em comum entre as praças é que na Praça das Mães, as pessoas levam seus cachorros para passear junto das crianças.

Outro fato é que as pessoas vêm da região mais próxima do centro comercial e ao passar na praça, sentam-se um pouco, fazem um lanche, conversam.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Partindo das considerações acerca da classificação dos interesses culturais do lazer propostas por Dumazedier (1974), pode-se interpretar que as formas de sociabilidade encontradas vão ao encontro dos interesses físicos, artísticos e sociais.

Os interesses físicos foram percebidos com maior frequência na Praça da Matriz, atividades físicas, como caminhada, corrida e utilização da ATI, muitas pessoas vão para praticar atividades físicas. Isto inclui as crianças e adolescentes, pois vão andar de bicicleta, *skate*, patins, patinete, jogam vôlei e até mesmo brincam de pega-pega pelo espaço da praça. Este interesse não é presente com muita frequência da Praça Sebastião Alves Junior, esporadicamente alguém utilizava as barras de ginástica dispostas na praça ou faziam alongamento. Na Praça das Mães, onde a praça não oferece suporte para caminhada ou corrida, torna a ATI em ponto central das atividades físicas e para as crianças um espaço para jogar futebol. Apesar de ser uma praça pequena e mais afastada do centro, os moradores vão para o espaço a fim de praticar as suas atividades físicas.

Isoladamente os interesses artísticos foram presenciados. Apenas uma vez um jovem estava com o violão na Praça da Matriz, aparentemente pertencia a um grupo religioso, este não foi um aspecto muito presente, apesar da localização da praça.

Os interesses sociais foram os mais intensos, as pessoas vão à praça para se reunir e ficar conversando, observando o ambiente, passeando pelo espaço. A Praça da Matriz é um ponto de encontro muito utilizado, as mais diversas pessoas vão com o intuito de se reunirem e fazerem alguma atividade em conjunto.

A sociabilidade nas praças foi identificada em diferentes intensidades, onde se pode perceber que a infraestrutura do local influi muito na escolha do indivíduo, pois apesar da Praça Sebastião Alves Junior estar localizada no centro da cidade, diferente da Praça da Matriz, não era um local movimentado por vários grupos. A população acaba optando por ir à Praça da Matriz, durante a semana e finais de semana.

Segundo Costa (2008) a praça é um espaço constituído de relações sociais, não se limitando somente a uma estrutura física e se a mesma não é utilizada pelos indivíduos, perde seu significado, já que é composto pelas atividades sociais. Deste modo podemos perceber que a Praça Sebastião Alves Júnior perde seu significado social na cidade por não haver muitas pessoas frequentando, pois como não é um espaço utilizado por outros, a população não associa o espaço a um ambiente de sociabilidade.

Esta falta de usuários também pode se associar ao fato da Praça Sebastião Alves Júnior estar sem cuidados, conferindo uma estética decadente o que afasta os usuários, como cita (Id, 2008) um fato associado à falta de usuários na praça é a ausência da manutenção. Portanto é indispensável que as praças passem por uma manutenção regular, para preservar a estrutura dos bancos, das ATIs, as áreas verdes que são importantes para o espaço e deixar o ambiente limpo, visto que “A

manutenção ou a criação de espaços livres são, portanto, uma necessidade e constitui uma questão de saúde pública [...]” (LE CORBUSIER, 1993, p.32).

Devido a toda esta problemática relacionada à questão estrutural, a Praça Sebastião Alves Junior enfatiza este aspecto, pois as pessoas não permanecem no espaço para passar o seu tempo voltado ao lazer, pelo fato de não atribuir estima a um ambiente deteriorado, assim ficando restrita a apenas a passagem dos pedestres.

Este aspecto se insere em partes na Praça das Mães, apesar da praça ser considerada um espaço de extensão da vida cotidiana no que se refere a valores sociais, não atribuíam tanto valor ao local, pois não faziam questão de tornar menor a destruição do espaço, onde em um determinado momento da ida a campo, as crianças que estavam na presença de adultos, jogavam pedras na ATI com total naturalidade.

Gonçalves (2008) reforça que é um problema geral a manutenção dos espaços públicos, que este não se limita ao poder público e inclui os usuários, que por sua vez não são muito conscientes em relação à importância de manter o espaço preservado.

Um ponto a ser citado é que em 2014, após a reforma da Praça da Matriz, se tornou propícia a vivência, esta nova estrutura física confere um ambiente agradável para encontros, o que se intensificou após dois quiosques de alimentação serem inseridos, com isso as pessoas passam mais tempo na praça devido ao suporte. Pois como afirma o autor (idem, p.46)

[...] a renovação urbana faz um tratamento extremo/drástico do tecido edificado, e conseqüentemente do tecido social econômico, a reabilitação não destrói o tecido, mas a readapta às novas situações de funcionalidade urbana.

Muitas vezes, as pessoas faziam atividades físicas durante a semana e nos finais de semana, iam para os quiosques, a encontro de outras pessoas. Buscavam vivenciar neste espaço, a interação com o outro. Os indivíduos buscavam este espaço para a convivência, para se encontrar e passar algumas horas em conjunto de outras pessoas e até mesmo apenas permanecer sem fazer nada, o espaço da Praça da Matriz favorece a estadia em grupo, devido a sua estrutura, pois tem diversos bancos e quiosques, Silva *et al* (2012, p.12) ainda reforça a importância estrutural do espaço

Portanto esses lugares devem ter aparência agradável e harmoniosa para despertar a tenção da população em frequentar esses locais, dando ênfase em seus momentos de lazer, podendo os espaços proporcionar melhoria na qualidade de vida.

A Praça Sebastião Alves Junior apresentou em seu contexto, um interesse social forte voltado ao público masculino, tal público fez da praça um ponto de encontro para conversas e dificilmente ficavam em um período curto. Sempre estavam reunidos interagindo em grupos, praticando alguma atividade social na praça, diferente da Praça da Matriz onde o público era mais heterogêneo. Deste modo “[...] é importante pensar que os lugares não são estáticos, possuindo uma identidade singular traçada a partir

do cotidiano, da diversidade e da ocupação do espaço” (idem, p.10).

A Praça das Mães é ponto de encontro dos moradores do entorno, eles se reúnem para ficar conversando e observando a movimentação, eles vão à praça não permanecem por um período prolongado e logo retornam às suas respectivas casas. A característica de reunião é marcante, as pessoas da vizinhança se dirigem ao espaço, ficam sentadas conversando, interagindo, entre si e com o espaço, assim o espaço de lazer adquire na sociedade um caráter singular, onde se caracteriza como ponto de encontro e convívio social (MÜLLER, 2002).

Diante destas características fica evidente, que a Praça das Mães é um território específico dos moradores do entorno, ou seja, as pessoas não saem de outros bairros para permanecerem ali, porque “[...] para permanecer habitante há que ser morador, há que ser aquele que usa e que delimita territórios de uso” (SEABRA, 2004, p.183), ou seja, o espaço de uso está limitado à vizinhança local.

Isso remete a um fator importante de que as praças em Barra do Garças-MT são espaços fundamentais, pois a cidade não possui parques com equipamentos de lazer onde se possa praticar o lazer gratuitamente, deste modo se nota que os espaços de lazer são limitados, e “[...] é fundamental deixar clara a importância atribuída aos espaços de lazer nas cidades, pois buscam propagar uma relação entre o espaço e os indivíduos” (SILVA *et al*, 2012, p.11).

Atrelado a isso está o fato da falta de um espaço específico para o uso de equipamentos de lazer. A população barra-garcense se dirige até as praças para utilizar os mesmos sem haver um suporte adequado, nenhuma das praças observadas possui uma estrutura para andar de bicicleta ou *skate*, sendo uma atividade muito frequente no espaço.

A praça insere na vida urbana um espaço público para a sociabilidade “[...] em que as relações íntimas do grupo primário se enfraquecem e se fortalecem as relações coletivas[...].” (LEITÃO, 2002, p. 17), reforçando a relevância deste lugar na vida do cidadão, pois confere proximidade entre os indivíduos. A dinâmica cidadina possui um caráter intenso e impessoal, deste modo, a praça está na cidade para agregar mais vivências sociais na vida urbana, já que os espaços livres públicos “[...] permitem o encontro com o outro, é onde se fortalecem as relações coletivas, onde ocorrem as trocas fundamentais e o convívio com a diferença” (SILVA; BARROS FILHO, 2015, p.5)

De modo geral, foi notório que eram poucos os momentos em que havia pessoas praticando atividade física sozinhas. grupos de amigas, casais e até mesmo família se dirigiam até a praça para fazer caminhada e utilizar a ATI, pois como elucida Silva *et al*. (2012, p.9) “[...] o homem necessita de um lugar, em que deva estar envolvido com as esferas da vida e aspectos sociais [...]”.

Com isso temos a percepção que as três praças possuem a mesma conotação, do espaço ser voltado para a sociabilidade, onde as pessoas buscam o espaço para ir ao encontro do outro, deste modo, o interesse social norteia o processo de sociabilidade.

A praça se configura como um espaço fundamental no que diz respeito à qualidade de vida dos indivíduos, pois como reforça Rodrigues (2006, p.117 *apud* ARANHA SILVA *et al* p.7) “criar áreas verdes e praças abertas ao público, assim como preservá-las, de modo a contribuir para o equilíbrio do meio que mais intensamente vive e trabalha o homem: a cidade”.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que as praças são espaços importantes na vida do indivíduo, pois é neste local na cidade que se pode vivenciar as mais diversas formas do lazer dependendo do suporte que o espaço oferece. Ela tem a função social na vida urbana, conferindo proximidade entre os indivíduos dentro da dinâmica fria e turbulenta do cotidiano da cidade.

Em Barra do Garças-MT as praças são opções de lazer predominantes, deste modo pode se notar que a população busca vivenciar as mais diversas formas de lazer nas praças, como fazer atividade física, observar a paisagem e principalmente, independentemente da atividade se reunir uns aos outros, com amigos, familiares para uma conversa ou alguma interação pessoal.

Dentro das diversas atividades observadas, foi identificado nas praças da Matriz, Sebastião Alves Júnior e das Mães, a presença de três interesses culturais do lazer, os interesses físicos, artísticos e principalmente os interesses sociais.

Portanto foi notório que a sociabilidade é um interesse muito forte nas referidas praças, visto que este espaço é destinado ao uso para o lazer, a sociabilidade é o que confere vida à praça e sem esta atividade ela perde a sua essência. Este ponto foi percebido com mais intensidade na Praça da Matriz, onde é um espaço que passou por uma reforma no ano de 2014, que reorganizou por completo o ambiente e, por consequência, alterou a dinâmica da praça.

Esta adquiriu um novo significado na cidade e para a dinâmica da vida do barragarcense, pois, a partir dessa renovação do espaço, agora têm um ambiente melhor, amplificado e com suporte para a prática de lazer com mais qualidade e diversidade.

Conseqüentemente isso nos remete ao papel do poder público, no que se refere à importância da manutenção das praças de modo geral. A Praça da Matriz é um espaço onde existe um fluxo de pessoas intenso, aglomera pessoas de diversas idades e extratos sociais, logo a manutenção deste espaço é extremamente fundamental.

Este fato na Praça Sebastião Alves Júnior acontece de modo parcial, sempre há trabalhadores varrendo e cuidando da limpeza, mas a estrutura está começando a aparentar decadência, o que pode conferir riscos as pessoas que frequentam.

Já a Praça das Mães está em uma situação mais crítica, pois não é feita a limpeza, retirada de lixo e a estrutura está bem deteriorada, a ATI está desgastada e os moradores contribuem negativamente para que isso permaneça, deixando as

crianças destruïrem a ATI.

Apesar de todas essas questões voltadas para a estrutura precária das praças citadas, foi notório que as pessoas buscam a praça para se encontrar, isso é importante ressaltar, pois o referido espaço é um ponto de encontro dos moradores do entorno e ainda assim com esses aspectos negativos voltados a estrutura e suporte, as pessoas de alguma forma buscaram utilizar as praças para encontro e convivência.

É interessante refletir como se dá o caso da população mais afastada da região central da cidade. Pode se constatar que 49 bairros de Barra do Garças-MT não possuem equipamentos públicos de lazer e algumas vezes quando existe um equipamento, este não é feita manutenção ou está destruído, inserindo espaços mortos na cidade.

Esta é uma realidade infeliz, pois uma parcela da população fica sem opção para a prática de lazer, pois é uma vivência importante para todos, sem este suporte os interesses culturais acabam sendo excluídos de certa forma da vida dos cidadãos, afetando a qualidade de vida e o desenvolver pleno. Desta maneira, o poder público precisa homogeneizar a cidade para que todos da cidade tenham acesso ao lazer, sem a exclusão. A partir desta problemática, é necessário questionar porque apenas uma praça do município passou por uma grande reforma, onde poderia ter sido abrangido outras praças e construções de novos espaços na urbe.

Também se constatou que todos os interesses culturais do lazer identificados enfatizam a busca da sociabilidade, pois todas as atividades encontradas eram realizadas sempre em conjunto, o que reforça o fato de o ser humano ter a necessidade de estar próximo a outros, vivendo em sociedade, portanto o interesse social norteia o processo de sociabilidade

As observações revelaram que o indivíduo busca este espaço com a intenção de interagir de alguma forma, seja com outras pessoas, seja com o espaço, praticando alguma atividade, assim caracterizando a praça como um local propício para a sociabilidade, sendo este um aspecto importante na vida do cidadão, a vida em conjunto é essencial para o ser humano devido à riqueza que estas vivências podem proporcionar.

A sociabilidade é inerente ao ser humano, foi contundente que o mesmo busca estar em conjunto, a praça torna-se apenas um meio diante das necessidades das atividades sociais. Portanto, a praça precisa ter uma atenção especial, visto que compõe de forma crucial a vida do indivíduo. É notável que a sociabilidade carrega um cunho enriquecedor para a vida, acrescentando vivências, deste modo as atividades sociais se tornam imprescindíveis para a evolução do ser humano.

Este estudo pode proporcionar uma maior compreensão a respeito da sociabilidade de três praças barra-garcenses, mas ainda existem questões que devem ser analisadas a fundo, como o fato de não haver equipamentos de lazer em todos os bairros da cidade e como a população lida com esta questão, a falta de manutenção em praças que estão em bairros afastado da região central, como é a sociabilidade destes referidos locais. Deste modo este não deve se findar, mas sim incitar outros

REFERÊNCIAS

- ARANHA-SILVA, Edima; SANTOS, Bruno Matos; CARVALHO, Ana Gabriela Bueno Melo de; RODRIGUES, Marcel Infante; RIBEIRO, Flávia dos Santos. Espacialização, território e vivência dos moradores nas Praças de Três Lagoas-MS. In: XI ENAPET: Organização e orientação para ações interdisciplinares, Florianópolis, 2006. **Anais do XI ENAPET**. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 1-12.
- BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOUDON, Raymond. **Tratado de sociologia**. Lisboa: Edições Asa, 1995
- BENEDER, Michele S.; BENEDET, Juliane S.; SILVA, Raiane Zapelini da. Produção do Espaço Público: uma avaliação sob o ponto de vista do usuário. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos**, 19 a 22 de outubro de 2015, PUCRS.
- COSTA, Sílvia Kimo. **Percepção ambiental e revitalização: as praças do bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BH, 2008.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. 2.ed São Paulo: Perspectiva: SESC. 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1986.
- GONÇALVES, Felipe Sobczynski. **Espaços e Equipamentos de Lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, 2008.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EDUSP-Hucitec, 1993.
- LEITÃO, Lúcia. **As praças que a gente quer. Manual de procedimentos para intervenção em praças**. Recife: Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, 2002.
- LOUSADA, Maria Alexandra. **Espaços de sociabilidade em Lisboa, finais do século XVIII a 1834**. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1995.
- MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed., São Paulo: Atlas, 2012.
- MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaelis).
- MÜLLER, Ademir. Espaços e equipamentos de lazer e recreação e as políticas públicas. In: MÜLLER, A.; BURGOS, M.S. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- SEABRA, Odete Carvalho de Lima. Território do uso: cotidiano e modo de vida. In: **CIDADES: Revista Científica Grupo de Estudos Urbanos**, v.1, n.1, 2004. Presidente Prudente: UNESP, 2004. p.181-206.
- SILVA, Emília Amélia Pinto Costa; SILVA, Priscilla Pinto Costa da; MOURA, Petrucio Venceslau; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FREITAS, Clara Maria Silvestre. Os espaços de lazer na cidade:

significados do lugar. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012.

SILVA, Heitor de Andrade; BARROS FILHO, Mauro Normando Macedo. Morfologia Urbana e Espaços Livres (Públicos e Privados) em Campina Grande, PB. **Anais do X Colóquio Quapá SEL**. In: X Colóquio Quapá SEL, 2015, v.1, Brasília, 2015.

THINES, G. (Dir); LEMÉREUR, Agnes (Dir). **Dicionário geral das ciências humanas**. Lisboa: Lexis, 1984.

VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças do passado ao presente**. Barra do Garças: Editora 31 de Março, 1991.

TERRITÓRIO, IDENTIDADE, LAZER E JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

Fábio Souza Vilas Boas

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Porto Seguro – Bahia

May Waddington Telles Ribeiro

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Porto Seguro – Bahia

Paulo Rogério Lopes

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Matinhos - Paraná

RESUMO: O objetivo é tratar da luta pelo direito ao território indígena e sua articulação com diferentes manifestações sociais, especialmente o lazer, que pode configurar-se como importante fator de identificação com o território e fortalecer o sentimento de pertencimento dos indivíduos e do grupo. O foco da análise incide sobre o caso do povo indígena Pataxó. O método empregado é o da revisão bibliográfica sobre o tema. Conclui-se que a garantia legal do território desempenha importante papel para a afirmação da identidade cultural daqueles que buscam e reivindicam seus direitos, destacando-se nesse contexto os povos indígenas em razão de sua histórica luta por direitos sobre suas terras. Conclui-se igualmente que as manifestações de lazer podem contribuir para a construção e o “resgate” de uma nova ou renovada identidade cultural e para despertarem o sentimento de

pertencimento a um trato de terras, mesmo que muitas vezes ele não se enquadre na categoria de terra originária, como compreendida nos discursos de maior circulação e aceitação na sociedade nacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Território, Identidade

ABSTRACT: The objective is to deal with the struggle for the right to indigenous territory and its articulation with different social manifestations, especially leisure, that can be configured as an important factor of identification with the territory and strengthen the feeling of belonging of the individuals and the group. The focus of the analysis focuses on the case of the Pataxó indigenous people. The method used is the bibliographical review on the subject. It is concluded that the legal guarantee of the territory plays an important role for affirming the cultural identity of those who seek and claim their rights, highlighting in this context the indigenous peoples because of their historic struggle for rights over their lands. It is also concluded that leisure events can contribute to the construction and “rescue” of a new or renewed cultural identity and to awaken the sense of belonging to a land deal, even though it often does not fit into the category of as understood in the discourses of greater circulation and acceptance in Brazilian national society.

1 | INTRODUÇÃO

A identificação, a conquista e a formação de territórios no Brasil são temas objeto de muitos estudos e longe estão de terem sido esgotados. Nesse contexto a relação entre processos de territorialização e diferentes práticas de lazer é tema ainda pouco estudado.

Objetiva-se, portanto, neste artigo, analisar a relação entre território e prática do lazer a partir da hipótese de que por meio de tal interação a ideia de territorialidade do grupo se desenvolve, contribuindo assim para a consolidação da identificação territorial. Objetiva-se, igualmente, discutir se o lazer pode se constituir em fator de fortalecimento do sentimento de pertencimento ao território e ensejar a formação de costumes e comportamentos convencionados que venham a contribuir para motivar ação política que norteie condutas coletivas de reivindicação de direitos e interesses, bem como contribuir para o estabelecimento de fronteiras, por meio de várias estratégias, a partir da noção dinâmica de identidade étnica desenvolvida por Barth (1998).

As atividades de lazer podem assumir várias dimensões, definições, interesses e objetivos, constituindo-se em campo amplo para pesquisas, inclusive acadêmicas, não devendo ser encaradas, portanto, como temática de menor importância, como ao longo deste trabalho buscar-se-á evidenciar por meio da análise da relação entre lazer e direitos territoriais do povo Pataxó.

Autores das Ciências Sociais ressaltam a importância e a escassez de estudos sobre a temática, Elias é um dos que apontam essa problemática, como será visto mais adiante.

O método é a revisão bibliográfica da literatura dedicada ao tema, especialmente aquela que vem abordando o lazer, especialmente, entre o Pataxó e o seu significado dentro da luta pelo território. Além da análise da bibliografia o artigo também irá se valer da experiência direta de um dos coautores do artigo, com formação em educação física e com experiência de pesquisa sobre o tema exatamente junto aos próprios Pataxó.

A pesquisa se justifica por diversas razões. Socialmente, porque o fenômeno de lazer e sua associação com reivindicação e consolidação de direitos territoriais indígenas no Brasil é recente de modo que estudos sobre o assunto são escassos sendo recomendado o seu incremento como forma de contribuir com o próprio processo social de consolidação de direitos territoriais indígenas. Academicamente, pela mesma razão, uma vez que estudar mais e melhor as experiências nesse campo deve contribuir para a produção do conhecimento na área. Pessoalmente, porque os autores, antropólogos e educador físico, estão profissionalmente envolvidos com o povo Pataxó e com sua luta por direitos, foco central da presente pesquisa.

Assim, este estudo está organizado da seguinte forma: no próximo item será analisada a ideia de lazer nas sociedades ocidentais modernas e nas indígenas contemporâneas, especialmente entre os Pataxó da Bahia. Em seguida: território, lazer e os Jogos Indígenas Pataxó serão o foco principal de estudo. Finalmente, as últimas considerações, seguidas das referências.

2 | A IDEIA DE LAZER NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS MODERNAS E INDÍGENAS CONTEMPORÂNEAS.

Uma das muitas contribuições de Norbert Elias foi demonstrar que trabalho e lazer podem estar no mesmo patamar de significância e de relevância. Essa temática, como objeto de pesquisa, o lazer, não deve ser vista apenas como mera atividade que promove o gasto de energia e que tem como objetivo o alívio das horas cansativas do trabalho.

As atividades de lazer não devem ser pensadas como complementares do trabalho e nem como uma forma de relaxação das tensões. Para Elias o que se busca no lazer é uma excitação agradável. Essa afirmação deve ser pensada tendo como pano de fundo a teoria do Processo Civilizador, que busca compreender a sociedade partindo da análise de seus diversos aspectos, inclusive o lazer. (Gonsalves, 2009, p. 2).

Gonsalves cita a obra de Norbert Elias (1897-1990) para destacar que a estrutura do comportamento humano está relacionada com as estruturas sociais:

Em outras palavras: toda modificação que acontece na estrutura da personalidade do indivíduo, produz modificação na estrutura social onde o indivíduo está inserido e vice-versa, ou seja, as várias modificações que ocorrem nas estruturas das sociedades produzem modificações nas estruturas de personalidades dos indivíduos que a compõem (GONSALVES, 2009, p. 2).

Portanto, nas sociedades ditas “avançadas” ou ocidentais modernas, nas quais a presença do Estado é notória, ser “civilizado”, “normal”, é ter contidas as emoções e desta forma as atividades de lazer são reconfiguradas, pois sociedade e indivíduos estão interconectados como reflexo um do outro. Nestas sociedades, para serem considerados “normais”, segundo Elias (1985), os indivíduos que nela vivem devem controlar “[...] a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande frequência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios” (p.103).

Como estratégia de controle social sobre as atividades de lazer o Estado assumiu o dever da garantia dessas atividades para todos os indivíduos, independentemente de sua classe social, raça ou gênero, portanto, o lazer que se relaciona com o autocontrole,

o controle exercido pelo Estado e pela sociedade, merece ser um objeto de interesse, pesquisa e tema das ciências sociais, como já apontava Elias, pois suas implicações e consequências podem se refletir em toda a sociedade.

Nessa perspectiva, pode-se compreender, analisar e classificar as atividades de lazer Pataxó e o que elas representam ou dizem sobre esse grupo étnico, bem como sua importância no processo de fortalecimento da identidade étnica e como elemento de consolidação do território indígena e de demarcação de suas terras. Como pondera Elias (1998) as fronteiras entre atividades de lazer e de não lazer são tênues, não se podendo decidir sempre, com clareza e precisão, quando se está no campo do lazer ou do trabalho.

A prática de lazer tratada neste artigo pode ser definida segundo Moreira (2001) como um conceito operacional e historicamente situado, que leve em conta os seguintes pontos: primeiro, ela é a cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações; segundo, deve ser gerada historicamente e dela podem emergir valores questionadores da sociedade, exercendo influência sobre ela; o terceiro é um tempo que pode ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural; e, por último, portadora de duplo aspecto educativo, pois, não apenas proporciona o descanso, mas o desenvolvimento pessoal e social dos seus praticantes.

Nota-se a articulação entre lazer, cultura e sociedade, influenciando-se reciprocamente, portanto, configurando-se o lazer, sem dúvida, como elemento que pode contribuir no processo de territorialização¹ dos Pataxó.

Assim, o lazer não pode ser confundido com ociosidade, como sustenta Dumazedier (1979), que “[...] não suprime o trabalho: o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho” (p. 26). Ressalta ainda que o lazer “[...] não possui a miraculosa propriedade de anular os condicionantes sociais, nem de instaurar o reinado da liberdade absoluta, mas a liberdade de escolha dentro do tempo de lazer é uma realidade, mesmo que limitada e em parte ilusória” (p. 58).

Conseqüentemente, o lazer pode condicionar e ser condicionado pela sociedade, ou seja, o tipo de lazer praticado por um determinado grupo pode defini-lo socialmente, sendo o inverso também verdadeiro. Desta forma, ele não é apenas uma categoria, e sim como afirma Dumazedier (1979) “[...] um estilo de comportamento, podendo ser encontrado não importa a atividade” (p. 88) e finaliza conceituando o que é lazer:

[...] concerne a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: fazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais, sociais, políticos e culturais de cada sociedade.

1 Processos de territorialização “[...] compreendidos enquanto transformações nas formas de apropriação do território e seus recursos naturais, que são constantemente estruturadas, desestruturadas e reestruturadas pelas práticas dos grupos sociais e pelas relações de interdependência estabelecidas, que os ligam uns aos outros pelas redes de interesses referentes à figuração social” (MIRANDA, 2013, p. 142).

São tais atividades que iremos chamar de lazeres. Seu conjunto constitui o lazer (Dumazedier, 1979, p.92).

Dessa forma, os Pataxó, também, têm seus interesses em satisfazer as necessidades do corpo e espírito, que podem variar de acordo com o tipo de território e interesse. Esse lazer é considerado mais completo quando, além de satisfazer as necessidades do indivíduo, também contém outras propriedades fundamentais:

Caráter libertário: o lazer resulta de uma livre escolha. [...] caráter hedonístico ... o lazer se define positivamente no tocante às necessidades da pessoa, mesmo quando da alegria, é um traço fundamental do lazer da sociedade moderna. [...] Caráter pessoal: todas as funções manifestas do lazer expressas pelos próprios interessados respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações impostas pela sociedade (DUMAZEDIER, 1979, p.96).

Soma-se a esses fatores o caráter desinteressado (gratuidade), para que sejam satisfeitos.

Na busca de aplicar o conceito de lazer ao caso específico Pataxó, se é, necessariamente, levado a considerar o processo social de luta pela garantia dos seus direitos, sendo a demarcação de seu território um dos mais importantes, diretamente ligada com o despertar do sentimento de pertencimento ao território, pelo qual, socialmente se luta. Nesse sentido, o lazer pode ser visto como peça fundamental para despertar nos indivíduos o interesse pelo território.

O sociólogo Norbert Elias também dá a sua contribuição com a intenção de definir lazer. Para tanto, contrapõe a relação das atividades realizadas no tempo livre com as no tempo do lazer. Nessa perspectiva, nem todas as atividades realizadas no tempo livre podem ser consideradas lazer, pois, os indivíduos podem após cumprir o tempo destinado ao trabalho complementar sua renda com um tempo de trabalho informal. No caso de boa parte mulheres, cuidar dos afazeres domésticos.

Por sua vez, os Pataxó que retornam do trabalho fora da aldeia, se ocupam em fazer ou vender seus artesanatos para turistas. Todas essas atividades são realizadas no tempo livre, mas, segundo Elias, não devem ser classificadas como lazer. Assim, torna-se importante analisar, quais são as atividades de lazer realizadas pelos Pataxó, como classificá-las e suas contribuições.

Desse modo, o lazer pode contribuir para entender territorialidade, definida como: “[...] o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território ou homeland” (Little, 2002, p. 3).

Esse mesmo autor ainda afirma que “[...] um território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social, que implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos” (p.3). Essas condutas podem ser desde uma manifestação de resistência pelos seus direitos ou defesa da terra, até

a prática e regaste das atividades de lazer tradicional.

Falar de lazer como conduta territorial é demonstrar como as práticas da cultura corporal de movimento podem desenvolver nos membros de uma coletividade o desejo de se identificar, ocupar, controlar e, conseqüentemente, despertar o sentimento de pertencimento a um território específico, a ponto de ser reconhecido como sua “terra”.

Assim, constroem uma “pátria” onde não seria possível existir num espaço delimitado, portanto, esta é limitada, não possuindo total autonomia, pois faz parte do Estado maior, é dele dependente e os limites e fronteiras estão interligados, podendo reinventar suas práticas culturais, da qual o lazer é uma delas. Desta forma, a conquista desse território pode contribuir para a construção de uma identidade de lazer nos mais variados espaços onde seus ocupantes com eles se identificam.

Nessa identificação, Little (2002) cita a importância de um dos elementos fundamentais para que os territórios sociais estimulem o sentimento de pertencimento. Ele tem uma relação entre a memória e o lugar:

[...] é encontrado nos vínculos sociais simbólicos e rituais que os diversos grupos sociais diferenciados mantêm com seus respectivos ambientes biofísicos. [...] identificação de lugares sagrados por um grupo determinado representa uma das formas mais importantes de dotar um espaço com sentimento e significado (p.10).

Com isso, o lazer se configura como um elemento de vínculo social, podendo contribuir nesse processo de identificação com o lugar, seja ele de origem (imemorial) ou não. Em seu imaginário esse é território Pataxó.

Neste sentido, a territorialidade não se configura apenas na legalização de um espaço geográfico, mas como afirma Little (2002), “[...] se mantém viva nos bastidores da memória coletiva que incorpora dimensões simbólicas e identitárias na relação do grupo com sua área, o que dá profundidade e consistência temporal ao território” (p.11).

3 | TERRITÓRIO, LAZER E OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

A partir do exposto, buscar-se-á analisar se as atividades de lazer são alteradas nos diferentes processos de territorialização e com que objetivo os indivíduos as fazem na medida em que se muda a estrutura sociocultural do grupo, com isso o lazer pode estabelecer relação de integração dos grupos sociais.

Levando em consideração as reflexões de Elias, na qual os indivíduos e as sociedades se relacionam e influenciam mutuamente, o lazer praticado pelos indígenas pode, portanto, ser alterado nos diferentes territórios ocupados, com o objetivo de atender determinada demanda sócio temporal, ou afirmação da identidade cultural daqueles que pretendem a garantia de seus direitos: a demarcação do território. O

entendimento do lazer como instrumento da garantia desse direito é um dos objetivos desse artigo.

Esse lazer, então, não é um dado objetivo apenas. Ele possui suas subjetividades também. Constituindo-se o sagrado em uma das subjetividades mais marcantes na definição e motivação para o lazer, pois, por meio do recurso a ele desenvolve-se um horizonte imaginativo que redefine essas práticas, que no caso das sociedades tradicionais como as indígenas, podem ser diferentes das do mundo euro ocidental, baseadas não só no passado, mas também voltadas para o futuro.

Carvalho (2013) afirma que as noções de horizonte imaginativo “[...] trazem dimensões de memória, idealizações, repertórios estético-culturais, desejo e, sobretudo arranjos criativos que recriam esses elementos que influenciam profundamente nossas vidas e os modos como interpretamos nossas vivências presentes” (p.105).

Esses horizontes podem significar uma forma de agir no mundo, representando, neste caso, uma estratégia de construção de lazer própria dos Pataxó, não apenas um resgate do passado, mas um ajustamento entre os diferentes tipos de lazer, resultando num apagamento das fronteiras, que separam o lazer tradicional e o ocidentalizado: lazer de massa.

Essa transposição das fronteiras pode ser notada quando os Pataxó praticam atividades de lazer, como, por exemplo, jogo de futebol e ao mesmo tempo exibem sua estética através do uso de adornos, vestimentas, pinturas corporais, seja ainda em outras atividades tidas como mais tradicionais, tais como, corrida com tora ou cantos tradicionais. Podem, nesses casos, estar promovendo sincretismo com músicas ocidentalizadas. Assim, nesses momentos, não se sabe onde se iniciam ou terminam os limites das fronteiras do lazer tradicional e o de massa.

Para os Pataxó, as práticas desenvolvidas no território parecem fortalecer a identificação com o território e estimular o seu sentimento de pertencimento a ele, e isso, mesmo que suas atividades de lazer tenham como prática o futebol ou o uso da informática. É possível afirmar que eles sempre ressignificam essas formas de lazer, o que proporciona a afirmação de sua identidade cultural. Desta maneira, diversos fatores podem contribuir para esse pertencimento; assim, o lazer deve ser mais um elemento importante a contribuir nesse processo.

Objetiva-se nesta sessão descrever e definir território e identificar quem são os indivíduos que têm direito a ele, quais os procedimentos legais para sua garantia. E ainda, demonstrar como essas leis de acesso ao território ressignificam as identidades culturais dos seus ocupantes e as diferentes relações sociais e econômicas com ele. Conseqüentemente, classificar e descrever as práticas de lazer desenvolvidas dentro deles e como o poder público tem atuado na garantia desse direito universal através das políticas públicas para seu fomento.

É importante conceituar alguns pontos importantes para melhor entendimento dessa sessão à qual ora se adentra. Uma delas é definir o que são Terras Indígenas. Juridicamente, segundo Oliveira (1998), elas são definidas pela Constituição Federal

(art. 4º § 4º. e art. 198) bem como pela Legislação específica (lei n. 6.001/73 a 38):

[...] habitat de um grupo que se reconhece (e é reconhecido pela sociedade) como mantendo um vínculo de continuidade com os primitivos moradores de nosso país. A noção de habitat aponta para a necessidade de manutenção de um território, dentro do qual um grupo humano, atuando como um sujeito coletivo e uno, tenha meios de garantir a sua sobrevivência físico-cultural (OLIVEIRA, 1998, p.45)

As referidas terras são bens da União, sendo de sua responsabilidade o seu reconhecimento ou não. É interessante salientar que essa validação se dá em duas vertentes: de um lado o autoconhecimento, e de outro da sociedade, cabendo ao Estado a definição da posse e do uso dos recursos que nela existem. Afirma ainda o autor que o direito pelo reconhecimento da terra é originário, ou seja, decorre de sua conexão sociocultural com povos pré-colombianos que aqui habitavam. Aponta ainda como condição para a existência de um grupo que se identifica como indígena:

[...] uma relação regular com um conjunto de recursos ambientais distantes ancorados em um dado espaço físico. É para tais grupos humanos – os quais muitas vezes foram deslocados para locais distantes de seus territórios tradicionais, que raramente tiveram condições de sustentar - que a lei prescreve direitos fundiários específicos, cuja destinação exclusiva cabe ao Estado garantir (Oliveira, 1998, p. 45).

É importante salientar que é através do ato de delimitação que as demarcações das terras indígenas são legalmente reconhecidas e homologadas pelo o Presidente da República. Parece que fica evidenciado que o poder público força a apresentação/ criação de uma identidade cultural indígena vinculada ao pertencimento ou a um passado, esse fator pode ser decisivo na prática das manifestações de lazer nas áreas a serem reconhecidas.

Outro aspecto do reconhecimento citado por esse mesmo autor está relacionado às especificidades de cada grupo indígena:

O loteamento das terras dos parques indígenas obedecerá ao regime de propriedade, usos e costumes tribais, bem como às normas administrativas nacionais, que deverão ajustar-se aos interesses das comunidades indígenas (art. 28 § 3º). A apropriação coletiva da terra como fundamento de uma solidariedade grupal e da identificação étnica não parece ser desconhecida pelo legislador (OLIVEIRA, 1998, p. 19).

Conseqüentemente, esse reconhecimento pode contribuir no fortalecimento das práticas de lazer tradicional indígenas, pois prevê em lei o respeito aos seus costumes e o ajustamento das normas do Estado àquelas.

Dessa forma, a identificação étnica é um fator muito relevante nesse processo. O lazer manifestado, hoje, nas danças, cantos, jogos, rituais, caça e pesca, fora do

tempo do trabalho, se torna um elemento marcante dessa identidade cultural a ser manifestada pelos grupos indígenas, os quais são por eles influenciados.

Assegurar aos índios seus direitos às suas terras não é um processo simples, até porque elas também são desejadas pelos não índios. A instituição governamental responsável legalmente por esse processo é a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), mas não exclusivamente, como diz Oliveira (1998) ao citar o art. 25, da Lei 6.001:

O reconhecimento do direito dos índios e grupos tribais à posse permanente das terras por eles habitadas, nos termos do artigo 198 da Constituição Federal, independe de sua demarcação, e será assegurado pelo órgão federal de assistência aos silvícolas atendendo à situação atual e ao consenso histórico sobre a antiguidade da ocupação, sem prejuízo das medidas cabíveis que, na omissão ou erro do referido órgão, tomar qualquer dos Poderes da República (p. 21).

Nota-se acima o valor do fator histórico de ocupação do território para o seu reconhecimento e, possivelmente aí, a sua cosmografia se faz decisiva no momento da demarcação. Logo se constitui a última etapa no processo de sua regularização e assim o direito dos índios sobre essas terras.

É importante destacar a existência legal de três tipos de terras indígenas com diferenças em suas finalidades e natureza como cita Oliveira (1998), são elas:

a) áreas de posse permanente dos índios, que constituem o seu habitat e cuja eficácia legal independe inclusive do ato demarcatório. b) áreas reservadas pelo Estado para os índios, podendo constituir-se em reservas e parques, além de outras unidades não atualizadas, como território Federal indígena, c) as terras dominiais recebidas pelos índios em virtude de ação do direito civil, como a doação, compra e venda ou permuta (p. 46).

Dentro desses três tipos de terras indígenas legalmente previstas, podem estar sendo realizadas atividades de lazer diferenciadas, mas essas diferenciações não se devem apenas à cultura, ou a uma identidade cultural tradicional do passado, mas sim pelas limitações de uso das terras estabelecidas pelo o Estado. Vale ressaltar que no Estado da Bahia foram identificados todos esses três tipos terras\finalidades.

Quando se pensa em lazer, e sua relação entre território e leis, questiona-se que tipo de lazer é praticado em cada território, pois cada uma delas tem uso/apropriação dos recursos diferenciados estabelecidos por lei que pode está influenciando na prática de diferentes formas de lazer.

Então, nas áreas de posse permanente, nas reservas definidas pelo Estado ou dominiais, os índios são livres para apresentar uma identidade cultural independente ao exigido pelos órgãos reguladores, sociedade para sua demarcação? E a sua cosmografia, ou seja, os que fazem em suas práticas de lazer são similares em todas as fases do processo demarcatório? Se forem diferenciadas é devido ao tipo de categorização de terra estabelecida pelo Estado. O tipo de lazer praticado é importante

para definição dessas categorias?

Assim, busca-se responder às questões antes colocadas com o objetivo de relacionar o lazer, território e legislação aplicável a demarcação de terras indígenas.

Inicialmente, é oportuno lembrar que o processo de demarcação é legalmente composto de cinco fases, implicando em decurso de tempo para se avançar de uma fase à outra, de modo que é possível afirmar ser de suma importância a atividade de lazer desenvolvida em cada caso e em cada fase na medida em que poderá ter significado e relevância, enquanto conduta do grupo no território, em todas as fases da demarcação. Oliveira (1998) descreve cada uma das fases, sendo a primeira:

A condição inicial, a das terras não-identificadas, corresponde a um verdadeiro “ponto zero” do processo demarcatório, uma situação na qual o Estado ainda nada faz em termo positivo [...] Esta fase reagrupa as categorias “Sem providência” e “Em identificação” na listagem (p. 47).

Essa fase refere-se a terras, sobre as quais não existem muitas informações, nem sobre seus ocupantes. Na fase seguinte a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) faz-se presente nas terras foco da demarcação já com conhecimento da área através de documentação. Oliveira afirma:

[...] procede uma identificação preliminar (documentos avulsos, plantas e relatórios de Grupos de Trabalho da FUNAI), ou que definem e encaminham uma proposta de delimitação, ou ainda, que estabelecem uma interdição (em caráter temporário) de uma dada área. O termo identificado está empregado para designar essa fase aglutinando as sub-categorias “Identificada” e “Interditada” (p. 47).

Será que nesses documentos e relatórios confeccionados pelos grupos de estudos da FUNAI, o lazer pode ser um ponto relevante para o encaminhamento para a fase seguinte, a da delimitação? Pois, segundo a Portaria/FUNAI nº 14, de 09 de janeiro de 1996, que estabelece regras para elaboração dos relatórios circunstanciados de identificação e delimitação de terras indígenas, alguns parâmetros devem ser apresentados no relatório final, o qual:

[...] para propiciar um regular processo demarcatório deve precisar, com clareza e nitidez, as quatro situações previstas no parágrafo 1º do art. 231 da Constituição, que consubstanciam, em conjunto e sem exclusão, o conceito de “terras tradicionalmente habitadas pelos índios”, a saber: (a) as áreas “por eles habitadas em caráter permanente”, (b) as áreas “utilizadas para suas atividades produtivas”, (c) as áreas “imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem estar”, e (d) as áreas “necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Como se pode notar o relatório leva em consideração alguns dados bem claros, concretos e objetivos, não deixando de lado os fatores subjetivos como o bem estar e a reprodução cultural. Essas duas temáticas provocam a discussão do conceito e do

objetivo do lazer. Ele, o lazer, pode ser compreendido como forma de proporcionar o bem estar dos indivíduos e possibilitar o resgate e a construção de novas atividades tradicionais de lazer que estimulem a interação social e o sentimento de pertencimento entre os indivíduos e desses com uma determinada localidade.

A fase de responsabilidade do Presidente da República indica, segundo Oliveira (1998), “[...] a existência de um ato administrativo, valor reconhecido por lei ou decreto, que estabeleça os limites físicos de uma área e a reconheça como destinada aos índios”. Com base ato administrativo de homologação dar-se procedimento a demarcação que estabelece os limites do território. Cita ainda o autor que:

A demarcação corresponde à materialização de uma intensão legal, fazendo parte de um conjunto de dispositivos homologatórios através dos quais o Estado ratifica e retifica (umas vez que a demarcação física sempre acarreta certo reajuste nos limites e na superfície total) uma delimitação precedente.” (p. 48)

Oliveira finaliza sua explicação sobre o processo demarcatório salientando que a completa regularização, ou seja, o registro em cartório, é a última fase do processo. Afirma que:

[...] compreende as ações de matrícula da terra indígena no serviço de Patrimônio da União (SPU) e registro nos Cartórios locais de Registro de Imóveis. É somente após a conclusão dessas providências que a posse de uma terra por índios se torna tão documentada quanto os títulos dominiais dos brancos, com ampla aceitação e reconhecimento pelas autoridades estaduais e municipais (OLIVEIRA, 1998, p. 48).

É conveniente ressaltar que antes, durante e após o processo de demarcação e regularização das terras, o sentimento dos indígenas de pertencimento ao território objeto de demarcação é muito relevante, podendo mesmo constituir-se em fator decisivo para a garantia do seu direito à posse definitiva daquela área de terras.

Dentre as estratégias ou fatores decisivos, o lazer pode ser bastante relevante, pois, em algumas situações, a depender do tipo de finalidade ou natureza que a área foi demarcada, pode até mesmo condicionar e influenciar socioeconomicamente a vida de seus ocupantes. Há casos, como se sabe muito bem, que da terra, muitas vezes, não podem tirar o sustento. E, em situações que tais, precisam trabalhar fora da área demarcada para obter meios de sobrevivência. Assim, a terra, além de seu lar é também o local no qual o tempo livre, o lazer, se desenvolve, representado, entre outros, pela pesca, jogos, danças, rituais, ou, simplesmente, como local de descanso, de relaxamento do tempo de trabalho. Essa ocupação do tempo livre com o lazer pode contribuir para despertar o sentimento de pertencimento ao território, à sua “terra”.

Essa “terra”, tema deste artigo, é o território dos índios Pataxó do sul da Bahia, região hoje conhecida como Costa do Descobrimento. Esses indígenas vêm há séculos sendo explorados das mais variadas formas, tendo enfrentado diversos processos

de tentativa de “civilização”, seja através da catequese, aldeamento, escravização e mesmo “integração” à sociedade envolvente, como súdito real, quando não eram exterminados, no caso de não se sujeitarem a nenhuma das opções anteriores.

Assim, esse processo ao qual foi submetido os Pataxó, assim como muitos outros grupos indígenas no Brasil, foi justificado pela formação da nação brasileira. Sua fundamentação respaldou-se na ideia de “civilização” dos gentios, conversão religiosa e desenvolvimento econômico da coroa no período colonial (e depois da independência do Estado brasileiro). Conseqüentemente, muitos nativos perderam seus territórios e a sua condição de livres para escravizados, em prol dos interesses econômicos do Estado. Afirma Almeida (2003):

[...] a alternativa mais viável e racional para a exploração econômica do Novo Mundo, não podia, absolutamente, prescindir dos povos indígenas: através de relações de alianças e/ou de conflitos, os europeus buscavam obter dele as terras, os alimentos e o trabalho, necessário aos seus empreendimentos coloniais.” (p.34).

Nota-se, aqui que a condição dos indígenas era definida ou bem como aliados ou bem como inimigos dos colonizadores. Muitas vezes acabavam na condição de aldeados em território com o qual não guardavam ligação histórica anterior ou dadas as condições de administração desses aldeamentos o sentimento de pertencimento ao local ficava comprometido, apesar de toda a gestão administrativa para que se submetessem a essa condição. Nesses casos é evidente que não podiam exercer livremente suas tradições culturais, que em geral não eram bem vistas, ou valorizadas, Os não aldeados ou “livres” podiam pelas razões inversas, desenvolver seus usos costumes e tradições e assim praticar todos seus rituais tradicionais nos locais ainda não atingidos pelos colonizadores, tendo sido muitos deles exterminados pela resistência a alianças que ofereceram aos europeus.

Uma interrogação é levantada: mudam-se as opções de lazer de acordo com o tipo de território ocupado? Será que num território demarcado é possível desenvolver ou construir novas opções de lazer que afirmem o sentimento de pertencimento a esse novo território ocupado?

Almeida (2003) levanta uma hipótese que pode dar pista sobre tais questões. Ele afirma que as aldeias coloniais “[...] foram também um espaço indígena, no qual os índios encontraram possibilidades de se adaptar à colônia, recriando suas tradições e identidade”. Esse é um indício que pode apontar também para mudanças nas práticas de lazer indígena de acordo com o tipo de território ocupado e as relações que desenvolvem dentro dele de acordo com sua cosmogonia.

Outro exemplo da importância do território como estratégia que assegure o sentimento de pertencimento e preservação da identidade cultura é notado na função das roças e sítios, longe das vilas, no período colonial, onde não eram reprimidas as práticas dos rituais tradicionais indígenas.

Fazendo uso de colares, pinturas, plumagens, cânticos, bebidas e danças, os líderes xamânicos conectavam os humanos com os espíritos encantados, expulsando os males do corpo, reorientando os ciclos da natureza, reorganizando a hierarquia das coisas e, conseqüentemente, reforçando os laços afetivos e simbólicos dos grupos indígenas” (Cancela, 2012, p. 14)

Pode-se observar a importância do território como espaço para a manutenção, construção e afirmação da identidade indígena pela identificação com suas culturas e tradições (danças, rituais, pinturas ornamentações e estrutura social), onde o sentimento de pertencimento se faz presente. Esses espaços eram locais de realização de trocas culturais e de lazer para os que ali se dirigiam.

É desse território que foi “tomado” do grupo indígena pelos não indígenas que esse artigo trata, e do direito ao acesso a ele. Território esse que sempre foi seu (dos indígenas), onde desenvolviam seus rituais sagrados, do qual tiravam seu sustento e no qual realizavam suas práticas de lazer, por meio da caça, pesca, cantos, danças e festas.

Essas manifestações realizadas no tempo livre, à parte do trabalho, foram persistentemente combatidas pelos colonizadores, pois, nesse processo de “civilização”, os índios, eram proibidos de praticar ações e comportamentos que pudessem proporcionar o retorno ao seu estado “selvagem”. Tais expedientes de cerceamento das manifestações culturais autóctones visavam o “apagamento” de sua identidade cultural em sua memória, e foram muito praticados. Muitas vezes sob o pretexto ou a ideia de que os estavam beneficiando, por isso mesmo o apelo ao termo civilizar.

Na história contemporânea dos Pataxó, marginal e marginalidade, são os termos mais utilizados para classificar os índios que hoje ocupam a região Nordeste do Brasil, incluindo os Pataxó, como aponta Cunha (2009).

Essa classificação homogênea todos os povos indígenas desta região como compartilhando uma mesma identidade cultural. De certa forma ela pode ser considerada homogênea quanto ao processo de colonização a que foram expostos, justificado pela ideia de “civilização” e inclusão na sociedade nacional envolvente.

Aponta ainda Cunha (1992), que esse processo foi sangrento, e não apenas no sentido de derramamento daquele sangue que corre nas veias, mas também no sentido figurado, aquele que foi derramado nas mentes e na cultura dos povos indígenas, pois, tão grave quanto a violência física a que foram submetidos, a simbólica, também teve suas conseqüências através de processos de busca de “assimilação” e processos de mestiçagem pelo contato com os colonizadores, do estabelecimento de aldeamentos, ações de catequização, dentre outras.

A “civilização” era uma das metas a ser alcançada, para isso existia uma tentativa de coibir as manifestações culturais indígenas, a escola, igreja, as mudanças sociais, econômicas e culturais coloniais foram fundamentais para alterar as relações dentro dos grupos étnicos indígenas.

Hoje com o processo de “civilização” a que foram expostos, entre outros fatores, o contato com o meio urbano e o avanço dos empreendimentos econômicos na região, seja pelo mercado imobiliário, turismo, indústria madeireira, pecuária, e mais recentemente pela monocultura do eucalipto e indústria de celulose, os Pataxó passaram por um processo de “transformação” de sua identidade cultural, acarretando a difícil tarefa de identificação dos sinais diacríticos em relação à da sociedade não índia.

Desta maneira, muitos que visitavam a região, mesmo dentro de uma aldeia indígena, não identificavam os que ali moravam. Havia, portanto, a necessidade de afirmar os sinais diacríticos, de sua identidade cultural índia, para que alguns direitos reservados a esses pudessem ser efetivados, para isso, estratégias foram construídas.

Desta forma o turismo não é de todo mal. Ele tem possibilitado a comercialização pelos indígenas de seus produtos artesanais contribuindo assim como meio de renda. Contribui igualmente para que costumes e tradições sejam valorizados fortalecendo desta forma, a identidade cultural do grupo:

Em termos culturais o turismo ajudou a provocar uma reflexão em torno do “resgate” de uma cultura ancestral que vem sendo reconstruída a partir de diversos projetos nativos coletivos e individuais (...) demandando por uma ordem cultural diferencial correspondente às imagens de uma suposta vida indígena tradicional e integrando os Pataxó a um domínio imposto pela ordem capitalista global (inclusive em termos culturais), nem por isso deixa de ser também força motriz para uma revitalização cultural que reforça ainda o orgulho étnico entre os mais jovens (...) (GRUNEWALD, 2001, p. 203).

Portanto, essa é uma oportunidade de marcar o território pelo discurso da diferença e fronteiras, e assim, fortalecer sua etnicidade, construindo um novo índio nesse processo globalizado e novas opções de lazer pelos próprios índios construídas.

Nesse processo de construção e afirmação dessa identidade cultural Pataxó muitas foram as estratégias, dentre elas, o resgate da língua, pintura corporal, rituais, danças e jogos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos foram uma das estratégias criadas como opção de lazer indígena que deram visibilidade à etnia Pataxó, principalmente durante a semana em que se comemoram as festividades do dia do índio, que poderia ser o dia da consciência indígena, devido a todo sofrimento que povoa a sua história, há séculos. É importante que os Jogos Indígenas Pataxó correspondam ao momento de culminância do tempo de lazer praticado durante todo o ano nas aldeias Pataxó.

Esses jogos foram criados oficialmente no ano 2000, em decorrência das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, no município de Santa

Cruz Cabrália, no Estado da Bahia. Eles estão carregados de objetivos e significados empregados pelos seus praticantes.

Logo, esses jogos podem apresentar características que podem defini-los como sagrados ou profanos. Quando promovem o resgate das atividades tradicionais, podem ser classificados como sagrados, e a partir do momento que possuem características do esporte de alto rendimento (espetáculo), caracterizado pela competição e a busca de resultados, são profanos.

Os jogos Indígenas Pataxó, portanto, podem ser uma forma de lazer sagrado, pois neles ainda não estão presentes elementos que reduzem o caráter lúdico dessas manifestações, como: a sistematização e regulamentação, bem como a criação de órgãos aos quais essas práticas estão vinculadas, determinando o tempo, local, equipamentos e em que condições elas devem ser praticadas, sofrendo a influência da mídia, que vive dos recordes e quebras de recordes de desempenho.

Pode-se observar que nos jogos indígenas Pataxó, todos esses elementos que caracterizam o esporte espetáculo são flexíveis, parece que cada indivíduo se satisfaz com sua participação, está ali por livre e espontânea vontade para exercitar suas habilidades num tempo e espaço de confraternização de uma data relevante para todos que se identificam como indígena.

Observa-se, durante esse momento de lazer, vivenciado nos jogos Indígenas Pataxó o exemplo prático da definição do termo socialização, pois é um momento de integração dos indivíduos e desses com a sociedade.

Essa socialização através do lazer desperta em seus praticantes o sentimento de pertencimento ao seu lugar e conseqüentemente a sua cultura, tornando-se agente difusor dessas, agora, tradições sociais e assim perpetuando essa cultura de lazer no espaço onde vivem.

Os jogos, desta forma, podem exibir características de serem não apenas uma apresentação ou representação, mas, também, uma relação social entre os Pataxó e destes com outras etnias e seu território.

E assim, essa manifestação de lazer, o jogo, poderá ser entendido como elemento tradicional, etnodesporto, cultura, marcador identitário que contribui na conduta territorial, cosmografia, fortalecimento do sentimento de pertencimento e conseqüentemente, mais um importante elemento na luta pelo reconhecimento de seus direitos pela terra, portanto, o lazer se configura como um elemento da cultura.

O lazer não é apenas uma atividade voltada ao ócio, representa, também como visto acima, um conjunto de elementos produzidos socialmente e desta forma, o tipo de lazer praticado em um determinado espaço pode revelar traços de uma sociedade, influenciando-a.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Metamorfoses Indígenas: Cultura e identidade nos aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.
- CANCELA, Francisco. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridade régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro (1763 – 1808)**. Salvador: Tese, UFBA, 2012.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura & STEIL, Carlos Alberto. **Natureza e Imaginação: o Deus da Ecologia no horizonte moral do ambientalismo**. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo, V. XVI, nº, 4, 2013.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GONSALVES, Alana Mara Alves. A teoria do lazer de Norbert Elias: Primeiras aproximações. Recife. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.
- GRUNEWALD, Rodrigo Azevedo. **Os índios do Descobrimento: tradição e turismo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.
- LITTLE, Paul – **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil – Por uma antropologia da Territorialidade, Simpósio “Natureza e Sociedade: Desafios Metodológicos para a Antropologia”**, na 32ª Reunião de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.
- MARCELLINO, N. C. O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. **Rev. Bras Ciênc Esporte**, Campinas, v. 12, n. 1-3, p. 313-317, 1992.
- MIRANDA, Roberto Sousa. Ecologia política e processos de territorialização. **Revista Sociedade e Estado**, v.28, nº1, jan./abril, 2013, p. 142-161
- MOREIRA, Wagner Way. **Qualidade de Vida: Complexidade e Educação**.
Campinas, SP: Parirus, 2001.
- OLIVEIRA, João Pacheco. **Indigenismo e Territorialização Poderes rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- PARKER, Stanley R. **A sociologia do lazer**. Zahar. 1978

A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Wéveny Bryan da Silva Correia

Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade
Educação Física - PE

Morgana Alves Correia da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade
Educação Física - PE

Lara Colognese Helegda

Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade
Educação Física - PE

RESUMO: Introdução: A vida tumultuada e as rotinas vividas em busca da sobrevivência, tem feito com que homens, mulheres, crianças, adolescentes deixem de cuidar da sua saúde, isso já iniciando desde o período escolar. Evidências demonstram que a inatividade física e a condição sedentária representam uma séria deterioração das funções corporais normais, principalmente quando ligadas a outros fatores de risco às doenças crônicas degenerativas e, conseqüentemente, para o surgimento de doenças cardiovasculares. Os programas de exercício físico de predomínio aeróbio condicionam o sistema cardiovascular proporcionando alterações positivas em relação às disfunções crônico-degenerativas e, a dança vem a ser uma opção, abrindo caminhos para uma nova concepção de vida, onde todas as

peças independentes de suas idades, podem expressar seus sentimentos e emoções por meio do movimento corporal ritmado. **Metodologia:** Revisão de literatura por assunto nas bases de dados MEDLINE (PUBMED), BIREME (LILACS) e SCIELO, publicados de 2009 a 2014 e livros publicados de 1973 a 2010. **Objetivo:** evidenciar sobre a importância do conteúdo dança como uma modalidade de exercício físico tanto nas escolas como em outros ambientes, seus benefícios físicos e orgânicos quanto ao condicionamento aeróbio na prevenção de doenças crônicas degenerativas e doenças cardiovasculares. **Conclusão:** Conclui-se que a dança quando praticada respeitando os preceitos básicos do movimento contínuo, longa duração, intensidade leve moderada, proporciona um perfeito estado de equilíbrio “Steady State” entre o consumo e a oferta de oxigênio no organismo dos indivíduos. Para que essa atividade seja controlada com maior eficácia, cálculos a partir da frequência cardíaca máxima, obtendo-se resultados seguros da zona alvo de treinamento, asseguram aos praticantes seus benefícios físicos e orgânicos que a dança pode proporcionar.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; educação; prevenção; doenças cardiovasculares.

INTRODUÇÃO

A vida tumultuada e as rotinas vividas em busca da sobrevivência, tem feito com que homens e mulheres deixem, muitas vezes, de cuidar da própria saúde, levando-os a padecerem precocemente de enfermidades graves e, até mesmo mortais, devido a falta de atitudes preventivas regulares, sendo uma delas, a prática da dança (LEE, 2010).

Existe todo um conjunto de evidências e de estudos que demonstram que a inatividade física e a condição sedentária representam uma séria deterioração das funções corporais normais, principalmente quando ligadas a outros fatores de risco às doenças crônicas degenerativas e, conseqüentemente, para o surgimento de doenças cardiovasculares (LAVIE et.al., 2009; PENA et.al., 2011).

Problemas clínicos graves, como as coronariopatias, decorrentes dos fatores de risco como hipertensão, obesidade, estresse, entre outras características que as desenvolvem, estão também direta e indiretamente relacionados com a ausência de exercícios físicos regulares e o estilo de vida adotado pelos indivíduos (TERRA, 2010).

Um dos possíveis fatores que levam a inatividade física entre os indivíduos é o desconhecimento correto de como se exercitar; da modalidade escolhida, se esta pode alcançar o objetivo que o praticante necessita e, ainda, de quais benefícios físicos e orgânicos podem ser conquistados a partir da prática regular da atividade, neste caso, a dança.

A partir disso, o conhecimento, a orientação e o acompanhamento de um profissional de educação física, torna-se imprescindível para o sucesso e desempenho físico do indivíduo que inicia a prática física, independente da modalidade escolhida.

Assim, uma das maneiras para obtermos saúde seria desenvolver uma filosofia de vida voltada para a prática de exercícios físicos. Eles devem fazer parte do dia a dia das pessoas. É necessário, esforço, disciplina e persistência para manter o corpo saudável e em boa forma. A prática dos exercícios físicos deve ser contínua e bem orientada e encarada como um bem em nossas vidas e, o resultado deste esforço, será uma vida saudável, qualidade de vida e bem estar geral.

Para provocarmos um impacto mais significativo sobre a melhora da saúde geral e reduzir o risco de desenvolvimento de doenças e disfunções, torna-se necessário abordar o indivíduo como um todo, procurando orientá-lo para um estilo e hábitos saudáveis tendo a prática regular de exercícios físicos em sua rotina de vida (TEODORO et.al., 2010; PENA et.al., 2011).

Entre tantas modalidades de atividades físicas existentes para beneficiar o sistema cardiovascular, a dança, também vem a ser uma das opções, abrindo caminhos para uma nova concepção de vida, onde todas as pessoas independente de suas idades, podem expressar seus sentimentos e emoções por meio do movimento corporal ritmado (MOSSMANN, 1995).

A dança, quando bem executada e orientada, pode trazer inúmeros benefícios

para a saúde geral. É considerada uma das mais antigas das artes (MENDES, 1985) e resume-se em movimentos cadenciados incluindo passos executados ao som e ao compasso da música (BARBANTI, 1979).

Para tanto, o objetivo desse estudo foi evidenciar sobre a importância da prática da dança como um conteúdo e modalidade de exercício físico para os indivíduos, tanto nas escolas como em outros ambientes, seus benefícios físicos e orgânicos quanto ao condicionamento aeróbio na prevenção de doenças crônicas degenerativas e doenças cardiovasculares.

METODOLOGIA

Neste estudo, utilizou-se revisão bibliográfica por assunto. Foram utilizadas como referências, publicações em nacionais e internacionais de artigos científicos nas bases de dados MEDLINE (PUBMED), BIREME (LILACS) e SCIELO de 2009 a 2014 e livros publicados de 1973 a 2010, consultados na Biblioteca Central e Biblioteca da Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Os principais descritores do assunto utilizados para a pesquisa foram: dança, prevenção, exercícios físicos, exercícios aeróbicos, doenças crônico-degenerativas e doenças cardiovasculares.

A SAÚDE CARDIOVASCULAR

O sistema cardiovascular integra o corpo como uma unidade, proporcionando aos músculos um fluxo contínuo de nutrientes e oxigênio, permitindo a manutenção de um alto rendimento energético, onde, os produtos do metabolismo são removidos dos locais de liberação de energia pela circulação (GHORAYEB et.al., 1973).

Assim, a função básica do sistema cardiovascular é proporcionar fluxo sanguíneo necessário para manter a homeostasia dos vários tecidos do organismo (LEITE, 1996).

O movimento humano depende da transformação da energia química dos nutrientes, armazenados nas células em energia mecânica, ou seja, movimento - contração muscular e, ainda, das fontes energéticas nos processos metabólicos anaeróbios e aeróbios. Do ponto de vista metabólico aeróbico, quanto mais eficiente for o sistema cardiovascular em oferecer oxigênio (O_2) e distribuir o fluxo sanguíneo aos tecidos, melhor será a capacidade funcional do sistema, melhor será a eficiência de transporte de oxigênio e extração do mesmo pelos tecidos em atividades metabólicas, quando acima dos níveis de repouso (PORTO, 2005; LEITE, 1996).

Vindo de acordo com a descrição anterior, cabe ainda salientar, que as informações acerca dos benefícios físicos e orgânicos a partir de um treinamento físico regular são a melhora da capacidade física geral, melhora do peso corporal, pressão

arterial e sensibilidade à insulina, ou seja, os exercícios físicos provocam uma série de respostas fisiológicas mantendo o equilíbrio celular e aumentando as demandas metabólicas e o consumo de energia corporal (TEODORO et.al., 2010).

BENEFÍCIOS FÍSICO ORGÂNICOS QUANTO AO CONDICIONAMENTO AERÓBIO NA PREVENÇÃO DE FATORES DE RISCO ÀS DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Os programas de exercício físico de predomínio aeróbico condicionam o sistema cardiovascular proporcionando alterações positivas em relação às disfunções crônico-degenerativas, reduzindo a probabilidade de surgir anomalias que possam limitar a capacidade funcional do indivíduo ou, até mesmo, levá-lo à morte prematura (LAVIE et.al., 2009).

O exercício físico aeróbico tem sido utilizado e recomendado tanto para prevenção quanto para tratamento de fatores de risco às doenças degenerativas e, conseqüentemente, às doenças cardiovasculares. De acordo com os preceitos sugeridos pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC) os exercícios físicos aeróbios devem ser praticados regularmente, com uma frequência semanal de no mínimo 3 vezes ou todos os dias da semana, com duração mínima de 30 até 60 minutos por sessão. A intensidade do esforço deve ser leve/moderada, com um controle da frequência cardíaca entre 50 a 60% da frequência cardíaca máxima ($FC_{máx}$) quando no início da prática, sendo aumentado esse percentual quando percebido pelo executante uma melhora em seu condicionamento (TEODORO et.al., 2010).

COOPER (1982), define os exercícios aeróbios como aqueles exercícios físicos de baixa e média intensidade que devem ser realizados por um tempo mínimo de 30 min e máximo de 60 min, ocorrendo assim, o equilíbrio entre o consumo e a oferta de oxigênio (*Steady-state*) que o organismo necessita para a execução da atividade. Os exercícios físicos moderados, ou seja, de baixa intensidade e longa duração, possuem a propriedade de utilizar a energia obtida principalmente pela utilização de oxigênio, caracterizando-se como aeróbio, beneficiando, portanto, o sistema cardiopulmonar (LEE, et.al., 2010).

Mesmo o exercício de baixa intensidade, praticado em um período mínimo de 15 minutos por dia, mostrou-se eficaz e diretamente associado à redução de 20% do risco de mortalidade cardiovascular (WEN et.al., 2011).

A utilização de uma Escala de percepção subjetiva pode ser utilizada para verificar a frequência cardíaca do indivíduo e controle da intensidade do esforço, no início, meio e fim da atividade, objetivando o controle e prevenção de mal súbito (HAYS et.al., 2010; LAVIE et.al., 2009).

A intensidade pela qual se realiza exercícios físicos aeróbios é fator essencial para seus possíveis benefícios, atuando tanto na prevenção quanto no tratamento da aterosclerose e, em relação a intensidade de execução do esforço físico, algumas

evidências mostram que exercícios físicos de alta intensidade, ou seja, 75 a 80% da frequência cardíaca máxima, com duração de 40 minutos, quatro vezes semanais, levam ao aumento do risco coronariano primário, aumento do estresse oxidativo, diminuindo a função vasodilatadora do organismo, aumentando a inflamação e agregação plaquetária, sendo contra indicado em pessoas previamente acometidas com aterosclerose (WEN et.al., 2011; LEE, 2010).

A DANÇA COMO CONTEÚDO NA ESCOLA E EM OUTROS AMBIENTES NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Dançar envolve basicamente movimentos e gestos, mas certamente existe algo a mais nessa atividade que lhe imprime características definitivas de sua essência. Como arte expressiva de sentimentos, emoções e movimentos organizados e combinados, oferece prazer e alegria aos que a praticam (BARBIRRA, 1993).

O movimento transmite elementos materiais e espirituais existentes em cada indivíduo, expressando e liberando a busca de valores, esses conscientizados por meio da sensibilidade. É a linguagem corporal e universal sempre verdadeira, sincera e profunda. É a matéria-prima da dança o que faz com que ela se torne real e inconfundível (BRIKMAN, 1975).

Por isso, o movimento em dança não é somente a demonstração de gestos corporais e a perfeição de seus desenhos e, sim, a transitoriedade e os traços que deixam marca, impulso e contenção, imobilidade e ação. O movimento no corpo dançante deve ser trabalhado, transformado, configurado para que assim, possa surgir a dança (LABAN, 1990).

Enfim, o movimento em dança, diz respeito ao modo com que o corpo movimentase para dançar. Ele está sempre em construção e organização, designando um deslocamento, uma transformação e identificando-se com o impulso corporal, capacitando a projeção do corpo no tempo e no espaço (LABAN, 1990).

Sendo assim, a dança se executada como exercício regular e com os preceitos necessários dos exercícios aeróbicos pode contribuir para a melhora físico orgânica dos indivíduos e, conseqüentemente, prevenir os fatores de risco às doenças degenerativas e cardiovasculares.

A dança pode, ainda, contemplar habilidades motoras básicas, saltar, andar, e as capacidades físicas, flexibilidade, ritmo, equilíbrio, agilidade, coordenação motora, relaxamento, resistências musculares localizadas, condicionando e aperfeiçoado às qualidades físicas e os movimentos corporais, além de proporcionar motivação, prazer e bem estar em ser realizada e, conseqüentemente, benefícios à saúde (RAMOA et.al., 2014).

Como uma modalidade de exercício físico a dança pode ser realizada com repetições sistemáticas de movimentos orientados, com conseqüente aumento

no consumo de oxigênio, devido ao trabalho muscular periférico e cardiopulmonar (DELBIN et.al., 2009).

Uma série de passos ritmados, elaborados de acordo com determinado estilo de música, com duração entre 10 a 30 minutos, intensidade moderada e ênfase em movimentos contínuos, determinam a fase aeróbia da aula. Durante esse período, também, a frequência cardíaca é verificada para que se possa controlar os limites previstos para cada indivíduo (GUISELINI & BARBANTI, 1993).

Para que ocorra a aquisição dos efeitos físico orgânicos, como já citado anteriormente, é necessária a manutenção da frequência cardíaca dentro da zona de treinamento durante os 10 a 30 min de dança contínua e moderada. Este tempo se torna necessário para a produção de estímulos satisfatórios na melhora da capacidade aeróbia e da composição corporal (GUISELINI & BARBANTI, 1993; PORTO, 2005).

Uma maneira prática segundo GUISELINI & BARBANTI (1993), é utilizarmos a fórmula de KARVONEN:

$$FC_{\text{máx}} = 220 - \text{idade (anos)}$$

Esta equação indica a média de máxima frequência cardíaca por indivíduo e, essas devem ser individualizadas, ou seja, cada praticante deve controlar seu esforço por meio do resultado obtido a cada verificação.

Exemplificando-se e entendendo-se como controlar individualmente a Frequência Cardíaca ideal para a prática segura de exercícios físicos como em um indivíduo de 40 anos sedentário a partir da fórmula de Karvonen, temos: $220 - 40 = 180$ batimentos por minuto (bpm). Desse resultado, 50% de 180 é igual a 90 bpm, e 60% de 180 é igual 108 bpm. Ou seja, a Frequência Cardíaca segura para a prática de exercício físico para esse indivíduo sedentário é entre 90 a 108 bpm (ARAÚJO, 1996).

Com esse parâmetro da zona alvo de treinamento entre 90 a 108 bpm para um programa inicial, torna-se mais seguro e saudável obter-se ganhos físico orgânicos sem a desistência do praticante. No entanto, é necessário que com o passar de algumas semanas seja modificado o percentual de controle da $FC_{\text{máx}}$ devido à melhora do condicionamento físico do mesmo.

Dessa forma, a dança pode transformar-se em uma atividade que se utiliza de uma ampla variedade de movimentos do corpo trazendo benefícios a que a pratica. Ainda, favorece as relações socioculturais, emocionais e afetivas, expressando emoções intelectuais do ser humano (NANNI, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de exercícios físicos torna-se um dos aspectos que preconiza a prevenção de doenças crônicas degenerativas e doenças cardiovasculares. Assim,

uma proposta coerente de prevenção primária deve contar com uma atividade física planejada, estruturada e repetitiva, que tem como objetivo final o aprimoramento ou manutenção da aptidão física (PORTO, 2005).

A promoção da saúde por meio da dança supervisionada pode auxiliar no tratamento dos vários fatores de risco para doenças cardiovasculares, garantindo que indivíduos praticantes dessa atividade possam viver integrados à sociedade, física e mentalmente ativos, desenvolvendo com autonomia e independência as tarefas cotidianas, melhorando de forma considerável sua qualidade de vida (TERRA, 2010).

Os cuidados com o desempenho aeróbio são de extrema importância para que se obtenha resultados seguros e eficientes durante a prática da dança e, após, no dia a dia com melhora da funcionalidade geral do organismo.

Ou seja, aliados aos preceitos necessários para o desenvolvimento de uma atividade aeróbia que beneficie o sistema cardiopulmonar, torna-se importante que os profissionais da saúde e professores de educação física orientem, esclareçam e forneçam acompanhamento necessário aos praticantes para que esses possam conquistar mudanças físico orgânicas e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida ao longo de suas vidas.

Cabe salientar que, os ritmos em dança que objetivam os preceitos necessários ao exercício aeróbio podem ser os mais diversos. A escolha da valsa ou ainda, da zumba, podem exemplificar bem diferentes estilos de dança, porém, o importante se torna atender as normas supracitadas de um exercício aeróbio a um indivíduo sedentário e, assim, subseqüentemente, a indivíduos que melhoram seu condicionamento físico, devidamente controlados pela frequência cardíaca e, que se beneficiam com a modalidade dança.

Portanto, a dança pode ser utilizada como uma modalidade de exercício físico quando bem estruturada conforme os preceitos exigidos pelos exercícios aeróbios. Dessa forma, pode beneficiar o sistema cardiopulmonar, proporcionando mudanças no estilo de vida de quem a pratica, prevenindo os fatores de risco para doenças crônicas degenerativas e doenças cardiovasculares e, ainda, contribuindo para a formação dos discentes no meio escolar como uma prática futura, evitando o sedentarismo ao longo da vida.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a dança quando praticada respeitando os preceitos do movimento contínuo, longa duração, ou seja, mínimo 10 minutos e máximo 60 minutos, com intensidade leve moderada, proporciona um perfeito estado de equilíbrio “Steady State” entre o consumo e a oferta de oxigênio no organismo, aumentando e melhorando o condicionamento físico orgânico de quem a pratica, prevenindo assim, fatores de risco que possam culminar em doenças cardíacas, além de ser uma prática prazerosa e que

estimula pessoas de todas as idades a evitarem o sedentarismo e obterem qualidade de vida ao longo de suas vidas.

Para que essa atividade seja controlada com maior eficácia, cálculos a partir da Frequência Cardíaca máxima, obtendo-se resultados seguros da zona alvo de treinamento, asseguram aos praticantes os benefícios físicos e orgânicos que a dança pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. G. S.; LEITE, P. F.; BARROS, S. A. **Fisiologia do Esporte e do Exercício**. Belo Horizonte: Health, 1996.

BARBANTI, V. J. **Teoria e prática do treinamento desportivo**. São Paulo: Edgar Blucher, 1979.

BARBIRRA, W. **Dançar e sonhar: a didática do ballet infantil**. Belo Horizonte: Del Rey, 1993.

BRIKMAN, L. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 1989.

COOPER, **Capacidade aeróbica**. Rio de Janeiro: Sedegra, 1982.

DELBIN, M. A.; ANTUNES, E.; ZANESCO, A. **Papel do exercício físico na isquemia/reperfusão pulmonar e resposta inflamatória**. Rev Bras Cardiovasc., v. 24, n. 4, p. 552-561, 2009.

GHORAYEB, N. **O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

GUISELIN, M. A.; BARBANTI, V. **Fitness- Manual do Instrutor**. São Paulo: Balieiro, 1993.

HAYS, L. M.; PRESSLER, S. J.; DAMUSCH, T. M. et al. **Exercise adoption among older, low-income women at risk for cardiovascular disease**. Public Health Nursing., v. 27, n. 1, p. 79-88, 2010.

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAVIE, C. J.; THOMAS, R. J.; SQUIRES, R. W. et al. **Exercise training and cardiac rehabilitation in primary and secondary prevention of coronary heart disease**. Mayo Clin Proc., v. 84, n. 4, p. 373-383, 2009.

LEE, I-Min. **Physical activity and cardiac protection**. Current Sports Medicine Reports., v. 9, n. 4, p. 214-219, 2010.

LEITE, P. F. **Fisiologia do exercício, ergometria e condicionamento físico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1996.

MENDES, M. **A Dança**. São Paulo: Ática, 1985.

MOSSMANN, R. A. **A saúde do coração**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1995.

NANNI, D. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PENA, J. C. O.; MACEDO, L. B. **Existe associação entre doenças venosas e nível de atividade**

física em jovens? Fisioter Mov., v. 24, n. 1, p. 147-154, 2011.

PORTO, C. C. **Doenças do Coração: prevenção e tratamento**. 2ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RAMOA, A.; BOHN, L.; LEAL, H. et.al. **Physical Activity Motivation: impact of educational program in primary care**. GHEART, v. 9, n. 1, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.gheart.2014.03.2298>

TERRA, N.; OPPERMANN, R.; TERRA, P. **Doenças geriátricas & exercícios físicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TEODORO, B. G.; NATALI, A. J.; FERNANDES, S. A. T. et. al. **A influência da intensidade do exercício físico aeróbio no processo aterosclerótico**. Rev Bras Med Esporte., v. 16, n. 5, p. 382-387, 2010.

WEN, C. P.; WAI, J. P.; TSAI, M. K. et al. **Minimum amount of physical activity for reduced mortality and extended life expectancy: a prospective cohort study**. Lancet., v. 378, p.1244-1253, 2011.

A SATISFAÇÃO DE CLIENTES E O PROCESSO DE FIDELIZAÇÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO DO FITNESS

Christian Pinheiro Da Costa

Universidade Federal do Pará

Belém-Pará-Brasil

RESUMO: O Brasil figura entre os dez maiores mercados de fitness no mundo, porém, há uma preocupação com os possíveis impactos provocados pela atual situação econômica do país. O presente trabalho buscou analisar o nível de satisfação dos clientes de uma organização do fitness, como elemento importante no processo para a fidelização e a identificação de fatores que interferem no nível de satisfação destes consumidores e que implicam na evasão em reduzido espaço de tempo. A pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, de cunho exploratório, e foi realizada em uma academia de Belém, utilizando-se de questionários que foram respondidos por 210 (duzentos e dez) clientes escolhidos aleatoriamente, entre os frequentadores dos três turnos de funcionamento. Com os resultados obtidos pode-se destacar que os clientes estão totalmente satisfeitos com o atendimento oferecido na recepção, com os professores, com as instalações e as avaliações físicas; parcialmente satisfeitos quanto aos aspectos de gestão e serviços; e insatisfeitos com a dificuldade para estacionamento, com a ventilação e a limpeza de ambientes.

Concluiu-se assim que a competência técnica dos professores e a qualidade do atendimento prestado por eles são decisivas, visto a relação direta que possuem com os clientes. Na mesma direção, a atenção da empresa com as expectativas dos clientes em relação aos serviços prestados é fundamental para garantir a satisfação pessoal e a fidelização.

PALAVRAS-CHAVE: Satisfação, fidelização, mercado.

ABSTRACT: Brazil is among the ten largest fitness markets in the world, however, there is a concern about the possible impacts caused by the current economic situation of the country. This study aimed to analyze the level of customer satisfaction of a fitness organization as an important element in the process of loyalty and identification of factors that interfere in the level of satisfaction of these consumers and that imply in evasion in a short period of time. The research is characterized as qualitative-quantitative, of an exploratory nature, and was performed at a gymnasium in Belém, using questionnaires that were answered by 210 (two hundred and ten) randomly chosen clients, among those attending the three working shifts. With the results obtained it is possible to emphasize that the clients are totally satisfied with the attendance offered at the reception, with the teachers, with the facilities and the

physical evaluations; partially satisfied with the management and services aspects; and dissatisfied with the difficulty of parking, with ventilation and cleaning of environments. It was concluded that the technical competence of the teachers and the quality of the care provided by them are decisive, given the direct relationship they have with the clients. In the same direction, the attention of the company to the expectations of the clients in relation to the provided services is fundamental to guarantee personal satisfaction and loyalty.

KEYWORDS: Satisfaction. Loyalty. market.

1 | INTRODUÇÃO

Informações importantes sobre o mercado do fitness brasileiro constam no Global Report IHRSA 2017, que apresenta detalhamentos sobre quatro macro-regiões: Américas, Europa, Oriente Médio e Norte da África e Ásia-Pacífico. No documento, há informações do crescimento mundial da indústria do fitness, como o recorde de praticantes desde quando a entidade iniciou o levantamento de dados desta natureza, em 1987: mais de 162 milhões de pessoas movimentaram a impressionante quantia de US\$ 83,1 bilhões.

Embora o Brasil figure entre os dez maiores mercados de fitness no mundo, com 34.509 academias (2º lugar) e 9,6 milhões de clientes (4º lugar), que geraram uma receita bruta de US\$ 2,1 bilhões (10º lugar), há uma preocupação com possíveis impactos provocados pela situação econômica do país. Na comparação com os resultados do Global Report IHRSA 2016, há o crescimento do Brasil em número de academias (eram 31.809) e de número de clientes (eram 7,9 milhões), mas um decréscimo na receita (foi de US\$ 2,4 bilhões).

Para Munaier (2017, p. 01), apesar de “uma crise econômica e política severa, o mercado continuou sua hiperplasia (pois houve aumento no número de ‘células’) e hipertrofia (pois houve aumento no número de clientes por academia)”. Hoje, há mais pessoas praticando a atividade física de forma orientada em nossas empresas e, pela primeira vez, superamos a barreira dos 4% da população brasileira utilizando os serviços.

De acordo com Borges (2017, p. 13), “economicamente, os resultados das academias brasileiras não têm sido bons. O número de academias e de clientes cresceu, mas ainda está muito difícil para as empresas brasileiras ganharem dinheiro”. Atualmente, ele é o presidente da Associação Brasileira de Academias (ACAD) e considera que a diminuição de receita está relacionada com “a queda do ticket médio, por conta de vários fatores, entre os quais a crise, o câmbio e a invasão do modelo *low cost / low price*”, ou seja, baixo custo/baixo preço.

Ainda de acordo com Munaier (2017, p. 02), há necessidade de atentar para a queda do movimento financeiro pois, atualmente, a mensalidade média paga pelo

cliente brasileiro diminuiu, como provável reflexo da forte atuação das academias de baixo preço. E ele adverte quanto a necessidade de uma gestão financeira disciplinada, para que a academia também seja “saudável” neste quesito.

Sob o ponto de vista mercadológico, que inclui a oferta de programas de saúde contra a obesidade, de atividades para a terceira idade, produtos relacionados com alimentação saudável e incentivo a melhoria do desempenho esportivo, entre outros, a mudança no comportamento representa uma oportunidade de trabalho para inúmeros profissionais da área da saúde, sejam professores, nutricionistas, endocrinologistas, *personal trainers* ou treinadores, destacando também o aumento de faturamento para estúdios escolas de dança, escolas de lutas marciais e demais setores relacionados ao esporte e a atividade física.

De um modo geral, há um clima de euforia com o crescimento do mercado brasileiro, apesar do cenário adverso da crise econômica. Neste sentido, por meio de um estudo exploratório, buscamos a identificação de fatores que interferem no nível de satisfação destes consumidores e implicam na evasão em pouco tempo, intervindo no processo de fidelização.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Nem sempre os gestores de academias e centro esportivos possuem bom conhecimento do seu negócio. Muitas vezes a função é exercida por professores de Educação Física sem experiência administrativa, que aprendem na prática e na raça, argumenta Saba (2006, p. 67).

O mercado do fitness é um setor econômico que cresceu muito nas últimas décadas e esta atividade requer o tratamento típico de um bem econômico qualquer. Um negócio milionário capaz de seduzir investidores dos mais diversos perfis, com múltiplas possibilidades de geração de empregos diretos e indiretos.

O Brasil possui muitos cursos de graduação em Educação Física, ressalta Saba (2006, p. 113), mas ainda sofre da carência de bons educadores. Para ele, as faculdades precisam criar uma sistemática diferenciada para implantar o empreendedorismo desde o primeiro ano e equilibrar a postura do profissional tecnicista com a linha humanista.

Segundo Pereira (2009, p. 35), o negócio academia está se profissionalizando cada vez mais e muitos gestores destes locais já perceberam que, “para permanecer neste mercado, devem estar sempre atentos a fontes de receita e otimização de custos e que reduzir preços pode ter como consequência a diminuição da lucratividade de seu negócio”.

A má gestão pode representar risco para empresa. Bertão (2016, p. 03), afirma que “antes de se aventurar no mundo fitness, é preciso fazer um plano estratégico completo. Segundo o Sebrae, 24% das empresas brasileiras fecham as portas nos dois primeiros anos”.

Na mesma linha, Santana (2012, p. 177) indica que, “as práticas administrativas e de gestão de negócios exigem gestores/profissionais com uma qualificação não apenas técnica e específica da área de educação física, mas outras competências que são encontradas nas escolas de negócios e administração”. Para ele, a necessidade de informação e dados confiáveis é um passo importante para as academias, porém muitas outras informações devem ser coletadas e geradas para o fortalecimento e tomada de decisões estratégicas, que auxiliem a cadeia produtiva envolvida neste mercado: proprietários, fornecedores, vendedores, colaboradores, professores e clientes.

A baixa qualificação dos gestores é um dos maiores problemas das academias. Lima e Andrade (2003, p. 02), consideram que as academias estão presentes na vida social, muitas delas na forma de micro ou pequenas empresas, associando saúde, bem-estar e modismo em um mesmo ambiente e, por isto, “estudos relacionados a sua forma de gestão são desejáveis, considerando-se que é um tipo de negócio em expansão”.

No atual cenário de dificuldades econômicas, e também de acentuada concorrência, o tema fidelização causa grande preocupação aos gestores de academia, pois ela é a chave para a permanência prolongada de clientes, além de que este mercado tem uma característica agravante, com elevada taxa de rotatividade, ou seja, alto nível de evasão após as matrículas.

Esta preocupação tem sua lógica, pois de acordo com Viñaspre (2012, p. 168), “o fitness tem taxas muito elevadas de rotação de clientes se a compararmos com outros sectores. Não há nenhum estudo a nível nacional que indique, de maneira fiável, qual a taxa de rotação média do sector”.

Mas, para ele, dados recolhidos, recentemente, indicam taxas médias próximas de 70% por ano. Embora isto não seja bom, não é uma exclusividade do fitness, pois taxas semelhantes são encontradas em dietas de emagrecimento e programas para deixar de fumar.

Ao abordar o tema fidelização, Santos (2008, p. 01), ressalta o quanto é importante considerar aspectos relacionados não apenas ao cliente, mas também ao funcionário e ao investidor, que estão intimamente interligados e “para que o gerenciamento baseado na fidelidade produza frutos, é necessário considerar todas as partes. As pessoas estão acima dos processos: o objetivo de um negócio é criar valor, não apenas produtos/serviços”.

Nenhuma empresa pode satisfazer todas as necessidades de todos os consumidores. Portanto, destaca Santos (2008, p. 02), é preciso concentrar-se em determinados clientes e fazer todo o possível para conservá-los, elaborando políticas de preços, linhas de produtos e níveis de serviços voltados para o crescimento de sua fidelidade.

Os dirigentes das academias apresentam posturas diferentes quanto à concorrência. Para Lima e Andrade (2003, p. 06), os dirigentes das academias

apresentam posturas diferentes quanto à concorrência. “A preocupação com a concorrência ocorre na medida em que os dirigentes das academias querem saber o que está sendo feito pelas demais academias, em relação aos serviços e preços praticados. Por outro lado existem empresários que se preocupam apenas com a própria empresa, desconsiderando a presença dos demais”.

Segundo Lubisco (2010, p. 13), o mundo dos negócios revela facetas que quando aplicadas a qualidade de vida das pessoas costumam trazer mudanças profundas de perspectivas. Transportar as ferramentas de gestão das áreas de marketing e negócios para o dia a dia é um caminho, no mínimo, revelador.

3 | METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa quali-quantitativa, descritiva, de cunho exploratório, e obteve as informações dos participantes por meio de um levantamento de campo fazendo uso de questionários. Na parte inicial, o instrumento elaborado para a coleta de dados levantou informações gerais sobre o perfil do cliente, que não foram utilizadas neste estudo. Em seguida, constavam 07 (sete) questões fechadas referentes ao nível de satisfação dos participantes, abordando aspectos estruturais, cada um deles com vários itens referentes aos serviços oferecidos regularmente. No final do questionário havia a opção para uma Avaliação Geral do Nível de Satisfação.

Após a elaboração de uma versão preliminar do instrumento, aplicamos o mesmo à três clientes, para ajustes de interpretações que dificultassem a posterior análise dos dados. Em seguida, realizamos uma reunião com os monitores, que colaboraram na aplicação dos instrumentos, justificando a importância do trabalho para a empresa com os resultados obtidos sobre a percepção dos clientes.

A análise e interpretação dos dados foram simplificadas pela redução de variabilidade, com o uso de perguntas com respostas fixas. De fácil aplicação, as respostas objetivas eram limitadas às alternativas: Excelente (Totalmente Satisfeito), Bom (Parcialmente Satisfeito), Regular (Parcialmente Insatisfeito) e Mal (Totalmente Insatisfeito).

Na análise dos resultados, utilizamos a estatística descritiva, para ter uma visão global de variação dos valores, organizando e descrevendo os dados por meio de tabelas e de gráficos gerados pelo programa Microsoft Excel, para a análise de forma interpretativa através de porcentuais, identificando e analisando os motivos mais citados, como potenciais razões para a evasão de clientes, e relacionando com referências teóricas.

A amostra caracterizou-se como sendo não probabilística por conveniência, com os clientes que estiveram disponíveis para responder as perguntas, constituída por 210 (duzentos e dez) questionários aplicados a pessoas escolhidas aleatoriamente, entre

os frequentadores dos três turnos de funcionamento, que se mostraram disponíveis para responder as perguntas.

Os aspectos estruturantes pesquisados estão indicados, a seguir, com a relação dos itens avaliados em cada um deles:

- I. O Atendimento na Recepção: tempo de espera, domínio das informações, esclarecimento de dúvidas, resolução de problemas, atenção no acolhimento, motivação para o trabalho, cordialidade e simpatia;
- II. Os Professores: atendimento inicial, atenção para posturas e execuções, incentivo para atingir metas, resposta as suas necessidades, acompanhamento da evolução, motivação para o trabalho, cordialidade e simpatia;
- III. As Instalações e Estrutura Física: higiene e limpeza dos vestiários, da piscina e dos demais ambientes, utilização dos armários individuais, temperatura da água, qualidade da sonorização, programação musical e ventilação das salas;
- IV. Os Equipamentos: higiene e limpeza, manutenção e conservação, organização nos locais das atividades e quantidade de material de apoio;
- V. A Avaliação Física domínio dos procedimentos, motivação para o trabalho, cordialidade e simpatia;
- VI. A Gestão e Serviços: diversidade das modalidades, oferta de horários e a relação preço/qualidade;
- VII. Os Outros Aspectos: a localização, condições de acesso, diversidade de horários, possibilidade de estacionamento, concretização dos objetivos, atendimento de expectativas e preço das mensalidades.

A seguir, as análises oriundas das informações levantadas.

4 | ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para análise e interpretação dos dados, no levantamento estatístico de cada aspecto estruturante, verificamos a média dos valores obtidos nos respectivos itens, ressaltando aqueles de melhor desempenho (Excelente e Bom) e os que deixam a desejar (Regular e Ruim). Com base nisto, iniciamos as análises.

No tocante ao Atendimento na Recepção identificamos total satisfação em 48% dos clientes, 42% parcialmente satisfeitos, 7%, parcialmente insatisfeitos e 3% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a Cordialidade e Simpatia (58%), seguido pela Atenção no Acolhimento Diário (52%), enquanto a Resolução de Problemas (43%) deixa a desejar.

O atendimento ao cliente não se restringe ao momento da chegada à recepção. Saba (2006, p. 49) considera que os professores, os encarregados da limpeza ou manobristas, enfim, todos são responsáveis pelo atendimento. Ele também considera que tratar da gestão implica em falar de poder, prazos, ações, espaços, serviços e,

sobretudo, de gente pois “a lucratividade do negócio depende de pessoas. Funcionários e professores precisam conhecer os objetivos do cliente e se comprometer em atendê-lo bem, a fim de estimular o seu retorno”.

De acordo com Barbosa e Derzi (2011, p. 140), a base de um bom atendimento está em uma questão elementar: você está atendendo como gostaria de ser atendido? E ressalta a importância de deixar bem claro a diferença entre uma recepcionista e uma “decepcionista”.

Quanto aos Professores, 55% estão totalmente satisfeitos, 36% parcialmente satisfeitos, 7% parcialmente insatisfeitos e 2% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a Cordialidade e Simpatia (66%), seguido do Atendimento Inicial, enquanto o Acompanhamento da Evolução (49%) e a Atenção para Posturas e Execuções (50%) deixaram a desejar.

Atualmente, para Pereira (2009, p. 35), “um cliente é disputado por, no mínimo, dez academias no mesmo raio de atuação. A demanda de clientes é maior, mas aumentou as opções de academias que oferecem os mesmos serviços. Isto significa que para cada academia, isoladamente, a demanda diminuiu”. Neste ambiente de concorrência acirrada, é essencial atender, ou até extrapolar, a expectativa dos clientes para a continuidade prolongada do relacionamento. E a atenção dedicada pelos professores não pode ficar restrita ao bom relacionamento, mas também focar a obtenção de desempenho positivo.

No referente as Instalações e Infraestrutura, 23% dos clientes estão totalmente satisfeitos, 48% parcialmente satisfeitos, 22% parcialmente insatisfeitos e 7% totalmente insatisfeitos.

O item melhor avaliado foi a Temperatura da Água da Piscina (31%), enquanto a Programação Musical (23%) e a Higiene e Limpeza dos Vestiários (24%) deixaram a desejar, mas a Ventilação das Salas (12%) foi o item com pior avaliação. Nestes aspectos estruturantes há a necessidade de maior atenção e verificação de possibilidades de serem viabilizadas novas alternativas para atendimento das expectativas dos clientes, considerando as condições econômicas do empreendimento.

As expectativas de um potencial cliente quando entra em uma academia, são cada dia mais elevadas. Conforme Viñaspre (2012, p. 40), “os vestiários são uma área que tem especial importância, tanto em nível de limpeza como de conforto. Se uma instalação dispõe de uma área pequena, deve procurar um equilíbrio entre a quantidade de serviços que oferece e o conforto”.

Quando questionados sobre os Equipamentos: 20% estão totalmente satisfeitos, 53% parcialmente satisfeitos, 23% parcialmente insatisfeitos e 4% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a Quantidade (26%), enquanto Manutenção e Conservação (13%), seguida de Higiene e Limpeza (17%) deixaram a desejar.

De acordo com Saba (2006, p. 103), todos os funcionários são responsáveis pela limpeza que deve merecer apenas um adjetivo: impecável. Para garantir este nível, é necessário o gestor acompanhar isto de perto e cobrar pessoalmente dos

encarregados.

Ao opinar sobre a Avaliação Física 42% estão totalmente satisfeitos, 52% parcialmente satisfeitos, 6% parcialmente insatisfeitos e 0% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a Cordialidade e Simpatia (50%), enquanto o Domínio dos Procedimentos (38%) deixou a desejar.

Para Camargo (2016), a avaliação física é uma importante ferramenta para o posicionamento de uma academia perante seus clientes. Cada vez mais, os alunos buscam serviços e experiências que se adequem as suas necessidades, não apenas uma estrutura. Ele assegura que aluno algum reclamará de passar por um processo que o ajudará a alcançar seus objetivos.

Ao se manifestarem sobre a Gestão e Serviços 35% estão totalmente satisfeitos, 55% parcialmente satisfeitos, 8% parcialmente insatisfeitos e 2% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a Oferta dos Horários das Modalidades (38%), enquanto a Diversidade das Modalidades (34%) deixou a desejar.

Em Outros Aspectos, 40% estão totalmente satisfeitos, 47% parcialmente satisfeitos, 10% parcialmente insatisfeitos e 3% totalmente insatisfeitos. O item melhor avaliado foi a localização (57%), seguida das Condições de Acesso (50%). No entanto, as Possibilidades de Estacionamento (15%) e a Concretização de Objetivos deixaram a desejar. Sempre há o desafio do espaço para o estacionamento em capitais. O fator principal para a escolha de uma academia por parte dos clientes continua a ser a proximidade ao seu domicílio, afirma Viñaspre (2012, p. 39). Para ele “a acessibilidade é outro aspecto a ter em consideração. Em função da povoação em que estamos inseridos, podem existir hábitos diferentes no que toca à forma de deslocamento”.

E, na Avaliação Geral, percebemos que 37% estão totalmente satisfeitos, 48% parcialmente satisfeitos, 12% parcialmente insatisfeitos e 3% totalmente insatisfeitos. Manter um cliente requer menores recursos financeiros do que conquistar um novo cliente, afirma Caldeira (2006, p. 182) e a elevação da taxa de retenção dos clientes é de extrema importância para o sucesso econômico.

A importância de ter uma boa avaliação e manter elevado o nível de satisfação dos clientes é destacada por Viñaspre (2012, p. 179), pois “considera-se que nas empresas de serviços como: só um em cada 27 clientes se queixa, pelo que cada uma que recebemos deve ser multiplicada por 27, pois, seguramente, são clientes que tem a mesma queixa e não a comunicaram”. Diante do exposto, o acompanhamento dos serviços oferecidos, por meio de pesquisa de satisfação, torna-se imprescindível, para obter a real dimensão da expectativa dos clientes, em relação ao atendimento por parte da empresa.

5 | CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medição do nível de satisfação de um cliente é muito complexa, subjetiva, considerando que ela está relacionada com seu estado de espírito, e a atenção da empresa para com as expectativas dos clientes em relação aos serviços prestados é fundamental para garantir a satisfação pessoal e, por sua vez, a fidelização.

As mais diversas áreas de negócio têm dedicado muita atenção para as questões referentes à retenção de clientes. Neste trabalho, voltado ao cliente externo da Academia, objeto da pesquisa, uma questão essencial é quanto ao direcionamento da prioridade: buscar novos clientes ou manter os atuais clientes existentes. A julgar pela experiência e a relação custo-benefício, a continuidade de um cliente na empresa requer menor investimento do que o necessário para cativar um novo cliente. Assim sendo, a fidelização deve ser o foco.

A partir das informações obtidas através da avaliação do nível de satisfação de clientes, concluiu-se que a competência técnica dos professores e a qualidade do atendimento prestado por eles são decisivas, visto a relação direta que possuem com os clientes.

Mas alguns pontos merecem especial atenção, pois indicam insatisfações de clientes, tais como: as questões relacionadas com a dificuldade de estacionamento e principalmente, maior acompanhamento das atividades para alcance dos objetivos e expectativas. Ao mesmo tempo, há a necessidade de diversificar o conjunto de modalidades oferecidas, motivando significativa parcela do público consultado, minimizando a possibilidade da rotina.

A atenção da empresa para com as expectativas dos clientes em relação aos serviços prestados é fundamental para garantir a satisfação pessoal e, conseqüentemente, a fidelização. Uma estratégia de sucesso deverá equilibrar elementos como os apontados neste estudo, associados a uma busca permanente pelos resultados financeiros, para possibilitar a sobrevivência do empreendimento.

O gestor de uma Academia deve dar atenção especial para a atualização do plano de *marketing* da empresa. Ele possibilita o ajuste de estratégias estabelecidas inicialmente e o estabelecimento de novas metas. Embora pareça formal, o plano de negócios pode e deve ser flexível, além de periodicamente atualizado.

Paralelamente, deverão ser realizadas pesquisas complementares para acompanhar a satisfação do cliente. Neste sentido, a partir de alterações que serão introduzidas com base nas conclusões deste trabalho, o gestor deve buscar a permanente melhoria e qualificação dos serviços oferecidos ao seu público, lembrando sempre que o seu negócio é o comércio de bem-estar e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.; DERZI, T. Gestão para o sucesso: atividades físicas em condomínios. São Paulo:

Phorte, 2011.

BERTÃO, N. Brasil já é um dos maiores mercados “fitness” do mundo. Revista Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/brasil-ja-e-um-dos-maiores-mercados-fitness-do-mundo/>. Acesso: 09/10/2017.

BORGES, G. Mercado mundial de fitness em números. Revista ACAD. nº 78º. Disponível em: <http://www.acadbrasil.com.br/revista/revista78/index.html> Acesso: 09/10/2017

CALDEIRA, S. Retenção de clientes. In: CORREIA, A, SACÁVEM, A., COLAÇO, C. Manual de Fitness e Marketing. Lisboa - Portugal: Visão e Contextos, 2006. p 165-184.

CAMARGO, R. O papel da Avaliação Física no novo cenário fitness. Gestão Fitness. Disponível em: <http://www.gestaofitness.com.br/o-papel-da-avaliacao-fisica-no-novo-cenario-fitness/> Acesso: 12/09/2107.

CORREIA, A. Uma gestão de marketing dos ginásios e health clubes. In: CORREIA, A, SACÁVEM, A., COLAÇO, C. Manual de Fitness e Marketing. Lisboa - Portugal: Visão e Contextos, 2006. p 17-33.

LIMA, J. B., ANDRADE, D. M. . Elementos situacionais e práticas de gestão em academias de ginástica. Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. Anais... Brasília: UEM, UEL, UnB, 2003. p. 915 – 932.

LUBISCO, C. Gestão da Qualidade de Vida: como viver mais e melhor. Porto Alegre: AGE, 2010.

MUNAIER, C. Gestão consciente da Ginástica Coletiva. São Paulo: Phorte, 2012.

MUNAIER, C. O quê o Global Report IHRSA 2017 alerta para o fitness business do Brasil? Portal ENAF. Disponível em: <https://www.portalenaf.com.br/single-post/2017/07/31/O-qu%C3%AA-o-Global-Report-IHRSA-2017-alerta-para-o-fitness-business-do-Brasil>. Acesso: 15/09/2017.

PEREIRA, M. Sua carreira, um verdadeiro show. São Paulo: Phorte, 2009.

SABA, F. Liderança e Gestão para academias e clubes esportivos. São Paulo: Phorte, 2006.

SABA, F. Gestão em atendimento: Manual Prático para Academias e Centros Esportivos. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

SANTANA, L. C. Gestão de academias e mercado de fitness. In: L. C. MAZZEI, L.C., BASTOS, F. Gestão do Esporte no Brasil: desafios e perspectivas. São Paulo: Ícone Editora, 2012, p. 163-196.

SANTOS, D. Fidelização de clientes. Disponível em: Administradores.com: <http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/fidelizacao-de-clientes/20882/> . Acesso: 19/09/2017.

VIÑASPRE, P. Gestão profissional dos clubes de fitness. Lisboa - Portugal: Visão e Contexto, 2012.

ANÁLISE DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO EMPREENDEDOR EM UMA ESCOLA DE ESPORTES NO DISTRITO FEDERAL

Kaê Fialho Coura

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

Lucas Alves Oliveira

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

Francielly Martins Prado

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

Alexandre Lima de Araújo Ribeiro

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

Américo Pierangeli Costa

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

Leonardo Lamas Leandro Ribeiro

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação
Física

RESUMO: O estudo analisou as possibilidades da utilização da lei do Microempreendedor Individual (MEI) por profissionais de Educação Física para viabilização de uma escola de esportes. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, que apresentou o método de ensino dos jogos para compreensão (Teaching Games for Understanding – TGfU) como base teórica para a escola de esportes. A partir do negócio desenvolvido com base no TGfU foram analisadas as possibilidades de implantação da escola de esportes por meio das características do Microempreendedor Individual. Os resultados

demonstraram que as características previstas para o Microempreendedor Individual podem limitar e até mesmo inviabilizar o negócio, uma vez que o limite de faturamento é de R\$ 5.000,00 mensais.

PALAVRAS-CHAVE: Microempreendedor Individual; Escola de Esportes; Economia do Esporte; Educação Física; Distrito Federal.

ABSTRACT: The study analyzed the possibilities of using the Individual Microentrepreneur Act (MEI) for physical education Professionals to the viability of a school sports. It was treated in a descriptive study, who presented the method Teaching Games for Understanding (TGfU) been the Theoretical base of the school sports. From the business based in the TgfU, was analysed the possibilities of Implementation of Sports School through the characteristics of the individual microentrepreneur. The results showed that the characteristics as provided for Individual Microentrepreneur may limit and even derail the business, since the Billing Limit is \$ 5 000.00 Monthly

KEYWORDS: Individual Microentrepreneur; School Sports; Economics of Sports; Physical Education; Federal District.

1 | INTRODUÇÃO

O esporte é um componente cultural que possui grande importância na vida de todos os povos, além de ser, indiscutivelmente, um fenômeno global, fazendo assim com que se torne justificável a relevância dos estudos que auxiliam na interpretação do mesmo enquanto fenômeno social e passível de tratamento pedagógico (GAYA & TORRES, 2004).

Devido a sua natureza de fenômeno social, o esporte também é um importante fator de inclusão social, o que faz com que os projetos esportivos tenham grande procura por crianças e adolescentes das periferias das cidades (LIGGERI, 2014).

De Rose Jr. et al. (2009) explicam que ao se ensinar esporte é importante primeiro compreendê-lo como um fenômeno, de maneira que respeite seus diferentes significados e intenções, fazendo com que não se limite apenas ao aprendizado esportivo, mas que englobe o que os autores definem como ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva. Para que isso aconteça, a proposta pedagógica não deve ter como foco exclusivo somente os aspectos técnicos, mas também a importante capacidade de intervir e trabalhar com os alunos valores e princípios, tais como: companheirismo, *fair play*, entre outros.

Bem como o esporte, o empreendedorismo é uma manifestação da liberdade humana e um fenômeno, não apenas social, mas também comunitário e coletivo (DOLABELA, 2008).

Segundo Dolabela (2010) o empreendedorismo é um processo de transformar sonhos em realidade e em riqueza. O Brasil participa ativamente desse processo, visto que segundo pesquisa feita pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2016), o país aparece em primeiro lugar no quesito empreendedorismo, afirmando também que três em cada dez brasileiros entre 16 e 64 anos possuem uma empresa ou estão envolvidos na criação do próprio negócio.

Hisrich & Peter (2004) atentam para o fato do papel do empreendedorismo. Segundo eles o empreendedorismo envolve mais do que o aumento de renda, envolve também mudanças na estrutura do negócio e na sociedade. Visando mudanças e também atender a uma demanda apresentada por Dolabela (2005) que diz que o Brasil carece de inovação no empreendedorismo, buscamos a criação de uma Escola de Esporte voltada para a iniciação esportiva.

Diante disso, o objeto de estudo no presente trabalho é a iniciação esportiva, focada na metodologia do Teaching Games for Understanding (TGfU), trabalhada através de uma escola de esportes que servirá de análise para um possível vínculo com o sistema de micro empreendedorismo individual, conhecido por MEI.

De acordo com Arena e Bhome (2000), centros esportivos administrados por secretarias municipais e clubes esportivos privados são os grandes responsáveis por desenvolverem a iniciação esportiva no Brasil.

Em pesquisa realizada em 2003 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

- IBGE em parceria com o Ministério do Esporte, com o objetivo de apurar dados sobre atividade esportiva no País sob a responsabilidade da esfera pública, constatou-se que, de 26 estados pesquisados, 22 realizaram acordos com entidades privadas (IBGE, 2003).

Hoje no Distrito Federal o esporte voltado para crianças em fase de iniciação esportiva se dá principalmente através dos Centros Olímpicos e dos Centros de Iniciação Desportiva (CID).

As escolas de esportes da Secretaria do Esporte e Lazer do Distrito Federal, também conhecidas como “Centros Olímpicos” tem como objetivo o incentivo da prática esportiva (GDF, 2016). Porém essa prática esportiva citada anteriormente é focada na formação de atletas, ou seja, no desenvolvimento do esporte de alto rendimento (CARNEIRO, 2013).

Os Centros de Iniciação Desportiva (CID) são exclusivos de alunos da rede pública do Distrito Federal, onde tem como objetivo oportunizar a prática esportiva desses estudantes, ampliando seu conhecimento técnico e tático em diferentes modalidades de forma gratuita (GDF, 2016).

Esse estudo pode vir a contribuir para o melhor entendimento do papel da iniciação esportiva, do empreendedorismo no ramo da criação de escolas de esportes no Distrito Federal e até mesmo para que seja estudada a oportunidade de atuação dentro da profissão. Além disto, acredita-se que este venha a gerar um debate sobre a fundamentação e estruturação das escolas de esporte do Distrito Federal, gerando assim, reflexões a respeito do estado atual da iniciação esportiva, como ela é implantada e uma possível maneira de empreender no ramo.

Este estudo teve como objetivo verificar as vantagens e desvantagens do modelo de Microempreendedor Individual aplicado a Escola de Esportes e verificar a possibilidade do vínculo da Escola de Esporte com o Microempreendedor Individual.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, que de acordo com Gil (1999) tem como objetivo descrever características de determinada população ou buscar estabelecer relações entre as variáveis que serão analisadas. Nesse contexto, descrever significa identificar, relatar e comparar. Andrade (2000) concorda, explicando que a preocupação da pesquisa descritiva se dá em observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos sem que o pesquisador interfira neles.

Diante disso, em busca da facilitação do processo ensino aprendizagem, foram analisadas diversas metodologias de ensino, que por sua vez foram avaliadas para o processo de escolha da metodologia a ser implantada para a maior motivação do aluno, visando com que este adquira o hábito de ser fisicamente ativo, ocasionando um maior entendimento tático e técnico do jogo, por fim, gerando a proximidade da

metodologia aplicada à realidade do jogo completo.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola de esportes analisada aplica suas intervenções práticas baseadas na metodologia do TGfU e tem como público de seus serviços, moradores da região de Brasília - Distrito Federal.

A metodologia do TGfU gera uma grande vivência do aluno com o jogo final, fazendo assim com que o aprendizado dele com referência ao jogo seja grande e com que mesmo com um número não tão grande de aulas de determinado esporte, ele entenda o necessário da modalidade para despertar um possível interesse.

O TGfU tem um caráter social muito grande, visto que devido à proximidade com o jogo real, em modalidades coletivas existe sempre um grande número de crianças participando da atividade. Despertando assim uma possível propensão a criação de amizades dentro do grupo.

Essa metodologia gera um grande empoderamento por parte do aluno, fazendo assim com que ele melhore sua capacidade de tomar decisões dentro e fora do campo de jogo.

Todas as atividades são niveladas ao nível da turma, fazendo assim com que se reduza o número de alunos se sobressaindo devido a sua qualidade em determinado esporte, aumentando assim o poder do coletivo, ocasionando um ambiente em que todos os alunos participem ativamente das atividades.

O esquema de atividades presentes no TGfU faz com que os alunos desenvolvam diferentes habilidades motoras e apresentem uma melhora na adaptação a novas situações, o que ajuda no desenvolvimento físico, social e cognitivo. Para que isso aconteça, é preciso que no aquecimento sejam trabalhadas as habilidades necessárias para a aula de forma gradual, logo em seguida, são utilizados dois jogos pré-esportivos adaptados a idade e nível de habilidade dos alunos que podem apresentar um caráter mais divertido e um terceiro mais complexo que proporcione desafios que ajudem os alunos a compreenderem o jogo formal. Dessa forma, o entendimento do jogo e o desenvolvimento físico, afetivo e social se dão através da estrutura das aulas.

A partir dessa estrutura, definiu-se como objetivos da Escola Esporte: (a) melhor o desenvolvimento motor; (b) auxiliar na formação das crianças, realizando um papel importante de formação continuada, baseando-se na conduta profissional expressa por Aranha (2006), em que este fala a respeito da prática docente professores reflexivos e transformadores; (c) agir na formação física, afetiva e social; (d) oferecer uma prática esportiva regular, com base nos parâmetros de atividade física utilizados pela OMS (2011).

Além do supracitado, para atingir os objetivos propostos optou-se por dividir as turmas por faixa etária segundo a perspectiva de Greco e Benda (1998), na qual a

primeira turma tem idade entre 7 e 10 anos, sendo categorizada como estágio de iniciação esportiva universal, definido pelos autores como período onde as aulas devem atender a uma preparação geral, possibilitando ampla e variada vivência motora, ressaltando o aspecto lúdico. Já a segunda turma terá idade entre 10 e 12 anos, encaixando-se no estágio de orientação, onde é trabalhada a maior parte da automatização de movimentos, além do desenvolvimento das capacidades táticas gerais com aumento moderado de intensidade.

Entretanto, é importante ressaltar que o desenvolvimento humano acontece de forma individualizada e que as idades servem como referências e podem ser flexíveis para casos particulares.

As turmas também terão divisão de horário, trabalhando assim com uma turma de cada idade no turno da manhã e no turno da tarde.

As turmas terão doze modalidades fixas durante o planejamento semestral de atividades, sendo essas divididas em duas categorias, modalidades para aprender e modalidades para conhecer.

As modalidades para aprender tomarão um espaço maior das atividades, tendo portanto um maior número de aulas, pois o objetivo é fazer com que o aluno domine os fundamentos daquela modalidade e termine o semestre com conhecimento a respeito desta modalidade escolhida como aprender.

Em contraste com as modalidade para aprender, as modalidades para conhecer terão um espaço menor, porém não menos importante, no planejamento de aulas para os alunos. As modalidades para conhecer têm como objetivo principal despertar o interesse do aluno para aquela modalidade ou até mesmo para o estilo de esporte praticado naquela modalidade, possibilitando assim que para o próximo planejamento de aulas essa modalidade possa estar inclusa nas modalidades para aprender.

As modalidades para aprender e para conhecer utilizadas em um semestre de planejamento tem como base as quatro categorias de jogo propostas no método TGfU: jogos de alvo, jogos de rede/parede, jogos de rebater e jogos de invasão (Bunker & Thorpe, 1982). Logo, optou-se pelas modalidades: bocha, lançamento de dardo, beisebol, beto, voleibol, tênis, basquetebol, rugby, futsal, ultimate frisbee, handebol e lutas.

Para que o já citado torne-se possível é necessário investimento, e os valores envolvidos para a criação e manutenção da Escola de Esportes são diversos. Para fins desse trabalho foram realizados levantamentos de custo de materiais, reservas para manutenção, salário dos professores, faturamento e lucro mensais que geram um investimento inicial de aproximadamente R\$ 17.636,00. Após esse investimento inicial, que inclui os valores previstos para o primeiro mês de funcionamento, o valor mensal de manutenção da Escola de Esportes, incluindo professores, marketing e todas as demais reservas foi definido em, aproximadamente, R\$ 6.625,00.

Visto a desconsideração de patrocínios para essa previsão, o faturamento previsto se dá através das mensalidades pagas pelos alunos, considerando o número

de alunos previstos e desconsiderando as possíveis promoções, o faturamento é de R\$ 11.200,00 mensais. O lucro mensal estimado se dá através de conta simples, onde é subtraído o valor dos gastos mensais pelo faturamento mensal, gerando assim um lucro total de R\$ 4.575,00.

Após a idealização da Escola de Esportes para o presente estudo, buscou-se analisar a viabilidade com o modelo de Microempreendedor Individual, descrevendo cada benefício e cada dificuldade.

O sistema de Microempreendedor Individual oferece vantagens, tais como: (a) cobertura previdenciária, garantindo assim benefícios como auxílio doença, aposentadoria por idade, salário maternidade, pensão e auxílio reclusão; (b) o baixo custo para o registro de 1 empregado, onde são tributados 3% para Previdência e 8% para FGTS do salário-mínimo por mês; (c) a isenção de taxa de registro da empresa e concessão de alvará para funcionamento; (d) o único custo da formalização é o pagamento mensal do INSS e dos ICMS ou ISS; (e) a inexistência de burocracia para se manter formal, sendo obrigatória apenas uma declaração anual do faturamento da empresa; (f) a facilitação na obtenção de crédito junto aos bancos, pois os mesmos dispõem de linhas de financiamento com redução de tarifas e taxas de juros adequadas; (g) a facilidade e inexistência de taxas para emissão de alvará podendo esse ser emitido pela internet; (h) o auxílio gratuito de empresas contábeis que por lei devem auxiliar durante o primeiro ano todos os MEI's que requisitarem o serviço; e (i) a segurança jurídica, pois a formalização está amparada em Lei Complementar que impede alterações por Medida Provisória e exige quórum qualificado no Congresso Nacional.

No entanto, existem algumas desvantagens com relação a aplicabilidade do sistema para a Escola de Esportes, são elas: (a) a possibilidade de contratação de apenas um empregado, recebendo salário-mínimo ou piso salarial da profissão, fazendo assim com que exista uma possível sobrecarga de trabalho devido à falta de pessoal necessário; e (b) o teto de faturamento em R\$ 5,000.00 mensais ou R\$ 60, 000.00 ao ano, limitando o crescimento ou até mesmo a existência da Escola de Esportes nesses parâmetros.

4 | CONCLUSÃO

Conclui-se que o sistema do Microempreendedor Individual atende parcialmente a demanda apresentada pela Escola de Esportes proposta no estudo. Além disso, observou-se que o Microempreendedor Individual apresenta um alto número de vantagens referentes a Escola de Esportes proposta, porém, apresenta desvantagens que fazem com que o cadastramento da mesma torne-se uma utopia.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.L.A. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006
- ARENA, S.S.; BÖHME, M.T.S. **Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo**. Revista Paulista de Educação Física, v. 14, n. 2, p. 184-195, 2000
- BUNKER, D.; THORPE, R. **A model for the teaching of games in secondary schools**. Bulletin of physical education, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982
- CARNEIRO, F. H. S. **A política de esporte no Distrito Federal: Centros Olímpicos, "terceiro setor" e focalização**. 2013.
- Dolabela, F. **"Vinte princípios para a educação empreendedora." Mitos e equívocos** (2005)
- DOLABELA, F. **A corda e o sonho**. Revista HSM Management, v. 80, p. 128-132, 2010.
- DOLABELA, F. **Capital social e empreendedorismo**. 2008.
- GAYA, A; TORRES, L. **O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos**. GAYA, A, 2004.
- GIL, A; **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, 1999
- GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: UFMG, 1998
- Hisrich, R. D., & Peter, M. P. (2004). **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman. Instituto Euvaldo Lodi. (2010). Empreendedorismo: ciência, técnica e arte. Brasília:CNI. IEL Nacional
- LIGGERI, N. **Seletividade e distinção no esporte: um estudo do Centro de Iniciação Desportiva (CID) no contexto da Educação Física em Escolas Públicas de Ceilândia, no Distrito Federal (DF)**. 2014.
- MARTINS, G. A. **Manual Para Elaboração de Monografias E Dissertações** . Editora Atlas SA, 2000.
- ROSE J. R, Dante. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Artmed Editora, 2009.

ATRIBUIÇÕES E IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE PÚBLICA

Gildiney Penaves de Alencar

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Instituto de Educação e Pesquisa Alfredo Torres,
Universidade Norte do Paraná Campo Grande
Campo Grande/MS, Brasil

Maria da Graça de Lira Pereira

Instituto de Educação e Pesquisa Alfredo Torres
Campo Grande/MS, Brasil

Thiago Teixeira Pereira

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande/MS, Brasil

Cristiane Martins Viegas de Oliveira

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande/MS, Brasil

Camila Souza de Moraes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande/MS, Brasil

Gabriel Elias Ota

Faculdade Estácio de Sá Campo Grande
Campo Grande/MS, Brasil

Fabiana Maluf Rabacow

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande/MS, Brasil

RESUMO: A inserção do Profissional de Educação Física em meio à área da saúde é uma batalha recente e de suma importância para a qualidade de vida da população em geral. O objetivo da pesquisa foi levantar referências

que mostrem a importância e as atribuições que o profissional de Educação Física assume frente à saúde pública. Para isso, foram realizadas buscas na literatura para que pudéssemos embasar nossa pesquisa e percebemos que, com a entrada do Profissional de Educação Física no Sistema Único de Saúde por meio do NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) é possível verificar os benefícios que este profissional pode trazer para a população. Além disso, é importante ressaltar que a atividade física orientada por um profissional capacitado surte os efeitos mais adequados para a pessoa que a pratica, já que existe todo um controle sobre as variáveis do treinamento. No NASF, cada profissional deve comprometer-se com seu trabalho de acordo com área específica e, dentro disto, o Profissional de Educação Física deve trabalhar com o objetivo de desenvolver o indivíduo integralmente, levando consigo o intuito principal de promover a saúde da população atendida. Também, os trabalhos deste profissional em meio à saúde devem ser voltados ao bem-estar físico, mental e social, conquistando a harmonia adequada entre todas essas variáveis. Partindo da importância que o profissional de Educação Física assume na saúde pública, principalmente na estimulação de novos estilos de vida da população, sugere-se a realização de novas pesquisas que salientem acerca deste assunto e que subsidiem novas

ideias relacionadas à Promoção da Saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Profissional de Educação Física; Saúde Pública; Promoção da Saúde.

ABSTRACT: The insertion of the Physical Education Professional into healthcare is a recent and very important battle for the life quality of the general population. The research objective was to raise references that show the importance and responsibilities that the Physical Education professional takes concerning public healthcare. Therefore, literature research was conducted so as to endorse our research and we realized that with the admission of Physical Education professionals in the National Health System through SCFH (Support Center for Family Health) it is possible to check the benefits this professional can bring to the population. Furthermore, it is important that physical activity guided by a skilled professional has the most suitable effects for the person who practices it, as there is an entire control over the variables of training. In SCFH, each professional must be committed to their work according to their specific area and, within it, the Physical Education professionals should work in order to develop the full individual, having the main objective of promoting health among the population. Also, the work of this professional within healthcare should be aimed at the physical, mental and social well-being, achieving the proper balance between all these variables. Starting from the importance the physical education professional takes on public healthcare, particularly in stimulating new lifestyle in people, it is suggested new research highlighting on this matter and supporting new ideas related to health promotion.

KEYWORDS: Physical Education Professional; Public Healthcare; Health Promotion.

1 | INTRODUÇÃO

A inserção do Profissional de Educação Física em meio à área da saúde é uma batalha recente e de suma importância para a qualidade de vida da população em geral. A falta de atividade física, alimentação inadequada e tabagismo, fatores ligados ao estilo de vida, já são responsáveis por mais de 50% do risco total de desenvolver algum tipo de doença crônica em países desenvolvidos, em desenvolvimento e os países não desenvolvidos (SANTOS, 2008).

Com base nestes dados, fica notória a importância em se criar um hábito de tornar um estilo de vida mais ativo na população e de alguma maneira ter um controle e diminuição destes números, já que, de acordo com Oliveira, Oliveira & Postigo (2011), o sedentarismo se mostra como um dos principais fatores de risco para se desenvolver doenças crônicas.

Diante destes problemas, o governo apresentou um projeto ao qual teve como objetivo melhorar a qualidade de vida da população, reduzindo o número de doenças crônicas e implementando a atenção básica da saúde. Este projeto, criado em 1994,

é o Programa Saúde da Família (PSF), que teve como estratégias atuar no nível de assistência, promoção da saúde, prevenção das doenças e reabilitação, reorganizando os serviços e reorientando as práticas profissionais.

Dentro deste projeto, existem os grupos de apoio para que os objetivos sejam cumpridos e os profissionais organizados em suas funções, como o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). As atribuições dos NASFs são baseadas na promoção da saúde de modo a garantir condições de bem-estar físico, mental e social, constituídos por equipes multidisciplinares de várias áreas de atuação, ao qual o Profissional de Educação Física está inserido (BRASIL, 2009).

Neste sentido, ao profissional de Educação Física cabe atuar diretamente com o objetivo dos NASFs, desenvolvendo atividades voltadas ao bem-estar físico, ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, ligadas também ao bem-estar social e mental da população, desenvolvendo o indivíduo como um todo.

Com isso, o Profissional de Educação Física que atua dentro da saúde pública precisa sempre estar atento para a criação de ambientes que estejam vinculados ao objetivo do projeto, para que o público atendido evidencie a importância que a prática da atividade física orientada possui e que consigam deixar o sedentarismo de lado.

É tarefa do profissional de Educação Física desenvolver atividades que trabalhem e melhorem o indivíduo como um todo, tornando a prática da atividade acessível à população em geral.

2 | SAÚDE PÚBLICA

De acordo com Castiel (2008), o termo saúde pública pode dar subsídios a diversas discussões em relação à sua definição e pode ser verificada com outros termos, como saúde coletiva e medicina social-preventivo-comunitária.

De maneira geral, a definição de saúde pública para muitos não é bem definida e observa-se que muitos autores assumem posturas parecidas e até mesmo somativas quanto à definição de outro autor.

Rocha & Cesar (2008) mencionam que a saúde pública pode ser considerada como:

A ciência e a arte de evitar doença, prolongar a vida e promover saúde física e mental [...] visando o saneamento do meio, o controle das infecções comunitárias, a educação do indivíduo nos princípios da higiene pessoal, a organização de serviços médicos e de enfermagem para o diagnóstico precoce e o tratamento de doença e o desenvolvimento dos mecanismos sociais que assegurarão a cada pessoa na comunidade padrão de vida adequado para a manutenção da saúde (ROCHA & CESAR, 2008, p.28).

Esta definição mencionada por estes autores foi proposta por Winslow (1877-1957) e pode ser complementada pela definição de Pires Filho (1987) em que considera

que este é um campo diferenciado e se distingue das demais, já que se volta para o coletivo e necessita de conhecimentos específicos e diferenciados dos saberes da prática da saúde:

Possui uma racionalidade própria, em geral, de domínio exclusivo daqueles que nela são iniciados, sobre quem repousa, também, a responsabilidade pelo aporte e o enriquecimento desse instrumental básico e científico. Este tipo de ponto de vista conforma e engloba um tipo de compreensão técnica da questão, uma vez que tende a reduzi-la a uma dimensão que, em geral, não transcende os limites das ciências médicas, administrativas e de planejamento (PIRES FILHO, 1987, p.3).

O autor ainda cita que a saúde pública deve ser tratada como um setor da própria sociedade e precisa ser dada a devida importância, assim como a educação, a habitação e que, também, o entendimento desta parte da própria sociedade, baseado no entendimento das leis que a regem (PIRES FILHO, 1987).

Para Fonseca (2007), a saúde pública corresponde às ações que preenchem os interesses que o Estado tem nas mais diversas maneiras de organização da política e da própria sociedade em si. Podem ser aplicados os conhecimentos, sejam eles médicos ou não, com o intuito de organizar os sistemas de saúde e controlar a incidência de doenças nas populações através de intervenções e procedimentos para se cumprir tal objetivo, ou seja, tomar um conjunto de medidas para prevenir, manter ou recuperar a saúde da população de um determinado Estado.

3 | A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE PÚBLICA

Com base nos problemas observados na sociedade ligados à saúde, o governo apresentou um projeto objetivando elevar a qualidade de vida da população e também melhorar a atenção básica da saúde com a criação do Programa Saúde da Família (PSF) que, em 1994, o Governo Federal começou a colocar em prática.

O PSF é um programa que reúne estratégias para organizar os serviços e orientar as práticas profissionais em relação à assistência, reabilitação, prevenção de doenças e promoção da saúde (OLIVEIRA, OLIVEIRA & POSTIGO, 2011).

Os objetivos do PSF estão voltados para a atuação na atenção básica à saúde, atrelados com os objetivos do Sistema Único de Saúde, atendendo a todos de maneira integral e descentralizada, oferecendo ações de acordo com as necessidades da população de modo eficaz e eficiente dentro das unidades básicas de saúde e no domicílio de cada pessoa (BRASIL, 1997).

Dentre as estratégias as quais o PSF é responsável, existem os grupos de apoio, como por exemplo, o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), ao qual tem como objetivo juntar as equipes da saúde da família e organizar discussões, reuniões e atendimentos, destinados a garantir condições de bem-estar físico, mental e social para

as pessoas as quais recebem o atendimento (SANTOS, 2008; OLIVEIRA, OLIVEIRA & POSTIGO, 2011).

O NASF é dividido em nove áreas estratégicas, todas vinculadas ao PSF, como atividade física/práticas corporais, reabilitação, saúde mental, serviço social, alimentação e nutrição, práticas integrativas e complementares, saúde da criança, do adolescente e do jovem, saúde da mulher e assistência farmacêutica (OLIVEIRA, OLIVEIRA & POSTIGO, 2011).

Quanto às modalidades de NASF, é realizada a subdivisão em NASF 1 e NASF 2. No primeiro grupo, se faz necessário a composição de no mínimo cinco profissionais com ensino superior, como Psicólogo, Assistente Social, Farmacêutico, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Profissional de Educação Física, Nutricionista, Terapeuta Ocupacional, Médico Ginecologista, Homeopata, Acupunturista, Pediatra e Psiquiatra. Já o NASF 2 precisa ser composto por no mínimo três profissionais de nível superior que não seja o mesmo do NASF 1, como Profissional de Educação Física, Farmacêutico, Fisioterapeuta, Assistente Social, Fonoaudiólogo, Terapeuta Ocupacional, Nutricionista e Psicólogo (OLIVEIRA, OLIVEIRA & POSTIGO, 2011).

Com a criação do NASF, o profissional de Educação Física foi inserido na Atenção Básica à Saúde e desempenha um papel fundamental principalmente na promoção da saúde e qualidade de vida dos indivíduos, objetivos diretamente ligados ao PSF.

Dentre os vários benefícios que a prática da atividade física regular e orientada pode trazer a curto e em longo prazo a níveis fisiológicos, psicológicos e sociais para a pessoa que a pratica, podemos citar a melhora do tônus muscular, a força, auxiliando nas atividades de vida diária, a flexibilidade, coordenação motora e os diversos componentes da aptidão física em geral, além da melhora da circulação e utilização do oxigênio, diminuição do estresse, ansiedade e a capacidade de socialização (GUEDES & GUEDES, 1998; MCARDLE, KATCH & KATCH, 2003; KRAEMER, FLECK & DESCHENES, 2015).

Todos estes objetivos citados anteriormente podem ser desenvolvidos pelo Profissional de Educação Física que atua diretamente com a saúde, contribuindo assim com a redução dos riscos de obesidade, doenças coronarianas, diabetes, hipertensão, osteoporose, entre outras doenças crônicas não transmissíveis, além de promover uma melhora na saúde mental do indivíduo, auxiliando, também, na depressão (DIAS & COLABORADORES, 2007).

De acordo com Ministério da Saúde, é recomendável mover-se pelo menos 30 minutos por dia, cinco ou mais dias da semana para desenvolver a aptidão física, indicações estas que já são consensos na maioria das organizações de saúde reconhecidas universalmente (BRASIL, 2009). Porém, dentro do NASF, pensando na promoção da saúde, existe um destaque na importância de se trabalhar as demais dimensões do ser humano, como a sociológica e psicológica.

Seguindo esta linha de pensamento, o Profissional de Educação Física inserido na área da saúde tem como funções desenvolver atividades que irão proporcionar

a melhora no indivíduo com um todo, seja ele físico, mental e social, melhorando também a qualidade de vida da população.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a inserção do Profissional de Educação Física no Sistema Único de Saúde por meio do NASF é possível verificar a importância que este profissional assume frente à saúde pública e os benefícios que este profissional pode trazer para a população em geral.

No NASF, cada profissional deve comprometer-se com seu trabalho de acordo com área específica e dentro disto, o Profissional de Educação Física deve trabalhar objetivando desenvolver o indivíduo integralmente, levando consigo o objetivo principal de promover saúde.

Ao Profissional de Educação Física compete aplicar e desenvolver atividades que provoquem alterações fisiológicas, psicológicas e sociais, auxiliando na melhora do desempenho físico diário da população e na redução dos riscos de incidência das doenças crônicas, como a diabetes, hipertensão, osteoporose, doenças coronarianas, além de promover uma melhora na saúde mental dos indivíduos atendidos.

Além disso, é importante ressaltar que a atividade física possui seus benefícios, porém, a atividade física orientada por um profissional capacitado surtirá os efeitos mais adequados para a pessoa que a pratica, já que existe todo um controle sobre as variáveis de treinamento.

Partindo da importância que o profissional de Educação Física assume na saúde pública, principalmente na estimulação de novos estilos de vida da população, sugere-se a realização de novas pesquisas que salientem acerca deste assunto e que subsidiem novas ideias relacionadas à promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde da família**: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília, 1997.

_____. Secretaria de Atenção Básica. Departamento de Atenção Básica. **Diretrizes do NASF**: Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Brasília: 2009.

CASTIEL, L. D. O. **O que é saúde pública**. Biblioteca de Saúde Pública. Rede de biblioteca da FIOCRUZ, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Ministério da Saúde, 2008.

DIAS, J. A.; PEREIRA, T. R. M.; LINCOLN, P. B.; SILVA SOBRINHO, R. A. **A importância da execução de atividade física orientada**: uma alternativa para o controle de doença crônica na atenção primária. Revista EFDportes, Buenos Aires, ano 12, n. 114, 2007. Acesso em: 02 de set de 2016. Disponível em: <<http://www.efdportes.com/efd114/a-importancia-daexecucao-de-atividade-fisica->

orientada.htm>

FONSECA, A. F. **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV Fiocruz, 2007.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Controle do peso corporal**: composição corporal, atividade física e nutrição. Londrina: Midiograf, 1998.

KRAEMER, W. J.; FLECK, S. J.; DESCHENES, M. R. **Fisiologia do exercício**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2015.

McARDLE, W. D., KATCH, F. I., KATCH, V. L. **Fisiologia do exercício**: energia, nutrição e desempenho humano. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2003.

OLIVEIRA, C. S.; OLIVEIRA, E. M.; POSTIGO, J. **O profissional de educação física e sua atuação na saúde pública**. Revista EFDeportes, Buenos Aires, n. 153, 2011. Acesso em: 02 de set de 2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd153/o-profissional-de-educacao-fisica-na-saude-publica.htm>>

PIRES FILHO, F. M. **O que é saúde pública**. Caderno de Saúde Pública, volume 3, número 1. Rio de Janeiro: 1987.

ROCHA, A. A.; CESAR, C. L. G. **Saúde pública**: bases conceituais. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.

SANTOS, L. R. **O profissional de educação física e a saúde da família**. Conselho Federal de Educação Física, 2008. Acesso em: 29 de ago de 2016. Disponível em: <www.confef.org.br>

SCABAR, T. G.; PELICIONI, A. F.; PELICIONI, M. C. F. **Atuação do profissional de educação física no Sistema Único de Saúde**: uma análise a partir da política nacional de promoção da saúde e das diretrizes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF. Health Science Institute, São Paulo, 2012. Acesso em 25 de set de 2016.

AVALIAÇÃO DA AGILIDADE COM ADOLESCENTES DE 13 A 16 ANOS PRATICANTES DE MODALIDADES ESPORTIVAS

Álvaro Luis Pessoa de Farias

Divanalmi Ferreira Maia

Marcos Antonio Torquato de Oliveira

Mailton Torquato de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba–UEPB–
Campina Grande – Paraíba – Brasil

Prof.alvaro.def@ccbs.uepb.edu.br

RESUMO: Desempenho é baseada em crescentes habilidades físicas, sendo observadas de ano em ano, quanto mais o adolescente aprimora força, resistência, tempo de reação, velocidade de movimento, coordenação e assim por diante, podemos esperar observar níveis de desempenho cada vez melhores, Para que a Educação Física possa contribuir no processo ensino-aprendizagem, devem-se conhecer as características dos alunos em suas potencialidades, limitações e necessidades no seu desenvolvimento. “Proporcionar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais é de extrema importância para o desenvolvimento infantil, A definição do desenvolvimento motor permite aos profissionais identificarem os fatores que tornam o movimento limitado, possibilitando a tomada de decisão sobre que habilidade e/ou critérios motores que devem ser enfatizados nos programa, o tempo de prática para cada habilidade e as metas de

desempenho da criança, A agilidade é uma das variáveis da performance motora mais importantes na educação física, sendo que esta influencia diretamente na força, velocidade, flexibilidade e coordenação, desenvolvendo no aluno o domínio do corpo e a confiança em si. Sendo esta utilizada em quase todas as baterias de testes de aptidão física. Nos esportes em geral como basquetebol, futsal, tênis e no dia a dia a agilidade exerce papel fundamental no desenvolvimento motor, a metodologia foi o testes: Agilidade (Teste do Quadrado), Foram submetidos ao programa 38 adolescentes de 13 a 16 no período de 10 meses, duas vezes por semana com aproximadamente uma hora de treino em diversas modalidades. Na comparação dos resultados do pré teste e do pós teste, verificamos que as atividades desenvolvidas influenciaram na flexibilidade dos adolescentes, tendo como base as médias, porém de acordo com o $p = 0,574$ constatamos que a diferença não foi significativa. a conclusão nos diz que desenvolvemos uma periodização onde os resultados mostraram a eficácia na agilidade, pois conseguimos desenvolver ou até mesmo manter um padrão, porém sem diferença significativa ao avaliar os resultados obtidos antes da intervenção com os obtidos após.

PALAVRA-CHAVE: Agilidade, avaliação, adolescente.

ABSTRACT: Performance is based on increasing physical abilities, being observed from year to year, the more the adolescent improves strength, stamina, reaction time, speed of movement, coordination and so on, we can expect to observe better and better levels of performance. Physical Education can contribute to the teaching-learning process, it is necessary to know the characteristics of the students in their potentialities, limitations and needs in their development. “Providing learning opportunities and development of fundamental motor skills is of utmost importance for children’s development. The definition of motor development allows professionals to identify the factors that make movement limited, making it possible to decide which skill and / or motor criteria Which should be emphasized in the program, the practice time for each skill and the performance goals of the child. Agility is one of the most important motor performance variables in physical education, which directly influences strength, speed, flexibility and coordination , Developing in the student the mastery of the body and the confidence in itself. Being this used in almost all the batteries of tests of physical aptitude. In general sports such as basketball, futsal, tennis and day to day agility plays a fundamental role in motor development, the methodology was the tests: Agility (Test of Square), were submitted to the program 38 adolescents from 13 to 16 in the period of 10 months, twice a week with approximately one hour of training in several modalities. In the comparison of the pretest and post test results, we verified that the activities developed influenced the flexibility of the adolescents, based on the means, but according to $p = 0.574$, we verified that the difference was not significant. The conclusion tells us that we developed a periodization where the results showed the efficiency in the agility, because we were able to develop or even maintain a pattern, but without significant difference in evaluating the results obtained before the intervention with those obtained after.

KEYWORDS: Agility, evaluation, adolescent.

INTRODUÇÃO

As habilidades motoras fundamentais, segundo Castro (2008), são constituídas e identificadas a partir de movimentos e ações básicas, dentre as quais podemos destacar: andar; saltar; correr; chutar; receber; rebater; rolar; arremessar e quicar. Para Neto e Marques (2005), estas atividades são decisivas em todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem de habilidades motoras e capacidades físicas, por parte da criança, seguindo um aperfeiçoamento quantitativo e qualitativo progressivo.

Para que a Educação Física possa contribuir no processo ensino-aprendizagem, devem-se conhecer as características dos alunos em suas potencialidades, limitações e necessidades no seu desenvolvimento. “Proporcionar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais é de extrema importância para o desenvolvimento infantil.” (PAYNE, 2007); (SOUZA, BERLEZE E VALENTINI, 2008).

Oportunidade e prática estruturada são aspectos cruciais para a aquisição e, principalmente, para o refinamento das habilidades motoras fundamentais com o objetivo de alcançar níveis mais elevados de performance das habilidades motoras fundamentais. Ainda, as aulas de Educação Física, no Ensino Fundamental I, constituem possibilidades singulares para que tais objetivos sejam alcançados, desde que organizadas e ministradas por profissional da área.

A criança/adolescente ao atingir estágio maduro dentro de um padrão motor fundamental, poucas alterações ocorrem na forma daquela habilidade motora especializada, o refinamento do padrão e variações do estilo na forma ocorre à medida que se alcança maior habilidade (precisão, exatidão e controle), porém o padrão básico permanece inalterado (GALLAHUE; OSMUN, 2005).

A grande melhoria no desempenho é baseada em crescentes habilidades físicas, sendo observadas de ano em ano, quanto mais o adolescente aprimora força, resistência, tempo de reação, velocidade de movimento, coordenação e assim por diante, podemos esperar observar níveis de desempenho cada vez melhores (POWERS; HOWLEY, 2005).

Para Dumith; Azevedo Junior; Rombaldi (2008), o professor tem papel fundamental para contribuir com desenvolvimento da aptidão física e criar estratégias para alcançá-las. Pelegrini et al (2011), vêem nos programas de intervenção motora a promoção dos padrões de aptidão física, uma necessidade especial de trabalho visando um melhor desempenho motor.

Oportunidade e prática estruturada são aspectos cruciais para a aquisição e, principalmente, para o refinamento das habilidades motoras fundamentais com o objetivo de alcançar níveis mais elevados de performance da agilidade. Ainda, as aulas de Educação Física, constituem possibilidades singulares para que tais objetivos sejam alcançados, desde que organizadas e ministradas por profissional da área. Apesar da coerência e das indicações teóricas destas proposições, a constatação e evidência empírica do papel do profissional para o desenvolvimento da agilidade dos alunos no ensino fundamental I ainda necessitam ser comprovadas (MAIA, 2011).

O desenvolvimento motor pode ser entendido como um processo que envolve emergência, aquisição e aperfeiçoamento de funções e habilidades a partir de uma predeterminação biológica presente no nascimento até a sua idade adulta (OLIVEIRA, 2016).

A APTIDÃO FÍSICA

A aptidão física é a capacidade de desempenhar um trabalho muscular de uma forma prazerosa, englobando a força, a resistência muscular, a flexibilidade, a composição corporal e a capacidade cardiorrespiratória. (BURGOS, et al, 2012). Com o aprimoramento da aptidão física relacionada a saúde capacita as crianças e

adolescentes a adotarem uma vida ativa mesmo que seja durante ou depois dos anos de escolares, possibilitando a manutenção de um status de aptidão física desde o início até o fim da vida. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2008).

O ser humano vem se tornando cada vez menor dependente das suas capacidades físicas para sobreviver, uma vez que os tempos modernos reduziram as atividades laborais e cotidianas de predominância física. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2008).

O desempenho motor é o termo freqüentemente usado para agrupar os vários componentes da aptidão física relacionados à saúde (força muscular, resistência muscular, resistência aeróbica, flexibilidade das articulações e composição corporal) e ao desempenho (velocidade de movimento, agilidade, coordenação, equilíbrio e energia) conjuntamente. O desempenho motor está associado à capacidade de realizar tarefas motoras e seu estudo baseia-se no produto, em termos de: “a que distância?”, “a que velocidade?”, “quantas vezes?” (GALLAHUE, 2005).

A identificação de níveis de desenvolvimento e funcionalidade é essencial para o desenvolvimento de programas interventivos que tenham como finalidade potencializar o desenvolvimento de novas habilidades, remediarem dificuldades já estabelecidas e/ou desenvolverem novas estratégias de movimento (Farias, 2012). A definição do desenvolvimento motor permite aos profissionais identificarem os fatores que tornam o movimento limitado, possibilitando a tomada de decisão sobre que habilidade e/ou critérios motores que devem ser enfatizados nos programa, o tempo de prática para cada habilidade e as metas de desempenho da criança (FARIAS, 2012).

AGILIDADE

As capacidades coordenativas possuem grande influência no desenvolvimento das capacidades físicas, sendo que um indivíduo que possui um bom desenvolvimento destas capacidades coordenativas está apto e responderá com mais agilidade à posição, ao deslocamento, às exigências físicas, cognitivas e psíquicas que a técnica necessita. O desenvolvimento destas capacidades coordenativas constitui o processo de aprendizagem motora, já o treinamento técnico é a combinação ideal das capacidades coordenativas e condicionantes como, força, agilidade, flexibilidade, dentre várias outras que valorizam e aperfeiçoam estas técnicas que direto e indiretamente promoverá melhorias no indivíduo como um todo (SANTOS, 2015).

Agilidade é a habilidade de alterar a direção do corpo, rápida e precisamente. Com agilidade, pode-se fazer alterações, rápidas e precisas, na posição do corpo, durante o movimento. Várias corridas têm sido usadas como mensurações indiretas dessa aptidão. Pontuações obtidas de 30 pés, tipicamente visadas como medidas de agilidade (GALLAHUE, 2003).

A agilidade é uma das variáveis da performance motora mais importantes na educação física, sendo que esta influencia diretamente na força, velocidade,

flexibilidade e coordenação, desenvolvendo no aluno o domínio do corpo e a confiança em si. Sendo esta utilizada em quase todas as baterias de testes de aptidão física. Nos esportes em geral como basquetebol, futsal, tênis e no dia a dia a agilidade exerce papel fundamental no desenvolvimento destas tarefas (CORBIN; LINDSEY, 1997).

A agilidade é uma variável neuromotora caracterizada pela capacidade de realizar trocas rápidas de direção, sentido e deslocamento da altura do centro de gravidade de todo corpo ou parte dela. A agilidade no âmbito esportivo é a resposta do indivíduo em conseguir executar movimentos rápidos e coordenados dentro de especificidade técnica (BARBANTI, 2003).

METODOLOGIA

Bateria de Testes: Agilidade (Teste do Quadrado) Material: Um cronômetro, um quadrado desenhado em solo antiderrapante com 4m de lado, 4 cones de 50 cm de altura ou 4 garrafas de refrigerante de 2 l do tipo PET. Orientação: O aluno parte da posição de pé, com um pé avançado à frente imediatamente atrás da linha de partida. Ao sinal do avaliador, deverá deslocar-se até o próximo cone em direção diagonal. Na seqüência, corre em direção ao cone à sua esquerda e depois se desloca para o cone em diagonal (atravessa o quadrado em diagonal). Finalmente, corre em direção ao último cone, que corresponde ao ponto de partida. O aluno deverá tocar com uma das mãos cada um dos cones que demarcam o percurso. O cronômetro deverá ser acionado pelo avaliador no momento em que o avaliado realizar o primeiro passo tocando com o pé o interior do quadrado. Serão realizadas duas tentativas, sendo registrado o melhor tempo de execução. Anotação: A medida será registrada em segundos e centésimos de segundo (duas casas após a vírgula).

RESULTADO E DISCUSSÃO

	Pré teste	Pós teste	
N	M±DP	M±DP	p valor
38	7±6,18	9,04±8,49	0,574

Tabela 01 – estatística Descritiva de média, Desvio Padrão e o p valor dos resultados obtidos no pré teste e no pós teste de agilidade.

Foram submetidos ao programa 38 adolescentes de 13 a 16 no período de 10 meses, duas vezes por semana com aproximadamente uma hora de treino em diversas modalidades.

Na comparação dos resultados do pré teste e do pós teste, verificamos que as

atividades desenvolvidas influenciaram na flexibilidade dos adolescentes, tendo como base as médias, porém de acordo com o $p = 0,574$ constatamos que a diferença não foi significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de hoje é desenvolver programas de atividade física que contemple o desenvolvimento global do adolescente, desafio este que acompanha as características e necessidades de cada um.

Desenvolvemos uma periodização onde os resultados mostraram a eficácia na agilidade, pois conseguimos desenvolver ou até mesmo manter um padrão, porém sem diferença significativa ao avaliar os resultados obtidos antes da intervenção com os obtidos após.

Para que essa mudança aconteça de forma significativa, sugerimos aumentar o tempo de treino e implementar atividades relativas ao objeto de estudo, uma vez que, cada modalidade possui suas características específicas, e de acordo com a realidade e necessidade educativa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. D. L., et al. aptidão física de escolares do ensino fundamental da cidade de Mossoró - RN, FIEP BULLETIN - Volume 84- Special Edition - ARTICLE II - 2014.
- ARAUJO, Silvan Silva de; OLIVEIRA, Antônio Cesar Cabral de. Aptidão Física em Escolares de Aracaju. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, v.10, n. 3, p. 271 – 276, 2008.
- BARBANTI, V. J. Dicionário de educação física e esporte. 2º ed. São Paulo: Manole, 2003.
- BURGOS, Miria Suzana, et al. Perfil de Aptidão Física relacionada à saúde de crianças e adolescentes de 7 a 17 anos. J. Health Sci Inst., v.30, n. 2, p. 171– 175, 2012.
- CORBIN, C.B.; LINDSEY, R. Conceitos de aptidão física. 9a ed. Dubuque: Brown & benchmark de 1997.
- DUMITH, S. C.; AZEVEDO JUNIOR, M. R.; ROMBALDI, A. J. Aptidão Física relacionada à saúde de alunos do ensino fundamental do município de Rio Grande, RS, BRASIL. Rev. Bras. Med. Esporte – Vol. 14, Nº5 - Set/Out, 2008.
- FARIAS, A. L. P. nível de desenvolvimento motor em crianças do ensino fundamental I da Paraíba. Tese de doutorado em ciências da motricidade, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2012.
- FILHO, C. A. S. R. importância do basquetebol no desenvolvimento da agilidade em Crianças/ adolescentes do ensino fundamental, FIEP BULLETIN - Volume 80 -Special Edition - ARTICLE I - 2010.
- GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças,

Adolescentes e Adultos. São Paulo: Phorte, 2003.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor : Bebês, crianças, Adolescentes e adultos. Terceira edição. São Paulo – SP. Phorte editora, 2005.

MAIA, D. F., Educação Física Escolar: Desenvolvimento Motor Grosso Com Crianças de 6 E 7 Anos da Rede Pública e Privada da Cidade de Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS 2011.

PELEGRINI, A; SILVA, D. A. S; PETROSKI, E. L; GLANER, M. F. Aptidão Física Relacionada à

Saúde de Escolares Brasileiros: Dados do Projeto Esporte Brasil. Rev. Bras. Med. Esporte, Vol. 17, Nº 2, Mar/Abr, 2011.

POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. Fisiologia do exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 5. Ed.Barueri. Manole, 2005

SANTOS, M. C., Educação física: contribuindo para o desempenho físico de escolares, FIEP BULLETIN - Volume 84 - Special Edition - ARTICLE I - 2014.

SANTOS, M. C. S. A importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem através das capacidades coordenativas, FIEP BULLETIN - Volume 85 - Special Edition - ARTICLE I - 2015.

OLIVEIRA, M. A. T., avaliação do desenvolvimento motor entre crianças do programa sesi atleta do futuro e da comunidade Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidad Internacional tres fronteras - UNINTER, 2016.

SPIGOLON, L.M.P.; BORIN. J.P.; LEITE, G.S.; PADOVANI, C.R.P.; PADOVANI, C.R Potência anaeróbia em atletas de futebol de campo: diferenças entre categorias. Coleção Pesquisa em Educação Física, vol.6, p.421-428, 2007.

AVALIAÇÃO DA FORÇA DE PREENSÃO MANUAL EM PRATICANTES DE ARTES MARCIAIS

Ricardo Clemente Rosa

Universidade da Região de Joinville – Univille
Joinville - SC

Fabrcio Faitarone Brasilino

Universidade da Região de Joinville – Univille
Joinville - SC

Pedro Jorge Cortes Morales

Universidade da Região de Joinville – Univille
Joinville - SC

RESUMO: O Objetivo deste estudo foi utilizar a dinamometria como metodologia da avaliação da força de preensão manual em praticantes de artes marciais. A amostra foi composta por 38 praticantes de artes marciais constituindo o Grupo Arte Marcial (GAM) e 18 sedentários, constituindo o Grupo Controle (GC). Posteriormente, para melhor análise, o GAM foi subdividido dentro das modalidades que o formavam, sendo criado o grupo Muay Thai (GMT) com 20 praticantes e o grupo Karatê (GK) com 18 praticantes. Para tanto foi realizada uma anamnese de saúde e atividade física, e em seguida foi executado o Teste de Preensão Manual (ACSM) para análise da dinamometria utilizando um dinamômetro da marca *Takei Physical Fitness Test Grip - A®*. Para as comparações de força de preensão manual, o teste estatístico *t de Student* pareado e não

pareado foi utilizado. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. A média da Dinamometria foi de $75,31 \pm 22,03 \text{ kg/f}$ para os praticantes de artes marciais e de $65,13 \pm 25,09 \text{ kg/f}$ para os sedentários. Na comparação dos grupos, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre o GMT e o GC ($p=0,04$), demonstrando melhor desempenho na força de preensão palmar para os praticantes de Muay thai em relação ao GC e GK. Sendo assim pode-se concluir que a prática de artes marciais contribuiu para o melhor desempenho da força estática dos músculos das mãos.

PALAVRAS-CHAVE: Dinamometria, Artes Marciais, Força de Preensão Manual, Desempenho.

ABSTRACT: The purpose of this study was to use dynamometry as a methodology for the evaluation of manual grip strength in martial arts practitioners. The sample consisted of 38 martial artists constituting the Martial Arts Group (MAG) and 18 sedentary individuals, constituting the Control Group (CG). Later, for better analysis, the MAG was subdivided into the modalities that formed it, being created the Muay Thai Group (MTG) group with 20 practitioners and the Karate group (GK) with 18 practitioners. For this, a health and physical activity anamnesis was performed, and then the Manual Hold Test (ACSM) was performed to analyze the

dynamometry using a *Takei Physical Fitness Test Grip - A®* brand dynamometer. For manual grip strength comparisons, the paired and unpaired *Student t* test was used. The level of significance was set at $p < 0,05$. The mean of the dynamometry was 75.31 ± 22.03 kg / f for martial artists and 65.13 ± 25.09 kg / f for sedentary subjects. In the comparison of groups, there was a statistically significant difference between MTG and CG ($p = 0,04$), demonstrating a better performance in palmar grip strength for Muay Thai practitioners in relation to CG and KG. Thus, it can be concluded that the practice of martial arts contributed to the better performance of the static force of the muscles of the hands.

KEYWORDS: Dynamometry, Martial Arts, Manual Grip Strength, Performance.

1 | INTRODUÇÃO

Nos tempos primitivos, a necessidade de defender-se para sobreviver, fez com que o homem desenvolvesse diversas técnicas de luta que lhe garantisse o alimento e a defesa contra inimigos e predadores (LEE, 1978). Portanto, as artes marciais possuem suas origens enraizadas com a do surgimento do homem, nos primórdios da civilização. Na guerra teve o seu emprego na preparação de guerreiros criando vários métodos de combate, cada método com características próprias de ideias e de movimento, visando proteger o seu reino (NETO, 2006).

O treinamento geralmente era realizado em segredo, por poucas pessoas, e a transmissão do conhecimento em sua maioria de forma oral, constituindo assim poucos documentos históricos como referência (PERSSON, 2007). Com o progresso da humanidade, ampliaram-se os conceitos relacionados às artes marciais promovendo seu crescimento não só em prol da autodefesa, mas como a disciplina que busca desenvolver o corpo e a mente (PERSSON, 2007).

Procedente dos povos orientais começou a se tornar cada vez mais popular adquirindo adeptos em vários países do ocidente (LEE, MERGULHÃO, 1978). Além dos muitos benefícios proporcionados a saúde física e mental, conquistou seu espaço no meio esportivo, sendo difundida para o mundo (NETO, 2007; PERSSON, 2007). Este grande progresso possibilitou uma expansão nos estudos científicos sobre artes marciais afim de melhor entender as respostas fisiológicas decorrentes do treinamento marcial, contribuindo desta forma, para o aumento do desempenho de praticantes e atletas. Dentre os diversos estilos, o propósito é potencializar os efeitos de golpes realizados por membros corporais como mãos, pés, cotovelos e joelhos, de modo a torná-los mais eficientes em uma situação de perigo ou competição (PERSSON, 2007). Como as mãos exercem um papel fundamental para a realização de exercícios e a aplicação de golpes, torna-se importante avaliar a força de preensão manual e a influência desse treinamento para o aumento dessa capacidade. O dinamômetro tem sido mencionado na literatura internacional como o aparelho mais eficiente para mensurar a força de preensão palmar, sendo um procedimento rápido, de baixo custo e pouco invasivo (LUCARELI, 2010; MOREIRA, 2003; OLIVEIRA, 2009; SCHLÜSEL, ANJOS,

KAC, 2008; SILVA, 2009). A dinamometria manual é uma medida de força isométrica (GUIMARÃES, 2005; ROBERGS, ROBERGS, 2002; SILVA, 2009) que consiste na aplicação de força sobre duas barras que estão ligadas entre si, na medida em que elas são apertadas, ocorre um deslocamento das mesmas, provocando uma alteração na resistência dos aferidores, incidindo em uma produção de voltagem diretamente proporcional a força de preensão exercida pela mão (MCARDLE, KATCH, KATCH, 2008; MOREIRA, 2003; POWERS, HOWLEY, NAVARRO, BACURAU, 2000; SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008). Esta força de preensão executada no dinamômetro, pode ser estabelecida em quilogramas/força ou em libras/polegadas (MOREIRA, 2003). O seu uso clínico merece grande destaque nos últimos anos, servindo como um indicador de força total do corpo, e desta forma utilizado em testes de aptidão física (MOREIRA, 2003; MOURA, MOUREIRA, CAIXETA, 2008; OLIVEIRA, 2009; SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008). Consequentemente, vem sendo reconhecida como um instrumento útil de avaliação funcional, pois os movimentos realizados pela mão como transporte, preensão e manipulação de objetos são essenciais para as atividades da vida diária (GUIMARÃES, 2005; MOURA, MOUREIRA, CAIXETA, 2008; OLIVEIRA, MOREIRA, 2009; SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008), e a redução dessas funções podem estar ligadas a possíveis patologias (GUIMARÃES, 2005; MOURA, MOUREIRA, CAIXETA, 2008; OLIVEIRA, MOREIRA, 2009). De acordo com o estudo de Napier (NAPIER, 1983), existem dois padrões básicos de preensão: de força e de precisão. Ele definiu preensão de força, quando é necessária a força completa, como em atividades que exigem a ação dos dedos e polegar de encontro à palma da mão transmitindo força para um determinado objeto (MOREIRA, 2003; MOURA, MOREIRA, CAIXETA, 2008; NAPIER, 1983). A preensão de precisão é a forma mais delicada e se refere a segurar o objeto entre a face palmar ou lateral dos dedos e o polegar oposto (MOREIRA, 2003; MOURA, MOREIRA, CAIXETA, 2008; NAPIER, 1983). Sendo assim, a importância da mensuração da força de preensão manual é fornecer informações que pode tanto refletir o estado de saúde, como prever o desempenho para determinadas modalidades esportivas. A partir da relação de todos esses aspectos, a finalidade do presente estudo é empregar a dinamometria como metodologia da avaliação da força de preensão manual em praticantes de artes marciais.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram da pesquisa 38 praticantes de artes marciais constituindo o Grupo Arte Marcial (GAM) e 18 sedentários, constituindo o Grupo Controle (GC).

O GAM foi composto por 26 integrantes do sexo masculino com idade média de $22,50 \pm 8,09$ anos, massa corporal $69,66 \pm 11,78$ kg, estatura $1,72 \pm 0,07$ m, e 12 do sexo feminino com idade média de $22,08 \pm 6,99$ anos, massa corporal $56,06 \pm 10,46$ kg e estatura $1,59 \pm 0,09$ m. O GC foi constituído por 6 integrantes do sexo masculino com idade média de $30 \pm 11,55$ anos, massa corporal $70,50 \pm 13,88$ kg, estatura $1,76 \pm 0,04$ m, e 12 do sexo feminino com idade média de $27 \pm 10,69$ anos, massa corporal $62,21 \pm 14,59$ kg

e estatura $1,64\pm 0,08\text{m}$.

Posteriormente para melhor análise o GAM foi subdividido dentro das modalidades que o formavam, para verificar qual grupo teria o melhor desempenho para a capacidade de preensão palmar. Desta forma, foi criado o grupo Muay Thai (GMT) com 20 praticantes e o grupo Karatê (GK) com 18 praticantes. Dos participantes que faziam parte do GMT, 13 são do sexo masculino com idade média de $22\pm 7,04$ anos, massa corporal $73,33\pm 12,36\text{kg}$, estatura $1,73\pm 0,07\text{m}$, e 7 do sexo feminino com idade média de $25,57\pm 6,77$ anos, massa corporal $59,62\pm 11,65\text{kg}$ e estatura $1,59\pm 0,10\text{m}$. O GK foi formado por 13 praticantes do sexo masculino com idade média de $23\pm 9,28$ anos, massa corporal $65,99\pm 10,36\text{kg}$, estatura $1,71\pm 0,07\text{m}$, e 5 do sexo feminino com idade média de $17,20\pm 3,83$ anos, massa corporal $51,08\pm 6,64\text{kg}$ e estatura $1,59\pm 0,06\text{m}$. Foi critério de inclusão fazer parte do GAM, os sujeitos que realizavam treinamento de forma sistematizada por um período mínimo de 6 meses e com frequência semanal de três sessões de treinamento com duração de 1 hora. Tanto para o GAM, quanto para o GC, os sujeitos não poderiam apresentar lesões musculoesqueléticas, ou qualquer condição especial de saúde (febre, virose, utilização de fármacos anti-inflamatórios) que viesse interferir nos resultados. Em relação ao GC, foi critério de inclusão fazer parte do grupo, os sujeitos que fossem inativos, tendo como atividade apenas os compromissos do cotidiano. Foi utilizado para medir a massa corpórea e a estatura uma balança da marca *Filizola®*, modelo *Personal*, com precisão de 100g e estadiômetro fixado na parede com precisão de 0,1 cm. Para mensurar a força de preensão manual, foi utilizado um dinamômetro da marca *Takei Physical Fitness Test Grip - A®*. A identificação do grupo foi realizada através de uma anamnese de saúde e atividade física. Inicialmente, todos os sujeitos da amostra receberam explicações sobre a forma como seriam testados e, concordando, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicava os procedimentos realizados – Conselho Nacional da Saúde (nº466/12). Todos passaram por uma avaliação que constava de uma anamnese referente ao estado de saúde e atividade física. Após a triagem dos grupos (GAM, GC e posteriormente GMT e GK) houve uma demonstração antes do início dos testes. Foi verificada a massa corporal e a estatura de todos os voluntários, para então dar início ao teste de preensão manual. O posicionamento dos sujeitos para o teste seguiu o protocolo do ACSM (ACMS, 2006), onde os avaliados permaneceram de pé, com afastamento lateral dos membros inferiores, membros superiores ao longo do corpo, punho e antebraços em posição semi-pronada. O dinamômetro manteve-se paralelo ao lado do corpo aproximadamente ao nível da cintura, com sua escala voltada para o avaliador. O antebraço ficou ao nível da coxa, sendo permitido que o avaliado flexionasse levemente o braço. Antes da realização do teste foi regulada a barra móvel do dinamômetro para que se adaptasse confortavelmente dentro da mão do avaliado, e verificado se os ponteiros estavam no ponto zero. A seguir, foi solicitado ao avaliado apertar com força máxima a barra móvel do dinamômetro com o cuidado para não prender a respiração (manobra de Valsalva) em um tempo de 5 segundos. Durante a

execução do teste não foi permitida a flexão ou extensão do punho, evitando também o uso do polegar na ação da preensão palmar. Foram executadas três tentativas de contração máxima com a mão direita e outras três com a mão esquerda de maneira alternada, com intervalo de 30 segundos entre elas para descanso. Logo após foi verificada a mais alta das três leituras para cada mão e somado esses dois valores (um de cada mão) como a medida da força de preensão manual, para depois ser comparada as normas para força de preensão por grupo etário e sexo para mãos direita e esquerda combinadas (ACMS, 2006).

Para as comparações de força de preensão manual entre os grupos do presente estudo, o teste estatístico t de *Student* pareado e não pareado foi utilizado. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados no teste de preensão manual estão representados na tabela 1. Os valores obtidos foram estratificados em percentuais e através da média (\pm erro padrão da média) da dinamometria.

Classificação	Nº Amostral	Acima da Média	Média	Abaixo da Média	Precária	DIN(kg/f)
GAM	38	13 %	3 %	21 %	63 %	75,31 \pm 22,03
GC	18	0 %	28 %	17 %	55 %	65,13 \pm 25,09
GMT	20	20 %	5 %	30 %	45 %	79,12 \pm 22,95
GK	18	6 %	0 %	11 %	83 %	71,08 \pm 20,78

Tabela 1 – Classificação dos resultados do Teste de Preensão Manual.

DIN = Dinamometria; GAM = Grupo Arte Marcial; GC = Grupo Controle; GMT = Grupo Muay Thai; GK = Grupo Karatê.

Conforme análise dos resultados pode-se observar que 45% dos sujeitos sedentários (GC) e 37% dos praticantes de artes marciais (GAM), estão classificados acima do nível considerado precário. A média da dinamometria foi de 75,31 \pm 22,03kg/f para os praticantes de artes marciais e de 65,13 \pm 25,09kg/f para os sedentários. Analisando os dados de forma estatística, não houve diferença significativa entre os valores médios encontrados na dinamometria (kg/f) para o GAM e GC ($p=0,06$). Realizou-se a subdivisão do GAM para GMT e GK, verificando que 55% dos integrantes do GMT e 17% do GK estão classificados acima do nível considerado precário, e quando analisados estatisticamente, também não demonstraram diferenças significativas para os dados obtidos ($p=0,13$). Na comparação das modalidades (GMT e GK) com o GC, a análise estatística comprova a diferença somente entre o GMT e o GC de maneira significativa ($p=0,04$).

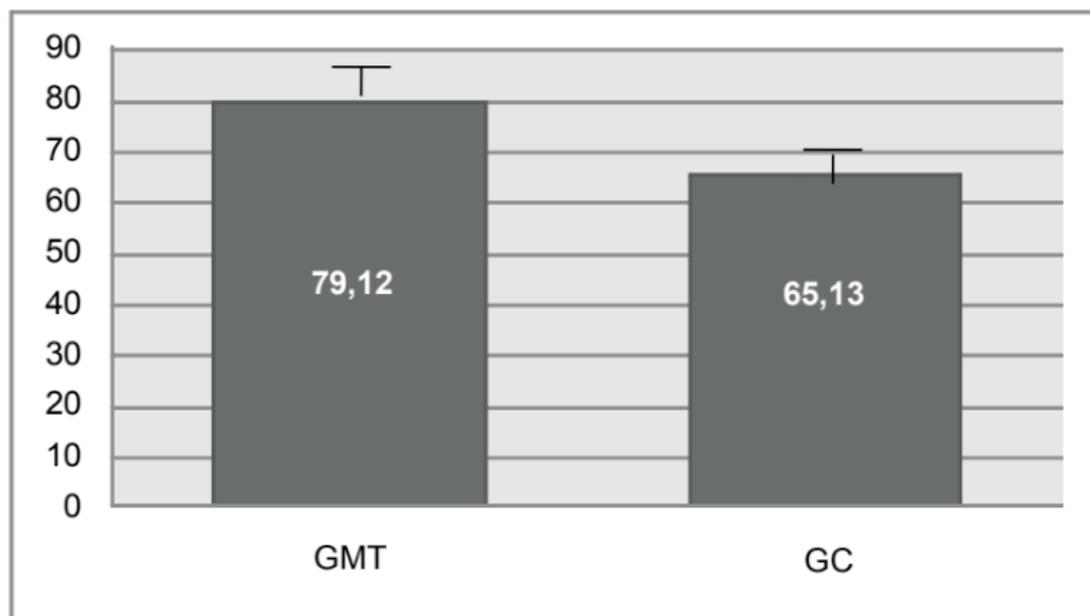


Figura 1 – Valores medianos obtidos após o teste de preensão manual expressos em kilogramas/força.

A importância de um método de avaliação depende de sua fidelidade em delinear uma determinada variável. Portanto, investigar os possíveis fatores que possam influenciar nos resultados obtidos por meio deste método, torna-se fundamental para o estudo. Nesta pesquisa verificou-se que a força de preensão manual pode estar relacionada ao tipo de atividade desempenhada. Quando comparamos o GAM com o GC, é possível perceber que o treinamento de artes marciais não exerceu grande influência na força de preensão manual, ficando uma considerável parcela da amostra (63%) classificada como precária.

Entretanto, com a subdivisão do GAM para as modalidades que o formavam (GMT e GK), verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre o GMT e o GC ($p=0,04$), demonstrando melhor desempenho na força de preensão palmar para os praticantes de muay thai em relação ao GC e GK. Este fator pode estar relacionado com os exercícios realizados na prática do muay thai, como por exemplo, segurar os aparadores de chute e soco, que exigem grande força de preensão manual. Em um estudo realizado por Borges Jr et al. (BORGES JR., 2009) comparando a força de preensão isométrica de atletas de aikidô, jiu-jitsu, judô e remo, verificou-se que o maior valor de força correspondia aos atletas de jiu-jitsu (mão dominante= $564,9\pm 18,9N$ – mão não dominante= $537,6\pm 14,1N$), sendo este mais um indicativo da especificidade do treinamento. A força muscular é utilizada para designar a habilidade de um determinado músculo, ou grupamento muscular, em produzir ou resistir a uma força (SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008). A origem e aumento desta força, dependem da área transversal do músculo e do treinamento a que este músculo é submetido (SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008). Existem outras características individuais que influenciam a medida de dinamometria manual, entre elas incluem-se a massa corporal e a estatura, que possui correlação positiva para indivíduos saudáveis até 98kg e 1,90m (SCHLÜSEL, ANJOS,

KAC, 2008).

Analisando os dados referente às médias de massa corporal e estatura do GMT (massa corporal $68,54 \pm 13,58$ - estatura $1,68 \pm 0,11$), GK (massa corporal $61,85 \pm 11,55$ - estatura $1,68 \pm 0,08$) e GC (massa corporal $64,51 \pm 14,49$ - estatura $1,68 \pm 0,09$), é possível observar que o GMT apresenta o maior valor de massa corporal, comprovando seu melhor desempenho entre os grupos. Em relação à idade é importante mencionar que o aumento na força ocorre conforme aumenta a idade, atingindo um pico entre os 30 – 45 anos (SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008). Os valores medianos referentes à idade encontrados no GMT, GK e GC ($23,25 \pm 6,99$ - $21,38 \pm 8,45$ - $27,83 \pm 10,67$) indicam que o GC, apesar do baixo rendimento na força de preensão é o que se encontra próximo do pico de força.

Subsequentemente, verifica-se um declínio na força para indivíduos com a idade mais avançada (MOREIRA, 2003; SCHLÜSEL, ANJOS, KAC, 2008).

4 | CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo permitiram constatar diferenças significativas nos valores de força de preensão manual entre o GMT e o GC, indicando que os praticantes de muay thai encontram-se melhores condicionados para essa capacidade. Ao analisar o GK, os resultados de classificação de força demonstraram ser inferiores ao GC, o que pode ter influenciado na avaliação da classificação do GAM. A média da dinamometria foi de $75,31 \pm 22,03 \text{kg/f}$ para os praticantes de artes marciais e de $65,13 \pm 25,09 \text{kg/f}$ para os sedentários. Com isso percebe-se que a dinamometria manual está diretamente relacionado ao tipo de treinamento, ocupação e atividades de lazer praticadas pelo indivíduo. Nas outras comparações não foi verificado diferença estatística entre os grupos, observando apenas um maior volume de massa corporal para o GMT, que constitui em uma correlação positiva para a dinamometria manual. A avaliação da força de preensão com o uso do dinamômetro consiste em um método prático e de fácil utilização, com o objetivo de auxiliar na análise de variáveis relacionadas à saúde e ao desempenho.

Sendo assim, pode-se concluir que a prática de artes marciais contribuiu para o melhor desempenho da força estática dos músculos das mãos em parâmetros gerais. A fim de coibir e obter o domínio de possíveis interferências sugere-se em estudos futuros um número maior de sujeitos para compor a amostra.

REFERÊNCIAS

ACSM/American College of Sports Medicine. **Manual do ACSM para avaliação da aptidão física relacionada à saúde**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

- BORGES JR., Noé Gomes et al. **Estudo comparativo da força de preensão isométrica máxima em diferentes modalidades esportivas.** Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Santa Catarina, v.11, n.3, p.292 – 298, 2009.
- GUIMARÃES, R.M. et al. **Dinamômetro manual adaptado: medição da força muscular do membro inferior.** Fitness & Performance Journal, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p. 145 – 149, 2005.
- LEE, Woo-Jae, MERGULHÃO, Luis E. **Aprenda tae kwon-do Brasil.** Rio de Janeiro: América, 1978.
- LUCARELI, Paulo R. Garcia et al. **Comparação dos métodos de mensuração da força muscular dos flexores dos dedos das mãos através da dinamometria manual e esfigmomanômetro modificado.** Revista do Laboratório de Estudos do Movimento Einstein, São Paulo, v.8, p.205 – 208, 2010.
- MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L. **Fisiologia do exercício energia, nutrição e desempenho humano.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- MOREIRA, Demóstenes et al. **Abordagem sobre preensão palmar utilizando o dinamômetro Jamar: uma revisão de literatura.** Revista Brasileira Ciência e Movimento, Brasília, v.11, n.2, p.95 – 99, 2003.
- MOURA, Patrícia M. L. S.; MOREIRA, Demóstenes; CAIXETA, Ana P. L. **Força de preensão palmar em crianças e adolescentes saudáveis.** Revista Paulista de Pediatria, Brasília, v.26, n.3, p.290 – 294, 2008.
- NAPIER, J. **A mão do homem: anatomia, função, evolução.** Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1983.
- OLIVEIRA, Franassis B.; MOREIRA, Demóstenes. **Força de preensão palmar e diabetes mellitus.** Revista Brasileira de Clínica Médica, Brasília, v.7, p.251 – 255, 2009.
- PERSSON, Eduardo Moreno, **Benefícios da prática de artes marciais para o policial militar.** Trabalho de conclusão de curso (obtenção do grau de bacharel em segurança pública) – Universidade do Vale do Itajaí, 2007.
- POWERS, Scott K; HOWLEY, Edward T; NAVARRO, Francisco; BACURAU, Reury Frank Pereira. **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho.** 3 ed. São Paulo: Manole, 2000.
- ROBERGS, Robert A.; ROBERGS, Scott O. **Princípios fundamentais de fisiologia do exercício para aptidão, desempenho e saúde.** São Paulo: Phorte, 2002.
- SCHLÜSSEL, Michael Maia; ANJOS, Luiz A.; KAC, Gilberto. **A dinamometria manual e seu uso na avaliação nutricional.** Revista de Nutrição, São Paulo, v.21, p.223 – 235, 2008.
- SILVA, Ronaldo L.et al. **Efeito do feedback visual na força isométrica da pinça de três dedos.** Conscientiae Saúde, São Paulo, v.8, n.3, p.447 – 450, 2009.

ELETROMIOGRAFIA E A FADIGA MUSCULAR: ANÁLISE DA COMPREENSÃO DE ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO

Raissa Cristina Pereira

Universidade Federal de Goiás, Departamento de Educação Física
Catalão-GO

Neila Maria Mendes Borges

Universidade Federal de Goiás, Departamento de Educação Física
Catalão-GO

RESUMO: O presente trabalho é um projeto de pesquisa desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso o qual tem como objetivo geral analisar a compreensão dos alunos do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (EF/UFG-RC) sobre a utilização da Eletromiografia (EMG) no estudo da fadiga muscular, e especificamente objetivamos: - Verificar o conhecimento dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre a fadiga muscular; - Descrever a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre o conceito de EMG; - Identificar como os alunos do Curso de EF/UFG-RC compreendem a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular; - Verificar a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC acerca da importância do conhecimento sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular para a atuação do profissional de Educação Física. Realizou-se uma pesquisa de campo do tipo exploratória e

descritiva, a qual teve como universo os alunos regularmente matriculados no Curso de EF/UFG-RC nos três últimos períodos vigentes no segundo semestre de 2016. Tivemos uma amostra não probabilística por acessibilidade, contabilizando 33 alunos. A coleta de dados foi por meio de um questionário com perguntas objetivas e discursivas. Os dados coletados foram analisados segundo uma abordagem quanti-qualitativa. Nesse sentido, verificamos a necessidade de conhecimentos referentes a EMG e a fadiga muscular se fazerem presentes na formação acadêmica dos alunos de Educação Física, possibilitando esses futuros profissionais da área se qualificarem e planejarem treinos de acordo com os limites fisiológicos de cada indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Eletromiografia. Fadiga Muscular. Educação Física.

ABSTRACT: The present work is a research project developed as a Course Completion Work which has as general objective to analyze the students' understanding of the Physical Education Course of the Federal University of Goiás - Regional Catalão (EF/UFG-RC) on the use of Electromyography (EMG) in the study of muscle fatigue, and specifically we aim to: - Check the knowledge of the students of the EF/UFG-RC Course on muscle fatigue; - Describe students' understanding of the EF/UFG-RC

Course on the concept of EMG; - Identify how the students of the EF/UFG-RC Course understand the use of EMG in the study of muscle fatigue; - Check the understanding of the students of the EF/UFG-RC Course about the importance of knowledge about the use of EMG in the study of muscular fatigue for the performance of the Physical Education professional. A field research of the exploratory and descriptive type was carried out, which had as its universe the students regularly enrolled in the EF/UFG-RC Course in the last three periods in the second half of 2016. We had a non-probabilistic sample for accessibility, 33 students. The data collection was through a questionnaire with objective and discursive questions. The data collected were analyzed using a quantitative-qualitative approach. In this sense, we verified the need for knowledge regarding EMG and muscular fatigue if they are present in the academic formation of Physical Education students, enabling these future professionals in the area to qualify and plan training according to the physiological limits of each individual.

KEYWORDS: Electromyography. Muscular Fatigue. Physical Education.

1 | INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da temática Eletromiografia (EMG) surgiu após cursarmos a disciplina Fisiologia Aplicada a Educação Física, pois vivenciamos momentos que despertaram-nos a curiosidade para compreender de forma mais abrangente como se dá o processo de estimulação e contração muscular.

Deste modo, os estudos relacionados ao sistema muscular, se tornaram mais significativos e interessantes, pois percebemos com maior clareza a aplicabilidade da EMG que pode ser dirigida ao tempo de reação muscular (SILVA *et al.*, 2006), a ativação de diferentes grupos musculares em um determinado movimento (BANDEIRA, BERNI, RODRIGUES, 2009) e também na averiguação da fadiga (BASSANI *et al.*, 2008). Com isso, é possível utilizar a EMG para diferentes finalidades, partindo de estudos relacionados a gestos de exercícios físicos ou esportivos (ROCHA JUNIOR *et al.*, 2007; SUDA, CANTUÁRIA, SACCO, 2008) indo até a aplicação em pesquisas com enfoque na saúde (BASSANI *et al.*, 2008; BEVILAQUA, FELÍCIO, LEOCÁDIO, 2008).

Segundo De Luca (1997) a EMG pode ser aplicada para identificar o momento de ativação dos músculos, para a análise de força, e também na detecção da fadiga muscular. Ressalta-se que a EMG “fornece acesso fácil aos processos fisiológicos que faz com que o músculo gere força, produza movimentos e realize as inúmeras funções que nos permitem interagir com o mundo ao nosso redor” (p. 03).

O interesse pelo estudo da função muscular remonta a Antiguidade. Nesse sentido, Machado *et al.* (2010, p. 01) fazem um breve resumo desse histórico, ao citar que:

A primeira obra referindo-se aos movimentos corporais e suas relações com os músculos que se conhece, é de Aristóteles (384-322 a.C.) em “*Parts of animals*,

movements of animals and progression of animals”, reeditado pela *Harvard University Press* em 1945. De acordo com Rasch e Burke (1991), as primeiras publicações relacionando eletricidade e músculos surgiram em torno de 1740, com o tratado de Haller, sobre a estimulação elétrica de músculos, e o de Whitts, sobre eletroterapia. Em 1792, Luigi Galvani reuniu evidências experimentais da relação existente entre a contração muscular e a eletricidade testando a “eletricidade animal”, que era conduzida pelos nervos e provocava a contração dos músculos de rãs. Guillaume Duchenne criou o eletrodiagnóstico e a eletroterapia e explorou os efeitos de estímulos elétricos sobre nervos e músculos enfermos. H. Piper é reconhecido como o pioneiro na investigação dos sinais eletromiográficos, tendo desenvolvido seus trabalhos na Alemanha entre 1910 e 1912. Herbert Jasper cria o primeiro eletromiógrafo em 1924.

Desde então, a EMG tem sido amplamente utilizada para se compreender as funções e disfunções do sistema muscular durante o movimento humano. Este recurso tem possibilitado pesquisas em diversas áreas de interesse de profissionais da saúde, especialmente, os que têm como foco o movimento humano, explicam Ocarino *et al.* (2005).

A EMG apresenta inúmeras aplicações, notadamente na clínica médica, para diagnóstico de doenças neuromusculares; na reabilitação, na reeducação da ação muscular (“biofeedback” eletromiográfico); na anatomia, com o intuito de revelar a ação muscular em determinados movimentos; e na biomecânica no sentido de servir como ferramenta indicadora de alguns fenômenos (AMADIO, SERRÃO, 2007).

A EMG é muito importante para verificar possíveis lesões, pois compara a atividade elétrica do músculo em repouso e em contração, contribuindo para analisar o recrutamento de unidades motoras. Pode-se então aumentar a eficiência no treinamento físico, além de prescrever tratamentos específicos, por isso é bastante utilizada na fisioterapia, para a reabilitação (MALDONADO *et al.* 2005).

A referida técnica, também, se tornou muito eficaz no auxílio de diagnósticos e tratamento de problemas musculares. Pode-se citar a sua aplicação na odontologia, especificamente no tratamento de disfunções temporomandibulares (MALTA *et al.*, 2006).

Malta *et al.* (2006) aponta que um dos principais objetivos do tratamento utilizando EMG é mostrar ao paciente o estado atual do músculo analisado e sua evolução durante o tratamento, até chegar a uma função satisfatória.

O tema “Eletromiografia e a fadiga muscular” é relevante, pois na atualidade, a EMG vem sendo utilizada em diferentes áreas do conhecimento como “no estudo cinesiológico e neurofisiológico dos músculos superficiais, e aplicada por diversos profissionais da área da saúde com diferentes finalidades” (OLIVEIRA *et al.*, 2013, p. 1217). Assim, o registro da atividade eletromiográfica, contribui na melhora do rendimento na prática de exercícios físicos, evitando lesões musculares, auxiliando na identificação de doenças neuromusculares, e na reabilitação do indivíduo.

Especialmente em relação a utilização da EMG na área da Educação Física, Gonçalves (2006, p. 01) salienta que esta técnica de monitoramento da atividade

[...] é utilizada como instrumento de medida do movimento humano, tem sido correlacionada com a força, o torque e as variáveis metabólicas assim como aplicada nas análises de velocidade de pedalada, da capacidade de resistência muscular, na verificação da especificidade e eficiência de métodos de treinamento e reabilitação, na quantificação da taxa de disparo de unidades motoras e na identificação da fadiga muscular.

Percebe-se assim, que a EMG é importante para definir métodos de treinamento e reabilitação, pois analisa o movimento humano ao observar e quantificar as unidades motoras ativas, facilitando a identificação da fadiga muscular (GONÇALVES, 2006).

Desse modo, considerando que muitos profissionais na área da Educação Física, ao concluírem a graduação, atuarão em academias ou como *personal trainers*, mais especificamente, com a musculação que “[...] é uma modalidade de exercício físico em que os músculos opõem-se a uma resistência ou força externa e é utilizada principalmente para o desenvolvimento de uma capacidade física denominada força” (MALDONADO *et al.*, 2008, p. 151), podemos inferir que a EMG é muito importante quando na prescrição de treinamento físico, pois a “análise eletromiográfica leva em conta a ativação muscular nas diferentes fases do movimento e qual musculatura é mais ativada nos diferentes movimentos ou exercícios” (MALDONADO *et al.*, 2008, p. 152).

Ainda segundo os autores Maldonado *et al.* (2008) pessoas de diferentes faixas etárias podem se beneficiar com a prática da musculação, também denominada por treinamento de força, treinamento com cargas, treinamento com pesos ou exercícios resistidos. Contudo, a diferença no trabalho a ser orientado pelo profissional de Educação Física será os objetivos que cada indivíduo buscará alcançar por meio da prática da musculação. Diante disso, os autores apontam para a necessidade dos profissionais da área de Educação Física se fundamentarem teoricamente nos conhecimentos da anatomia muscular, biomecânica do movimento, fisiologia do exercício e, mais especificamente, no conhecimento acerca da atividade elétrica dos músculos durante a realização dos exercícios de musculação, para assim prescreverem um bom treinamento para cada indivíduo, considerando suas especificidades, bem como as precauções e contraindicações de cada exercício, além de qual musculatura estará sendo trabalhada em cada movimento.

Percebe-se assim a necessidade de os professores das disciplinas fisiológicas dos cursos de Educação Física trabalharem em suas aulas com aspectos e fundamentos da EMG e sua relação com a fadiga muscular. Mas será que os professores estão trabalhando com esse assunto? E os alunos compreendem a necessidade desse conteúdo para sua atuação profissional futura?

A partir de tais indagações apresenta-se um questionamento central: Qual a compreensão dos alunos do Curso de Educação Física da Universidade Federal de

Goiás - Regional Catalão (EF/UFG-RC) sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular?

Diante o problema exposto a ser investigado, estabelecemos como objetivo geral: caracterizar a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular. E especificamente objetivamos: - Verificar o conhecimento dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre a fadiga muscular; - Descrever a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre o conceito de EMG; - Identificar como os alunos do Curso de EF/UFG-RC compreendem a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular; - Verificar a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC acerca da importância do conhecimento sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular para a atuação do profissional de Educação Física.

Observa-se que a mensuração dos diversos aspectos que interferem no trabalho muscular e nas articulações humanas, embora sejam muito importantes, apresentam muitas dificuldades no campo da Biomecânica. Nesse sentido a EMG, representa um método interessante, principalmente, na compreensão básica do sistema mecânico musculoesquelético humano e em processos de adaptações neuromusculares ao treinamento, explica Vilela Junior (2014).

Verifica-se que há grande significância o estudo da atividade elétrica do músculo através da EMG, porém por ser um aparelho muito caro, raramente algum curso de Educação Física disponibiliza aos estudantes a experiência com o eletromiógrafo, como é o caso do Curso de Educação Física da UFG-RC.

Nesse contexto, mediante os objetivos da pesquisa, este estudo tem enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de difundir os conhecimentos relativos a EMG, utilizada especificamente no estudo da fadiga muscular, no campo da Educação Física.

Por isso, ao delimitar o tema desse projeto de pesquisa, levou-se em consideração a grande relevância em difundir estudos que possibilitem aos acadêmicos e aos profissionais da área compreender o amplo espaço de utilização dessa técnica no campo da Educação Física.

Neste sentido, espera-se através dessa pesquisa que, ao identificarmos a compreensão dos acadêmicos do curso de EF/UFG-RC, possamos contribuir para que os mesmos despertem para essa área e possam ampliar seus conhecimentos a respeito do assunto.

Portanto, a produção de conhecimento acerca da EMG é importante para cada vez mais divulgar e apresentar esse assunto que para muitos é desconhecido. Além de poder instigar a busca por um maior conhecimento nessa área, a qual abrange aspectos fisiológicos essenciais para uma boa atuação enquanto profissionais de Educação Física, dentre esses aspectos encontra-se os princípios da contração muscular, que é responsável pelo movimento humano.

2 | METODOLOGIA

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa - caracterizar a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular -, utilizamos como meio de investigação a pesquisa de campo do tipo exploratória e descritiva. A qual visa à obtenção de dados de forma direta com a população pesquisada, em que o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno investigado está presente, na busca de uma percepção geral e aproximativa do objeto de estudo, sendo este até então pouco explorado, por fim descrevendo as características do objeto investigado, estabelecendo relações entre as variáveis existentes, podendo propiciar uma nova visão do fenômeno (GIL, 2008).

A pesquisa desenvolveu-se utilizando como população de estudo os alunos regularmente matriculados no Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão nos três últimos períodos vigentes no segundo semestre de 2016 (4º, 6º e 8º períodos), sendo aproximadamente 22 alunos no 4º período, 27 alunos no 6º período e 32 alunos no 8º período, totalizando aproximadamente 81 alunos em nossa população. Verifica-se que não incluímos os alunos matriculados no 2º período do Curso de Educação Física em nossa população de estudo, pois acreditamos que até o momento da coleta de dados os mesmos não teriam cursado disciplinas que subsidiassem a discussão proposta em nossa pesquisa.

A partir do universo definido, optamos por trabalhar com uma amostra não probabilística por acessibilidade, ou seja, houve uma escolha deliberada dos elementos da amostragem, em que selecionamos os sujeitos que tivemos acesso, sendo estes todos os alunos presentes em sala de aula no momento de aplicação do instrumento de coleta de dados, e que se dispuseram a participar da pesquisa, com isso obtivemos uma amostra de aproximadamente 40% da população.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos um questionário o qual foi aplicado com o objetivo de verificar a compreensão dos alunos do Curso de EF/UFG-RC sobre a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular.

O questionário foi formulado com cinco questões objetivas e discursivas, sendo este elaborado pela pesquisadora e aplicado a nossa amostragem de 40% da população, no segundo semestre do ano de 2016, especificamente no período matutino. Para a aplicação do questionário, solicitamos ao professor que estava ministrando a aula nos períodos correspondentes a população (4º, 6º e 8º períodos) para que possamos apresentar a pesquisa a ser realizada, e conseguinte aplicação do instrumento de coleta de dados (questionário).

Juntamente com o questionário, entregamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que após a leitura de ambos, todos os alunos selecionados que propuseram a colaborar com o estudo, responderam e nos deram a devolutiva aproximadamente 15 minutos após a entrega.

Após o recolhimento do instrumento de coleta de dados, decidimos analisar

todos os questionários coletados, pois verificamos que haviam muitas questões não respondidas ou com curtas explicações, além de termos tido retorno de apenas 33 questionários - 10 questionários no 4º período; 18 questionários no 6º período; 5 questionários no 8º período - totalizando nossa amostragem de 40% da população de estudo.

Os dados coletados foram analisados segundo uma abordagem quanti-qualitativa que segundo os autores Dalfovo, Lana e Silveira (2008), a abordagem quantitativa utiliza de técnicas estatísticas, ou seja, é a mensuração através de números. Já a abordagem qualitativa busca verificar a relação entre objeto e realidade, obtendo diversas interpretações das particularidades do processo de pesquisa.

Compreende-se então que a abordagem quanti-qualitativa tem como base ambos os fundamentos, ou seja, um irá complementar o outro, em que se usa tanto dados estatísticos, quanto interpretação da realidade para assim se obter a análise mais ampla possível dos dados recolhidos.

Em nossa análise optamos por apresentar os sujeitos da amostra pelas iniciais dos nomes, com o intuito de manter o sigilo da identidade dos indivíduos que participaram de nossa pesquisa.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a coleta de dados obtivemos para análise um total de 33 questionários, sendo que aproximadamente 30% são de alunos do quarto período do curso de Educação Física, 54% são do sexto período, e 15% são do oitavo período, em que 51% dos sujeitos participantes da pesquisa são do sexo feminino e 49% do sexo masculino, possuindo em média 22 anos de idade.

Na primeira pergunta indagamos aos sujeitos da pesquisa “qual a compreensão sobre o fenômeno da fadiga muscular”. Verificamos que 18% da amostra afirmaram não terem conhecimento sobre o assunto, 6% deixaram a pergunta sem responder, e os demais 76% referiram principalmente ao fenômeno da fadiga muscular como sendo decorrente de treino intenso, falta de força e cansaço muscular, falha na oxigenação do músculo, produção de ácido láctico, elevadas cargas no exercício físico, falta de alguns minerais, perda de contratibilidade das fibras musculares, falha no transporte de nutrientes, trabalho frequente do músculo, e elevado gasto energético.

Tais afirmações podem ser exemplificadas nas respostas de DK e MS, nas quais afirmam que “a fadiga muscular acontece nos exercícios anaeróbicos, sem oxigênio, o que se dá no citoplasma, produzindo ácido láctico e assim a fadiga muscular” (DK), e também que a “fadiga muscular, para mim, significa dizer que o músculo chegou no seu limite; que falta nutrientes, dentre outros, para a contração/descontração muscular, polarização e despolarização. Tem relação direta com alimentação, treinamento” (MS).

Observa-se que dos 76% que responderam à pergunta, aproximadamente 24%

são do quarto período, 40% são do sexto período e 12% são do oitavo período, e mesmo que sucintamente, ambos conseguiram expor de forma correta alguns aspectos que compreendem o fenômeno da fadiga muscular.

Segundo os autores Rossi e Tirapegui (1999) a fadiga muscular é um conjunto de manifestações que promovem a diminuição da capacidade funcional, tendo como consequência a incapacidade para manter o rendimento na prática de exercício físico.

A fadiga pode decorrer de inibições nos mecanismos de contração muscular, apresentando deteriorações dos processos bioquímicos e contráteis do músculo (fadiga periférica), ou devido às atividades serotoninérgicas cerebrais afetando a parte nervosa da contração muscular (fadiga central) (ROSSI e TIRAPEGUI, 1999; SANTOS, DEZAN e SARRAF, 2003).

A fadiga muscular é um limitante no desempenho humano, tanto nas atividades de vida diária, quanto no exercício físico e no esporte. E este fenômeno pode ser entendido como uma falha em manter um nível esperado de desempenho durante uma atividade sustentada ou repetitiva (SILVA, FRAGA e GONÇALVES, 2007).

De acordo com Enoka (2000) diferentes aspectos contribuem para a instalação de um processo de fadiga muscular, como o nível de motivação, a intensidade e duração da atividade muscular, a estratégia neural, a velocidade de contração, a continuidade de sustentação de uma contração, os músculos e unidades motoras ativadas, a propagação do estímulo, a disponibilidade de substratos metabólicos, o meio intracelular, o sistema contrátil e irrigação sanguínea para o músculo.

A origem e extensão da fadiga muscular dependem da especificidade do exercício, tipo de fibra muscular e o nível de aptidão física individual. É importante estudar a fadiga como um mecanismo de defesa que é ativado antes que ocorra alguma deterioração de determinadas funções orgânicas e celulares, prevenindo lesões celulares irreversíveis e numerosas lesões esportivas (SANTOS, DEZAN e SARRAF, 2003, p. 08).

Observa-se então que os alunos que responderam à pergunta referente a fadiga muscular tem o conhecimento acerca desse fenômeno, possibilitando assim, constatarmos que esse conhecimento está sendo discutido nas disciplinas do curso, pois aproximadamente 76% dos sujeitos participantes da pesquisa explicaram de forma correta os mecanismos da fadiga muscular.

Na segunda pergunta questionamos se “a temática da eletromiografia (EMG) tem sido discutida nas aulas”. Averiguamos que 91% de nossa amostragem afirmaram que a EMG não tem sido abordada em nenhuma disciplina do curso, 6% relataram que já aprenderam sobre o assunto, e 3% deixaram a pergunta sem responder. Observa-se que desses 6% que alegaram já terem aprendido sobre EMG, somente o sujeito MS do oitavo período do curso de Educação Física apresentou em quais disciplinas essa técnica foi abordada, sendo em fisiologia, anatomia e biomecânica.

A EMG é capaz de registrar os potenciais elétricos gerados nas fibras musculares

ativas, permitindo assim, diagnosticar problemas nervosos e musculares, bem como investigar quais músculos estão sendo utilizados em determinado movimento, qual o nível de ativação muscular, qual a duração e intensidade da solicitação das fibras musculares, além de possibilitar avaliações relativas à fadiga muscular (AMADIO *et al.*, 2002).

Diante disso, observamos que a EMG é uma temática muito importante e deve ser trabalhada nas disciplinas do curso de Educação Física, porém como podemos perceber, aproximadamente 91% de nossa amostragem afirmaram que essa técnica não tem sido abordada nas disciplinas do curso.

Percebe-se que os recursos para a análise eletromiográfica ainda “encontram-se distantes de uma realidade profissional concreta, devido à falta de conhecimento da técnica acompanhado ao alto custo dos aparelhos” (MALTA *et al.*, 2006, p. 01).

Um dos aspectos referentes a falta de ensino da EMG no curso de Educação Física da UFG-RC é que a universidade não possui nenhum eletromiógrafo, dificultando o ensino dessa técnica, fazendo com que os alunos não compreendam a relevância da mesma. Tanto é que tivemos o conhecimento sobre EMG após participarmos de uma oficina com professores da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os quais trouxeram um eletromiógrafo da UFU para o IV Simpósio de Ciências Biológicas do Sudeste Goiano e II Encontro de Formação de Professores de Biologia do Curso de Ciências Biológicas da UFG-RC.

Observa-se, portanto, que apesar da EMG ser uma técnica importante e que subsidia o trabalho do profissional de Educação Física, esta ainda é pouco estudada nas disciplinas do curso de Educação Física da UFG-RC.

Na terceira pergunta do questionário pedimos aos sujeitos da amostragem para “elaborarem um conceito de EMG a partir de seus conhecimentos”. As respostas obtidas apontam que aproximadamente 48% afirmaram não terem conhecimento suficiente para elaborar um conceito para EMG, 42% tentaram formular um conceito para EMG, e 10% deixaram a pergunta sem responder. Dentre os 42% que apresentaram alguma elaboração para a pergunta, 9% são do quarto período, 27% são do sexto período e apenas 6% do oitavo período.

Todos os alunos do quarto período referiram-se a EMG como sendo o estudo gráfico ou sonoro das correntes elétricas geradas no músculo. Já para os alunos do sexto período a EMG pode ser conceituada como um método específico que avalia a ação e contração das fibras musculares e o movimento dos músculos por meio de eletrodos, diagnosticando os problemas nervosos e musculares. Para exemplificar, dentre as respostas dos alunos do sexto período, FS aponta que a “EMG é a observação da contração muscular através de eletrodos” e NK afirma que “o aparelho eletromiográfico está sendo uma inovação para a área da Educação Física e Saúde, através desse aparelho foi descoberto que exercícios multiarticulares tem a mesma intensidade de um exercício isolado para um músculo”.

No oitavo período obtivemos somente duas respostas para a pergunta, em que

um dos alunos apresenta a EMG como sendo o “exame responsável por detectar, em nível da fibra muscular o que acontece no músculo” (SN), e o outro afirma que a “EMG é um conceito ligado diretamente ao músculo e sua atividade, é o modo como utilizamos para medir as cargas voltadas para exercício e a intensidade deste e suas vertentes” (MS).

De acordo com os autores Amadio *et al.* (2002) a EMG registra através de eletrodos a atividade elétrica muscular durante a realização do movimento, observando a variação do potencial elétrico. Os principais objetivos na utilização dessa técnica são: avaliar a coordenação e a técnica do movimento; estabelecer padrões comparativos entre situação de treinos; monitorar atletas; determinar “padrões de recrutamento para grupos musculares selecionados e resposta em situação de fadiga induzida pelo treinamento” (AMADIO *et al.*, 2002, p. 11).

Através da EMG pode-se verificar o padrão e velocidade de recrutamento das unidades motoras para grupos musculares específicos, sendo de grande relevância para cada modalidade esportiva (AMADIO *et al.*, 2002).

A EMG capta os sinais mioelétricos oriundos da ativação neuromuscular dos músculos. E esses sinais mioelétricos são decorrentes do ciclo de polarização-repolarização no mecanismo de contração muscular, formando um dipolo elétrico transmitido pela superfície da fibra muscular.

Esse dipolo permite a geração de corrente elétrica que, por sua vez, é captada por aparelhos próprios denominados amplificadores, que exercem um papel de identificação do sinal interno e exclusão de qualquer interferência externa. Os sinais captados (analógicos) devem ser convertidos em digitais para serem analisados através de um computador (TEIXEIRA, 2011, p. 01).

Observa-se segundo Amadio *et al.* (2002) e Teixeira (2011) que é importante considerar diversos fatores na aquisição do sinal eletromiográfico, os quais podem alterar sua forma e características, como: ruídos incorporados ao sinal; distorção do sinal no momento de processamento; características dos tecidos (espessura, temperatura); *crosstalk* (captação de sinais oriundos de músculos vizinhos); mudança de posição do eletrodo.

Como apresentado na literatura, analisamos que os 42% dos sujeitos participantes da pesquisa conseguiram formular corretamente um conceito para EMG, abordando a principal característica dessa técnica, que é de registrar a atividade elétrica do músculo. E muitos deles ainda apontaram a relação com o movimento, e se referiram também aos eletrodos. Mostrando-nos assim, que mesmo que a EMG não tenha sido apresentada em disciplinas do curso, esses 42% dos alunos participantes da pesquisa já ouviram falar ou leram sobre a técnica, devido muitos artigos trazerem a EMG para abordar e discutir outras temáticas como a musculação, periodização de treinos e avaliação muscular no esporte de alto rendimento.

Já na quarta pergunta do questionário indagamos aos sujeitos da pesquisa sobre

“como eles avaliam a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular”. Verificamos que aproximadamente 43% afirmaram não terem conhecimento suficiente para elaborar uma resposta, 33% procuraram responder o que foi pedido, e 24% deixaram a questão sem resposta. Destes 33% que responderam à pergunta, 6% são de alunos do quarto período e 27% do sexto período, ou seja, nenhum aluno do oitavo período respondeu a essa pergunta.

Dentre as respostas obtidas, observamos que os alunos compreendem que a EMG é importante para ver o que há de errado na musculatura, reduzindo a fadiga, também como análise do desempenho muscular, avaliando determinado movimento. Sendo um procedimento eficaz, devido analisar a frequência do músculo. Nas respostas dadas percebemos também que a EMG é muito relacionada a prática esportiva de alto rendimento, em que é utilizada para evitar lesões, auxiliando no aprimoramento de exercícios físicos para cada atleta. Tais exposições podem ser exemplificadas nas respostas de DN em que diz que a EMG é “importante pois assim é possível avaliar condições da musculatura de cada indivíduo” e NK o qual afirma que “através da EMG se descobre realmente se houve a falha muscular, e qual o melhor método para atingi-la”.

Observa-se que os sujeitos participantes da pesquisa que apresentaram a utilização da EMG no estudo da fadiga muscular conseguiram falar superficialmente das vantagens de se utilizar essa técnica, por exemplo, para avaliar os movimentos, e analisar a condição da musculatura de cada indivíduo. Porém, nenhum dos sujeitos apresentaram como a fadiga muscular é identificada pela EMG, e nem quais são as vantagens de se utilizar essa técnica no estudo da fadiga.

Autores como Silva, Fraga, Gonçalves (2007), Basmajian e De Luca (1985), apontam que a EMG é uma técnica que estuda a função do músculo através da análise do sinal eletromiográfico obtido durante a contração muscular, fornecendo informações que auxiliam na compreensão da ação, função, controle e aprendizagem da atividade muscular. E através da EMG é possível avaliar a fadiga muscular, observando a atividade elétrica dos músculos, utilizando da amplitude e do espectro de potência do sinal.

A análise da atividade muscular obtida por meio da EMG tem sido muito utilizada para estudar o fenômeno da fadiga, em que quando o músculo está fadigado ocorre uma diminuição dos valores da Frequência Mediana (FM), bem como um aumento do valor RMS (Root Mean Square), verificado por meio da amplitude do sinal eletromiográfico em função do tempo. Isso ocorre, pois há um recrutamento de novas unidades motoras para compensar àquelas que estão fadigadas (SILVA, FRAGA, GONÇALVES, 2007).

A fadiga muscular pode ocorrer devido as altas concentrações de ácido láctico no músculo deixando o pH intracelular ácido, sendo resultado da falta de oxigenação e nutrição das células pela corrente sanguínea, principalmente em exercícios anaeróbicos, de alta intensidade e curta duração. Como consequência, a velocidade de condução elétrica da fibra muscular diminui o que gera um decréscimo na frequência

mediana da onda gerada pela EMG (TEIXEIRA, 2011).

Desta forma, a fadiga muscular pode ser determinada pela concentração de ácido láctico no músculo através de amostras de sangue retiradas em períodos específicos durante a realização de uma atividade. Entretanto, esta forma de detecção não é eficiente pois, desta maneira, não é possível monitorar exatamente quando a fadiga ocorreu (TEIXEIRA, 2011, p. 03).

Percebe-se então que monitorar a fadiga muscular de forma contínua possibilita determinar o momento exato que o músculo fadigou. E através de amostras de sangue isso não é possível. Já por meio da EMG consegue-se monitorar a fadiga em tempo real, além de ser uma aplicação direta no músculo, podendo avaliar as especificidades musculares, correlacionando com mudanças bioquímicas e fisiológicas durante a ocorrência de fadiga (TEIXEIRA, 2011).

Por fim, na quinta pergunta questionamos aos sujeitos da pesquisa sobre “qual a importância da EMG no estudo da fadiga muscular para a atuação do profissional de Educação Física”. Averiguamos com isso, que aproximadamente 27% afirmaram não ter conhecimento sobre o assunto, 43% deixaram a questão sem resposta, e 30% procuraram compreender e explicar a importância da EMG no estudo da fadiga muscular para a atuação do profissional de Educação Física. Destes 30% que responderam, 6% são de alunos do quarto período, 21% do sexto período e 3% do oitavo período.

Observamos que nessa última questão do questionário os alunos que responderam procuraram se empenhar mais na elaboração da resposta, como pode ser observado na resposta de JP o qual diz que a EMG é importante, pois possibilita “ter em mãos mais elementos de qualidade para uma boa atuação profissional, principalmente na área do treinamento e saúde”.

Na maioria das respostas os alunos também ressaltaram a EMG como sendo importante para o profissional de Educação física, devido detectar a fadiga muscular, estudar as correntes elétricas do músculo auxiliando no desempenho das atividades, e também como sendo uma técnica relevante “[...] para que o professor de Educação Física possa avaliar quais músculos estão sendo trabalhados e se existe alguma lesão” (LA), auxiliando “[...] o profissional na prescrição de exercícios para grupos específicos de músculos” (MB), avaliando cada aluno e montando treinamentos específicos e individuais.

A EMG auxilia nos estudos fisiológicos e biomecânicos, servindo como ferramenta de avaliação e pesquisa em prevenção de lesões, reabilitação, treinamento, rendimento, ergonomia, medicina, e em várias outras áreas (TEIXEIRA, 2011).

Por meio da EMG é possível verificar o comportamento do músculo; avaliar a performance muscular; auxiliar na tomada de decisões; documentar tratamentos e treinamentos; ajudar em treinos para músculos específicos; além de permitir analisar o desempenho esportivo e detectar respostas musculares em estudos ergonômicos (LIMOLI, 2017).

Observa-se então nas respostas dos sujeitos participantes da pesquisa que eles compreendem que a avaliação física por meio da EMG tem por objetivo acompanhar periodicamente a evolução dos resultados obtidos, buscando sempre a melhor estratégia e ergonomia no alcance dos mesmos.

E que através da EMG o profissional de Educação Física poderá estabelecer metas e estratégias para o alcance dos objetivos almejados, verificando as variáveis envolvidas no treinamento como a fadiga muscular, com isso a partir da análise dos dados, possa se estabelecer o melhor planejamento a ser iniciado e/ou mantido.

Porém, nas respostas dos alunos não ficou claro a importância do profissional de Educação Física estudar sobre a fadiga muscular, e nem como esse conhecimento é importante quando refere-se a prática de exercícios físicos.

Os autores Clebis e Natali (2001) apontam que compreender o fenômeno da fadiga muscular é muito importante na prevenção de lesões, as quais podem ser definidas como qualquer alteração que leva a um problema no funcionamento do músculo, seja ela histoquímica ou morfológica. Diante disso, a fadiga muscular pode comprometer o funcionamento do músculo, gerando um desequilíbrio, favorecendo o surgimento de lesões musculares.

Nota-se assim que é de extrema relevância o profissional de Educação física estudar o fenômeno da fadiga muscular, pois como observamos, esta pode provocar diversas alterações no funcionamento do músculo, podendo ocasionar lesões. Assim, ao conhecer sobre a fadiga aliando a técnica da EMG, o profissional poderá evitar que seus alunos tenham algum comprometimento muscular, propiciando um melhor planejamento dos treinos de acordo com os limites fisiológicos de cada indivíduo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos a partir da revisão de literatura que a EMG pode prevenir e tratar lesões musculoesqueléticas, a qual irá analisar como as fibras musculares se comportam em repouso e no exercício físico, obtendo essa resposta por meio do sinal elétrico.

Para a utilização da EMG é necessário dominar os mecanismos biomecânicos e fisiológicos correspondente ao potencial de ação na contração muscular, além de ter o conhecimento sobre algumas limitações em sua aplicação, para assim diminuir as chances de erro ao analisar os resultados.

Nesse sentido, verificamos a necessidade de tais conhecimentos se fazerem presentes na formação acadêmica dos alunos de Educação Física, pois a fadiga muscular é um limitante no desempenho humano, tanto nas atividades de vida diária, quanto no exercício físico e no esporte. Portanto, aliar os conhecimentos referentes a fadiga muscular à EMG possibilita o profissional de Educação Física planejar os treinos de acordo com os limites fisiológicos de cada indivíduo, aumentando o desempenho e

diminuindo os riscos de lesões musculares.

REFERÊNCIAS

AMADIO, A. C.; ÁVILA, A. O. V.; GUIMARÃES, A. C. S.; DAVID, A. C. de.; MOTA, C. B.; BORGES, D. M.; GUIMARÃES, F.; MENZEL, H-J.; CARMO, J. do.; LOSS, J.; SERRÃO, J. C.; SÁ, M. R. de.; BARROS, R. M. L. de. Métodos de medição em biomecânica do esporte: descrição de protocolos para aplicação nos centros de excelência esportiva (rede CENESP - MET). **Revista Brasileira de Biomecânica**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 57-67, 2002. Disponível em: <<http://www.def.ufla.br/marcoantonio/wp-content/uploads/2016/05/M%C3%A9todos-de-medi%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

_____; SERRÃO, J. C. Contextualização da biomecânica para a investigação do movimento: fundamentos, métodos e aplicações para análise da técnica esportiva. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, p.61-85, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16665/18378>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

BANDEIRA C. C. A.; BERNI, K. C. S.; RODRIGUES, B. D. Análise eletromiográfica e força do grupo muscular extensor do punho durante isquemia induzida. **Rev Bras Fisioter**, v. 13, n.1, p. 31-37, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v13n1/aop013.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BASMAJIAN, J. V.; DE LUCA, C. J. **Muscle alive**: their function revealed by electromyography. 5. ed. Baltimore, Williams & Wilkins, 1985.

BASSANI, E.; CANDOTTI, C. T.; PASINI, M.; MELO, M.; TORRE, M. Avaliação da ativação neuromuscular em indivíduos com escoliose através da eletromiografia de superfície. **Rev Bras Fisioter**, v. 12, n. 1, p. 13-19, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v12n1/04.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BEVILAQUA, G. D.; FELÍCIO, L. R. LEOCÁDIO, L. P. Análise do tempo de resposta reflexa dos músculos estabilizadores patelares em indivíduos com síndrome da dor femoropatelar. **Rev Bras Fisioter**, v.12, n. 1, p. 26-30, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v12n1/06.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

CLEBIS, N. K.; NATALI, M. R. M. Lesões musculares provocadas por exercícios excêntricos. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Brasília, v. 9, n. 4, p. 47-53, 2001. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/09/lesoes-provocadas-por-exercicios-excentricos.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, 2008. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

DE LUCA, C. J. The use of surface electromyography in biomechanics. **Journal of Applied Biomechanics**, Newark, v. 13, n. 2, 38 p., 1997. Disponível em: <<https://web.njit.edu/~sengupta/IE665/EMG%20and%20biomechanics.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

ENOKA, R. M. Bases neuromecânicas da cinesiologia. 2. ed. São Paulo: **Manole**, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas. 6 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008. 220 p. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2016.

GONÇALVES, M. Eletromiografia e a identificação da fadiga muscular. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, p.91-93, set. 2006. Suplemento n.5. Disponível em: <

<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v%202020%20supl5%20artigo22.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

LIMOLI, C. S. Protótipo de um eletromiográfico sem fio de baixo custo. 77 f. **Monografia** (Graduação em Engenharia Elétrica com Ênfase em Eletrônica), Escola de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2017.

MACHADO, N. A. G.; STRINI, P. J. S. A.; BRANCO, C. A.; BORGES, R. N.; MAZZETTO, M. O.; FERNANDES NETO, A. J.; FONSECA, R. B. Eletromiografia Aplicada às Desordens Temporomandibulares. **Rev Odontol Bras Central**. 2010. Disponível em: < <http://files.bvs.br/upload/S/0104-7914/2011/v19n51/a2526.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

MALDONADO, D. T.; CARVALHO, M de.; BRANDINA, K.; GAMA, E. F. Análise anatômica e eletromiográfica dos exercícios de leg press, agachamento e stiff. **Revista Integração**, n. 53, p. 151-157, 2008. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/44022505/Analise-anatomica-e-eletromiografica-dos-exercicios-de-leg-press-agachamento-e-stiff>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

MALDONADO, D. C.; FERREIRA, M. C.; RIBEIRO, R. P. P.; GROSSO, A. F. **Registros eletromiográficos para ilustrar as aulas de fisiologia neuromuscular**. ConScientiae Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, n. 4, p. 79-86, 2005. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/929/92900409.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

MALTA, J.; CAMPOLONGO, G. D.; BARROS, T. E. P de.; OLIVEIRA, R. P de. Eletromiografia aplicada aos músculos da mastigação. **Acta ortop. bras**. v.14, n. 2, São Paulo, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522006000200011>. Acesso em: 03 ago. 2016.

OCARINO, J. de M.; SILVA, P. L. P da.; VAZ, D. V.; BRÍCIO, R. S.; FONSECA, S. T da.; AQUINO, C. F de. Eletromiografia: interpretação e aplicações na ciência da reabilitação. **Fisioterapia Brasil**, São Paulo, v.6, n.4, Jul/Ago. 2005. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=491197&indexSearch=ID>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

OLIVEIRA, G. S de.; CEZAR-VAZ, M. R.; ROCHA, L. P.; SEVERO, L de. O.; BONOW, C. A. A Eletromiografia na Clínica da Saúde do Trabalhador: Revisão Integrativa. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v. 7, n. 4, p. 1216-1224, 2013. Disponível em: < <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/3188/5975>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

ROCHA JUNIOR, V. de A.; GENTIL, P.; OLIVEIRA, E.; CARMO, J do. Comparação entre a atividade EMG do peitoral maior, deltóide anterior e tríceps braquial durante os exercícios supino reto e crucifixo. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 1, p. 51-54, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v13n1/12.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

ROSSI, L.; TIRAPEGUI, J. Aspectos atuais sobre exercício físico, fadiga e nutrição. **Rev. paul. Educ. Fis.**, São Paulo, v.13, n.1, p. 67-82, jan./jun. 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/170567342/ASPECTOS-ATUAIS-SOBRE-EXERCICIO-FISICO-FADIGA-E-NUTRICAO-pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SANTOS, M. G dos.; DEZAN, V. H.; SARRAF, T. A. Bases metabólicas da fadiga muscular aguda. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 07-12, jan. 2003. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/480>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SILVA, B. A. R. S.; MARTINEZ, F. G.; PACHECO, A. M.; PACHECO, I. Efeitos da fadiga muscular induzida por exercícios no tempo de reação muscular dos fibulares em indivíduos saudáveis. **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 2, p. 85-89, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922006000200006>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____; FRAGA, C. H. W.; GONÇALVES, M. Efeito da fadiga muscular na biomecânica da corrida: uma revisão. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n.3, p.225-235, jul./set. 2007. Disponível em: <http://esportes.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/83/efeito-fadiga-muscular.pdf>. Acesso

em: 25 jul. 2017.

SUDA, Y. E.; CANTUÁRIA, A. L.; SACCO, I. C. N. Mudanças no Padrão Temporal da EMG de Músculos do Tornozelo e Pé Pré e Pós-Aterrissagem em Jogadores de Voleibol com Instabilidade Funcional. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 4, p. 341-347, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922008000400004>. Acesso em: 30 jun. 2016.

TEIXEIRA, E. C. M. Identificação de Padrões em Fadiga Muscular. **Relatório apresentado à disciplina Estágio Supervisionado II** do curso de graduação em Estatística, Departamento de Estatística, Instituto de Exatas, Universidade de Brasília Departamento de Estatística, 2011, 113 p. Disponível em: < http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4049/6/2011_EstevamCaixetaMartinsTeixeira.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

VILELA JUNIOR, G. de B.. **Fundamentos da Eletromiografia**. 2014. Disponível em: < <http://www.cpaqv.org/mtpmh/eletromiografia.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO APARELHO LOCOMOTOR QUE ACOMETEM OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Rayssa Lodi Mozer

São Gabriel da Palha, Espírito Santo, Brasil.

RESUMO: Com o aumento da busca por atividade física no local de trabalho, se torna necessário um resgate de estudos a respeito da ciência das empresas que praticam políticas administrativas modernas, criando intervenções de saúde ocupacional durante o expediente de trabalho, visando o bem estar de seus funcionários. O objetivo foi identificar as estruturas do aparelho locomotor que mais sofrem cargas de acordo com o seu setor de trabalho e prescrever intervenções específicas para atender ao trabalhador. Pesquisa quantitativa, realizada por questionário, aplicado a todos componentes da amostra. Amostra foi composta por 113 funcionários de uma indústria têxtil de São Gabriel da Palha, sendo mulheres (78%) e homens (22%). Questionário com perguntas relacionadas à identificação do trabalhador e à qualidade de vida dentro e fora de seu local de trabalho. Utilizou-se o software SPSS®. 85% dos trabalhadores disseram sentir dor no corpo. Os lugares com maiores índices de dor foram, o pescoço (49%), coluna lombar (47%) e coluna torácica (37%). A dor pode aparecer devido a posições ou movimentos inadequados realizados por longo período, principalmente aos indivíduos que realizam

trabalhos manuais que exigem destreza, olhar fixo, cabeça fletida e/ou alguma outra posição inadequada. Com relação aos membros inferiores as porcentagens foram dores nos pés (36%), nos joelhos (34%) e nas pernas (27%). As doenças ocupacionais que acometem os indivíduos dos setores de corte e costura são principalmente a cervicalgia e a lombalgia. Além destes, dores nas pernas e pés, assim como formigamentos, se apresentam de forma constante nestes trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças ocupacionais, indústria têxtil, corpo-trabalho.

ABSTRACT: With the increase in the search for physical activity in the workplace, it is necessary to retrieve studies and publications about the science of companies that practice modern administrative policies, creating interventions during work hours for occupational health. To identify the structures of the locomotive apparatus that most suffer loads according to their sector of work and prescribe specific interventions to assist the worker in strengthening and relaxation of these structures. Quantitative research, in the form of a questionnaire, applied to all components of the sample. Sample composed of 113 employees of a textile industry in São Gabriel da Palha, being women (78%) and men (22%). SPSS® software was used. 85% of workers feel pain in the body. The sites with

the highest pain rates were the neck (49%), the lumbar spine (47%) and the thoracic spine (37%). Pain may appear due to inadequate positions or movements performed over a long period, especially to those individuals who perform manual tasks that require dexterity and a fixed stare to stay in attention, with a bent head or some other inappropriate position. In relation to the lower limbs, the percentages were pain in the feet (36%), in the knees (34%) and in the legs (27%). The occupational diseases that affect individuals in the cutting and sewing sectors are neck pain and low back pain. Besides these, pains in the legs and feet, as well as tingling, present themselves in a constant way in these workers.

KEYWORDS: Occupational diseases, textile industry, body-work.

1 | INTRODUÇÃO

O homem, como ser social, realiza-se pelo trabalho, desde que tenha saúde para efetivação do mesmo. A falta ou o excesso de trabalho favorecem o desenvolvimento de disfunções físicas e psíquicas, que levam à ruptura do equilíbrio entre os sistemas orgânicos do homem, propiciando o aparecimento de diversas doenças. Estas doenças tornaram-se um problema para as empresas, afetando diretamente a produtividade e a qualidade de vida dos trabalhadores.

Com o aumento da busca por atividade física no local de trabalho, se torna necessário um resgate de estudos e publicações a respeito da ciência das empresas que praticam políticas administrativas modernas, criando intervenções durante o expediente de trabalho com objetivo de saúde ocupacional, visando o bem estar de seus funcionários. Entretanto, são poucas as empresas que dispõem ao trabalhador à oportunidade de participarem de programas voltados a qualidade de vida.

Para desenvolvimento, foi realizada uma pesquisa de campo, identificando em forma de observações, vídeos e fotos a rotina dos trabalhadores do setor de corte e costura de uma indústria têxtil. Foi aplicado um questionário buscando identificar as necessidades dos trabalhadores de cada setor da indústria, assim como perguntas voltadas ao Programa de Ginástica Laboral.

Com a chegada da revolução Industrial anunciou-se um novo sistema de relações econômicas, onde o setor industrial passou a ser elemento essencial da economia. Somente após o aumento do índice de afastamentos do trabalho pelas chamadas doenças ocupacionais, foi que começou a se olhar o trabalhador como “um corpo de sente”.

Diante desta realidade, o objetivo da pesquisa é identificar as estruturas do aparelho locomotor que mais sofrem cargas de acordo com o seu setor de trabalho e diante destes dados, prescrever intervenções específicas para atender o trabalhador no fortalecimento e relaxamento destas estruturas.

2 | JUSTIFICATIVA E BENEFÍCIOS

Com o aumento das exigências no ambiente de trabalho criaram-se novas tecnologias que tiveram impacto determinante no aumento da produtividade, porém, como consequência, aumentaram consideravelmente os casos de doenças ocupacionais dentro das empresas. Sabe-se que intervenções realizadas dentro das indústrias, como a análise ergonômica dos postos de trabalho e programas de atividade física tem sido um tema de atuais estudos e estão sendo aplicados como alternativas para prevenir os riscos de desenvolvimento das doenças ocupacionais.

Os dados obtidos com esta pesquisa poderão servir para identificar como esta sendo considerada a saúde dos trabalhadores da indústria, perante os representantes legais da empresa. Servem também como incentivo a criação de novos estudos, pesquisas e novos projetos a serem desenvolvidos a respeito do conteúdo proposto.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A amostra para pesquisa foram funcionários de uma indústria Têxtil de São Gabriel da Palha dos setores de corte e costura. Todos os trabalhadores destes setores que estavam presentes nos dias de coleta participaram da pesquisa. Para obtenção dos dados realizou-se uma pesquisa de campo sob forma de questionário com objetivo de identificar e caracterizar disfunções que podem estar relacionadas às posturas adotadas na jornada de trabalho.

A amostra foi composta por 113 funcionários de ambos os sexos, sendo 78% mulheres e 22% homens.

Os funcionários foram reunidos no salão da Indústria, onde foi lhes apresentada uma breve palestra sobre as doenças ocupacionais e sobre o projeto de Ginástica Laboral. A aplicação do questionário foi realizada na semana posterior, antes do início das atividades propostas. Junto aos questionários, os funcionários receberam um termo de consentimento livre e esclarecido para leitura e assinatura. Nenhum risco foi apresentado aos indivíduos que aceitaram participar da pesquisa, visto que não foi realizada nenhuma intervenção de modo intencional nos fatores fisiológicos, sociais e psicológicos dos indivíduos participantes.

Para a análise dos dados desta pesquisa, os dados obtidos foram tratados com Métodos Estatísticos por meio do software SPSS®.

4 | REFERENCIAL TEÓRICO

Para Fleurey (1996) se torna necessário realizar uma breve retrospectiva a respeito da história do processo de organização do trabalho, quando se pretende investigar a cultura das empresas modernas a fim de oferecer subsídios para entender

como é a organização do trabalho das empresas, nos dias atuais.

No século XX, Frederick Taylor criou princípios que influenciam até hoje a organização do trabalho. Segundo Vargas (1979), Taylor acreditava na mecanização do homem, onde os movimentos devem ser automatizados e sempre iguais.

Uma nova proposta de gestão foi criada por Henry Ford: a linha de montagem. Qual foi denominada de fordismo. Para Heloani (1996), Ford limitou o deslocamento do trabalhador dentro da empresa, criando esteiras rolantes, onde os trabalhadores é quem trabalhavam no ritmo da esteira, de forma ininterrupta. O trabalhador então, não necessitava mais das técnicas sobre sua função, e sim, realizar os movimentos sem conhecimento profissional.

Já nos anos 1990 o qual perdura até os dias atuais, inicia-se a chamada Administração Participativa. Heloani (1996), diz que neste período surgiram resistências a este novo conceito de organização de trabalho, onde havia a necessidade de atender ao interesse e necessidade de todos os indivíduos envolvidos no processo de trabalho.

Torna-se importante que os profissionais de educação física que trabalham com promoção a saúde, levem em consideração o contexto cultural e social do grupo qual será atingido. Para Figueiredo e Mont'Alvão (2005), os profissionais que trabalham nas empresas com programas de qualidade de vida e segurança do trabalhador, devem compreender mais sobre o corpo do trabalhador dos dias atuais.

Até os anos 1970, os critérios usados para definir a gravidade de certos acidentes de trabalho e possíveis causas não eram exatos, por não haver uma visão e abordagem única sobre o tema. Conforme Filho (2004), após este período os indicadores de morbimortalidade a respeito do trabalho formal, passaram a ser organizados pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS). Porém, estes dados obtidos pelo MPAS estão cada vez mais limitados devido ao aumento de indivíduos trabalhando em setores informais.

Filho (2004) diz ainda que os acidentes de trabalho não atingem somente a vida do trabalhador, atingem também as empresas no custo de produção, interferindo na economia e interfere no estado, que necessita de maior atenção a saúde destes trabalhadores. Entretanto, o indivíduo que tem sua saúde afetada e seus familiares são os principais a sofrerem com as consequências.

Um dos fatores mais presentes nos afastamentos de funcionários na empresa está no que diz respeito às doenças ocupacionais.

Para Miranda (1998), a doença do trabalho é aquela a qual o trabalhador desenvolve em função das condições do seu trabalho.

Com o surgimento de novas tecnologias e métodos que facilitam a intensificação do trabalho, atingem o trabalhador em seu perfil de adoecimento, aumentando o índice de doenças relacionadas ao trabalho, como as Lesões por Esforço Repetitivos (LER), e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), além de outras formas de adoecimento, como o estresse, a fadiga física e mental e outras.

Galafassi (1998) define LER/DORT como sendo “patologias que

se instalam insidiosamente em determinados segmentos do corpo, e que são consequência do trabalho”.

No Brasil, o termo LER apareceu somente da década de 80, como tradução ao conceito de um australiano para Repetitive Strain Injury. Segundo Reis (2001), estas lesões foram descritas no Brasil por volta de 1984, mas só foi reconhecida em 1987 pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Conforme o Ministério da Saúde (2001), sob a Ordem de Serviço/INSS n. 606/1998, a Norma Técnica passou por uma revisão em 1997, onde o termo LER foi substituído por DORT. Conforme a Ordem de Serviço 606, este tipo de adoecimento é causado por esforços repetitivos, sendo patologias ou síndromes patológicas que se instalam de determinadas regiões do corpo, devido ao esforço de forma inadequada no trabalho.

Smith (1996) aponta os fatores de risco para desenvolvimento de LER/DORT, como sendo:

A frequência dos movimentos; a postura da articulação envolvida; a força necessária para realizar a tarefa ou a carga que exige forças; a vibração; as condições ambientais; as características da organização do trabalho; as condições psicossociológicas e os fatores de risco de ordem individual, como o sexo. As condições de vida fora do ambiente de trabalho também devem ser consideradas, podendo ter contribuição na gênese dos distúrbios. (SMITH, 1996).

Segundo Maciel (2006), “Existem ainda outros fatores que podem favorecer o aparecimento das LER/DORT’s, como por exemplo, os fatores pessoais: sexo (feminino); idade; sedentarismo, herança familiar, lesões pré-existentes, dentre outros”.

Os trabalhadores das indústrias de vestuário tem grande probabilidade de adquirirem as doenças ocupacionais, sobretudo por ser um local onde os trabalhadores estão expostos a tarefas repetitivas, carregadas de tensões musculares e estresse.

O diagnóstico da LER/DORT é realizado por meio de manifestações em forma de doença somática. Grande parte destas manifestações é definida desde a Norma Técnica de 1992, onde posteriormente surgiram novas formas a serem consideradas.

Muitos destes trabalhadores afetados pelas doenças ocupacionais não são diagnosticados como tal. São grandes as dificuldades encontradas para realizar o diagnóstico dos distúrbios relacionados ao trabalho. A dor que estes funcionários sentem é muitas vezes descrita como queimação, o que difere da dor em caso de lesões anatômicas em determinadas estruturas.

Uma das formas de intervenção para melhorar ou prevenir os trabalhadores das doenças ocupacionais é por meio da Ginástica Laboral.

Para Lima (1925), o primeiro registro que se tem a respeito da Ginástica Laboral foi em 1925, na Polônia, quando foi encontrado um livro destinado a operários chamado Ginástica de Pausa. Alguns anos depois do surgimento deste livro, houve registros da Ginástica Laboral na Holanda e na Rússia.

Os primeiros registros de programas voltados ao lazer e saúde do trabalhador no Brasil, ocorreram durante a década de 30 foi quando se iniciou projetos relacionados a opções de lazer e esporte voltados aos funcionários. Neste período, houve a construção de quadras e campos em fabricas da região de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro e alguns outros empreendimentos, como do Banco do Brasil, Light e Power e Caloi, que ofereciam estas opções através de clube.

Porém, segundo o Ministério da Educação (1990), a introdução da Ginastica Laboral no Brasil de forma estabilizada foi somente em 1969, realizada nos estaleiros Ishikawahima, no Rio de Janeiro, onde uma equipe de Nipônicos, professores de Educação Física, a realizavam com três principais objetivos, que eram físicos, organizacionais e funcionais.

Mas foi somente a partir de 1990 que a Ginastica laboral foi fez parte das discussões acadêmicas e nas empresas. Houve então nestes anos dois fatos de marcaram a história da Ginástica Laboral no Brasil. Um deles foi quando através da Lei nº 9.696, criou-se o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Educação Física. O outro foi quando o CONFEF se dispôs sobre a Ginastica Laboral, na resolução nº 073/2004.

Segundo Lima (2007), a Ginástica Laboral pode ser definida como praticas físicas realizadas durante o expediente de trabalho, com objetivo de alongar, tonificar, ativar e compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho.

Dias (1994), diz que a Ginástica Laboral deve ser leve e utilizada de forma preventiva, com exercícios realizados no próprio local de trabalho.

Para Lima (2007), o objetivo da Ginastica Laboral está em proporcionar adaptações fisiológicas, psíquicas e físicas mediante a pratica de exercícios físicos, dentre outros métodos complementares e compatíveis ao ambiente, visando ativar, relaxar e tonificar as estruturais corporais requisitadas no trabalho.

A Ginastica laboral atua na melhoria e na redução de diversos fatores relacionados à qualidade de vida dos indivíduos. Lima (2007) cita, dentre as melhorias, a postura corporal, a mobilidade articular, convívio social entre funcionários. Já no âmbito redução, os principais são os acidentes de trabalho, o absenteísmo, a fadiga muscular, o cansaço físico e mental, dentre outros.

As empresas encontraram nos programas de atividade física uma forma de sair à frente em época competitiva dentre a sociedade, onde, cada vez mais, havia empresas aderindo aos programas para seus funcionários no próprio ambiente de trabalho.

Para Oliveira (2007), diversos autores caracterizam a Ginastica Laboral de várias formas diferentes. Portanto, há três divisões mais apontadas. O critério usado para esta distinção está na elaboração dos exercícios, voltados à necessidade da empresa e atividade exercida, assim como o momento em qual é desenvolvida.

Segundo Figueiredo e Mont'Alvão (2005), a Ginastica Laboral preparatória é aquela realizada antes do inicio da jornada de trabalho. Tem uma duração em torno de 5 a 10 minutos e tem como principal objetivo preparar o indivíduo para as atividades

quais serão realizadas durante o trabalho.

Para Pigozzi (2000), a Ginástica laboral compensatória ou de pausa consiste em pausas realizadas durante a jornada de trabalho para realização da atividade física proposta, que buscam relaxar os músculos que estão sendo ativados durante a jornada de trabalho.

Segundo Mendes (2000) a Ginastica Laboral de Relaxamento, é aquela praticada no fim de expediente, baseada em exercícios de alongamento e relaxamento muscular. O principal objetivo é de relaxamentos das regiões que foram mais acometidas durante o trabalho.

No que se refere à indústria do vestuário, a implantação da indústria têxtil no Brasil foi marcada com o surgimento de fabricas rudimentares espalhadas pelo país.

Abraão e Pinho (2002), falam sobre o crescimento acelerado nas indústrias e a necessidade reestrutural no perfil organizacional das empresas, que resultaram em alterações quais aumentaram o ritmo e a duração das jornadas de trabalho. Para Reis (2003), não é uma fácil tarefa intervir nos métodos de trabalho de uma indústria, pois, é algo de grande responsabilidade e de grande risco.

Voltada à visão para as doenças ocupacionais nas indústrias de confecção, observa-se que este tipo de indústria requer grande adaptação por parte do trabalhador no desempenho das atividades, o que o torna mais suscetível aos acidentes de trabalho.

5 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário contou com doze perguntas, relacionadas à identificação do trabalhador e à qualidade de vida do mesmo dentro e fora de seu local de trabalho.

Para classificação da faixa etária, dividimos em quatro categorias, sendo, até 20 anos (6%), 21 a 30 anos (35%), 31 a 40 anos (24%) e acima de 40 anos (0%). Com relação ao tempo de trabalho na empresa, 46% os participantes trabalham na empresa há dois anos ou menos, representando a maioria. Dois a cinco anos por (15%), de cinco a dez anos (15%) e a mais de 10 anos somente 6%. 18% dos participantes não responderam esta questão.

Em relação à qualidade de vida, 82% dos participantes disseram ter boa qualidade de vida, 8% muito boa, 7% disseram considera-la como ruim e 1% não respondeu a esta questão.

Quando perguntado sobre atividades físicas, 32% da amostra informou que tem alguma pratica, mesmo não detalhada qual seja. Sendo que o restante, 68% não realizam nenhuma atividade física. A amostra de participantes que disse não realizar nenhum tipo de atividade física informou ainda que dentre os principais motivos esta a falta de tempo e a preguiça ou “falta de coragem”. Os 7% que classificaram a qualidade de vida como ruim, estavam entre os 68% que não praticam nenhum tipo de atividade

física.

Para Stort (2006), a prática de exercícios físicos regulares melhoram os níveis de produção do indivíduo, assim como o humor, interferindo de forma positiva para o trabalhador e para a empresa.

O fator “falta de tempo” descrito pelos participantes como interferência a prática da atividade física pode estar relacionado ao aumento das horas extras trabalhadas. No geral, a jornada de trabalho do indivíduo na indústria têxtil inicia-se às 07h00min e encerra às 17h00min. Porém, muitos funcionários permanecem na indústria além deste horário. Esta horaria extraordinária, como é chamada afeta diretamente na saúde do trabalhador. Visto que o trabalhador não mantém o mesmo ritmo de produtividade que é esperado neste período, e em contrapartida, aumenta o cansaço físico e mental, o mesmo tende a não se recuperar totalmente para o novo dia de trabalho, aumentando as chances de desenvolver diversas doenças ocupacionais.

Para os fatores de doenças coronarianas, as principais alterações foram o estresse (62%), seguido por sedentarismo (15%), hipertensão (11%), colesterol (9%), fumo e palpitações (ambos 8%), menopausa (5%), diabetes (4%) e uréia (3%). Barreto e Barbosa-Branco (2000), dizem que o estresse pode provocar depressão, ansiedade, fadiga, fraqueza, dentre outros. Além de gerar situações de insegurança no emprego, falta de expectativas, e limitações em contatos interpessoais.

Ainda baseado na qualidade de vida, 54% da amostra diz estar satisfeita com o sono, insatisfeitos com 25% e muito insatisfeitos com 3%. Já para os níveis de satisfação com o trabalho, 77% disseram estar satisfeitos, Insatisfeitos com 10%, muito satisfeitos 10%, e 3% não responderam.

Uma das perguntas é relacionada à sensação de dor corporal. “Você sente dor em alguma parte do corpo?”. Para resposta, o questionário dispunha de um boneco em anexo, com os pontos para identificar o local da dor assim como o grau da dor de sentia. Entre os entrevistados, 85% afirmou sentir dor em alguma região do corpo. E somente 15% disseram não sentir nenhum tipo de dor.

Segundo Trindade (2012), a dor é um dos principais fatores que diminuem a qualidade de vida do trabalhador, resultando em sofrimento e provocando diversas disfunções como físicas e psicossociais. Estas principais causas interferem de forma negativa no desempenho do trabalho realizado, assim como sua vida pessoal e familiar.

Os maiores índices de dor foram identificados no tronco, sendo o maior no pescoço (49%), coluna lombar (47%), coluna torácica (37%). A dor aparecer devido a posições ou movimentos inadequados realizados por longo período, principalmente aos indivíduos que realizam trabalhos manuais que exigem destreza e olhar fixo para se manter em atenção, fazendo com que mantenham a cabeça fletida ou em alguma outra posição inadequada.

Segundo Protocolo de Documento Assistencial Albert Einstein, a cervicalgia é uma dor localizada na região cervical (pescoço). Esta dor é descrita como um choque que geralmente se irradia para tórax ou coluna vertebral, e pode causar limitação

de alguns movimentos de membro superior. Já para coluna lombar, segundo índice de maior dor, os principais aspectos contribuintes para lombalgia ocupacional esta relacionado a fatores como trabalho sentado por longo tempo, posturas inadequadas, sustentação de cargas pesadas e atividades relacionadas com rotações de tronco. A maior parte da amostra que relacionou os maiores índices de dor a região da coluna vertebral, trabalha no setor de costura, passando a maior parte do dia na posição sentada, geralmente em posições incorretas com cabeça fletida e postura curva sobre as máquinas de costura. Tal aspecto serve como fundamento para a identificação dos principais locais de dores dos funcionários estarem localizados na região da coluna vertebral.

Com relação aos membros inferiores as porcentagens não foram muito diferentes, 36% informaram sentir dores nos pés, seguido por joelhos (34%) e pelas pernas (27%). Além da posição sentada, uma segunda parcela destes funcionários realiza a tarefa em pé, como é o caso do setor de corte. Além das condições inadequadas de trabalho, a postura em pé é muito utilizada nas indústrias têxteis, predispondo ao trabalhador diversas situações dolorosas, como dores na coluna, dores nas pernas e pés, formigamentos e cansaço postural. Todos estes fatores acontecem devido à posição estática acrescida de carga para manter as posições de pés, joelhos, quadris e coluna.

Para Reid (2010), a dor nos membros inferiores é uma manifestação multifatorial e de evolução crônica. Portanto, ao submeter o indivíduo a movimentos repetitivos, posturas incorretas e constante manuseio de carga, pode-se desencadear neste trabalhador fortes chances de ser acometido pelas dores referidas ao trabalho.

Outras regiões referidas como ponto de dor dos trabalhadores foram os Ombros (32%), Punhos (26%) e cotovelos (16%).

As mesas de trabalho podem estar em posições muito altas, fazendo com que o trabalho necessite elevar os braços e ombros, gerando sobrecarga e tensão nestes segmentos. Esta falha ergonomia dos postos de trabalho leva o surgimento de estados dolorosos nas regiões das costas (pescoço, ombros e dorso).

6 | CONCLUSÃO

As indústrias têxteis são atualmente alvo de muitas pesquisas, principalmente no que se refere à qualidade de vida do trabalhador. É notória a sobrecarga que a maioria dos indivíduos que trabalham nas indústrias têxteis recebe decorrente de inúmeros fatores relacionados ao trabalho. Excesso de horas extraordinária, falta de análise ergonômica do ambiente de trabalho, posturas incorretas, excesso de carga, são alguns dos fatores encontrados para justificar tais problemas revelados pelos trabalhadores envolvidos na pesquisa.

As doenças ocupacionais que acometem os indivíduos dos setores de corte

e costura são principalmente a cervicalgia e a lombalgia. Além destes, dores nas pernas e pés, assim como formigamentos, se apresentam de forma constante nestes trabalhadores. Grande parte destes indivíduos é sedentária e se consideram estressados, o que associadas às doenças ocupacionais já apresentadas pode agravar ainda mais os fatores de risco para novas doenças.

Através deste estudo, foi possível identificar fortes indícios para desenvolvimento de doenças ocupacionais pelo acometimento das estruturas sobrecarregadas pelo trabalho. Apresentar a importância da implantação de um Programa de Ginástica Laboral, visto que a maioria dos trabalhadores não pratica nenhuma atividade física, suas estruturas anatômicas estão fortemente enfraquecidas e/ou tensionadas pelas atividades rotineiras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A.C.; BARBOSA-BRANCO, A. Influência da atividade física sistematizada no estresse e na fadiga dos trabalhadores do restaurante universitário da Universidade de Brasília. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.5, n 2, p 23-29, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Norma Técnica do INSS** – Ordem de Serviço/INSS n. 606/1998. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001d.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196, de 1996.

CAILLET, R. **Doenças dos Tecidos Moles**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 467-475.

Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 1996.

FIGUEREDO, Fabiana; MON'T ALVÃO, Cláudia. **Ginástica Laboral e Ergonomia**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005. 192 p.

FLEURY, M. T. L. et al. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1996.

GALAFASSI, M. C. **Medicina do Trabalho: Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1998. p. 37-55.

HELOANI, J. R. **Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOLLING, A. **Ginástica Laboral Compensatória: uma experiência vitoriosa da FEEVALE**. Novo Hamburgo-RS: FEEVALE, v. 3, n. 2, 1980. p. 47-72.

LIMA, Valquíria de. **Ginástica Laboral: Atividade Física no Ambiente de Trabalho**. 3 ed. São Paulo: Phorte, 2007. 349 p.

LIMA, Valquíria de. **Ginástica Laboral: Atividade Física no Ambiente de Trabalho**. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2003. v. 1. 240 p.

MACIEL, A. C. C et al. Prevalência e fatores associados à sintomatologia

dolorosa entre profissionais da indústria têxtil. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v. 9, n. 1 p. 94-102. 2006.

MIRANDA, Carlos Alberto. **Introdução à Saúde no Trabalho**. São Paulo: Atheneu, 1998.

OLIVEIRA, L. et al. **Physical activity barriers as related to behavior stage in white collar workers**. *Medicine Science Sport Exercise Book of Annual Meeting American College of Sports Medicine*. v. 5, n. 30, p. 121, 1998.

Pigozzi, H. **Alterações nos sintomas de estresse com a ginástica laboral**. 2000. Monografia (Conclusão de curso em Educação Física). CEFID/UDESC, Florianópolis.

REIS, E. S. **Análise Ergonomia nos processos de concepção de espaços como medidas preventivas e terapêuticas às L.E.R/D.O.R.T. em um abatedouro de aves**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC, 2001. (Dissertação, Mestrado em Engenharia de Produção).

REID, C. R.; BUSH, P. M.; KARWOWSKI, W.; DURRANI, S. K. Occupational postural activity and lower extremity discomfort: A review. **International Journal of Industrial Ergonomics**, v. 40, n. 3, p. 247–256, may. 2010.

SMITH, M. J. Considerações psicossociais sobre os distúrbios **ósteo-musculares** relacionados ao trabalho (DORT) nos membros superiores. *Proceeding of the Human Factors and Ergonomics Society. Annual Meeting*, 1996. p. 776-780.

STORT, R.; SILVA, F.P.; REBUSTINI, F. Os efeitos da atividade física nos estados de humor no ambiente de trabalho. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. Brasil, 2006. 1: 26-33.

VARGAS, N. **Organização do trabalho e capital**: um estudo da construção habitacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro Coppe/UFRJ. (Dissertação, Mestrado em Engenharia de Produção).

LESÃO POR PRESSÃO EM PACIENTES INTERNADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Rafaela Trindade do Ó Caminha

Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, João Pessoa, PB;

Maria do Livramento Silva Bitencourt

Universidade Federal da Paraíba, Hospital Universitário Lauro Wanderley, João Pessoa, PB;

Edienne Rosângela Sarmento Diniz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Maternidade Januário Cico, Natal, RN;

Davanice dos Santos

Universidade Federal da Paraíba, Hospital Universitário Lauro Wanderley, João Pessoa, PB.

RESUMO: Objetivo: identificar a prevalência de lesão por pressão em pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva e os escores de risco para a ocorrência dessas lesões, segundo a Escala de Braden. Método: estudo exploratório, descritivo, quantitativo, desenvolvido com 45 pacientes da UTI de um hospital público de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Os dados foram coletados através de formulário contendo dados sociodemográficos e clínicos e aplicação da Escala de Braden, e foram analisados através da estatística descritiva. Resultados: prevalência de 37.8% de LPP. Dos que desenvolveram LPP, 15

(88,2%) estavam classificados em alto risco, e as categorias atividade (acamado) e fricção e cisalhamento (problema) foram as mais afetadas, segundo a Escala de Braden.

Conclusão: conhecer a prevalência e o risco de LPP nos pacientes críticos favorece a tomada de decisões e direcionamento dos cuidados prestados.

PALAVRAS-CHAVE: Lesão por pressão, unidade de terapia intensiva, prevalência.

ABSTRACT: Objective: To identify the prevalence of pressure injury in patients admitted to the Intensive Care Unit and the risk scores for the occurrence of these lesions, according to the Braden Scale. Method: an exploratory, descriptive, quantitative study with 45 ICU patients from a public hospital in João Pessoa, Paraíba, Brazil. Data were collected through a form containing sociodemographic and clinical data and application of the Braden Scale, and were analyzed through descriptive statistics. Results: prevalence of 37.8% of LPP. Of those who developed LPP, 15 (88.2%) were classified as high risk, and the categories of activity (bedding) and friction and shear (problem) were the most affected according to the Braden Scale. Conclusion: knowing the prevalence and risk of LPP in critically ill patients favors decision making and targeting of care.

KEYWORDS: Injury by pressure, intensive care unit, prevalence

1 | INTRODUÇÃO

Os efeitos danosos das lesões por pressão (LPP) são inegáveis, sendo de causalidade multifatorial e ocorrência vinculada à presença de alguns fatores de riscos, afetando determinados grupos de pacientes mais vulneráveis, corroborando com o aumento da morbidade e mortalidade (SILVA, et al., 2013).

Estas lesões são caracterizadas como efeitos do processo de hospitalização, refletindo de forma indireta e negativa na qualidade da assistência prestada, tanto da equipe de enfermagem, quanto da equipe multidisciplinar (MATOS; DUARTE; MINETTO, 2010).

São conceituadas como uma área localizada de morte celular, originada quando a pele e/ou tecido mole são comprimidos sobre uma proeminência óssea e uma superfície dura por um determinado período, como resultado de pressão ou de uma combinação de pressão com fricção e cisalhamento (IRION, 2012).

Considerando os fatores de risco para LPP, temos a seguinte classificação: extrínsecos ou externos - que estão relacionados a exposição física: umidade, pressão, fricção e cisalhamento, e os intrínsecos ou internos - que são aqueles inerentes ao próprio indivíduo, que envolve condições locais e sistêmicas, tais como: estado nutricional prejudicado, comprometimento neurológico, comorbidades, edema, idade avançada e distúrbios metabólicos (BAVARESCO; MEDEIROS; LUCENA, 2011).

A Unidade de terapia intensiva (UTI) é o setor apropriado para o tratamento de pacientes críticos. No entanto, a gravidade das condições clínicas associadas às limitações de atividade, intervenções frequentes de maior complexidade, uso de sedativos e drogas vasoativas, uso de ventilação mecânica e instabilidade hemodinâmica, tornam esses pacientes mais susceptíveis a desenvolverem lesões por pressão (ROLIM, et al., 2013; ROGENSKI; KURCGANT, 2012).

Portanto, a identificação da prevalência e dos fatores de riscos para o desenvolvimento de LPP em pacientes graves, constitui-se fator de substancial importância para proposição de medidas preventivas voltadas às necessidades inerentes aos pacientes em um contexto específico, podendo resultar positivamente na diminuição da ocorrência dessas lesões.

Ante o exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência de lesão por pressão em pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva e os escores de risco para a ocorrência dessas lesões, segundo a Escala de Braden.

2 | MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa que discorre sobre o risco de LPP e a prevalência desse agravo, desenvolvido na UTI de hospital público de João Pessoa-PB. Amostra de 45 indivíduos que atenderam aos critérios de inclusão. Para coleta de dados foi utilizado um formulário para registro

dos dados sociodemográficos e clínicos e utilizou-se ainda a Escala de Braden para mensuração do risco de LPP.

Foram atendidas as diretrizes da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), recebendo parecer favorável, conforme protocolo nº 023/12.

Os dados coletados foram digitados no Microsoft Excel for Windows e, posteriormente, transferidos para o software PASW Statistic versão 18, sendo realizada a análise descritiva dos dados e os resultados foram apresentados em tabelas e figuras.

3 | RESULTADOS

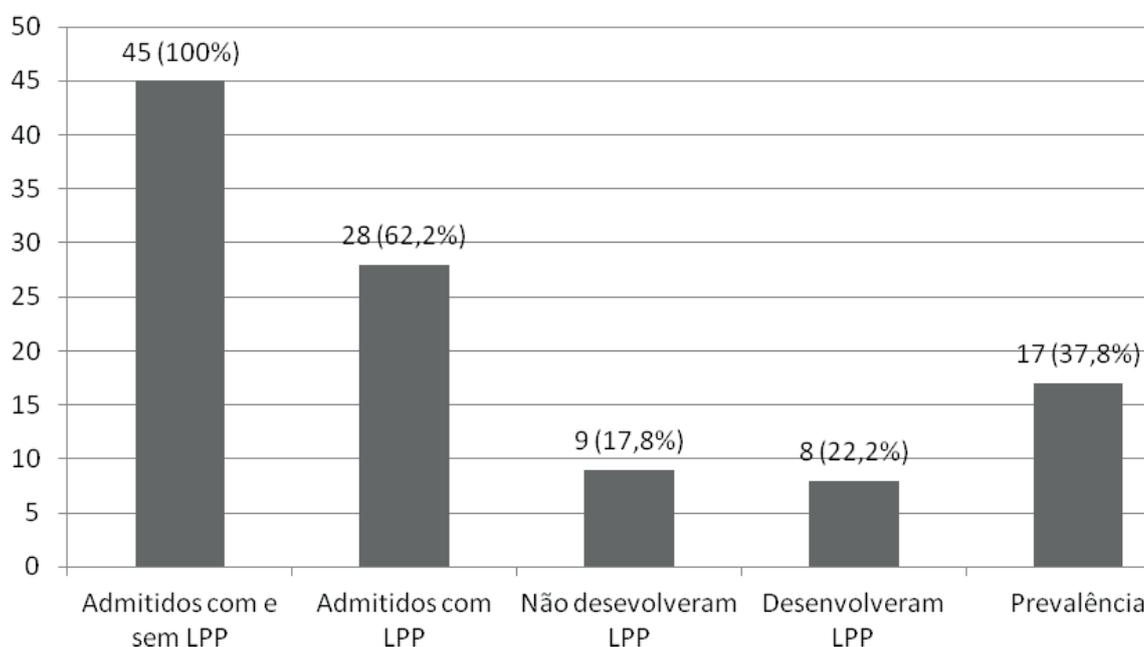


Figura I – Prevalência das lesões por pressão entre os pacientes do estudo. João Pessoa–PB, 2013.

Para calcular a prevalência, foram incluídos os 45 pacientes, que participaram da pesquisa, dentre estes, 09 (17,8%) já foram admitidos na unidade de terapia intensiva com lesão por pressão e 08 (22,2%) vieram a desenvolver durante o período de internação, totalizando uma prevalência de 37,8%.

Avaliação do Escore de Risco (Escala de Braden)	LPP			
	Sim (n=17)		Não (n=28)	
	N	%	N	%
Alto risco	15	88,2	15	53,6
Risco moderado	2	11,8	8	28,5
Em risco	0	0,0	4	14,3
Sem risco	0	0,0	1	3,6
Total	17	100,0	28	100,0

Tabela I - Distribuição dos pacientes segundo Escores de risco da Escala de Braden e a ocorrência de lesão por pressão. João Pessoa – PB, 2013.

Fonte: pesquisa direta. João Pessoa – PB, 2013.

De acordo com a distribuição dos pacientes segundo o escore de risco da Escala de Braden e a ocorrência de lesão por pressão, observou-se que a maioria dos pacientes (88,2%) que desenvolveram LPP, apresentavam-se sob alto risco (10 a 12 pontos). Quando analisado o total de pacientes e o risco para LPP, verifica-se que 30 (66,7%) pacientes estavam classificados em alto risco (10 a 12 pontos), 10 (22,2%) em risco moderado (13 a 14 pontos), 4 (8,9%) em risco (15 a 18 pontos) e apenas 1 (2,2%) sem risco (19 pontos).

Domínios da Escala de Braden	LPP			
	Sim (n=17)		Não (n=28)	
	N	%	N	%
Percepção Sensorial				
Totalmente Limitado	11	64,7	11	39,3
Muito Limitado	3	17,6	2	7,1
Levemente Limitado	2	11,8	11	39,3
Nenhuma Limitação	1	5,9	4	14,3
Umidade				
Muito Molhado	1	5,9	2	7,1
Ocasionalmente Molhado	16	94,1	24	85,8
Raramente Molhado	0	00,0	2	7,1
Atividade				
Acamado	17	100,0	28	100,0
Mobilidade				
Totalmente Imóvel	13	76,5	12	42,9
Bastante Limitado	4	23,5	9	32,1
Levemente Limitado	0	00,0	4	14,2
Não apresenta Limitações	0	00,0	3	10,7
Nutrição				
Muito Pobre	8	47,1	14	50,0
Provavelmente Inadequado	0	00,0	3	10,7
Adequado	9	52,9	10	35,7
Excelente	0	00,0	1	3,6
Fricção e Cisalhamento				
Problema	17	100,0	18	64,2
Problema em Potencial	0	00,0	5	17,9
Nenhum Problema	0	00,0	5	17,9

Tabela II – Subescalas de Braden e a ocorrência de lesão por pressão. João Pessoa – PB, 2013.

Fonte: pesquisa direta. João Pessoa – PB, 2013.

A tabela 2 evidencia que os pacientes categorizados no subescore “totalmente limitado”, em sua maioria apresentavam lesão 11 (64,7%).

No tocante à umidade, observou-se um alto índice no subescore “ocasionalmente molhado” tanto nos pacientes que desenvolveram, quanto nos que não desenvolveram a lesão, totalizando 16 (94,1%) e 24 (85,8%) respectivamente. Quanto à atividade, os dois grupos de pacientes apresentavam-se no subescore acamado, totalizando 100% cada.

No domínio mobilidade, houve predominância no subescore totalmente imóvel para os dois grupos, sendo 13 (76,5%) dos pacientes que desenvolveram LPP e 12 (42,9%) dos pacientes que não desenvolveram LPP.

Com relação à fricção e o cisalhamento, a totalidade dos pacientes com LPP, ou seja, 17 (100%) encontravam-se dentro do subescore “problema”, bem como o grupo de pacientes sem LPP, totalizando 18 (64,2%).

4 | DISCUSSÃO

Nesta investigação, dos 45 pacientes que compuseram a amostra, 9 já foram admitidos com LPP prévia e 8 vieram a desenvolver após internação na unidade, representando uma prevalência de 37,8%. Corroborando com outras pesquisas que evidenciaram índices semelhantes no cenário da terapia intensiva (GOMES, et al., 2010).

Esses achados reforçam que as lesões por pressão continuam causando impacto na assistência aos pacientes das Unidades de Terapia Intensiva, mesmo com todos os recursos materiais que o mercado tem disponibilizado para prevenção dessas lesões e das atualizações disponíveis para os profissionais, como congressos, pesquisas e livros sobre a temática (SILVA, et al., 2016).

Para avaliação do risco de desenvolvimento de LPP, utilizou-se a Escala de Braden, a qual avalia os fatores de risco intrínsecos e extrínsecos que contribuem para o desenvolvimento das lesões por pressão, por meio de suas seis subescalas: percepção sensorial, umidade, atividade, mobilidade, nutrição, fricção e cisalhamento (BAVARESCO; MEDEIROS; LUCENA, 2011).

Com relação às subescalas da Escala de Braden, analisadas de forma individual, observou-se que no domínio percepção sensorial, dos 11 (64,7%) pacientes que desenvolveram LPP encontravam-se totalmente limitados, ou seja, com nível de consciência rebaixado devido à condição clínica ou ao uso de sedativos. Para os pacientes que não desenvolveram a lesão, houve predominância do domínio totalmente limitado e levemente limitado (39,3% e 39,3%), o que remete ao vínculo entre a percepção sensorial e o desenvolvimento de lesão.

O déficit sensorial prejudica ou impossibilita na mudança de decúbito realizada pelo próprio paciente em decorrência da diminuição do limiar de dor, por isso, torna-se cada vez mais importante o papel da equipe multidisciplinar nos cuidados voltados para a prevenção da ocorrência desse agravo.

Concernente à umidade, a maioria dos pacientes que desenvolveram LPP encontravam-se no grupo ocasionalmente molhados. Por se tratarem de pacientes críticos, é esperado que ocorresse esse estado de umidade em decorrência da restrição no leito e da necessidade de higienização por parte da equipe, quando os pacientes não estão em uso de sonda vesical de demora. Além desse fator, o uso de medicações e o edema também interferem para a permanência nesse quadro de umidade.

O excesso de umidade da pele tem como consequência o aumento do risco à maceração, o que aumenta de forma direta os riscos para ocorrência de LPP (NOGUEIRA; ASSAD, 2013).

Quanto à subescala “atividade”, todos os pacientes que desenvolveram LPP encontravam-se acamados. Ou seja, não realizavam nenhuma necessidade básica, como deambular ou realizar as necessidades fisiológicas no banheiro, por estarem restritos ao leito.

Em um estudo realizado em um Hospital universitário, em Belo Horizonte, relatou os mesmos resultados, onde 100% dos pacientes que compuseram a pesquisa e desenvolveram LPP, estavam acamados (SALES; BORGES; DONOSO, 2010).

Com relação à mobilidade, a maioria dos pacientes (76,5%) encontrava-se totalmente imóvel, seguido por 23,5% em bastante limitado. Os pacientes com mobilidade reduzida ou totalmente imóvel estão sujeitos a ação das forças de pressão, que leva à isquemia dos tecidos, ficando assim sujeitos ao desenvolvimento das lesões (BAVARESCO; MEDEIROS; LUCENA, 2011; ROLIM, et al., 2013).

Os pacientes internados em UTI geralmente estão expostos à situações adversas e apresentam quadros clínicos comprometidos, tais como: alterações de sensibilidade ou do nível de consciência, doenças neurológicas ou cardiovasculares, politraumatizados e os que estão em uso de medicamentos sedativos, hipnóticos e analgésicos, que por sua vez, interferem no estímulo natural de mudança de decúbito para redução e alívio da pressão (ROLIM, et al., 2013).

Analisando a subescala “Nutrição”, verificou-se que os pacientes que desenvolveram LPP encontravam-se, em sua maioria (52,9%), em nutrição adequada e os que não desenvolveram (50%), em nutrição muito pobre, achado que diverge com outras pesquisas que apresentam a desnutrição, ou nutrição inadequada, como um dos principais fatores de risco que contribuem para o desenvolvimento de lesão por pressão, além desse risco, também prejudicam a cicatrização, devido à redução de nutrientes necessários para o reparo e manutenção dos tecidos lesados (CAMPOS, 2010).

Com relação à fricção e cisalhamento, a totalidade dos pacientes que participaram da pesquisa e desenvolveram LPP (100%), apresentavam essa variável como “problema”. O pH da pele é levemente ácido, e a umidade pode alterá-lo, tornando básico e fragilizando-a, deixando mais susceptível à fricção e ao cisalhamento (ROGENSKI; KURCGANT, 2012). A fricção afeta as camadas mais superficiais da pele, enquanto o cisalhamento, junto com a pressão, afeta principalmente as camadas

mais profundas (ROLIM, et al., 2013).

Sendo assim, torna-se perceptível que os fatores de risco acabam somando-se uns aos outros e levando ao aumento da susceptibilidade do paciente ao desenvolvimento de LPP.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou um índice de prevalência de lesão por pressão compatível com outros cenários da terapia intensiva no Brasil; a maioria dos pacientes foi classificada em alto risco, e destes, todos apresentavam a lesão, configurando o uso da Escala de Braden como um instrumento eficiente para mensuração do risco de desenvolvimento de lesão por pressão, auxiliando no direcionamento das ações de cuidado aos pacientes críticos.

REFERÊNCIAS

BAVARESCO T.; MEDEIROS R. H.; LUCENA A. F. Implantação da escala de Braden em uma unidade de terapia intensiva de um hospital universitário. **Rev Gaúcha Enferm**, Rio Grande do Sul, v.32, n.4, p.703-10, 2011.

BORGHARDT, A. T. et al. Avaliação das escalas de risco para úlcera por pressão em pacientes críticos: uma coorte prospectiva. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, n. 23, v. 1, p.28-35, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/48511/52402>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

BRASIL, M. S. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos: **Resolução 466/12**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012.

CAMPOS, S Fatores associados ao desenvolvimento de úlceras por pressão: o impacto da nutrição. **Rev. Nutr.** Campinas, v. 23, v. 5, p.703-714, 2010.

GOMES, F. S. L. et al. Factors associated to pressure ulcers in patients at Adult Intensive Care Units. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, n.44, v. 4, p.1065-71, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000400031&script=sci_arttext&tling=en>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

IRION G. **Feridas**: novas abordagens, manejo clínico e atlas em cores. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2012.

MATOS L. S.; DUARTE N. L. V.; MINETTO R. C. Incidência e prevalência de úlcera por pressão no CTI de um hospital público do DF. **Rev. Eletr. Enf**, Goiás, v.12, n.4, p. 719-26, 2010. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a18.htm>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

NOGUEIRA, G A; ASSAD, L. G. Avaliação de risco para úlcera por pressão: contribuição para o cuidado de enfermagem na unidade de clínica médica. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, n. 7, v. 11, p.64, 2013. Disponível em: <www.periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/12293/14961>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

ROLIM, J. A. et al. Prevenção e tratamento de úlceras por pressão no cotidiano de enfermeiros intensivistas. **Rev Rene**, Fortaleza, n.14, v.1, p.148-57, 2013.

ROGENSKI, N. M. B.; KURCGANT, P. Incidência de úlceras por pressão após a implementação de um protocolo de prevenção. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online]. Ribeirão Preto, n.20, v. 2, p.333-339, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/48511/52402>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

SALES, M. C. M.; BORGES, E. L.; DONOSO, M. T. V. Risco e prevalência de úlceras por pressão em uma unidade de internação de um hospital universitário de belo horizonte. **Rev. Min. Enferm.** Minas Gerais, n. 14, v. 4, p. 566-575, 2010. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/152>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

SILVA, M. L. N. et al. Medical conditions and risk associated with pressure ulcers. **International Archives of Medicine**, n.48, v.9, p. Disponível em:< <http://imed.pub/ojs/index.php/iam/article/view/1514/1179>>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

SILVA, M. L. N. et al. Úlcera por pressão em unidade de terapia intensiva: análise da incidência e lesões instaladas. **Rev Rene**, Fortaleza, n. 14, v. 5, p. 938-44, 2013.

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO QUANTITATIVO DE ARTIGOS QUE APRESENTEM A PRÁTICA DA DANÇA DE SALÃO APLICADA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS

Manuela Trindade Almeida

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Natália Silva da Costa

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Alanna Carolinne da Silva

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Peterson Marcelo Santos Yoshioka

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

Mariela de Santana Maneschy

UNAMA, Curso de Bacharelado em Educação Física
Belém - PA.

RESUMO: A dança pode ser uma opção no rol dos tratamentos não farmacológicos do câncer e, dentre os estilos, a dança de salão é uma modalidade de fácil acesso nos centros urbanos do país. Este estudo objetivou realizar um levantamento bibliográfico acerca dos artigos que apresentem a prática da dança de salão aplicada em pacientes oncológicos. A pesquisa realizou levantamento bibliográfico, por meio

de revisão da literatura. Foi utilizada a base de dados da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), por acesso oferecido pela Universidade da Amazônia - UNAMA. Foram selecionados apenas artigos, de todos os idiomas, publicados no período de 2007 a 2017. Os descritores utilizados foram *cancer* e *ballroom dance*, traduzidos pela Biblioteca Virtual em Saúde, Descritores em Ciências da Saúde (DECS), divididos em três níveis de estratificação: 1º - termos isolados; 2º - termos combinados; 3º - depurados segundo os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Os resultados obtidos foram os seguintes: 1º nível de estratificação - *cancer* (n= 2.721.899); *ballroom dance* (n= 2.653). 2º nível de estratificação - *cancer and ballroom dance*: (n= 208). 3º nível de estratificação - n= 01. Apenas um artigo atendeu às exigências do estudo e este relatou que a dança de salão pode minimizar os impactos da doença e acarretar melhoria dos aspectos físicos e psicossociais desses pacientes. Após a análise dos resultados, pôde-se inferir que há a necessidade de sistematização do conhecimento produzido sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Câncer; Dança de Salão.

ABSTRACT: The dance may be an option in the list of non-pharmacological treatments of cancer and, among the types, ballroom

dance is an easy-to-access mode in urban centers of the country. This study aimed to conduct a bibliographic survey about articles which have the practice of ballroom dance applied in cancer patients. The research conducted bibliographic survey, through review of the literature. It was used the Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), by access offered by University of Amazônia – UNAMA. Were selected only articles, of all languages, published in the period between 2007 to 2017. The descriptors used were *cancer* and *ballroom dance*, translated by Virtual Health Library, Health Sciences Descriptors (DECS), divided into three levels of stratification: 1°-isolated terms; 2°- combined terms; 3°-depurated according to the criteria of inclusion and exclusion from research. The results obtained were as follows: 1st level of stratification- *cancer* (n = 2,721,899); *ballroom dance* (n = 2,653). 2nd level of stratification- *cancer and ballroom dance*: (n = 208). 3rd level of stratification- n = 01. Only one article has met the requirements of the study and this reported that ballroom dance can minimize the impacts of disease and lead to improvement of the physical and psychosocial aspects of these patients. After the analysis of the results, it might be inferred that there is a need for systematization of knowledge produced on the subject.

KEYWORDS: Dance; Cancer; Ballroom Dance.

1 | INTRODUÇÃO

O American College of Sports Medicine (2015) delinea o câncer como sendo células do corpo que escapam dos mecanismos normais de controle, acarretando divisão e proliferação celular anormais, podendo surgir um tumor em qualquer parte do corpo. Já Lopes (2007) alega que, eventualmente, os processos reguladores dessa multiplicação celular perdem o controle.

Courneya *et al.* (2017) ressaltam que apesar da perspectiva de sobrevivência ao câncer, quase sempre a doença exige intervenção médica prolongada com tratamentos médicos intensivos que podem acarretar em danos físicos, funcionais, emocionais, espirituais e sociais dos sobreviventes. Portanto, tais tratamentos são responsáveis por uma infinidade de fatores fisiológicos que acarretam em problemas psicológicos, exercendo um impacto negativo na qualidade de vida do paciente (CHEEMA e GÁLIA, 2006; COURNEYA *et al.*, 2003).

Para auxiliar no tratamento médico tradicional uma equipe multidisciplinar pode auxiliar por meio de tratamentos não farmacológicos. O exercício físico pode ser uma opção que tem o intuito de auxiliar na manutenção e restauração da capacidade funcional de pacientes com câncer. Para McArdle (2016) existem justificativas relevantes para definir como promissora a intervenção com exercícios físicos em pacientes oncológicos, sendo a intervenção aplicada durante e após as diferentes modalidades de tratamento para facilitar a recuperação e prevenir as recaídas.

Dentre as opções de exercícios, a dança pode ser considerada uma opção que merece atenção. O American Dance Therapy Association (ADTA) define dança

(movimento) com uso psicoterapêutico do movimento como um processo que promove o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e integração física do indivíduo (ADTA, 2017).

Conforme Ginsburg e Goodwill (2009), a dança como terapia tem sido praticada para abordar questões psicossociais, como autoimagem, ansiedade e depressão, por meio de uma abordagem mais abrangente para servir como auxílio no processo de tratamento do paciente, fortalecendo assim a conexão entre corpo e mente.

Ho (2015) pesquisou os efeitos da dança movimento e terapia em pacientes com câncer de mama durante e após a radioterapia. Mostra os resultados relatados pelos pacientes, que sugeriram que a dança beneficiou a capacidade de lidar com o tratamento de radiação, acelerando a sua recuperação, e fazendo com que os efeitos do período de radiação fossem mais suportáveis.

Esta pesquisa justifica-se devido à importância de se ampliar a investigação dos benefícios da dança para o tratamento de pacientes oncológicos, visto que segundo os autores citados anteriormente, há evidências de que essa prática pode servir como terapia para diversas doenças.

Portanto, esta pesquisa é importante para investigar o quantitativo de estudos devidamente publicados que apresentem a relação entre a modalidade dança de salão, especificamente, e o tratamento de pacientes com câncer, por ser uma dança de fácil acesso atualmente em academias, escolas de dança e espaços de treinamento físico dos centros urbanos do país.

2 | OBJETIVO

Este estudo teve por objetivo principal realizar um levantamento bibliográfico preliminar acerca dos artigos que apresentem a prática da dança de salão aplicada em pacientes oncológicos.

3 | METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por ser um levantamento bibliográfico, por meio de revisão da literatura, que tem como base a leitura de obras de diversos autores com estudos já devidamente publicados sobre o tema. De acordo com Severino (2016, p 131) “Define-se pesquisa bibliográfica aquela que desempenha a partir dos documentos dispostos, decorrente de pesquisas antecedentes como artigos, tese, livros etc”.

Para este estudo, foi utilizada a base de dados da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES). O acesso à base de dado da CAPES ocorreu no dia 24 de outubro de 2017, a partir das 11 horas e 20 minutos, utilizando o acesso oferecido pela Universidade da Amazônia – UNAMA, localizada na cidade de Belém - PA. Foram selecionados apenas artigos, de todos os idiomas, publicados no período

entre os anos de 2007 a 2017.

Para a seleção das palavras-chaves, optou-se por utilizar os descritores “câncer” e “dança de salão”, ambos traduzidos para a língua inglesa. Como auxílio, para a escolha mais apropriada desta tradução, foi utilizado o componente integrador da Biblioteca Virtual em Saúde, Descritores em Ciências da Saúde (DECS). Desta forma, os descritores utilizados na pesquisa foram *cancer* e *ballroom dance*.

O 1º nível de estratificação foi a busca dos termos isolados. Já o 2º nível de estratificação foi o resultado da combinação dos dois termos, por meio do operador booleano (*AND*) e periódicos revisados por pares. Após serem lidos, os artigos resultantes desse processo foram depurados segundo os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, o que resultou no produto da amostra, isto é, o terceiro nível de estratificação da pesquisa.

Como critérios de inclusão do estudo, foram utilizados artigos que tratassem do tema proposto, estudos transversais e longitudinais, com e sem intervenção, com e sem grupo controle e experimental, artigos de revisão e/ou meta-análise. Já como critérios de exclusão, foram descartados artigos repetidos e não relacionados diretamente ao assunto em questão, isto é, artigos que não tratassem sobre a dança de salão aplicada a pacientes oncológicos foram excluídos da amostra final.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio dos procedimentos metodológicos da pesquisa descritos, foram obtidos os seguintes resultados: 1º nível de estratificação - termos isolados – *cancer* (n= 2.721.899); *ballroom dance* (n= 2.653). 2º nível de estratificação - combinação dos dois termos - *cancer and ballroom dance*: (n= 208). 3º nível de estratificação, após serem depurados segundo os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa - *cancer and ballroom dance* (n= 01).

A Figura 01 ilustra o fluxograma representativo dos três níveis de estratificação da pesquisa. Desta forma, observa-se que os termos isolados apresentaram um número significativo de artigos em ambos os casos. Entretanto, quando combinados, estes números foram reduzidos significativamente e estes, por sua vez, quando foram depurados segundo os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, apresentaram um valor ainda menor, restando apenas um único artigo que atendesse às exigências do estudo.

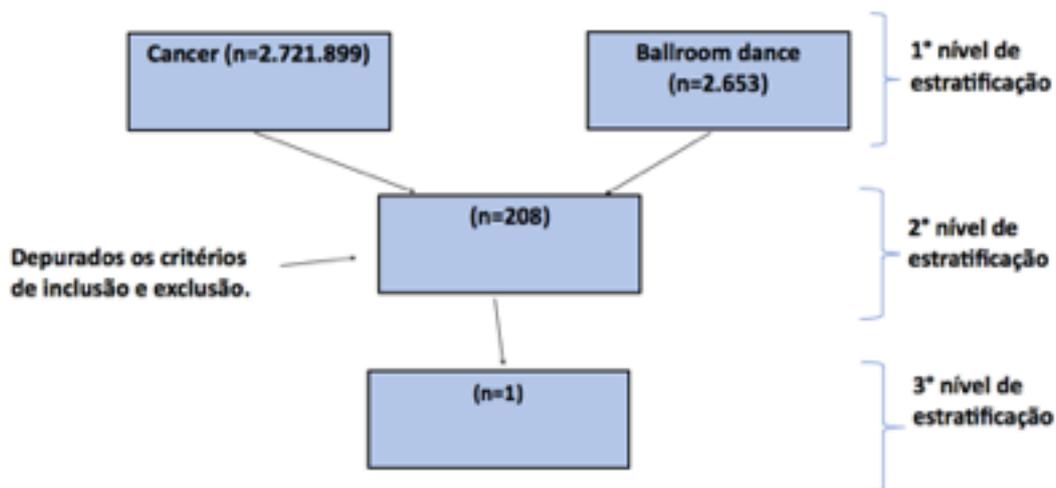


Figura 01: Fluxograma representativo dos três níveis de estratificação da pesquisa.

Neste único artigo encontrado, observou-se que a dança de salão pode representar impacto positivo sobre a qualidade de vida de pacientes oncológicos, podendo inclusive acarretar diminuição nos níveis de fadiga relatados por sobreviventes ao câncer, após serem submetidos a aulas periódicas da modalidade dança de salão (PISU, 2017).

Para Pisu (2017) a dança de salão pode ser um instrumento útil no rol dos tratamentos não farmacológicos do câncer, pois além de minimizar os impactos da doença, pode ser fundamental tanto no que tange à melhoria dos aspectos físicos, quanto em relação aos aspectos psicossociais desses pacientes.

O autor também observa que a dança de salão, aplicada de forma periódica nesses pacientes, proporcionou-lhes maior vitalidade, melhorou a relação dos casais envolvidos na pesquisa e proporcionou-lhes um retorno à vida habitual anterior ao diagnóstico, ou seja, foram devolvidas aos participantes do estudo a autonomia e a segurança que eles tinham antes de serem submetidos aos tratamentos da doença.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos resultados, pôde-se inferir que, apesar do número reduzido de estudos que relatem os benefícios da dança de salão para os pacientes oncológicos, há indícios de que esta atividade pode trazer benefícios significativos não apenas no que tange aos aspectos físicos, mas também aos aspectos psicossociais desses pacientes.

A limitação de estudos encontrados referente à combinação dos termos (*cancer and ballroom dance*) mostra o quanto se faz necessário realizar pesquisas que utilizem este estilo de dança como terapia não farmacológica para pacientes com câncer. Desta forma, surge uma lacuna do conhecimento aplicado à dança de salão como intervenção segura e eficaz para esses pacientes.

Isso confirma a necessidade de sistematização do conhecimento produzido

sobre o tema nas duas esferas do conhecimento (aspectos físicos e psicossociais) de forma combinada, para referendar a prática da dança de salão para pessoas com câncer. Sugere-se que profissionais de Educação Física e de Dança realizem estudos sistematizados, aplicando esta modalidade para grupos específicos, separados por sexo, idade, tipo de câncer, local, estadiamento e tipo de tratamento realizado.

REFERÊNCIAS

ADTA. AMERICAN DANCE THERAPY ASSOCIATION. **Whats is dance/moviment therapy?** Disponível em: <<https://adta.org/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2017.

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. **Guia do ACSM para Exercício e Sobrevivência ao Câncer**. Organização Melinda L. Irwin. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2015.

CHEEMA BS, Gaul CA. **Full-body exercise training improves fitness and quality of life in survivors of breast cancer**. J strenght cond res. 2006 feb;20(1):14-21

COURNEYA, K. S.; SEGAL, R. J.; MACKEY, J. R.; REID, R. D.; FRIEDENREINCH, C. M.; LADHA, A. B.; PROULX, C.; VALLANCE, J. K.; YASUI, Y.; MCKENZIE, D. C. **Effects of Aerobic and Resistance Exercise in Breast Cancer Patients Receiving Adjuvant Chemotherapy: A Multicenter Randomized Controlled Trial**. J Clin Oncol. Out 2007, volume 25. Disponível em: <<http://ascopubs.org/doi/pdf/10.1200/JCO.2006.08.2024>>. Acesso em: 28 de maio de 2017.

GINSBURGS, Vera H.; GOODILL, Sherry W. **A Dance/Movement Therapy Clinical Model for Women with Gynecologic Cancer Undergoing High Dose Rate Brachytherapy**. American Journal of Dance Therapy. December 2009, 31:136.

HO, R. **A Good Time to Dance?** A Mixed-Methods Approach of the Effects of Dance Movement Therapy for Breast Cancer Patients During and After Radiotherapy. Cancer Nurs. Fev. Hong Kong, 2015.

LOPES, L. **Otimismo Todo Dia**. Brasília: Ed. Otimismo, 2007.

MCARDLE, W. D. **Fisiologia do Exercício** - Nutrição, Energia e Desempenho Humano. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

PISU, M.; DEMARK-WAHNEFRIED, W.; KENZIK, K. M.; OSTER, R. A.; LIN, C. P.; MANNE, S.; ALVAREZ, R. MARTIN, M. Y. **A dance intervention for cancer survivors and their partners (RHYTHM)**. J Cancer Surviv. Jun 2017. volume 11. p. 350-359. Disponível em: < doi: 10.1007/s11764-016-0593-9>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Alana Simões Bezerra

Faculdades Integradas de Patos
Patos – PB

Lindalva Priscila de Sousa Lima

Faculdades Integradas de Patos
Patos – PB

RESUMO: As novas condições de vida têm determinado, de forma predominante, comportamentos sedentários, quanto à população com deficiência intelectual essa situação se torna alarmante uma vez que estudos com o nível de atividade física dessa população é inferior ao da população em geral. O objetivo do estudo é investigar os benefícios da prática de atividade física para crianças com deficiência intelectual inserida no Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSi). A amostra é composta por 7 (sete) responsáveis das crianças com déficit intelectual. A coleta de dados aconteceu por meio de questionários aplicados aos pais ou responsáveis pela criança com Deficiência intelectual durante a ida ao CAPSi. Assim, percebe-se que nos aspectos pessoais, as principais barreiras para a prática de AF estão relacionadas a eles se sentirem incapazes de realizar algumas atividades físicas, tem timidez e preguiça, também pelo medo de se machucar. Com relação aos aspectos ambientais, houve

um predomínio na falta de preparação dos profissionais de educação para atendê-los e ausência de projetos sociais próximos de casa. Quanto aos aspectos sociais, houve uma significância na importância da prática de atividade física para saúde da criança. Conclui-se que algumas barreiras e facilitadores estão ligados ao estímulo que as pessoas com déficit intelectual recebem, pois podem despertar o gosto pela atividade física, ainda se faz necessário que os profissionais de Educação Física tenham uma melhor compreensão a cerca da deficiência intelectual e sua atuação junto a esse público.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência intelectual. Atividade Física. Saúde.

ABSTRACT: The new conditions of life have predominantly determined sedentary behaviors, as for the population with intellectual disability this situation becomes alarming since studies with the level of physical activity of this population is lower than the population in general. The objective of the study is to investigate the benefits of physical activity practice for children with intellectual disabilities enrolled in the Child and Youth Psychosocial Care Center (CAPSi). The sample is made up of 7 (seven) persons responsible for children with intellectual deficit. The data collection was done through questionnaires applied to the parents

or guardians of the child with intellectual disability during the visit to CAPSi. Thus, it is perceived that in the personal aspects, the main barriers to the practice of PA are related to them if they feel incapable of performing some physical activities; they are shy and lazy, also because of the fear of being hurt. With regard to environmental aspects, there was predominance in the lack of preparation of the education professionals to attend them and the absence of social projects close to home. Regarding social aspects, there was significance in the importance of the practice of physical activity for the health of the child. It is concluded that some barriers and facilitators are linked to the stimulus that people with intellectual deficit receive, since they can arouse the taste for physical activity, it is still necessary that Physical Education professionals have a better understanding about intellectual disability and its with this public.

KEYWORDS: Intellectual disability. Physical activity. Cheers.

1 | INTRODUÇÃO

Deficiência intelectual (DI) é uma condição complexa, é quando existe uma limitação em qualquer área do funcionamento mental humano, abaixo da média das pessoas. A deficiência intelectual é diagnosticada em vários níveis e tem como referência de avaliação o grau de deficiência, que é medido por meio do QI, e pode ser: profundo quando o QI é menos que 20, agudo-leve quando o QI está entre 20-35, moderado entre 36-51 e leve entre 52-67(BERETA; VIANA, 2014).

A utilização do termo “deficiência mental” embora seja muito usual no dia a dia, vem perdendo o favoritismo para “deficiência intelectual”, além de ser mais apropriado ele se refere ao funcionamento do intelecto e não do funcionamento mental. Apesar dos recentes estudos na compreensão e investigação da DM em crianças e adolescentes é considerado deficiente intelectual que obtiver nível de funcionamento intelectual (QI) abaixo de 70-75, ter a presença de duas ou mais limitações e a condição deve estar presente antes dos 18anos(MILLAN; SPINAZOLA; ORLANDO, 2015).

Há uma preocupação por parte profissionais da saúde em estabelecer quais os benefícios que as atividades físicas podem proporcionar aos seus praticantes, além de resgatarem a sua autoestima, seu equilíbrio emocional e o mais importante, ter a capacidade de praticar esportes (GOMES, 2013). Rodrigues (2006) vem colocar que ao se aprofundar em estudos acerca da atividade física para deficientes, percebe-se uma grande preocupação em relação à saúde dos mesmos, em seu aspecto mais amplo, como o fisiológico, social e o emocional. O autor supracitado considera a questão social como uma busca à qualidade de vida, pois o mesmo continua ao dizer que a mesma deixou de representar apenas uma vida sem doenças passando a ser uma busca da felicidade e satisfação pessoal.

Esse estudo se justifica por uma oportunidade de contribuição na produção do conhecimento acadêmico sobre o tema da deficiência intelectual, bem como por que a

pesquisadora tem experiência com a temática, atuando como estagiária na instituição CAPSi com o público-alvo escolhido. Como se sabe, a atividade física, no geral, disponibiliza diversos benefícios para pessoas com DI, possibilitando aos alunos conviver com a diversidade. Por isso, este estudo tem como objetivo geral investigar os benefícios da atividade física para crianças com deficiência intelectual do CAPSi.

2 | METODOLOGIA

É uma pesquisa de campo, pois observou-se os fatos e fenômenos exatamente como acontece no real, com base numa fundamentação teórica consistente, tendo como objetivo compreender e explicar o problema desta pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). É uma pesquisa qualitativa, pois se tem a intenção de responder a questões muito particulares, ou seja, é se trabalhar com o mundo de significados, de motivos, inspirações, das crenças, valores e atitudes. É onde os fenômenos humanos são entendidos em sua realidade social (MINAYO; GOMES, 2011).

No presente estudo a amostra foi composta por 7 (sete) crianças com deficiência intelectual (Di), representadas no estudo pelos responsáveis dos participantes de atividades físicas desenvolvidas no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) da cidade de Patos-PB. De acordo com o levantamento feito no CAPSi em 2016, o número de crianças com Deficiência intelectual inseridas nas atividades desenvolvidas pelo CAPSi é de 22, porém, apenas 7 responsáveis concordaram em participar desta pesquisa.

Como instrumento da pesquisa foi utilizado um questionário construído e adaptado com instrumentos já validados para avaliação do perfil de estilo de vida (MARQUES, 2008). O questionário foi respondido pelos pais ou responsáveis pelas crianças com DI sobre os benefícios que a atividade física tem proporcionado. Os questionários foram aplicados aos pais ou responsáveis pela criança com Deficiência intelectual durante a ida ao CAPSi, realizado em uma sala disponível para esse fim. Antes de responder ao questionário, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para cada responsável assinar.

Após o recolhimento dos questionários, realizou-se a análise dos dados por meio da literatura disponível sobre a temática do estudo. Para melhor analisar os benefícios da atividade física em pessoa com DM os dados foram analisados em três aspectos, os pessoais, ambientais e sociais.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão expostos os resultados da pesquisa, serão analisados os aspectos pessoais, os ambientais e os sociais do questionário para compreensão de quais os

benefícios a atividade física contribuiu para a melhora das crianças com DI.

Relação entre a percepção de Barreiras e facilitadores e a prática de atividade física.

PERCEPÇÃO DOS ASPECTOS PESSOAIS	SIM	ÀS VEZES	NÃO
Ele gosta e tem prazer em praticar atividades físicas?	2	3	2
Se sente capaz de praticar atividade física?	1	1	5
Possui dinheiro para praticar atividade física que tenha algum custo?	1	0	3
A timidez o impede de praticar atividade física?	4	2	1
Sente preguiça de praticar atividade física?	3	2	2
Possui experiências negativas em relação à prática de atividade física?	4	0	3
Prefere outras atividades ao invés de atividade física?	3	2	2
Tem medo de se machucar praticando atividade física?	5	0	2
Possui tempo livre para praticar atividade física?	5	2	0
Possui alguma doença que o impeça de praticar atividade física?	4	1	2

Tabela 1. Prática de AF pela percepção dos responsáveis sobre cada aspecto pessoal.

Ao analisar a percepção dos aspectos pessoais das crianças com Deficiência Intelectual do Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil verificou-se que as barreiras mais prevalentes foram o medo de se machucar (5), seguido pela falta de capacidade (5), timidez (4), experiência negativa com a prática de atividade física (4), falta de dinheiro (3) e preferência por outra atividade ao invés da prática de AF (3) cada criança apresentou mais de dois fatores desses citados. Ao analisar os facilitadores observa-se que possui tempo livre para prática AF (5).

Neste estudo percebe-se a prevalência das barreiras, segundo os responsáveis das crianças com deficiência intelectual, os mesmos sentem-se incapazes de realizar algumas atividades físicas, tem timidez e preguiça, também têm medo de se machucar ao realizar as AF por que já teve algum tipo de experiência negativa na execução de AF.

Em um estudo realizado por Santos et al. (2010), obteve respostas semelhantes a presente pesquisa, conforme os dados dos autores entre as barreiras investigadas, teve prevalência nas respostas do questionário, “não ter alguém para levar”, “não ter a companhia de amigos”, “ter preguiça”, “preferir fazer outras coisas”, “timidez em realizar AF”.

Em outro estudo feito por Reichert et al. (2007), mostrou que a falta de dinheiro, o fato de sentir-se cansado foram as barreiras mais frequentes relatadas para a prática de atividade física. Neste mesmo estudo, na análise multivariada também foi associada

não gostar de se exercitar, falta de companhia e falta de dinheiro e inatividade física. Percebe-se a paridade das respostas do estudo de Reichert et al. com a presente pesquisa.

ASPECTOS AMBIENTAIS	SIM	ÀS VEZES	NÃO
Há locais disponíveis próximos de casa para a prática de atividade física?	4	0	3
Se existem locais disponíveis, eles são acessíveis para a prática?	4	0	3
A comunidade o acolhe de forma adequada?	1	4	2
Os profissionais de educação física são preparados para atendê-lo?	0	0	7
Existem projetos sociais de atividade física próxima a sua casa?	1	0	6
O clima da região favorece a prática de atividade física?	0	0	7
O ambiente ao redor de sua casa é seguro?	0	1	3

Tabela 2. Prática de AF pela percepção dos responsáveis sobre cada aspecto facilitador ambiental.

Quanto à percepção de atividade física pelo aspecto de facilitador ambiental observa-se que houve um predomínio no clima da região que não favorece (7) e ausência de projetos sociais próximos de casa (6), ainda no quadro de aspecto ambiental o que prevaleceu foi a falta de preparação dos profissionais de educação para atendê-los (7).

Ao correlacionar o presente estudo com o de Jung (2013), pode identificar e destacar como barreira nos aspectos ambientais a ausência de projetos sociais e segurança, o que corrobora com os resultados encontrados no estudo. Com relação aos aspectos ambientais, os estudos do autor acima revelaram que a falta de locais disponíveis é uma barreira para a prática de atividade física, não haver projetos sociais, os ambientes ao redor de casa não são seguros e o despreparo dos profissionais de Educação Física. Apenas o clima não foi barreira para a realização de AF, contrariando a presente pesquisa que nesse aspecto todos responderam que o clima é uma barreira para a prática de AF, isso se deve ao fato da cidade de Patos-PB se localizar no sertão paraibano, tendo clima quente e seco, com altas temperaturas.

Ao comparar o fator acima com o estudo realizado por Seron et al. (2015), ao fazer os testes de correlação para os facilitadores, o teste de qui-quadrado, eles encontraram associação apenas entre nível socioeconômico e o indicador de clima. Isso mostra que o estudo apontou o clima como um fator que atrapalha a realização de AF. Mesmo se tratando de amostra com indivíduos com outra deficiência do presente estudo os achados se assemelham.

Na análise de barreiras o aspecto ambiental o que prevaleceu foi a falta de profissionais preparados (7) pra atender esse público (quadro 2). Em estudo realizado por Barreto (2013), sobre a preparação do profissional de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência, concluiu que a grande maioria dos professores

não se sente preparados para atender esse público, a maioria não fez cursos de preparação e relataram que enfrentam dificuldades na tentativa de integrar tais alunos. De forma muito marcante também se notar que os ambientes ainda são carentes de estrutura física adequada, materiais esportivos adaptados, formação e atualização profissional, ideal para atender essa população, o que muitas vezes impede que os professores possam trabalhar de maneira eficaz.

Segundo Badia et al. (2011), as barreiras ambientais têm maior influência do que as barreiras pessoais na prática de AF, isso reforça a necessidade de haver um investimento nessa perspectiva. Para eles se existisse projetos sociais que oportunizassem a prática de atividade física para as pessoas com deficiência intelectual, a barreira como, falta de dinheiro também seria amenizada.

Com relação ao despreparo dos profissionais de Educação Física Flores et al. (2010), afirma que por causa deste fator a inclusão não está acontecendo de forma satisfatória, isto se dá por causa da má formação dos professores. Para eles é fundamental a formação de um profissional que seja capaz de atuar com pessoas com deficiência intelectual nos variados ambientes. Também é um desafio para o profissional de Educação Física promover a inclusão e desenvolver um bom trabalho com crianças com DI por que muitas vezes os ambientes não oferecem a infraestrutura necessária (SOUTO et al., 2010).

ASPECTOS SOCIAIS	SIM	ÀS VEZES	NÃO
A família acha importante a prática de atividade física?	6	1	0
Os pais acham a atividade física importante para manter a aparência?	4	1	2
Os pais acham a atividade física importante para a saúde?	6	1	0
Os pais possuem tempo para acompanhar o filho em atividades físicas?	5	0	2
Os pais ficam constrangidos com o filho praticando atividade física?	5	0	2
Alguém que mora na mesma casa pratica atividade física?	1	1	5
Possui companhia dos parentes para praticar atividade física?	4	0	3
Possui companhia de amigos para praticar atividade física?	3	2	2
Tem apoio das pessoas próximas para praticar atividade física?	4	0	3
Algum profissional já recomendou a prática de atividade física?	6	0	1

Tabela 3. Prática de AF pela percepção dos responsáveis sobre cada aspecto social

Foi verificado nos aspectos sociais, que houve uma significância na importância da Prática de atividade física (6), dos pais acharem a AF importante pra saúde (6) e ter tempo de acompanha os filhos durante essas aulas (5), Quando questionados se algum profissional já tinha recomendado a prática de atividade física (6). Ainda sobre os aspectos sociais, observou-se que a atividade física trás muitos benefícios para vida das crianças com deficiência mental, melhora na saúde, longevidade, integração e autonomia dentre tanto outros que existe.

No estudo de Seron et al. (2015), Quando perguntados sobre os três principais fatores que os levaram a iniciar a prática de atividade física, 72% consideraram o fator “porque é bom para a saúde”, 44% “porque quero ser um atleta” e 40% “por orientação médica”. Os fatores que os levaram a continuar essa prática foram: 80% “porque é bom para a saúde”, 52% “porque melhora minha autoestima” e 40% “porque quero ser um atleta”. Assim, evidencia-se que as principais razões levantadas pelos sujeitos da amostra para a prática estão ligadas a preocupações com a saúde e ao desejo se tornar um atleta.

Em estudo realizado por Almeida (2013), ele concluiu que uma vida fisicamente ativa é capaz de beneficiar direta e indiretamente a saúde física e mental dos indivíduos. Neste sentido, as aulas de Educação Física podem se constituir como importante instrumento de incentivo de bons hábitos e de um estilo de vida ativo. Para isso, esta disciplina deve tanto oferecer informações sobre as consequências dessa boa prática, como possibilitar a vivência de inúmeras práticas corporais, o que evidencia os resultados do presente estudo.

Miranda e Navarro (2016), afirma que, a atividade física realizada conforme a necessidade do organismo é essencial para o funcionamento saudável do corpo humano, pois se sabe que os sistemas do nosso corpo respondem favoravelmente à atividade física. Além de a atividade física proporcionar grandes benefícios relacionados à saúde física das pessoas com deficiência mental, também é perceptível que a prática de exercícios pode ter relação terapêutica com o deficiente.

Em estudo realizado por Nacif (2016), os resultados obtidos vêm de encontro com o do presente estudo, em se tratando das percepções sobre a aula de Educação Física para os alunos com deficiência, quando perguntados se gostavam ou não das aulas, apenas dois alunos não deram uma resposta positiva. Alves e Duarte (2014) apontaram que a falta de adaptação nas aulas de Educação Física pode contribuir para que a criança com deficiência tenha dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, não participe das atividades.

Apesar de no presente estudo os dados acerca de pessoas próximas apoiarem a prática da AF não ter sido significativa, mas obteve-se resultado positivo no aspecto no qual a família acha que a atividade física é importante para seus filhos. Em concordância com o estudo de Jung (2013), os fatores facilitadores pelo fato das pessoas próximas apoiarem a prática da atividade física, em especial pela família, por achar que essa prática é importante para os filhos.

Mahy et al. (2010), afirma que o envolvimento das pessoas próximas tem grande importância, tanto como facilitadores ou como barreiras na participação das pessoas com deficiência intelectual, e principalmente, por serem crianças que precisam de maior atenção.

4 | CONCLUSÃO

Em suma, conclui-se que com nossos resultados de maneira geral, independentemente de barreiras ou facilitadores revelam que os benefícios da atividade física continuam a proporcionar grandes resultados relacionados à saúde física, mental e social das pessoas com deficiência intelectual, pois essa AF pode ser realizada de maneira semelhante às pessoas normais de acordo com as necessidades de cada um, organizando e respeitando sempre os limites de cada corpo humano. Também, pelas crianças terem o apoio dos familiares para a realização das atividades físicas realizadas pelo CAPSi.

Temos como resultados positivos a busca pela atividade física pelos benefícios que ela traz, relacionados à saúde física e mental, a aparência (autoimagem, autopercepção). Apesar de fatores como timidez, preguiça e a falta de dinheiro ser barreira para a realização da atividade física encontram-se nessa pesquisa o incentivo da família e parentes, o que ajudam na vontade da criança com DI a praticar uma AF. Ainda se faz necessário que os profissionais de Educação Física tenham uma melhor compreensão a cerca da deficiência intelectual e sua atuação junto a esse público.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. F. de et al. **A importância da atividade física para pessoas com deficiência: a contribuição da escola.** Revista Eletrônica Fafit/Facic, v. 4, n. 2, 2013.

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. **A percepção dos alunos com deficiência sobre a inclusão nas aulas de educação física escolar: um estudo de caso.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.28, n.2, p.329-338, 2014.

BADIA, M. et al. **Personal factors and perceived barriers to participation in leisure activities for young and adults with developmental disabilities.** Research in Developmental Disabilities, v. 32, n. 6, p. 2055–2063, 2011.

BERETA, M. S.; VIANA, P. B. de M. **Os benefícios da inclusão de alunos com deficiência em escolas regulares.** Revista Pós-graduação: desafios contemporâneos, v. 1, n. 1, 2014.

FLORES, P.P. et al. **Formação em Educação Física: um olhar para a inclusão escolar.** EDFesportes, Revista Digital, Buenos Aires, n. 150, 2010.

JUNG, L. G. **Atividades diárias e percepção de barreiras e facilitadores para prática de atividade física de pessoas com déficit intelectual.** 2013. 69f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

MAHY, J. et al. **Identifying facilitators and barriers to physical activity for adults with Down syndrome.** Journal of Intellectual Disability Research, v. 54, p 795–805, sep. 2010.

MILLANI, A. E.; SPINAZOLA, C. de C.; ORLANDO, R. M. **Deficiência intelectual: caracterização e atendimento educacional.** Educação, Batatais, v. 5, n. 2, p. 73-94, 2015.

MINAYO, M. C. de S.; GOMES, S. F. D. **Pesquisa social.** Petrópolis – RJ, 2011.

MIRANDA, R. A.; NAVARRO, A. C. **A obesidade infantil e o efeito do exercício agudo da natação e a resposta da sudorese para um desenvolvimento saudável.** RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento, v. 10, n. 56, p. 93-104, 2016.

NACIF, M. F. P. et al. **Physical Education: Disabled Students' Perceptions.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 22, n. 1, p. 111-124, 2016

REICHERT, F. F. et al. **Role of perceived personal barriers to engagement in leisure – time physical activity.** American of Public Health, v. 97, n. 3, 2007.

RODRIGUES, David. As promessas e as realidades da inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física. In: RODRIGUES, David. **Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo.** São Paulo: Artes Médicas, 2006.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, M. D. B. **Metodologia da pesquisa.** Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, M. S. et al. **Barreiras para a prática de atividade física em adolescentes: um estudo por grupos focais.** Revista Bras. Cineantropom. Desempenho Hum., v. 12, n. 3, p. 137-143, 2010.

SERON, B. B. et al. **Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.

SOUTO, D.C.M. et al. **Integrando a Educação Física ao projeto político pedagógico: perspectiva para uma educação inclusiva.** Revista Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 3, 2010.

OS EFEITOS DA HIDROGINÁSTICA NA QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS

Matheus Jancy Bezerra Dantas

UNINASSAU, Faculdade de Educação Física

José Roberval de Melo Júnior

UNINASSAU, Faculdade de Educação Física

Natal/RN

Tháisa Lucas Filgueira Souza Dantas

UNINASSAU, Faculdade de Educação Física

Natal/RN

Paulo Victor dos Santos

UNINASSAU, Faculdade de Educação Física

Natal/RN

Julliane Tamara Araújo de Melo Campos

UFRN, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi

Santa Cruz-RN

RESUMO: Com o crescimento da população idosa, cada vez mais procura-se novos métodos para aumentar a expectativa e qualidade de vida desse grupo, tendo em vista que um grande número de idosos apresentam problemas de ordem funcional e/ou fisiológica. É de total consenso entre os profissionais da área de saúde que a atividade física pode proporcionar melhoras consideráveis para os idosos. Nesse contexto, práticas como a hidroginástica vem sendo amplamente estudada, visto que o exercício feito no meio aquático contribui de maneira significativa para a melhora dessas capacidades. O presente

estudo teve como objetivo analisar a qualidade de vida dessa população, onde foram avaliados pelo WHOQOL-Bref, questionário simplificado do WHOQOL-100 elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Participaram desse estudo 30 idosos de ambos os sexos, sendo 86,5 % do sexo feminino e 13,5% do sexo masculino, com média de idade de $68,9 \pm 5,4$, praticantes de hidroginástica a pelo menos 12 semanas, no qual obtiveram um escore médio de $71,5 \pm 9,3$ na percepção da qualidade de vida, sendo o domínio psicológico o que apresentou maior pontuação ($80,1 \pm 11,3$) e o domínio físico a pior ($55,8 \pm 6,4$). Desta forma, a partir das observações e comparações realizadas neste estudo, concluiu-se que existe boa qualidade de vida nos idosos praticantes de hidroginástica no Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Norte (SESI-RN), e que o domínio psicológico pode ser considerado o mais prevalente.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de vida, idosos, hidroginástica.

ABSTRACT: Due to the growth of the elderly population, new methods are being increasingly required to increase the expectation and life quality of this group, since the most elderly people has functional and/or physiological disturbances. It is widely recognized among health professionals that physical activity can provide considerable improvements for the

elderly. In this context, practices such as hydrogymnastics have been widely applied, since exercises performed in aquatic environment contribute significantly to the improvement of these capacities. The aim of this study was to evaluate the life quality of this population by using the WHOQOL-Bref, a simplified questionnaire related to WHOQOL-100 that was elaborated by World Health Organization (WHO). 30 elderly people of both genders participated in this study, being 86.5% female and 13.5% male, with a mean age of 68.9 ± 5.4 , water aerobics practitioners, to analyze the quality of life of this population, in which it had a mean score of 71.5 ± 9.3 , and the psychological domain had the highest score (80.1 ± 11.3) and the physical domain to worse (55.8 ± 6.4). Thus, based on the observations and comparisons made in this study, it was concluded that there is a good quality of life in elderly people practicing water aerobics in the Rio Grande do Norte Industry Social Service (SESI-RN), and that the psychological domain can be considered the most prevalent.

KEYWORDS: Quality of life, elderly, water aerobics.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo inevitável para a população levando a uma perda progressiva das capacidades funcionais do organismo (KALLINEN e MARKKU, 1995). O termo envelhecimento pode ser compreendido como um processo evolutivo, que começa no nascimento e termina com a morte. O fato de envelhecermos representa um desgaste nas capacidades fisiológicas, seja de modo progressivo, discreto ou grave (MELO e GIAVONI, 2004).

No Brasil, dados demográficos revelam uma transformação gradativa da pirâmide etária aproximando-a da observada em países desenvolvidos, com estreitamento da base, mostrando diminuição das taxas de natalidade e, progressivo alargamento do corpo e ápice revelando queda nas taxas de mortalidade e, conseqüente aumento da expectativa de vida (CARVALHO e WONG, 2008). Tais modificações tem como resultado o envelhecimento populacional. Nesse grupo (≥ 60 anos), a população que mais expressivamente aumenta é a composta por idosos em velhice avançada (≥ 80 anos) (CARVALHO e WONG, 2008). Estima-se que 2050 nós seremos a 6ª população de idosos no mundo.

A população de idosos não para de crescer a cada ano. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010 os números nos mostravam que existiam cerca de 19 milhões de idosos no País, ou seja, 10% da população brasileira era constituída por idosos, um pouco abaixo dos dados apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU), os quais apontam os idosos representavam 12,3% da população global. Projeções futuras do IBGE nos remetem que, em 2030, os idosos no Brasil chegarão a 41 milhões (18% da população), enquanto que o número de crianças será de 39 milhões (17,6% da população), ou seja, a população está

vivendo mais.

A expectativa de vida do Brasileiro segundo o IBGE, chega a cerca de 75 anos de vida nos dias atuais, e com isso devemos nos preocupar cada vez mais em envelhecer com qualidade. Diante dessa perspectiva, a forma como é realizada a abordagem do exercício aquático, especialmente a hidroginástica, direciona a priorizar os movimentos relacionados às atividades da vida diária (AVD), como, equilíbrio, agilidade, reflexo e coordenação, assegurando assim a autonomia do idoso na sua rotina (SIMÕES, 2008).

Os Profissionais da área da saúde afirmam que o exercício físico pode ser um fator primordial quando se fala no processo de envelhecimento. Acredita-se que o exercício físico atua como forma de prevenção e reabilitação na saúde do idoso, revigorando a aptidão física, melhorando sua independência e autonomia, fazendo com que as AVD sejam mantidas por um período prolongado, seja no aspecto da saúde como nas capacidades funcionais (MATSUDO et al., 2011).

Lamentavelmente, nem todos os exercícios são indicados para idosos, especialmente os que apresentam problemas nas articulações e/ou hipertensão. Os exercícios aquáticos são, na maioria das vezes, indicados por exercerem um efeito equilibrador da pressão arterial e diminuem o estresse causado nas articulações, devido à pouca gravidade exercida com a força do empuxo, segundo o Princípio de Arquimedes (SILVA e RIBEIRO, 2010).

Essa população não busca fazer atividade visando à estética e sim envelhecer com mais qualidade de vida e fazer novas amizades em um convívio mais social, visto que muitas vezes eles são privados desse momento por sua própria família. A prática constante de hidroginástica pelos idosos é capaz de proporcionar modificações morfológicas, sociais e fisiológicas, melhorando as funções orgânicas e psíquicas do indivíduo (BONACHELA, 1994). A busca pela hidroginástica tem atraindo muito esses indivíduos que compõem a terceira idade e vem aumentando exponencialmente no País, com o surgimento de novas academias, clubes ou condomínios. Essa população em especial não busca fazer atividade visando a estética e sim envelhecer com mais qualidade e fazer novas amizades.

Não é uma regra, mas o processo de envelhecimento leva a perda de vários fatores como a diminuição da flexibilidade, diminuição lenta e progressiva da massa muscular, da marcha, das fibras de contração rápida, da massa óssea e dos ligamentos, dificultando cada vez mais sua mobilidade, agilidade e tendo consequências na vida do idoso e na sua qualidade de vida (ARAGÃO e NAVARRO, 2004).

Nesse sentido, a qualidade de vida está diretamente relacionada ao estado de saúde do indivíduo, mas, não sendo o único fator preponderante, ela pode ser influenciada pelo sexo, escolaridade, idade, condição econômica e presença de incapacidades (LEBRÃO e LAURENTI, 2003). Essa expressão qualidade de vida está correlacionada também nas relações de sentimentos e emoções, relações pessoais, eventos profissionais, política, propaganda de mídias, atividades de apoio social,

dentre outros (GILL e FEISNTEIN, 1994).

Um dos métodos através do qual é mensurada a qualidade de vida é o questionário WHOQOL-BREF, que é uma forma abreviada do WHOQOL-100, que consiste em cem (100) perguntas referentes a seis (6) domínios (THE WHOQOL GROUP, 1994).

Sabendo do envelhecimento da população do Brasil; do aumento na procura da atividade física e dos poucos estudos no seguinte formato encontrados na literatura. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar a qualidade de vida de idosos que praticam a hidroginástica no SESI/RN. Observando as possíveis diferenças entre todos os domínios (Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente) e verificando qual domínio pode ser considerado o mais relevante para a saúde dos idosos.

MÉTODOS

O estudo foi uma pesquisa transversal descritiva e se caracterizou como estudos frequentes que procuram determinar status, opiniões ou projeções futuras com as respostas obtidas. A técnica utilizada para obter informações foram os questionários e as entrevistas, abordando amostras de sujeitos de diferentes grupos etários (THOMAS, 1996).

Foi realizado um estudo transversal de amostra por conveniência, do tipo descritivo em idosos que praticam hidroginástica no Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Norte (SESI-RN). Para o desenvolvimento do estudo foram entrevistados 30 idosos de ambos os sexos, sendo 86,5% do sexo feminino e 13,5% do sexo masculino, com faixa etária entre 60 a 89 anos, com média de $68,9 \pm 5,4$, praticantes da modalidade hidroginástica. Foram marcados encontros nas terças e quintas-feiras, das 16h00min às 16h30min, para o preenchimento do questionário no Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Norte (SESI-RN), que fica localizado na Av. Capitão-Mor Gouveia, Lagoa Nova, em Natal-RN. Antes ao preenchimento do questionário, aconteceu um encontro prévio para falar da importância do tema supracitado, explicar o motivo da pesquisa, dúvidas, riscos e benefícios na qual ela propõe, e os participantes que mostraram interesse foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fazendo assim parte da amostra.

Como critérios de inclusão adotamos que os idosos deveriam ter entre 60 a 89 anos, que fossem praticantes da modalidade hidroginástica a pelo menos 12 semanas e que tivessem uma frequência semanal de no mínimo duas vezes. Os critérios de exclusão foram aplicados para os sujeitos que não concluíram todas as etapas de avaliações, que apresentaram alguma síndrome genética identificada, déficit cognitivo, e qualquer tipo de doença que viesse a comprometer os resultados do estudo ou oferecesse risco ao próprio sujeito e idosos que não se enquadraram na faixa etária.

Como instrumento da pesquisa foi utilizado o WHOQOL-BREF, questionário de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS), que é constituído por 26

questões, dentre elas, 24 que abrangem 4 domínios para a avaliação da qualidade de vida (QV), sendo eles, os domínios físico, psicológico, das relações sociais e o do meio ambiente. E outras 2 questões que avaliam de forma mais geral a QV global e a percepção da saúde. Concernindo uma forma geral e reduzida das 100 questões originais do WHOQOL (WHOQOL GROUP,1998).

Ainda que o WHOQOL-BREF reconheça que a qualidade de vida é multidimensional, onde os instrumentos enfatizam a saúde (PATRICK, 2008), a escolha desse questionário se concedeu por ele ser de fácil aplicabilidade, com validade discriminante, concorrente e de conteúdo, sendo assim, já validado e possuir confiabilidade com teste-reteste. Vale salientar que, apesar de que seja um instrumento autoaplicável, os pesquisadores optaram pela administração deste estudo, devido a alguns participantes possivelmente possuírem problemas visuais e ter dificuldade na leitura, bem como ter inserido na amostra algum idoso que não seja alfabetizado. Contudo, os pesquisadores foram treinados e orientados a não exercer qualquer tipo de influência nas respostas dos idosos.

Os dados foram inseridos na planilha do Microsoft Office Excel, e em seguida foram analisados utilizando o software GraphPad Prism 7. As correlações foram realizadas através da correlação de Spearman. Dados com valor de $p < 0,05$ foram considerados estatisticamente significantes.

RESULTADOS

Os resultados obtidos foram baseados nos questionamentos investigados, apresentamos abaixo os dados em forma de figuras para facilitar o entendimento. A figura 1 apresenta a síntese dos resultados obtidos através da aplicação das equações ao conjunto de respostas apresentadas individualmente pelos idosos participantes da hidroginástica no SESI/RN, conforme os quatro domínios e a qualidade de vida geral que compõem o instrumento utilizado.

Os resultados apresentados demonstram que os idosos tem uma boa percepção de qualidade de vida, influenciada em ordem decrescente pelo domínio psicológico ($80,1 \pm 11,3$), social ($78,2 \pm 14,1$), meio ambiente ($71,7 \pm 13,8$) e físico ($55,8 \pm 6,4$).

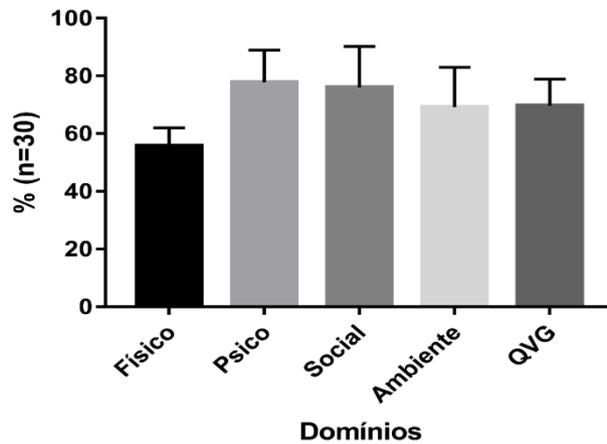
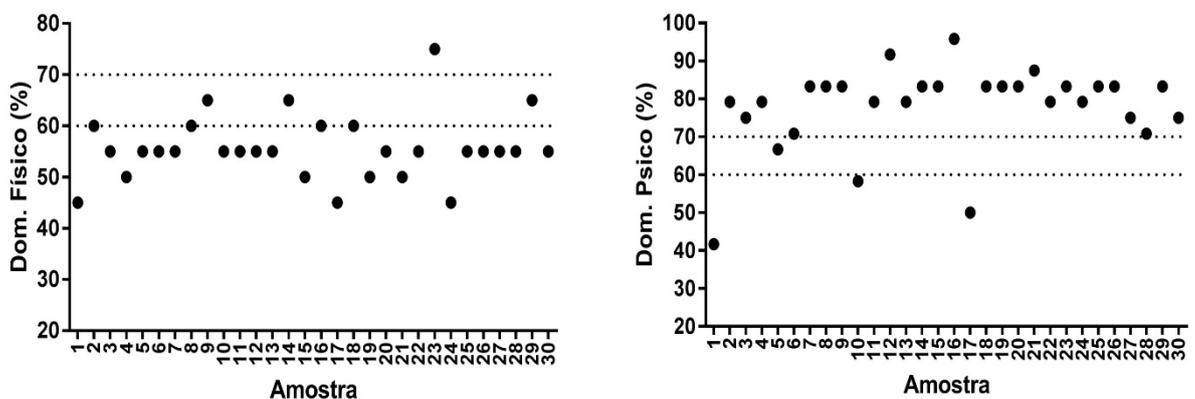


Figura 1. Demonstrativo dos 4 domínios e da qualidade de vida geral (QVG).

Observou-se que o domínio psicológico, bem como o social foram determinantes para a boa percepção de qualidade de vida geral. Os resultados fortalecem a importância do exercício físico, já que ele promove não apenas a manutenção e melhora dos sistemas orgânicos, mas também contribui para uma melhora no convívio social do idoso, melhora da autoestima, possibilitando um maior ciclo de amizade, já que existe uma grande socialização entre os participantes (FLECK et al., 2008).

O domínio físico foi o que obteve o menor escore como mostra na figura 2, onde analisa separadamente cada indivíduo da amostra, verificando que 73,5% estão abaixo de uma linha satisfatória. Conte e Lopes (2005) avalia que não apenas a satisfação com a mobilidade e nível de energia envolve esse domínio. Fatores relacionados a dor e ao desconforto, nível de fadiga, ao sono e ao repouso, as atividades da vida cotidiana, a dependência de medicação e a própria capacidade de trabalho estão incluídas na avaliação. Assim, as médias mais baixas encontradas nesse estudo podem estar relacionadas a maior incidência de dores e desconfortos em idosos, uma vez que, estes indivíduos geralmente estão mais suscetíveis as doenças características do processo de envelhecimento.



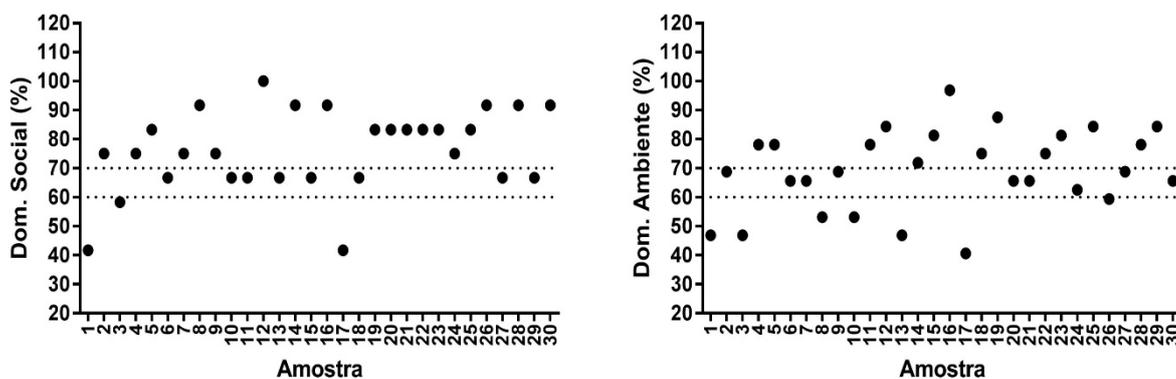


Figura 2. Domínios separados.

Ademais, os domínios psicológico e social tiveram resultados semelhantes, com maior destaque para o domínio psicológico que obteve respostas favoráveis em 90% da amostra. O domínio ambiental 80% dos idosos estão dentro de um padrão aceitável. Isso nos remete que a grande maioria dos idosos que praticam hidroginástica apresentam resultados positivos, indicando que a prática regular desta atividade pode ser de extrema importância na promoção de qualidade de vida de modo geral, sendo importante na reabilitação física, psicológica e social para pessoas idosas (FLECK et al., 2008). Corroborando com Pereira et al. (2006), quando considerada qualidade de vida como um conceito complexo, que engloba a saúde física, o estado psicológico, o nível de independência, as relações sociais e a relação com as características do meio ambiente (PEREIRA et al., 2006).

Em relação a percepção de qualidade de vida geral, 10% obtiveram resultados muito bom, 63% bom, 13,5% satisfatório e 13,5% ruim, como mostra na figura 3. Nesse sentido a qualidade de vida do idoso compreende a consideração de diversos critérios de natureza biológica, psicológica e sócioestrutural, pois vários elementos são apontados como determinantes ou indicadores de bem-estar na velhice: longevidade, saúde biológica, saúde mental, satisfação, controle cognitivo, competência social, produtividade, status social, continuidade de papéis familiares e relações informais com amigos (SANTOS et al., 2002).

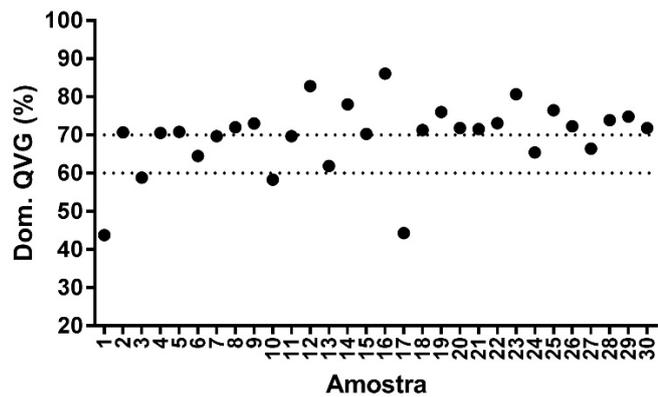
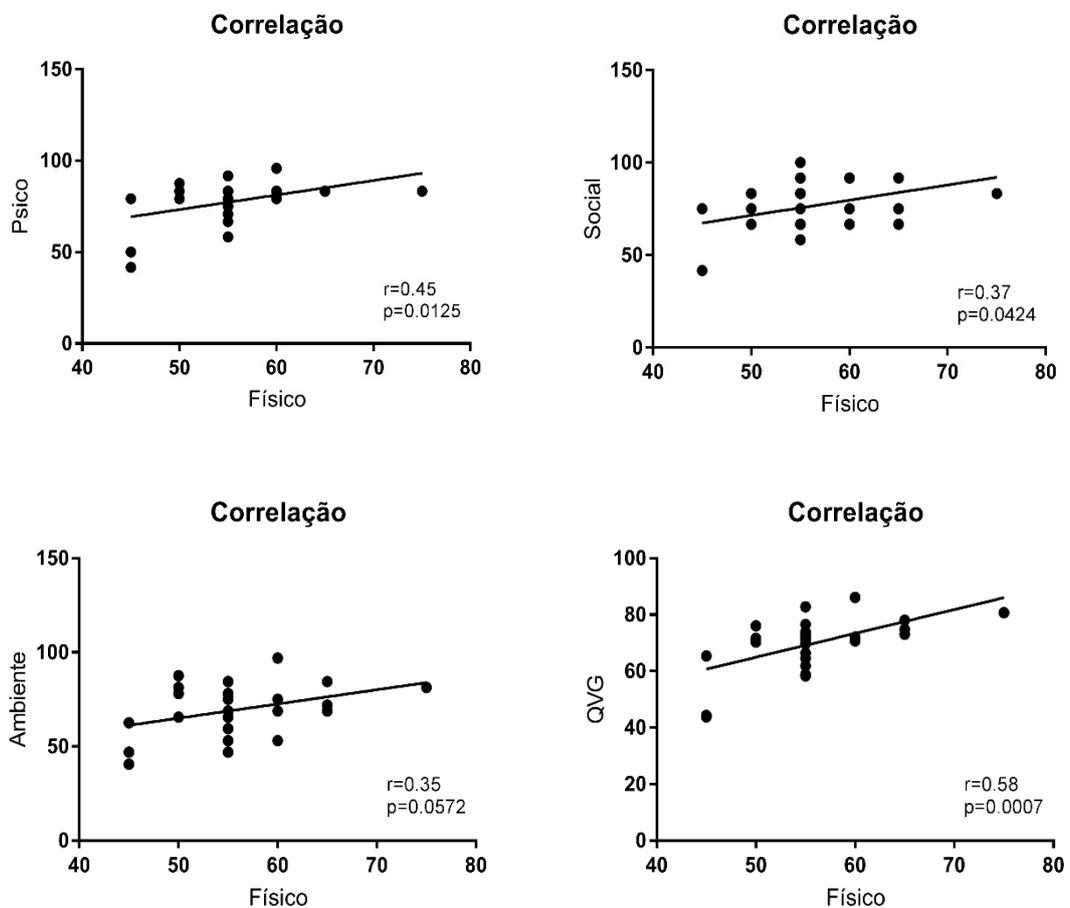


Figura 3. Qualidade de vida geral.

A fim de verificar se existe correlação entre os domínios, fizemos a correlação de Spearman como mostra a figura 4 e foi observado que: quanto maior é o domínio psicológico maior também serão os domínios meio ambiente ($r=0,61$) e social ($r=0,69$), já quanto menor é o domínio físico menor serão os domínios ambiente ($r=0,35$), social ($r=0,37$) e psicológico ($r=0,45$). Quando foi comparado a percepção de qualidade de vida geral com os outros domínios tivemos os seguintes resultados: quanto maior o domínio ambiente, social e psicológico maior será também a percepção de qualidade de vida geral ($r=0,82$), ($r=0,85$) e ($r=0,87$), respectivamente.



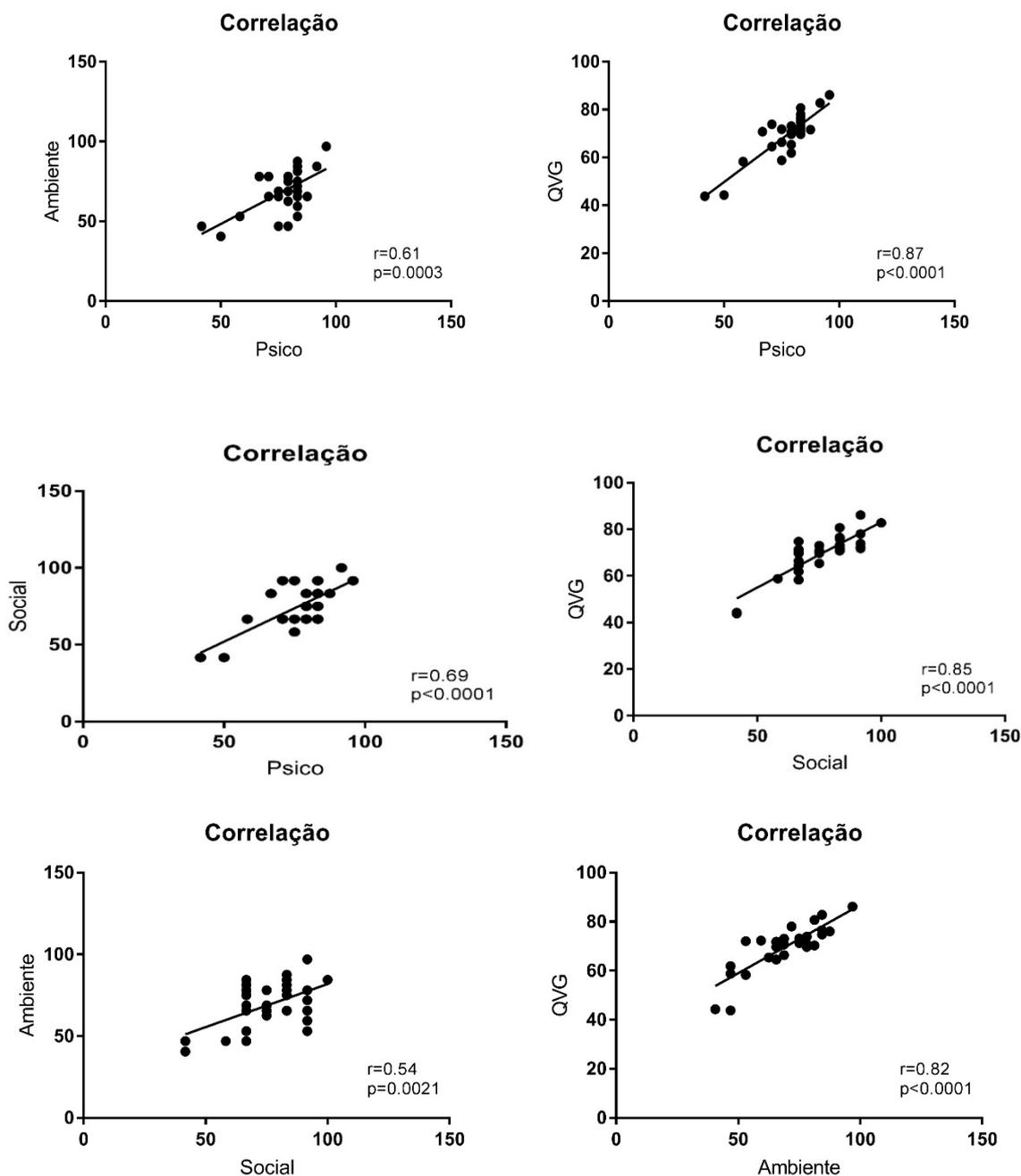


Figura 4. Correlações entre os domínios em si e entre a percepção da Qualidade de vida geral.

O resultado obtido por meio desta pesquisa, principalmente o que correlaciona positivamente o domínio psicológico ao social, está diretamente relacionado ao que foi definido por Matsudo, et al (2001) em relação a QV, como sendo um entrelaçamento de diversos fatores, que engloba o estado psicológico, estado de independência e relação com o meio em que se vive como fatores que interferem diretamente na esfera social.

Assim como no domínio psicológico, os idosos entrevistados também tiveram maior desempenho no domínio social. Isso corrobora com o que Silvino, et al (2016), encontrou em sua pesquisa realizada no município de Sarandi/PR, no qual os idosos tiveram média de $79,4 \pm 7,1$ sobre a qualidade de vida em praticantes de hidroginástica, sendo o domínio psicológico o que apresentou a maior pontuação e o físico a menor.

Portanto um programa de hidroginástica, bem elaborado, regular e orientado, pode trazer inúmeros benefícios para a saúde do idoso, melhorando principalmente os aspectos psicológicos. O professor deve planejar suas aulas de tal forma que o idoso possa realizá-la com o máximo de segurança e eficiência, devendo ter em mente que a população supracitada possui limitações, tanto pelos efeitos decorrentes do envelhecimento quanto pelas características individuais. Sempre atentar que é através da execução com periodicidade contínua das aulas que se consegue alcançar os objetivos ou os benefícios já expostos no presente trabalho.

CONCLUSÃO

Considerando as naturais perdas decorrentes do processo de envelhecimento sobre algumas características físicas, a hidroginástica apresenta-se como uma importante opção de prática de exercício físico.

Os idosos investigados apresentaram uma boa percepção da qualidade de vida, sendo os domínios psicológico e social os que contribuíram de uma forma mais acentuada. Acredita-se que uma maior incidência de dores e desconfortos entre idosos, especialmente entre os de idade mais avançada, tenha sido determinante para uma percepção menos positiva no aspecto físico.

Portanto, a partir das observações e comparações realizadas neste estudo, concluiu-se que existe boa qualidade de vida nos idosos praticantes de hidroginástica e o domínio psicológico é o mais prevalente para essa população. Contudo, o estudo apresentou limitações como ausência de um grupo controle, constituído por idosos não praticantes de hidroginástica. Outro aspecto que pode ser destacado refere-se a um único local de coleta de dados, fato observado que pode resultar em diferentes mensurações, se comparado com outros locais.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, F. A.; NAVARRO, F. M. Influências do Envelhecimento, do tempo de Evolução da Doenças e do Estado Cognitivo sobre os Episódios de Quedas, em uma População Parkinsoniana. **Revista FisioBrasil**. São Paulo, n.67, Setembro/Outubro, 2004.

BONACHELA, V. **Manual básico de hidroginástica**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

CARVALHO, J. A. M.; RODRIGUEZ-WONG, L. L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Caderno de Saúde Pública**, v.24, n.3, p.597-605, 2008.

FLECK, M. P. A. et al. **A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

- GILL T.M, FEISNTEIN A.R. **A critical appraisal of the quality of quality-of-life measurements.** JAMA. 1994; 272(8): 619-26.
- KALLINEN, M. & MARKKU, A. **Aging, physical activity and sports injury. An overview of common sports injuries in the elderly.** Sports Med 1995.
- MATSUDO, S.M.; MATSUDO, V.K.R. & BARROS NETO, T.L. **Impacto do envelhecimento nas variáveis, antropométricas, neuromotoras e metabólicas da aptidão física.** Revista Brasileira de ciência e movimento, v. 8, n. 4, 2011.
- MELO, G. & GIAVONI, A. **A comparação dos efeitos da ginástica aeróbica e da hidroginástica na composição corporal de mulheres idosas.** Revista Brasileira de ciência e Movimento, Brasília, DF, v.12, n.2, jun 2004.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 2005.
- PARK, K.S.; CHOI, J.K.; PARK, Y.S. **Cardiovascular regulation during water immersion.** Journal of Physiological Anthropology. v. 18, n. 6, p. 233-41, 1999.
- PATRICK, D. L. A qualidade de vida pode ser medida? Como? In: FLECK, M. P. A. et al. **A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 29-39.
- PEREIRA, RENATA JUNQUEIRA et al. **Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos.** Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 27-38, jan. /abr. 2006.
- SANTOS SR, SANTOS IBC, FERNANDES MGM, HENRIQUES MERM, **Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da escala de Flanagan.** Revista Latino-am Enfermagem. 2002;10(6):757-64.
- SILVA, A.G. & RIBEIRO, J.C. **Hidroginástica na terceira idade.** Ágora: Revista de divulgação científica, Mafra, v.17, n.2, 2010.
- SILVINO, R.S., ANDRADE, J.R.N.J., FIORESE, L.V. VICENTINI, D.O. **Qualidade de vida e capacidade funcional de idosos praticantes de hidroginástica no município de Sarandi/PR.** Revista Brasileira de Qualidade de Vida-RBVQ, 2016.
- SIMÕES REGINA ET. AL. **Hidroginástica: propostas de exercícios para idosos.** São Paulo: Phorte, 2008.
- The WHOQOL Group. **The development of the World Health Organization Quality of Life Assessment Instrument (the WHOQOL).** In: Orley J, Kuyken W. Quality of life assessment: international perspectives. Heidelberg: Springer Verlag; 1994. p. 41-60.
- THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. (1996) **Research methods in physical activity.** 3.ed. Champaign: Human Kinetics.
- WHOQOL GROUP. **Development of the World Health Organization WHOQOL-B: quality of life assessment.** Psychological Medicine, Cambridge, v. 28, n. 3, p. 551-558, maio. 1998.

PREVALÊNCIA DE DTM E HÁBITOS PARAFUNCIONAIS EM ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Mathaus Andrey Cândido Custódio

Centro Universitário do Planalto de Araxá
Araxá-MG

Anderson Santos Carvalho

Centro Universitário do Planalto de Araxá
Araxá-MG

Washington Rodrigues

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium
Araçatuba-SP

Luis Carlos Nobre de Oliveira

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium
Araçatuba-SP

Ana Paula Nassif Tondato da Trindade

Centro Universitário do Planalto de Araxá
Araxá-MG

RESUMO: A disfunção temporomandibular é considerada como uma desordem, com causas multifatoriais, que afetam a articulação temporomandibular. As principais características são: dor na região temporomandibular e nos músculos mastigatórios; limitações de movimento da mandíbula e ruídos característicos. As alterações temporomandibulares causam transtornos que muitas vezes não são diagnosticadas rapidamente, apenas em casos mais graves. O objetivo do estudo foi identificar a prevalência de DTM em estudantes do primeiro e do último ano de cursos de educação

física, enfermagem e fisioterapia do Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ e sua relação entre os hábitos parafuncionais. A coleta foi realizada através da aplicação de um questionário sócio-demográfico adaptado, um questionário sobre os hábitos parafuncionais e o questionário de Fonseca et. al (1991), em 114 estudantes. Identificamos a maior participação de estudantes do gênero feminino, solteiros, não tabagistas, não etilistas, com idade média de 23 anos, maior prevalência de DTM leve entre os participantes. Os hábitos parafuncionais são significantes no desenvolvimento e na progressão de DTM's. Este estudo demonstrou essa significância pois todos os participantes relataram possuir algum hábito e a prevalência de 78% de algum nível de DTM.

PALAVRAS-CHAVE: Articulação temporomandibular; Disfunção; Hábitos parafuncionais.

ABSTRACT: Temporomandibular dysfunction is considered as a disorder, with multifactorial causes, affecting the temporomandibular joint. The main characteristics are: pain in the temporomandibular region and in the masticatory muscles; limitations of jaw movement and characteristic noises. Temporomandibular disorders cause disorders that are often not diagnosed rapidly, only in more severe cases. The objective of the study was to identify the

prevalence of TMD in first and last year students of physical education, nursing and physiotherapy courses at the Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ and its relationship between parafunctional habits. The collection was performed through the application of an adapted socio-demographic questionnaire, a questionnaire on the parafunctional habits and the questionnaire of Fonseca et. al (1991), in 114 students. We identified the highest participation of female students, single, non-smokers, non-alcoholic, with a mean age of 23 years, a higher prevalence of mild TMD among the participants. Parafunctional habits are significant in the development and progression of TMDs. This study demonstrated this significance because all the participants reported having some habit and the prevalence of 78% of some level of TMD.

KEYWORDS: Temporomandibular joint; Dysfunction; Parafunctional habits.

1 | INTRODUÇÃO

A disfunção temporomandibular (DTM) é um termo definido pela *American academy of orofacial pain* como uma desordem que engloba uma série de alterações que afetam a articulação temporomandibular (BONATO et.al, 2012). Os sinais e sintomas podem incluir ruídos, dores, limitações na articulação (FERNANDES et.al, 2014).

A DTM corresponde a um conjunto de alterações clínicas que acometem a articulação temporomandibular e outras estruturas associadas. As principais características são: dor na região temporomandibular e nos músculos mastigatórios; limitações de movimento da mandíbula e ruídos característicos (PARENTE e CERDEIRA, 2013).

Essas disfunções podem ser multifatoriais e estão relacionadas com fatores estruturais, neuromusculares e oclusais (perdas dentárias, desgaste dental, próteses mal adaptadas, cáries, entre outras), psicológicos (devido à tensão há um aumento na atividade muscular, onde gera espasmo e fadiga), lesões traumáticas ou degenerativas da ATM e hábitos parafuncionais (PARENTE e CERDEIRA, 2013).

As alterações temporomandibulares causam transtornos que muitas vezes não são diagnosticadas rapidamente, apenas em casos mais graves. Essas disfunções acabam alterando funções corporais e cognitivas que podem ser, muitas vezes, imperceptíveis.

Ao longo do tempo, algumas teorias foram propostas para explicar a etiologia das DTM, mas estas teorias geralmente consideravam apenas um único fator causador das disfunções. Com o passar dos anos foram surgindo estudos que atribuíram a existência de vários fatores para desencadear as desordens temporomandibulares, como: fatores anatômicos; fatores neuromusculares; desvios posturais; fatores psicológicos; traumatismos; hábitos parafuncionais (TOLEDO et. al, 2008).

Segundo Zanini (1999), a parafunção é definida como todas as atividades

neuromusculares que produzem hiperatividade de grupos musculares e aumentam a pressão interna da ATM, levando a microtraumas e contribuindo no aparecimento de DTM's.

Hábitos parafuncionais são situações em que o sistema mastigatório é ativado sem propósito funcional.

Esses hábitos geralmente são agradáveis, aparecem de necessidades psicológicas, trazendo satisfação pessoal para o indivíduo que o realiza. Porém, ocorre repetitivos microtraumas nas superfícies articulares, contribuindo para o desenvolvimento das DTM's.

A literatura descreve amplamente o impacto que os hábitos parafuncionais causam na ATM. Essas alterações podem alterar o desenvolvimento craniofacial, levando a mal oclusão como mordidas cruzadas ou abertas e também dizem sobre a importância da prevenção destes hábitos e das consequências desencadeadas (ZANINI, 1999; LUCINDO, 2006; TOLEDO, 2008).

Tendo em vista a multifatorialidade das DTM's, esse trabalho visou identificar a prevalência das disfunções temporomandibulares em estudantes dos cursos de fisioterapia, educação física e enfermagem do Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ.

2 | MÉTODOS

Este trabalho foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com protocolo nº 001294/36.

A pesquisa foi desenvolvida no Centro Universitário do Planalto de Araxá, Araxá – MG, sendo esta do tipo explorativa, quantitativa e descritiva.

Foi levantado, junto à coordenação dos cursos estudados o número de alunos dos cursos de fisioterapia, educação física e enfermagem nos respectivos períodos que foram estudados. A amostra consiste em 154 alunos, sendo 42 alunos de fisioterapia, 70 alunos de educação física e 42 alunos de enfermagem. Com base nesses dados, foi calculado o número mínimo de 111 participantes, para um intervalo de confiança de 95% e erro de 5%.

Os critérios de inclusão foram: indivíduos de qualquer sexo, com idade acima de 18 anos, que estivessem devidamente matriculados nos cursos de fisioterapia, educação física e enfermagem, e que estivessem devidamente matriculados no primeiro ou no último ano dos cursos selecionados.

E para critérios de exclusão foram: participantes com próteses dentárias, alunos ausentes no momento da avaliação ou que não queriam participar do estudo.

A coleta foi realizada apenas pelo autor, onde os participantes foram informados sobre os procedimentos, objetivos e conduta do experimento e após sanadas as dúvidas os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em

entendimento à resolução 466/2012 do CNS, onde foi ressaltado o anonimato diante da não identificação do participante.

Em seguida, cada participante respondeu, de forma individual, o Questionário Sócio-Demográfico Adaptado, que continham perguntas sobre gênero, estado civil, etilismo e tabagismo.

Os estudantes responderam um questionário sobre os hábitos parafuncionais com respostas “sim” e “não” com as seguintes questões: ranger os dentes, apertar os dentes, roer as unhas, morder objetos (lápis, borracha), mascar chicletes, apoiar o queixo com a mão, morder a língua, morder os lábios, mastigação unilateral, dormir de um lado, apoiar os objetos com o queixo (celular) ou nenhum desses hábitos (FIGUEIREDO, 2009; OLIVEIRA et.al, 2008).

Por fim, foi preenchido o questionário de Fonseca *et al.* (1991), contendo perguntas relativas à sintomas de disfunção temporomandibular, o que permitiu classificar os indivíduos em relação à presença e à severidade da disfunção.

Esse questionário é composto por 10 questões pontuadas, onde o “sim” equivale a 2 pontos, “às vezes” equivale a 1 ponto e “não” equivale a zero ponto. Ao final foi realizado a somatória das questões e o índice de DTM foi classificado da seguinte forma: até 3 pontos, ausente; entre 4 e 8 pontos, DTM leve; entre 9 e 14 pontos, moderada; e acima de 15 pontos, DTM severa. Busca-se identificar se os pacientes sentem dores na ATM, dores de cabeça, dificuldade ao abrir a boca, entre outros (FONSECA, 1991).

Os dados de todos os questionários foram tabulados através do programa Microsoft Office Excel 2013. Em seguida foram calculados a porcentagem das variáveis: gênero, estado civil, etilista e tabagista, severidade dos sintomas e a presença de hábitos parafuncionais. Foi calculada a média e desvio padrão da idade. Para isso, foi utilizado o programa Bioestat 5.0.

Em seguida foi realizado o teste de regressão logística com relação a ocorrência de hábitos parafuncionais e ocorrência de disfunção temporomandibular com erro de 5% e nível de significância de 95%.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa, considerando os critérios de inclusão e exclusão participaram 114 alunos, sendo 34 de fisioterapia, 32 de enfermagem e 48 de educação física. A distribuição dos participantes com relação ao curso está representada na figura 1.

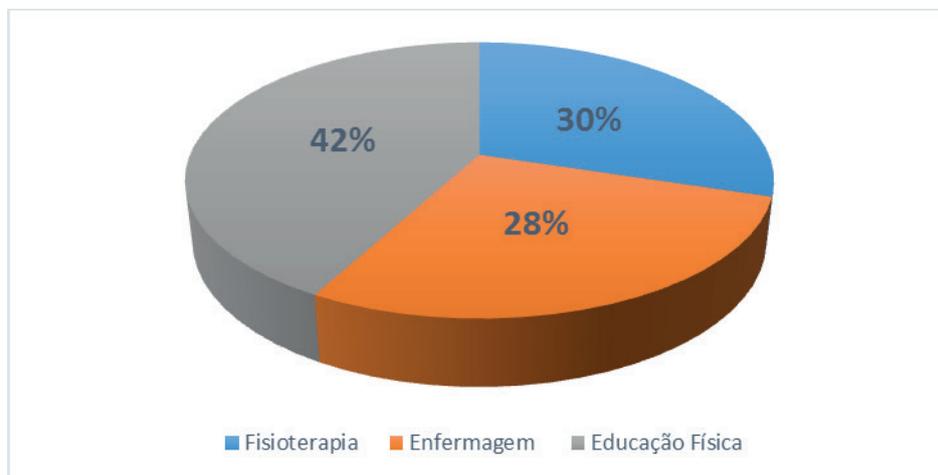


Figura 1: Gráfico com a distribuição dos alunos quanto ao curso.

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria da amostra estudada foi do gênero feminino (69,3%). Vários autores (NASCIMENTO, 2014; PARENTE, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2008) também identificaram uma maior prevalência de pessoas do gênero feminino em seus estudos, o que reflete a maior participação das mulheres nos cursos da área da saúde.

A idade média encontrada dos universitários é de $23 \pm 5,26$ anos e a maioria da amostra eram de solteiros (86,8%).

Esses dados se aproximam ao encontrado nos estudos de Queiroz (2015), Nascimento (2014) e de Pedroni (2003) que identificaram em média 20, 21 e 23 anos, respectivamente. Com relação ao estado civil os dados obtidos concordam com os estudos de Nardelli (2015), Parente (2013) e Nascimento (2014), que constataram a prevalência de 97,6%, 83% e 74,9%, respectivamente, eram solteiros.

Entre os estudantes que são etilistas e tabagista, identificamos que proporcionalmente os alunos do curso de educação física são os que mais apresentam esses hábitos sendo que 35% se declararam etilista e 6,2% com hábito de tabagismo.

Após a aplicação do questionário de Fonseca *et.al.* (1991) obtivemos que a maioria dos estudantes apresentou DTM leve (49%). Esses dados estão representados na figura 2.

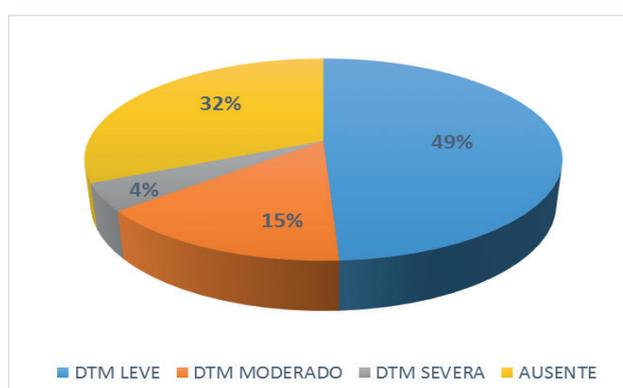


Figura 2: Distribuição dos participantes quanto a severidade das DTM's

Fonte: Dados da pesquisa

Estima-se que entre 20% a 25% da população tem sintomas da DTM, e quase 70% podem apresentar sinais em algum estágio da vida. (CARNEIRO, 2003; NASCIMENTO, 2014).

No presente estudo, 68% dos participantes apresentaram algum nível de comprometimento de DTM. De acordo com Nascimento (2014) que verificou em seu estudo que 74% da população avaliada apresentavam algum sintoma. Em contrapartida, Parente (2013) (n= 80) evidenciou que apenas 41,25% dos seus participantes apresentaram algum comprometimento.

Com a utilização deste questionário, conseguimos distinguir os diferentes graus de severidade. Nosso estudo verificou que a maioria das alterações foi leve (49%) seguida pelos que não possuíam alteração (32%). Esses dados são semelhantes aos obtidos por Granja e Lima (2006) DTM leve (37,5%), ausência de DTM (37,5%).

Com relação aos hábitos parafuncionais foi identificado que os hábitos mais realizados pelos participantes foram apoiar a queixo com a mão (70,2%), mascar chicletes (59,6%) e morder os lábios (56,1%), e o que é menos realizado foi morder a língua (14,9%). Todos os dados estão descritos na tabela 1.

HÁBITOS PARAFUNCIONAIS	n	%
Tem hábito de apoiar o queixo com a mão	80	70,2
Tem hábito de mascar chicletes	68	59,6
Tem hábito de morder os lábios	64	56,1
Tem hábito de morder objetos (lápiz, borracha, etc)	60	52,6
Tem hábito de roer as unhas	55	48,2
Tem o hábito de dormir apenas de um lado	42	36,8
Ao mastigar algum alimento, a mastigação é feita unilateral	41	36,0
Tem hábito de apertar os dentes (morder com muita força)	40	35,1
Tem o hábito de apoiar objetos com o queixo (celular, livros, etc)	30	26,3
Tem hábito de ranger os dentes	21	18,4
Tem hábito de morder a língua	17	14,9

Tabela 1: Distribuição dos participantes quanto a realização de hábitos parafuncionais dos alunos dos cursos de educação física, enfermagem e fisioterapia, do primeiro e do último ano.

Fonte: Dados da pesquisa

Foi realizado a regressão logística para analisar a relação entre os hábitos parafuncionais e a ocorrência de disfunção da ATM. Para essa análise foi considerado um intervalo de confiança de 95% e erro de 5%. Pela análise dos dados observamos que as variáveis que apresentaram valor significativo foram: apoiar o queixo com a mão ($p=0,0129^*$), mastigação unilateral ($p=0,0500^*$) e dormir apenas de um lado ($p=0,0221^*$). Esses dados estão representados na tabela 2.

Variável	P	IC 95%
Ranger os dentes	0,7502	0
Apertar os dentes	0,4175	0,5
Roer as unhas	0,2272	0,7
Morder objeto	0,6610	0,2
Mascar chicletes	0,0805	0,9
Apoiar o queixo com a mão	0,0129*	1,34*
Morder a língua	0,0761	0,8
Morder os lábios	0,3332	0,6
Mastigação unilateral	0,0500*	1*
Dormir apenas de um lado	0,0221*	1,21*
Apoiar objetos com o queixo	0,9410	0,3

Tabela 2: Regressão logística da análise da relação entre os hábitos parafuncionais e a ocorrência de disfunção da ATM, com nível de significância p intervalo de confiabilidade de 95%

*valor significante

Fonte: Dados da pesquisa

Ao se analisar a probabilidade de ocorrência entre os hábitos parafuncionais e a DTM através da regressão logística, considerando o intervalo de confiança de 95%, observamos que quem não apresenta nenhum hábito parafuncional tem 7,4% de chances de desenvolver o distúrbio. Já quem somente apóia o queixo com a mão apresenta 23,9% de chances. Dos que apresentam somente a mastigação unilateral, 19,7% de chances de desenvolver o distúrbio, e dos que afirmam que dormem apenas de um lado, 22,6% de chances.

Ao se calcular a probabilidade de associação entre os hábitos de maior impacto com a ocorrência de DTM, através da regressão logística, observamos que as pessoas que possuem o hábito da mastigação unilateral e dormir apenas de um lado, apresentam chances de desenvolver DTM de 47,3%. As pessoas que possuem os hábitos de apoiar o queixo com a mão e realizar a mastigação unilateral, as chances de desenvolver DTM é de 49,2%. Se realizar o hábito de apoiar o queixo com a mão e dormir apenas de um lado, as chances são de 53,5%. Quando apresenta os três hábitos as chances de desenvolver a DTM são de 77,9%.

Já ao se calcular a probabilidade de associação entre os hábitos de menor impacto com a ocorrência de DTM, através da regressão logística, observamos que basta a combinação de cinco ocorrências (ranger os dentes, apertar os dentes, roer as unhas, morder objetos e apoiar objetos com o queixo) para que o risco de desenvolver a DTM seja de 100%.

4 | CONCLUSÃO

Através do levantamento realizado encontramos que, com relação a idade, a média foi de $23 \pm 5,36$ anos, maior prevalência do gênero feminino, solteiros, não tabagista e não etilista.

Conseguimos identificar que o grau de DTM leve o mais encontrado neste estudo.

Identificamos que dentre os hábitos parafuncionais dos participantes, apoiar o queixo com a mão é o mais realizado. Além disso, conseguimos identificar que, com a realização desse hábito, a probabilidade de desenvolver DTM é muito alta.

Os hábitos parafuncionais tem sido considerado significantes no desenvolvimento e na progressão de DTM's. Este estudo demonstrou essa significância pois todos os participantes relataram possuir algum hábito e a prevalência de 78% de algum nível de DTM.

REFERÊNCIAS

BONATO, L.L. et.al. **Interrelação entre otológicas e DTM em pacientes fibromialgicos: Caso Clínico**. Rev assoc paul cir dente. v.66 n.3, p. 2016-11. 2012.

CARNEIRO, L. M. **Ação integrada nas articulações da mandíbula**. O COFFITO, n. 20, p.16-19, set. 2003.

FERNANDES, G, et.al. **Association between painful temporomandibular disorders, sleep buxism and tinnitus**. Bras Oral Res. v 28, n.1, p 1-7, 2014.

FIGUEIREDO, V.M.G; CAVALCANTI, A.L; FARIAS, A.B.L; NASCIMENTO, S.R. **Prevalência de sinais, sintomas e fatores associados em portadores de disfunção temporomandibular**. Acta Scientiarum. Health Sciences, Maringá, v.31, n.2,p.159-163.2009.

FONSECA, D.M; PAIVA, H.J; BONFANTE, G. **Temporomandibular joint clicking – clinical study**. J Dent Res. v.70, n.4, p. 631-43, 1991.

GRANJA, D.V.A; LIMA, A.P. **Qualidade de vida em portadores de disfunção craniomandibular**. Faculdade Integrada de Recife- FIR, 2006.

NARDELLI, G.G. et.al. **Perfil dos alunos ingressantes dos cursos da área da saúde de uma universidade federal**. REAS [Internet]. v 2. n 1. p. 3-12. 2015.

NASCIMENTO, L.V. **Aspectos psicossociais e sua associação com a disfunção temporomandibular em estudantes universitários**. 2014, 42F, Monografia (Bacharel em odontologia) - UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campina Grande, 2014.

OLIVEIRA, A.S; GROSSI, D.B; DIAS, E.M. **Sinais e Sintomas da Disfunção Temporomandibular nas diferentes regiões brasileiras**. Fisioterapia e pesquisa, São Paulo, 2008; v 15, n 4, p 392-397

PARENTE I.A; CERDEIRA D.Q; **Disfunção temporomandibular: A avaliação fisioterapêutica em discentes de uma instituição de ensino superior do município de Sobral – Ceará**. SANARE, v12, n 2, p. 27-33, Sobral, jun/dez, 2013.

PEDRONI, C.R; OLIVEIRA A.S; GUARATINI, M.I. Prevalence study of sings and symptoms of

temporomandibular disorders in university students. **Journal of oral rehabilitation**. v 30, p 283-89. 2003.

QUEIROZ, N.B.D; MAGALHÃES, K.M; MACHADO, J; VIANA, M.O; Prevalência de disfunção temporomandibular e associação com hábitos parafuncionais em alunos do curso de fisioterapia da universidade de Fortaleza. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, v 9, n 1, 2015

TOLEDO B.A.S; CAPOTE T.S.O; CAMPOS J.A.D.B; **Associação entre disfunção temporomandibular e depressão**. Ciências Odontologia Brasileira, v.11, n.4, p. 75-79, out/dez 2008.

ZANINI, C.F.C; **Os hábitos parafuncionais na disfunção da articulação têmporo-mandibular**. 1999, 62F, Monografia (Especialista em Motricidade Oral) – CEFAC (Centro de especialização em fonoaudiologia clínica), Porto Alegre, 1999. LUCINDO, M.J; **Principais causas da desordem temporomandibular e o tratamento da dor com recursos fisioterapêuticos**. Revista Brasileira de Fisioterapia, v10, n 2, p. 1062-1063, 2006.

PREVALÊNCIA DE INATIVIDADE FÍSICA E FATORES ASSOCIADOS EM UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

Elayne Silva de Oliveira

Universidade Federal do Maranhão- UFMA
Pinheiro- MA

Francisca Bruna Arruda Aragão

Universidade Federal do Maranhão- UFMA
São Luís- MA

Zilane Veloso de Barros

Universidade Federal do Maranhão- UFMA
São Luís- MA

Camilla Silva Gonçalves

Programa de Pós-Graduação em Educação
Física- UFMA
São Luís- MA

Cíntia Sousa Rodrigues

Universidade Federal do Maranhão- UFMA
São Luís- MA

Emanuel Péricles Salvador

Universidade Federal do Maranhão- UFMA
São Luís- MA

RESUMO: o presente estudo tem como objetivo avaliar o nível de atividade física (NAF) em universitários da área da saúde, assim como, verificar associações entre sexo e curso com o nível de atividade física. Trata-se de um estudo transversal, com amostra não probabilística, composta por 709 universitários, sendo 273 do sexo masculino e 436 do sexo feminino, com média de idade de 23,5 anos. Utilizou-se como

instrumento o questionário em formato online intitulado “ Mapa de Atividade Física e Saúde-MAFIS”. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva em forma de média, frequência e valores mínimos e máximos, para verificar associações entre sexo e curso com o nível de atividade física foi utilizado o teste de Qui quadrado. Os resultados indicam que a metade da amostra é inativo fisicamente (55,9%), apenas 44,1% dos universitários alcançam valores iguais ou superiores a 150 minutos de atividade física por semana, Os universitários do sexo masculino têm maior proporção de fisicamente ativos (56%).Pode-se concluir que grande parte dos universitários são inativos fisicamente, o que demonstra a necessidade de implantação de políticas e programas de incentivo a prática de atividade física e adoção de hábitos de vida saudáveis no universo acadêmico .

PALAVRAS-CHAVE: Nível de atividade física; Universitários; Saúde.

ABSTRACT: The objective of this study was to evaluate the level of physical activity (NAF) in university students in the health area, as well as to verify associations between sex and course with the level of physical activity. It is a cross-sectional study, with a non-probabilistic sample, composed of 709 university students, 273 males and 436 females, with a mean age of

23.5 years. The questionnaire was used in an online format entitled “Map of Physical Activity and Health - MAFIS”. Data were analyzed through descriptive statistics in the form of mean, frequency and minimum and maximum values, to verify associations between sex and course with the level of physical activity was used the chi square test. The results indicate that half of the sample is physically inactive (55.9%), only 44.1% of university students reach values equal to or greater than 150 minutes of physical activity per week. Male college students have a higher proportion of physically (56%). It can be concluded that most of the university students are physically inactive, which demonstrates the need to implement policies and programs to encourage the practice of physical activity and adoption of healthy living habits in the academic universe.

KEYWORDS: Physical activity level; College students; Cheers.

1 | INTRODUÇÃO

O avanço da área da saúde nas últimas décadas gerou acúmulo suficiente de evidências, permitindo afirmar que uma série de comportamentos considerados saudáveis, como níveis adequados de atividade física, alimentação saudável, redução do tabagismo e controle do estresse estão fortemente ligados a diminuição da morbidade por doença da artéria coronária, acidente vascular cerebral, hipertensão arterial, diabetes tipo 2, obesidade e depressão (PATE, 1995; HASKELL et al., 2007; LEE et al. 2012).

Níveis adequados de atividade física acabam sendo fator decisivo para a melhoria do estilo de vida e saúde das pessoas evidenciando melhorias como maior aptidão física, menor risco de desenvolver doenças cardiovasculares e crônico-degenerativas, aumento da sensação de bem-estar, menores gastos com saúde, menor risco de mortalidade precoce, entre outros vários benefícios^{4,5,6,7}. Em contrapartida, também é evidenciado em pesquisas que um estilo de vida sedentário associado a hábitos de vida inadequados (consumo de cigarro e bebidas alcóolicas, má alimentação, estresse etc.) levam ao aumento da prevalência de DCNT (MARTINS, 2000; GUEDES; GUEDES, 2001; PEIXOTO et al., 2006; GIGANTE; MOURA; SARDINHA, 2009).

Pesquisadores brasileiros analisaram dados de prevalência de inatividade física em 122 países e constataram que 31% da população no mundo com idade igual ou superior a 15 anos estão abaixo dos níveis recomendados de AF para a saúde. Além disto, constatou-se também que 41,55% da população no mundo com idade igual ou superior a 15 anos gasta várias horas do dia (4 horas ou mais) em comportamento sedentário, confirmando este como importante fator de risco à saúde (HALLAL e cols., 2012).

No Brasil, dados recém-publicados pela Pesquisa nacional de amostra por domicílios¹², constatou que seis em cada dez pessoas (62,1%) com 15 anos ou mais não praticaram esporte e/ou atividade física entre setembro de 2014 e 2015, contra

(37,9%) (PNAD, 2017).

No contexto das instituições de ensino superior, segundo Magalhães et al (2015) a população tende a ser composta por adultos jovens com maiores chances de desenvolver doenças como a diabetes mellitus tipo 2, devido a uma rotina acadêmica influenciada pela tecnologia e que exige pouco esforço físico, assim como pela alimentação rápida e prática. Conduta essa reforçado por estudos que mostram que alunos da área da saúde apresentam hábitos de vida inadequados, como alimentação desequilibrada e baixos níveis de atividade física (SANTOS, 2011; QUADROS, 2009).

Tendo em vista as altas prevalências de fatores de risco a saúde somada a grande quantidade de conhecimento adquirido sobre os benefícios de um estilo de vida fisicamente saudável, identificar comportamentos relacionados a saúde na população universitária, representa o início de tomada de decisões para se propor políticas e estratégias que possam proporcionar a comunidade, mudança de hábitos e aplicação de intervenções para a promoção da atividade física.

Assim, o presente estudo tem como objetivo, avaliar o nível de atividade física (NAF) em universitários da área da saúde de uma universidade pública, assim como, verificar associações entre sexo e curso com o nível de atividade física.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de um estudo transversal, com amostra não probabilística, constituída por 709 universitários, 273 homens (38,5%) e 436 mulheres (61,4%), com idade mínima de 18 anos e máxima de 57 anos, regularmente matriculados nos cursos de graduação do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde- CCBS da Universidade Federal do Maranhão, A coleta de dados foi realizada entre os meses de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFMA (parecer nº: 1.854. 595) via Plataforma Brasil, atendendo as determinações contidas na Resolução CNS nº 466/12 e outras correlatas do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas envolvendo seres humanos. Todos participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos aos quais seriam submetidos e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido- TCLE.

Utilizou-se como instrumento um questionário em formato online intitulado “Mapa de Atividade Física e Saúde- MAFIS” de autoria dos pesquisadores, composto por 41 perguntas relacionadas a quatro blocos temáticos, além das perguntas de identificação do usuário: a) Nível de atividade física habitual e atual; b) Potencial para mudança do nível de atividade física; c) Auto eficácia; e d) Preferências para a prática de atividade física e apoio social.

Por se tratar de uma pesquisa em ambiente *online*, optou-se por organizar e dispor o instrumento na plataforma gratuita de formulários google, a mesma além de possibilitar a criação de questionários, armazena as informações coletadas.

Inicialmente para realizar a coleta dos dados, solicitou-se da Pro-reitoria de ensino da universidade, a lista completa dos e-mails dos estudantes matriculados no semestre 2016.2. Em seguida foram enviados e-mails com os convites e link com endereço eletrônico para ter acesso ao questionário MAFIS, o TCLE foi anexado no início do questionário, após leitura e consentimento acerca do estudo, o sujeito ao responder que “sim” tem interesse em participar, eram carregadas e disponíveis o conteúdo para resposta, caso a resposta fosse “não”, aparecia uma mensagem de agradecimento e o questionário não poderia ser acessado.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva em forma de média, frequência (percentual) e valores mínimos e máximos, para verificar associações entre sexo e curso com o nível de atividade física foi utilizado o teste de Qui quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% no programa SPSS, versão 23.0.

A análise do nível de atividade física ficou restrita à variável atividade física no lazer. Para isto, foi elaborado um escore de atividade física semanal, no qual foi calculada frequência semanal (dias) pela duração média (minutos) multiplicada pelo peso da atividade (1 = leve a moderada; 2 = moderada a vigorosa; 1,5 = que se encaixem nos dois tipos), sendo os sujeitos classificados, após os cálculos de acordo com o escore obtidos em minutos, no qual, a) = 0 minutos/semana – inativo b) < 150 minutos/semana – insuficientemente ativo; c) \geq 150 minutos/semana – fisicamente ativo e d) = > 300 minutos/semana – muito ativo.

3 | RESULTADOS

No semestre 2016.2 haviam regularmente matriculados nos 09 cursos de graduação do CCBS da UFMA- campus Bacanga, 2.843 estudantes, todos foram convidados a participar do estudo, destes 715 leram as mensagens enviadas por e-mail, sendo que 709 aceitaram participar e 6 recusaram.

A amostra então ficou composta por 709 universitários de 18 a 57 anos, destes 80,8% com idade compreendida entre 18 a 25 anos. Quanto ao sexo, ficou representada prioritariamente por mulheres (61,4%).

A Tabela 1 mostra a classificação do nível de atividade física no tempo livre (NAFTL), na qual se observa que 55,9% da amostra foi classificada como inativa ou insuficientemente ativa, ou seja, não alcançam as recomendações de 150 minutos por semana. 44,1% se enquadram na classificação de ativos ou muito ativos.

Nível AFTL		n	%
Classificação	Inativo 280		40,8
	Insuficientemente ativo 108		15,1
	Ativo 176		24,6
	Muito ativo 139		19,4
Total 709			100,0

Legenda: NAFL- nível de atividade física no lazer

Tabela 1: classificação do nível de atividade física no tempo livre dos universitários da área da saúde.

Para verificar associações entre os cursos com o NAF foi utilizado o teste Qui-quadrado. Os cursos de Educação Física Bacharel, Licenciatura em Educação Física e Medicina apresentaram maior prevalência de ativos e muito ativos, já os cursos de Nutrição, Enfermagem, Biologia e Farmácia possuem maior concentração de inativos. Foi possível verificar uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0,0001$) entre os cursos com o NAF (tabela 2).

	Cursos*NAF				Total	Valor de p
	INATIVO	INSUF. ATIVO	ATIVO	MUITO ATIVO		
Cursos de graduação	Biologia	46	14	15	7	82
		56,1%	17,1%	18,3%	8,5%	100,0%
	EFB	2	11	28	33	74
		2,7%	14,9%	37,8%	44,6%	100,0%
	EFL	10	19	27	41	97
		10,3%	19,6%	27,8%	42,3%	100,0%
	Enfermagem	53	13	14	10	90
		58,9%	14,4%	15,6%	11,1%	100,0%
	Farmácia	35	7	17	5	64
		54,7%	10,9%	26,6%	7,8%	100,0%
	Medicina	44	16	35	20	115
		38,3%	13,9%	30,4%	17,4%	100,0%
	Nutrição	43	7	12	6	68
		63,2%	10,3%	17,6%	8,8%	100,0%
	Oceanografia	22	10	9	8	49
		44,9%	20,4%	18,4%	16,3%	100,0%
	Odontologia	31	11	19	9	70
		44,3%	15,7%	27,1%	12,9%	100,0%
	Total	286	108	176	139	709
40,3%	15,2%	24,8%	19,6%	100,0%	<0,001	

Tabela 2: Teste Qui-quadrado para verificação de associação dos cursos com o nível de atividade física nos universitários da área da saúde.

Legenda: NAF- nível de atividade física

Na análise do teste Qui- quadrado (tabela 3) para verificar associações entre o sexo com o nível de atividade física, foi possível constatar que existe uma associação estatisticamente significativa ($p < 0,001$), a maior proporção de ativos ou muito ativos da amostra são do sexo masculino, 62,9% das mulheres são inativas ou insuficientemente ativas, ou seja, não alcançam 150 minutos semanais de atividade física.

Sexo*NAF							
	Inativo	Insuficientemente ativo	Ativo	Muito ativo	Total	Valor de p	
Sexo	Feminino	204 46,8%	70 16,1%	97 22,2%	65 14,9%	436 100,0%	
	Masculino	82 30%	38 13,9%	79 28,9%	74 27,1	273 100,0%	
Total		286 40,3%	108 15,2	176 24,8%	139 19,6	709 100,0%	
						0,001	

Tabela 3: Teste Qui-quadrado para verificação de associação entre sexo com NAF, nos universitários da área da saúde.

Legenda: NAF- nível de atividade física

4 | DISCUSSÃO

Este estudo objetivou avaliar o nível de atividade física (NAF) em universitários da área da saúde da Universidade Federal do Maranhão, assim como, verificar associações entre sexo e curso com o nível de atividade física, de modo geral foi possível verificar que mais da metade da amostra dos universitários (55,9%) foram classificados como inativos ou insuficientemente ativos, destes (40,8%) responderam não praticar atividade física no tempo livre e (15,1%), pratica menos de 150 minutos por semana, não atendendo as recomendações adequadas para serem classificados como ativos. Foi verificado ainda que existe uma associação significativa ($p < 0,001$) entre as variáveis curso e sexo com o NAF.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Takenaka et al. (2016), com o objetivo de verificar a incidência de inatividade física e possíveis fatores associados, realizado com 388 estudantes na Universidade Federal do Sul do Estado de Minas Gerais, 59,3% da amostra apresentou incidência de inatividade física. Em um outro estudo realizado na UFPI por Maia et al. (2010) com amostra de 605 universitários o nível de inatividade física correspondeu a 52%. Diversos estudos têm mostrado altas prevalências de inatividade física entre universitários, segundo alguns pesquisadores esse comportamento se dar por dois principais motivos: o ingresso na universidade marca o início de novas relações sociais, com possibilidade de adoção de

hábitos e estilo de vida sedentário e porque a juventude representa uma fase oportuna para adoção de medidas preventivas, é nesta fase que o estilo de vida está sendo consolidado, juntamente com o início de uma vida mais independente (ADAMS, 2006; FERREIRA, 2007; STEPTOE, 2002).

Nas análises para verificar se existe associação entre o NAF e o sexo, os resultados indicaram que os homens são mais ativos que as mulheres ($p < 0,001$), a literatura já aponta muitas evidências que corroboram com nossos achados, estudos como de Colares e colabores (2009) realizado com estudantes da área da saúde de universidades públicas do estado de Pernambuco, concluíram que a prática de atividade física foi significativamente mais presente entre os homens ($p < 0,001$).

Nossos achados também encontraram uma associação significativa do NAF com os cursos de graduação ($p < 0,001$), os cursos de Educação Física na modalidade bacharel e licenciatura, apresentaram maior prevalência de ativos ou muito ativos, já em todos os demais cursos pesquisados, foi possível perceber que mais de 50% da amostra apresenta elevadas incidências de inativos ou insuficientemente ativos, estudos como o de Silva e colaboradores (2012) que tiveram com objetivo avaliar o NAF em universitários da área da saúde em uma universidade federal em Juiz de Fora, encontraram resultados semelhantes, 92% dos estudantes do curso de Educação Física foram classificados com ativos ou muito ativos, que estudantes de cursos como Farmácia e Odontologia que apresentaram mais 35% da amostra classificada como inativa ou insuficientemente ativa, No entanto, essa diferença não foi estatisticamente significativa ($p > 0,05$).

Não se encontrou na literatura muitos estudos que comparam níveis de atividade física entre universitários da área da saúde, pode se lançar como hipótese que o fato do curso de Educação Física tratar de maneira mais direta a temática atividade física e saúde, tato nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, possibilite que os sujeitos tenham mais chance e deem mais importância para a prática regular de atividade física. Ainda assim se percebe com preocupação os achados do estudo, pois um elevado número de estudantes vinculados aos cursos de saúde, são inativos, e a literatura já possui evidência que mostram que baixos níveis de atividade física estão diretamente associados a acometimentos de saúde e desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis.

5 | CONCLUSÃO

Foi possível demonstrar com os achados que 55,9% da amostra de estudantes dos cursos da área da saúde não praticam atividade física no lazer e os que praticam com frequência baixa, não alcançam 150 minutos por semana. Os homens apresentaram maior nível de atividade física (56%) quando comparado as mulheres (44,6%), pode-

se concluir ainda que existe uma diferença significativa entre cursos, em relação ao nível de atividade física. O que demonstra a necessidade de implantação de políticas e programas de incentivo a prática de atividade física e adoção de hábitos de vida saudáveis no universo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jean. Trends in physical activity and inactivity amongst US 14–18 year olds by gender, school grade and race, 1993–2003: evidence from the youth risk behavior survey. **BMC Public Health**, v. 6, n. 1, p. 57, 2006.

COLARES, Viviane; DA FRANCA, Carolina; GONZALEZ, Emília. Conduas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros Health-related behavior in a sample of Brazilian college students: gender differences. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 3, p. 521-528, 2009.

FERREIRA, Isabel et al. Environmental correlates of physical activity in youth—a review and update. **Obesity reviews**, v. 8, n. 2, p. 129-154, 2007.

GIGANTE, D. P.; MOURA, E.C.; SARDINHA, L. M. V. Prevalência de excesso de peso e obesidade e fatores associados, Brasil, 2006. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 43, n.2, p. 83-9, 2009.

GLANER, M. F. Importância da aptidão física relacionada à saúde. **Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Humano**. Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 75-85, 2003.

GUEDES, Dartagnan P.; GUEDES, J. E. R. P. Atividade física, aptidão cardiorrespiratória, composição da dieta e fatores de risco predisponentes às doenças cardiovasculares. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. São Paulo, v. 77, n. 3, p. 243-50, 2001.

HALLAL, P. C. et al. Global physical activity levels: surveillance progress, pitfalls, and prospects. **The lancet**, v. 380, n. 9838, p. 247-257, 2012.

HASKELL, William L. et al. Physical activity and public health: updated recommendation for adults from the American College of Sports Medicine and the American Heart Association. **Circulation**, v. 116, n. 9, p. 1081, 2007.

LEE, I.-Min et al. Effect of physical inactivity on major non-communicable diseases worldwide: an analysis of burden of disease and life expectancy. **The lancet**, v. 380, n. 9838, p. 219-229, 2012.

LIMA, E. M. Avaliação de fatores de risco associados com elevação da pressão arterial. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 80, n. 1, 2004.

MAGALHÃES et al. Avaliação do Risco de Desenvolver Diabetes Mellitus tipo 2 em População Universitária. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. Fortaleza, v. 28, n. 1, p. 5-15, 2015.

MAIA, Vitor Brito da Silva; VERAS, André Bastos; DE SOUZA FILHO, Manoel Dias. Pressão arterial, excesso de peso e nível de atividade física em estudantes de universidade pública. **Arq Bras Cardiol**, v. 95, n. 2, p. 192-199, 2010.

MARTINS, M. O. **Estudo dos fatores determinantes da prática de atividades físicas de professores universitários**. 2000. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.

PATE, Russell R. Physical activity and health: dose-response issues. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 66, n. 4, p. 313-317, 1995.

PEIXOTO, M. R. G et al. Circunferência da cintura e índice de massa corporal como preditores da hipertensão arterial. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. São Paulo, v. 87, n.4, 2006.

PNAD, IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios- Práticas de esporte e atividade física. **Rio de Janeiro: IBGE**, 2017.

QUADROS, Teresa M. et al. The prevalence of physical inactivity amongst Brazilian university students: its association with sociodemographic variables. **Revista de Salud Pública**, v. 11, n. 5, p. 724-733, 2009.

SANTOS SILVA, Diego Augusto et al. Associação do sobrepeso com variáveis sócio-demográficas e estilo de vida em universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 11, 2011.

SARTORELLI, D. S.; FRANCO, L. J. Tendências do diabetes mellitus no Brasil:o papel da transição nutricional. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, s. 1, p. 29-36, 2003.

SILVA, Diego Augusto Santos; PEREIRA, Indira Magalhães Marques. Estágios de mudança de comportamento para atividade física e fatores associados em acadêmicos de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 15, n. 1, p. 15-20, 2012.

STEPTOE, Andrew et al. Trends in smoking, diet, physical exercise, and attitudes toward health in European university students from 13 countries, 1990–2000. **Preventive medicine**, v. 35, n. 2, p. 97-104, 2002.

TAKENAKA, Thaís Yumi et al. INCIDÊNCIA DE INATIVIDADE FÍSICA E FATORES ASSOCIADOS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 4, p. 55-62, 2016.

RELEVÂNCIA DO TREINAMENTO DE FORÇA E SUAS VARIÁVEIS NOS MAIS DIVERSOS OBJETIVOS

Gildiney Penaves de Alencar

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Instituto de Educação e Pesquisa Alfredo Torres,
Universidade Norte do Paraná Campo Grande
Campo Grande/MS, Brasil

Maria da Graça de Lira Pereira

Instituto de Educação e Pesquisa Alfredo Torres
Campo Grande/MS, Brasil

Thiago Teixeira Pereira

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande/MS, Brasil

Cristiane Martins Viegas de Oliveira

Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande/MS, Brasil

Camila Souza de Moraes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande/MS, Brasil

Gabriel Elias Ota

Faculdade Estácio de Sá Campo Grande
Campo Grande/MS, Brasil

RESUMO: O treinamento de força tem sido bastante requisitado atualmente devido à sua importância na manutenção da saúde e treinamento das habilidades motoras exigidas dentro das modalidades esportivas. A força é um dos componentes da aptidão física relacionada à saúde e influencia na composição corporal do indivíduo. Com isso, os exercícios que envolvam

essa capacidade física são importantes não somente pelo desempenho físico, mas também na saúde do praticante. Desta maneira, o objetivo desta pesquisa se destinou em realizar uma breve revisão sobre a força e as variáveis do treinamento desta capacidade, apresentando subsídios para profissionais e praticantes que atuam com este tipo de treinamento. Percebe-se que a força pode se manifestar de diversas maneiras, como a força máxima estática, força máxima dinâmica, força reativa, força rápida, força resistência e força explosiva. Dentre as variáveis, número de repetições por série, velocidade de execução, número de séries, ordem dos exercícios, tempo de repouso entre as séries e os exercícios e pesos utilizados, estas são imprescindíveis a alternância para promover as alterações fisiológicas necessárias para cada objetivo. Contudo, tendo como objetivo o aumento da força, é necessário aplicar o princípio da sobrecarga progressiva e variabilidade, controlando as variáveis apresentadas. Também, é importante garantir ao praticante a adaptação necessária e afastar qualquer risco de lesão, desenvolvendo a flexibilidade articular, a capacidade dos tendões de suportar tensão, a força dos músculos do tronco e estabilizadores e também treinar os movimentos, não os músculos isoladamente. Por fim, outras pesquisas devem ser realizadas com o intuito de enriquecer a gama de

conhecimento pertinente a essa área de atuação, melhorando o desenvolvimento dos seus praticantes e contribuindo para uma prática regular de exercícios.

PALAVRAS-CHAVE: Treinamento de Força; Variáveis; Promoção da Saúde.

ABSTRACT: Strength training has been widely requested because of its importance in keeping body health and training of the motor skills required within sporting modalities. Strength is one of the components of physical fitness related to health and influences the body composition of an individual. Thus, exercises involving this physical ability are important not only for physical performance, but also for the health of those who practice it. This way, the objective of this research was to perform a brief review on the strength and variables of the training of this capacity, presenting subsidies for professionals and those who practice this type of training. It can be seen that strength can manifest itself in several ways, such as maximum static force, maximum dynamic force, reactive force, rapid force, resistance strength, and explosive force. Among the variables, number of repetitions per series, speed of execution, number of series, order of exercises, rest time between sets and exercises and weights used, these are essential to alternate the physiological changes necessary for each objective. However, in order to increase the force, it is necessary to apply the principle of progressive overload and variability, controlling the presented variables. Also, it is important to assure the practitioner the necessary adaptation and to avoid any risk of injury by developing joint flexibility, the ability of the tendons to withstand tension, the strength of the trunk muscles and stabilizers, and also to train the movements, not the muscles alone. Finally, other research should be carried out with the purpose of enriching the range of knowledge relevant to this area of practice, improving the development of its practitioners and contributing to a regular practice of exercises.

KEYWORDS: Strength training; Variables; Health promotion.

1 | INTRODUÇÃO

O treinamento de força tem sido bastante requisitado atualmente devido à sua importância na manutenção da saúde e treinamento das habilidades motoras exigidas dentro das modalidades esportivas. Baechle & Groves (2000) mencionam que o treinamento de força também recebe o nome de treinamento com pesos e diz respeito à utilização de materiais como halteres, aparelhos, pesos e outros equipamentos com o intuito de aperfeiçoar o condicionamento físico, melhorar a aparência e/ou a atuação esportiva.

A força é um dos componentes da aptidão física relacionada à saúde e influencia na composição corporal do indivíduo. Com isso, os exercícios que envolvam essa capacidade física são importantes não somente pelo desempenho físico, mas também na saúde do praticante (GUEDES & GUEDES, 1998).

Para que o treinamento de força seja efetivo e cumpra os objetivos previstos, a

variação de estímulos se faz necessária. Pensando nesta variação de estímulos, é preciso considerar as variáveis que o treinamento de força possui: número de repetições por série, velocidade de execução, número de séries, a ordem dos exercícios, tempo de repouso entre as séries e os exercícios e os pesos utilizados (IDE & LOPES, 2008).

Desta maneira, o objetivo desta pesquisa se destinou em realizar uma breve revisão sobre a capacidade física força e as variáveis do treinamento desta capacidade, apresentando subsídios para profissionais e praticantes que atuam com este tipo de treinamento.

2 | A FORÇA E SEUS CONCEITOS

A força, um dos componentes da aptidão física relacionada à saúde, tem o seu grau de importância e influencia diretamente na composição corporal do indivíduo e deve fazer parte das prescrições de exercícios físicos (GUEDES & GUEDES, 1998).

De acordo com Kraemer, Fleck & Deschenes (2015) a força pode ser entendida como a tensão máxima exercida durante um esforço único máximo e é um parâmetro da aptidão física mais testada regularmente, tendo em vista ser um componente do condicionamento físico e também da aptidão esportiva.

Para Knuttgen & Kraemer (1987) apud Fleck & Kraemer (1999; 2007) a força é a capacidade máxima de força que um determinado grupamento muscular pode realizar em um padrão de movimento em determinada velocidade específica. Sendo assim, a força depende diretamente da velocidade de execução de determinado exercício ou movimento.

Ide & Lopes (2008) citam que a geração de força é determinada pelas unidades básicas de contração, chamadas de sarcômeros, sendo formados por diversas proteínas que agem de forma ativa e passiva para a função de contrair a musculatura exigida. Fisiologicamente, a força é definida como “a capacidade neuromuscular de superar uma resistência externa e interna. A força máxima que um atleta pode produzir depende das características biomecânicas de um movimento (...) e a magnitude de contração dos músculos envolvidos” (BOMPA, 2002, p.332).

Baseando-se nas citações anteriormente expostas, é possível verificar que a força depende diretamente do tipo de movimento em que o sujeito irá se submeter e a quantidade de unidades motoras que serão ativadas, variando quanto ao tamanho dos músculos exigidos durante a realização deste movimento para adequar o grau de tensão nesta musculatura.

De encontro a estes pensamentos, pode-se dizer que a magnitude da força muscular depende da resistência externa oferecida. Zatsiorsky & Kraemer (2008) mencionam um exemplo claro da ligação entre o meio externo e interno, o de solicitar a um atleta que aplique a maior força possível em uma moeda, na qual provavelmente o esforço gerado irá falhar por conta que o seu melhor esforço seria aplicado a uma

magnitude de força muito pequena, já que a resistência externa não demandaria um grau de esforço muito grande.

Bompa (2002) menciona que a força é uma característica mecânica, determinada pela direção, magnitude ou o ponto de aplicação, e é resultante da massa (m) vezes a aceleração (a), conforme prevê a Segunda Lei de Newton. Com isso, é possível verificar que o indivíduo pode melhorar seu nível de força conforme altere um dos dois fatores que as definam, seja aumentando seu nível de aceleração ou a massa (ou carga) deslocada (BOMPA, 2002).

A força pode se manifestar de diversas maneiras, tais como a força máxima estática, força máxima dinâmica, força reativa, força rápida, força resistência e força explosiva. Dentre essas manifestações, a força máxima é entendida como a capacidade neuromuscular máxima de produção de força em uma contração voluntária máxima, podendo ocorrer movimento articular ou não, sendo divididas em força máxima estática e força máxima dinâmica (FLECK & KRAEMER, 2006; IDE & LOPES, 2008).

De acordo com Ide & Lopes (2008) a força máxima estática é produzida quando há a realização de força, porém não há mudanças nas angulações das articulações envolvidas no movimento. Esta manifestação é encontrada nas ações musculares isométricas, em que não existe movimentação visível na musculatura, não ocorrendo encurtamento nem alongamento. Baechle & Groves (2000) relatam que durante uma repetição em determinado movimento, verifica-se um ponto de maior dificuldade e há uma pausa momentânea neste movimento e neste momento o músculo exerce uma ação estática.

Já a força máxima dinâmica pode ser definida como a maior força empregada voluntariamente em que existe a movimentação do grupamento muscular exigido e pode ser encontrada em dois tipos de ações musculares, nas ações concêntricas e ações excêntricas. Nas ações concêntricas, há um encurtamento do músculo enquanto este desenvolve tensão. Já nas ações musculares excêntricas, existe o alongamento do músculo, produzindo uma tensão controlada (FLECK & KRAEMER, 1999; 2006; IDE & LOPES, 2008; FLECK & SIMÃO, 2008; IDE, LOPES & SARRAIPA, 2010).

A força reativa é o efeito da força produzida dentro de um ciclo alongamento-encurtamento, ou seja, um movimento contrário produz o alongamento da musculatura que se encurta (BARBANTI et al., 2002; IDE & LOPES, 2008).

Barbanti et al. (2002) relatam que a força resistência é a capacidade de realizar movimento de força durante um tempo maior e que requer um número maior de repetições, ou seja, trabalhando-se com percentuais abaixo da capacidade máxima, dentro de uma zona ideal de treinamento (FLECK & KRAEMER, 1999; 2006; BARBANTI et al., 2002; IDE & LOPES, 2008).

Já a força explosiva é entendida como a capacidade máxima do músculo se contrair e produzir força no menor tempo possível, como se fosse uma explosão, para que ocorra a transferência na sobrecarga a ser vencida. Um exemplo bastante visto deste tipo de força é à saída do bloco de partida de um atleta de velocidade (BADILLO

& AYESTARÁN, 2001; BARBANTI et al., 2002; IDE & LOPES, 2008).

Além dessas manifestações de força, Ide & Lopes (2008) relatam a força hipertrófica, ao qual ainda existe certa incoerência ao defini-la, já que a hipertrofia muscular se trata de uma adaptação morfológica em que há o aumento da área fisiológica do músculo em corte transversal. Neste sentido, como os trabalhos realizados em ambiente de treinamento visam este tipo de objetivo, alguns autores colocam a nomenclatura de força hipertrófica ou resistência de força hipertrófica aos protocolos que enfatizam este propósito (HÄKKINEN, 2002 apud IDE & LOPES, 2008).

3 | VARIÁVEIS DO TREINAMENTO DE FORÇA

O ganho de força, aumento do volume muscular e a melhora da resistência muscular localizada são resultados que se podem obter com o treinamento com pesos. E, para que estes resultados sejam alcançados, as combinações das variáveis do treinamento de força são essenciais e devem fazer parte de qualquer prescrição.

A primeira variável, número de repetições por série, deve estar ligada ao objetivo do treinamento. Fleck & Simão (2008) mencionam que a carga utilizada no exercício influencia o número de repetições que se executa em determinado exercício e devem estar em proporção. Levando em conta esta proporção, foram criadas fórmulas de predição para que a carga seja adequada ao número de repetições, considerando que uma carga baixa permite a execução de um maior número de repetições e uma carga alta, um número de repetições menor. Com isso, os objetivos de cada programa devem se adequar aos números de repetições conforme são apresentados: força máxima – 1 a 3 ou de 4 a 6 repetições; hipertrofia muscular – 7 a 12 repetições e; resistência muscular localizada – 13 a 20 repetições (FLECK & SIMÃO, 2008).

Outra variável importante a ser considerada é a velocidade de execução dos exercícios, sendo adequada ao estímulo oferecido e a carga mobilizada, considerando que, quanto maior a carga, a velocidade de execução é diminuída e, quanto menor a carga, a velocidade da execução se torna mais rápida. A literatura recomenda a contagem de dois tempos ou dois segundos para cada fase concêntrica e excêntrica na execução de um movimento, para que este possa ser controlado. Ainda, a variação da velocidade do movimento pode levar a diversas adaptações, sendo um método eficaz para enfatizar um resultado em detrimento de outro (BAECHLE & GROVES, 2000; FLECK & SIMÃO, 2008).

Quanto ao número de séries, Bompa (2002, p.342) menciona que “consiste em um número de repetições de um exercício seguido de um descanso”, sendo esta sequência uma relação inversa entre a carga e o número de repetições executadas.

Fleck & Simão (2008) citam que conforme o número de séries for maior numa sessão de treinamento, maior a quantidade total de trabalho desenvolvido, o que influencia no volume total e as respostas fisiológicas dessa sessão. Também, indicam

que os programas de treinamento que se executa uma única série, parecem resultar em ganhos significativos na aptidão física. Porém, os programas com variadas séries resultam em ganhos maiores na aptidão física geral durante os períodos de treinamento mais prolongados.

A ordem que os exercícios são realizados numa determinada sessão também é essencial no objetivo do indivíduo e influencia na carga de treinamento. Ainda, caso o exercício seja realizado primeiramente na sessão, a carga usada é maior do que se esse mesmo exercício for executado no final desta mesma sessão (FLECK & SIMÃO, 2008).

Existem diversas possibilidades de ordenar os exercícios no treinamento de força, as quais são bastante utilizadas nas sessões de treinamento, como o método de pós-exaustão, onde se executa exercícios para grandes grupos musculares seguidos da execução de exercícios para os pequenos grupos musculares e também o método de pré-exaustão, em que se realizam exercícios para pequenos grupos musculares seguidos de exercícios para grandes grupos musculares (FLECK & SIMÃO, 2008; FLECK & KRAEMER, 2009).

A intenção de se realizar alterações na ordem em que determinado exercício é realizado é de promover variadas adaptações fisiológicas, intensificar a resposta neural, metabólica, hormonal e circulatória, melhorando o treinamento muscular (FLECK & KRAEMER, 2009).

Outra variável que deve ser considerada dentro do treinamento de força é o tempo de repouso entre as séries e os exercícios, já que este pode apresentar significância sobre as respostas ao treinamento e determina a característica da recuperação que ocorrerá entre as séries e os exercícios (FLECK & SIMÃO, 2008).

De acordo com as recomendações do American College of Sports Medicine (2002) quando o treinamento for direcionado para aumento da força, devem ser utilizados intervalos de 3 minutos ou mais. Quando o treinamento for direcionado para hipertrofia muscular, devem ser recomendados períodos de 1 a 2 minutos. E, caso o treinamento de força objetivar a resistência muscular localizada, devem ser utilizados intervalos menores que 90 segundos.

A última variável apresentada diz respeito aos pesos utilizados que, Baechle & Groves (2000), Uchida et al. (2006), Fleck & Simão (2008) e Kraemer & Fleck (2009) citam que estão diretamente ligados ao número de repetições em cada série e irão determinar o grau de intensidade dos exercícios prescritos, sendo talvez o principal estímulo ligado às adaptações fisiológicas do treinamento de força, como o próprio aumento da força e a resistência muscular localizada.

Existem variadas formas de determinação dos pesos no treinamento de força e de avaliar as manifestações da força, dentre elas estão o protocolo de 1 RM concêntrico, 1 RM excêntrico e o protocolo de força máxima isométrica que visam a avaliação da força máxima dinâmica e estática. Também, para avaliar a resistência da força, existem os protocolos dos testes de 6 RM e 20 RM propostos por Ide e Lopes (2008)

juntamente com método 12-15 RM, mencionado por Baechle & Groves (2000).

Nos protocolos de 1 RM concêntrico e 1 RM excêntrico, o principal intuito é de verificar a força máxima dinâmica mobilizada pelos membros superiores e inferiores. A realização dos testes consiste em três tentativas de mobilizar ou resistir a uma maior carga durante as ações concêntricas ou excêntricas de determinado movimento, com intervalos entre tentativas de 3 a 5 minutos, acrescentando ou diminuindo a carga caso necessárias, até que se encontre um peso exato para uma única repetição completa (IDE & LOPES, 2008).

O protocolo de força máxima isométrica é utilizado para avaliar a força máxima estática de membros superiores e inferiores e “consiste em realizar três ou quatro tentativas de contrações máximas, no ângulo articular escolhido. As ações devem ter a duração de 5 a 6 segundos, aproximadamente. Considera-se a melhor das tentativas” (HÄKKINEN, 1984 apud IDE & LOPES, 2008, p.48).

É importante também garantir ao praticante a adaptação necessária e afastar qualquer risco de lesão. Para isso, é preciso estimular o desenvolvimento da flexibilidade articular, a capacidade dos tendões de suportar tensão, a força dos músculos do tronco e estabilizadores e também treinar os movimentos, não os músculos isoladamente (BOMPA, 2001).

Com as variadas formas de se modificar os estímulos e promover alterações fisiológicas no indivíduo que pratica o treinamento de força, os objetivos previstos podem ser alcançados. Vale ressaltar que o controle das variáveis do treinamento de força se faz necessário para promover os resultados esperados e o estimular adequadamente em busca de cada tipo de objetivo, sempre respeitando a individualidade biológica de cada indivíduo, avançando gradativamente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta revisão, podemos notar a importância que as variáveis do treinamento de força assumem frente a este tipo de treinamento, tendo em vista o crescimento da procura desta modalidade pela população em geral, seja para objetivos de saúde, estética ou treinamento de modalidades esportivas.

Para quem pratica o treinamento de força, musculação ou treinamento com pesos e para o profissional de Educação Física que prescreve e trabalha com este tipo de treinamento, é extremamente importante respeitar os princípios do treinamento esportivo e aplicá-los adequadamente, respeitando a individualidade de cada aluno e as limitações de cada organismo.

Tendo como objetivo o aumento da força, é necessário aplicar o princípio da sobrecarga progressiva e variabilidade, controlando o número de repetições, velocidade de execução dos exercícios, intervalo de descanso entre as séries e exercícios, pesos utilizados e o volume deste treinamento, ou seja, para se alcançar os

objetivos propostos, a alternância das variáveis do treinamento de força apresentadas são fundamentais (Fleck e Kraemer, 2006; Uchida et al., 2006; Fleck e Simão, 2008; Kraemer e Fleck, 2009).

É importante também garantir ao praticante a adaptação necessária e afastar qualquer risco de lesão, desenvolvendo a flexibilidade articular, a capacidade dos tendões de suportar tensão, a força dos músculos do tronco e estabilizadores e também treinar os movimentos, não os músculos isoladamente (BOMPA, 2001). Desta maneira, os objetivos previstos podem ser alcançados e as alterações fisiológicas adequadas são promovidas.

Além disso, outras pesquisas devem ser realizadas com o intuito de enriquecer a gama de conhecimento pertinente a essa área de atuação, melhorando o desenvolvimento dos seus praticantes e contribuindo para uma prática regular de exercícios.

REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. **Progression models in resistance training for healthy adults**. Medicine Science Sports Exercise. 2002; 34:364-380.

BADILLO, J. J. G.; AYESTARÁN, E. G. **Fundamentos do treinamento de força: aplicação ao alto rendimento desportivo**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BAECHLE, T. R.; GROVES, B. R. **Treinamento de força: passos para o sucesso**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

BARBANTI, V. J.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. Barueri: Manole, 2002.

BOMPA, T. O. **A periodização no treinamento esportivo**. Barueri: Manole, 2001.

_____. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 4.ed. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

DIAS, R. M. R.; CYRINO, E. S.; SALVADOR, E. P.; CALDEIRA, L. F. S.; NAKAMURA, F. Y.; PAPST, R. R.; BRUNA, N.; GURJÃO, A. L. D. **Influência do processo de familiarização para avaliação da força muscular em teste de 1-RM**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.34-38, jan./fev. 2004.

FLECK, S.; SIMÃO, R. **Força: princípios metodológicos para o treinamento**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

FLECK, S. J.; KRAEMER, W. J. **Fundamentos do treinamento de força muscular**. 2. ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

_____. **Fundamentos do treinamento de força muscular**. 3. ed. Editora Artmed, 2006.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, Z. S.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. **O método de pesquisa survey**. Revista de administração, São Paulo v.35, n.3, p. 105-112, julho/setembro 2000.

- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Controle do peso corporal**: composição corporal, atividade física e nutrição. Londrina: Midiograf, 1998.
- IDE, B. N.; LOPES, C. R. **Fundamentos do treinamento de força, potência e hipertrofia nos esportes**. São Paulo: Phorte, 2008.
- IDE, B. N.; LOPES, C. R.; SARRAIPA, M. F. **Fisiologia do treinamento esportivo**: treinamento de força, potência, velocidade e resistência, periodização e habilidades psicológicas no treinamento esportivo. São Paulo: Phorte, 2010.
- KRAEMER, W. J.; FLECK, S. J. **Otimizando o treinamento de força**: programas de periodização não-linear. Barueri: Manole, 2009.
- KRAEMER, W. J.; FLECK, S. J.; DESCHENES, M. R. **Fisiologia do exercício**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2015.
- LACIO, M. L.; DAMASCENO, V. O.; VIANNA, J. M.; LIMA, J. R. P.; REIS, V. M.; BRITO, J. P.; FERNANDES FILHO, J. **Precisão das equações preditivas de 1-RM em praticantes não competitivos de treino de força**. Revista Motricidade, v.6, n.3, p.31-37, 2010.
- McARDLE, W. D., KATCH, F. I., KATCH, V. L. **Fisiologia do exercício**: energia, nutrição e desempenho humano. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2003.
- MONTEIRO, A. G. **Treinamento personalizado**: uma abordagem didático-metodológica. São Paulo: Phorte, 2002.
- NASCIMENTO, M. A.; CYRINO, E. S.; NAKAMURA, F. Y.; ROMANZINI, M.; PIANCA, H. J. C.; QUEIRÓGA, M. R. **Validação da equação de Brzycki para a estimativa de 1-Rm no exercício supino em banco horizontal**. Revista Brasileira de Medicina Esportiva, v.13, n.1, p. 47-50, janeiro/fevereiro, 2007.
- PEREIRA, M. I. R.; GOMES, P. S. C. **Testes de força e resistência muscular**: confiabilidade e predição de uma repetição máxima – revisão e novas evidências. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v.9, n.5, p.325-335, setembro/outubro, 2003.
- RODRIGUES, C. E. C. **Musculação: métodos e sistemas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2001.
- SANTOS, E. B.; REIS, Í. L.; BACELLAR, L. A. C. L. **Validação de uma equação matemática para estimativa da força máxima dinâmica através de um teste de repetições máximas**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v.3, n.13, p.55-62, janeiro/fevereiro, 2009.
- UCHIDA, M. C.; CHARRO, M. A.; BACURAU, R. F. P.; NAVARRO, F.; PONTES JÚNIOR, F. L. **Manual de musculação**: uma abordagem teórico-prática do treinamento de força. 4ª ed. São Paulo: Phorte, 2006.
- ZATSORSKY, V. M.; KRAEMER, W. J. **Ciência e prática do treinamento de força**. 2. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SOBRE O ORGANIZADOR

Adalberto Ferreira Junior: Possui graduação em Educação Física Bacharelado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), mestrado em Ciências Biomédicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2017), doutorado em andamento em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (início: 2018 – término: previsão 2021). Atua principalmente nos seguintes temas: avaliação física, performance e treinamento.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-92-5

